SERIE I N.º 1

Dionysos

Revista mensal de Philosophia,
Sciencia e Arte



Coimbra — MCMXII

RP
8
18

DIONYSOS

Revista mensal de Philosophia, Sciencia e Arte

Summario d'este numero:

O symbolo Dionysos	Aarão de Lacerda
O valor objectivo do conhecimento humano	Mendes Corrêa
Oscar Wilde	Affonso Rodrigues-Pereira
A vibração do sentimento na execução da obra musical	Alfredo Pinto (Sacavem)
O Passado	Chaves d'Almeyda
Da Força á Belleza	Martins Manso
A Dama da Cutilada *(Apontamentos para a historia de Coimbra)*	Simões de Castro
Autographo inedito de	Camillo C. Branco
A proposito do Feudalismo	Paulo Merêa
A Festa de Santo Camões	Veiga Simões
Notas sobre Fialho	Garcia Pulido
O pragmatismo	Aarão de Lacerda

Luar de Agosto	Antonio de Monforte
O nosso filho	Raul Martins
Soneto	João Amaral
De profundis	João de Lebre e Lima

Desenhos na capa de J. Brito e Silva

PIONYSOS

REVISTA MENSAL A SAHIR NO DIA 2 DE CADA MÊS

Directores:

Aarão de Lacerda e João de Lebre e Lima

Secretario da redacção:

Julio Cid

Collaboradores:

Dr. Aarão Ferreira de Lacerda (prof.) Affonso Duarte, Affonso Rodrigues-Pereira, Alberto Monsaraz, Alfredo Pinto (Sacavém), Americo Chaves d'Almeyda, Antonio Augusto Gonçalves (prof.) Antonio Joyce, António de Monforte, Bento Carqueja (prof.), Bernardo de Aragão, Bernardo Passos, Cabral Moncada, Dr. Caeiro da Matta (prof.), Coelho de Carvalho, Felismino Gomes, Fernando Cochofel, Ferreira Borges, Fidelino de Figueiredo (prof.), Firmino Pereira, Francisco José de Morais, Garcia Pulido, Gustavo Cordeiro Ramos (prof.), Hippolyto Rapôso, João Amaral, João Cid, João Diogo (prof.), João Grave, Joaquim Amaral, José Coelho da Cunha, José de Figueiredo, Julio Brandão, Magalhães Collaço, Manuel da Silva Gayo, Manuel Eugenio Massa, Mario Cambezes, Dr. Marnoco e Souza, (prof.), Martins Manso, Marques da Cruz, Mendes Corrêa, Moreira de Sá (prof.), Nogueira Soares, Paulo Merêa, Raul Martins, Rocha Brito, Simeão Pinto de Mesquita, Sousa Costa, Simões de Castro, Teixeira Gomes, Veiga Simões, Wittnich Carrisso, etc.

Collaboradores artisticos:

João de Brito e Silva e Jorge da Cruz Jorge.



O Symbolo Dionysos

A tradição conta-nos ainda em lendas de accentuado colorido o que foram essas edades de esthesia povoadas de mythos divinos e heroicos! E nos longinquos vagos e indecisos das eras decorridas, apercebem-se sombras enlaçadas singrando o espaço, avistam-se a custo almas de seres ennublados de penumbra — e caminham estas almas numa ancia indefinivel e eterna. Uma a uma as visões desfilam e depois desapparecem num marulho incessante de murmurios e supplicas que a imaginação escandecida de sonhar pressente. Como o nosso espirito, fugindo da prisão que o encerra, quer ir viver com esses outros no amago doce que os acaricia!

Um povo antigo, cujas almas aqui religiosamente evoco, soube traduzir pela ideação das suas crenças o sentido occulto e impenetravel do mysterio: a arte surgiu imbuida de enigmas que arrastavam então o homem na aspiração de os desvendar. Ergueram-se as aras votivas, surgiram sacerdotes e iniciados e o culto propagou-se numa orthodoxia fanatica.

O homem viu-se em plena luz, satisfeito, dominador, mas bem depressa sentiu a perseguil-o uma inde-

cisa divindade, nascida das entranhas da terra... e excitava-o este terror.

A vesania envolve-o e elle, delirante, busca o que lhe foge: ha um paroxismo que o deixa enervado, fatigado de rebuscar a força pressentida pelo seu *inconsciente*.

Acorda lentamente despertado por Hélios que lhe beija a face: a treva dissipára-se e o iris espalha bemfazeja claridade.

O mytho apollineo é a traducção do mundo das apparencias, é filho da luz! O homem divinisando-o encarna em Apollo o seu ser.

Sente-se insatisfeito: elle quer tambem divinisar o sentído intimo das *cousas*. No Nada quer encontrar tudo: são as palavras de Goethe mais tarde ditas pela bocca de Fausto a Mephitopheles:

In deinem Nichts hoff'ich das All zu finden.

O paganismo encontra no symbolo Dionysos esse espirito que infundia terror e provocava os maiores arrebatamentos. Os pagãos para se sentirem iniciados nos ritos dionysiacos, tinham de beber o philtro sagrado que lhes dava a embriaguez e intensificava a vida: jámais o iniciado sentiria as lindes entre elle e a natureza. Confundido, diluido nella, sentia a sua alma unida com todos os sêres. O que continuava vivendo no simples mundo das apparencias longe estava de sentir este religiosismo: julgava-o só tristeza, quando o *dionysismo* era a alegria suprema, a consciencia libertada, era o instincto renovador e revoltado.

A nona symphonia de Beethoven exprime esta alegria; Schiller dera a inspiração:

Cahis prostrados de joelhos, milhões de seres?
Mundo, pressentes tu o creador?

O paganismo hellenico saudava *Dionysos* nos mysterios celebrados ante a multidão. A sua iniciação era a que communicava as mais doces esperanças, dizia o velho Isocrates!

Assim estas mesmas esperanças iam para alem do campo cercado da vida, fazendo com que *o homem passasse infinitamente o homem*. Este tinha a suprema necessidade de projectar para o infinito a sua alma...

Ha no intimo de cada um de nós um maravilhoso inconsciente que sonha e supplica!

A tragedia foi o rito essencialmente dionysiaco e uma arte despida de formas, essencia pura, inebriou tudo: a musica, integração da vontade absoluta.

. . . . . .

. . . . . .

Em volta de *Dionysos* agrupam-se os iniciados numa curva rythmica. Coros orgiasticos, interrompidos pelos sons seccos dos crotalos, entoam hymnos. Deante do Deus desfilam sacerdotisas, envoltas de chlamydes, erguendo sistros. Ephebos trazem ao sacerdote as cassolêtas cheias de cinza de asphodelos ardidos, cinza abençoada para cobrir a cabeça dos iniciados.

A belleza androgyna sauda Dionysos!

Toda a Athenas canta coroada de hera e de pampanos!

Aarão de Lacerda.

O VALOR OBJECTIVO DO CONHECIMENTO HUMANO

(Conferencia realisada em 10 de janeiro de 1912 na Associação dos Medicos do Norte de Portugal).

O thema que escolhi para a minha conferencia é uma questão de psychologia, cujo estudo alguns philosophos collocaram no prologo das suas metaphysicas, como se as nossas faculdades cognitivas fossem insufficientes para lhe estabelecer uma solução categorica e definitiva. Poucos medicos encontrarão no que vou expor, uma immediata applicação, mas nem só de questões de banal e grosseira applicação deve o medico cuidar, antes na sua cultura e systematisação intellectual tem d'intervir, como factor essencial e imprescindivel, uma noção mais ou menos perfeita d'assumptos d'ordem especulativa, pois sem essa noção o exercicio da medicina não passará da realisação dum deploravel empirismo, pouco decoroso para a alta categoria que, sob o ponto de vista scientifico, o medico occupa hoje no meio social. Para demais, o assumpto de que vou tratar é um dos que o medico de preferencia tem sob a alçada da sua competencia e especialisação em questões psychologicas. D'ahi, o parecer-me de todo compativel com a qualidade d'esta aggremiação o thema que rapidamente cuidarei de desenvolver.

Tem este sido objecto da attenção de muitos espiritos cultos, e alguns teem-lhe mesmo consagrado extenuantes e anciosas investigações. Ligado a problemas d'ordem metaphysica, especialmente ao chamado problema da verdade, elle tem participado, no que respeita ás soluções obtidas, da sorte das outras questões metaphysicas. Uma certa obscuridade pairou sempre sobre os seus aspectos mais transcendentes o que não obstou a que a humanidade se fôsse

arrastando até hoje sem que tal facto lhe perturbasse por demais o curso da existencia. Mas se essa obscuridade não é motivo para nos desviar da normalidade do nosso viver quotidiano, se não é razão para deixarmos de comer e de dormir — o que significaria um deploravel estado psychastenico em que o *x*, supposto insoluvel, do problema alcançaria fóros de morbida obsessão — não se segue que devamos despreoccupar-nos totalmente d'assumptos deste genero, que correspondem sem duvida a elevados interesses intellectuaes, a superiores necessidades da razão humana, sempre um tanto avida de restringir o campo incommensuravel da sua ignorancia.

Antes d'entrarmos no estudo propriamente scientifico da questão, façamos sobre o assumpto uma rapida explanação historica e ao mesmo tempo um commentario philosophico.

O problema do conhecimento e da verdade foi para alguns pensadores da antiguidade um thema favorito de especulação philosophica. As philosophias ligadas ás religiões, como o brahmanismo, o confucionismo, etc., interessavam-se mais pelos problemas da origem e do fim, do absoluto, da alma, da materia, etc. Nascidas geralmente duma pretendida revelação divina, traçadas nos livros sagrados e mantidas com escrupuloso culto pelos sacerdotes e crentes, nem sequer tinham as mais das vezes um methodo, que permittisse aos seus sectarios uma analyse psychologica, necessaria para o nosso problema.

Os systemas brahmanes proclamam a nobreza da sciencia, que consideram o melhor caminho da felicidade, mas esta, segundo affirmam, não se alcança pelos sentidos e pela razão; apenas se conquista pela revelação do ser absoluto e é conservada tradiccionalmente pelos mestres.

O conhecimento scientifico mais perfeito é que só Brahma existe e tudo o mais é illusão.

Domina em toda a philosophia hindu um «nihilismo» religioso e scientifico que só no *nirvana* encontra a suprema verdade. No budhismo, ha três correntes principaes das quaes duas teem com escolas philosophicas modernas interessantes semelhanças. Uma é sensualista e materialista, embora reconheça que os objectos teem uma existencia momentanea. Outra assemelha-se ao subjectivismo de Fichte porque admitte apenas a existencia do eu. Mas no fundo ha nellas a tendencia ao anniquillamento, á negação, que são as caracteristicas communs das philosophias indianas e que tão bem se irmanam com o temperamento abulico d'aquellas raças, feitas para a escravidão, como o diz a psychologia do dominio inglês na India.

A philosophia de Confucio é sobretudo moral. As restantes philosophias orientaes não sahem do seu absorvente aspecto theologico e moral, pouco avançando no problema do conhecimento e da verdade.

A Grecia antiga, tão dada ás mais interessantes especulações intellectuaes, não podia desinteressar-se assim da questão, e na realidade muitos dos seus pensadores mais eminentes a abordaram, construindo systemas perfilhados pelas varias escolas e que são o esboço, quando não em alguns casos, o typo quasi acabado de systemas post-Kantistas.

A escola de Pythagoras affirmava o caracter illusorio das imagens recolhidas pela intelligencia, mas outorgava a esta a faculdade de se elevar á verdadeira sciencia elaborando uma concepção unitaria do mundo e dos seres. Era um Idealismo vago.

As escolas eleaticas tomaram caminhos diversos. A metaphysica contestou a realidade do universo.

Ao contrario, Leucippo e Democrito, d'Abdero, adoptaram um empirismo sensualista. Comprehende-se o que representava quanto ao valor e natureza da verdade e do conhecimento, este antagonismo. Os primeiros negavam formalmente a sciencia. Os ultimos davam-lhe uma latitude maxima reconhecendo o valor dos meios sensoriaes para o

conhecimento humano e esboçando o methodo experimental. Mais tarde a escola de Cyrene exagerava este ultimo parecer, estabelecendo como fonte exclusiva do conhecimento a parte subjectiva das sensações; e para ella a vida humana tinha um alvo unico: conseguir prazeres e voluptuosidades.

Socrates, após o cahos sophistico, tentou organisar com o seu methodo critico um systema philosophico, que ficou, porem, quasi reduzido a uma theoria moral Com os seus discipulos é que varias theorias da sciencia surgem. Platão, no seu idealismo transcendente, admitte na intelligencia qualquer coisa d'absoluto e immutavel, emquanto as sensações, como os objectos, são contingentes e variaveis. Estabelece um mecanismo sensualista para o conhecimento do mundo, mas, alem d'esse conhecimento existem ideias, que conduzem ao invariavel e universal. A logica de Platão indica as leis da alma humana, que são classificados em grupos, segundo dizem respeito a sensações, a noções ou a ideias. Epicuro defende um materialismo pratico, em que estabelece, porem, como meios da intelligencia para o conhecimento da verdade, as sensações e as generalisações ideativas das sensações. As sensações são causadas pela combinação com o organismo humano d'emanações emittidas pelas coisas. Aristoteles encontra-se entre o idealismo platonico e o materialismo epicurista. Sem negar um papel activo da razão no conhecimento, concorda com Epicuro em que sem sensações o conhecimento é impossivel. Estabelece tambem as leis da logica.

A phase da chamada decadencia grega assiste aos progressos d'uma escola, um tanto empirica, nada idealista, mas sobretudo sceptica. Esta escola destroe o dogmatismo philosophico e mostra a impotencia da razão humana para conhecer com certeza os seres e as causas. Alguns admittem senso commum como necessario para a pratica da vida, como Sexto Empirico; outros perfilham um scepticismo radical e intransigente E' innegavel que esta escola, adversaria do dogmatismo, foi a precursora remota do scepticismo e criticismo modernos.

A philosophia medieva é essencialmente theologica. A sciencia para ella é, quando muito, a *theologiae ancilla*, e o methodo experimental é substituido pelo excessivo apriorismo escolastico e pelos interminaveis raciocinios da logica aristotelica. A libertação ficou cara. O advento da philosophia moderna fez-se lentamente e com o sacrificio da vida de muitos pensadores, que arriscavam a mais tenue opinião heretica, como Giordanno Bruno, Vanini e outros. A Campanella, Bacon, Hobbes, Gassendi, Condillac, Locke, Hume, etc. se devem os primeiros systemas sensualistas e empiricos da philosophia moderna. Estabelece se a noção, já na antiguidade hellenica entrevista por Epicuro e outros: *Nihil est in intellectu quod prius non erit in sensu.* Foi Kant, porem, que iniciou por assim dizer a grande revolução philosophica moderna, graças a uma admiravel critica da razão, em que a analyse do valor e do mecanismo da cognição humana constituiu a primeira *étape.*

Abramos aqui um parenthesis para notar que a escolha de base para a construcção dum edificio philosophico é absolutamente necessaria, embora haja nisso um tanto de apriorismo, como no caso de Kant, para o qual a critica do conhecimento foi a base primasia da restante tarefa philosophica. Estudar o conhecimento presuppõe a interferencia de conhecimentos, o que é evidentemente aprioristico. Mas ninguem dá um passo em philosophia como em qualquer investigação intellectual se não tomar uma base qualquer para se lançar a caminho. Santo Anselmo, o celebre escolastico, suppunha primeiro o homem buscando um systema de conhecimentos e dava-lhe como ponto d'appoio para essa investigação a noção da existencia de Deus. Descartes partiu, para a elaboração do seu systema, d'este axioma unico, tão conhecido: *cogito, ergo sum.* Quasi todas as philosophias assentam em fundamentos d'esta ordem. Ha

mais ou menos d'aprioris.no em todas as tendencias philosophicas, sobretudo nas tendencias organicas, constructoras positivas. Razão tem James quando, notando que cada individuo tem a sua philosophia, diz que o temperamento individual não é extranho a elaboração dessa philosophia. O temperamento é alguma coisa d'aprioristico, como as condições de meio, a educação, emfim todas as influencias mesologicas e constitucionaes que encaminham um individuo para um dado systema philosophico, de preferencia a outro. O apriorismo existe em todas as philosophias affirmativas e podemos dizer que existe tambem, embora mais disfarçado, nas correntes negativas da philosophia. Para se organisar qualquer systema ou para se formar uma opinião philosophica, é preciso partir-se ao menos d'um principio ou do conhecimento d'um facto. Esse principio e esse conhecimento, ninguem os pode entretanto julgar collocados fóra da alçada da critica philosophica, e eis ahi como os sceptícos da decadencia hellenica fallavam com bastante acerto, quando viam em todos os nossos raciocinios torturantes e interminaveis circulos viciosos em que é impossivel alcançar o fim e o principio.

Mas regressemos á theoria Kantista do conhecimento e da verdade.

Applicando o methodo critico ao conhecimento humano, Kant estabeleceu que o eu nao conhece absolutamente o mundo exterior, mas apenas *estados d'espirito* correspondentes ao mundo exterior. Para conhecer absolutamente o mundo exterior, o eu necessitaria de se integrar nelle. O conhecimento humano é pois, subjectivo e os *estados d'espirito*, ou ideias, que o eu conhece, são *relativos* ao mundo exterior. D'ahi o nome de « relativismo subjectivo » dado á theoria Kantista do conhecimento.

Segundo esta theoria, nós não conhecemos as coisas como ellas são, mas como ellas nos apparecem ; é a nova intelligencia que reveste com *formas* suas as coisas que nos apparecem. Comprehende-se o alto papel que a razao individual, o elemento subjectivo, ficava, pois, representando n'esta philosophia.

O absoluto, segundo Kant, é incognoscivel para o homem

dada a naturesa do conhecimento, todo relativo. D'ahi a illegitimidade theorica da metaphysica.

Este systema philosophico conduziria ao scepticismo quasi total, ou a um racionalismo excessivo se Kant, completando a sua critica da razão pura por uma critica da razão pratica, não creasse um *imperativo categorico* para a conducta uma noção de Deus, etc. que não são obra da *sciencia* autentica toda subjectiva na sua opinião, mas da *fé*, mais objectiva e pratica.

Segundo Kant, as condições necessarias do bello, da verdade e do bem são subjectivas, e o mundo exterior, abstrahindo, que a fé e o imperativo da consciencia nos pudesse suggerir a respeito, apparece-nos *não tal qual é mas tal qual o vemos* no nosso proprio espirito.

Kant estabelecera pois a relatividade da verdade e da sciencia e puzera em foco o elemento subjectivo do conhecimento reagindo contra os systemas universalistas e construindo alguma coisa de novo no cahos da philosophia antiga.

Não discorreremos sobre as varias escolas que no systhema commum se enxertaram. Houve de tudo na sequencia do Kantismo. Uns enveredaram para o racionalismo excessivo, para o idealismo, como Fichte, Schelling e Hegel. Alguns combatiam Kant, como Jacobi e Schultze. Outros applicavam o criticismo á religião, como Struss Renan e Scherer. Outros ainda resvalavam, um maguado pessimismo, como Schopenhauer. Emfim o materialismo surgia tambem do mesmo tronco commum, com Moleschott, Vogt, Buchner, etc.

Entretanto, a philosophia escocêsa, desenvolvia-se a seu turno, produzindo de mais notavel o *associacionismo*, de que foram representantes Stuart Mill, Spencer, e outros que muito contribuiram com a noção das associações ideativas, aproveitada com brilho nos trabalhos de Flechsig, para o progresso da moderna sciencia psychologica.

(Continua no proximo numero.)

Antonio Augusto Mendes Corrêa.

OSCAR WILDE

Foi por um dia brumoso e triste de dezembro, ha onze annos que se abriu o portão de ferro do cemitério de Bagneux, para dar entrada ao magro funeral de alguem que diziam chamar-se Sebastien Melmoth.

Miseravelmente, esse côrpo gasto que um limitado numero de amigos acompanhava, rolou para uma cova estreita e algumas pásádas de terra o cobriram, desdenhosas e cynicas.

Nada revelava de particular tal entêrro. Um homem que morrêra. Mais um homem qu'importa? Não é a Morte o frio destino de toda a gente?

.. .. .. E cançadas, as velhas carruagens que no Largo fronteiriço esperavam os poucos amigos do finado, partiram por entre as maldições dos cocheiros.

Esse homem porem que momentos antes começára de receber o eterno e gelado abraço da sepultura, foi um dos maiores espiritos que a Inglaterra produziu e que — madrasta preversa! — tão escandalosamente fez sossobrar.

O seu verdadeiro nome era Oscar O'Flahertie Wills Wilde, escriptôr impeccavel e *causeur* delicioso.

Uns olhos azues de creança n'um corpo altivo de Apollo, o cabello loiro, de um loiro inglês, apartado quasi ao meio, a bocca lasciva aberta n'um sorriso ironico, requintadamente *dandy*, conhecedôr do seu talento extraordinario e da sua aristocratica elegancia. Oscar Wilde fazia-se amar das mais frias, orgulhosas damas da alta sociedade que com elle tinham a dita de conversar um pouco.

—Quando falla — affirmou uma, n'um rubôr, um dia — vejo-o coroado por um nimbo luminoso.

«Possuidôr de genio, com um nome illustre, uma alta posição social, gloria, brilho e audacia de pensamento, fazendo da arte uma philosophia e da philosophia uma

arte», — como elle proprio escreveu — viu extinctos, com o infamante processo que lhe moveram, todos esses predicados que o tornavam grande e invejado.

Fôra no « Albermarle club » onde a mais *raffinée* aristocracia londrina costumava reunir que o marques de Gueensbery, pae do moço e distincto poeta lord Alfred Douglas, com o venenoso diamante que lhe adornava um dos dedos, gravou n'um cristal, qualquer frase dura, um gravâme para seu filho e Oscar Wilde.

«Desconcertado, mal aconselhado, burgês uma vez em toda a sua vida», — como disse José de Lacerda n'um artigo que sobre elle escreveu — Oscar Wilde processou o marquês por diffamação.

Britannicamente fleugmatico, Queensbery accusa-o em seguida da pratica de actos que o « Criminal Law Amendment Act... » pune com severidade.

Levado perante a Justiça, o tribunal, offendido no seu puritanismo, condemnou-o a dois annos de *hard-labour*.

Debalde a intellectualidade francêsa e os amigos (que ao tempo ainda os tinha e muitos) pretenderam salval-o. Octave Mirbeau, Henri Bauër, Henri de Regnier, Paul Adam e tantos outros, publicáram violentos protestos contra tal facto que representava o desmoronar fisico e intellectual de um dos mais luminosos espiritos da epocha.

Tempo perdido!

Como qualquer criminoso de pura especie, foi encarcerado n'uma humida e negra cella da cadeia de Reading, onde a sua tortura ficou vinculada ao *pompôso sobriquet* de « C. 33. »

Um dia, a porta chapeada da cadeia abriu-se, para dár passagem a um homem que, cumprida a pena, era restituido á liberdade.

Com uns perdidos traços de distincção, vinha miseravelmente embrulhado n'um fato velho e puído, arrastando umas botas cambadas e no rôsto, patente, o estigma doloroso dos condemnados.

Vacillava-lhe o passo, embaciára-se-lhe o olhar,

Na mão trazia um qualquer manuscripto que compuzéra na lugubridade da célla: traçado a lettra nervosa, descobria-se-lhe o titulo: *De Profundis;* era um poema carcomido de pessimismo, documento psycologico de alguem que muito soffrêra.

Em vão buscou antigos companheiros e amigos. Todos lhe fugiram. Por toda a parte o desprezo, o odio até.

Trémulo, desilludido, os olhos bailando-lhe em lágrimas, resolveu abandonar então a Inglaterra, a Inglaterra que era d'elle, a Inglaterra que tanto enobrecêra com o brilho das suas conversas e dos seus escriptos e que tão injustamente o repellia.

Era necessario fugir-lhe .. fazer como Byron...

E sem olhar para traz, com mêdo que algum desgarrado amigo (que delicada mentira!) lhe acenasse a chamal-o, foi procurar na França o local do exilio.

N'um pequeno e discreto *hotel* em Berneval, occupando dois modestos quartos apenas, esse homem que outro não era senão Oscar Wilde, ou antes, uma sombra vaga d'esse Wilde de outr'ora, assentou residencia.

Para fugir aos olhares perscrutadores do *bom-burguês* que se habituára a considerar o seu nome como o de uma monstruósa, suja aberração da Natureza, escondeu-se sob o pseudonymo de Sebastien Melmoth.

Alli vivia n'um recolhimento puro de convertido.

Por vezes, ainda um lampejo do antigo espirito, precioso como uma orchidea, se lhe fazia notar; porem, á falta de calôr, breve se extinguia.

Coração e cérebro eram frias cinzas de tempos idos.

Desejava escrever, pensava mesmo n'um drama que faria representar em Paris; mas toda a força intellectual de que para isso necessitava, se achava morta, dolorosamente morta.

E via, por entre um maguado sorriso de vencido, a gloria soberana, o perfume de grandeza que outr'ora irradiára. Olhava o brilho scenográphico das festas e recepções a que algum dia assistira; corpos adoraveis de galantes condessas e marquêsas que, ébrias de amôr, o cortejaram

apaixonadamente; rostos de ephebos angelicaes e macios; toda uma cohorte de elegantes e voluptuosos.

N'um ultimo apello ao génio, compoz a celebre *Ballada da Cadeia de Reading — escripta pelo C. 33.*

Perigosamente pathética, é o soluço derradeiro de uma Alma a naufragar.

«Nós sômos como aquelles individuos que n'um pantano de immunda obscuridade avançam ás apalpadellas; não ousamos ciciar uma oração ou dar curso á nossa angustia; ha qualquer coisa morta dentro em nós: a Esperança.»

«Ignoro se as Leis teem ou não razão; o que nós, os presos, bem sabemos é que as paredes sam solidas; e que cada dia é um anno, um anno em que os dias sam immensamente grandes.»

A 30 de novembro, uma meningite que durante algum tempo o prendêra ao leito, dáva-lhe uma morte inglória.

«O *crime* d'este homem foi um caso de esthética. Tinha a psychose do estylo em tudo.» — escreve José de Lacerda.

D'aqui se póde formar um conceito puro sobre a *maneira de sentir* do auctôr das *Intentions*.

Original temperamento de artista, pondo uma nota inédita, cheia de viveza e requintado esóterismo na mais simples pagina das suas obras, no mais comesinho facto da sua vida, odiando a banalidade, o deslisar tranquillo de uma existencia burguêsa, encarando a Arte atravez um prisma puramente individual, sentia a inilludivel necessidade de fugir ao vulgar; para elle «toda a vulgaridade era um crime, era a conducta dos outros.» «Sêr tão artificial quanto possivel tal é na vida o primeiro devêr. Quanto ao segundo ninguem o conhece ainda.» — affirmava Wilde nas *Phrases and Philosophies for the use of the young*. E pondo em pratica este arrojado conceito era coherente.

Mas por amôr d'elle quanto soffreu!

A puritana Inglaterra nem sequér o nome lhe pronunciava em seguida a esse doloroso processo; chamava-lhe « He » por desprezo, por affronta.

Foi injusta, como injusta foi para o poeta do *Manfredo*.

Oscar Wilde, sendo um dos seus maiores artistas, merecia *um pouco mais* de respeito. Se a obra não corresponde á larguêsa do seu espirito, elle não desprezou essa larguêsa porem, collocando-a na vida.

Estranho improvisadôr, era por entre uma conversa que fazia scintillar a robusta intelligencia que o dominava, criticando uma qualquer manifestação de Arte ou contando uma historia a proposito, ovante de paradoxo.

Está na memoria de muita gente ainda, o celebre jantar que Bourget, Barrés, Rollinat, Verlaine, Morèas, Daudet e tántos outros lhe offereceram uma noite em Paris. D'entre tantos, apenas Wilde fallou durante a refeição; e á sobremêsa todos chorávam, ouvindo-o contar os tragicos amôres de lady Blenington; «on n'imaginait pas que la parole humaine pût revêtir une telle splendeur» — escreve Renaud.

Com resposta subtil e prompta, com a esthenia do *épater*, sam d'elle as curiosas scenas que os seus biographos citam:

Quando do julgamento, foi lida no tribunal uma carta intima, assignada por Oscar Wilde e dirigida a Alfred Douglas. A carta fallava em sonhos de volupia, musica dos beijos, mil demonstrações de um amôr louco, transbordante de sensualidade.

A' pergunta do juiz:

— E' assim que o reu escreve habitualmente a lord Alfred Douglas?

Wilde respondeu:

— Habitualmente! .. Mas ninguem é capaz de escrever cartas d'essas habitualmente; nem eu proprio.

E quando em seguida foi interrogado sobre o que havia dito acerca de Deus, retorquiu:

— Affirmei que os mundos iam acabar, porque uma metade da humanidade não acreditava já n'Elle e porque a outra metade... não acreditava ainda em mim..

Na *première* da *Lady Windermere's fan* o publico ovacionou-o delirantemente, chamando-o á scena. Negou-se n'uma obstinação; «não queria apparecer; uma massada.» As palmas estralejavam cá fóra. Depois de muito insistirem, Wilde mostrou-se emfim, com um petulante cravo verde sahindo d'entre a camisa e o collete e premendo nos labios uma cigarrilha *au bout d'or*.

— Minhas senhoras e meus senhores: não é muito correcto, bem sei, fumar deante de V. Ex.as; mas correcto não foi da vossa parte, chamarem-me justamente no momento em que fumo.

O Discipulo, *o Artista*, *o Tribunal*, foram encarados como poderosos symbolos. As *Phrases and Philosophies* produziram um escandalôso sucesso; traziam gargalhadas de cynismo atiradas ás faces chloróticas da Sociedade. O *Retrato de Dorian Gray* e *O Crime de Lord Arthur Savile*, n'um testemunho do quanto póde a suggestão, eram, apesar de consideradas immoraes, lidas soffregamente e soffregamente imitadas.

Mas um dia veiu em que a Inglaterra — a Inglaterra que o gloriára! — começou de lhe tomar odio; e esse odio assumiu proporções taes que sem hesitação lhe deu por morada uma cadeia, creando assim a ruina, abreviando a morte desse incomparavel artista. Todos os seus livros soffreram um auto-de-fé; a matulagem infréne, ameaçou incendiar-lhe a casa; contra elle chocaram-se ditos de rancôr, as mais nojentas vilesas, os mais ignominiosos epithetos. A campanha de descredito foi atordoante, numa aliança de todos os elementos.

Mas repellindo-o, a Inglaterra repelliu um dos seus homens de génio.

E d'elle restam hoje apenas, em um cemiterio de França, na asserção dolorosamente epigrammática de Harborough Sherard, «alguns dentes furados tapados a ouro e as obras-primas.»

Coimbra,
30-XI-911.

Affonso Rodrigues-Pereira.

Vibração do sentimento

NA

Execução da obra musical

« O coração é aberto a todas
as belezas e a todos os amores ».

(Philosophia instrumental de
M. Clerjat)

O estado de espirito, verdadeiramente vibratil que deve existir na execução de uma obra musical, é um estudo psychologico deveras curioso, e que sem elle nunca uma execução poderá sahir transcendente, apta a fazer desabrochar nas almas dos ouvintes, essa corrente mysteriosa, essa ligação subtil, diaphana, que deve unir o artista ao publico que o escuta.

Partindo do ponto que essa ligação não apparece, procuraremos a causa não na execução que pode até ser perfeitissima, mas na falta de vibração do sentimento do artista.

Não ha escola possivel, não existe estudo o mais aturado que seja, que possa fazer nascer o *verdadeiro* sentimento. E' um dom que nasce com o individuo, e se o artista o não possue, a arte para elle será apenas o puro commercio, *nunca* um prazer espiritual.

Ao lado da *vibração sentimental*, que eu considero a principal base do musico executante ou compositor, deve haver a instrucção pelo menos artistica.

Hoje não se pode admittir que um artista execute, por exemplo, uma *sonata* de Beethoven, desconhecendo que paginas da vida do auctor essa obra traduz; um *córal* de Bach, sem a nitida comprehensão da musica religiosa; a *suite* Peer Gynt de Grieg, sem conhecer a obra de Ibsen; a *Chapelle de Guilhaume Tell* (Anneés de Pelerinage) e o poema symphonico *Le Tasse* de Franz Liszt sem se recordar do

amor romanesco pela sr.ª Agoult, e da paixão da Princeza de Wittgenstein; o *Tristão e Isolda* de Wagner sem saber que louca paixão, por uma mulher, essa musica traduz; a *Phantastica* de Berlioz, sem ver perante si as horas de martyrio que o auctor soffreu pela actriz inglesa, mais tarde sua mulher; e como estas tantas outras.

O artista com a comprehensão bem nitida da musica ha-de por força fazer nascer na alma do auditorio, uma certa disposição a transportar-se ás regiões do Bello; n'esse momento o artista invadiu as regiões da Belleza pura, não é d'este mundo, uma atmosphera esthetica o envolve, une-se espiritualmente á *ideia* do auctor e os desenhos musicaes são lançados ao mundo real, á vida, como um rosario de consolações; e quem o escutar será transportado pela phrase musical n'um crescendo incommensuravel de attracção pela musica, cuja linguagem é uma especie de lenitivo ao seu sentir, e lhe disperta *estados d'alma* que desapparecem apoz a execução terminada.

Como seria curioso podermos conhecer esses *estados d'alma* em cada individuo d'um auditorio! Quantos mysterios de coração, quantas saudades renascidas!

Uma *arte* com todos os seus encantos não pode nunca penetrar na alma do artista, se este não possue a *faculdade sentimental;* ora o *fim* do artista, quando elle pode e merece ter este nome, é agir sobre a humanidade, pois deve ter em mira uma phrase notavel de Renan: « Nas naturezas muito elevadas, a ternura do coração transforma-se em doçura infinita, em vaga poesia, em encanto universal ».

E Clerjat disse: « que o artista não vive sobre a terra ».

Se partirmos d'esta orientação considerando-a base primordial da educação artistica, um musico que não seja sentimental, que possua apenas um *sentimento de convenção*, sem aquella chamma que irradia do genio capaz de convulcionar os espiritos, não o poderemos considerar um musico de eleição, nunca um artista que arrebate os publicos!

No nosso meio temos ouvido milhares de vezes que a technica assombrou, arrebata todos! quasi que adoram o artista de joelhos como se fosse um Deus! Que absurda ideia se tem infiltrado na mente do nosso publico!

A *technica assombrosa* é a capa de disfarce das musicas sem sentimento; são *vistosos* nos *allegros*, nos *prestos*, mas chegam aos *adágios*, tornam-se mesquinhos, verdadeiros pygmeus.

Um pianista pode conseguir vivos applausos no *allegro* da *Pathetica* de Beethoven, e pode cahir redondamente no profundo *Clair de Lune* do mesmo auctor. E porquê?! O primeiro é dos dedos, o segundo é do coração dos confins da alma.

Joachim Nin, notavel pianista e escriptor de merecimento, ha pouco em um dos seus livros disse estas palavras que são de ouro: « Fascinado por esse phenomeno facticio e vil que se chama a *virtuosidade*, a multidão ingenua e muitas vezes ignorante as paga, as approva, as acclama.

.....

« Aquillo que deve ser uma missão tornou-se para a virtuosidade, um meio de chegar, pois de facto a virtuosidade é o que chama mais facilmente a multidão; é pela virtuosidade que são baseados pelo mercantilismo, que devemos deplorar e é ainda pela virtuosidade que as salas de concertos se transformam em armazens e os artistas em grotescos mercadores!

.....

«E' necessario affastar tudo que de perto ou de longe, possa ser considerado como uma barreira á Verdade, sem esta nenhuma beleza é possivel, e toda a lucta não é senão Beleza.»

Toda a obra musical, seja qual fôr a sua natureza, exige uma execução sentimental.

Poderemos encontrar interpretações diversas, segundo o temperamento do executante, mas que tenham todas *elevação*, d'outra forma a obra d'arte afigura-se-nos como um *arranjo* de notas que nada nos diz e que jamais poderá penetrar como balsamo no nosso *eu*.

A todos que me leem, se forem artistas, aconselharei que *sintam* a arte que executarem sem *vibração d'alma* nunca terão execução transcendente sem esta obra nascerá estiolada sem nenhum poder de grandeza suggestivo.

Lisboa 1912.

Alfredo Pinto (Sacavem)

O PASSADO

ELEVAÇÃO AO TEMPO

... A pó não se reduz
a luz, a alma do homem:
nem os vermes a consomem,
os vermes não comem luz...

(João de Deus).

Horas! Deusas do mysterio, Sombras de Som, vivendo a vida ephemera das Flores, a vida rythmica da luz e da harmonia!

Segredo esphyngico que escarnece eternamente os problemas que de todo o sempre, teem preoccupado e absorvido o Pensamento!

Este mysterio enorme do Tempo, rolando inexgotavelmente, precipitando-se silencioso e illimitado sem nunca parar, como um mar immenso e perpetuo que tudo açambarca e onde nós e as coisas fluctuamos como apparições ephemeras e fugidias, é um milagre eterno e infinito da essencia mysteriosa do Universo, é um segredo impenetravel, porque é o segredo do turbilhão e do redemoinho das Forças maravilhozas e desconhecidas da criação.

Conjunctamente, numa desordem incomprehensivel, vivem, agitam-se alegrias despreocupadas de crianças e prazeres procurados onde o desejo estúa e a carne se convulsiona. Em cada hora que passa, ha qualquer coisa como um farrapo do Infinito, que um tufão do Esquecimento atira para a Eternidade.

Tudo caminha gravar-se indelevel e perpetuo, no livro eterno do Tempo, Synthese immaterial da Consciencia do Universo, onde rigida e inflexivel, pára e se estratifica a Vida.

E' a Biblia da Saudade e dos Herois.

Tudo lá fica crystallisado como se consumou; não, adormecido e frio com a inercia aterradora do cadaver, mas com a vida espiritual que até então teve, a vida que se manifestou na consciencia collectiva, e que tem um brilho congênito e immortal como o diamante. Aquelle principio que um chimico formulou um dia, num momento de quazi intuição da essencia das coisas: « — *nada se perde, nada se ganha,* — » nunca teve talvez uma applicação mais completa e mais perfeita, do que nos phenomenos da consciencia humana. Nem um pensamento, nem uma lagrima, nem um atomo sequer da consciencia, se sepulta nas entranhas da terra. Tudo em nós revive, tudo reviverá nos que nos succederem, inconscientemente no entanto, porque a alma humana é parcella insignificante da alma divina, insignificante de mais para uma tão vasta consciencia.

Assim é que para mim o passado se ergue, como uma perspectiva immensa, em que as Horas que a Consciencia caminhou se alinham mathematicamente, encadeando em elos perduraveis e ligados, o Espirito que marcha orientado pela Fatalidade, para um destino que desconhece; assim é que o ponto em que essa perspectiva tenta fundir-se, revela aos prophetas como Jesus, — o proprio Deus, e aos genios como o Vinci, que sentem e pensam aquillo que veem e experimentam, a grandesa extranha do Infinito e do Absoluto.

Em ti, — oh Tempo abençoado! — existe a razão de ser da Humanidade, da Consciencia e da Vida. Foste o

primeiro Deus que a alma religiosamente evocadora do homem concebeu; e, se as religiões das eras remotas, ruiram e se desfizeram, ainda hoje, quando o espirito se recolhe num silencio mysterioso, é para te adorar, para evocar, e para amar aquillo que já viveu e que paira como um fluido, na atmosphera espiritual que envolve as almas e as coisas.

O Infinito do Tempo é o absoluto da Consciencia Universal. *Absoluto* que não se assimila, mas que se presente na vida que vivemos e que nos rodeia, como a luz que se vê e não se explica. *Consciencia Universal* que não se abrange, mas que se sente palpitar nas crispações do fogo, nas convulsões das aguas e na symphonia immaterial das brisas.

E todos esses momentos que passaram e que são outros tantos padrões do Ser e da Vida, travam com o meu pensamento, com o pensamento de todos os evocadores, um dialogo intensissimo, donde sai, deslumbrante e fecundo para fructificar, o germen intellectual do Futuro.

E assim é que do tempo, para substituir os velhos dogmas, os antigos preconceitos grosseiros e insubsistentes, sahiu a verdadeira religião, a religião, de que os artistas são os prophetas inconfundiveis e que não é mais, do que o conhecimento e a intelligencia dos Seres e das Coisas, onde vive o espirito de Deus, que é a propria consciencia humana livre, enorme, fundida na harmonia do Universo, porque Deus é o coração do homem divinisado, isto é, complicado, feito immenso e eterno.

As Horas que voam, os minutos que passam e os segundos que se não fixam, compondo a symphonia mystica e silenciosa do passado, revelam interminavelmente que imaginação humana, o concurso mysterioso de Deus,

para realizar o ideal cheio de grandeza, cheio de espiritualidade, que o homem consigo traz: — elevar o coração á altura em que Deus se encontra ou seja, espiritualizar divinamente a Vida.

E assim, cada nota que a memoria fere, cada som espiritual que a imaginação recolhe, é a evocação duma serie infindavel, precisa e ordenada de esforços prometheicos para descobrir a Eternidade do Espirito e para divinizar a vida humana.

A vida é a morte incessante e a incessante resurreição. A vida é a evolução e a actividade constante do Espirito. Nascer e morrer são os unicos phenomenos serios da Existencia; entre elles está o espaço de tempo, em que o Espirito insaciavelmente lucta contra a fatalidade a favôr do seu ideal eternamente o mesmo. São os dois phenomenos que o Tempo inflexivel e hirto, faz correr compassadamente, lugubremente pela ampulheta eterna e inexhaurivel, em grãos de areia de oiro.

Quantos poemas de lagrimas e de dôr, faz nascer essa ancia infatigavel de — ideal, desde o vagido innocente da criança que nasce, até á convulsão estertorosa da terra rugidora que desfaz cidades!

Louvado perpetuamente sejas, — oh Tempo — porque me deste a Eternidade! Sentindo-me durar, viver, sentir-me-hia morrer aos pedaços, se não pressentisse que cada particula que da minha Vida e da minha Consciencia se desagrega, vai complicar e cada vez mais completar a Symphonia do Espirito, de uma orchestração prodigiosamente extranha que nunca terá fim, porque irradia do seio do proprio Deus. A consciencia porem de ter bem empregado a minha vida, pensando e amando, attenua-me e suavisa-me a ideia dilacerante da morte. Concorrendo para

a eternidade, o meu ser, composto de milhares de seres que foram, ha-de compôr por sua vez milhares de seres que hão de ser, e viver nelles eternamente, como os que outrora viveram, hoje continuam na minha vida, vivendo.

Oh alma! Entra na Cathedral do Tempo que a humanidade vem ha milhares de annos construindo, com a sua memoria e a sua saudade. Lá dentro existe o silencio, o mysterio e a meditação que engendram o Pensamento. Apenas se presente o Nada, no sussurro longinquo e vago das sombras que percorrem a Eternidade.

Cada sombra é illuminada pelo brilho bruxuleante e indefenido de uma luz de oiro: — A Luz do Espirito. Entra, lá adquirirás a convicção da tua Eternidade, da grandeza que dentro de ti vive, e nunca mais as trevas e a tristeza te atormentarão ..

(Do livro inédito « A' Margem da Vida »)

Chaves de Almeyda.

DA FORÇA Á BELLESA

Os primeiros movimentos, gestos e atitudes do homem consumaram-se numa existencia incerta, instinctiva e brutal, atravez a prehistoria, quando o cerebro humano, inculto como um brejo, se velava na treva de uma inconsciencia quasi total. O espirito mal se desenhava ainda com o seu jogo de faculdades delicadas e subtis, surgindo da complicada cadeia da animalidade em evolução, como uma espuma rara, de uma puresa divina, se forma na crista errante das vagas embravecidas. A razão que as experiencias multiplicadas e successivas de milhares e milhares de gerações mais tarde haviam de atear e abrasar como uma labareda imortal, rompia tenuemente do misterio, soltando vagos clarões que mal esclareciam os passos iniciaes de anthropoides e troglodítas.

De dia, a naturesa desdobrava os seus titulos de soberania, fazendo sentir a omnipotencia do seu poder creador em espectaculos pantheistas que assombravam a curiosidade bisonha e rude do futuro rei dos continentes e mares; — de noite, o ceo cobria-se de astros, espalhando pelos espaços calmos e distantes uma vida de prodigios que dispertava, nos corações perturbados dos primitivos, emoções obscuras que deram alento a todos os sonhos de religiosidade e misticismo.

A humanidade, que assim penosamente tentava extrair das coisas as primordiaes noções da pratica e do saber, advinhava uma profunda hostilidade nos elementos e nas potencias naturaes. O que não traduzia claramente disposições maleficas e effeitos agressivos, gerava terror e superstição em tudo o que continha de vasto, incoordenavel, esmagador e inintelligivel.

Eram assim as coleras do mar, os desesperos epilepticos das ventanias, as cheias dos grandes rios, as tempestades, os relampagos rapidos como as imagens que as aguas reflectiam...

Contra a existencia tremula e incerta dos rusticissimos Adãos e Evas da terra fecunda e indomavel, parecia que se conjurava a creação inteira, envolvendo-os numa rêde confusa de factos e fenomenos, de soffrimentos e perturbações, capazes de produzir a loucura ou a morte. Felizmente que elles tambem faziam parte do sistema das forças creadas: eram uma parte integrante, uma estrofe sinfonica, um bloco esculpido da energia e do pensamento que trabalhava o Existente.

Desappareceriam? Impossivel!

A vida que os animava rasgar-lhes-hia pouco a pouco as veredas mais ou menos asperas, pelas quaes chegariam á plena racionalidade. Pela Dor tinham de alcançar a libertação. Os seus sentidos que lhes representavam o mundo como uma tortura inevitavel, iriam promovendo a sua educação gradualmente, até que pela sciencia dominassem o perigo, a ignorancia e o desconhecido.

E começou Adão a reagir, a deixar de soffrer a

repulsa constante da onda vital, tentando captar em seu proveito directo as potencias, os objectos e os seres. Inicia-se a longa epopeia das luctas e dominações. A violencia e o seu ritmo irregular, medida pelas palpitações dos peitos anciosos, fornecem as primeiras armas. Na guerra como na guerra! A naturesa, em vez de biblicamente recolher em Paraisos os casaes que haviam de derramar toda a semente do genero humano, atirou-os para uma embuscada, dando-lhes um baptismo bellico e sangrento. Ao inimigo, pois!

Que raivas e que feroses gritos não romperam das boccas cruentas dos que se battiam sem descanso para conquistar o abrigo, o sustento, a mulher!

Façanhas qua a historia não regista, paixões que a psicologia jamais ha de analisar. Mas certamente esse ciclo da besta-fera que aprende os rudimentos da sociabilidade e da religião do amor foi de uma sublimidade tenebrosa que nunca se repetirá até á consumação dos seculos.

A cultura partiu da brutalidade leonina.

A ternura e a piedade desabrocharam em almas que previamente se odiavam com o odio quasi mecanico de seres que a dura necessidade de viver colloca em face da mesma presa. Que lenta marcha, todavia!

O egoismo era a unica lei. Centenas e centenas de gerações desappareceram no ventre insaciado do Tempo, antes que florissem as purissimas virtudes, á sombra das quaes se esboçaram os sentimentos de clemencia e perdão e se escreveram os antiquissimos poemas em que a palavra humana de guttural e interjectiva se torna suave e sonante, calma e luminosa.

Que serie de horrores, que passado assassino não

fica por detraz de Socrates e Platão, de Christo e de S. Francisco de Assis, de Camões e de Goethe!

Antes de se chegar á impeccavel harmonia que transfigura o marmore da Venus de Milo ou ás pedras augustas das cathedraes, o homem, á superficie deste mesmo globo, que a arte, a sciencia, a filosofia, a metafisica e os cultos revestem da chama imorredoura do idealismo, fez um aprendisado de crueldades e brutesas de erros e crimes que as tradições e lendas não contam, como ordinariamente as familias nobres não revelam as origens frequentemente delictuosas da sua fortuna.

Que ha hoje de mais imaterial, seductor, perfeito e imaculavel do que a Bellesa?

Pois saiba-se que essa casta visão amoravel, colligida pela mão aristocratica do genio no topo soberbo do sonho humano, nasceu da união homicida da Força e do Mal! As suas raises escondem-se no solo torpe que pisaram as hordas e tribus que, muito para alem das memorias dos povos, existiram, observando estatutos de irreprimivel barbarie e de morticinio ininterrupto. As imagens que agora illuminam as fantasias dos poetas e artistas, são proximos parentes das imagens de sangue que entenebreciam as raivas dos prehistoricos.

O ataque e a defesa impuseram-se a principio como a reacção necessaria, fisica, machinal e fisiologica da existencia; mas certos gestos proprios das pugnas logo seduziram os combatentes pela habilidade certeira com que derrubaram os adversarios. Passaram a ser tidos como manifestações supremas da coragem vencedora. Rodeou-os um culto, uma larga admiração!

E assim brotou a bravura, o heroismo e a adoração

do risco. As mulheres intervieram tambem com as promessas tentadoras do enigma sexual. O mais forte era o preferido. Os corações pulsavam de sensual anceio, esperando o beijo ardente do guerreiro.

E assim da larva se desprendeu a borbolêta. A Bellesa, nas civilisações antigas, é primariamente pugnaz e heroica. A inspiração vem-lhe das batalhas.

Só na Grecia, e em periodo bastante avançado, ella sorriu á vida larga, variada como os movimentos de um mar...

Joaquim Martins Manso.

A DAMA DA CUTILADA

(Apontamentos para a historia de Coimbra)

Na egreja de Sam João de Almedina de Coimbra, não na actual, que foi fundada pelo bispo conde D. João de Mello, cujo governo durou desde os annos de 1684 até o de 1704, mas noutra muito antiga que esta substituiu, succedeu, no tempo d'el-rei D. Sebastião, um caso altamente tragico extraordinario, e talvez sem semelhante nas historias.

Duarte Nunes de Leão na sua *Descripção do Reino de Portugal*, no capitulo 89.°, que se inscreve *Do valor e animo de molheres Portuguezas*, refere succintamente um heroico acto de desforço praticado na igreja de Sam João de Almedina, por D. Guiomar Nunes, filha do grande mathematico professor insigne da Universidade de Coimbra e cosmographo-mor o dr. Pedro Nunes, contra um mancebo, que, havendo-lhe prometido casamento e tendo chegado a assignar um contracto sponsalicio, veiu por fim a faltar á sua palavra.

Nem Duarte Nunes de Leão na obra citada, nem Francisco Leitão Ferreira no vol. 1.° das *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, pag. 509, nem Damião de Froes Perim (aliás Fr. João de S. Pedro) no seu *Theatro heroino, abecedario historico e catalogo de mulheres illustres*, que são os autores mais antigos que em obras impressas referem o estupendo caso da *dama da cutilada*, nenhum d'elles indica o nome do fementido amante, que é Heitor de Sá. Descobrimo-lo numa curiosissima relação destes successos em uma miscellanea que forma o volume n.° 348 dos manuscriptos da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Nas circunstancias referidas, o Dr. Pedro Nunes, zeloso da honra de sua filha, resolveu levar o caso perante as justiças ecclesiasticas, e Heitor de Sá, constrangido por ellas, não pôde deixar de se apresentar ao bispo conde D. Manuel de Menezes.

Foi na igreja de Sam João de Almedina que o bispo procedeu aos interrogatorios.

Dada a palavra a D. Guiomar, affirmou esta que era

esposa de Heitor de Sá e que elle era seu marido. Heitor de Sá, com muita soberba, respondeu que tal não era.

Ao ouvir a negativa e algumas palavras injuriosas que lhe dirigiu o fementido amante, D. Guiomar servindo-se de um canivete, assignalou-o no rosto com um gilvaz ou cutilada, que se prolongou de uma das orelhas até á boca.

Tão extraordinario acontecimento devia realisar-se em um dos annos de 1573 a 1578; epoca em que regeu a diocese conimbricense o bispo conde D. Manuel de Menezes.

A relação manuscripta a que nos referimos é de muita curiosidade pois entra em minudencia e narra successos posteriores dos quaes os auctores citados não dão noticia. Tem alem disso o merito de ser redigida por individuo contemporaneo da celebre heroina, como se deduz das expressões referentes a D. Guiomar com que finaliza: — « *Nosso Senhor a faça tão grande sua serva como a fama de seus varonis feitos sôa.*

Infelismente esta narração está truncada no principio.

Eis o interessante documento:

D. GUIOMAR DA CUTILADA

... .

...ter entre elles desposorio e finalmente se casaram com consentimento do pai da senhora, mas dos parentes nem mãe do mancebo não, que pai não tem. Sabido pelos parentes, o que passava, foi perguntado Heitor de Sá por elles, aos quaes não negou nada do que tinha feito. Havendo-se os ditos senhores por injuriados, começaram a tratar o mancebo mal e a lançar fama que elle não tinha sizo perfeito, o que tudo era falso, bem que não e tão discreto como foi (Bocão!) e bem o mostrou no que fez, e com isto o fizeram ausentar da terra alguns dias, e fizeram tanto que veiu elle a negar que tal não fizera.

Sabido isto pelo doutor Pedro Nunes, que tinha feito tudo, e fez com elle o contracto do casamento dando-lhe mais do que merecia determinou de se negociar por justiça, para a qual mandou citar para deante do Bispo, a que logo

não obedeceu. e chegou a ser constrangido por excomunhões. Vendo não se poder escusar foram juntos uma sexta-feira em á egreja de S. João do Bispo freguesia. e postos deante do bispo D. Manuel de Menezes, estavam com os desposados o bispo e officiaes e um irmão da moça e dous ou tres criados do bispo das grades para dentro, e a outra mais gente, que era em muita quantidade. das grades para fóra; e perguntados disse ella ser sua mulher e que elle era seu marido, ao que o senhor respondeu que tal não era com muita soberba e não com boas palavras; neste tempo mostrou a senhora umas cartas que trazia suas e o contracto do casamento, que o dito Heitor de Sá fizera com seu pae, finalmente o bispo, vistas as rasões de uma e outra parte, mandou que dentro em seis dias a recebesse pois era sua mulher, e se mal respondeu primeiro, muito peor fallou esta ultima vez dizendo algumas palavras injuriosas contra a pessoa de D. Guiomar, o que visto e ouvido por ella. como era virtuosa e nobre, pedia licença ao bispo para dar uma palavra ao senhor Heitor de Sá, a qual lhe foi concedida, e emquanto pediu a licença e lha deram. por baixo do manto secretamente sem ser sentida de ninguem, tirou um canivete do estojo e chegando-se ao dito senhor, com muito despejo lhe deu uma cutilada pelo rosto, da orelha até á bocca ou da bocca até á orelha, a qual ainda que foi pequena não o foi tanto que não fosse necessario darem-lhe onze pontos; e acabado este famoso feito se poz de giolhos deante do Santissimo Sacramento e com lagrimas pediu perdão de sua culpa, e virada para o bispo, se deitou a seus pés pedindo-lhe perdoasse o que deante sua presença commettera. Elle a mandou alevantar e que a ella e a seu irmão levassem ao aljube pelo sacrilegio que na egreja commettera.

(Continua no proximo numero).

Simões de Castro.

Illmo Exmo Snr

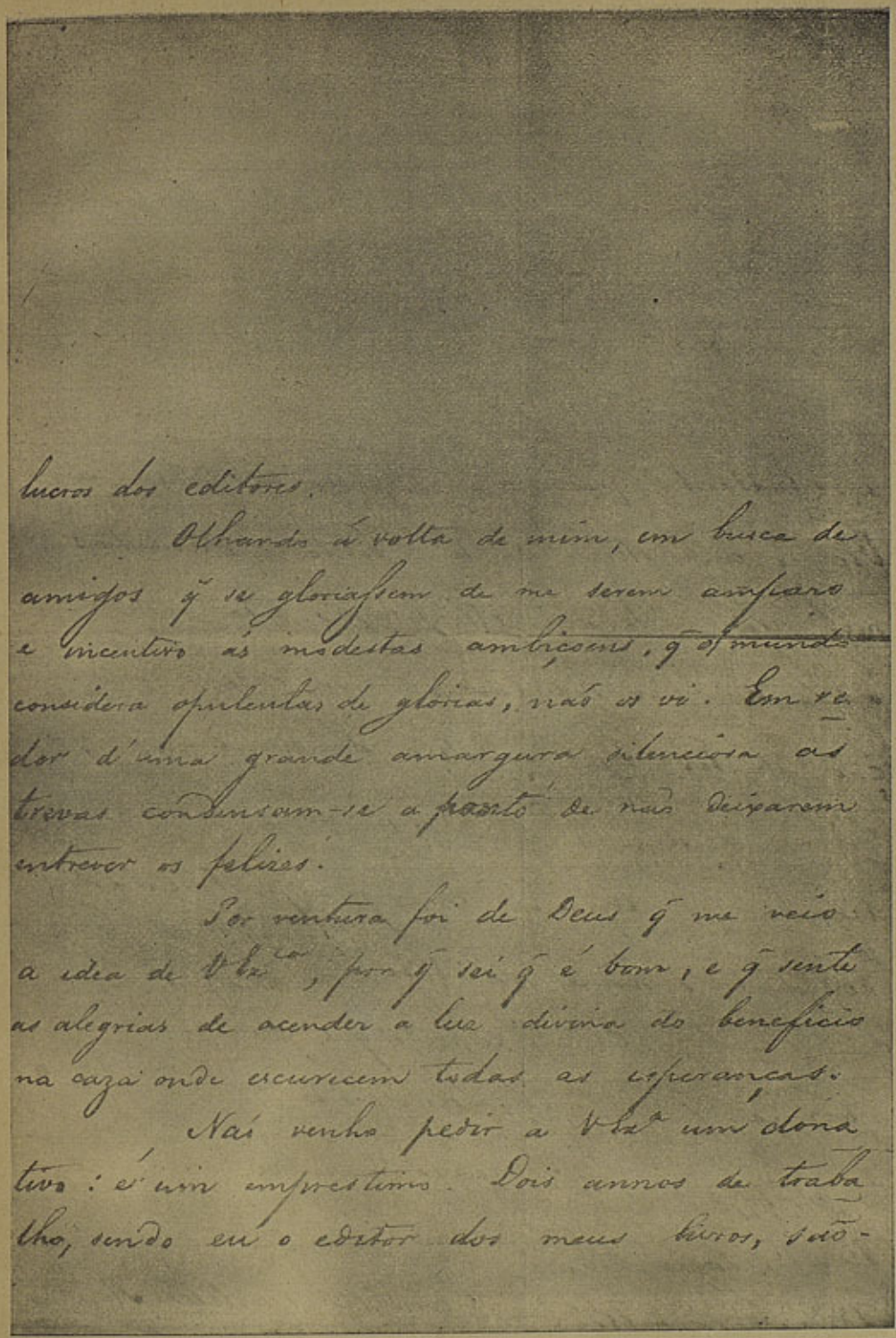
não conhece pessoalmente V.Exa o homem q lhe escreve. Sou pois como qualquer dos muitos aquem V.Exa, sem os conhecer, tem beneficiado. Não procuro V.Exa, por que a desventura tem um certo pudor, que as almas nobres comprehendem.

Ha vinte annos q lido incansavelmente nesta ingrata officina da vida litteraria em Portugal. Nunca imaginei a impossibilidade de enriquecer-me: não lamento esta illusão morta como outras mtas; mas o q eu decerto poderia, com mais juizo e menos desgraças, era ter grangeado uma mediania independente - a tranquillidade de ter dias de precoce velhice - se eu tivesse sido o publicador e hoje fosse o proprietario dos meus livros. Dizem-me que os editores dos meus juteis noventa volumes melhoraram prosperamente a sua posição: creio, por

q é necessario assim explicar a mª pobreza ao cabo de vinte annos de lucta

Não pode ser longa a mª vida, pois q m'a vão cortando todos os dias os presagios da sorte infausta q espera deixar aos orphãosinhos q tenho, cuja herança ha de ser a humilhação do meu apellido e o exemplo do trabalho incessante. Que triste legado!

Meditando, porém, no futuro d'elles, figura-se-me q ainda poderei deixar-lhes a propriedade dos livros q a Providencia ainda me permitta escrever, se eu os poder publicar com recursos proprios, não os sacrificando aos avarentos



lucros dos editores.

Olhando á volta de mim, em busca de amigos q̃ se gloriassem de me serem amissaro e incentivo ás minhas ambições, q̃ o mundo considera opulentas de glorias, não os vi. Em vez dor d'uma grande amargura silenciosa as trevas condensam-se a fim de não deixarem entrever os felizes.

Por ventura foi de Deus q̃ me veio a idea de V. Ex.ª, por q̃ sei q̃ é bom, e q̃ sente as alegrias de acender a luz divina do beneficio na caza onde escurecem todas as esperanças.

Não venho pedir a V. Ex.ª um donativo: é um emprestimo. Dois annos de trabalho, sendo eu o editor dos meus livros, são-



me bastantes para que eu possa restituir a
Vsa o emprestimo de um conto e duzentos
mil reis. Sendo este prazo, Vsa recebe
o seu dinheiro salvador, e com elle a consola-
ção de ter sido o esteio de duas creanças,
filhas d'um homem, cujo nome andará
ligado ás bençãos com q a posteridade
bemdirá o nome de Vsa.

Com o respeito que devo ás suas
virtudes,

Son de Vsa
creado inutil
Camillo Castello Branco

C. de Vsa
Rua de S. Lazaro, 274,
18 de Março de 1872.

A PROPOSITO DE FEUDALISMO

(Excerpto d'um livro a publicar)

. . . . . .

Na exposição que fizemos da génese do feudalismo seguimos muito de perto Fustel de Coulanges.

A teoria deste notavel historiador afigura-se-nos realmente a mais digna de nossa preferencia. Se outros titulos não houvera a recomendá-la, bastaria o ter sobre qualquer das teorias que denominámos « classicas » a vantagem inextimavel de se apoiar constantemente no testemunho dos documentos — não apenas documentos de caracter legal, mas muito principalmente documentos da vida real, visto que em qualquer investigação historica, e nomeadamente tratando-se de instituições medievaes, seria um erro grosseiro querer reconstituir a sociedade através exclusivamente dos textos de lei.

Esta grande verdade, que esteve longe de ser desconhecida do nosso Herculano, torna-se para Fustel de Coulanges uma preocupação constante e imprime á sua obra um cunho de profunda gravidade.

A este modo de ver poderá porventura contrapor-se que a análise objectiva de cartas e diplomas apenas nos fornece um quadro fragmentario e inanimado do estado social; que ao historiador compete preencher as lacunas, completando a análise detalhada com uma ampla e harmoniosa visão de conjunto; que isso implica uma parcela « de intuição, de adivinhação subjectiva, sem a qual a historia ficaria reduzida na maioria das vezes á condição do silencio. »

Isto, porém, em nada prejudica a preferencia que damos á teoria de Fustel.

O historiador pode e deve, dentro dos limites que um são criterio lhe imponha, completar a análise objectiva dos

factos com uma visão pessoal de conjunto, utilizando para esse fim uma das qualidades que elle em mais alto gráu necessita de possuir; esse « esprit de finesse » de que fala Pascal e que, empregado com moderação, constitue um precioso correctivo á estreiteza do « espirito geometrico ». — O que o historiador não pode, sob pena de atraiçoar a sua missão, é despresar o testemunho dos documentos, nem edificar theorias sobre factos hipoteticos que a heuristica desconhece ou regeita.

Alexandre Herculano — que a proposito da « condição das classes servas » sustentou contra Muñoz y Romero a necessidade de substituir por ilações sociologicas o silencio inoportuno dos documentos — nem por isso deixa de confessar que « quando estes são claros e precisos, sem duvida constituem o guia mais seguro para determinar os factos, e se as illações que tiramos os contradizem, é necessario confessar que os principios são inaplicaveis á hipothese, ou que se aplicaram mal. »

Ninguem melhor que Fustel de Coulanges soube manter esta justa atitude. Toda a sua obra é um ataque cerrado ao método dos grandes historiadores que o precederam, uma réplica austera e calma ás suas sínteses imaginosas, ás suas construcções fantasistas e apaixonadas. Elle proprio marcou enérgicamente a superioridade dos seus processos quando declarou que « pour un jour de synthèse il faut des années d'analyse ».

Foi muito principalmente contra o preconceito do antagonismo étnico que Fustel desfechou as suas mais violentas criticas. Esse chauvinismo romântico que consiste em desenterrar antigas raças para fazer a apologia de povos modernos e em ver atravez da complexidade das vicissitudes historicas ora a expansão longamente asfixiada da alma nacional, ora a brutalidade opressora duma raça estranha, teve nelle um inimigo encarniçado.

As considerações que aqui fazemos teem plena aplicação ao nosso problema.

As teorias mais divulgadas sobre as origens do feudalismo pecam em geral por deixar á hipótese um campo demasiado largo, tirando dos documentos inferencias que elles não com-

portam e forjando sinteses mais ou menos fantasistas sobre psicologia das raças.

O amor da rotina tem tambem nesta parte um largo papel. Com duas palavras — o elemento romano, o elemento germanico — tem procurado explicar-se toda a historia da Idade Media. Uns, mais imbuidos de romanismo, julgaram ver no desmoronar do Imperio as origens do feudalismo; outros, fascinados pela leitura de Tacito, quiseram encontra-los nos costumes da antiga Germania; outros finalmente, deixando-se contaminar dum erro popular, acreditaram num cataclismo universal provocado pela invasão dos povos Germânicos e cuja principal consequência teria sido a brusca substituição do regimen romano pelo regimen feudal.

Hipóteses cómodas, que se não coadunam com a extrema complexidade do fenómeno.

Como explicar a existencia do feudalismo em populações que nada teem de romano, bem como noutras que nada teem de germânico?

E', por exemplo, um facto averiguado que o feudalismo existiu entre os Slavos e entre os Hungaros. Documentos fidedignos, citados por Sumner Maine, mostram que elle se formou e desenvolveu na Irlanda, independentemente de qualquer conquista, fora de qualquer influxo romano ou germanico.

Mesmo fora da Europa, e noutras épocas da historia, encontramos instituições feudaes.

A verdade é que o feudalismo, onde quer que apareceu, formou-se lentamente, insensivelmente, sob a acção duma multidão de factores obscuros.

D'ahi a affirmação de Fustel de Coulanges, luminosa na sua concisão: « O feudalismo não é romano nem germânico; pertence á natureza humana. »

Paulo Merêa.

A FESTA DE SANTO CAMÕES

Um jornal da manhã reedita a noticia de que os rapazes de Coimbra vão este anno resuscitar a recita de quintanistas em favor á tradição

O que os jornaes da manhã e os meus antigos companheiros julgam inda a *tradição*, nasceu pelos fins do seculo passado, quando o poeta Antonio Fogaça dizia suas palavras da marmore aos rapazes e ao seu tempo e os estudantes sentiram que, para melhor se despedirem, se deviam despedir com coplas e musica, com graças aos futricas, e ás primeiras larachas aos lentes de quem se sente um pouco emancipado. Foram buscar uma comedia sequinha e metteram dentro d'ella a Universidade e as serventes, que se sentiram pouco á vontade dentro da veste apertada, acostumados como estavam ás liberdades da capa.. Mas esses moços de fitas vermelhas, tyrannos de primeiros andares com meninas ás vidraças, quizeram amortalhar a mocidade n'uma peça, e evocar essa noite vida fóra, aos serões calmos de familia quando a *Revista de Legislação* lhes pedisse o grave do gamão na botica, entremeado de recordações de bacharel aos olhos que em torno eram já liquefeitas em sorrisos de inveja simples.

A *tradição* que os rapazes de Coimbra vêem recordar nasceu então E como vivia em homenagem ás noivas, era os primeiros compassos do preludio d'uma lua de mel antesonhada, e o pretexto para as bôas familias deixarem Traz-os-Montes por uns dias e virem até Colmbra admirar o tumulo dos reis de Santa Cruz, e reconhecer os sitios onde chorou Ignez e os filhos levaram cinco annos de saudades e de esperanças. Quando esta *tradição* lançou raizes, já se usavam por lá colarinhos de bico e as engomadeiras já tinham menos lénda e mais negocio. Por isso se desfez a *tradição*,

A outra, a funda, a dos estudantes felizes tomando uma noite para rirem dos mestres na sua barba, ante os sorrisos dos proprios mestres, o que vinha da Meia-Edade e evocava Bolonha ou mestre Villon, *le petit escolier*, — a mesma que levou um Gil Vicente *sem ceitil* aos salões do paço para se rir da nobreza, sepultou-se nos paredões pombalinos quando na velha escola se sepultou a lenda sob as solemnes columnas dóricas, aprumando os escolares.

Andavam então as Mondagides á tona de agua, só para ouvirem a vóz de certo moço cavalleiro, garboso e heroico, que erguia a capa em rajadas de rimas, como as naus inflanam as vellas nas dobras do Mar das Aventuras. Então era a cidade dos estudantes; e havia a cada esquina ferros tinindo, luctas travadas, um citadino nos braços dos servos, gorgolejando sangue, e a sombra d'uma capa que se perdia a esvoaçar na esquina para nunca mais sêr vista. O luar rimava brandamente a paysagem, na musica das collinas, ao compasso dos sinos dos conventos, só para adormecer os estudantes. E ao lado do olhar cinzento do Reitor, corrigindo a impotencia das justiças, os olhos pardos dos mestres creáram por unica defeza as grades de uma cadeia de onde vinham ter á rua vozeadas e cantares.

Para sairem á rua tinha o luar que pôr a mascara d'uma nuvem amortecendo as vielas e os candieiros dos nichos; — punham os escolares suas mascaras de velludo na linha obliqua das penumbras, para luzirem á luz a fôlha dos espadins...

A ancia libertadora da sua mocidade creou então as representações dos estudantes, em que os moços mofaram das coisas de Minerva e os Mestres se davam ao riso com as gentes da cidade.

Evoquemos os satyrisados dos *Amphytriões*, em que a graça da comedia antiga desabava por sobre os homens da epoca; evoquemos os mestres tyrannos e a tyrannia dos estatutos; e verêmos n'esse ardôr de liberdade mal contida a fonte verdadeira das peças dos estudantes, a verdadeira fonte d'essa tragedia de santidade d'um poeta que foi um santo.

Havia no seu gibão um pouco do desmazelo que nos di-

zem as palavras ingenuas da *Legenda Doirada;* e no ar, aquelle cavalheirismo que transportou Magríço a terras de Flandres e á côrte de Inglaterra, — aquelle gesto supremo, desafiando a historia de Albuquerque em frente das cidades orientaes, n'um fundo de oiro e fumo.

Façamos da sua vida uma lenda doirada, trilhando uma esteira de santidade, que partisse do tablado das representações de Coimbra, e seguisse vida em fóra pelos amôres infelizes, pelos combates de Ceuta, pelas torturas da India, pelo santissimo passo de Cambodja. Façamos do heroe épico o santo regressando ao seu paiz para entrar a sentir o martyrio profundo dessa *austera apagaaa e vil tristeza*; ergamo-lo tão alto que vejamos n'elle uma nação cruxificada, por haver erguido um sonho humano e ter desfraldado ao alto o verbo rouco d'uma prophecia.

Os estudantes da França celebram annualmente *La Saint-Charlemagne* em que mestres e discipulos fraternizam n'um banquete, e os poetas de cada escola, sobre um estrado, celebram o Imperador da barba florida.

Rapazes do meu tempo: n'este momento em que as fôrças nacionaes regressam aos mesmos tórsos, e o sangue antigo d'uma patria entra a circular em veias dessoradas, erguei um altar a Santo Camões.

A em vez de desfiardes n'uma peça a banalidade d'uma cidade banalizada, e os seus habitantes banalissimos, — das profundas entranhas da nossa terra erguei essa figura esquecida, e fazei regressar á tradição uma festa que n'um tempo de liberdades não tem sentido, e apenas póde sêr a apotheose da mocidade a esse que foi moço e garbôso como nunca ninguem foi em Coimbra, e que, como português mais alto, foi martyr e foi santo.

Fazei a festa de Santo Camões!

Veiga Simões.

NOTAS SOBRE FIALHO

Em Villa de Frades, branquinho povoado do Alemtejo, repousando nas ondulações suaves da falda da serrania por onde os vinhedos se alargam á sombra trémula d'olivais anósos, no meio dessa paisagem rude e áspera, que se projéta ao fundo nos escalvados flancos d'outeiros alinhados, nasceu José Valentim Fialho d'Almeida.

Aos rigidos traços d'aquella natureza severa, banhada á tardinha pelo vago misticismo dos lubricos poentes outonais, ao convivio intimo do honesto e rude temperamento aldeão, deveu Fialho a força viril, o cunho vigoroso e inedito da sua prosa.

Bem nitidamente compreêndeu êle esta influencia quando dizia ter « sob os involucros postiços dum pensador e dum artigoleiro a alma candida, contemplativa, simplória dum aldeão tresviado á cultura dos seus campos, e dum lavrador captivo que a todos os instantes suspira pela rabiça do arado ».

Lançado bem novo na labuta da vida pratica, Fialho viu-se forçado, por dificuldades pecuniarias, a servir uma farmacia. Amargos momentos aí passou « pisando mostarda e linhaça, êle que tinha talento, emquanto ociósos ali, em cavaqueira amêna, mascavam despreocupadamente a estremidade de perfumados *béras* ».

Começa então a alimentar um desdem profundo pelo organismo social, que ia conhecendo em todas as minucias e cujos cancros, mais tarde, devia de estripar impiédosamente a possantes golpes de ironia, a byronianos sarcasmos.

A vida entre drogas e rançuns « incutiu-lhe uma tendencia morbida para as letras ». Aí apodera-se d'êle vaga neurastenia, profunda carateristica d'algumas das suas paginas. N'esse principio doentio e nas táras hereditárias, que sôbre

êle pesavam, terêmos de ir filiar as contradições flagrantes do génio, os mistérios d'aquêle temperamento ora expansivo e jovial em extrêmo, ora macambusio e como que prostrado desoladamente.

Os curtos periodos de tréguas escolares ia passá-los a Vila de Frades, em cujo têrmo sobresaía, gosando de popular fâma, o donairôso garbo da sua figura desempenada e esvelta. Manifestava uma predileção carinhosa pelas flôres, sendo facil encontrá-lo, em dias festivais, com o chapeu toldado de rosas hilariantes. Depois, esta predileção intimamente arreigada n'alma do artista, desenvolvendo se pouco a pouco numa resplandecencia mimosa, transformou-se n'um verdadeiro culto, que o acompanha pela vida afóra. Nas *Pasquinadas* diz Fialho com Amiel: a rosa não é uma flôr, a rosa é um estado d'alma.

N'umas férias, quando o tédio me assaltava pelas esquinas salitrosas de Vila de Frades, deparei com Fialho. Estava n'um desses dias felizes conversador e afavel, levemente sentimental.

— Acabo, dizia-me êle, de dar o meu copo de leite ao espirito! Quando por aqui estou, todos os dias de manhã, a creada me leva ao quarto uma jarra de rosas frescas e virginais — .

Ao deixá-lo, tomei apontaménto da fráse, mal pensando, que dias volvidos, o grande paizagista alemtejano, vitima dum deslocamento renal, se havia de eclipsar para sempre no ocaso da existencia, entre a indiferença de Acacios e as apreciações de Lobos da Madragôa!

Bem conhecia êle o nosso meio quando escrevia: «...não vae porem o tempo a sabor de apótheoses espontaneas, nem a sociedade portugueza tem momentos lucidos para attentar nos immortaes que não hajam subido a pedestal, pelas escadarias cebosas de S. Bento». E foi sobre este organismo social, moralmente empobrecido, descaradamente avelhacado, que Fialho, o grande Mestre da Ironia, impiédosamente derramou os jactos dos seus sarcasmos. Desde bem novo que a risadinha de critico implacável lhe contraia os labios. Como prova, aí estão essas paginas epigrafádas *Ao Sol*. Concluira Fialho a formatura e foi exercer clinica em Vila de

Frades. Alguem tentou demovê-lo de tal proposito, lembrando-lhe o prejuizo resultante da escacez absoluta de amigos ilustrados que o entendessem e por outro lado o não pagamento do receituario que fizesse. Ao que Fialho respondeu: Não obstante estar no meio de *féras*, não embrutecerei, tenho o livro que me distrae; quanto ao segundo ponto se os *avençados* não pagarem prontamente, zurzi-los-hei a látegos de ironia. Tempos passados dava-se o facto profetisado. A' data, por vezes, sob o pseudonimo de Valentim Demonio, colaborava Fialho na *Illustração* dirigida por Mariano Pina.

Começaram então a aparecer aí os artigos intitulados *Ao Sol*, magistral e fiel pintura de costumes e *tipos* locais. Para dar o verdadeiro apreço a aquélas miniaturas preciosas, necessario se faz conhecer os fotografados, aos quais nem o nome alterou. Desvendados os misterios da Arte á alma *contemplativa* e *candida*, a sua fantasia ardente avoejava extasiada pela mansão ridente do sonho, imersa, por vêzes, na admiração religiosa do mundo helenico, fixando os traços fulgurantes e indeleveis d'uma arte imorredoira, e, emocionada pela intuição nitida do Bélo, vibrando de intensa nostalgia, éla ivocava misticamente todo esse passado maravilhôso, rutilo de encantos atravez o nevoeiro dos séculos. Sob esta tensão de espirito escrevia: « atravez das edades vão os meus olhos sonhando em ridentissimas miragens, a pompa das vindimas no mundo velho, que os prosaismos da vida egoista exautoraram das suas galas mytologicas ».

O Templo das tradições, envolto pelas neblinas misteriosas dos séculos, que magicamente o engrinaldavam de encantos, viéra á terra com estampido surdo, sob os sarcasmos fatais de duas gerações demolidoras. Entre a poeira dessas ruinarias desconjuntadas, Fialho, possuido dum vago espiritualismo, punha de banda o ferrête esbrazeado da Ironia e, deixando-se arrebatar pela bondade inata do seu temperamento, fugindo dos centros grandes, onde a vida é artificial e prosaica, descia ás camadas *chamadas infimas* da sua aldeia mãe, evidenciando a grandeza simples das almas rusticas, nas paginas mais belas da literatura moderna. Esquivando-se ao pessimismo enervante, que começa a avassalar as novas gerações, recolhe á vida provinciana, gastando

as longas noites de inverno em volta da lareira, á mistura com aldeões, que narravam, a seu pedido, historias tradicionais de frades. A' despedida invariavelmente, remunerava cada conviva com um tostão.

D'aqui resultou que, esgotado o reportorio, na pista do ganho, cada qual fantasiava a seu bel talante longas patranhas sem gosto, nem arte. Fialho ouvia-os compassivamente e, farejando-lhes a invenção galharda, fechava com ironia: — esse não vale um tostão!...

Foi neste ultimo periodo da vida que conheci Fialho.

No isolamento absoluto de todas as amisades sinceras, transformado todo o clarão iriado de esperança n'uma visão longinqua nebulosamente esboçada, Fialho sentia-se morrer dia a dia, apresso p'las recordações sacratissimas, que lhe evocavam á alma os sitios da sua infancia. E em lagrimas, por vezes, reconstruia a scêna do passado, movimentada por entes queridos que a morte levara um a um .. E hoje entre os vivos sómente êle estava e um irmão degeneradamente imbecil, que o Destino reservára como ironia suprêma!

Uma irmãsita leve e gracil, duma belêsa nervosa, aquéla Judith do conto, finára-se em edade tenra, levando-lhe as ilusões ridentes da sua alma juvenil. Tempos volvidos um outro irmão faléce, vitima da tára hereditária, que do berço trouxéra.

Finalmente o pae deixa o mundo num dos momentos mais angustiosos da vida do artista.

Eram éstas recordações dolorosas que lhe marejavam o olhar quando, ao final da vida, cançado e doente só cuidados mercenarios lhe zelavam a saude esmorecendo. Andava então cabisbaixo, dentro do varino usual, pensativo e concentrado, como que reunindo os farrapos dispersos da sua alma de creança. Desaparecia o artista que gosa no sofrimento, para surgir o homem que sucumbe á dôr! Depois desiludido, acabrunhado, realiza aquéla profecia que aventára ousadamente nas *Pasquinadas* afirmando que a gente aos sessenta ânos se arrepende de coisas que pregou aos vinte.

A convivencia com a simplesa da alma popular, o isolamento a que se votára, a melancolia duma paisagem pro-

fundamente desoladora, o sussurrar religiosamente misterioso da ventania nos olivêdos seculares pelas tardes limpidas e estiradas, agonisando ofegantes em crepusculos longos num ceu rubente, as sombras incertas de antepassados queridos, que o recordar morbido do artista erguia do nada, num resurgimento fantastico, o intimo receio da Fatalidade, que lançara o anátema terrivel sobre a familia inteira, tudo isto foi pouco a pouco lançando na alma de Fialho um vago espiritualismo, uns misticos lampejos, que em certos instantes se convertiam em superstição.

E' conhecido o facto d'êle apanhar ferraduras velhas topadas pelos caminhos, alegando, segundo a filosofia popular, que isso dava felicidade.

Fialho alimentava um extraordinario horror á morte!-

Torturava-o satanicamente a idéa do aniquilamento fatal. Estava sob esta impressão dolorosa nos ultimos tempos. Então raro a alegria lhe aflorava aos labios.

Recordo-me duma das ultimas ironias, que em conversa, dispendeu. Existe em Vila de Frades um honrado temperamento aldeão, muito querido e estimado no termo. A êle corre o povo inteiro a pedir explicações sobre recenseamento militar, pagamento de contribuições, décimas, etc., etc. Tudo que existe de portas a dentro se présta sem rebuço ou má vontade. Adoeceu, porem, o pobre homem com um padecimento de bexiga, ejaculando grandes quantidades de areia. Fialho, que observára as impertinencias dos camponezes em casa do desgraçado padecente, dizia sorrindo: Dentro em breve as visinhas aproveita-lo-ão, pondo-o de pernas para o ar, como ampulhêta p'ra contar o tempo.

Descrevendo as impressões dum provinciano que fôra a Lisbôa p'la primeira vez, contava Fialho na sociedadesita de Cuba, a seguinte anedocta: Rua do Ouro acima caminhava o nosso homem, na atitude pascacia das grandes sensações quando subito, rapido como o pensamento, passa um automovel. O provinciano mal distinguiu o carro, pasmou!

Momentos volvidos outro em veloz carreira. O espanto chegara ao auge. Jurára todavia observar de perto os endiabrados objectos.

Então passa um automovel vagarosamente pachorrento.

O provinciano estaca, como se raizes o prendessem ao solo e, de braços cruzados, murmura filosoficamente:

— Raio d'invenção! As bêstas vão lá dentro!

....

Pouco vulgares eram porem, estes momentos de alegria. Vagos presentimentos o assaltavam, anunciando lhe o fatal desfêcho.

Tempos decorridos cerrava-se o tumulo do maior artista contemporaneo entre o grasnar deslavado de corvos, que o cheiro da podridão atraira, e o remexer imundo de sapos verdoengos e salamandras viscosas no monturo infécto.

Coimbra, 1-1912.

Garcia Pulido.

O PRAGMATISMO

Esphinge, symbolo eterno !

Na philosophia contemporanea nitidamente se destaca, como corrente de ideias dominantes, o systema, dito pragmatista. O pragmatismo, com os seus innumeros adeptos, e doutrinas derivantes, tem, de ha annos para cá, exercido forte e decisiva influencia, imbuindo lentamente os campos mais vastos da especulação. Estudar este movimento é pôr em relevo um dos mais interessantes aspectos da actualidade, é traçar muito principalmente o *ethos* de uma raça superiorisada pela sua energia, pela sua lucta titanica de vencer e de se impôr: é na America que o pragmatismo nasce.

Pierce, em 1878, na *Popular Science*, inicia o apostolado, inventando simultaneamente o termo adequado ás suas doutrinas, vinte annos mais tarde renovadas pelo philosopho psychologo William James, seguido tambem por Dewey em Nova York, e Schiller em Oxford.

Procurarei traçar em poucas palavras o systema pragmatista, fugindo o mais possivel a considerações que exigiriam do leitor grande esforço mental: é pois este meu artigo destinado mais a divulgar conhecimentos do que a discutil-os.

O pragmatismo, nascido como reacção contra a philosophia intellectualista, tira á intelligencia o poder do verdadeiro conhecimento objectivo utilisando-a apenas como instrumento util nas operações que procura realisar. Isto é novo? Doutrinas antigas já assim nos fallavam e o pragmatismo reviveu-as com excepcional brilho. As concepções praticas do mundo serão as bases onde assentam as concepções theoricas.

Schiller diz-nos claramente o que é o pragmatismo: este consiste em reconhecer absolutamente que o *caracter finalista* da vida mental, em geral, deve influenciar e mesmo penetrar as nossas actividades cognitivas mais intimas. E' um movimento que aproveita de Kant a sua *razão pratica*, que sustenta principios basilares do utilitarismo inglez. Achada uma concepção, o pragmatista pergunta: que significa ella para mim? qual a utilidade que dahi deriva? O fallar em pragmatismo é lembrar utilidade: que tudo tenha um certo fim — abstracções de nada servem. O criterio da verdade é notavel segundo este modo de vêr: esta deixa de viver sob um criterio intellectual ou racional para ir viver sob uma philosophia compativel com as necessidades e aspirações. *A verdade é o opportuno na nossa maneira de pensar.* O verdadeiro é o que produz resultados e assim, como dizem os anti-pragmatistas, o falso póde ser o verdadeiro, criterio accentuadamente inspirado no utilitarismo.

O conceito pessoal ou individual é importantissimo para o systema: o homem é a medida das coisas — Schiller resurge esta phrase de Protagoras estabelecendo o *Humanismo.* O facto de ligar tudo ao individuo faz nos pensar no *nominalismo* e o desprezo pelas soluções puramente verbaes que trazem comsigo polemicas ociosas e abstracções, conduz nos ao *positivismo* levado ao transe: as razões praticas inspiram as nossas concepções -- *empirismo radical — experiencia — acção.*

E com a acção apparece implicitamente a predominancia das nossas preferencias e *interesses* subjectivos a tudo guiarem: o temperamento tem pois um largo papel a desempenhar — as verdades que mais nos importa conhecer são aquellas que foram *sentidas* e *vividas* antes de serem pensadas. Ao pensamento oppõe o pragmatismo a *visão interior* e o *sentimento* ou a *emoção.* A força de uma ideia tem de exprimir *uma verdade interior:* o poder do *eu* para se dominar e transformar » e daqui surgiu, já com Protagoras, este principio: deve ser rejeitado todo o valor intrinseco, toda a relação que o pensamento possa estabelecer entre as coisas *independentemente do homem.* A *crença* acompanha a acção e precede a experiencia exterior.

O pragmatismo sustenta a contingencia e já Lotze a affirmava tambem. Peirce fala-nos no predominio universal do *acáso* e da *contingencia* produzindo *apparencias de leis* que não passam de *regularidades provisorias*.

Se encararmos uma lei particular qualquer, vemos que ella não pode ser senão aproximativa (Poincaré — A Sciencia e a realidade). As formulas são sempre, sempre imperfeitas; medidas mais precisas devem-se-lhes accrescentar. O enunciado de uma lei é sempre incompleto: este enunciado deveria comprehender a enumeração de todos os antecedentes em virtude dos quaes um consequente dado houvesse de produzir-se. Deveriamos seguir então um methodo: descrever primerio todas as condições da experiencia a effectuar e a lei diria: — se todas as condicções são satisfeitas tal phenomeno terá logar. Se taes e taes condições se realisam *é provavel* que tal phenemeno se produzirá *aproximadamente*. São nos sempre desconhecidas as grandes acções — calculamol-as por *tendenciaes*. «Quando o mesmo antecedente se reproduz, o mesmo consequente deve reproduzir-se egualmente.» Este enunciado deve modificar-se, visto as circunstancias, sob cuja dependencia o phenomeno teve logar, não se reproduzirem totalmente. Assim deve-se dizer: se um antecedente, *A*, produziu uma vez um consequente, *B*, um antecedente *A*, produzirá um consequente *B'* pouco differente de *B*. Como regra pratica surge o direito de interpolação. O philosopho da Sciencia e Hypothese escreve desta forma: a lei procurada pode-se representar por uma curva — a experiencia tem feito conhecer certos pontos della. Em virtude do principio enunciado por Poincaré estes pontos podem ser ligados por um traço continuo. Novas experiencias fornecerão depois novos pontos da curva. Se estes pontos se encontrarem fóra do primeiro traço teremos de modificar a curva, mas não abandonar o nosso principio. Por muito numerosos que os pontos sejam pode-se sempre faser passar uma curva continua. E' notavel depois a affirmação do auctor do Calculo das Probabilidades.

Vem com o pragmatismo, o *agnosticismo* já sentido por Kant e Spencer: o homem é incapaz de comprehender a natureza das coisas, a sua natureza ultima. São as primeiras

paginas da *Evolução Creadora* de Henri Bergson a dizerem:

« L'essence des choses nous èchappe et nos échappera toujours, nous nous mouvons parmi des relations, l'absolu n'est pas de notre ressort, *arretons-nous devant l'Inconnaissable.* »

O valor de uma proposição, dizem os pragmatistas, consiste no facto de que ella nos ajuda a viver e citam uma proposição biologicamente util: os judeus, por exemplo, escreve um discipulo, acreditaram com persistencia na vinda do Messias libertador. Considerada esta crença biologicamente, vê-se que teve uma prodigiosa efficacia porque contribuiu para a persistencia do typo judaico.

O pragmatista, tem tão acendradamente vincada em si a *utilidade*, que sustenta a acção benefica dalguns erros uteis á vida, dalgumas illusões fecundas pelos resultados que produzem, e condemna verdades que, levadas a effeito, são prejudiciaes.

Fouillée, metaphysico idealista, vibra incisivos golpes no pragmatismo que condemna em grande parte a logica e diz no *La Pensée* que a verificação, apezar da sua apparencia pratica, é essencialmente theorica, feita segundo uma theoria, conduzida por leis ainda por descobrir, e segundo outras já formuladas

Fouillée sustenta haver um conjuncto de leis affirmativas, intelligiveis, verdadeiras, fóra das nossas necessidades e na sua exaltação anti-pragmatista diz que o verdadeiro pragmatista não passará de um surdo-mudo que, delirante, agitasse os braços e as pernas sems aber o que fazia, nem porque o fazia. Nestas palavras de Fouillée deduz-se a antipathia pela *acção pura* e libertada de todo o conceito anterior formuládo pela intelligencia.

Um outro ponto, e importante, do pragmatismo é a chamada experiencia religiosa, intimamente ligada com a philosophia da acção. William James sobre o problema religioso utilisa-se, para as suas affirmações, de uma vasta documentação biographica e auto-biographica. James faz a distincção entre a religião pessoal e a estabelecida: esta exige theologia e uma organisação ecclesiastica, portanto conde-

mnavel. A religião pessoal é um derivativo de estados interiores do individuo sobre a angustia ou imperfeição do homem.

Sob a experiencia subjectiva funda William James a religião, e defende a sua acção util, dizendo: a sciencia deu á humanidade a telegraphia, a electricidade, a diagnose e a cura dalgumas doenças; a religião dá a certos homens a serenidade, a paz, a força moral, a cura dos males mesmo physicos, rebeldes ao tratamento scientifico; ou bem ainda uma fé, um ardor, um enthusiasmo, que transformam a personalidade, até no seu intimo e lhe conferem um poder extraordinario sobre si e sobre a alma dos outros homens. William James chega a collocar a experiencia religiosa acima da experiencia scientifica.

William James vem afinal a conciliar o methodo experimental e as tendencias espiritualistas: é o estudo da experiencia religiosa e da actividade subconsciente um dos pontos mais interessantes da doutrina de James.

Aarão de Lacerda

ERRATAS:

Pagina	Linha	Em vez de:	leia-se:
8	22	primasia	primaria
11	27	elegancia. Oscar Wilde	elegancia, Oscar Wilde
12	6	Gueensbery	Queensbery
19	2	*vistosos*	vistosos
»	35	executarem sem *vibração*	executarem; sem *vibração*
»	36	transcendente sem esta obra	transcendente; sem esta, a obra
24	5	Tompo	Tempo
40	20	liquefeitas	liquefeitos

LUAR DE AGOSTO

Luar de agosto,
dizem que ao de janeiro dás p'lo rosto,
— e eu bem n'o creio, ó meu luar de bençam!

Manjar que Deus pediu p'ra a sua mesa,
contigo incensam
os anjos todo o Ceu e toda a Terra.
Ó oleo de pureza,
louvada seja a urna que te encerra!

Divino sacramento,
pairando espiritual, pairando lento,
ha indulgencia plena aonde cáis.
Paisagens torcionadas, moribundas,
tu veste-las de graça, — se as inundas,
parecem por milágre immateriaes!

Teta a escorrer, peneira a peneirar,
quem é, cabrinha mansa, qne te ordenha,
mó ligeirinha, quem te faz girar?!

Mão que aveludas a aspereza ás Coisas,
ó semeador de lirios e açucenas,
aonde quer que poisas,
logo em nevada espuma te desfazes!
Pastor de cisnes, olha que os depennas!
Meu jardineiro dum jardim suspenso,
não sei p'ra que esbagôas os lilazes!

O' doce, ó clementissimo, ó piedoso,
ó sempre internecido,
tu deves ser, luar sagrado, a amares,
como o não era o apaixonado esposo
da moreninha ardente dos Cantares!

Dizem que ao de janeiro dás p'lo rosto,
— luar de Sonho, condoído e brando,
— e eu bem n'o creio, ó meu luar de agosto!

A Sulamite, quando
a altas horas te apanhou na vinha
com passos cautelosos, vindimando,
não se assustou, ficou mas foi doidinha!

A voz da Sulamite, como um fio de azeite na clareza da noite canicular:

« Lá bates tu ao postigo,
que teima a tua, luar!
Se já dormiste comigo,
não penses que has de tornar! »

Chaga de luz, ó Ulcera-do-Lado
dum novo, dum ideal Crucificado,
não saras nunca, esse sangrar não finda!
Rasga-te mais, deixa esvair-te, ó Chaga,
porque o jordão de amor que nos alaga,
não é bastante ainda!

As almas e as raizes teem sêde,
sêde infernal que nada apazigua...

Olhos da Noite, ó astros de oiro, vêde
como a escaldar em febre a terra sua!

A' pobre, ardendo em rubro desvario,
ninguem lhe mata a sêde insaciada.
A empeçonhada vibora do estio
mordeu-a, remordeu-a com furor.

E a Agua expatriou-se,
anda por montes duros exilada!
Lua de agosto, minha Branca-flôr,
vem tu, vem tu, ó enfermeira doce,
pençar á Terra o cáncro abrasador!

Vem arranca-la da aflição, que é tanta,
vem dar-te, ó hostia-pura,
ás almas e ás raizes por igual!

Parte-te, despedaça-te, urna-santa,
despenha-te da Altura,
ó demandado, ó mistico San-Graal!

António de Monforte.

O NOSSO FILHO

A Helena

O nosso filho, amor, o nosso filho,
Com o qual sonhamos, por quem já soffremos,
Ha-de seguir da vida o duro trilho,
Amparado a virtudes que não temos.

Será forte e feliz. Logo ao nascer
Os Fados bons hão-de cercar-lhe o leito.
E do fundo céu claro ha-de descer
A benção do Senhor sobre o seu peito.

Terá olhos azues. O azul é a côr
Que mais penetra o coração da gente.
Assim o diz o povo. E com que amor
O vae dizendo o povo humilde e crente!...

Cabellos d'ouro. Ouro em pobreza é raro.
E, assim como será ditoso e bom,
Dará aos pobres, n'um sorriso claro,
Todo esse ouro transformado em dom.

Labios abertos, frescos. Que se veja
Que n'elles a mentira não fez ninho,
Qual uma casa que n'um longe alveja,
Hospitaleira, á beira d'um caminho.

Crescerá junto a ti. As mães, melhor
Que nós, os homens, teem carinhos, beijos,
Que, além, na vida, n'uma vida peor
São-nos saudades, sonhos e desejos!

E dir-lhe-has — tu saberás disel-o —,
Que tenha horror a quanto é baixo e vil
E seja para os pobres — como é bello ! —
Mais do que humano, quase que infantil !

P'ra quando formos velhos, bem velhinhos.
E elle um homem então — annos passados ! —,
Como arvor's que envelhecem nos caminhos,
Tenha por nós desvellos e cuidados.

E a envelhecer, a envelhecer, dormentes
No sonho bom que o envelhecer alinda,
Nós julgaremos vermo-nos contentes,
No seu olhar, na sua face ainda !

E' assim que eu quero o nosso filho. E' assim
Que o sonho e vejo. Cheio de bondades.
Tendo no coração muito de mim,
Tendo de ti, amôr, as qualidades.

.....

Se fôr mulher... Se fôr mulher, querida,
Como tu nascerá, egual talvez. .
P'ra que eu ainda n'essa tenra vida
Te volte a amar uma segunda vez !...

Inverno de 1911

Rual Martins

SONETO

Bemdita a Santa que me dér um verso!
A que souber mingoar-me o mal da vida,
acordando p'rá Vida o fogo immerso
na minha Carne timida e dorida!

Amigos, sim, sê-lo-hemos, se quizéres;
pois nem que maior dôr me torturasse
deixaria de vêr, d'outras mulheres
no olhar amigo, a luz da tua fáce.

Amigos, sim, visto que assim o quéres...
E dava-me por f'liz se ora alcançasse
diluir na dôce estima que me déres
mór mal que o mal d'agora me causasse...

Mór mal que o mal d'agora .. Pois, sonhando
que outro será teu rei e teu senhor
— tu, que d'um Poeta foste o sonho brando —,

peço a Deus que te leve... A minha Dôr
havia de cantar, em te enterrando
n'esta Alma onde enterraste o meu Amôr!

João Amaral

De profundis

Vamos rezar, amôr, um *De profundis* triste
por alma dêste Sônho ingénuo que morreu.
... um sônho que eras Tu! ... um sônho que era meu! ...
Vamos resar, amôr, um *De profundis* triste.

Fála! Mais baixo... assim, como um rumôr,
que eu não intenda quasi... um respirar sómente...
Porque, afinal, na Vida é sempre bem melhor
adivinhar que conhecêr inteiramente!

« *De profundis clamavi*... » vais resando
e encanta e canta a tua voz macia.
Passa no azul, aveludado e brando,
um sôpro religiôso de agonia.

E eu, que me sinto bem esta manhã
sob êste sol procreador e santo,
julgo escutar pedaços de Chopin
na lenta melopêa do teu canto.

« *De profundis clamavi*. . »
E uma tristêsa enorme
(tristêsa de quem já viveu e se recorda!),
ouvindo a tua voz, monótona, uniforme,
dentro de mim acorda.

E ponho-me a lembrar o meu Passado,
todo um rosário de aventuras loucas,
e sinto n'alma o travo envenenado
dos beijos que colhi de tantas bôcas.

Fugí de casa, a rir, na manhã clara,
voltei de noite, pálido, descalço.
Onde eu busquei o trôno que sonhára,
achei um cadafalso.

Ai, quantos desenganos!
quanta ilusão desfeita brutalmente!
E é duro, ó meu Amôr, apenas com vinte anos
já têr Passado a gente!

« *De profundis clamavi...* »
Inutilmente andei
num amorôso, inútil porfiar
e nem um só dos sônhos que sonhei
eu vi realisar.

Com uma fé que melhor paga merecia,
no Amôr — o velho engano — eu puz o meu Desejo.
Luctei... luctei... e ao cabo sucedia
que um beijo tinha sempre o gôsto doutro beijo.

Ai, a tragédia lùgubre da Posse!
a Saciedade o Tédio!... eu sei lá bem!
O Amor!... Quanto azedume não contém
esta palavra doce

« *De profundis clamavi...* »
Então vi-me sósinho,
sem afectos, sem risos para dar,
como um velho piloto entrevadinho
olhando o Mar.

Mas, dos escombros dessa enórme derrocada,
um Lírio excepcional, magnífico, nasceu.
Torre de prata, Pedra de Ara consagrada,
ergueu-se ergueu-se e foi tocar o Céo!

E então da minha dôr, dessa tragédia inquieta,
fiz um Poema torturado, acerbo.
Deu-me a Saudade as tintas da palêta
e o pranto que chorei a força do meu Verbo.

Oh! com que ardôr, com que prasêr sem fim
busquei domar as Fórmulas severas!
Mais perto... mais... cada vez mais... Emfim!
Oh grande vida a de quem tem chimeras!

Mas um dia chegou — e outros vieram! —
em que me puz a ler o meu rosario de ais...
E vi então que essas estrofes eram
palavras, só palavras, nada mais.

E eu, qne da minha dôr julgára emfim ter dito
o mais que dizer póde humana creatura,
relendo o meu Poema — um pouco de Infinito! —,
vi que fizéra só litteratura!

O' torturado anceio do Perfeito,
ó mágua inegualavel de crear!
Grito que sai numa explosão do peito
e se faz névoa e se dilue pelo ar...

Vida, Harmonia, Côr, nunca a palavra as dá
como elas são e a nossa febre quer.
Ah! meu Amôr, jamais se escreverá
verso que valha um Côrpo de Mulher!

« *De profundis clamavi...* »
Fala! canta!...
e, sôbre a chaga viva do meu peito,
coloca me, num brando o piedôso geito,
as tuas doces mãos linfáticas de santa!

Mãos boreais, mãos de mistério, vêl-as
é atar os pulsos á noss'alma escrava.
Mãos de vitral, mãos finas como aquelas
que Angélico pintava.

Mãos de Madona, de veludo e prata!
mãos p'ra embalar! mãos de enfermeira e mãe!
Ai, vede, ó lindas mãos, a angustia que me mata...
embalai-me tambem!

« *De profundis clamavi...* »
E eu que julguei
que o teu amôr seria a cobiçada palma!
Pobre de mim! quiz coroar-me rei
e coroei de espinhos a minh'alma!

Louco, supuz que em ti encontraria,
ao cabo desta lucta incerta e desigual,
o meu Cálix da paz e da alegria,
o meu inacessivel Sam Graal!

Em vão o teu desdém, com sábia arte,
me repeliu, me espicaçou, me fez sofrer.
Porque não te entregaste havias de entregar-te
e eu tinha fatalmente de vencer.

Ai de nós! ai de nós! melhor nos fôra
que me fugisses sempre e eu sempre te buscasse!
não teria este amôr tão breve desenlace
e o Tédio talvez não me devorasse agora.

« *De profundis clamavi...* »
Ah! não nos odiemos
p'la dôr deste minuto, inegualavel dor!
Beija-me uma vez mais e, sem rancor,
de novo a estrada antiga retomemos.

Da tua ilusão morta outra ilusão,
verás, reflorirá... p'ra um novo desengano!
Na vida as ilusões, ó minha Amiga, são
rosas de todo o ano!

Se uma se desfolhou, logo outras hão-de abrir,
cheias de seiva e de alegria cheias.
Vamos! a Vida canta-nos nas veias!
Ainda havemos de rir! ainda havemos de rir!

Vamos! Dentro de mím eu sinto um novo mundo
das cinzas do Passado renascer!
Acorda, ó minha Carne, e vem, ao sol fecundo,
gritar bem alto a gloria de viver!

Vamos! vamos!... Mas não... p'ra que mentir-te agora!
Eu já não posso mais, matou-me a caminhada.
Depressa envelheci! Queimei-me, ó bem-Amada,
no proprio fogo que acendi outróra.

Vai, minha Irmã, e esquece o que te disse, aquelas
palavras a sangrar terriveis afflicções.
Para ter ilusões não basta qu'rel-as
e a Vida é para quem tiver mais ilusões!

Amarante — Set. — 1910.

João de Lebre e Lima.

BIBLIOGRAPHIA — *LIZ E LENA*

Versos de Marques da Cruz

Com este pequeno volume fáz o Poeta a sua estreia literária e, apraz-me frisal-o, essa estreia, na sornice madraça da vida acadêmica, foi um rasoavel triunfo, que, por certo, o haveria de lisonjear.

Marques da Cruz, naturalmente tímido, só a raros íntimos lia os seus versos, evitando revelal-os ao público que o cercava, por um justo receio de os vêr ultrajados a piparotes de Ironia por essa cafila apagada de irreverentes por impotencia ou inveja. E foi assim que a Academia, quando deparou com o livro pelas montras dos livreiros, arregalou a orbita morrinhenta na previsão gososa dum pedacinho de má lingua. Mas, abertas essas páginas comovidas, que uma ancia honesta de fasêr algo realisára e a que um fecundo enternecimento pela nossa terra de Portugal déra um belo sôpro de vida; lidos esses poucos versos, aonde, se por vezes a inspiração falhava ou era menos perfeita a justêsa da visão artística, nunca a sinceridade — a mais preciosa qualidade do Artista — era violada, os sorrisos esmoreceram e foi, talvez com mágua de alguns, que as nossas mãos se uniram num consolado aplauso pela tentativa do camarada.

Não estamos em frente — absurdo seria esperal-o — duma obra perfeita, sem tacteamentos, qualquer que seja o ponto de vista escolhido para a apreciarmos. Marques da Cruz falou porque os nervos lh'o impuseram e, na realisação do seu trabalho, só a eles obedeceu. Nem torturou o coração e o cérebro na procura vaidosa dum impossivel sentido de vivêr; e, em vez de atirar á sêde das nossas almas — desapegadas de tudo pelo embate de mil ideais — um compêndio rimado de metafísica, deu-nos um verdadeiro sorriso de verdadeira Vida. Apenas á emoção deve a sua Arte e com o que ela lhe dá se contenta. E assim é que, volvida a última página do livro, se não ficamos *sabendo mais*, logramos ao menos sentir o peito um pouco menos oprimido. Para esses os nossos louvôres, para os que nos embalam piedosamente os nervos mortificados, sem nos rebentar o cráneo com as dolorosas piruetas dum intelectualismo cheio de ciladas!

Para concluir estas notas, forçadamente redusidas, destacaremos do livro algumas poesias, como a *Lenda do Liz e Lêna*, as *Borbolêtas*, a *Gase de linho*, as *Sinas* etc. dum encantadôr e suavissimo lirismo. E, finalmente, a *Carta da aldêa*, uma *trouvaille* preciosa, no género complétamente inédita.

EXPEDIENTE

Neste número publica a DIONYSOS um autógrapho inédito de Camillo por intermédio do Ex.mo Professor João Diógo, pertencente ao Ex.mo Sr. Guilherme Corrêa Leite que a esta o cedeu. Aos dois senhores, aqui deixamos consignado o nosso reconhecimento.

— Nos próximos números publicar-se-hão autógraphos inéditos de Camillo, Fialho, Castilho, Antonio Nobre, etc.

— A todos os livros enviados a esta revista, se fará referencia especial.

— Toda a collaboração é sollicitada.

— E' respeitada a ortographia dos collaboradôres.

— Toda a correspondencia deve sêr dirigida para a Redacção desta Revista, Travessa da Couraça de Lisbôa, n.º 24, Coimbra.

— A Importancia das assignaturas, cobrar-se-ha após a sahida do 1.º numero.

DEPOSITARIOS:

Francisco França & Armenio Amado

R. Ferreira Borges, Coimbra

Composto e impresso na

CASA MINERVA

J. M. Pinto Ramos, Suc.ª — Estrada da Beira — COIMBRA

DIONYSOS

PREÇOS

	Por número	Por série (5 numeros)
Portugal.....	100 rs.	500 rs.
Estrangeiro ...	60 ct.	4 fr.
Brazil.....	300 rs.	2$000 rs.





SERIE I

N.º 2

2.ª Edição

Dionysos

REVISTA MENSAL de PHILOSOPHIA,
SCIENCIA e ARTE

COIMBRA

MARÇO — MCMXII

PREÇO, 100 RS.

Typ. Universal — PORTO

DIONYSOS

REVISTA MENSAL DE PHILOSOPHIA, SCIENCIA E ARTE

DIRECTORES — AARÃO DE LACERDA E JOÃO DE LEBRE E LIMA

SECRETARIO — JULIO CID EDITORES — FRANCISCO FRANÇA & ARMENIO AMADO

SUMMARIO D'ESTE NUMERO (MARÇO DE 1912):

Positivismo e Idealismo	SIMEÃO PINTO DE MESQUITA
Valor objectivo do conhecimento humano . .	A. A. MENDES CORREIA
Humor e Philosophia	VILLA-MOURA
Evolucionismo e critica litteraria	FIDELINO DE FIGUEIREDO
Esplendor, decadencia e resurreição do espirito theatral.	GUSTAVO FERREIRA BORGES
O Genio Ocidental	ANTONIO DE MONFORTE
Voltando os olhos	HYPPOLITO RAPOSO
Carta a Antonio Monforte	JOÃO D'ALCACER
Autographo de	FIALHO
Apontamentos para a Historia de Coimbra. .	A. M. SIMÕES DE CASTRO
A população de Portugal	BENTO CARQUÉJA

VERSOS:

Idilio de Theocrito	AFFONSO LOPES VIEIRA
Melodia das Flores	ANTONIO COBEIRA
Almas do Bosque	MANUEL EUGENIO MASSA
Minh'aldeia	BERNARDO DE PASSOS
As tres	» » »
Cavando a terra	MARQUES DA CRUZ
Prece pelos pintos	JOSÉ COELHO DA CUNHA

NUMERO AVULSO .. .. 100 REIS

PREÇO DOS ANNUNCIOS

POR SERIE	NA CAPA	ALÉM DO TEXTO
1 pagina	4$000 reis	3$000 reis
1/2 pagina	2$000 reis	1$500 reis
1/4 pagina	1$200 reis	900 reis

DEPOSITARIOS:

FRANCISCO FRANÇA & ARMENIO AMADO

RUA FERREIRA BORGES — COIMBRA.

DIONYSOS

Synthese do movimento intellectual contemporaneo: o pragmatismo e as novas correntes philosophicas. Chronicas de sociologia, historia e arte. Artigos de esthetica musical e artes plasticas (esthetica regionalista). As Ideias e os Factos. Estudos de indole especulativa. Litteratura e Poesia.

REDACÇÃO — PALACIOS CONFUSOS — COIMBRA

COLLABORADORES:

Dr. Aarão Ferreira de Lacerda (prof), Affonso Duarte, Affonso Lopes Vieira, Affonso Rodrigues Pereira, Alberto Monsaraz, Alfredo Guimarães, Alfredo Pinto (Sacavém), Alvares d'Almeida, Americo Chaves d'Almeyda, Antonio Arroyo, Antonio Augusto Gonçalves (prof.), Antonio Carneiro, Antonio Cid, Antonio Cobeira, Antonio Corrêa d'Oliveira, Antonio Joyce, Antonio de Monforte, Antonio Sergio, Augusto Casimiro, Augusto Gil, Bazilio Telles, Bazilio de Vasconcellos (prof.), Bento Carqueja (prof.), Bernardo de Aragão, Bernardo Passos, Brito e Silva, Cabral Moncada, Dr. Caeiro da Matta, (prof.), Candido Guerreiro, Carlos Amaro, Carlos de Mesquita, Carlos Villamariz (prof.), D. Carolina Michaelis (prof.), Coelho de Carvalho, Eugenio de Castro, Felismino Gomes, Fernando Cochopel, Fernando Moreira de Sá, Ferreira Borges, Fidelino de Figueiredo (prof.), Firmino Pereira, Garcia Pulido, Germano Rocha (prof.), Gustavo Cordeiro Ramos (prof.), Henrique Rosa, Hippolito Raposo, João d'Alcacer, João Amaral, João Augusto Ribeiro (prof.), João de Barros, João Cid, João Diogo (prof.), João Grave, João Sant'Iago Presado, Joaquim Amaral, Joaquim de Vasconcellos (prof.), Jorge da Cruz Jorge, José Coelho da Cunha, José de Figueiredo, José Victorino Ribeiro, Julio Brandão, Magalhães Collaço, Manuel da Silva Gayo, Manuel Eugenio Massa, Manuel Telles, Mario Beirão, Mario Cambezes, Mario Pacheco, Dr. Marnoco e Souza (prof.), Martins Manso, Marques da Cruz, Mendes Corrêa, Mendes dos Remedios, Moreira de Sá (prof.), Nogueira Soares, Paulo Merêa, Raul Martins, Ribeiro Castanho, Rocha Brito, Sampaio Bruno, Sebastião Costa, Silva Telles (prof.), Simeão Pinto de Mesquita, Simões de Castro, José Sobral Cid (prof.), Souza Costa, Sousa Pinto Teixeira Gomes, Veiga Simões, Vicente Pindella, Vieira Natividade, Villa-Moura, Wittnich Carrisso.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario da redacção.

- Toda a collaboração é solicitada.
- E' respeitada a ortographia dos collaboradores.
- Só se publicam ineditos.
- A todos os livros enviados a esta Revista, se fará referencia especial.
- Nos proximos numeros publicar-se-hão autographos inéditos de Camillo, Fialho, Castilho, Antonio Nobre, Bispo de Vizeu, Saldanha e Silva Pinto.

Positivismo e Idealismo

PARECE-ME, talvez, que a forma mais facil e accessivel de esboçar as tendencias, tão enubladas ainda, do pensamento contemporaneo, consistiria em resumir os modos de ver dos philosophos que melhor o encarnam, procurar estabelecer entre elles parallelos, que nos mostrem as suas divergencias e sobretudo aquillo em que se encontrem. E' o que vamos tentar fazer, com a nossa minima competencia, em alguns artigos para esta Revista.

Mas, antes de começar, seja-nos licito analysar hoje, á láia d'introducção, as posições em que respectivamente se encontram, no momento actual, as duas grandes correntes philosophicas em lucta: o *Positivismo* que dominou por forma quasi exclusiva o seculo findo e o novo *Idealismo* renascente.

A nossa epocha, em grande parte por virtude de uma evolução demasiado rapida e desequilibrada, de movimentos tantas vezes desconcertantes, é, todos nós o sentimos, uma epocha cheia de confusão e de incerteza. As tendencias mais divergentes, os elementos mais heterogeneos e antagonicos teem exercido, sobretudo nos ultimos cem annos, uma acção infinitamente dispersiva sobre os individuos e sobre a sociedade, dissolvendo n'esta a disciplina e contrariando n'aquelles a formação de uma forte cohesão interna, o avigoramento do *Eu*.

Mas se é impossivel, no meio d'este cahos, apreciar no seu justo pezo d'influencia cada um de tão contrarios elementos, é incontestavel que o traço mais visivelmente dominante dos ultimos

tempos tem sido o *utilitarismo*. Quem o porá em duvida em face da intensificação extraordinaria da lucta pela vida economica a que assistimos? Não podia uma tão geral e energica attitude social deixar de repercutir-se profundamente no campo das ideias; e, de facto, esta febre em arrancar do mundo externo o maximo d'utilidade, canalisou as actividades mentaes para o estudo das sciencias positivas e technicas, com um abandono e um desprezo parallelo pelas especulações ideologicas. A metaphysica e as sciencias psychologicas foram accusadas pelos seus detractores de uma tal esterilidade que, passadas centenas d'annos, nos apresentam os seus problemas tão insoluveis como no primeiro dia em que foram propostos.

Deslocando o seu centro de gravidade para o objectivo, teve a vida que se moldar, adaptar, escravisar ás coisas para poder utilisa-las, ter *prise* sobre ellas. D'este contacto mais directo com as realidades externas, d'este esforço constante para o mundo immediato, resultou uma infiltração, uma penetração do objecto no sujeito, em que o segundo ficou absorvido por completo, não parecendo mais que uma insignificante modalidade do primeiro. Foi perfeitamente coherente com este modo de ver que Auguste Comte eliminou da sua classificação das sciencias a psychologia, pois que a logica extrema d'esta attitude leva a considerar a consciencia como um *epiphenomeno* sem valor, assim como que uma phosphorescencia especial da materia.

Encontrou esta corrente a sua expressão philosophica no *positivismo* e nas doutrinas affins, como o *evolucionismo,* que dominaram a segunda metade do seculo XIX. Hoje os representantes d'esta corrente dão-se de preferencia a designação de *scientistas*.

Este favor que o estudo das sciencias positivas e praticas gosou nos ultimos seculos tem contribuido por seu lado poderosamente para robustecer o tradicional *intellectualismo,* já tão vincado nas nossas formas de pensar e que na expressão de Eucken «submerge a vida moderna».

Consiste essencialmente o *intellectualismo* em se dar na vida do espirito um valor quasi exclusivo ás faculdades representativas (sobretudo á razão) como unicas capazes, com os seus conceitos claros e as suas distincções nitidas, de nos traduzir por uma forma adequada o mundo externo. Parallelamante as nossas faculdades mais originaes e profundas, o sentimento e a vontade, são tidas por elle como secundarias e permaneceram quasi desconhecidas ou mal interpretadas pelos psychologos eivados d'este espirito racionalista.

Comprehende-se bem que a concepção de uma realidade constituida por formas simples, regulada por leis immutaveis, que

á Sciencia incumbe desvendar por detraz da confusão apparente das coisas, contribuisse largamente para robustecer o *intellectualismo* nato do espirito humano. A seductora clareza das formulas mathematicas e a sua vantajosa applicação approximativa ás sciencias physico-chimicas não deixaram de influir largamente n'esta corrente, fazendo nascer a esperança da applicabilidade dos mesmos methodos aos phenomenos mais complexos e obscuros da vida e do espirito.

Uma das manifestações mais inherentes ao intellectualismo é o seu grande apreço pelos conceitos abstractos com que procura definir as essencias ultimas e explicar, em formulas vazias e immoveis, a complexa, a rica e a movente realidade.

Para o *intellectualismo* o Universo realisa-se, desdobra-se nas suas manifestações com a mesma logica e necessidade com que se demonstra um theorema de algebra, cuja conclusão estava já de facto contida nas permissas. O mundo é para elle como que um edificio de estylo classico, magestosamente harmonico, eminentemente contemplavel; e, em frente d'elle, o pensamento (que absorve em si o espirito inteiro) deve ter por unica funcção procurar reflecti-lo o mais correctamente possivel, como um espelho immovel.

E' este ideal de quietação, de unidade, de *bom gosto*, que o intellectualismo (especulativo ou scientista) tem tido sempre em vista contrapor á incongruente e desolante multiplicidade das coisas.

Esta supposta projecção adequada do mundo exterior nas faculdades representativas procurou o Idealismo racionalista traduzi-la na rigidez geometrica dos seus varios systemas. Com a fallencia successiva d'estes systemas desceu-se a procurar mais *terre á terre* na Sciencia aquillo que magnificamente se perdia nos espaços. A Sciencia ia resolver com os seus methodos positivos os problemas em que a especulação pura tinha naufragado.

Foi com o espirito impregnado ainda de nevoas idealistas, foi com um enthusiasmo optimista, que revestia por vezes um caracter mystico, que a Humanidade se lançou, precipitadamente, a saciar a sêde da Verdade nos mais variados ramos do saber. E d'esta forma a Sciencia, apesar das suas affirmações de cauteloso empirismo, tomou toda a *allure*, as preoccupações, o tom dogmatico da deposta metaphysica. A denominação de *naturalismo racionalista* parece-me pois exprimir bem as tendencias d'esta attitude nos seus dois traços dominantes.

Se o espirito do seculo que passou se pode resumir n'estas duas palavras, *racionalismo* e *intellectualismo*, poder-se-ha dizer o mesmo do momento presente, ou, ainda mais, que o futuro seguirá inteiramente nesta direcção? Os factos que todos hoje obser-

vamos não me parecem ser de molde a corroborar uma affirmação n'este sentido, bem pelo contrario.

E' certo que o *utilitarismo* positivista, que tem dominado tão intensamente todas as actividades humanas, continua a prolongar-se egualmente na mentalidade média da nossa epocha, dissolvendo cada vez mais o que ainda existe de espirito tradicionalista e religioso. Mas esta sua acção, ainda apparentemente forte, não nos deve illudir.

Em face d'elle, sobre elle, uma nova corrente *idealista* (1) vae-se-nos revelando com uma nitidez crescente e augmenta de dia para dia no numero e no valor dos seus adeptos. E, da mesma forma que o espirito utilitario-positivista se infiltrara em todos os ramos da actividade mental e social, imprimindo a sua physionomia caracteristica a uma epocha, esta nova corrente, longe de representar uma egrejinha philosophica sem significado, é a repercussão na philosophia de uma attitude de espirito tão claramente assignalada já na litteratura e na arte.

Mas que causas tornariam possivel esta subita reviravolta; que aspecto novo e profundo revestirá este novo idealismo para seduzir tantos e tão altos espiritos; que condições de viabilidade apresenta: não passará de uma reacção efemera, ou terá em si elementos de vida e de expansibilidade?

Sem ter a preoccupação de apresentar respostas tolamente dogmaticas a tão obscuros problemas, julgo poder affirmar-se que a causa mais profunda de uma tão violenta reacção deve resultar d'esta importancia absorvente, d'este realce indestructivel que tem para cada individuo o seu proprio *Eu,* importancia que nos é revelada, e que nos é segredada a todos os instantes pelas faculdades mais intimas da consciencia. E' na necessidade interna de affirmar vigorosamente a existencia irreductivel da nossa individualidade, tão deprimida e apagada pelo scientismo, que decerto reside o nervo vital d'esta reacção.

---

(1) Pelas variadas significações que o termo *idealismo* tem tomado, e, sobretudo pela sua origem ethymologica, presta-se a faceis equivocos.

Effectivamente, idealismo, derivado de ideia, induz a pensar que seria idealista só aquelle systema em que se desse predominio ás faculdades da razão.

O espirito d'este termo, tem-se, no entanto, afastado do seu significado estreito e litteral. Hoje, em sentido corrente, e n'este sentido a empregamos, cabe a denominação de *idealista* a toda aquella doutrina que defende a irreductibilidade (senão a superioridade) da actividade integral do espirito em face das forças do mundo externo. Ver *Guido Villa, Idealismo contemporaneo,* pag. 7; *R. Eucken, Les grands courrants de la pensée contemporaine,* pag. 87.

A antinomia mais primitiva, aquella que primeiro surgiu ao primeiro espirito humano que se desdobrou no acto de reflectir, foi naturalmente o constraste profundo entre o *Eu* pensante, o *sujeito,* e o *objecto* pensado. O maior esforço de todos os systemas tem sido até hoje o de conciliar os dois polos d'esta antimonia, e é conforme o sentido em que a resolve ou julga resolvida que cada philosopho architecta a sua theoria como sobre um alicerce.

Se o modo de pensar dominante d'uma epocha procurou resolver esta antinomia reforçando exaggeradamente um dos seus membros em prejuizo do outro, a reacção d'este nunca se fez esperar, e tanto mais violenta quanto maior tivesse sido a sua depreciação anterior. Um subjectivismo excessivo provocou sempre immediatamente contra elle um movimento de empirismo salutar e de bom senso; mas se, pelo contrario, é a fluidez natural do espirito que se procura encarcerar arbitrariamente na rigidez inarticulada dos conceitos e das formas materiaes, origina-se logo uma contra-corrente no sentido de defender a irreductivel originalidade da consciencia. Foi este ultimo caso o que se passou nos inicios do seculo XIX com o Romantismo reagindo contra um Classicismo paralytico, e é o que se está passando, deante dos nossos olhos, com as novas tendencias idealistas.

Esta nova attitude mental tem pois, incontestavelmente, reaes pontos de contacto com o movimento romantico e deriva, segundo creio, do mesmo fundo psychologico.

Baseando-se n'estas analogias, affirmam os positivistas e scientistas ferrenhos que o actual Idealismo não passa de um Romantismo renovado, que, se a experiencia da Historia nos auctorisa algum poder de previsão, está destinado a uma vida efemera; não é mais que uma ligeira nuvem empanando por momentos a radiosa marcha do sol da Sciencia; como o Romantismo, é um movimento essencialmente anti-scientista e como elle traduz um regresso subito e passageiro a um passado mystico e obscurantista. Não discutiremos já a realidade de todos estes caracteres pessimistas emprestados tão de barato ao Romantismo, que não me parece ter tido só aquelles gravissimos defeitos que os seus detractores querem fazer suppôr. Mas o que é manifesto é que, tendo o Idealismo no fundo certas analogias com o Romantismo, não nos podem permittir essas analogias estabelecer immediatamente uma relação d'identidade. Se póde haver, sobre certo ponto de vista, analogias entre factos sociaes successivos, nunca houve repetições inteiramente identicas; a *irreversibilidade* na historia é uma lei perfeitamente verificada.

O movimento da Reforma e o Romantico derivam ambos tambem em grande parte do individualismo e do espirito de liberdade,

e quem poderia sensatamente affirmar que estes dois movimentos são uma e a mesma coisa? De egual sorte o *Romantismo* e o *Neo-Idealismo*, a par das analogias já referidas, apresentam entre si profundissimas differenças que nitidamente os distinguem, e qualquer critica dirigida contra esta ultima corrente, como se ella fôra uma simples manifestação tardia de puro espirito romantico, falha evidentemente o alvo.

A differença mais flagrante entre estas duas correntes está na sua attitude tão opposta em face da Sciencia, e foi esta differença d'attitudes que determinando, por um lado, em grande parte a vida passageira do Romantismo, parece garantir uma existencia mais solida ás novas tendencias.

O *Romantismo*, manifestação extrema do individualismo, não curou de analysar o valor da Sciencia, reduzindo-a aos seus justos limites; pô-la inteiramente de parte, desconheceu-a por completo, arrastando o espirito no vôo d'uma imaginação desenfreada; ante a mesquinhez estreita do mundo material devia o homem procurar refugio n'um mundo ideal, imaginario, cheio de grandeza e perfeição. Esta transposição facil de um mundo para outro era tanto mais acceitavel e natural para os romanticos quanto a doutrina por excellencia representativa d'este modo de sentir considerava como unica realidade o *Eu*, de quem o Universo seria uma mera projecção.

A attitude do *Neo-Idealismo* em face da Sciencia é completamente outra; longe de a desconhecer, deriva em grande parte d'ella, e é no aperfeiçoamento e na acuidade progressiva dos methodos scientificos que elle tem encontrado uma abundante fonte da sua vitalidade. Não é pois uma corrente contra a Sciencia, mas uma corrente no seu prolongamento, e só a combate n'aquillo em que esta sahiu da sua orbita, n'aquellas generalisações precipitadas que, sob a capa de Sciencia, não passam de inverificaveis e gratuitas hypotheses.

Passados os primeiros impetos de um enthusiasmo exaggerado, d'uma confiança illimitada, recolheu-se a Sciencia dentro de si mesmo como que num cuidadoso exame de consciencia. A fallencia successiva das suas vastas syntheses precoces, a necessidade de alterar, a cada nova descoberta ou verificação, as suas leis, ainda muitas das que pareciam mais inabalaveis, levaram, a pouco e pouco, ao espirito dos sabios a convicção de que o mundo era infinitamente mais complicado do que lh'o tinha feito crer a herança d'um racionalismo simplicista. Deante d'esta complexidade cada vez mais evidente, teem-se modificado immenso os processos da Sciencia, que abandonando, por um lado, a ancia de descobrir leis geraes, deu-se fins mais immediatos, entregou-se a constantes e cautelosos

estudos de detalhe, tarefas certamente mais modestas na apparencia mas mais ricas em resultados. Não contente com aperfeiçoar e com pezar a toda a hora o alcance dos seus methodos objectivos, tem procurado, alem d'isso, o espirito scientifico moderno analysar o valor do instrumento base dos processos do saber, a *intelligencia*. E não poucos sabios eminentes, especialisados nas Sciencias mais objectivas e concretas, como a physica e a chimica, se nos deparam hoje preoccupados com subtis analyses de psychologia e com os problemas quasi metaphysicos do *valor do conhecimento*.

Um dos resultados d'este *positivismo critico* que maior importancia teve para a corrente neo-idealista foi, por certo, a consciencia cada vez mais forte dos limites insuperaveis impostos á Sciencia objectiva. René Berthelot, referindo-se a H. Poincaré, diz «que n'elle assistimos ao espectaculo do espirito polytechnico destruindo-se a si mesmo»; esta formula generalisada traduz bem a attitude da maioria dos sabios-philosophos d'hoje, em que assistimos á *auto-limitação* do espirito scientifico.

O proprio exercicio aperfeiçoado dos methodos scientificos, longe de confirmar as hypotheses *monistas*, da existencia no Universo de meras differenças quantitativas, facilmente assimilaveis entre si, veio pôr em relevo, em grande parte pela sua inefficacia, a existencia de intimas differenças qualitativas, inteiramente irreductiveis. No real ha soluções de descontinuidade, como que subitas fracturas, que tornam vã qualquer tentativa para se lhes encontrar um *sub-solo* commum.

Só as parcellas exteriores, solidas, estaveis da realidade se prestam á applicação dos processos scientificos que, ainda que perfeitissimos, manteem com a vida aquella insuperavel differença que ha entre a machina mais complicada e o animal mais elementar. Outras parcellas da realidade, profundas, imprevidiveis, expontaneas, só por methodos interiores, pelo senso intimo, pela *intuição*, se deixam surprehender; applicar-lhes o mechanismo scientifico seria como procurar conter numa rede um liquido que lhe escapa pelas malhas. Para o estudo de realidades diversas devem empregar-se processos e faculdades diversas. E, desta forma, a metaphysica, que tem sido até hoje a quintessencia do racionalismo abstracto e vazio, voltou-se para o campo perfeitamente concreto, rico de sentido, d'esta realidade espiritual, que se adivinha no limite das coisas, e que mergulha em nós fundas raizes. O pensamento contemporaneo na sua mais viva corrente, traduz-se em resumo, na Sciencia por um *positivismo critico*, na philosophia e na psychologia por uma *metaphysica positiva*, e são estas attitudes como os dois ramos convergentes d'um arco de ponte em construcção. Em toda a parte e por todos os meios reina um largo espirito

de conciliação, de forma que nenhuma das partes fique prejudicada; uma synthese em todo o significado da palavra e que não seja um ecletismo arbitrario, uma verdadeira *synthese creadora*.

Esta attitude tão differente, que o Romantismo e o Neo-Idealismo tomaram em face da Sciencia, só por si bastam para desfazer qualquer equivoco sobre a sua pretendida identidade.

Um outro traço dos que mais caracterisam o pensamento contemporaneo, e a que já temos feito allusão: é o seu *anti-intellectualismo*. Pela importancia que reveste na orientação philosophica do nosso tempo, e porque, como a sua denominação o indica, é um traço negativo de que seria util determinar as formas positivas que já se vão desenhando, quereriamos aqui analysa-lo um pouco mais detalhadamente. Os estreitos limites d'este artigo não nos permittem faze-lo hoje, mas voltaremos a este assumpto quando tentarmos resumir a philosophia de James e de Bergson.

SIMEÃO PINTO DE MESQUITA.



VALOR OBJECTIVO DO CONHECIMENTO HUMANO

(Conferencia realisada em 10 de janeiro de 1912 na Associação dos Medicos do Norte de Portugal).

(Continuação do 1.º numero)

Entre todas as escolas modernas, depois da de Kant, é famosa a que teve por fundador Augusto Comte. A noção de verdade estabelecida pelo positivismo é hoje quasi universalmente acceite entre os scientistas. O positivismo é relativista, como o kantismo, mas entende que o conhecimento humano é *objectivo*, isto é, que os objectos podem ser conhecidos absolutamente pelo espirito, graças ás suas qualidades, propriedades e caracteristicas mais ou menos especificas, que impressionam os nossos orgãos sensitivos e sensoriaes. Só o absoluto e as causas primeiras, quer dizer, as especulações metaphysicas nos são vedadas.

A noção positivista do conhecimento, corrigida por uma analyse psychologica subtil e rigorosa, que cabe dentro do saber moderno, e que mostra que o conhecimento é ao mesmo tempo subjectivo e objectivo, põe á verdade e ao conhecimento enormes restricções, que se não compadecem nem com a dogmatisação excessiva da sciencia, nem com certas tentativas pretendidamente scientificas, feitas *d'emblée* no campo dos problemas primeiros da philosophia. Fizeram essa dogmatisação alguns scientistas infelizes, esquecendo que as verdades são relativas ao *objecto* e ao *sujeito* e não absolutas, e que o que é verdade hoje, como diz Jammes, é erro amanhã. As tentativas de metaphysica scientifica — permitta-se-me a expressão — fizeram-na alguns materialistas e evolucionistas, mas Brunetière mostrou como essas tentativas falliram pretendendo organisar d'um jacto systemas geraes de sciencia, de que tiveram exito apenas algumas das suas peças componentes. E' que se procedeu depressa demais. O methodo scientifico, como evidenciou o grande Charcot, avança muito lentamente, com rigor, com serenidade, com prudencia.

*

Vamos ver adeante como com o material scientifico de neurologia e psychologia que possuimos hoje, é possivel resolver o problema do conhecimento e consequentemente o da verdade. Mas avancemos a nossa conclusão de tal estudo, para podermos encerrar com algumas considerações geraes este capitulo de historia e de rapida critica philosophica, a que se seguirá o capitulo propriamente scientifico, de maior interesse talvez para os presentes.

A sciencia moderna permitte estabelecer que não ha conhecimento absoluto dos objectos, mas apenas o conhecimento das qualidades d'esses objectos que as impressões incidentes sobre a nossa sensibilidade geral e especial, e transformadas em sensações differenciadas na nossa corticalidade, nos permittem attribuir-lhes.

Não nos é possivel conhecer os objectos em si, mas apenas as formas e aspectos que os nossos sentidos e os dos outros homens nelles apprehendem. A verdade é pois relativa, e se é suggerida por uma impressão d'origem objectiva desenrola-se na corticalidade e é tambem portanto uma creação subjectiva. As causas d'erro são, pois, numerosas e as coisas em si, como muitos dos seus aspectos que a sensibilidade humana não tem meios para examinar, ficam fóra do dominio do nosso conhecimento. Conhecemos, pois, muito pouco do mundo. Como isto desagrada á nossa ancia de saber! Desde que a sciencia deixa ainda um campo enorme á nossa ignorancia, como preencher esse vacuo que atormenta tantos espiritos? Com as religiões do passado?

Parece á primeira vista que ha uma forte reacção religiosa neste seculo, animada d'uma parte pelos sectarios obsecados, productos da velha educação jesuitica, d'outra por alguns espiritos intelligentes, levados por causas meramente occasionaes para uma ideia que acaba por os empolgar, ou apenas insatisfeitos com a nudez inesthetica e grosseira das chamadas verdades positivas e rebeldes por «snobismo» ou legitimo individualismo contra os dogmas gregarios.

Mas, no fundo, o modernismo atheu avassallou as consciencias cultas, e a fé nos valores religiosos do passado é pouco sincera em algumas d'essas consciencias que a affirmam. A educação moderna, *laica*, forma espiritos couraçados contra tentativas de conversões ás velhas religiões reveladas. As apregoadas conversões ou são fingidas ou factos mal interpretados, ou demonstrações d'uma debilidade mental, vulgar nas psychopathias, sobretudo nas da senilidade. Um individuo que recebeu a educação scientifica d'hoje não acredita nem póde em condições normaes acreditar

num Deus anthropomorphico de longas barbas brancas, na virgindade da Mãe de Christo, no mysterio da Santissima Trindade, nem em mil outras invenções dos Evangelhos e dos innumeros Concilios, que durante seculos dominaram espiritualmente a christandade. Mas ás vezes parece acreditar. Verão, porém, que defende a religião por motivos d'ordem social, moral ou por outros parallelos — por um proveito utilitarismo ou por excessiva paixão n'uma lucta reaccionaria contra certos aspectos do modernismo.

Pelo que acabamos de expôr, vê-se bem como as almas constitucionalmente religiosas — e por almas religiosas entendo as que o são na accepção elevada, e de maneira alguma catholica, do termo — vivem atormentadas nesta hora em que a sciencia positiva não dá margem a investigações supremas e em que a educação systematisa a razão individual de forma a impedir-lhe os vôos rasgados d'uma fé n'um ideal menos condescendente com o intangivel dogmatismo scientifico.

Ha quem passe toda a vida confinado na athmosphera do seu gabinete ou do seu laboratorio, sem se preoccupar com os problemas transcendentes da razão. Ha mesmo quem nunca se preoccupou com qualquer problema superior e vive admiravelmente entregue á satisfacção mais ou menos glutona de instinctos e necessidades da sua existencia vegetativa e animal. Mas ha almas que, reconhecendo a fallibilidade da sciencia ou o seu restricto campo d'acção, aspiram a saciar o seu desejo d'um ideal confortante e elevado. Não podendo adquiri-lo, nesta era de crise de valores, essas almas estão inexoravelmente votadas a um desalentado pessimismo.

*

Comprehendendo estes factos, surgiu recentemente um systema que visa a conciliar a sciencia com as outras aspirações philosophicas, representando assim um papel analogo ao do romantismo em 1830, quando procurava alliar a tradição e o progresso, receoso das demasias do cahos revolucionario. Tem essa corrente intellectual o nome de *pragmatismo*. Apresentaram-n'o Peirce, John Dewey, William Jammes, Emile Boutroux, Le Roy, e outros.

O pragmatismo, que bem se pode considerar muito semelhante ao antigo utilitarismo, é primeiro que tudo um methodo e em seguida uma theoria geral da verdade. O methodo pragmatico consiste em procurar sempre interpretar cada concepção pelas suas consequencias praticas, experimentaes. Para o pragmatista, como diz Jammes, uma ideia não tem significação alguma alem da significação pratica. O pragmatista não se preoccupa com abstracções,

com soluções verbaes; interessa-se apenas pelo pensamento concreto e adequado aos factos, á conducta, á acção.

Nesta ordem d'ideias, a verdade para os pragmaticos existe apenas no dominio da pratica. Verdadeiro é tudo o que é verificavel e vantajoso na acção. Convencidos da variabilidade das noções assentes como verdades em dado instante, certos de que as proprias leis scientificas não são mais do que approximações e de que o nosso espirito não conhece a mutavel realidade senão dentro dos caixilhos que lhe impõe — os pragmatistas afirmam que só é verdadeiro o que é experimental, pratico, verificavel, util, satisfactorio para o nosso espirito. A verdade é apenas, diz Bergson, um meio qùe inventamos para utilisar a realidade, como creamos systemas mechanicos para utilisar as forças da naturêza. A sciencia, d'esta forma, vem a converter-se num mero instrumento d'acção, como de resto todas as crenças religiosas, metaphysicas, etc., que só são *verdadeiras,* emquanto teem um valor concreto, util.

Eu não pretendo fazer a critica do pragmatismo, e devo dizer que ainda não houve tempo para ser feita com vagar. Quer-me parecer, porém, que o pragmatismo, creando o *dogmatismo da acção* em vez do *dogmatismo da sciencia,* póde satisfazer muitos espiritos. Mas, bem analysado, elle não fecha a porta, antes dá largas faculdades d'expansão a crenças, valores e principios, já existentes, que tanto teem torturado numerosos espiritos, sedentos de soluções novas. E quer-me parecer ainda que, apezar da sua apparente feição pratica, elle é d'uma difficil applicação, porque se torna por exemplo na maioria dos casos impossivel ajuizar do valor pratico de duas crenças antagonicas ou valores oppostos que surjam á nossa escolha.

E' para notar que alguns propagandistas do pragmatismo, fazendo da sciencia de novo a *theologia ancillae,* estão dando excessivo *valor pratico* ás religiões condemnadas pelo modernismo e patrocinam theorias, que, a serem acceites outra vez no mundo scientifico, inutilisariam um peculio admiravel de conquistas effectuadas pela sciencia moderna. Confesso que ri quando li Jammes dissertando muito a serio sobre a Eucharistia.

Não condemno os principios em que assenta o pragmatismo. Ao contrario. Mas não se pretenda restituir valor pratico e significação ao que hoje nada póde representar de vantajoso e acceitavel a um espirito culto. Não ha pragmatista algum que consiga convencer-me de que, por exemplo, do famoso Concilio do Vaticano emanaram *verdades,* que deverei adaptar á minha pratica, á minha acção pessoal.

Bem sei que o pragmatismo não é ainda um systema, mas sobretudo um methodo, que cada um applica a seu talante. Mas

lamento a excessiva solidariedade d'alguns dos seus defensores com representantes de systemas mais do que liquidados. E' certo que cabem ainda sob a bandeira pragmatica doutrinas diversas, dada a latitude enorme e as grandes difficuldades d'applicação do novo methodo. Mas os scepticos d'hoje sobretudo, desejariam que o pragmatismo se aperfeiçoasse até preencher o vacuo immenso e desolador em que residem as suas duvidas e desillusões. Ora eu quero crer que esse *desideratum* se alcançará fazendo passar pela fieira pragmatica crenças, tendencias e principios novos, ainda não batidos e desacreditados pela implacavel critica moderna. Do passado ficaria apenas o que possuisse um autentico valor pratico. Teriamos nisso a «verdade tradicional».

A tarefa está por fazer. Não teria Nietzsche previsto a sua necessidade, quando entre os mais elevados attributos do seu Superhomem incluiu a «creação de valores»? Certamente. Ora o pragmatismo teve o condão de vir animar os proprios scepticos radicaes a uma tal empreza.

A liquidação das velhas crenças religiosas e metaphysicas deixou o espirito humano numa tremenda e desconfortante insatisfacção philosophica. O pragmatismo deu á verdade o seu significado mais rasoavel em face d'essa insatisfacção: attribuiu-lhe valor na *pratica,* na *acção.* Desejosos d'um objectivo para tal acção, os que hoje *não creem em nada* podem entregar-se á elaboração d'um ideal novo. Agir por agir não é proprio da naturêza humana. Talvez a humanidade futura se consagre a esse resplendente ideal de bellesa victoriosa e creadora que o glorioso autor da concepção do Zarathustra proclamou, sem ser comprehendido, perante uma sociedade decadente e cahotica.

Estamos numa epocha de crise de valores. E' preciso que onde acabe a sciencia, comece o ideal. Que cada um, segundo as regras dictadas pela *acção,* ponha em jogo as suas energias criticas e creadoras, sob o influxo estimulante d'uma nova crença e d'uma nova fé, que surgirão sobre ruinas das illusões do passado como uma aurora esplendida de renascimento.

(Conclue)

ANTONIO AUGUSTO MENDES CORRÊA.

HUMOR E PHILOSOPHIA

Conselho a todos: — Amae sobretudo o que for vosso, ou puderdes possuir.

*

A Vida é a confusão, isto é o desarranjo, o complicado a caminho da Unidade.

A materia é definitivamente una.

Tambem o mundo moral se entretem, ao presente, com fórmas que, a bem dizer, valem . . . zero.

A Belleza-Carne, a que mais perturba e exalta os sentidos é mero attributo da materia, afinal — materia.

*

A maior creação do genio do Christianismo foi o Limbo. E' a zona eterna das creanças sem baptismo, sem fé, sem peccados, sem virtude.

Se um dia as religiões se transigirem, fica definitivamente esta zona o *Céo de todos.*

E' o paraiso — descanço, premio dos que jogaram o temperamento pelo mundo, alheios ao Bem, extranhos ao Mal, ou por outra exercendo o Bem e o Mal á mercê d'uma fatalidade imposta, superior e intima.

*

Todas as obras excessivamente applaudidas são inferiores e no geral injustas. Quando os homens accordam n'um principio é que acharam um ponto de apoio á especulação collectiva. Leitor! estima os *raros,* mas não os sigas. Acompanha de longe as suas obras. Partilhal-as, dal-as a suffragio é vencel-as, estragal-as.

Sê tambem um dos raros. Mas para isso não attentes nos outros.

Olha bem para ti. *Trata* o homem inédito que deves ter latente no mundo intimo que és.

Suppões-te sem talento?

Editarás obra puramente emocional.

Dirás do interesse que possas encontrar-te.

Interessar é tudo.

*

As *Confissões* de J. J. Rousseau denunciam o acto de maior elevação e ousio praticado em Lettras.

*

Os povos a queixarem-se dos systemas politicos lembram as mulheres feias a culparem os espelhos que lhes reproduzem as figuras.

As feições hediondas são . . . dos espelhos!

Ancêde — Fevereiro 1912.

VILLA-MOURA.

Evolucionismo e critica litteraria

Durante longos annos, a critica litteraria, querendo constituir-se em sciencia, apropriou-se algumas metaphoras da biologia, usou-as largamente com um entono e convencimento que faziam crer ter ella encontrado o seu methodo particular. Essa hybrida confusão cessou logo que se distinguiu entre phenomeno physico, chimico, biologico e phenomeno historico-litterario. Então os criticos aproveitaram de todos os progressos da methodologia e da theoria da historia geral e acuraram-se em encontrar differença especifica a estabelecer, quando esse methodo se applicasse á historia das litteraturas. D'ahi nasceu uma numerosa bibliographia sobre esse problema, em que destacam os nomes de Brunetière, Lanson, Ricardou, Lacombe, Elster, Hennequin e Renard.

Era tempo. O descredito começava cahindo sobre uma sciencia, como qualquer outra sciencia social susceptivel de trabalho probo e por isso com direitos a um lugar de respeitabilidade no elenco do saber humano. Ainda ha um anno, M. Gilbert Maire, pouco a par dos progressos da critica, concluiu um artigo, com a seguinte condemnação: «Quelle meilleure façon, en vérité, de dégager par une simple épithète la subtilité scientifique d'une critique pleine du mot de science, que de la présenter comme un dernier prolongement de la psychologie du romantisme?» (1)

Dois auctores são, sobre todos, culpados d'esta infiltração de espirito naturalista na critica litteraria, Taine e Brunetière. Esta infiltração, emquanto moderada, prestou não poucos serviços porque significou que o espirito scientifico entrava finalmente num campo, onde até então reinára a mais pessoal e mais livre arbitrariedade, como se na historia se não verificasse o mesmo causalismo de qualquer outro ramo do saber. Depois recahiu-se na analogia absoluta, e foi esse o erro.

As ideas de Taine, mais uma theoria esthetica do que uma exposição de methodo, são bem conhecidas em Portugal; já não succede assim com Brunetière. Em Portugal só se occupou d'elle

(1) V. «Biologie et Critique Littéraire» em «Revue Philosophique» de Th. Ribot.

e fê-lo, com clara comprehensão das suas ideas, o critico Moniz Barreto. Foi, por isso, que me pareceu interessante e compativel com a indole da revista, «Dionysos», resumir algumas paginas d'um trabalho inédito, em que as suas ideas são expostas, salientando-se por esta fórma o papel que Brunetière teve na assimilação do methodo da critica ao das sciencias da natureza.

Brunetière timbrou sempre em conhecer com proba minucia o darwinismo e o positivismo, mas talvez que o seu conhecimento fosse feito muito exclusivamente sobre Darwin e Comte, fundadores, sobre a «Origem das Especies» e o «Curso de Philosophia Positiva» e não sobre a propria evolução do evolucionismo e do positivismo. Sim, porque um e outro têm já hoje a sua historia, tão differentes estão da fórma por que os apresentaram os seus primeiros expositores. Mesmo a Spencer parece não o ter conhecido profundamente; porêm, mais natural fôra recorrer a este, que alargara a idea de evolução, erguendo-a a uma concepção geral do universo, estabelecendo-a tambem no mundo moral, na ethica, na esthetica e na sociologia, do que a Darwin. Pois foi a este que elle foi buscar as bases do systema critico, e tanto d'elle se impregnou que mais tarde, após a sua descrença da sciencia, muito havia ainda de Darwin na sua apologetica religiosa.

A legitimidade dos *generos* litterarios considerava-a Brunetière, como uma observação empirica, estabelecendo assim uma falsa paridade entre genero literario, essencialmente phenomeno psychico e só por abstracção *ser*, e as especies organicas. Transportando o darwinismo para a critica litteraria, Brunetière não podia, sem quebra de fidelidade ou coherencia, discutir a origem primaria dos generos, visto que Darwin, sobre a creação, era confessadamente agnostico; em vez de agnosticismo, Brunetière dizia empirismo. A lucta suppõe consciencia, actividade propria, e por isso Darwin confundia num só os dois problemas, a vida organica e a vida psychologica. No genero litterario não ha vida organica, mas sómente artificios formaes; não ha vida psychologica, mas sómente exteriorisação d'um producto psychico, que implica vida, sim, mas no productor, no auctor. Brunetière, porém, abstrae d'estas verdades, e toma como phenomeno physico e vital, o que é sómente signal d'isso e que fica incomprehendido e mutilado, quando se faça essa separação. E passa logo adiante, ao estudo das transformações dos generos, affirmando que essas transformações são tambem uma realidade facil de verificar; é a observação que nos dá esse conhecimento, a simples leitura das obras. Essas transformações encadeadas, formam a evolução, susceptivel de regressos, mas predominantemente progressiva, d'onde em onde com variações

bruscas. As regressões são os periodos de inferioridade, succedendo a outros de evidente grandeza; o progresso é o movimento geral, em que se produz um enriquecimento, cada vez maior, de poder psychologico; as variações bruscas — inexplicadas em biologia — são o genio... inexplicado tambem.

O parallelismo biologico-litterario é levado ao extremo: «La sélection naturelle voilá la découverte ou l'invention de Darwin. Les rapports ou l'analogie de ce principe avec cette «sélection que l'homme peut accomplir» c'est tout ce que le mot veut dire. Et l'apparition d'un individu qui, si peu que ce soit, diffère du type commum de son espèce, telle est la condition de toute évolution. L'homme ne peut in produire, ni empêcher les variations, voilá le fondement de la doctrine. L'apparition de ces variations c'est l'œuvre d'une tendance, dont nous ignorons absolument les causes; et, d'autre part, si l'on voit lá de longs intervalles, surgir des déviations de conformation assez prononcées pour mériter le nom de monstruosités, qui n'avouera que, pour l'historien de la littérature et de l'art, c'est ici non seulement le talent ou le génie rétablis dans leurs droits, mais encore, et avec eux, l'individualité, l'origiginalité, l'excentricité mêmes? Ajoutez qu'aujourd'hui même, étant donnés les deus moyens de la sélection — qui sont l'accumulation des *variations lentes* et la fixation des *variations brusques* — la tendance du néo-darwinisme est de recourir plus volontiers au second.» São effectivamente estas as ideias de Quinton e Vries, e Brunetière apenas procura analogias correspondentes na historia litteraria. Como estabelece elle a correspondencia? Distinguindo as variações collectivas e lentas, no genero, das variações bruscas e individuaes, introduzidas pelo auctor na sua obra. Mas os generos nascem homogeneisados informemente, de forma que o desenvolvimento historico terá, antes de provocar os variantes, de differenciar o conteúdo d'esse amalgama confuso, realisando-se assim a differenciação dos generos pela fórmula spenceriana.

Era o momento de expôr que generos reconhecia Brunetière, mas em parte alguma da sua obra se nos depara uma classificação de generos. Parece poder-se inferir que esse trabalho relegava-o elle para quando concluisse as suas minuciosas analyses sobre o desenvolvimento geral da litteratura francesa. E' o que deixa entender o programma exposto na sua monographia sobre a critica.

Seguidamente, o critico, no systema que vimos expondo, procuraria determinar o caracter essencial da litteratura a estudar, para poder discernir quaes as osmoses estranhas — era a vez da litteratura comparada — e para, em relação com esse caracter essencial, fazer a divisão em epocas, marcando as transformações d'esse

caracter. As grandes linhas d'esta evolução é que indicariam os escriptores, que deviam ser estudados, como mais representativos, e deixando os menos «caracteristicos», com vista a simplificar a abundancia dos monumentos. Qual seria, pois, o ideal de perfeição litteraria? O requinte maximo d'esse caracter essencial. Chegava mesmo a estabelecer um absoluto litterario, que collocava, quanto á litteratura francesa, no seculo XVII, porque exprimia, com superior relevo, a uniformidade, a impessoalidade, a universalidade, a justeza de composição, traços por elle apresentados como fundamentalmente caracteristicos do espirito litterario frances. Por isso, o não intimidou o cosmopolitismo do seculo XIX, porque, dizia, só coincidia com o proprio espirito.

Este absoluto litterario, em contradicção com o biologismo adoptado, era uma noção nova e necessaria, apesar da analogia obstinada que pretendia manter, porque a critica, além de explicar, procurava tambem *avaliar, julgar, apreciar,* e não ha *juizo* sem segundo termo de comparação.

Ora este trabalho prévio — determinação do *caracter essencial* d'uma litteratura —, demasiado deductivo, contrariava o espirito inductivo, que naturalmente deve presidir a uma sciencia historica, e tornava as suas conclusões um pouco suspeitas. Brunetière fez esse trabalho, mas fê-lo numa epoca já adiantada das suas investigações, em 1892, generalisando muitas analyses minuciosas, portanto sem o fazer préviamente. Sem duvida, é necessario que o critico possua uma vista de conjuncto, synthese provisoria a guiar as analyses parciaes e soffrendo sempre correcções, por meio d'estas, mas nunca esse caracter essencial póde ser de confiança para um trabalho scientifico, quando procurado préviamente. A caracterisação das epocas é o primeiro trabalho a fazer, deixando para depois da sua justaposição chronologica a generalisação do que nellas é commum.

Taes são as linhas principaes do systema de Brunetière.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

Esplendor, decadencia e resurreição, do espirito theatral

GRECIA

«A arte conserva o reflexo das multidões. A imagem do que ellas foram passa. A imagem do que ellas quizeram ser fica. E' o reflexo da alma. E' o espelho da vida» (1).

I

DRAMA, TRAGEDIA E COMEDIA

Como Arte, que é, o theatro é tambem um espelho da vida; não como muitos querem um lento desfilar, caricatural por vezes de personagens conhecidos ou revelados, mas o espelho de todas as aspirações de uma raça, da sua philosophia, das suas alegrias, das suas dores e das suas duvidas.

O explendor ou a decadencia d'um theatro revelam sempre o esplendor ou a decadencia d'uma raça.

O drama e a comedia, um representação falsa da vida, a outra sua representação caricatural, são generos inferiores. A tragedia é a unica fórma perfeita do theatro, porque é a unica, que póde traduzir os impulsos heroicos da alma humana. E' n'ella, portanto, que temos de vêr o esplendor, a decadencia e a resurreição do espirito theatral, que, na sua essencia pura, não é mais que o espirito tragico.

A tragedia não existe como o vulgo o entende, na violencia das atracções ou repulsões das almas, ou na brutalidade dos choques passionaes.

Não existe, tambem, na representação da humanidade desolada e ululante; não existe tão pouco na linguagem e no gesto, tragicos.

A linguagem tragica e o rithmo do corpo são a musica subtil da tragedia: pela musica do seu gesto e da sua dicção o actor torna-se ou póde tornar-se um luminoso reflexo do artista. Mas a tragedia e a emoção tragica não se limitam, como muitos pensam, á simples representação.

O pathetico é devido ao choque violento e desharmonioso d'uma vida individual ou colectiva, quando esse choque se produz fóra da vontade consciente dos agentes: o incidente inesperado e mortal, não é nunca nem tragico nem dramatico; é simplesmente pathetico, serve quando muito para alimentar as chronicas diarias dos jornaes.

Se a vontade dos agentes é activa e está presente, temos o drama.

A tragedia só se revela quando a brutalidade dos accidentes se mistura á vontade das *drammatis-personae,* e toda a acção, que comprehende milhares de vidas ou alguma verdade eterna, em si e na sua catastrophe, se

(1) Robert de lá Sizeranne, «Le Miroir de la Vie», Introduction.

manifesta nitidamente rithmada sobre uma outra vontade, colectiva e irresistivel, a vontade da raça, do destino, da Providencia, da sociedade e da hereditariedade em Ibsen, da honra em Corneille.

A comedia é um genero inferior. Apparece sempre nas epochas de decadencia das litteraturas e das raças. O seu caracter de vulgaridade e de inferioridade é inherente á sua origem grosseiramente phalica.

Correspondendo aos seus fins, que consistem em descançar os homens pelo riso, se não é esteril — porque no fim de tudo exprime e revela em caricatura aspectos colectivos e individuaes, e é um prazer morbido o divertirmo-nos a constatar a inferioridade dos outros — é pelo menos completamente impotente para traduzir um impulso heroico da alma humana. Esse impulso heroico, sinthese da philosophia e das aspirações d'uma raça, só a tragedia o traduz, só ella é theatro, na verdadeira extensão da palavra, só ella é arte porque só ella é o espelho da vida.

II

CULTURA APOLLINEA E CULTURA DIONYSIACA

Nietzsche diz na «Origem da Tragedia»:

«Ter-se-ha dado um grande passo na sciencia esthetica, quando se chegar não só á inducção logica, mas ainda á certeza immediata, d'este pensamento: — que a evolução progressiva da arte é o resultado do duplo caracter do espirito apollineo e do espirito dionysiaco, da mesma maneira que a dualidade de sexos gera a vida, no meio de lutas perpetuas por meio de approximações sómente periodicas.»

Na evolução do theatro estas palavras teem uma applicação exacta.

Quando estes dois espiritos se egualam n'uma mesma obra, como em Eschilo, a tragedia attinge o seu apogeu. Decai quando o espirito apollineo triumpha e predomina, como em Sophocles e Euripedes.

Quando a cultura dionysiaca triumpha, é signal que a tragedia começa a desenvolver-se, como no «Canto do bode».

Convem portanto precisar as caracteristicas d'estas duas culturas.

A cultura dionysiaca é, antes de tudo, uma concepção pessimista da vida, fóra de toda a moral, «para lá do bem e do mal» em que o destino ou a influencia de Dionysos desempenham um papel preponderante na vida dos homens, cujo caracter heroico reside no despreso da morte e na vontade energica de cumprir um acto necessario.

Assim em vão Zeus castigará Prometheu ou lhe prometterá a liberdade mediante a revelação do nome do libertador futuro. O heroi, sem medo á dôr, permanecerá em silencio.

Ninguem resiste á vontade inexoravel do destino nem mesmo um deus. E em vão Judo mandará duas serpentes para devorarem Hercules; o semi-deus mata-las-ha e, formidavel, quebrará os ferros de Prometheu, abalando o Olympo.

Nenhum sacrificio aplacará a colera do destino invejoso d'uma longa felicidade e em vão Polycrates lançou o seu anel ao mar.

A Dike, o destino, em todas estas lendas do periodo heroico essencialmente dionysiaco, domina tudo. E vê-la-hemos sempre formidavel e soberana esmagando sob os seus pés as casas, onde o amor introduziu o crime, destruindo as vergonteas recemnascidas d'um mesmo tronco maldito, de pé sobre o cerro pedregoso e escalvado onde Prometheu, suprema expressão da humanidade, se estorce e ruge, mais de raiva impotente do que de dôr.

E assim a vida humana é mortalmente triste.

Os homens sentem-se infelizes no meio das forças hostis que os cercam. E nada ha de mais expressivo, que a lenda de Sileno subjugado por Midas.

Um dia que o rei Midas andava á caça avistou Sileno. Quiz falar-lhe mas o deus fugiu. E então atravez dos bosques ha uma correria louca, o rei persegue o deus, alcança-o, ha uma lucta e o homem vence.

Apertando-o nos braços, dominando-o sob o seu joelho, Midas pergunta ao Deus: «Qual é o melhor desejo, que eu posso ter?»

Formidavel uma expressão de ironia illuminou o rosto do vencido e a floresta inteira tremeu de horror ante esta phrase formidavel: «Mortal, se não existisses, devias desejar não nascer; visto que vives, o melhor que tens a fazer é desejares a morte.»

Semelhantemente aos homens um Deus soffria o peso do destino.

Era Dionysos encerrado pelos Titans no seio da terra.

E os homens consternados com a sorte do deus semelhante á sua sorte, fizeram d'elle como que um symbolo, representando por meio de cantos e danças a sorte do grande captivo. Mas esta semelhança com um Deus não traz comsigo nenhuma consequencia ethica.

Porque «Dionysos, diz Nietzsche, é um deus puramente artista, completamente destituido de escrupulos e de moral, para quem a creação ou a destruição, o bem ou o mal, são apenas manifestações do seu capricho indifferente do seu poder soberano. Dionysos alivia-se do tormento da sua plenitude, do soffrimento enorme dos contrastes accumulados em si, fabricando mundos. E o mundo não é mais de que a objectivação libertadora de Deus, perpetuamente e a cada instante consumada, sob o aspecto de visão mutavel, eternamente nova, d'aquelle que traz em si os maiores soffrimentos, os mais irredutiveis conflitos, os mais extremos contrastes e que não se póde libertar d'elles senão em aparencia.»

A cultura dionysiaca é profundamente objectiva.

A cultura apollinea tem, pelo contrario, um caracter optimista, moral e subjectivo.

Apollo, quando andou exilado pelo mundo, condoeu-se da sorte dos pastores. E ensinou-lhes, revelando-lh'as, as emoções da musica e da poesia.

Além d'isso, sendo o deus de luz, é o deus fecundante e alegre, que dissipa o terror atavico da treva povoada de monstros e de espectros, o deus, que aloira as messes, e na calma do meio dia accende nos corpos lassos os delirios sensuaes.

Tudo n'elle evoca a alegria serena, essa estranha serenidade radiante, que nos conservaram as estatuas dos deuses do Olympo: a brancura casta das vestes dos seus sacerdotes, as linhas graciosas dos seus templos, o misticismo espiritualista dos hymnos, que echoavam nos seus sanctuarios, rithmados pelo som grave dos Heptacordios.

Se Dionysos criou a tragedia e o espirito tragico, que attinge o seu apogeu com Eschylo, Apollo criou o lyrismo, que attinge a sua culminancia com Pindaro e Anacreonte, o cantor da Rosa.

E é talvez um dos mais respeitosos exemplos da cultura apollinea o soneto de Baudelaire intitulado «La Beauté.»

Je suis belle ô mortels comme un rêve de pierre,
Et mon sein oú chacun s'est meurtri tour à tour,
Est fait pour inspirer aux poëtes un amour
Eternel et muet ainsi que la matière.

Je throne dans l'azur comme un sphinx incompris
J'unis un coeur de neige à la blancheur des cygnes
Je hais le mouvement, qui déplace les lignes,
Et jamais je ne pleure et jamais je ne ris.

O ultimo verso d'esta quadra representa bem toda a serenidade apollinea.

Et les poëtes devant mes grandes attitudes
Que j'ai l'air d'empunter aux plus fiers monuments
Consumeront leurs jours en d'austères études.

Todo o conceito optimista d'esta cultura vai no ultimo terceto.

Car j'ai pour fasciner ces dociles amants
De purs miroirs qui font toutes choses plus belles
Mes yeux mes larges yeus aux claretés eternelles.

III

ORIGEM DA TRAGEDIA.—TRAGEDIA GREGA

Em 1871, Nietzsche, que fizera a campanha de França, escrevia: «Até que emfim, num mez de profunda angustia, emquanto em Versailles se celebrava a paz e a paz se fazia em mim, emquanto eu me curava d'uma doença apanhada durante a campanha tive a percepção nitida d'este pensamento, que a tragedia nascera do genio musical.»

E com effeito a tragedia nasce das danças e dos cantos rituais das festas de Dionysos.

Desde o velho «Canto do bode» até Eschylo, o vinho, senhor da embriaguez, doador perpetuo da alegria, levara os homens a cantar e a dançar representando, por meio da mimica a grande lamentação ritual sobre a sorte do Deus Dionysos encerrado pelos titans no seio da terra.

O ardor do odio e da magua do Deus subiam pelas mil raizes que enlaçavam o seu coração, para desabrocharem nos pampanos ruivos, no rubro esplendor do sol outonal. Cada uva continha uma gota de sangue do Deus.

Com ellas os homens robusteciam os seus sonhos. Lamentavam a sorte do grande captivo e estorciam-se de angustia. E a sua angustia era a dança, a sua lamentação o canto e o seu ardor o orgianismo, de que nasceram mais tarde a ode tragica e a tragedia.

Eschylo resgatou os homens da vassalagem do vinho. O seu genio resumiu em si toda a embriaguez.

Soube fixar uma tal impulsão de furor vital nas suas obras, que o sentido orgiaco dos homens, forte por si proprio, se encontrou afastado da servidão excitante do grande captivo. Os homens, angustiados com a sorte dos homens em lucta perpetua contra a natureza, esqueceram o Deus, lamentaram, cantando e dançando a sua propria sorte.

A natureza inimiga toma então o nome de Dike — o Destino.

E o destino desde então domina oppressor, misturando-se a todas as acções humanas.

E por entre o rithmo sonoro dos choros que o representam os homens surgem explendidamente bellos, superiores aos deuses inclementes, d'uma belleza immensamente tragica, feita de desespero, de coragem indomavel e de suprema dôr.

Prometheu, encadeado no alto do Caucaso, ruge a Mercurio, que o vem ameaçar de pesados castigos, se elle não revelar a Jupiter o segredo do futuro estas palavras formidaveis:

«E porventura não és uma criança, e mais ingenuo ainda se julgas obter de mim alguma luz.

Não existe tormento, nem astucia que me obrigue a revelar este segredo a Jupiter, antes que estas cadeias funestas se soltem. Disse.

Agora que o raio coruscante caia com mil sentelhas, que a natureza se confunda, que os fogos subterraneos se misturem á branca neve, nada me fará dobrar, não lhe direi o nome d'aquelle que deve derruba-lo do throno.

. . . . . .

Em vão me importunas, sou surdo como as ondas. Não penses que temendo os designios de Jupiter ou tornado timido como uma mulher, eu vá estender as mãos suplicantes e conjurar o objecto de todo o meu odio a libertar-me das minhas cadeias. Estou longe d'isso.

. . . . . .

O CHORO

Mercurio quer que abandonando o orgulho tu tomes uma opinião ajuizada e prudente. O que elle diz parece-me conveniente, acredita-o. E' vergonhoso para uma pessoa de juizo o permanecer no erro.

PROMETHEU

Sabia já o que elle me annuncia, que um inimigo sofra pela vontade de um inimigo seu, nada ha de mais simples. Depois d'isto, que caiam sobre mim os raios tortuosos, que o trovão e a guerra dos ventos furiosos arrebentem no ar, que o seu sopro sacuda a terra até aos seus fundamentos, até ás suas raizes e com um esforço impetuoso confundam as aguas do mar, com os astros da abóbada celeste, que pelo duro effeito d'uma força invencivel Zeus precipite meu corpo no fundo negro do Tartaro. Apezar de tudo hei-de viver (1).»

Orestes, homem, pela fatalidade do seu acto necessario, e Prometheu, o pathetico titan, em nome da consciencia humana, desafiaram os deuses e o imperio oculto e supremo da vida.

Os homens afastados assim da embriaguez do Deus captivo afastaram-se tambem pouco a pouco de todos os deuses. Esqueceram a exaltação das forças primordiaes e universaes, para falarem, agirem e morrerem em nome na sua consciencia de ephemeros. Prometheu iniciou-os, captivou-lhes os corações e as ambições, como tinha captivado o coração das oceanides, estendidas chorando a seus pés.

O Destino morria vencido não pela vontade mas pelas paixões dos homens.

A belleza heroica dos «Sete contra Thebas» de Eschylo — a mais grandiosa tragedia sonhada só comparavel á symphonia em dó menor, a symphonia do Destino de Beethowen — desaparece para dar logar ás perturbações do coração humano.

Sophocles, grande poeta e grande estrategico, vae disputar, em concurso publico, a palma da tragedia a Eschylo e ganha-la. O grande Tragico retirou-se desgostoso. E o Oedipus vae triumphar em todas as scenas gregas.

Ainda conserva as virtudes primordiaes da Tragedia; mas atenuadas pela complicação dos sentimentos. Sophocles é grande mas comparado a Eschylo a sua grandeza attenua-se. Comtudo póde dizer-se, com Aristoteles, que ornou a scena de bellas decorações.

No meio tinham-se dado tambem perturbações profundas. Ao aristocratico, intelectual e brilhante seculo de Pericles, vae succeder-se a onda assola-

(1) Eschylo, «Prometheu emendado».

dora do poder demagogico. A plebe entra na gestão dos negocios do estado em Athenas.

Como consequencia logica temos a nefasta expedição da Sicilia e a guerra do Peloponeso em que Athenas vae cair vencida.

A philosophia de Socrates triumpha e a primeira revelação do jury foi a condemnação á morte do philosopho.

Os grandes gestos heroicos, admirados ainda, já não são seguidos. A raça sente-se debil para produzir alguma coisa mais que um Alcibiades.

A Eschylo e a Sophocles succede-se Euripedes.

Em Euripedes o critico matou o espirito tragico. Assim diz Nietzsche: «Euripedes sentia-se certamente como poeta, superior á multidão, mas não a dois dos seus espectadores. Só d'estes é que elle escutara a opinião de valor feita sobre o seu trabalho, só d'elles elle esperava a promessa reconfortante das victorias futuras. D'esses dois espectadores um é o proprio Euripedes, não na sua qualidade de poeta, mas na sua qualidade de pensador. Podia dizer-se d'elle pouco mais ou menos como de Lessing, que o extraordinario poder do seu senso critico produziu ou pelo menos fecundou sem cessar a sua actividade creadora artistica, parallela. Doado d'esta faculdade, tinha tomado logar no theatro e estudado os seus grandes precursores... E encontrou n'elles qualquer coisa que achou enigmatica e mysteriosa ..

Mesmo na linguagem da antiga tragedia havia para elle muitas coisas chocantes ou pelo menos inexplicaveis...

E' assim que assistindo á representação elle reflectia largamente, inquieto e perturbado, e teve que confessar a si proprio que não comprehendia os seus grandes precursores. N'esta angustia encontrou outro espectador (Socrates) que não comprehendia a tragedia e por esse motivo a despresava. Livre do seu isolamento e alliando-se a este, pôde ousar uma guerra monstruosa contra as obras de arte de Eschylo e de Sophocles, e isto não por obras de polemica mas pelas suas obras de poeta dramatico oppondo a sua concepção da Tragedia á da Tradição.»

A Tragedia de Euripedes é a Tragedia impessoal e inconsciente.

Estraga o gosto do publico, afasta-o do espirito de Dionysos.

E em breve á grandeza dos gostos heroicos ia succeder-se a chatez pequena dos gestos caricaturaes. A raça já não podendo conceber heroes, distraía-se rindo. Chegou o momento do triumpho de Aristophanes e da sua comedia grosseira.

Com Platão, Aristoteles e Demosthenes a Grecia ia dar os seus ultimos lampejos.

Philipe começa a sua conquista, Alexandre vae acaba-la.

E ao longe n'uma outra peninsula ao occidente uma raça nova e forte, juridica e guerreira, vae alastrando os seus dominios. Em breve vae transbordar. As suas legiões vencedoras hão de pôr os seus pés conquistadores no solo sagrado da Arte e da Belleza.

A civilisação superior da Grecia ha de absorve-los, mas tarde demais para a resurreição do espirito tragico.

A desorganisação começava.

Uma lei tinha permittido a fusão das classes. A plebe já oppunha o seu voto ás decisões do senado. A aristocracia enfraquecia-se, perdia a sua razão de ser. Assim tornava-se pesada. A republica como regime governativo sentia-se fraca perante as dissenções intestinas. Roma preparava-se já para o dominio dos Cesares.

Por isso só Aristophanes criou discipulos. Plauto e Terencio resumem toda a inferioridade do theatro romano.

(Continua).

GUSTAVO FERREIRA BORGES.

O GENIO OCIDENTAL

Excerto dum livro em preparo

.....

O chamado *Drama* ou *Representação de Adão*, que, d'origem anglo-normanda, correu em todas as linguas as sete-partidas do mundo, foi o tronco d'onde vieram a descender os inumeraveis «*misterios*» medievaes.

Os «*misterios*» medievaes, de fonte exclusivamente eclesiástica, em contrario dos «*milagres*», nascidos das confrarias laicas, tomaram essa designação genérica, porque nelles a principio o motivo obrigado era sempre o desenvolvimento do misterio da Redempção, que os personagens biblicos, patriarcas e profetas, que haviam anunciado a Jesus, apareciam a testemunhar na consumação do acto resgatador. E nunca se suponha que algum parentesco os ligava aos misterios das velhas religiões que o Christianismo subvertera. Saíam da necessidade de se materialisar á turba dos fieis a essencia primaria da fé, ao passo que os outros, em termo oposto, apenas se abriam para os iniciados.

A sêde das almas, que as crenças oficiaes mal satisfaziam, levava á constituição de cultos esotericos. Daí Eleusis, as alucinações dionysiacas, a perturbante sabedoria órfica. Assim os misterios antigos se corporisaram, defendidos por um pacto terrivelmente sagrado, com o pavor devinatorio a enterral-os no fundo dos santuarios. Procuravam a posse do Eterno, mas a Revelação cerrava-se, implacavel, ao que não triunfasse da prova depuradora.

Com os «*misterios*» medievaes, traziam-se aos corações simples as verdades augustas, humanisavam-se as sublimidades theológicas, os simbolos viviam a vida dos sentimentos que dignificavam. E a cathedral gótica abrigou na revoada de luz das suas naves a mulinha do presepio, a scena doce das oferendas, toda a alegria d'uma natividade, depois com os passos crudelissimos da Paixão a dôr da mãe que chora o filho moribundo.

Já se vê a diferença profunda:—nos misterios antigos residia o centro da propria Revelação, enquanto o «*misterio*» medieval funcionava como um prolongamento da complicada machina litúrgica,—especie de catechese figurada, vestimenta impressiva da doutrina estabelecida. Os misterios antigos punham a sciencia do Divino acima das práticas religiosas usuaes; a Igreja identificava-a

com a letra corrente, chamando para a claridade a imagem de Deus, a incarnação do Verbo. Deste modo a força da fé bastava onde se exigira a iniciação transfiguradora. Não podia, pois, existir duelo mais inconciliavel: — o misterio antigo e o «*misterio*» medieval excluiam-se por natureza. Quem diria por isso, que o delirio órfico e a exaltação medieval se ajuntariam ao cabo numa síntese de harmonia e libertação?!

No dia em que Eschylo se acolheu á protecção dum templo para que o não lapidassem os que o acusavam de haver traído o arcano tremendo dos misterios, uma arte de arrebatamento, falando uma fala de terror e enleio, desabrochava ao sorriso largo do ceu da Hellada,—a tragedia surgia a apertar as almas numa ancia desconhecida. Os córos ingenuos do «*misterio*», ampliando-se na espiritualisação máxima da cathedral, achariam a nota-mestra, da qual, séculos andados, uma flor magnífica rebentaria sobre a colina mística de Bayreuth. E' que Dionysos não morrera! Como no Começo por graça de Zeus resuscitara da trucidação no seio de Demeter creadora,—Elle,—a Esperança do Mundo, Senhor dos Assombros Proféticos, voltava a renascer, — agora da derrocada formidavel dos Deuses!

O transbordamento lirico que em ritmos serpentinos torcionara os plainos de Eleusis, fecundo *revival* transportador, arremesso doido para o Infinito, a Loucura-da-Cruz (*Stultitia crucis*, S. Paulo), esse poderoso ideal dinamico, o reateava numa arrancada ainda maior, numa integração que a musica, a *ars nova* dos theóricos do *Quatrocento*, tornaria absoluta. Lingua de fogo, á uma absorvida e absorvente, espiral convulsa de protestação contra Apolo dogmatico, fechado em linhas irreductiveis, em formas inquebrantaveis, — a furia órfica, *morbus sacer* aureolando os Eleitos, não se sufocara no desabamento final do Olympo. A cathedral gótica, sigla duma iniciação que só a hora presente pega a decifrar, rompendo com toda a lei stática, ganhando pelos *vazios* o mais embriagador, o mais avoejante efeito ascensional, em Christo, Sal das Almas, Semente da Leiva, reanimava a Dionysos, Esperança do Mundo, Encantador dos Homens, — embora assim se não pregue no Sermão de Zarathustra.

Como a tragedia, filha emancipada de Eleusis, a musica, escapando-se da cathedral que lhe fôra mãe, ao ar-livre atingiria a adolescencia, robustecendo-se e individualisando-se. E se a tragedia ensinara á Athenas, da cigarra d'oiro e das vertentes calmas, as fórmulas intensificadoras da vida, lhe descerrara o veu das aparencias para a mergulhar na contemplação do enigma fascinador, a musica, — essa outra cathedral não já da fé duma raça, mas da fé do orbe inteiro! — dentro de si congregaria na mesma adoração as

Doze-tribus dispersas, revelando-lhes a Monsalvato invisivel, a Jerusalem prometida. Soará então o terceiro dia para Dionysos,—esse em que Elle, a firmar para sempre o seu reinado, ha-de descer lá d'aonde se refugiou desde que o latim dos Humanistas e as Sibilas de mestre Michaelo instalaram de novo a Apolo entre os homens em erro!

Ora a árvore genealógica do «*misterio*» atira as suas raizes ainda para além e bem para além do *Drama de Adão*. A miragem orientalista dum critico ilustre quer que o «*misterio*» medieval não seja senão um filho legitimo da representação dionysiaca. A Igreja, em vez de o haver concebido e aleitado, recolhera-o apenas, tiritante, dos escombros da Antiguidade.

Bysancio,—os oiros hieraticos de Blanchernes e de Santa Sofia assistiram ao desfiar de não sei que tragedia do baixo-hellenismo, já intitulada *Paixão de Christo*, onde, através de mais de dois mil e seiscentos versos e por entre declamações arrancadas ao proprio Euripides, sobrenadavam, enlaçadas com as reminiscencias pagans, as doces, as virgíneas emoções da Idade-evangelica. Aí, segundo Guillaume Dubufe (*Le valeur de l'art*) é que se encontra a ponte de passagem, essa composição híbrida marca a transição. Degenerescencia a mais abastardada do gosto clássico, baroca, hipertrófica como o ambiente em que se fortalecera, a curiosa simbiose, organisar-se-ia em melodrama sob o patronato dos hirtos doutores da epopêa ecumenica e para espairecimento do basileus. Porque o que a tomada de Constantinopla não explica, explicam-no os Cruzados,—escusado será dizer que elles é que acarretaram a semente estranha lá das paragens do Bósforo para esta dolorosa terra do Ocidente. E o «*misterio*» se gerou no alvoroçado espertar do ano mil, quando «*le monde, secouant ses vieux haillons, voulait partout revêtir la robe blanche des églises*» ...

Não me parece a mim que os misterios gregos ou a tragedia, herdeira delles, pudessem produzir o «*misterio*» medieval, porquanto os elementos psychologicos constitucionaes não eram os mesmos, nem tão pouco se entendiam as necessidades de que uns e o outro emergiram. O rito eleusico, esotérico, destinara-se á exacerbação do furor devinatorio, o «*misterio*» corporisava-se como um cathecismo em acção para doutrinamento da grei. E se a absorpção religiosa na Grecia,—examinado o facto na sua fisionomia geral—, dera a cerimonia dionysíaca e della a tragedia se originara; se o mesmo fenómeno no Ocidente fructificava no «*misterio*» donde o drama lirico veio a derivar, não nos convença a similitude, porque mais uma vez se verifica que os povos, que as

épocas, em igualdade de circunstancias, actuam sempre, trabalham sempre, numa direcção conforme.

Mas se o «*misterio*» se não nobilita com ancestros tão recuados, apesar de ser com o *Drama de Adão* que adquire autonomia reconhecida, personalidade completa, já no tempo de Carlos-Magno, de «*Charles á la barbe fleurie*», se desenhava a valer o movimento de que brotaria. Nas igrejas francesas por volta do século VIII já se intercalavam nos oficios do Natal e da Paschoa diálogos servidos por pessoas, desempenhando esta ou aquela figura do Evangelho. E ainda hoje em Sexta-feira Maior a liturgia romana canta a paixão de Christo, distribuindo pelos celebrantes as perguntas e as respostas que o texto apresenta. Não estará aqui a celula-mãe do «*misterio*»?

E' outra a lição de Teofilo. O eminente professor, apoiando-se numas decisões conciliares e em certa ordenação de Carlos Magno, as quaes feriam de ignominia os histriões e homens do circo (*Gil Vicente e as origens do theatro nacional*), generalisa logo que a Igreja, de mãos trocadas com a Realeza, combateu de morte o theatro nascente. Teófilo deixa influenciar-se ás vezes por Mr. Homais, boticario em Rouen. E no caso presente confunde a condenação moral dos restos duma sociedade que os olhos de todos encaravam como a verdadeira consubstanciação do Pecado, com o alar tímido da crisálida que amanhecia ao bafo morno da lampada christan.

Libertou-se o «*misterio*» das naves da cathedral, depois de alcançar a maioridade com o *Drama de Adão* no século XII; e, desenrolando-se cá fóra, junto dos pórticos,—o primeiro passo para a peregrinação infindavel,—não cortou tão cedo o cordão umbilical. Da igreja, como do Paraiso, saía o personagem que representava Deus ou o Salvador,—sempre um clérigo de missa. Uma grande evolução se exprimia com este facto, porque a principio o «*misterio*» limitava-se a pôr sómente em scena os anunciadores da vinda do Messias. As confrarias, que a influencia franciscana desenvolvera, é que começaram a representar a Paixão propriamente. D'aí o apelidarem-se «confrarias da Paixão». E' com ellas que Christo aparece no «*misterio*»,—debaixo da vigilancia do preboste do rei e com regulamentação dos conselheiros municipaes.

Já então o «*misterio*» encontrara um competidor no «*milagre*». O «*milagre*», de caracter laico e em cuja dramatisação ingenua se adivinha por vezes o sopro que florirá em Shakspeare, entremeava com os motivos sacros a nota mordente, o riso implacavel do burguez medieval, do homem da communa, que se educara

na escola de *«Renard le Goupil»*. A Idade-media riu como ninguem ainda. E a sua gargalhada, assumindo facetas de genio nos tipos immorredoiros de *Georges Dandin*, — o marido coitado, e de *Sieur Patbelin*, expiraria estrondosa e livre, aos clarões do Santo-Oficio, nos grossos beiços plebeus do cura de Meudon e de certo mestre Gyl,

«um que não tem nem um ceitil
e faz os aitos a el-rei».

O *«milagre»*, oriundo das corporações, louvava a vida do patrono, ou duma *gilde* ou duma cidade. Em honra da virgem constituiu-se o ciclo chamado de *«Notre-Dame»*. Varios *«milagres»*, revelando a graça e o poder de Maria, se espalharam de feira em feira, de burgo em burgo, palpitando os elementos futuros do drama pela análise dos caracteres, rudimentarissima embora, pelo cuidado, ainda que infantil, da observação. Mais que o motivo hierográfico, escolhiam a situação real, colhida de vida ambiente, — um conflito de sentimentos, o ciume, a ameaça da morte, — tudo vencido, mercê da intercessão, do *milagre* do Santo em cuja honra a representação se preparara. E' este o caminho seguro do *«milagre»*, — o que lhe garante curso desafogado. Porque o *«milagre»*, mero animador dum vitral agiológico, depressa se homologou com o *«misterio»*, sabido que a diferença unica que os separava, — a natureza exclusivamente eclesiástica do segundo, se enfraquecera com a sua deslocação para os pórticos.

Exemplo actualisado do *«misterio»* com reminiscencias formaes de *«milagre»* — *L'ystoire de Monseigneur Saint Sebastien jouée par les habitants Lanlevillar l'année courant. M. V. L. XVII au moys de may»*, que uma alchimia maravilhosa transfigurou no perturbante poema que é *«Le martyre de Saint Sebastien»*. A arte solenissima de Stelio Efrena — o *«uome singolare»*, o *«virtuose»* aliciante, dignificou numa reconstituição cheia de nobreza a esquecida creação medieval. Mas o filistinismo duma época falha não se soube erguer na poderosa aza espiritual que o Poeta lhe estendia!

Com *Tintagiles*, com *Palomides*, o iluminado da Flandres achara o segredo emotivo do *«milagre»*, — com a angustia e a inquietação do Presentimento, duma sombra negra alongada. D'Annunzio, — o altissimo poeta latino (eu ia a chamar-lhe vate no sentido sacerdotal, religioso, que á palavra os Antigos atribuiam) —, restituindo-nos psicologicamente o *«misterio»*, como uma doce cantiga de ama que Fausto, desiludido, escutasse, foi o Orfeu duma reconciliação bem maior do que essa que já a sua arte realisara

entre o Bárbaro da colina bávara e Zarathustra, descido da Montanha! E' que corre um vento de revivescencia para a representação medieval. Emquanto uns lhe aproveitam o espirito para uma obra suprema de congraçamento, os eruditos, colaborando no interesse popular, restauram-n'a com todo o aparato, com o mais escrupuloso respeito. Debaixo do patrocinio de Gaston Paris e de d'Arbois Jubainville representou-se em 1898 em Ploujean um velho «*misterio*» bretão,—«*La vie de Saint Giresolé*».

A vida nómada da Idade-media, com peregrinos caminho de Santiago nas Espanhas ou de San-Thomás, na Inglaterra, com frades mendicantes, cantando e absolvendo, com *jongleurs* e homens de aventura, levara o «*misterio*», amassado com o «*milagre*» ás paragens mais afastadas. O nosso auto tradicional é a sua aclimatação. E na literatura sobranceiramente designada «de cordel» corre um «*Auto da vida do milagroso Martyr S. Sebastião*, que bem se deve considerar uma variante nacional do nucleo ou ciclo, d'onde provem «*L'histoire de Monseigneur Saint Sebastien*». São os mesmos os elementos do «*misterio*» de D'Annunzio, desde a abertura com a confissão de Christo pelos gemeos, Marcos e Marcelino, até á destruição dos idolos do prefeito e á comparencia do divino efebo perante o Imperador. D'Annunzio parece ter conhecido o singelo «Auto» portuguez, tanto o seu poema se combina com elle nos menores detalhes. Só ao cabo o Poeta se desvia da lição popular para servir uma alevantada ideação, simbolo duma fé amanhecente, no *Laurier blessé*. E' aí que Christo, entre as lamentações adoniásticas, recolhe a Dionysos que as Formas haviam trucidado uma vez mais para o remergulhar no seio de Demeter creadora,—«*le goufre de la lumiére inefable*».

A extraordinaria concordancia entre o nosso «*Auto*» e «*L'ystoire de Monseigneur Saint Sebastien*» não se explica sem se admitir uma larga participação de Portugal no movimento das ideias e das crenças medievaes. Essa participação existia,—e intensa, e impressiva. Prova-o um «*milagre*» francez, pertencente ao ciclo de «*Notre-Dame*», o qual se nomeia:—«*Comment la femme au roi de Portugal tua le sénéschal du roy et sa propre cousine, tant elle fut condamné à ardoir, et Notre Dame l'engaranti.*» (Emile Gebhart, *De Panurge a Sancho Pança*).

E' um rei de Portugal que se vae á caça e se perde no bosque de Compiégne. Um castellão dá-lhe hospitalidade e o rei, para lh'a pagar, pede-lhe a filha em casamento. Aqui desencadeia-se uma historia de arripiar os cabelos, a Virgem intervem e tudo acaba pelo rei distribuir o reino «aux pauvres» e funda com a rainha uma abadia.

Na redacção corrente do *Poema de Kudruis*, uma das com-

panheiras de Hagen na ilha dos Grifos (H. Bossert, *La littérature allemande au moyen age)* é uma princeza de Portugal, chamada Hildeburc. Sabe Deus por onde é que Portugal ainda andava! Mas resalta claro das fantasias e dos anacronismos que occupavamos um papel activo na formidavel elaboração medieval.

As colonias vindas ao aceno de Sancho I, as associações de maçons que o Povoador atraíra, o auxilio dos Cruzados na reconquista, a condessa Mahaut e o infante de Bouvines entregam-nos a chave da communhão arraigada da nossa vida nacional no ondular vasto da maré medieva. Não ficou na crença dinamarqueza como o genio do mal a infanta Beringela,—essa moreninha que entre brumas se finou gritando com saudades do sol? Como se comprehende a ida della para um throno do Norte sem uma integração completa de Portugal na communidade europêa?

Tão rigorosa permuta de interesses e de sentimentos, que o conceito moral da *Republica-Christiana* aguentava, documenta-se com uma revelação curiosissima:—a princeza Magalona e o Pedro da Provença, do folheto popular, são as figuras dum conto que entreteve a Europa culta e que o proprio Tetrarca parece que retocara. E muito mais decisiva é a circumstancia de existir ainda na minha provincia uma sobrevivencia do *Drama de Adão*, duplamente curiosa por ser a velha enfabulação desempenhada por bonifrates, fantoches ou *marionettes*, que a Idade-media utilisou nas representações hieráticas com beneplacito da Igreja.

D. Quixote conheceu-os,—já então interdictos pelos latins de Roma, cobertos de abominação pelos graves doutores conciliares. E na minha provincia,—que Deus e o Papa nos perdôem a pouca orthodoxia!—a usança persistiu. Falem a alguem despaisado d'ella, nos *«Bonecos de Santo Aleixo»*—e logo os olhos se lhe alumiarão e a visão amoravel da terra o internecerá!

Veio-lhes aquelle nome—diz-se—, por haverem irradiado da aldeia de Santo Aleixo, no Alto-Alentejo. Sendo assim, trata-se sem duvida d'uma dinastia sucedendo a outra ou, com o dessuramento do uso, d'uma celula resistindo. E apresentam tipos exclusivos, repletos de individualidade, como o *«Mestre-Sala»* e o *«Padre-Chanca»*, que não entroncam na estirpe egregia de Polichinelo, que não se deram nunca com *Tuti li mundi*, nem se arrogam nada da prosapia de *D. Roberto*. As *«Encolhas»*, os *«bailicos»* á nossa saude *«para que mais uns cobres caiam»*, *O que vende alpiste para canario* não reflectem parentesco com as demais exibições de *marionettes*. Com todo o seu regionalismo não escaparam, porém, ás influencias atávicas. A farça que segue o *«Auto»* é um eco da *«sotie»* alternando o *«milagre»*. E pelos serões eternos, ao pasmo simples das apanhadeiras de azeitona desfiam a historia da Creação,

Deus apartando as aguas e ao Setimo descançando, Adão expulso do Paraiso, depois da gulodice fatal, a seguir a morte de Abel e por fim, n'uma promessa esperançada, n'um sinal de Aleluia, a annunciação do Messias, que os Santos-Reis, perdidos na noite, veem demandando do cabo do mundo. Ora a queda de Adão, o fratricidio de Caim e as profecias d'uma redempção eram, segundo Gaston Paris (*Esquisse historique de la littérature française au moyen-age*), as partes em que a composição anglo-normanda se dividia.

Evidente que o texto perdeu-se:—a esta hora, sumido nas poeiras eruditas, Topsius esgaravata nelle para que grossas brochuras surjam em gloria da Imperial Alemanha. Mas os *marionettes* rudimentares da minha terra continuam a repetir, na inconsciencia da hereditariedade, os gestos, as atitudes, os movimentos dos senhores seus ilustres avós...

.....

ANTONIO DE MONFORTE.

VOLTANDO OS OLHOS

Outubro, morno, languidamente brando, foi descendo em rumores, a Terra triste embalando em sopros de sono.

Andam as asas do vento aspergindo a lividez das folhas, a salmodia da Tristeza vai nos ramos suspirando, ouvem-se arvores a tossir...

Na catedral do Silencio ha de o grande Cadaver adormecer, teceu-lhe a mortalha o Outono em suas folhas de oiro.

Miserere...

Sons agonizam fio a fio, entre fumos de incenso, voluteando, do ceu veem caindo lagrimas de côr pelas flores que morreram.

Afogado, todo inquieto em suspiros violaceos, vai o Sol de abalada para o desterro azul, secam gotas de luz no caminho e, sob o esqueleto de arvores em suplica, coalham frias sombras.

Lembranças que já vagueiam nas lonjuras, adormentam-se fluidamente por sobre a anemia de estes arvoredos, outrora ondulando em rezas de novena, quando um espirito de vida com gloria as folhas erguia para o ceu.

A Alma da cidade, a difundir-se na doçura das tardes, renovando-se cada ano e sempre permanecendo a mesma por graça dos deuses, não resuscita mais.

Aquele renascente prodigio, na primavera eterna de esplendores, não pode ocultar á nossa ternura uma visão moribunda, abrigando-se no regaço de sombras em preiamar.

Tudo em volta pulsava então ao mesmo ritmo, arvores e colinas, mosteiros, pomares, quando o vento rimava vôos de melodia, como estrofes liricas de amor.

Em espasmos de luz, gotejavam sons de aves em festa, amolentando a sonolencia de aquelas tardes, incendidas de desejos búdicos, folhas reluzindo como esmeraldas na curva veludosa dos horizontes que guardaram o antigo segredo da translucidez helenica.

A' transfiguração assistiamos todos religiosamente: eram largos esplendores, rutilando em clarões, desmaios sideraes de branda espiritualidade, e como as seivas se abrem e perfumam em flôres, o mesmo halito toldava o instinto, tentando á gloria da Morte.

Como um torpor brando subia em caricia, embriagadoramente, a bendita alegria do não-ser e já não eramos nós-mesmos a pensar e a recordar, tão confundidos áquele jubilo de Luz, palpitando em triunfo, a continuar-se em harmonia a toda a volta, alargando a felicidade do esquecimento.

Na mesma teia de silencio, o proprio Tempo abria os braços a descançar, olhando a Vida parada e no Espaço vendo brancas teorias de fantasmas, a subir e a descer as espiraes da Lenda, insensiveis ao acaso das horas, numa exaltação eterna.

Rainhas e freiras, milagres, virtudes, cavaleiros que passaram devastando, tisicos amores sem fim — na Morte tudo vivia, resurgindo-nos em sombras goticas, sublimados na gloria celeste dos que adormecem no Senhor.

Bendito o Silencio, para sempre seja bendito — quando os ouvidos da alma lhe podem escutar os presagios!

E as noites vinham — purissimas luas, escorrendo claridade ou veludo de trevas amolecendo suspiros de sons, voz de sinos em torres de misterio, erguida ansiosamente a Deus, cada hora mais subido no crepusculo da sua gloria.

Neste prazer de recordar, esvaiem-se fogos-fatuos de ilusão, o claustro é imenso, escutemos-lhe a paz!

A alma da cidade vai morrer.

Miserere...

HIPPOLYTO RAPOSO.



CARTA

A ANTONIO MONFORTE

Meu amigo:

Sob a claridade agónica d'este dia chuvoso e triste, tentava eu achar alguma coisa que te dissesse de mim, mas de mim só, quando me alembraram ter hontem passado um anno sobre a morte de Fialho; e agora mesmo as gazetas me dão a noticia de que, em pontos distantes d'este pequeno Portugal, se finaram dois homens que, no meu respeito e na minha estima, ha muito trazia ligados. Tu sabes: um foi aquelle Eduardo d'Abreu que Fialho glorificou; o outro esse João Claro que tantas vezes no «Intransigente», desanuviado e forte, glorificára o Mestre.

E o mui pouco que de mim, agora como sempre, haveria de dizer-te, dilue-se no muito que, sobre esses gloriosos Vencidos, sobre a sua Morte e sobre a sua Vida, me povôa o espirito absorto.

Eu chamei-lhes Vencidos e não me enganei... Pois o que d'Elles sabemos e o que d'Elles eu não posso ou não devo dizer, cimenta bem a palavra que escrevi e o grandiosissimo mundo de desillusões sobre que se ergueram, para além do Tempo, os seus Espiritos cheios de Bondade e cheios d'Orgulho.

Ha n'esta trindade de nomes toda a epopeia da Vida, superiormente vivida; e do seu exemplo mais uma vez eu tiro a lição de que a Vida, olhada com o espaço de tempo percorrido entre as duas horas-primas do Nascimento e da Morte fisiologicas, para ser grande é mister que se tenha demudado n'uma sequencia interminа de derrotas, tantas e tão grandes como as aspirações e os sonhos que definiram.

Só assim o Homem se tornará orgulhoso e bom; e esses tres Mortos que como poetas, como revolucionarios, como creaturas cheias d'Amor e de Fé, viram, ao cabo da lucta, que as suas almas eram um montão luminoso de ruinarias, esses homens podéram, afinal, erguer dentro de si as *turris eburneas* do Orgulho e da Bondade!

E que me importa saber agora que Fialho morresse em Cuba, isolado e triste, sob um *requiescat* immundo de aleivosias; que a Eduardo d'Abreu, pontapeado a couces p'rá sua thebaida de

Amares, não desse a Patria agradecida uma bandeira verde vermelha para sudario; e que João Claro, aos 26 annos, tivesse já a velar-lhe os olhos, mais do que a myopia, uma grande e religiosa tristeza?

Que me importa tudo isso se, afinal, sob a aza luminosa do velho Tempo, Elles, que foram os vencidos da Vida, são agora os unicos illuminados Vencedores da Morte!?...

*

Abre-se, na mortalha de nuvens que o ceu enrola, uma fresta por onde entra, luminoso e morno, o Sol de Inverno,—Sol outonal, Sol de tysicos que não fére e mata brandamente, avelludadamente...

E eu penso, meu amigo, que, de resto, ainda a dentro da Vida esta derrota se converte n'uma victoria. Sabido que o Homem se aproxima tanto mais da Perfeição quanto mais aprende a bastar-se, alegremente convenho em que o verdadeiro inicio da nossa victoria sobre a mesquinhez do meio se encontra no momento supremo em que a par da *turris eburnea* da Bondade se ergueu dentro da nossa alma a *turris eburnea* do Orgulho.

E' então que o Individuo procura em si o verdadeiro sentido de viver; cada gesto bom que irrite ou não echôe no mundo exterior tem dentro d'elle premio bastante, que já o seu Espirito entrou na fase incomprehendida da auto-glorificação de que falla o «Fogo» de D'Annunzio. E é vêr como, apezar de tudo, os Mortos que hoje evoco não tiveram nunca a postura tragica de Vencidos; e no emtanto, repito, elles sentiram a Desillusão em toda a sua fereza e escarmento.

Na lucta pela Vida nós, os sinceros, os bons, temos sempre na bocca esta frase fatal que não consigo traduzir agora: *Je n'ai pas reussi!* Entretanto nunca os labios se nos abriram para amaldiçoar o tropeço onde foi quebrada a aza rutilante da nossa fantasia; porque se a bondade ou a Fé architectaram o Sonho, logo o Orgulho nos impediu de chorá-lo. A Ideia, o Amor que nos atira p'ra lucta já não é grande por si só mas tambem pelo que nós somos; assim nunca esse impulso morrerá na turba que o repilla ou na mulher que o não acceite porque haverá de viver sempre na grandeza altiva dos nossos corações.

No dia-a-dia do «struggle» eu, que nunca venci, bem sei que para vencer é mister ou é melhor ser-se canalha! Bem sinto que se o fosse a turba applaudiria os meus gestos, as mulheres seriam

mais faceis, e eu não teria de comprar amanhã, com o sacrificio dos meus nervos, a codea dura do officio. Bem sinto que se não fosse orgulhoso não saberia contar o numero dos que me elogiassem e, escrevendo para elles, o melhor dos meus livros seria o que tivesse menos de mim.

Mas, no emtanto, meu amigo, eu que nunca venci penso ainda em como é bom ser-se bom e ter-se Orgulho; e scismo na dulcissima hora em que olho, cheio de Piedade, para os que me não sentiram ou me trahiram na lucta pela Ideia, para a mulher sempre amada que me desprese e se tenha entregado ou haja de entregar-se ámanhã áquelle patiforio que melhor saiba afivelar-se um frontespicio de gente honrada.

*

Vae-se rasgando n'uma clareira azul cobalto o ceu annuviado, traz do qual, ainda ha pouco, os meus olhos mal adivinhavam o dia. O Sol na sua brancura rutilante é agora mais claro e cheio de promessas.

Oh! como é bom, meu amigo, ter-se dentro da alma este Sol do Orgulho que nos abranda a Vida no roçar de tanto lodo e sugidade!

Ser vencido, creando, deixando poças de luz no logar onde cahimos vencidos, é a maior das victorias! Foi assim que as tres Sombras da minha evocação podéram subjugar a Morte, viver ainda hoje dentro de nós, na perfeição das suas creações, na grandeza dos seus gestos, no Amor e na luz que deixaram átraz de si, sobre a Terra escura e sáfara.

Houve um barbaro que, poisando na balança justiceira a brutalidade da sua força, gritou: *Væ victis!* Pois agora me parece que nós, os que nunca vencemos na Vida, poderemos dizer aos barbaros do tempo moderno:— *Væ victoribus!* Ai dos vencedores!...

Coimbra-Thomar, aos 5 de Fevereiro de 1912.

João d'Alcaçar.

Coimbra 16 de Maio de 1908.

Muito agradeço a Fonte do Satyro, que ha mezes me mandou, da sua musa infatigavel e já classica.

Ha ahi sonetos que não baixo referros, e versos que soam a musica de camara, e que só uma alta poeta póde dar.

Oxalá caro Eugenio de Castro não perde tempo, e, como ão espiritual, todos os annos um livro seu me traga a colheita do seu trigo, a enxerga onde a minha, que ai

estações caprichosas não dei-
xam granar as estas char-
neiras africanas.

Deus lhe accrescente fama
e lhe prolongue a vida, meu
caro Eugenio, para gloria
das lettras e orgulho dos
que lhe queremos como eu.

Fialho d'Almeida

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DE COIMBRA

A DAMA DA CUTILADA

Continuação de pag. 32

Feito isso, passados quinze dias pouco mais ou menos veiu um desembargador que foi mandado para se tirar devassa sobre o caso, e chegando a esta cidade, sabendo que o bispo estava fora, por industria dos Sás se foi sem mais consideração ao aljube, e, chamadas as justiças da terra, entrou no aljube forçosamente e tirou aos ditos presos e os levou ao castello, prisão desta cidade, o que sabido pelo bispo acudiu na mesma hora e mandou fazer seus requerimentos ao desembargador. Elle, cuidando tinha feito a mor cavallaria do mundo, zombou disso dizendo tinha feito o que lhe el-rei mandára, o que era falso, que el-rei não mandou tal.

O bispo se soccorreu logo ás armas da Igreja, mandando-o denunciar por excommungado e a todos os que foram com elle, que eram nove pessoas, e mandou poer interdicto nas freguesias d'onde aquellas pessoas eram; e não querendo nem a isto obedecer, feitas suas necessarias amoestações conforme a direito, foram denunciados de participantes o desembargador e corregedor da cidade e foi posto interdicto em todas as igrejas, mosteiros e collegios desta cidade dentro e fora; e, perseverando em sua contumacia, foi posta *cessatio a divinis,* e estivemos dez dias nesta cidade sem se ministrar nenhum sacramento, o que sendo em quaresma era uma grandissima lastima.

Neste meio tempo mandou o bispo a Sua Altesa, e veiu-lhe uma provisão que logo o mesmo desembargador tornasse os ditos presos ao aljube d'onde os tirára, e que o bispo julgasse a uns e a outros como lhe parecesse.

Tornada D. Guiomar á prisão da Igreja, emquanto corria seu feito, que já era com muito favor, porque o bispo de proposito tomou a cargo este negocio, ordenou maneira como fosse freira de S.ta Clara, a qual licença não custou muito a haver, porque seu pae não se desconcertou no partido, promettendo seiscentos mil reis

em boa moeda afora o herdarem sua fazenda, e que, primeiro que sua filha entrasse, lh'os daria.

Como esta senhora teve palavra das madres, o que tudo se fazia com muito segredo, ordenou a maneira como havia de sahir d'onde estava e ser levada a S.ta Clara sem ser sentida dos contrarios, que sobre isto traziam grandissimas vigias, para o qual effeito houve uma grandissima canastra e a teve comsigo alguns dias antes de lhe sahir a sentença do bispo, e disto não dava conta nem a seu irmão, que estava com ella.

Dada a sentença, foi-lhe denunciada uma sexta feira ás onze horas do dia, e foi que pagasse trinta tt.es *(tostões?)* pelo sacrilegio, e isto tudo se fazia com segredo, porque, como já disse, o bispo favorecia o caso. Na mesma hora pagou com todas as custas, e sendo-lhe dicto pela justiça ecclesiastica que se podia ir á paz de Deos, que elles não queriam mais d'ella, mandou esta senhora logo chamar dous frades de S. Francisco e descobriu-lhe o que tinha determinado, que era metter-se naquella canastra, e, coberta por cima de qualquer cousa, elles buscariam um homem de ganhar, dizendo que era aquela canastra de prata para o sepulcro, que a levasse muito quieta e no preço se não desconcertassem, e elles fossem com o Ratinho com a mais dessimulação que pudessem, a que elles replicaram dando outras muitas maneiras pera ir, mas a senhora a nenhuma cousa obedeceu, se não que da que ella dizia havia de ser. E finalmente se metteu na canastra e se concertou o melhor que poude, e, vindo o Ratinho, se fez como ella ordenou.

Os padres a acompanharam com cada um seu cirio na mão como que lh'os deram de esmola para o SS. Sacramento, e assim foram atravessando toda a cidade, porque não havia outro caminho, e a pratica dos padres era sobre o sepulcro que faziam falando na prata que levavam, e falavam um pouco mais desentoado do que é costume dos religiosos, especialmente onde viam mais gente, e desta maneira chegaram com aquelle vaso de fina prata ao mosteiro da gloriosa Santa Clara e foi levada ás pousadas do padre confessor, e como ella até aquella hora não sabia aonde estava, descobrindo-a e vendo-se no tal logar, deu muitas graças a Nosso Senhor que a livrara e a tinha posta em tal estado, dizendo muitas e mui discretas palavras por seu causo discrição e fermosura, de que esta senhora não carecia, nem ao presente carece, mas antes em muito maior perfeição; entre as quaes disse, dando muitas graças a Nosso Senhor, que em sexta feira ser por onde foi presa, e em sexta feira foi trazida do castello para o aljube e em sexta feira se via livre e entrava em o mosteiro da gloriosa Santa Clara.

Na mesma tarde foi recolhida para dentro e recebida das ma-

dres com muita alegria e contentamento. Isto fez não com animo de mulher, mas de um grande capitão.

Ao domingo de Ramos lhe deram o habito da gloriosa Santa Clara deante de todas as pessoas que o quiseram ver. Acabado o officio, ficou falando na mesma grade com uma sua irmã, que presente esteve, e outras algumas mulheres da mesma terra principaes; estavão tambem alguns Religiosos da mesma ordem; um mais ancião chegou a despedir-se della por ser amigo de seu pae, entre algumas palavras que lhe disse, tratando do seu caso, dizendo que tudo foram estremos, a que ella respondeu já com viva alegria: outro estremo ha hi maior que todos estes que Vm. diz e é que me deram o habito da gloriosa Santa Clara em dia de Ramos, no qual dia ella deixou de todo o mundo e entrou em religião, cousa em que ninguem até aquella hora tinha cahido sendo assi na verdade.

Crê-se qne esta mulher virá a ser uma grande Santa, pelo nome que no mundo deixa de sua entrada em religião. Já de sua fortaleza e animo não se pode falar, porque nunca outra no mundo se viu, nem em historias antigas se leu outra sua egual.

Nosso Sanhor a faça tão grande sua serva como a fama de seus varonís feitos soa.»

Numa terra como Coimbra, que, pela formosura do seu Mondego, pela belleza dos seus arredores, e por conter uma Universidade assás frequentada de bons engenhos, tem sido sempre um Parnaso onde se acalentam as musas, o brioso e extraordinario feito de D. Guiomar Nunes não podia deixar de ser celebrado pelos vates seus contemporaneos.

D'entre varias poesias engraçadas e chistosas compostas então em honra da *dama da cutilada*, aqui archivamos as seguintes:

Senhora Dona Guiomar,
Moradora na Calçada,
Que destes a cutilada,
Senhora Dona Guiomar,
Que moraveis na Calçada,
Mereceis tença d'el-Rey,
Pois destes a cutilada.

A rua da Calçada, onde residia D. Guiomar Nunes, é a que hoje se denomina rua de Ferreira Borges.

Não passes, **Cleopatra:** quem me chama?
Lucrecia, que com seu illustre feito
No tempo mais florente ao Ceu direito
Levou seu grande nome, gloria e fama.

Pois que quer essa nobre e gentil dama?
Quer que saibas que ha hi hoje outro peito
Mais alto, mais subido, mais perfeito,
E que muito maior louvor derrama.

Quem é que a nossa fama escureceu?
Guiomar, que se vingou c'o duro córte
De quem tingir sua fama pretendeu.

Vive na terra? Não, porque escolheu
Um meio tão seguro em vida e morte,
que, estando cá na terra, está no Ceu.

Neste ultimo verso allude-se a ter-se recolhido D. Guiomar no convento de Santa Clara.

Alma fermosa e bella, produzida
Do famoso Cosmographo e divino,
Illustre gloria, espelho crystallino,
Coroa das mulheres mais subida:

Valerosa donzella esclarecida,
Esmalte glorioso de ouro fino,
Celebre-se teu nome de contino,
Tua fama, tua honra, tua vida.

Seja com louvor alto mui cantado
D'antiga Coimbra o blasão famoso,
Serpente, Leão, Vaso, e bella dama.

E seja juntamente sublimado,
Dona Guiomar, o teu peito animoso,
Pois fez um feito illustre de tal fama.

No primeiro terceto deste soneto parece alludir-se ás composições poeticas de Sá de Miranda e de Gil Vicente relativas ao brasão de Coimbra (1).

A. M. Simões de Castro.

(1) Relativamente a essas composições, vide o nosso livro *O brasão de Coimbra, resenha do que disseram e escreveram ácerca d'elle alguns auctores distinctos.* (Coimbra, 1872).

A POPULAÇÃO DE PORTUGAL

Se as obras de William James, Maurice Blondel, André Chameix e outros fossem mais vulgarisadas em Portugal, é possivel que os problemas que mais vivamente interessam á vida nacional, pelo seu elevado caracter de utilidade, merecessem mais attenção e fossem mais cuidadosamente estudados, sob o verdadeiro criterio scientifico.

Se houvesse muito mais quem perguntasse a si proprio e aos outros: «Sob que ponto de vista o mundo seria differente do que é, se fosse verdadeira tal alternativa, ou tal outra?» — na phrase attribuida por William James, no seu «Pragmatismo» ao chimico Ostwald, de Leipzig, — não estariam tantas questões que se relacionam com o bem-estar social longe de soluções apenas esboçadas.

Goethe dizia e adoptava como divisa: «Vêr todos os lados das coisas»; mas, se do alto de tal philosophia descermos ao exame do modo de ser social, forçoso é reconhecer que ha alguns aspectos, que se torna mais interessante examinar e um d'esses é, sem duvida, o que se define na *acção* e na *utilidade*.

Entre os problemas, que sob essa feição, mais convem considerar, em Portugal, avulta o da população.

Segundo informações apenas esboçadas, tem-se como certo que os resultados apurados no censo realisado em fins de novembro do anno passado conduzirão á determinação do numero global de 5.400.000 habitantes, no continente.

Não sabemos se isto se confirmará. Se confirmar, não teremos motivo para grandes congratulações, porque não se apresentará progressão que denuncie a melhoria nas condições de existencia do povo portuguez:

	Habitantes	
Censo de 1864	3.758.410	
Censo de 1878	4.200.669	
Censo de 1890	4.649.728	
Censo de 1900	5.016.267	
Censo de 1911	5.400.000	(?)

Lançada a vista para estes algarismos, immediatamente acode ao espirito o desejo de perguntar: O que ha a fazer para que a população de Portugal cresça mais accentuadamente?

Medicos eminentes e economistas notaveis, que teem estudado este problema em França, são de parecer que o meio mais efficaz seria o augmento dos impostos sobre os celibatarios e paes sem filhos. Ha quem pretenda que, sendo a população franceza de 39 milhões de habitantes, poderia augmentar 1 milhão por anno, se se reservassem os cargos publicos para paes e mães de tres e mais filhos vivos; se se concedesse um premio de 500 francos por cada nascimento, além de dois filhos, presumindo-se que isto custaria ao thesouro publico uns 150 milhões de francos.

A opinião hoje mais corrente, especialmente entre os economistas allemães, é a de que o principal fautor da despopulação é o Estado, que contribue poderosamente, pelos pesados encargos que lança, especialmente sobre as classes menos remediadas, para a reducção da existencia normal do povo. As provas d'isto apparecem de todos os lados: não são só contribuições aggravadas; é o serviço militar, em que o numero de refractarios e eximidos augmenta de anno para anno; é a exaggerada legislação protectora das mulheres e creanças na industria, que priva as classes operarias de uma valiosa fonte de recursos, etc.

Portanto, é preciso achar uma sahida á serie de difficuldades que se accumulam em torno da solução do problema. Essa sahida ha de ser necessariamente procurada na diminuição geral dos impostos e na consequente melhoria das condições economicas. Só assim se promoverá o augmento da população, até ao limite marcado pelos recursos do paiz e pela actividade dos seus habitantes.

E' indispensavel que em Portugal se não viva despreoccupado a este respeito. O accrescimo physiologico annual da população (excesso dos nascimentos sobre os obitos por 1000 habitantes) apresenta proporções que não são proprias a desalentar, mas que convem ponderar devidamente.

Esse accrescimo, calculado para os annos de 1901 a 1905, é representado pela média de 12.1. Ora, na Allemanha é de 14.5 e na Bulgaria attinge 18.2. E' verdade, porém, que na França não passa de 1.7 e, por isso, bem justificado é o sobresalto com que n'aquella nação se assiste á sua despopulação.

A natalidade é, entre nós, bastante grande, quasi egual á da Italia; mas a mortalidade é superior á d'esta nação e muito superior á da Inglaterra, onde o accrescimo physiologico é inferior ao nosso.

Isto demonstra que existem causas morbidas, cujo conhecimento é preciso ter, para as extirpar ou, pelo menos, as amenisar quanto possivel. Essas causas recrudescem, por exemplo, no Porto, onde a mortalidade média é a mais elevada de todo o paiz, attingindo 23.99, quando a média geral não passa de 19.84.

A publicação dos resultados do recente censo da população em Portugal vae offerecer-nos largo campo de investigação para o estudo d'esta interessantissima questão, de grande alcance economico-social.

Inspirando-nos nas doutrinas do pragmatismo, segundo as professa William James, quando proclama que «uma ideia não tem significação alguma fóra da significação pratica», a qual se traduz na proficuidade d'ella — podemos affirmar á face dos principios da sciencia, que o problema da população portugueza conduz a conclusões que esclarecem muitos pontos obscuros, alguns d'elles bem graves, da nossa vida nacional.

Porto, 1912.

BENTO CARQUEJA.

Caros camaradas de **Dionysos:**

Ofereço-vos e envio-vos este Idilio *de Theocrito, que passei á nossa linguagem, ha annos, numa tarde antes de jantar, para me divertir. Como esta bucolica está viva! Os seus pastores têm almas e são de carne moça e ardente, duma nudez clara e casta. Quão diferentes são dos pastores letrados da Renascença, por exemplo, dos pastores das nossas lindas eclogas, aos quaes tão facilmente se adivinha, por baixo do çamarro que usam, a seda polida da côrte. Mas vós sabeis que eu ignoro o grego, e que tive de trabalhar — não vos horrorizeis em demazia — sobre uma versão francesa, — mas em prosa literal. Se achardes, comtudo, que os pastores de Theocrito não perderam todo seu maravilhoso encanto porque a minha mão se atreveu a tocar na sua adolescente belleza, — dae-lhes ahi, para se amarem, esses saudosos campos, onde a sua mocidade se casará tão bem á do vosso* Dionysos. *Saudo-vos como camarada muito admirador.*

Lisboa, Fevereiro, 1912.

A. L. V.

IDILIO DE THEOCRITO

A PASTORA

Páris, pastor, roubou Helena, a bella.

DAFNIS

E a mim, pastor, a minha Helena beija-me.

A PASTORA

Olha o vaidoso! De que vale um beijo?

DAFNIS

Um beijo vale mil e mil encantos.

A PASTORA

Enxugo os beiços..., e que é d'elle agora?

DAFNIS

Então deixa-me dar-te um outro beijo...

A PASTORA

Beija as tuas novilhas, e respeita-me.

DAFNIS

Dura tão pouco a nossa mocidade!

A PASTORA

As uvas velhas não terão perfume?

DAFNIS

Vem para a sombra d'estas oliveiras;
quero dizer-te duas palavrinhas.

A PASTORA

Não, que já me enganaste.

DAFNIS

A minha frauta
só por ti tocarei alegremente.

A PASTORA

Pois toca para ti; eu tenho medo.

DAFNIS

Medo, sim, de que Venus te aborreça!

A PASTORA

Que me importa? Protege-me Diana.

DAFNIS

E se Venus se zanga e te castiga?
Se te ella ouve, inda ha-de armar-te um laço.

A PASTORA

Que faça o que quizer. Diana protege-me.
Mas tira a mão, ou arranho-te essa cara.

DAFNIS

Mas ninguem foge ao Amor, é lei sabida;
e têm de amar, as raparigas todas!

A PASTORA

Pois eu, por Pan o juro, hei-de escapar-lhe
Deixa lá o meu veu.

DAFNIS

Temo que um outro
menos digno do que eu, sua te faça.

A PASTORA

Muitos me querem, mas nenhum me agrada.

DAFNIS

E, entre todos, eu peço-te a ti mesma.

A PASTORA

Mulher casada sofre tantas penas...

DAFNIS

Mulher casada mil delicias goza...

A PASTORA

Ha mulheres que tremem dos maridos!

DAFNIS

São as rainhas d'elles, se são bellas.

A PASTORA

E a dôr do parto? Diz que custa tanto

DAFNIS

Diana, tua madrinha, ao parto assiste.

A PASTORA

Se fôr mãe, deixarei de ser bonita.

DAFNIS

Em teus filhos, depois, serás mais bella.

A PASTORA

E se eu disser que sim, dás-me presentes?

DAFNIS

Tudo: rebanhos, bosques e pastagens...

A PASTORA

Jura que não serei abandonada
depois de nos casarmos.

DAFNIS

Nem que longe de ti me um dia queiras,
por Pan o juro!

A PASTORA

E terei casa minha? e mais um leito
nupcial? e tambem uma malhada?

DAFNIS

Terás um leito nupcial, e os gados,
minha linda, é por ti que os apascento.

A PASTORA

Mas, e meu pae..., que lhe direi agora?

DAFNIS

Sabendo quem eu sou, ha-de aprovar-te.

A PASTORA

Como te chamas? E' tão bom dizer-se
o nome que pertence a quem amâmos!

DAFNIS

Chamo-me Dafnis; sou filho
de Lycidas e Numêa.

A PASTORA

Boa familia; a minha é tambem boa.

DAFNIS

Melhor que a tua é certamente a minha.
Tu és a filha de Menalco.

A PASTORA

Mostra-me
os teus bosques, e onde é tua malhada?

DAFNIS

Vem comigo e verás esses meus altos
ciprestes, sempre, sempre verdejantes.

A PASTORA

Pastae, minhas cabrinhas; vai mostrar-me
o meu pastor a graça dos seus campos.

DAFNIS

Pastae, rebanhos meus; minha pastora
os meus campos vai ver com os seus olhos.

A PASTORA

A tua mão sob o meu veu! Que é isto?

DAFNIS

Estes fructos redondos, quero vê-los...

A PASTORA

O' Pan, que já estou tremendo toda!
Tira a tua mão!

DAFNIS

Minha pastora linda,
socega; como és timida; socega...

A PASTORA

E sobre a terra humida me deitas!
Vae-se estragar de todo o meu vestido!

DAFNIS

Ha tanta lan macia nos rebanhos...

A PASTORA

E quebraste-me o cinto! Então, que fazes?

DAFNIS

Consagro a Venus a primeira ofrenda.

A PASTORA

Vem ahi gente! Deixa-me! Oiço passos...

DAFNIS

São os ulmeiros a cantar na boda...

A PASTORA

E rasgaste-me o veu! 'stou toda nua ...

DAFNIS

Hei-de dar-te um maior e mais bonito.

A PASTORA

Sim, nada me darás; prometes tudo!

DAFNIS

Ah!, não poder esta minh'alma toda
nessa tua alma toda confundir-se!...

A PASTORA

Não me castigues por infiel, ó Diana.

DAFNIS

Imolarei ao Amor uma novilha
e um toiro a Venus.

A PASTORA

Cheguei virgem, e parto como esposa.

DAFNIS

Esposa e mãe; não rapariga inutil.
Sustentará teu seio os nossos filhos.

Assim, baixinho, diziam
estes moços namorados,
entre os ledos folguedos delicados
que elles faziam.
Levanta-se este par
furtivamente unido:
ella ás cabrinhas torna, e tem o ar
confuso, mas alegre e envaidecido
o coração no peito;
e Dafnis, orgulhoso do seu feito,
os toiros volta a guardar.

1909.

AFFONSO LOPES VIEIRA.

MELODIA DAS FLORES

A Alvares d'Almeida

Vem surpreender nesta canção discreta
Os misterios supremos da Harmonia:
E afina e tua lira de poeta
Pla nossa melodia.

Quem póde presentir a nossa calma
E muda e mistica paixão de amôr,
Senão a tua grande e simples alma,
—Alma simples de flôr?!...

Só tu possues a tradução secreta
Do ocultismo subtil do Indefinido:
—Que tens ouvidos d'alma de profeta,
—E alma á flôr do sentido.

Olha-nos bem a delicada norma,
Medita e vê que nós, assim, em flôr,
Somos beleza conjugada em forma,
Perfume e luz e côr.

O pensamento lúcido de Deus,
—Voz ideal, dedo indice de lume
A discorrer na louza azul dos ceus—
Mais em nós se resume.

Ergue a Terra nos labios côr d'esprança
Afervoradas preces de desejos...
E logo o Ceu num rir de luz lhe lança
Bençãos claras de beijos.

Somos os beijos de maior ternura
E mais simples e candida leveza,
Que se dão o eterio Espirito da Altura
E a carnal Natureza.

Somos a névoa perfumosa e alada
De labios que se beijam com prazer...
E simbolos—ó Alma contristada—
Da graça de Viver.

Somos beijos no circulo das vidas...
Canções viventes na espiral dos sonhos...
—Que os beijos são lindas canções vividas
Sobre labios risonhos.

E ao pousar na Terra suspirosa
O Espirito de Deus num lento abraço,
Ficámos névoa cosmica e amorosa
A perfumar o espaço.

E a nossa luz e côr e aroma, vão,
Leve e leve, das térreas primaveras,
Seguindo, em lenta e dúlcida canção,
O ritmo das esferas...

ANTONIO COBEIRA.

AS TRES...

A João Cid

Era ainda menino, amei Maria,
a dos olhos castanhos, virginaes,
que uma visão do ceo era entre as mais,
quando, alegrando o ar, me aparecia...

Depois, amei Rachel, que me sorria
entre névoas de luz, como as vestaes;
e amando-as, leal eu, e ellas leaes,
amei mais Dulce, a pomba fugidia...

Mas se amei tres, como as amei, então,
se um só amor existe? E sinto a dôr
de quem, amando, nunca amou, talves...

Quantos amôres tive, ó coração?
Responde o coração: Um só Amôr...
E com um só Amôr amaste as tres...

MINH'ALDEIA

A Coelho de Carvalho

Minh'aldeia, voltei! — Ave-Marias...
Teu crepúsculo d'oiro até parece
que me canta, e me embala, e me adormece,
a florir a amargura dos meus dias...

Como a urze das tuas serranias,
poeta em ti nasci, sem que o soubesse;
e o meu primeiro amôr, (o que não 'squeçe...)
criança, aqui o achei, quando me vias...

Minh'aldeia, voltei! — Anoiteceu...
Sobre o meu coração, como num ninho,
estendes a asa d'oiro do teu ceo...

E elle dorme e sorri, o abandonado!
como dorme e sorri um passarinho,
sôb a asa da Mãe agasalhado...

Bernardo de Passos.



CAVANDO A TERRA

Tardes de Abril, de mágua e de doçura,
Quando o Sól vae dizendo a ladainha,
Gemendo de saudade pela altura...

Há mágua similhante á mágua minhã
Na paysagem exangue de amargura
Com seu choroso ár de pobresinha...

Tardes de Abril, de mágua... Pela encósta
A cavar vaé cantando o cavadôr
Canções sadias de que a gente gósta.

Andam anceios d'alma no Infinito,
Pelo Vago a boiar, todos da côr
Que tem ao longe um pálido *Bemdito*...

Todos em linha,
Os cavadôres
Todos aos bandos
Vão escutando a ladainha
De ouvido attento *no que faz os mandos:*

(o cavador da direita, *mandando*, a cantar:)

Vá, enchadas no ár, ó minha gente,
Mette fundo, puxa bem!
Manda-lhe o ferro agudo, ó meu valente,
Que o ferro dê o que elle tem!
Agarra o peito d'essa rabeira
Corta-lhe firme, rasga a terra,
Que é bem bonita, que é bem trigueira!
Puxa-me a leiva que ainda canta
E canta bem
O seu amôr e tem saudade
do coração que a terra tem!
Puxa-me bem, puxa essa manta
Para ficar bem á vontade...
São cinco ferros que a gente tem!
. . . . . .
. . . . . .
Vá, enxadas no ár, ó minha gente,
Rasga os seios á terra, rasga bem!...

Tombou magoado o Sól, cheio de dôr...
Acabou-se o trabalho d'esse dia...
— *Rezem ás almas, vá!* — diz o feitor.
Descobre-se o cavadôr
E réza uma Avé-Maria.

A descêr vão cantando pela encósta
Canções sadias de que a gente gósta:

Eu cá não sei lêr nos livros
Fui creado pela serra:
Sei apenas lêr n'um livro
Que se chama a minha terra.

(os écos, ao longe:)

Sei apenas... lêr na terra...

MARQUES DA CRUZ.

ALMAS DO BOSQUE

Cada arvore tem a sua voz.

As lyras montanhezas
As frondes com doçura as desbraváram,
Cadenceando o longo rumorejo
No socêgo do bosque sonoroso:

A tilia transparente,
Flébil segreda entre sorrisos fluidos
—Delícia, esquecimento...

Rebôa cedro dentro a eternidade
Estancias de mysterio e prophecia,
Chimeras d'alem mundo!...

Da faia espanejante á beira d'agua
Rufla ironias gárrula folhagem.

Celébra o castanheiro
Linhos, noivados, sementeiras, lares
Na mansidão das terras de fartura.

E o pinhal suspirando
Saudade inacabavel
Rememóra paragens d'outro mar...

Manuel Eugenio Massa.

PRECE PELOS PINTOS

(Do livro no prêlo «Terra de Sol»)

Que Santa Barbara acuda
E a Virgem Santa Maria,
Pois que sem a sua ajuda
Nos morrerá toda a cria!

Livrae-nos da trovoada!
Nós, pobres, temos tão pouco!
Se ella vem, mata a ninhada
Que a gallinha tem no chôco.

E tanto tempo ajuntámos
A um e um, estes ovos!
Em paga do que lidámos
Teremos trabalhos novos?

Não sei o que nos enguiça:
Talvez que algum mau olhado,
Pois não faltamos á missa
Dos domingos no povoado.

Ou talvez praga rogada...
Mas Jesus Nosso Senhor
Ha de fazer que a trovoada
Não caia n'este redor.

Que então estaremos perdidos,
Se a trovoada romper
Antes dos pintos nascidos,
Pois já se sentem mexer.

Que Santa Barbara acuda
E a Virgem Santa Maria
Pois que sem a sua ajuda
Nos morrerá toda a cria.

José Coelho da Cunha.

BIBLIOGRAFIA

ANTEU, POEMA DE JOÃO DE BARROS
COMMIGO, VERSOS DE MANUEL LARANJEIRA

Quiz um extranho acaso que, na mesma altura, e quasi na mesma semana, dois autênticos Poetas viessem até nós — um, *épris* de vida, duma vida exuberante e tumultuária, o outro, tragicamente grande na sua dolorosíssima atitude de negação e renúncia —, a prégar o Verbo desencontrado das suas grandes almas. O que um afirma, refuta-o o outro; sobre a Dúvida dêste ergue aquêle sua Certesa. E os dois Livros, grandes já por si mesmo, tornam-se maiores, muito maiores, quando lidos simultaneamente. E' que neles palpita, com excepcional intensidade, a desvairante e aniquiladôra indecisão da nossa época e, em especial, da nossa Raça. *Anteu* é, afinal, o que sonhamos, o messianismo *enteté* do nosso fundo étnico; *Commigo*, o verdadeiro Poema da Decadencia, a iniludivel demonstração do desalento a que nos arrastou um curto mas exgotante Passado de sciencia e positivismo.

No primeiro o Homem insatisfeito, procurando-se, dentro de si mesmo, uma rasão de vida, encontra-a na própria Ilusão e a ela se entrega confiadamente, cégamente, num grande riso claro de alegria; mas, no outro, o Poeta — que, da mesma forma, vivêra um grande Sônho — não adormece repousado no seio embalador da sua Chimera, antes, a estrebuxar de raiva impotente e de imorredoira sofreguidão de sabêr, a pretende ultrapassar. E o que foi a sua Ambição-Maior se tornou na sua Mór-Desgraça. Que a Vida é como aquele sol que, receioso do próprio podêr, derreteu as asas de Icaro!

E' com *Anteu* que João de Barros — abandonado o lirismo truculento de kermesse flamenga que a *Terra Florida* acusa — consegue, a meu vêr, realisar uma comovida e legítima obra de arte. Não são já aquelas chapadas violentas de côr, aquelas carnações transbordantes de cio, aqueles gritos excessivos de alegria — que, porque é excessiva, nos parece falsa — dos seus versos anteriores. Ha já neste Poema um como que aflorar de lágrimas, um piedoso e religioso enternecimento pelas coisas da Vida. Trata-se menos de musculaturas e mais de almas. E é por isso que o II Canto da tragedia é simplesmente grande, d'anunziano purísso!

E que vos direi eu, amigos, da obra de M. Laranjeira? com que serenidade vos poderei falar nesta meia duzia de linhas, dessa meia duzia de versos, que li num desvairamento, sufocado por tão alta e tão vibrante e tão funda emoção; dessa meia duzia de versos destrambelhados, que são, a par dos de Fausto Guedes, o mais lancinante e mais pungente rugido de tortura que o sol de Portugal jámais ouviu?

Ah! grande, meus amigos, muito grande!

Vila-Mar — 16 — Fevereiro — 1912.

Soube agora que M. Laranjeira se suicidou. E porque não haveria de ser?

Coimbra — 23 — Fevereiro — 1912.



F. França & Armenio Amado

LIVREIROS-EDITORES

Assignaturas para todos os jornaes de modas, direito e medicina.

LIVROS NACIONAES E EXTRANGEIROS.

Rua Ferreira Borges, 77 a 81

Artigos de Papelaria. * Pastas e encadernações em todos os generos.
Execução rapida de encommendas.

Arco d'Almedina, 2 e 4 **COIMBRA** — Telephone n.º 355 —



VAGO

LIVRARIA ACADEMICA

TELEFÓNIO N.º 111

João de Moura Marques

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria. Artigos de Escritorio e Desenho.

Correspondência direta com os principais centros literarios

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO

DE

Antonio Maria Correia

15, Largo de S. João, 16 — COIMBRA

Encadernações em missaes novos e usados. Livros em branco para o commercio
Encadernações em chagrin, marroquim, pergaminho e percalina
Executam-se com esmero e nitidez encadernações em estofo de pastas, carteiras e passe-partouts bordados ou com pintura, para retratos.
Fazem-se brochuras em grandes edições. Forram-se e envernizam-se mappas.

ALFAIATARIA

DAMIÃO & GRANT

Confecções para Senhoras

ARCO D'ALMEDINA, 3-1.º — COIMBRA

VAGO



SERIE I N.º 3



Dionysos

REVISTA MENSAL de PHILOSOPHIA,
SCIENCIA e ARTE

COIMBRA

ABRIL — MCMXII

PREÇO, 100 RS.

Typ. Universal — PORTO

DIONYSOS

REVISTA MENSAL DE PHILOSOPHIA, SCIENCIA E ARTE

DIRECTORES — AARÃO DE LACERDA E JOÃO DE LEBRE E LIMA

SECRETARIO — JULIO CID EDITORES — FRANCISCO FRANÇA & ARMENIO AMADO

SUMMARIO D'ESTE NUMERO (ABRIL DE 1912):

Escolas Novas	JOÃO DIOGO
Valor objectivo do conhecimento humano	A. A. MENDES CORREIA
Educação clássica	MANOEL DA SILVA GAIO
Revindicação	A. GONÇALVES
Peer Gynt; Ibsen e Grieg	AARÃO DE LACERDA
Odivellas	MANOEL DE SOUSA PINTO
Lettras mortas	LUIZ DE ALMEIDA BRAGA
Extracto	GARCIA PULIDO
Autographo de	EÇA DE QUEIROZ
A floresta	CHAVES DE ALMEYDA

VERSOS:

A meu pae	CONDE DE MONSARAZ
Suplica das estrellas	JOÃO M. SANT'IAGO PREZADO
O maior mal	JOÃO AMARAL
Genezareth	CANDIDO GUERREIRO
Neve	» »
Drama outonal	AFFONSO MOTTA GUEDES
O colar de Bronze	JOÃO DE LEBRE E LIMA
O sonho	MARIO BEIRÃO

NUMERO AVULSO .. .. 100 REIS

PREÇO DE ASSIGNATURAS POR SERIE DE 5 NUMEROS

Portugal	550 reis
Estrangeiro	5 fr.
Brazil	2$500 reis

PREÇO DOS ANNUNCIOS

POR SERIE	NA CAPA	ALÉM DO TEXTO
1 pagina	4$000 reis	3$000 reis
1/2 pagina	2$000 reis	1$500 reis
1/4 pagina	1$200 reis	900 reis

DEPOSITARIOS:

FRANCISCO FRANÇA & ARMENIO AMADO

RUA FERREIRA BORGES — COIMBRA.

DIONYSOS

Synthese do movimento intellectual contemporaneo: o pragmatismo e as novas correntes philosophicas. Chronicas de sociologia, historia e arte. Artigos de esthetica musical e artes plasticas (esthetica regionalista). As Ideias e os Factos. Estudos de indole especulativa. Litteratura e Poesia.

REDACÇÃO—PALACIOS CONFUSOS—COIMBRA

COLLABORADORES:

Dr. Aarão Ferreira de Lacerda (prof.), Affonso Duarte, Affonso Lopes Vieira, Affonso Rodrigues Pereira, Alberto Monsaraz, Alfredo Guimarães, Alfredo Pinto (Sacavém), Alvares d'Almeida, Americo Chaves d'Almeyda, Antonio Arroyo, Antonio Augusto Gonçalves (prof.), Antonio Carneiro, Antonio Cid, Antonio Cobeira, Antonio Corrêa d'Oliveira, Antonio Joyce, Antonio de Monforte, Antonio Sergio, Augusto Casimiro, Augusto Gil, Bazilio Telles, Bazilio de Vasconcellos (prof.), Bento Carqueja (prof.), Bernardo de Aragão, Bernardo Passos, Brito e Silva, Cabral Moncada, Dr. Caeiro da Matta, (prof.), Candido Guerreiro, Cardoso Martha, Carlos Amaro, Carlos de Mesquita, Carlos Villamariz (prof.), D. Carolina Michaelis (prof.), Coelho de Carvalho, Duarte Solano, Eugenio de Castro, Felismino Gomes, Fernando Cochofel, Fernando Lopes, Fernando Moreira de Sá, Ferreira Borges, Fidelino de Figueiredo (prof.), Firmino Pereira, Garcia Pulido, Germano Rocha (prof.), Gustavo Cordeiro Ramos (prof.), Henrique Rosa, Hippolito Raposo, João d'Alcacer, João Amaral, João Augusto Ribeiro (prof.), João de Barros, João Cid, João Diogo (prof.), João Grave, João Sant'Iago Presado, Joaquim Amaral, Joaquim de Vasconcellos (prof.), Jorge da Cruz Jorge, José Coelho da Cunha, José de Figueiredo, José Sobral Cid (prof.) José Victorino Ribeiro, Julio Brandão, Magalhães Collaço, Manuel da Silva Gaio, Luiz Braga, Manuel Eugenio Massa, Manuel Telles, Mario Beirão, Mario Cambezes, Mario Pacheco, Dr. Marnoco e Souza (prof.), Martins Manso, Marques da Cruz, Mendes Corrêa, Dr. Mendes dos Remedios (prof.), Moreira de Sá (prof.), Nogueira Soares, Nuno Simões, Paulo Merêa, Raul Martins, Ribeiro Castanho, Rocha Brito, Sampaio Bruno, Sebastião Costa, Sergio Tarouca, Silva Telles (prof.), Simeão Pinto de Mesquita, Simões de Castro, Souza Costa, Dr. Teixeira de Carvalho, TeixeiraGomes, Veiga Simões, Vicente Pindella, Vieira Natividade, Villa-Moura, Wittnich Carrisso.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario da redacção.

- Toda a collaboração é solicitada.
- E' respeitada a ortographia dos collaboradores.
- Só se publicam ineditos.
- A todos os livros enviados a esta Revista, se fará referencia especial.
- Nos proximos numeros publicar-se-hão autographos inéditos de Camillo, Fialho, Castilho, Antonio Nobre, Bispo de Vizeu, Saldanha e Silva Pinto.

No proximo numero publicar-se-ha um conto inedito de Fialho

ESCOLAS NOVAS

I

O suisso Frederich Gründer, no seu estudo historico e critico sobre o *Movimento das escolas novas na Inglaterra e em França*, é o primeiro professor *culto e experimentado* que nos dá uma definição de **escola nova,** definição que teve o raro merito d'um grande e facil exito, devido, sem duvida, ao *meio* culto em que a these foi defendida e ao valor mental do jury de eleitos que a julgou.

Para Gründer uma **escola nova** «é *um* estabelecimento *livre*, situado no *campo*, no qual os *filhos das classes abastadas* recebem uma educação racional, em que a cultura physica, intellectual e moral são desenvolvidas harmoniosamente e se adaptam ás necessidades da sociedade contemporanea.»

Será ella uma definição *provisoria* ou antes assume já o caracter de *immutavel?* E n'esse caso, representará a *escola nova* o typo acabado, perfeito de escola, como geralmente se affirma, o typo da *escola do futuro* ou, pelo contrario, significará já o da *d'um passado muito proximo?*

Realmente, não haverá n'essa definição restricções a oppôr, elucidações a fazer, termos a explicar, mal-entendidos a destruir?

E, acceitando-a completamente, tomando-a á letra, não devemos nós pôr em relevo, destacar os elementos, os aspectos que mais impressionaram e, consequentemente, mais fizeram agir os fundadores das *escolas novas*, os continuadores do movimento novo em educação?

Não teriam sido alguns d'elles levados, na ancia de realisação, no enthusiasmo facil da propaganda, a parcellares interpretações, a tomar a parte pelo todo, o accessorio pelo essencial, carreando d'este modo o cahos, onde devera existir a ordem, a confusão onde seria mister a clareza, a divergencia onde deveria imperar o accordo, relegando para um plano secundario a sua *fundamental* caracteristica e impedindo d'esta sorte a visão, em toda a sua pureza e explendor, do *ideal de escola* que representa, do **Ideal** que lhe determina o seu sentido e lhe marca o seu valor?

Talvez. Cremos bem que sim.

Com as *crises* da Educação póde dizer-se, *mutatis mutandis*, que succede o mesmo que com as da Arte.

Em verdade, quando a Arte é attingida pelas primeiras tintas da pallidez e que na sua physionomia, serena e augusta, se manifestam, assustadoramente, os symptomas do esgotamento, o primeiro remedio que occorre, observa finamente Andrè Gide, é enviá-la para a Natureza, como quem manda um doente para uma estação de aguas.

O refrigerio para os seus males, o lenitivo para as suas dores, o balsamo para as suas crises, o seu vigor, a sua saude, devem encontrar-se *necessariamente* na tranquillidade dos campos, na frescura cantante das claras madrugadas, nas paysagens suaves, tocadas de sonho e de illusão, no cantico saudoso das aguas correntes, no murmurio embalante dos bosques, no silencio religioso das florestas, na linguagem mystica das cousas e dos seres, n'um meio symphonico, triumphal de Som, de Vida e de Luz, n'um meio de Liberdade, transbordante, plena, a jorros!

E todavia a Arte como a Educação — ainda que nos pese — jámais será um producto *natural*, um producto de liberdade sem restricção. Ha-de sempre necessitar d'uma *resistencia*, d'um obstaculo, como a aguia necessita da do ar para subir, subir sempre e se erguer, se elevar cada vez mais alto!

Ora o aspecto, o elemento, a faceta que na *educação nova* mais tem impressionado os povos latinos — onde realmente uma crise de educação existe — foi precisamente a deliberação na escolha do *meio natural, proprio* para a educação da creança, isto é — *o campo*.

Sem elle não é realisavel a *escola nova*, sem elle não póde haver *educação nova*.

N'outro qualquer local, não é authentica; não passa apenas d'uma grosseira contrafacção!

E como na lenda arabe, o seu Ideal — a sua Verdade — continua occulta, votada a uma posição subalterna!

Situar a escola *na cidade* é destinar-lhe um meio *artificial*,

é enviar a creança não para uma estação vivificante, mas para um necroterio. N'esse meio lethal, em que a Vida agonisa lentamente, progressivamente, perde a creança a alegria e a expontaneidade. Ao seu riso succede a tristeza, ao canto o silencio, á luz a noite, a treva indefinida. Annula-a physica e moralmente, já pela sua subjeição a uma regulamentação demasiada, já pela sua dependencia de ordens estupidas que o pobre e delicado ser raro percebe. Enviar a creança á *escola urbana* é querer diminuir notavelmente a sua iniciativa, estreitar-lhe o seu horisonte intellectual, reduzir-lhe miseravelmente a sua esphera de acção, a sua provisão de movimento, de ar, de liberdade. Encerrá-la n'uma *escola da cidade,* mettê-la n'esses casarões, que pesam como chumbo sobre o moral, a alma da creança, abrigá-la n'essas casernas, onde ha centenas d'ellas, é votá-la irremediavelmente, inexoravelmente a um definhamento certo, a uma morte proxima, como raça, é, em summa, agrilhoá-la, aprisioná-la, sequestrá-la á Natureza, á Vida e ao Amor!

E isto é a verdade, uma simples parcella da verdade.

Effectivamente, para viver e desenvolver-se normalmente, para provocar a eclosão de todas as forças que a sua natureza comporta, deve a creança ser collocada n'um meio vivificante, deve recorrer á protecção de todas as influencias *que lhe reconheçam o direito ao movimento, á felicidade, á livre expansão da sua individualidade.*

Ora a *escola citadina* nunca outhorgará esse direito nem dará essa protecção. Urge, pois, arrancar-lhe a creança, e collocá-la no meio de arvores, prados, flores e jardins, rodeá-la de horisontes tranquillos e repousados, de cantos alacres d'aves, do murmurio melancholico das fontes e dos regatos soluçantes, mergulhá-la n'uma atmosphera de Belleza, Bondade e Amor, n'um ambiente de vida sã, diaphana, quasi virgiliana.

Só o campo póde dar essas garantias, proclamaram. O *campo* é, pois, o meio *natural, proprio, exclusivo,* da *escola nova*, concluiram, apressadamente, observadores superficiaes.

E no seu enthusiasmo communicativo, electrisante, chamaram a si, invocaram em sua defeza todos os grandes poetas, todos os grandes enamorados da Natureza, todos os grandes sonhadores e amigos das creanças, desde o divino Rousseau, passando por Pestallozzi e Frœbel, até Herbart e, a fortes pulmões, reclamaram, exigiram a escola em pleno ar (1), a escola na floresta, a escola no campo, a escola da luz, a escola da completa e harmoniosa eclosão do Eu!

---

(1) Não confundir com *ao ar livre.* São noções absolutamente differentes.

A *crise* da educação fica, porém, por solucionar: essas escolas não representam, não podem representar a *escola do futuro!*

Ainda que pese aos seus defensores, o local adequado, o *meio proprio,* em que a creança tem de viver e agir, tem de ser aquelle em que se façam sentir, harmoniosamente combinadas, a influencia *simultanea do campo e da cidade,* no que têm de mais puro, de mais são, de mais vivificante, de mais moral, isto é, tem de ser fatalmente um local *mixto de campo e de cidade!*

Em verdade, se o fim da educação é a formação do cidadão d'uma sociedade civilisada (Ardigò), para armar bem o homem para a Vida (Demolins), provocar o apparecimento do *super-homem* (Hall), e gerar uma *élite* technica, economica, social e moral, como é que o meio campesino póde *exclusivamente* fornecer os indispensaveis elementos? Bem vêem que não.

E apesar d'isso, não o ignoro, crearam-se as escolas em pleno ar (Foster Hill, Inglaterra), as escolas da floresta (Charlottenburg, Mulhouse, Hessinghoffer, Lausanne), as escolas sanatorio, as escolas *aerium*, as colonias de férias, etc., etc., etc.

Serão, pela sua situação especial, *escolas novas?*

Quem o poderá affirmar?!

Seja qual fôr a sua *situação,* o meio physico, moral e intellectual que a cerquem, ha sempre a distinguir dous typos de escola: *escolas de instrucção* e *escolas de educação.*

Foi ás primeiras que o dr. Lietz chamou *fabricas de fazer bachareis,* foi pensando n'essas que Demolins bradou indignado: «A escola de instrucção deve sar arrasada pelo desprezo e pela indifferença»; foi, julgando-a, que Darwin, o grande inglez, affirmou: «a escola, como meio de educação, deu-me como resultado apenas um simples zero!»

A caracteristica fundamental d'uma *escola nova*, é, sendo como é realmente uma *escola de educação, possuir* e erguer bem alto um novo *ideal.*

Ella *hoje,* meus senhores, representa, apenas isto — uma nova concepção da Vida!

Assim, pois, não ha, não póde haver, um typo unico de *escola de educação*, de *escola nova.* Mergulhando, reclamando-se da Vida, não póde ter *uniformidade,* porque para haver vida é necessario haver movimento, liberdade, experiencia, *individualidade!*

Effectivamente, a sua razão de ser reside *principalmente* n'uma comprehensão mais intelligente e mais larga da Vida. A creação da primeira *escola nova* «não foi devida á lição de livro algum, a instituição pedagogica alguma». Tomamos como modelo a *Public School,* affirma o dr. Cecil Reddie, o patriarcha da educação nova, o director da escola de Abbottsholme. Foi n'ella que todos, mais

ou menos, aprenderam e praticaram, os Lietz, os Dévine, os Demolins, os Badley, o proprio Gründer, todos, em summa, que estão á frente d'essas oitenta e tantas que por todo o mundo se espalharam como uma benção de luz!

Ora a *situação* das *Public Scools*, é apenas um producto da tradição ingleza. A Inglaterra, affirma Badley, director da escola nova de Bedales, é o paiz por excellencia da *vida no campo, pelo menos no passado*. A escolha do *meio proprio* não foi, pois, a origem do seu apparecimento. O dr. Cecil Reddie seguiu apenas a tradição.

Logo esse meio não a póde caracterisar.

Pensar, bem sei, é uma fadiga; mas é uma fadiga necessaria para aquelles que não julgam que só vivemos n'este mundo para nos divertir.

Realisando, porém, ellas um novo ideal de escola, laço que as une e prende a todas, incarnando uma nova e forte concepção da Vida, qual será ou deverá ser a sua situação, o seu logar proprio, definitivo?

O povoado do futuro, a *cidade-jardim!*

E, *provisoriamente?*

O local que mais se approximar das condições estheticas, hygienicas e moraes das *cidades-jardins!*

Uma cidade-jardim é o mais imponente espectaculo que á vista se póde offerecer. Como é bom viver n'essas cidades, cheias de belleza, onde as casas são cercadas de grandes jardins, em que os *homes* são pequenos *chalets*, elegantes, alegres, agradaveis á vista, casando-se docemente com a verdura das arvores e das plantas, cortadas de avenidas, de ruas batidas de luz, de parques, de campos de jogos...

E como a creança se desenvolve maravilhosamente n'esse Eden! Que superioridade manifesta sobre as outras creanças, já avaliada no que se póde medir, subjeito a cifras, já confirmada d'um modo irrefragavel!

Não ha duvida, observa um educador moderno belga, *a cidade-jardim* é a mais bella solução que se póde encontrar ao problema da escola, a mais conforme ás necessidades d'uma educação racional e *integral* da creança.

A creança, como o artista, como a aguia, necessita tambem de *resistencia*, de obstaculo, para subir, subir sempre, erguer-se, elevar-se cada vez mais alto!

Como nos sorriem a nós, paes, educadores, as cidades-jardins de Letchworth, Port-Sunlight, Bourneville de Inglaterra, Aurora, dos Estados-Unidos, Hellerau, da Allemanha! Como as desejariamos para os nossos filhos, os nossos enlevos!

Se realmente a educação deve ter uma acção decisiva sobre os povos, em verdade, dentro d'uma dezena de annos a *nação americana* (onde, como por encanto, as *cidades-jardins* surgem e se multiplicam) será a *melhor* educada entre todas as outras, possuirá *hegemonia* incontestada, e poderá, como nenhuma outra, proseguir no seu ideal da formação do *super-homem,* nota um sagaz observador. Comprehende-se.

Somos um povo pobre de *dinheiro e de solidariedade,* de energia fria, serena e de acção persistente e methodica.

Assim entre nós, provisoriamente, a situação da *escola nova* deve ser proxima, não muito distante das cidades, *nos arrabaldes.* E é por isso que eu ousaria affirmar que a primeira e unica *escola nova* que possuiriamos se podessemos pôr de parte o seu *grao* d'ensino, seria a *Escola-Jardim* João de Deus de Coimbra.

Nego essa denominação a todas as existentes nos campos, congreganistas ou não, á da Formiga, á de Santa Quiteria, do mesmo modo que em França se recusou á de Duhamel,—Escola da Normandia,—copia d'uma *Public School* ingleza que, para ser *nova,* apenas lhe faltava o *ideal novo.*

Já vêem, pois, que se tem tomado o accessorio pelo principal, cá e lá fóra, a parte pelo todo. Sob o ponto de vista da situação da escola, á palavra *campo,* na definição de Gründer, deve dar-se-lhe o significado do meio que se aproxime tanto quanto possivel do da *cidade-jardim.*

A *escola do futuro* no *periodo do futuro.*

Deve bater certo.

Não são, porém, só essas as aclarações a fazer.

Falta-nos ainda considerar as suas relações com o Estado e com o Capital. Depois entraremos na *intimidade* da *escola nova,* marcando-lhe os seus traços caracteristicos e chamando á contribuição Ad. Ferrière.

E pede-se entre nós um Ministerio de *Instrucção* Publica! Para quê?

O de *Educação* é que é urgente e do que mais necessitamos.

Como vêem, a definição de Gründer, induzia já ao primeiro mal-entendido, á primeira confusão.

Porto, 28—março—1912.

JOÃO DIOGO.

VALOR OBJECTIVO DO CONHECIMENTO HUMANO

(Conferencia realisada em 10 de janeiro de 1912 na Associação dos Medicos do Norte de Portugal).

(Continuação dos n.os anteriores)

AMPLIANDO uma parte da explanação que acabo de fazer, vou encarar o problema do valor objectivo do conhecimento, utilisando o material que as sciencias neurologica e psychiatrica fornecem a quem pretenda versar uma tal questão. Não entro em detalhes que me levariam longe, limitando-me a algumas breves e elementares considerações sobre o assumpto, para que a benevola paciencia com que me tendes escutado, não venha a exgotar-se.

Os trabalhos de neurologia do seculo findo permittiram conhecer a base somatica de numerosos factos psychicos que já muito antes os philosophos haviam estudado, e serviram para dar a explicação clinica e estabelecer a identidade nosographica de muitos phenomenos que os antigos haviam interpretado indevidamente sem que, porém, deixassem de os descrever por vezes com assombrosa minucia. Assim, ninguem entre os presentes ignora como eram detalhados e rigorosos os antigos inquisidores na narração dos factos que julgavam demonstrativos da chamada *possessão demoniaca* e que a medicina d'hoje classifica symptomas de psychonevroses, da hysteria por exemplo.

Sobre o conhecimento humano, fizeram antigos, como Platão, Epicuro, etc., analyses psychologicas, algumas das quaes encontraram nos modernos estudos d'anatomia e histophysiologia do systema nervoso confirmação plena, e é d'admirar o poder d'intuição d'esses philosophos que naquellas eras distantes levaram tão longe a sua observação penetrante e o seu discernimento critico.

Após a descoberta de varias localisações cerebraes e o estudo da myelinisação dos nervos e da degenerescencia walleriana, e com o auxilio da concepção dos neurones, logrou-se apontar uma base somatica para muitos phenomenos psychicos e estabelecer scientificamente com uma grande approximação e muita probabilidade a sua successão e o seu encadeamento.

Cabendo, segundo a sciencia moderna exclusivamente, aos elementos sensitivos e sensoriaes do nosso systema nervoso a funcção de receber as impressões do mundo exterior e do nosso proprio corpo e de no-las transmittir sob a forma de sensações externas e internas, confirmava-se o antigo criterio sensualista, já referido, de que os conhecimentos nos veem dos sentidos. Real-

mente admitte-se hoje que o mundo exterior e o nosso corpo se nos dão a conhecer impressionando por meio d'uma excitação, talvez vibratoria, os filetes terminaes dos ramos nervosos da sensibilidade, que são distribuidos a todas as regiões do corpo. As impressões recebidas terminalmente vão atravez desses ramos nervosos, isto é, por via centripeta, impressionar por sua vez centros corticaes, já hoje quasi todos descobertos. Ahi se dá a recepção das impressões, constituindo este phenomeno a chamada *sensação bruta*. Tanzi, Luys, etc. contra Tamburini e outros, presuppõem a existencia na corticalidade cerebral d'outros centros, *centros representativos* e *ideativos*, aos quaes algumas fibras collateraes conduzem dos centros anteriores as sensações brutas para que alli ellas sejam convertidas em *sensações differenciadas*, relacionando-se com imagens mnemonicas de sensações antigas e objectivando-se com ou sem *contrôle* experimental, realisado pela colheita de sensações d'outro genero.

As razões que fazem crer na existencia distincta de centros sensoriaes e de centros representativos e ideativos são numerosas. Já Taine, por uma subtil analyse psychologica, distinguira entre as sensações brutas e a percepção propriamente dicta. Na existencia das chamadas *cegueira* e *surdez cerebraes* por lesões dos centros corticaes respectivamente da visão e audição, não ha nem aquella nem esta o que não implica a perda das imagens representativas das visuaes e auditivas. Isto demonstra a diversidade de centros de sensações brutas e de centros representativos. E' esta uma das mais concludentes demonstrações da theoria de Tanzi.

Mas esta ainda se torna defensavel, porque só admittindo uma distincção entre as duas ordens de centros, é possivel explicar rasoavelmente o phenomeno morbido da *allucinação*.

As allucinações teem sido objecto d'explicações varias. Antigamente consideravam-n'as factos de pura ideação, o que me parece dar-se em certos casos de suppostas allucinações, que são mais invenções ou creações delirantes dos doentes do que falsas sensações, embora estes garantam que objectivaram perfeitamente o phenomeno e da sua realidade adquiriram até a certeza. Ainda ha dias no manicomio do Conde de Ferreira um doente cuja psychose anda curiosamente ligada á historia complicada duma porca, garantiu ter visto de noite em redor de si carneiros, com lã, e mais caracteres objectivos. Por mais que eu fizesse para obter detalhes d'informação sobre esta supposta allucinação visual, não consegui nada de decisivo, mas fiquei convencido do caracter mais ideativo do que sensorial d'esta visão. Adeante referirei a importancia que ligo á ideação na génese de muitas allucinações.

Jean Müller affirmava que as allucinações resultavam duma excitação anormal do orgão sensorial peripherico. Como explicar, porém, as que se davam em individuos em que esses orgãos perdiam a sua acção sobre os centros respectivos?

Meyner, Serieux e Tamburini attribuem as allucinações ao funcionamento anormal automatico dum centro de projecção psycho-sensorial.

Wernicke, por sua vez, emittiu uma hypothese curiosa, chamada da *conjuncção*. A interrupção passageira num ponto das vias percorridas normalmente pelo influxo nervoso fazia com que este se accumulasse, como que represado, num centro psycho-sensorial. A allucinação vinha assim a ser devida ao funccionamento d'esse centro sob a acção do influxo accumulado.

Tanzi, contra todos estes autores, admitte a distincção entre centros sensoriaes de projecção e centros representativos e ideativos, e affirma que esses centros estão ligados por fibras *homo* e *contra-lateraes* e ainda por outras cujo estudo já tem sido feito por varios histologistas, sem que a sua funcção esteja ainda bem assente. Normalmente o influxo nervoso percorre as fibras homolateraes e contralateraes dirigindo-se dos centros sensoriaes aos

centros ideativos e representativos. A allucinação, segundo Tanzi, consiste no regresso das representações ideativas pelas fibras supplementares aos centros primarios das sensações.

Uma hysterica, que está no manicomio do Conde de Ferreira, sente-se de vez em quando transportada para muito longe do hospital para Lisboa, Paris, etc., e descreve com alguns detalhes o supposto meio em que se encontra. Ainda no sabbado, escreveu a uma pessoa das suas relações um bilhete, datado de Paris, que nesse dia foi o seu pretendido paradeiro. Uma vez, na minha presença, declarou-se, de chofre, com visivel convicção, em plena Russia. Tiritava de frio, e descrevia grandes planicies cobertas de neve, que julgava estenderem-se a seus olhos, alli num corredor do hospital. O regresso d'esse estado segundo... d'essa viagem, fez-se depressa.

Convidada a explicar, em periodos de remissão, esses phenomenos, a doente declara que, no momento em que vae experimentar as perturbações perceptivas, uma ideia se lhe impõe, que depois converte em percepção imaginaria, em allucinação.

— Occorre-me de repente, affirma ella, dizer que estou em Paris. Ora eu bem sei que estou no hospital. Mas não posso reagir contra essa ideia e acabo por me vêr em Paris.

O phenomeno ideativo antecede o phenomeno sensorial propriamente dicto. Não confirmará essa analyse psycho-pathologica a theoria de Tanzi? Quero crer que sim.

*

Seja, porém, o que fôr, vimos que o conhecimento humano se faz após uma successão de phenomenos que começam por um estimulo dos filetes terminaes dos nervos sensitivos e sensoriaes, e concluem pela percepção com ou sem verificação experimental da realidade. Os limites naturaes das sedes somaticas d'essas funcções cognitivas e as restricções d'estas mesmas funcções são causas evidentes d'insufficiencias e erros da percepção; o psychismo superior do homem e a natureza dos meios exteriores que o separam dos objectos, são tambem duma importancia summa como factores d'insufficiencias e erros cognitivos.

Impossivel seria enumerar numa conferencia todas essas lacunas e todos os defeitos do conhecimento humano. Procuremos, porém, fallar d'alguns.

Comecemos pelos que teem origem extrinseca. Ninguem ignora a illusão d'optica obtida com a immersão dum pau na agua, mercê da refracção dos raios luminosos na passagem do meio liquido para a atmosphera. Todos sabem tambem que a velocidade da luz não é tamanha que permitta que deixemos de vêr o sol no momento preciso em que o occaso é uma realidade: ainda estamos vendo o sol, e já elle está abaixo do limite do horizonte. Todos sabem ainda como a refracção permitte nos desertos vêr oasis longinquos, transplantados apparentemente para outros logares. Não acabariamos se continuassemos nesta serie de referencias.

A correcção d'alguns d'estes erros e o preenchimento de muitas destas lacunas teem-se feito com o auxilio dos outros sentidos e dos meios auxiliares d'estes, amparados ainda pelo raciocinio.

Os erros e insufficiencias d'origem intrinseca, isto é, que resultam directamente da nossa conformação physica e psychica, são numerosissimos. Não seria preciso referir os que teem uma evidente causa pathologica, desde os que derivam de doenças ou defeitos influindo sobre os orgãos peripphericos da sensibilidade, até aos que são consequencia de doenças ou defeitos actuando sobre os centros psychicos. Mas nunca é demais abordar-se a pathologia, quando se trata de questões psychologicas, porque tem sido notaveis os esclarecimentos

trazidos á psychologia normal por descobertas da psychologia morbida, da anatomia pathologica, da clinica, etc.

A cegueira e a surdez d'origem peripherica; o astigmatismo, que é a visão erronea das formas dos objectos por causa da diversidade de meridianos da cornea, causada por exemplo pela má juxtaposição dos limbos d'esta na operação da cataracta; em geral todas as lesões dos orgãos periphericos da sensibilidade, como a secção dum nervo, uma retinite, etc., motivam evidentes insufficiencias e erros perceptivos.

Por outro lado, uma psychose attingindo quaesquer dos centros psychosensoriaes, uma doença qualquer da sensibilidade geral, etc., podem tambem originar lacunas mais ou menos extensas da percepção.

Entre os phenomenos de percepção morbida, temos as illusões e as allucinações, bem conhecidas por todos os presentes.

As illusões são percepções inexactas e derivam duma perturbação ideativa, segundo varios autores. Uma doente do manicomio do Conde de Ferreira, com uma paranoia persecutoria, via os filhos que estão muito longe do manicomio, em quaesquer creanças que passassem perto d'ella e fazia esforços desesperados para as seguir. Estas illusões começaram após o inicio do seu delirio. Não indicará esse facto um presumivel papel das perturbações ideativas na genese das illusões? Muitos outros casos identicos permittem intensificar a suspeita.

As allucinações são percepções imaginarias. Ball define-as «percepções sem objecto.» Por interessar ao problema psychologico que estamos apreciando julgámos a proposito inquirir do grau d'objectivação, de certeza e de *contrôle* ideativo e experimental d'algumas allucinações em doentes do nosso estudo.

Já citámos a hysterica, que de vez em quando se julga longe do manicomio e descreve o meio imaginario em que se suppõe.

Esta como vimos faz um *contrôle* ideativo antes e depois do phenomeno, mas durante este objectiva perfeitamente a sua ficção allucinatoria. Descreve o que suppõe rodea-la, com relativa minucia.

Nos casos em que ha grande enfraquecimento das funcções intellectuaes, não é facil ajuizar da certeza e objectivação que os doentes conferem ás suas allucinações. Uma doente do manicomio do Conde Ferreira diz que vê cobras vivas. Num dado momento em que lhe fallo vê uma cobra amarella no jardim:

— Olhe, alli vae uma cobra amarella aos saltos!

E aponta para o meio dum relvado. Junto de si esta senhora tem um pequeno pau, que diz servir-lhe para se defender das cobras, que reputa perigosissimas, a tal ponto que em sua casa pagava a um homem para lh'as matar.

— Mas V. Ex.ª não vê como aquellas senhoras (e mostro-lhe as outras doentes) andam socegadas por aqui? Se houvesse cobras, não succederia assim.

— Está boa essa! responde. E' porque não tomaram chá em pequenas, não são senhoras como eu.

Cumpre notar que estavamos numa enfermaria de 1.ª classe. Esta doente tem evidentes tendencias megalomanas. Diz-se uma alta personagem da côrte, affirma-se parenta de D. Pedro V.

Não consigo da sua incoherencia uma noção perfeita do grau de certeza que liga ás suas visões. Por certo o *contrôle* é nullo. A sua perturbação ideativa acceita perfeitamente o phenomeno.

Já fallámos do doente, que vê carneiros de noite. E' d'identica categoria.

A senhora, já referida tambem, com uma paranoia persecutoria, e que vê em todas as creanças os seus filhos, tem ainda allucinações auditivas. Ouve, de traz das paredes, do fôrro da casa, dos outros andares, das outras salas, etc., as vozes do marido e dos filhos. A's vezes parece-lhe que elles choram:

— Talvez tenham fome! Coitadinhos!

E quer á viva força sahir da enfermaria para ir ao seu encontro, tendo já

uma vez realizado uma fuga por sobre o gradeamento exterior do jardim para ir ter com o marido.

Esta doente garante-nos a certeza d'essas audições. O seu estado mental permitte suppôr que realmente ella não faz a menor correcção do phenomeno.

Citarei ainda uma doente com uma mania intermittente, que nos periodos d'excitação ouve vozes imaginarias e um supposto tropel de cavallos; nos periodos de remissão, declara, muito envergonhada, ser tudo ficticio. O *contrôle* só lhe é possivel, porém, nos momentos d'acalmia.

Onde, porém, a objectivação existe perfeita, é numa senhora hysterica com delirio religioso, que se encontra tambem no manicomio do Conde Ferreira. Esta senhora, que é duma certa cultura, garante a authenticidade objectiva das suas allucinações, mas a sua crença religiosa permitte-lhe suppôr que esses objectos só são visiveis para ella, porque se julga *condemnada* por Deus. Esta doente, duma evidente constitucionalidade nevropathica, aggravada pela acção fanatisadora dos jesuitas, vê habitualmente o demonio, caracterisando-o com detalhes de figura e vestuario. Declara-me, a perguntas minhas, ter bem a certeza de que é o demonio que vê: uma creatura, magrissima, com o seu bigode farto e a sua barba afilada, envergando um comprido casaco de mangas arregaçadas. Tem a noção perfeita do relevo objectivo. A's vezes vê em redor de si chammas, sentindo o cheiro do enxofre e carvão queimado. Tambem por vezes no soalho se abre um abysmo hiante.

Já em algumas occasiões o demonio lhe agarrou nos pulsos, sentindo ella perfeitamente a pressão das mãos satanicas. O phantasmagorico personagem falla-lhe, mas ella objectiva mal a sua voz. Ouve-o, porém, respirar quando não ha ruidos na sala. O diabo mostra-lhe taboletas e lettreiros, com estes dizeres: «Estás condemnada» — «Suicida-te.»



O DIABO.—Allucinação visual d'uma hysterica, desenhada com exactidão pela propria doente.

E' impossivel descrever em todos os pormenores as allucinações desta doente, que ainda outro dia recebeu a visita de Nossa Senhora em carne e osso e já algumas vezes viu nos altares os santos moverem-se e dirigirem-lhe a palavra. E' um caso banal d'hysteria com delirio religioso, que eu menciono, como poderia mencionar outros, para mostrar a perfeita objectivação e certeza d'allucinações em doentes cultos e de intelligencia superior á vulgar. Mas são ainda aqui as ideias religiosas que determinam a possibilidade da crença nas allucinações. E' a ideação dominando os phenomenos sensoriaes.

O papel da ideação nas allucinações evidencia-se especialmente nas allucinações espiritas e nas allucinações telepathicas, segundo se póde concluir dos trabalhos de psychologia experimental de Vaschide, Marcel Viollet e outros.

As allucinações espiritas, como o espiritismo, estão ainda envoltas numa grande obscuridade, mas é licito suppôr uma explicação scientifica da sua génese.

As allucinações dos *mediums* são por certo allucinaçõesvulgares de psychopathias conhecidas. Esses *mediums*, que tão cuidadosamente são procurados pelo mundo fóra por alguns enthusiastas do espiritismo, não passam de degenerados, debeis, nevropathas, melancolicos, dementes precoces, paralyticos geraes, maniacos, etc., com delirios ou tendencias espiritas.

As allucinações no publico singular e raro que frequenta as sessões espiritas, são de mais difficil explicação, mas convem notar o especial estado psychico d'esse publico, na sua maioria composto de crentes, predispostos e mesmo declarados nevropathas, a quem a atmosphera de milagre e mysterio dessas reuniões causa decerto uma perturbação ideativa indefinivel.

O espiritismo, porém, ainda encerra mysterios que Flammarion, Gilbert Ballet, Pierre Marie e outros sabios eminentes não conseguiram desvendar mas que a fé na sciencia espera vêr esclarecidos um dia.

As allucinações telepathicas são dum estudo mais facil. Recusando-se a admittir o phenomeno vago da transmissão pura e simples do pensamento a distancia, alguns psychiatras reconheceram que muitos dos phenomenos suppostos allucinações telepathicas eram ou meras phantasias acceites pela ingenuidade crente de muitas pessoas, ou allucinações vulgares, explicaveis sem a intervenção da telepathia.

Vaschide estudou o phenomeno em 21 individuos de varias classes, illustrações, opiniões religiosas e tendencias intellectuaes, e concluiu que em 981 allucinações suppostas telepathicas havia coincidencia da realidade e do objecto da allucinação apenas em 40. Os erros eram 941. A percentagem das allucinações confirmadas pelos factos era pois de 5,7 por 100. Numa outra serie d'observações em que o numero d'homens era maior do que o de mulheres, ao contrario do que succedia na serie anterior, confirmaram-se de 344 suppostas coincidencias apenas 8. E' uma percentagem de 4,36 por 100.

Duma senhora recolheu Vaschide a menção de 78 allucinações telepathicas, acceites com boa fé por toda a *entourage*, que a certa altura não se dava mesmo já ao cuidado de as verificar. Pois dessas 78 apenas 2 corresponderam a factos reaes.

A primeira passou-se nas seguintes condições. Dou a palavra a Vaschide:

«O marido da senhora N. (que é essa senhora) devia ir a uma cidade, afastada 25 kilometros da aldeia em que elle se encontrava, para um negocio urgente, e era forçado a seguir num carro guiado por um cocheiro ebrio. A senhora N. estava muito inquieta, mas como o negocio era importante, consentiu, depois de mil recommendações ao cocheiro, em deixa-lo guiar o carro. Era um dia do fim de março e eu estava no campo com a senhora N. Como habitualmente, ella depois da partida do marido trata dos seus arranjos domesticos e senta-se a fiar um pouco nervosamente. O vento sibilava eloquentemente fóra e como chovera muito alguns dias antes, houvera inundações formidaveis na região.

O senhor N., seu marido, devia passar a vau tres ribeiras bastante importantes no seu trajecto. Tinham decorrido tres horas depois da partida do senhor N.; a senhora N., com as lagrimas nos olhos, diz-me que lhe parece ouvir a voz do seu marido que geme. O bramir do vento parece-lhe ser a causa d'esta sensação bizarra. Noite cerrada, trazem para casa o senhor N., quasi sem sentidos e com uma fractura na perna direita. Querendo atravessar umas das ribeiras no regresso, como já era muito escuro e o cocheiro se embriagara outra vez na cidade, os cavallos não se decidiram a entrar na agua e tinham arrastado o carro pelos campos fóra. O senhor N. quizera saltar, mas o seu pé fôra apanhado pelas rodas e elle cahira em terra quasi morto. Isto passava-se cerca das 8 horas da noite e a senhora N. tivera a sua allucinação ás 11 horas e 36 minutos da manhã, tendo havido portanto entre a allucinação e a realidade do facto uma differença de perto d'oito horas. Facto curioso a notar ainda: a allucinação realisara-se antes do desastre.

A segunda allucinação exacta deu-se, summariamente, da seguinte fórma: uma epidemia de typhos devastava uma cidade proxima, onde a senhora N. tinha uma filha, muito fraca e adoentada. A senhora N. um dia vê numa allucinação a sua filha moribunda, envolvida num lençol branco. Dois dias depois, recebe a noticia de que sua filha estivera realmente com uma gravissima crise typhoide. Esta crise effectuara-se 15 horas antes da allucinação, o que, juntamente com o caso anterior em que a allucinação precedeu 11 horas e tal o desastre, mostra que para a telepathia não ha uma noção... do tempo.

Maurice de Fleury conta o caso dum marido extremoso que, sendo forçado a ausentar-se por uns dias, ouve uma tarde, quando ausente, uma musica melodiosa, que annos antes a mulher tocara ao piano numa tarde identica d'outomno. No dia seguinte recebe uma carta da mulher, dizendo-lhe que estivera a tocar ao piano na tarde ultima a musica que annos antes tocara perante o marido.

Ora em todos estes casos a coincidencia dos phenomenos allucinatorios com os factos é facil de explicar por uma hypothese psychologica. Ha, como diz Vaschide, um mecanismo subconsciente que leva forçadamente as pessoas a dirigirem o pensamento para as pessoas ausentes e nada mais natural que um conjuncto d'ideias attinentes a estas vir infiltrar-se no espirito e gerar o phenomeno allucinatorio. No primeiro caso, a embriaguez do cocheiro, a existencia d'inundações, no segundo, a epidemia de febre typhoide, a fraqueza da filha da senhora N., suggeriram a esta naturalmente por uma convergencia ideativa allucinações fundadas sobre a preoccupação que lhe merecia a saude do marido e da filha. No caso citado por Fleury, é licito crer que a saudade e a recordação simultanea d'essa tarde analoga d'outomno, em que a musica fôra pela primeira vez executada, suggerisse á esposa e ao marido respectivamente a ideia de a executar de novo e a allucinação auditiva.

Em todas as ordens de allucinações e illusões referidas, porém, se nota o poder da ideação, do psychismo superior, sobre a percepção inexacta ou imaginaria. Esta noção de psychologia morbida não póde conduzir-nos á crença de que na psychologia normal a percepção é tambem realisada, como o kantismo affirmava, com uma interferencia importante d'elementos subjectivos, d'estados d'espirito? Quero crer que sim.

*

Regressemos d'esta divagação de pathologia á psychologia normal e notemos como, mesmo nos sãos, ha insufficiencias e erros de percepção, devido á sua estructura intrinseca, organica.

Todos conhecem as illusões d'optica de Müller Lyer tão bem estudadas

por Binet, Brentano, e outros, as illusões tactis e kineticas que permittem suppor, por exemplo, que objectos de pesos eguaes mas de volumes diversos, teem pesos differentes, etc., etc.

E' certo que o *contrôle* dos sentidos uns pelos outros e pelos d'outros individuos, a sua aferição por imagens antigas e associações ideativas, e o emprego de meios auxiliares dos sentidos permittem corrigir essas illusões e alargar notavelmente a esphera do conhecimento humano.

Mas, ainda assim, o nosso conhecimento é restricto. Vivemos num meio de vibrações: são estas que nos impressionam. Não conhecemos os objectos e os factos *em si*. E quantas vibrações ignoradas não encontrarão em nós sentidos para impressionarem?

O campo da nossa ignorancia é, pois, enorme, e as verdades que suppomos conhecer, são relativas e, como o kantismo pretendia, mais subjectivas do que objectivas.

Eis o que a sciencia actual nos permitte affirmar. O homem nem sequer se conhece bem a si mesmo, e, embora presumamos o contrario, não podemos demonstrar mathematicamente, como diz Fleury, que ás grandes cellulas pyramidaes da nossa corticalidade se não sobrepõe uma Alma livre e immortal. Para nos salvarmos do pessimismo a que tamanha ignorancia nos pode conduzir, só nos cumpre adoptar a solução philosophica que indicámos — o pragmatismo, o dogma da acção — e que a primeira verdade pratica do futuro seja o ideal da belleza creadora e triumphante que sonhamos.

ANTONIO AUGUSTO MENDES CORRÊA.

EDUCAÇÃO CLÁSSICA

Venho hoje começar a desobrigar-me da promessa de colaboração literária que fiz aos directores do *Dyónisos*. Começar, digo; pois quando lograr mais tempo e mais saude voltarei a pedir-lhes para, entre as oferendas dos môços, recolherem as que a minha mão de velho quer ainda votar a essa divindade da *Renovação* — por êles invocada como inspiração de vida e como símbolo eloquente duma generosa emprêsa de cogitação e d'Arte.

Sêr-me-ha grato entrar mais uma vez na *ronda*, como outr'ora, nas evocadas rondas desses mistérios dyònisíacos, entravam de parceiros os novos e os homens antigos, todos irmanados na mesma embriaguês divina do renascimento cíclico, quando soavam alto frautas e crotalos, se espalhavam nos echos as estrofes delirantes do ditirambo, e tremiam agitados no ar leve os tirsos folhudos e tenros dos pâmpanos verdes — chamas efémeras do eterno fôgo genesíaco da Terra...

Hoje, venho apenas comunicar-lhes algumas pobres notas tomadas á beira dum assunto já velho tambem mas que, a meu sentir, deverá merecer entre nós, como está merecendo noutros países, raro interesse e inteligente desvelo. E escolhi para as publicar a revista *Dyónisos* porque taes notas não podiam encontrar melhor logar de acolhida, vindo ela, como vem, animada dum tão simpático intuito de conciliação, e tão possuida desse raro *sentido do tempo* a que se deverão sempre as unicas revelações fecundas: aquelas em que o *inovado* não surge como um detalhe de improvisado scenário, mas braceja como ramada viva do tronco forte e enraizado da tradição.

Pois é, nem mais nem menos, de tradição, de coisa do tempo que as minhas notas vêem falar: de *educação clássica*, de *humanidades*, desse *horror* das *línguas mortas*.

E' disso que venho falar, neste mês de março de 1912, não como dum assunto de arqueologia, como dum tema apropriado a considerações eruditas, como de productos de épocas esvaídas, só valiosos aos olhos de esquecidos maníacos; mas como de resistentes creações do passado, como de elementos e factores sempre eficazes da nossa actividade mental.

Porque, efectivamente, alem do interesse que devam revestir sob o ponto de vista literário e estético, e alem do seu precioso

auxilio para o estudo das línguas modernas, para o da história e das religiões occidentaes — essas velhas línguas, por tudo quanto nos trouxeram as obras delas geradas e nutridas, deverão tambem interessar-nos sob o aspecto, capital, da preparação formal do espirito; sem prejuizo doutro aspecto ainda: o duma possivel missão social a esperar do seu cultivo.

Não ocultando a minha simpatía pela ideia duma renascente *defêsa e ilustração da educação clássica* — venho aqui, todavia, mais no intuito de incitar outros a empreendê-la do que no propósito de a tomar para mim, visto reconhecer-me simples curioso neste ramo das nobres humanidades.

Se o conseguir, se lograr acender em espíritos alheios o desejo de dizerem o que eu não saberia de certo dizer; se eu pudér ouvir, em tôrno do novo e engrinaldado altar a *Dyónisos*, vozes de claro louvor á beleza e á valia dessas creações da antiguidade, ou mesmo se fôr de polémica o ruído por mim provocado, darei por bem gasto o tempo dedicado ás minhas notas.

E aqui as lanço já sem plano feito apontando, porem, em primeiro logar esse aspecto da *preparação formal do espírito*, pela sua importância, por ter sido um dos menos estudados, e pelas imprevistas considerações que sugere.

*

Se, ao pegarmos num vocábulo—da nossa ou doutra lingua conhecida—pudéssemos refazer-lhe toda a história, despí-lo de significações sobrepostas, remergulhar fundo até á sua origem, nessa lingua ou naquela donde êle tivesse derivado; e se, ao chegar a este ponto, e logrando reconstituir o momento da sua nascença, conseguíssemos surpreender em acto de combinação os elementos dessa maravilhosa creação humana, do milagre verbal a cujo condensado efeito e producto chamamos palavra, veríamos que esta, que o vocábulo por nós tomado para experiência representára logo — sob a forma de expansão interjectiva, de imitação onomatopaica ou de invenção analógica — um choque da vida e da matéria, e o resultado desse choque: um total de confluentes energias psíquicas e, ao mesmo tempo, correlativamente, a notação duma transição ou aparencia, a fixação duma qualidade, modo de actuar colhido do mundo objectivo, ou a duma apercepção interior, como que projectada agora na propria revelação.

Passado, contudo, o primeiro momento de comovida embora lúcida visão do milagre admiravel, esse vocábulo surgido, se nos

aparecia, dum lado, como manifestação da mais unida e irreductivel acção viva aparecia-nos, do outro, como o efeito duma abstracção espontaneamente operada e como um instrumento desse processo abstractivo, como um efeito e instrumento de redução, em dois domínios; quer dizer: como a representação d'alguma coisa destacada da natureza, mercê da propria realização verbal—que consistiu, parte, em isolar, d'entre outros, qualquer modo, qualidade, relação —e como uma interrupção e mutilação mesmo d'aquela vital energia, a que se devêra o choque creador; pois que a sua corrente ou fluxo tivera de dividir-se e de perder, assim, o essencial caracter, ao colher e para colher—devido a essa condensação da vida em efectiva expressão material—tal aspecto do mundo físico, ou tal aparição interior, logo, só de tomar forma limitantemente significativa, lastrada tambem de materialidade.

O producto maravilhoso apenas guardaria, da vida viva, o estremecimento daquêle primitivo choque da corrente interior contra o significavel, sobre que se moldou e dividiu para poder significá-lo. A'quem do instante em que surgiu, a partir desse rápido momento do fecundo encontro semelhante producto ficou sendo um mero resíduo dos dois fundidos aspectos—objectivo e subjectivo—um mero resíduo mental, um símbolo representativo desta ou daquela face das coisas, desta ou daquela modalidade nossa; um fragmentário sinal ideativo.

Mas foi com este símbolo, com a combinação destes símbolos da linguagem falada e escrita—a par dos símbolos numéricos—que os homens tecêram toda a trama do saber prático, e têem tentado a explicação do existente, da natureza do proprio espirito, do sentido da vida...

E por isso, já sob o angulo da sua funcção intelectual—dessa funcção em que, ao mesmo tempo, figura realmente como obra e como instrumento valioso—nos merece a linguagem, e portanto qualquer língua, sobretudo entre as mais perfeitas, bem justificado interesse e curiosidade; embora não seja este o único angulo por onde tenhâmos de olhar taes productos.

Justificar-se-hia, pois, que continuássemos na nossa figurada experiencia, sempre sob esse aspecto do interesse mental, e viéssemos acompanhando o vocábulo dado, atravez successivas épocas da língua por nós escolhida, até á altura onde o havíamos encontrado, e d'onde havíamos partido para a sondagem feita. Veríamos (é elementar) que êle, como todos em todas as línguas, variára e tendia a variar: quanto a particularidades de forma ou de prosódia, quanto a *nuances* de significação e a substituições de sentido—tudo devido, não só á sua propria existencia individual, mas ás influencias da vida verbal colectiva.

E já daqui avaliaríamos aquela importância duma língua superior como factor vivo no exercicio directo e efectivo da nossa actividade intelectiva, e palpariamos quasi a grande influencia que — áparte esse serviço e só no puro desenvolvimento de toda essa actividade e das nossas melhores faculdades de análise em especial — teria tão estreito contacto com os proprios elementos íntimos da língua escolhida, seguidos assim da aparição de cada um á plena e total combinação dêles. Tudo isso avaliariamos com justeza se tivéssemos podido realizar a dupla experiencia (recorrente busca da origem, e reascendente pesquiza da evolução do vocábulo e do seu conjunto idiomático) sobretudo com algumas linguas da Europa.

Não nos é dado realizá-la.

Poderiamos, no entanto, sob este ponto de vista do desenvolvimento das energias e da acção do pensamento, alcançar e avaliar relativos benefícios familiarizando-nos com duas línguas que — por terem sido dotadas de vivas fôrças creadoras, por terem vindo enriquecidas de toda a ordem de unidades e complexas verbaes, e por terem atingido um alto grau, tanto de perfeição formal como de adaptabilidade expressiva — nos permitiriam, se as cultivássemos ou apreendêssemos no essencial da sua índole e qualidades, efectuar, de certo modo, uma experiencia aproximativa daquela figurada experiencia ideal.

Seria quasi assistir, realmente, á primeira formação dos elementos mentaes e ir surpreendendo a evolução e as combinações fecundas da vida racional — o entrar assim na intimidade dessas línguas. — Para ver com o que é que se pensa e como se efectuam actos de pensamento, taes línguas dariam precioso contingente de revelações e o proprio ensinamento para as aproveitar, favorecendo consequentemente, em proporção incomparavel, aquele desenvolvimento do espirito. Porque elas representaram dois admiraveis exemplares — talvez os mais perfeitos de toda a producção verbal da humanidade — espécie na creação ideativa:

Reconheceríamos que, como agentes e instrumentos de todo o labôr consciente, como *utilidade scientifica*, resumíam a mais valiosa obra do Homem em materia de linguagem, realizavam a conquista das mais altas e compreensivas representações da visão intelectual do mundo.

E reconhecê-lo não equivaleria a registar logo um valioso argumento a favor do seu estudo e cultivo?

I

Votado—por superioridade de raça, circunstancias de existencia, sorte de meio físico, indeterminaveis qualidades e dotes particulares—a ser durante certa quadra da história fecundíssimo alfôbre de *eleitos,* dentro dum conjunto de condições favoravel á expansão destes, o povo que falou uma dessas línguas logrou, na verdade, crear e desenvolver nela, mercê em grande parte da acção dos seus *genios,* não só o mais perfeito e afinado instrumento de produção literária e poética, mas o mais poderoso elemento e o mais ductil agente, tanto de notação e exposição scientífica, como de laboração filosófica, de ideação construtiva.

Isto porque possuiu, em grau egual ou aproximado, o sentimento vivaz das coisas, a faculdade de experimentar, guardando-lhe vibrante a impressão, o contacto directo da realidade; e um raro poder de abstração, com a consequente aptidão genereralizadora—que funde dados semelhantes abstraídos de coisas diversas.

Mas tudo, afinal—accentue-se—pelo correlativo e conjugado facto de revelar taes aptidões e faculdades nesse admiravel vocabulário (d'elas feito e nelas colaborante): a um tempo preciso, compreênsivo e cambiante, irmãmente capaz de fixar aspectos e de deixar ver relações entre aspectos, de colher em cheio o concreto e de sugerir, servindo-as, mediatas representações do real, de reproduzir a vida e de dar graça de vida ás mais altas obras especulativas.

Tudo, pela particularidade de haver com efeito creado e utilizado uma daquelas, aquela, talvez, das línguas em que teria sido mais facil aproximarmo-nos da minha hipotética experiencia relativa á génese e evolução de vocábulos (hipótese já formulada com a ideia nas duas línguas de que trato); pois se os fenómenos são identicos em todas, de certo revestiriam na de que venho falando, devido ás condições de temperamento e espirito de tão privilegiado povo, um grau singular de interesse: pelo seu agudo sentido das *nuances,* e pela notada vivacidade das impressões colhidas—qualidades revelaveis e reveladas logo de raiz, mal ainda cada individualidade verbal apontasse e surgisse dos limbos da sua formação.

Tudo, por haver tido em cada vocábulo, a par duma forte unidade de viva expressão, um factor de real e potencial actividade intelectiva: de associações rápidas, de delicadas aproximações analógicas, bem como de subtis oposições; com a facilidade, por fim, de elastecer as significações e accepções a tal vocabulário, de bolear a certos termos, sem lhes apagar a feição propria, as ares-

tas e rebordos de extrema individuação e, assim — com a possibilidade de combinar e erguer semilhantes unidades naquelas equilibradas arquitecturas de especulação.

Nada de admirar, pois, que esse povo, em grande parte por motivo da excepcional riquêsa e intimas particularidades de tal idioma—egualmente talhado para exprimir e reflectir a vida e para lhe coordenar os aspectos em representações generalizadas—tivesse legado ao mundo não só um valioso lote de sciencias, creadas ou iniciadas, e de fecundas indicações a seguir, mas ainda algumas das mais acabadas e harmónicas construções conceptivas, os mais arredondados sistemas de integração universal, as mais contornantes teorias de ideação mediata.

Nada de admirar que d'êle toda a Europa histórica houvesse herdado as grandes fórmulas de encadeada elevação ao generico, os largos moldes de racionalização da experiencia, os lestos processos da reducção do existente ao inteligivel puro, e d'aí a figuração de mundos de contemplação de que o mundo real seria como que a degradação successiva.

Nada de admirar que a herança vinda desse povo—á parte, agora, as suas maravilhas de literatura e arte — represente, portanto, no nosso património (desde o campo da observação e da experiencia até á região serena das ideias) um rico espólio de informação scientifica e de invenção filosófica; sendo assim para notar, insisto, o caracter scientifico, *intelectual* de toda essa importante porção do farto legado...

Será necessario dizer que esse povo foi o povo grego, e que todos os outros povos deverão, em frente deste, sentir-se na situação de herdeiros largamente contemplados?

Todos conhecem que devemos, realmente, aos gregos a posse de certas sciencias; e utilizamos na resolução ou explicação de muitos problemas práticos noções por êles adquiridas, algumas desinteressadamente, ha mais de vinte séculos.

E isto bastaria para justificar o nosso sentimento de gratidão. Mas o mais forte motivo para que da sua obra nos inspirêmos ainda e ainda dela aproveitemos — embora nem sempre de maneira directa — prende exactamente com a missão da Grécia e com o maravilhoso resultado de tal missão naquele campo, já apontado, da invenção ideativa, da creação filosófica, a contar sobretudo do quinto e quarto séculos antes de Christo.

Se ainda hoje, a mais de dois mil anos, sômos seus tributários por alguns dados das sciencias exactas, e por certas hipóteses naturaes — é sempre — nesse ramo da cogitação superior que mais lhe devemos.

Só resta accentuar em que sentido.

Não é, certamente, que possâmos nem devâmos ter da realidade e da marcha das coisas, da trama da vida universal e humana, da propria naturêsa do espirito e dos seus problemas — as noções e modos de ver afirmados e revelados naquelas grandes obras de filosofia.

Não podemos manter a concepção em que o *platonismo* encontrou maneira de resolver, conjuntamente, o problema do existente e o do conhecimento: pela redução do *material* ao *formal*, pela integração da fenomenalidade da alma e do mundo na Ideia pura, atravez, afinal, de successivas, ascendentes abstrações e generalizações das imagens e das ideias elementares — mas a ponto de, perdido o pé, se fazer derivar do centro atingido tudo quanto servira para o atingir, e de só se atribuir verdade real ao substractum ideal da realidade.

Não podemos tomar para critério da verdade ou do destino o da aproximação e comparação de cada aspecto ou caso particular com o seu *conceito — paradigma*, tornado, assim, na altura vertiginosa das ideias tipos, razão e aferidor do contingente.

Não podemos ver tudo suspenso do seu Deus-Ideia, de maneira semelhante áquela por que a mitologia da mesma raça chegou a representar a série dos deuses: pendendo todos duma corrente d'oiro segura na mão omnipotente de Zeus.

Esse Deus-Ideia que, no extase da sua mesma idealidade, se limitava a *geometrizar:* esse Deus — que nos revelava o infinito sob a especie de um desdobramento conceitual e sob a de certos modos da extensão — não podia já satisfazer os mortaes, a contar do dia em que (corridos, aliás, bastantes séculos) numa volta do curso da historia começaram a opôr-lhe: ao ideal do permanente a noção de *lei* inalteravelmente reguladôra do successivo; ao estatismo do seu mundo formal — a noção dinâmica da actividade do universo; ao culto do invariavel — a crença na variabilidade; á pura identidade do pensamento — a verdadeira realidade das qualidades sensoriaes; á extensiva supremacia do geral — a intensa vida do individual e do particular.

Tão pouco já nos poderiamos conter dentro da outra obra, da obra filosófica de Aristóteles, onde a correlação das ideias e a seriação das *categorias* formam um dos mais perfeitos edificios mentaes a que foi dado chegar-se; porque de ha muito a sua concepção e correspondente sistêma do mundo estalaram sob a pressão da ampliativa noção do universo, formulada desde a Renascença; como tambem se desfizeram e rolaram em conceitos de *relatividade* os seus inteiros conceitos de *logar* e de *movimento* absolutos.

Tudo isto é certo.

E, á primeira vista—reconhecida a inadaptabilidade dos mais belos e grandiosos sistêmas da filosofia grega ás exigencias do pensamento moderno—pareceria justo admitir que esses sistêmas deixaram, de todo, de poder interessar-nos, a não ser como objectos de mera curiosidade histórica.

Mas não.

Sem falar nos espiritos e escolas da Grécia (e o mundo grego teve diversos centros, diferenciados, de actividade filosófica) donde dimanaram teorias e modos de ver que já de lá contrariavam a tendencia formal dos dois sistêmas mencionados—bem diferentes entre si debaixo d'outros pontos de vista—; sem escavar no facto do proprio Stagirita admitir, contra o puro idealismo platónico, a realidade das qualidades e das existencias individuaes—o que, tudo, reveste de mais proximo interesse, actualiza de certo modo muitos dos productos mentaes do génio helénico—teremos ainda de confessar abertamente uma efectiva dependencia nossa com relação a essa multíplice obra filosófica da grande raça.

Não pensamos—do universo, da realidade interior e exterior da existencia, da vida em geral e do destino humano—o mesmo que pensaram os gregos. Não empregamos do mesmo modo, ao crearmos e expôrmos sciencia, os delicados e completos instrumentos experimentados por esses homens; não são hoje os mesmos em tudo a disposição e o jogo dos aparelhos e motores da nossa actividade consciente, por eles apropriados, lubrificados e postos em movimento.

Nem tão pouco são os mesmos o numero, graduação e interdependência das *categorias* ou condições formaes dessa actividade. E estão longe de corresponder aos antigos, como é natural, os objectos e problemas por cujo estudo e solução se interessa actualmente o pensamento humano.

Compreende-se, porêm, que a educação feita num sábio exercício daqueles motores e aparelhos e na habitual representação daquelas condições envôlva a mais elastecedôra ginástica intelectiva, e afeiçôe e molde o espirito poderosamente—tanto no sentido das delicadas operações analíticas como no da elevação da experiência aos harmónicos totaes de ideias.

E assim esta educação—seja qual fôr o terreno a estudar e a naturêsa dos problemas a esclarecer—representará sempre uma preciosa soma de meios, e um inegualavel *treno* para o disciplinado e profícuo emprego dêles. É de universal e omnímoda aplicação. Dará sempre aos que a tenham recebido, quando explorem qualquer dominio, a superioridade de quem possue mais seguros instrumentos de exploração e mais destra habilidade para os utilizar; e, a coroar tudo, a notada faculdade de—segundo fórmulas

compreensivas — poderem integrar as noções parciaes em conclusivos conceitos de conjunto, e as linhas do definido particular em largas curvas de generalização.

São pois os processos especulativos dêles que continuam, a final, em consideravel proporção, a auxiliar-nos no exercicio e nas operações de apuramento da nossa clara actividade pensante.

O que para eles representou o ultimo resultado, o *fim* duma elaboração prodigiosa, converteu-se para nós num *meio* de acquisição.

O que deixaram vale e valerá sempre para o nosso espirito — é de justiça repeti-lo — como a mais perfeita disposição e uso dos aparelhos de visão racional a empregar, e como o mais adequado jogo de normas lógicas a observar na apreênsão do existente inteligivel.

Não falando nos admiraveis quadros mentaes de fixação e exposição que essa educação fornece, e que oferecem tanta vantagem para o registo da experiência feita como para a indicação e prevista ordenação dos dados a colher.

Porque então aqui não ha negá-lo: é ao vivo sentimento das gradações e das correspodências — em alto grau possuído pelos gregos, revelado na sua língua e por ela comunicado — que directa ou indirectamente devemos quanto jámais se obteve de melhor como efeito dessa suscitada e educada aptidão distributiva do espirito.

Possuíram, na verdade, o génio da *classificação;* e do que nesse campo deixaram delineado nos servimos ainda, pelos grandes contornos, como de divisões e traçados eternos.

Não deverá, pois, estranhar-se, e é facto provado que, mesmo no terreno da propria laboração scientifica — e precisamente neste — contem reaes vantagens sobre os outros as pessôas dotadas desses recursos vindos do passado clássico.

E como obter semelhantes recursos e partilhar de taes vantagens se não conhecermos — pelo menos no essencial da sua letra e do seu espirito — as duas línguas em que a *educação clássica* se bebe da origem, em que o melhor do pensamento antigo ficou revelado, mas tambem *velado,* numa grande parte, a quem de todo lhes não penetre o sentido?

Nunca poderemos conseguir tão evidentes vantagens sem essa preparação das *humanidades,* vistas aqui, segundo logo resalta, não pelo ângulo da Renascença — como um *fim* a atingir, lá tambem, como razão última do esfôrço empregado, num intuito de erudição e justificação, por ela, de certo ideal heroico do homem; mas como *condição* para a maior precisão e ordem do nosso trabalho, em qualquer campo *intelectual.*

Não será, então, justificavel que eu tenha começado por encarar a *educação clássica* sob o ponto de vista da sua utilidade como *preparação formal do espirito?*.....

Tendo-me referido aos gregos, deverei agora referir-me aos latinos e á sua língua, sob este mesmo ponto de vista; pois que, transmitindo-nos muito de quanto a Grécia creou, tambem pelo seu lado fôram para nós, aqui, pródigos de benefícios.

E dêles recebemos, alem do mais, o melhor da nossa propria língua — em formas de dizer, em moldes de composição, e em ricos elementos de vocabulário.

(Continua)

Coimbra — 29 Março 1912.

MANUEL DA SILVA GAIO.

REVINDICAÇÃO

Entre os estudos de valor devidos á penna de estrangeiros, que interessadamente se tem applicado ao estudo da expansão assaz perturbada da renascença em Portugal, ficáram as 49 paginas do sr. Em. Bertaux ultimamente publicadas na *Histoire de l'Art*, dirigida por A. Michel.

Pela analogia de factos synchronicos, de aventurosas prosperidades, de grandeza e hegemonia historica na civilisação do mundo, o sr. Bertaux aproxima as duas nações, em que os phenomenos da renascença quasi parallelamente se operam.

E' um trabalho d'um grande poder descriptivo, de condensação e de synthese, d'uma exuberancia impressiva, conduzido atravez os meandros inextrincaveis das mil complicadas curvas das correntes artisticas na peninsula hispanica.

Fructo d'uma vasta preparação de erudição e de engenho fertil, dignas da grandesa do assumpto, é certo que, amontoadas na compressão violenta de limitadas paginas, transparecem affirmações concretas e peremptorias, intrisecamente de puro arbitrio, sob a suspeição de demasias de auctoridade abusiva e em deslumbramentos ondeantes de ostentação fatua.

Nos capitulos que dizem respeito a Portugal ha pontos de innovação imprevista, normas de affinidades de classificação e de criterio, que, com certesa, devem escapar por incomprehensiveis, aos menos illuminados de entendimento e de cultura...

E, para a depuração necessaria d'esses preceitos e juizos subjectivos, bom será que contestações provaveis se levantem, a fim de aquilatar precisamente os factos e processos de raciocinio e de analyse, que servem de base a essas asserções destemidas.

Ao tratar da renascença em Coimbra a imaginação fertil do sr. Bertaux altivamente supprime dados historicos e vence todos os obices com intrepidas facilidades, de laconismo commodo e de não menos embaraçosa comprovação...

Mas n'este pequeno espaço, que obsequiosamente me é concedido, eu sómente pretendo suscitar reparos sobre um minusculo incidente, que em duas palavras se resume e não deve passar despercebido.

Ao salientar a renascença coimbrã o sr. Bertaux escreve:

«Le retable de la Sé Velha, achevé em 1508, e été sculpté, non par un Castillan, mais par un Flamand qui avait dû traverser l'Espagne: c'est Oliver ou Olivier de Gand (et non Vlmer qui est une lecture fautive) etc.»

Muito bem: não é Vlimer é Olivier!...

Mas, pela forma sacudida da correcção, o sr. Bertaux pretende arrogar-se direitos que lhe não pertencem.

E é exactamente a que venho: reclamar acerca da prioridade da interpretação e intentar acção de revindicação legitima em favor de outro estrangeiro, a cuja sagacidade se deve esta descoberta feliz.

O meu depoimento será a peça unica do processo bem garantido, como é, pela confirmação de quantos ouviram a narração do episodio palpitante.

O dr. Loos, professor da Universidade de Gand, acabava de me ser apresentado. Vinha a esta cidade colher notas sobre o movimento da renascença coimbrã, verificar casos dubios e estabelecer confrontos, para illações, sob um criterio pessoal.

Divagou-se relativamente á genesis e vitalidade esthetica d'essa arte importada, que se prende ao solo com raizes tam vigorosas, que sobrevive á sua exhaustão degenerativa.

Os corypheus d'esse movimento passaram vagamente na promiscuidade da sua obra. Sobre a mesa cahiram as folhas avulsas, da typographia sahidas, dos documentos colligidos pelas devotas pesquisas do infatigavel paleographo conego Prudencio Garcia.

O contrato do retabulo da Sé Velha ali estava transcripto com a assignatura de *Vlimer e seu—parceiro João d'Ipri.*

O erudito e paciente investigador da renascença em Coimbra, nos escrupulos de honestidade, tam propria d'elle, lealmente declarava não ser a sua leitura *Vlimer* incontestavel, pela confusa graphia do autographo.

O dr. Loos n'um lance de intuição rapida teve um gesto de surpreza: encontrara a chave do enigma. Nenhuma duvida podia restar sobre a authentica versão *Olivier:* a primeira vogal escripta sonicamente, o resto explicavel pelas dificiencias da calligraphia.

Felicitei o dr. Loos; e espalhei a boa nova, gratamente acolhida pelos amadores interessados.

Mas, antes d'isto, alguem n'uma publicação portuguesa tinha dado curso á traducção *fautive:* e Watson transcreveu-a no seu recente livro *Portuguese Architecture,* apresentando um ignoto Vlimer como auctor do retabulo.

Depois de todas estas occorrencias, o sr. Bertaux vem a Coimbra e aqui é particularmente informado pelos seus amigos dos detalhes d'esta peripecia, que jaziam *in mente,* á falta de ensejos de publicidade; e, sem preoccupações de maior, dispara o dardo, certeiramente assestado ao escriptor inglez e aos que, de boa fé, aceitaram o lapso de interpretação, como doutrina de lei...

Ora o certo é que a opulenta exposição não carecia de taes *ficelles,* para se altear com brilho.

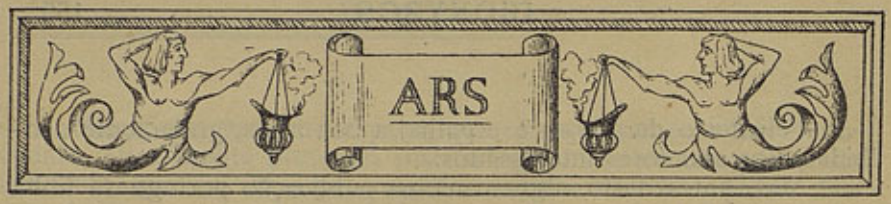
A correcção d'um erro, de consequencias duplamente nefastas, é digna de reconhecimento; sómente o sr. Bertaux deixou de a fazer pela unica forma louvavel e desinteressada.

Aceitou a licção e fez bem; mas, a não ser a mediação d'um informador amavel, tem o imaginoso historiographo a certesa de possuir hoje a opinião esclarecida sobre a identidade do auctor do retabulo?...

Para a insensibilidade dos indifferentes o facto poderá não apparentar grande importancia. E tanto mais, que o enigma se achava tam superficialmente velado, que, depois de descoberto, pasma-se de que não houvesse saltado aos olhos de toda a gente!...

Seja, porem, como fôr: respeitem-se as leaes formulas e salve-se a austeridade dos principios: — *suum cuique.*

A. Gonçalves.



PEER GYNT

IBSEN E GRIEG

(ESTUDO CRITICO)

Ibsen na sua mocidade tivera um sonho que lhe déra uma sabbática impressão da vida, e nunca uma consciencia onirica creara assim um tão grande quadro: levado por um anjo o poeta vê desenrolado ante os seus olhos o espectaculo da existencia. Do alto da collina o super-homem divisa uma grande cidade extincta donde se erguem flatulencias de podridão: milhares de corpos jazem inertes pelo solo. Uma luz pallida e diffusa incide sobre as coisas. A alma atemorisada sente-se perseguida. O anjo fala na vaidade dos homens. Ha um ruido de tempestade, ouvem-se soluços e suspiros a entrecortar o choro. Os mortos erguem-se em horripilantes attitudes agitando os braços, erguendo-os para o poeta! Jámais se esquecia uma visão assim e o espirito genial do dramaturgo imbuiu-se bem d'ella, querendo ao mesmo tempo com o seu esforço desvanecel-a, procurando catechisar e evangelisar pela sua obra cheia de caracter e de significado moral. As peças de Ibsen são dialogos philosophicos: formam só por si uma detalhada e profunda dissecação do corpo social; attestando defeitos moralisam; creando personagens que são encarnações de virtudes, incutem exemplos a seguir, e com o sentido destes erguem preceitos de purissima bondade. Ibsen, na sua clarividencia de genio, prescuta os movimentos da alma, as suas crises dolorosas de incerteza, as masculas e viris paixões que nella tumultuam, e lido o seu theatro tem-se immediatamente adquirido um alto conceito da humanidade.

Obra que é um systema de idéas, principalmente traduzindo o antagonismo radical entre o individuo e o meio ambiente—a sociedade: vive só e serás um forte! Lida esta phrase que se não veja n'ella uma profissão de antipathico egoismo, de despreso

pelos outros, mas sim a idéa incisivamente radicada da *individualidade*. Henrique Ibsen procura caracterisar a lucta entre o ideal e o real, querendo envolver este por aquelle, procurando dignificar a vida numa aspiração esthetica, aspiração que não vive na mediocridade das multidões, sáfaras e indignas de comprehender os eleitos, os isolados, os fortes encerrados com o seu pensamento, base vital indestructivel. E quantas vezes o poeta não exprimiu nas cartas intimas que escrevera o absoluto desdem pelo espirito gregario: «o barulho da multidão intimida-me, quero perseverar as minhas roupas da lama das ruas...» «não tenho illusões sobre os homens e, para os não odiar, desprezo-os.» Incredulo da sua amizade tinha sempre perante si o fratricidio da Biblia com estas poucas palavras a sublinhal-o: «Homo homini lupus».

A obra de Ibsen não podemos consideral-a como inteiramente pessimista, parecendo á primeira vista sel-o pela maneira acerba e mordaz com que critica as instituições de hoje, mas demorando mais a attenção pelas suas paginas, veremos a esperança numa longinqua rehabilitação levada a effeito pelo Amôr, e mais adeante, falando eu do Peer Gynt, terei occasião de me referir a isto mesmo.

O Amôr purifica o coração de Peer que sente, ao aproximar-se de Solveig, depois de longos annos de aventura, um rejuvenescimento de alma

Ibsen queria mostrar um futuro melhor inspirando ao homem a vontade de o realisar: «Victoria e luz sobre aquelle que quer».

A civilisação será uma promessa a levar a effeito e apparecerá pouco a pouco parallelamente ao crescente desenvolvimento da *consciencia individual*.

Henrique Ibsen apotheisou a dôr, tornou-a companheira inseparavel das creaturas predestinadas. A dôr ennobrece o caracter e o caracter faz viver a belleza! Ibsen considerava-a uma funcção intellectual e olhava a grandeza e nobreza das almas graduadas pela sua dôr.

A Dôr acompanha o Amôr, segue-o sempre abraçada a elle numa intima communhão. O beijo da Dôr tem de acarinhar sempre a fronte dos predestinados!

*

O poema dramatico Peer Gynt foi escripto por Ibsen em 1869 quando da sua estada em Ischia e Sorrento, na Italia meridional, e não em 1868, segundo a affirmação de Prozor no prefacio da sua traducção franceza. De passagem direi que não conheço a sua pequena monographia, esgotada actualmente, em que o erudito

traductor e critico mais detalhadamente se havia de referir a génese e ideias dominantes no Peer Gynt; umas cartas de Ibsen, porém, elucidaram-me bastante sobre este ponto e acho interessante, das que li, principalmente, a dirigida a Eduardo Grieg que contem revelações curiosissimas a que mais adeante me referirei.

Ibsen escrevendo ao conselheiro Hegel dizia-lhe que o seu heroe Peer Gynt vivera no Gudbrandsdal, região da Noruega, no começo do seculo XIX; mais dizia ser o seu nome bem conhecido entre os habitantes dalli que contavam a seu respeito algumas lendas, não sabendo estes mais de Peer do que o contido nos *Contos Phantasticos* de Asbjörnsen.

Outra carta dirigida a Björnson refere-se a uma critica injusta do Peer Gynt feita por Clemente Petersen que accusava a obra falha de poesia e de conter enigmas insoluveis. Segue-se outra carta a Edmundo Gosse em que Ibsen considera Peer Gynt a perfeita antithese de Brand, escripto aquelle num tom selvagem e ousado: «era preciso que estivesse longe da minha patria para me atrever a fazel-o tal como o fiz.»

Dos escriptos intimos de Ibsen aos seus amigos que mais interessam é sem duvida a carta dirigida em 1874 ao musico norueguez Eduardo Grieg, a propôr-lhe a composição de uma opera sobre o poema Peer Gynt, áparte algumas importantes modificações referentes a córtes de scenas secundarias, a diminuição de outras, etc.

Desejava Ibsen que o primeiro acto subsistisse quasi inteiramente, salvo ligeiras suppressões praticadas no dialogo; que o monologo de Peer fosse acompanhado por orchestra ou então convertido parcialmente em recitativo; que a scena do noivado fosse realçada por um bailado com uma musica propositadamente escripta para este fim. No segundo acto Grieg comporia uma scena musical para as tres camponezas; esta musica devia ter qualquer coisa de diabolico. A orchestra deveria sublinhar por accordes o monologo, assim como a scena entre Peer e a mulher de verde. Uma especie de acompanhamento era necessario ainda no episodio do velho da montanha. A scena intacta do faial teria a sua illustração musical: gorgeios de aves; sinos e canticos ao longe.

No acto III seriam precisos alguns accordes na scena entre Peer, a mulher e o gnomo.

Faz umas leves referencias ás paginas 109 e 112 da edição noruegueza, desejando que o IV acto fosse supprimido e substituido por uma symphonia descriptiva que traduzisse a vida errante de Peer Gynt. O canto de Anitra e das dansarinas entoar-se-hia com o panno baixado. Seguir-se-hia a visão de Solveig cantando deante da sua cabana beijada de sol; o panno desceria lentamente começando a orchestra nos compassos da tempestade. Poucas mais

indicações terá a carta de Ibsen a Grieg, mas as citadas são já de per si importantissimas.

Seria interessante conhecer os autographos de Grieg sobre esta proposta que afinal não foi levada a effeito, senão em parte.

Eduardo Grieg, com a sua requintada compleição de musico, compôs duas *suites* bem conhecidas entre nós (especialmente a primeira, agora tantas vezes executada em Lisboa pela orchestra dirigida por Pedro Blanch.)

Pouco divulgado está entre nós o estudo ponderado da obra musical de Grieg que, com o seu compatriota Svendsen, creou na Noruega uma situação notavel pela profunda influencia que exerceram na arte scandinava. Eduardo Grieg estylisou as canções do seu paiz, espalhou-as incutindo ao cunho da raça que nellas vivia a forte impressão esthetica, subjectiva, do seu genio. *As Dansas Norueguezas* são o exemplo bem frizante a destacar dentre as suas outras muitas composições.

Falemos agora propriamente do Peer Gynt, citando ao lado das scenas dramaticas as scenas musicaes de Eduardo Grieg.

O entrecho dramatico de Ibsen é quasi ignorado pela maior parte daquelles que ouvem e applaudem as *suites* de Grieg intimamente relacionadas com o poema: não ligam pois significação verdadeira aos quadros musicaes interpretados.

*

Peer Gynt é um typo lendario da Scandinavia, symbolo do egotismo, heroe e degenerado com facetas accentuadas de genio. Filho dum alcoolico e de uma creatura nervosa, Aase, Peer traz comsigo uma tara hereditaria que o arrasta á perpetração de certos crimes.

De grandes faculdades ideativas, o heroe de Ibsen, inventa as mais bizarras historias que são ouvidas supersticiosamente por todos. Crente fervoroso no triumpho do seu *eu*, julga-se um futuro rei ou imperador: «nasci para os mais altos destinos!» No seu delirio de grandeza imagina-se coroado, seguido por uma escolta toda equipada de oiro; as mulheres curvam-se ante a sua belleza.

Apesar de Aase lhe prohibir a ida ás nupcias de Ingrid, Peer não se importa e vae assistir ás bodas. Quando entra na casa dos noivos todos os convidados começam a protestar contra a vinda daquelle intruso; as raparigas solteiras fogem-lhe. Peer quer dansar e não encontra par, mas eis que apparece Solveig e Helga, filhas de dois camponezes immigrados. Peer fica enthusiasmado com a bel-

leza simples e ingenua de Solveig com quem troca algumas palavras. A scena é constantemente interrompida pelo noivo que se vem queixar da frieza de Ingrid, a ponto de pedir o auxilio de Peer junto della. Peer, seu antigo apaixonado, foge com Ingrid para longe. Na ultima scena do primeiro acto os inimigos de Peer vêm perseguil-o. Aase apparece e diz a Aslak que se se atrevessem a aggredir o filho «a velha Aase ainda tinha bico e garras para ferir!» O noivo vem espavorido á procura de Ingrid e isto mais exacerba a multidão. Aase procura salvar o filho depois de o insultar!

Num estreito atalho da montanha Peer Gynt anda apressadamente perseguido por Ingrid ainda vestida de noiva.

Peer Gynt repelle-a falando numa affeição maior. Ingrid lembra-lhe que estão ligados por um crime! Ingrid lamenta-se, pede a Peer que pense bem na sua sorte. Abandonada, sente em todo o seu corpo um fremito de revolta; mordida de despeito e de dôr sente o desespero de se vêr insultada como uma adultera.

O *Lamento de Ingrid*, de Grieg, começa por um *allegro furioso*: notas que exprimem momentos de colera e de suffocação; e no *andante* o accorde que significa bem o luto duma alma envolvida de treva para sempre. Depois segue um canto repassado de tristeza, de melancholia. Ingrid supplica!

A melodia repete-se, succedendo-se depois notas que exprimem lagrimas.

Vem novamente o *allegro*, terminando por fim em notas que se perdem num doloroso pianissimo.

Ingrid e Peer Gynt afastam-se cada um para seu lado. Aase, Solveig e Helga vêm procural-o. Solveig pede a Aase que lhe fale do filho!

Ao longe pincaros nevados.

As sombras começam a estender-se sobre a terra.

O dia morre.

Peer solta a imprecação de revoltado: «arrastar, lutar, nadar contra a corrente! Fustigar! Demolir! Desenraizar arvores! Eis o que se chama viver!» (1)

Peer Gynt encontra-se n'uma floresta. Por entre as folhas das arvores scintillam as estrellas. A mulher de verde, filha do rei Dovre, vem ao seu encontro e condul-o montado n'um suino gigantesco para a montanha fantastica.

---

(1) Não nos podemos referir a cada uma das scenas do Peer Gynt, limitando o nosso estudo critico apenas áquellas que para o caso nos interessa.

Ibsen faz intervir aqui o maravilhoso para caractrisar bem a imaginação exaltadissima de Peer Gynt.

O aventureiro entra no castello do velho Dovre, rei das montanhas. Difficil é reproduzir as falas dos differentes personagens.

No recinto do castello celebram-se dansas. Trava-se um interessante dialogo entre o rei e Peer Gynt.

Aquelle tem a sobranceria dum deus, dum immortal que pronuncia maximas sobre os homens. Dovre quer prender Peer nos seus dominios, mas este não pretende alienar a sua liberdade. O monarcha exasperado condemna-o e Peer vê-se rodeado de pequenos seres que se agitam á sua volta, fustigando-o e irritando-o. Peer Gynt grita por soccorro, ouvindo-se ao longe o soar plangente mas amortecido dos sinos da egreja.

Erguem-se gritos e tumulto.

Tudo foge e desapparece.

O castello abre ficando em ruinas.

Aqui se insere o terceiro trecho de Grieg, *In der halle des Bergkönigs*, ultima composição da primeira *suite*.

Em pianissimo ouve-se o primeiro compasso, rompendo depois as notas num *sempre staccato* que vae augmentando progressivamente num crescendo e mudança de tons expressivos. Vae apparecendo pouco a pouco a complexidade orchestral, os desenhos chromaticos vão-se tornando cada vez mais nitidos, deixando de ser *esquisses* apagadas de sons. A seguir um *fortissimo* grandioso em oitava alta vem-nos sugerir a epopêa mythica de Prometheu libertado!

(O compasso 64 repete quasi um prestissimo da IV *Dansa Norueguezа)*. As notas finaes são indescriptiveis: dissonancias que traduzem gritos e esgares.

Peer Gynt, após a desapparição brusca do reino de Dovre, fala com a Grande Curva, personagem lendaria em quem Ibsen personifica a hypocrisia. A Grande Curva triumpha sem lutar... Passam aves no ar. Ouvem-se sinos e canticos ao longe.

Inicia-se nesta altura a primeira *suite* de Grieg com a *Morgenstimmung*.

E' a madrugada que começa a romper. Um *allegreto pastoral* dá-nos a impressão do raiar da aurora.

As notas leves dos primeiros compassos exprimem o levantar das nevoas, o ruflar de azas que singram o ceu (comp. 39 e seguintes). Das folhas dos arbustos cahem gottas de rócio. A musica lembra olaias floridas. Num continuo crescendo os sons vão-se accentuando: é a transição da noite para o dia. Os compassos ultimos annunciam a despedida da estrella de alba e os accor-

des finaes a serenidade duma madrugada estasiante, de luz purissima!

Peer dorme. Desperta e vê Helga que, enviada pela irmã, lhe vem trazer mantimentos.

Solveig occulta atraz da cabana é vista por Peer; este persegue-a, ella affasta-se com a companheira.

Numa outra scena seguinte Aase lamenta-se de ter perdido tudo: os tribunaes arrestaram-lhe pelos crimes do filho, os poucos bens que tinha. Mas Aase tem sempre saudades do querido aventureiro.

Peer Gynt continua a viver só na floresta. Elle proprio construiu a sua cabana. Trabalha e ri! Solveig vem visital-o e abençôa o seu trabalho: Helga transmittira-lhe o pedido, o vento e o silencio levaram-lhe outros. Tudo dizia para ella vir alli: Aase sempre a falar do seu filho; as longas noites e os dias solitarios. Vinha vel-o! Peer pergunta-lhe o que dizia seu pae se soubesse... Solveig responde que sobre a vasta terra, sob o ceu de Deus não existia mais para ella nem pae, nem mãe, não havia ninguem senão elle!—Uma benção desce sobre esta cabana onde tu vens habitar com o pobre caçador, Solveig! Deixa-me contemplar-te! Sem me aproximar de ti, olhar sómente.—

Ibsen mostra bem aqui a superioridade de Peer Gynt: serão estas palavras o seu proprio conceito sobre o amor despido de mácula!

Os remorsos passam muitas vezes pelo espirito visionario de Peer, concretisados em imagens que elle vê e ouve e com quem fala.

Solveig retira por momentos para dentro da cabana. Volta de novo a apparecer, perguntando ao companheiro para onde tenciona ir. Peer Gynt a meia voz relembra a fala da Grande Curva e responde a Solveig que tem um pesado fardo a transportar. Despede-se d'ella. Solveig espera durante muitos annos o amante que parece nunca mais voltar!

Peer por um pressentimento vem a casa de sua mãe que se encontra agonisante. Grieg compôs sobre este thema uma das suas mais notaveis musicas: a *Morte de Aase*.

A pobre velha póde morrer descançada com a vinda do filho. Póde partir em paz. Peer pergunta-lhe se tem frio nos pés ou nas mãos. Aase responde que sim, que sente a vida a esvahir-se-lhe e fala num mau presagio acontecido durante a noite. Peer Gynt vê a mãe estendida no seu pequeno leito de creança: Aase recordava assim a meninice do filho! As scenas da sua infancia lembra-as com saudades. Peer por seu lado tambem lhe evoca o passado.

—Sim Peer, tudo findou... Quando vires os meus olhos extinguirem-se, é preciso fechal-os docemente!

Aase vive os ultimos momentos a relembrar: quando o pae partia para as longas aventuras, os dois, á tarde, brincavam no trenó com a manta da pequena cama a servir de capota e o soalho a fingir uma planura coberta de neve. Peer Gynt e Aase partiam para o castello de Soria-Maria, a oeste da lua e a este do sol... e a moribunda no delirio, prenuncio da morte, via toda esta evocação! Mas despede-se da vida pedindo ao filho o livro dos canticos! Sente-se inquieta da alma. Parece divisar muitas luzes que Peer diz serem as janellas do lendario castello illuminadas. Aase vae fechar os olhos e entrega-se ao filho que sonha!

Kari penetra no quarto mortuario julgando que Aase dorme profundamente. Peer sente a fatal realidade e foge para longe, para muito alem do mar!

Notas cavas de mysterio annunciam a despedida da vida. A alma chora! A doçura da visão passa por nós tambem. Os compassos primeiramente em pianissimo, vão-se distinguindo mais e mais... depois uns accordes levissimos sugerem imagens vagas do álem. Os sons, n'um *diminuendo*, vão-se extinguindo, apagando, na indecisão cinzenta do infinito...

Peer Gynt deixa o paiz onde nascera com uma forte esperança no triumpho do seu eu. No principio do acto IV do poema encontra-se numa costa a sudoéste de Marrocos, acompanhado de amigos desleaes. No banquete todos conversam acaloradamente, dissertando Peer Gynt sobre a conducta dum homem na vida. Conta como ganhára a sua fortuna á custa do trafico dos negros na California e da exportação de idolos para a China: todas as primaveras continuava a fornecer idolos; mas quando vinha o outomno embarcava para a costa chineza uma carregação de sacerdotes, munidos de biblias, bentos, arroz e rhum! O aventureiro arrependera-se das suas faltas e remiu-as, fazendo bem aos escravos que tinha ainda depois de abandonar este baixo commercio. Estava rico; agora a sua ambição era ter sempre perto de si um côro de amigos dançando em volta do seu velo d'oiro. Exaltado pelo vinho, acomette-o o delirio da grandeza: quer ser imperador do mundo com o dinheiro omnipotente! Sonha com uma grande victoria: soccorrer a Grecia victima da Turquia. Peer separa-se dos companheiros que resolvem fugir com o seu navio carregado de dinheiro.

Sob o luar Peer Gynt divisa no horisonte um yacht que se affasta: era a sua fortuna de Nababo que lhe fugia para sempre! De colera arranca os cabellos e pede a Deus o castigo para aquelles que extorquiram o seu immenso thesouro. A imprecação é ouvida e o navio envolvido de chammas e fumo afunda-se nas aguas. Peer

Gynt cahe extenuado sobre a areia. Levanta-se de novo cheio de esperança em si:—um nobre pensamento vale mais do que todas as riquezas do mundo. De aventura em aventura vamos encontral-o num oasis, sob a tenda dum *scheik* arabe, rodeado de raparigas que com Anitra cantam e dançam em honra do propheta:

Flautas, entoae vossas arias de festa,
Em honra do divino Propheta!

Incluirei n'esta scena a *Dança arabe* da 2.ª *suite* e a *Dança de Anitra* da 1.ª *suite*.

A primeira começa por um *allegretto vivace* em pianissimo. Ouve-se o tilintar de pulseiras e o agitar de lentejoulas. E' a impressão da ronda de sulamites lindas! Ouve-se a melodia do oasis (comp. 46) Oasis! Symbolo do prazer a entrecortar a dôr! Peer sente-se acalentado pelo calido ambiente oriental. (Eduardo Grieg tem umas notas caracteristicas de festa, de alegria communicativa: refiro-me ao compasso n.º 20; são notas estas parecidissimas com as contidas nos compassos dos *Dias de Noivado* que precedem a pagina da cavalgada—comp. 11, *una corda)*.

A *Dança de Anitra* deve ser tocada em surdina; as notas levemente feridas que se ouçam limpidas, marcadas e rythmicas. Segue-se um canto repassado de melancholia que novamente deriva nas phrases caracteristicas do principio, tecidas em diversos tons.

Peer Gynt segue com o olhar Anit a que dança. Peer chama-a para junto de si e diz querel-a fazer entrar no seu paraizo. Mas Anitra não tem alma. O Propheta concede-lh'a; ella todavia prefere a opala que lhe brilha no turbante. Peer Gynt dá-lhe a joia com enthusiasmo—Anitra! Verdadeira filha de Eva! Soffro o teu magnetico encanto. Sim, porque eu sou um homem, apesar de tudo, e como diz um apreciado auctor, «o eterno feminino attrahe-me»...

Anitra foge-lhe afinal um dia porque Peer, o Propheta, perdera o seu aspecto de sacerdote para se transformar no homem que era!

O heroe continua a vida de sempre; um dia fatigado recolhe á patria donde partira.

Peer Gynt descobre da amurada do navio que o traz terras suas conhecidas. Esta scena é uma das mais bellas do poema. Peer falando com o capitão, pretende dar o pouco dinheiro que lhe resta á equipagem. O capitão agradece, dizendo que quasi todos aquelles marinheiros são pobres e têm mulheres e filhos a sustentar.

Peer Gynt, o isolado de sempre e tão abandonado agora,

inveja os felizes que vão encontrar o seu lar animado pelos sorrisos auroraes das creanças, acarinhados pelos abraços das mulheres que os esperam!

Como o aventureiro ambicionaria ter alguem á sua espera!

Peer Gynt interroga com insistencia o capitão: o que se passará á chegada dos marinheiros? Terão luz sobre a meza? Agropar-se-hão á volta da lareira? E neste momento Peer encolerisa-se: pois havia de dar o seu ouro para os outros que tem a felicidade á sua espera?

Começa a tempestade. O ceu escurece e a bordo accendem-se luzes. Nuvens espessas passam no ar. O navio açoitado pelas ondas, põe em sobresalto os homens do mar; só Peer Gynt parece olhar cynicamente e impavidamente o proximo naufragio. Um vulto desconhecido apparece e fala-lhe na morte; pergunta Peer quem elle é e ninguem sabe responder.

Esta apparição atemorisa-o. O mysterioso personagem pedia-lhe o seu cadaver para experiencias scientificas; queria conhecer a região onde se localisa o sonho!

O navio bate fortemente num rochedo e afunda-se nas aguas tumultuosas.

A *Tempestade* de Grieg descreve esta grandiosa scena do poema: os sons ligam-se e confundem-se numa extraordinaria intensificação dramatica; atravez de todo o t echo passa uma phrase musical predominante, phrase esta interrompida por corridas precipitadas e fortes de notas; é o murulho do mar revolto confundido com o rugido do trovão; algumas notas, tal é o seu brilho, lembram scintillações de luz a cruzarem-se no ceu brumoso. Os ultimos compassos são accordes de paz: Peer Gynt vê a ambicionada patria!

Salvo do naufragio, onde algumas vidas lhe pediram inutilmente auxilio, o aventureiro procura a terra onde nascera.

Num cemiterio entre montanhas Peer assiste ao enterro dum homem obscuro durante toda a sua vida, mas que teve a qualidade de *ser de si mesmo.*

O sacerdote que o acompanhou á cova frizava estas palavras e Peer teve a impressão que o morto era um seu *alter-ego!*

As vidas quasi que se igualavam! Peer Gynt sentia-se agora um justo: «o velho Peer Gynt não seguirá menos o seu proprio caminho e ficará sempre o que é: pobre, mas honesto.» Voltando á sua patria, Peer, ouviu contar historias a seu respeito: todos citavam passagens da sua vida exageradas pela phantasia da lenda. Julgavam-no morto em Africa! Peer affirmava existir ainda e nesta mesma scena conta uma historia interessante dum caso que succedeu em S. Francisco da California: o diabo apresentara-se em publi-

co, occultando sob os trajes de saltimbanco um authentico porco. Depois de exibir a sua falsa habilidade, começaram os espectadores a discutir o grunhido do suino.

Achavam-no artificial!

Peer Gynt retira-se e a multidão conserva-se pasmada num inquieto silencio.

O aventureiro caminha pelo bosque e pára deante duma cabana. A voz de Solveig entôa de dentro uma canção de esperança: «esperarei fiel, o meu querido amor».

Peer Gynt foge! Vem a noite: vê-se uma clareira de arvores devastadas pelo incendio; mais álem troncos calcinados. Peer Gynt atravessa a correr a clareira. Vozes occultas falam-lhe de todos os lados. Os novelos de pensamentos rolam aos seus pés, depois as folhas seccas, palavras desconhecidas do velho mysterio, cahem tambem; suspiros passam no ar, canções inexprimiveis que o amaldiçoam; gottas de orvalho despedindo-se dos ramos a symbolisar lagrimas que não foram choradas; hastes seccas de palha significando actos sonhados mas não realisados pelo homem sem fé e enregelado pelo frio da duvida. De muito longe ouve-se a voz de Aase maldizendo o filho e Peer Gynt, horrorisado, ante as sombras dos remorsos, foge e occulta-se. Figuras passadas reapparecem-lhe: o velho Dovre surge, mas já decadente e apagado. Peer Gynt, no seu bom humor, diz-lhe que vae escrever uma farça ao mesmo tempo profundo e alegre com o titulo *Sic transit gloria mundi*. Debalde se lhe offerece um fundidor para o derreter e moldar de novo: Peer quer viver ainda como tem vivido até ahi, todavia numa proxima encruzilhada promette entregar-se. O aventureiro trava depois conversa com a *pessoa magra*, symbolisação do sacerdote salvador de almas. A *pessoa magra* apresenta a Peer Gynt uma comparação interessante baseada nas provas negativa e positiva da photographia; assim nas almas: ha muitas negativas mas que por meio de reagentes e outras substancias se transformam em positivas. Se a imagem está quasi apagada, diz a *pessoa magra* a Peer, como a tua, nada, neste caso serve para a tornar positiva.

De novo se lhe depara o fundidor que vem reclamar o seu corpo, mas Peer Gynt affasta-se e vae para junto da cabana de Solveig que o espera anciosa! «Oh tu que da minha vida fizeste um canto de amor!» Existiu sempre a imagem querida na sua fé, na sua esperança e no seu amor e o velho aventureiro volta-se em extase, illuminado:

«Minha mãe! minha esposa! Oh Virgem sem mácula! Occulta-me, occulta-me no teu seio!»

Peer Gynt encosta a cabeça coberta de cans ao collo arque-



A FLORESTA

(des. de Antonio Carneiro)

jante de Solveig. O sol levanta-se a inundar tudo de luz. Solveig canta-lhe para adormecer.

Eduardo Grieg traduziu em musica esta humanissima passagem do drama: as notas cantam um embalar dulcisono

Dorme em paz meu filhinho
Vou-te embalar docemente
. . . . . .
. . . . . .
A creança encostou a cabeça fatigada
Sobre o meu coração. Assim a vida passou.

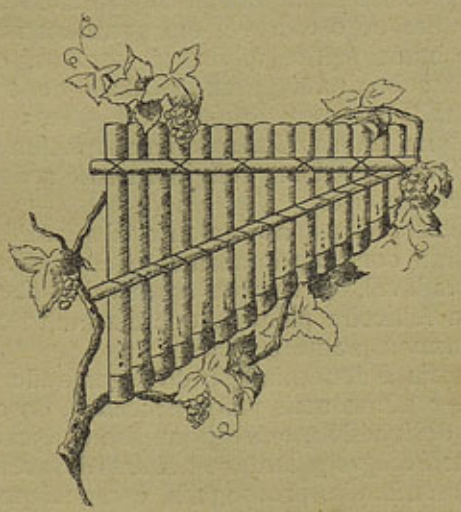
Ouve-se de novo o fundidor:

«Encontrar-nos-hemos na proxima encruzilhada, Peer,...»

Solveig canta mais alto ainda, banhada de sol, embalando Peer Gynt sobre o coração que repousa sonhando! Como os sons significam caricias e beijos! Ha o affago das mãos engelhadinhas de Solveig sobre as barbas prateadas de Gynt. A canção extingue-se e ficam os dois a sonhar! Amor! Sol que vivificas e que enobreces! Como elle, illuminando, fez resurgir deante de Peer a sua maior Saudade. Saudade, essencia condensada no corpinho fragil de Solveig!

Coimbra—912.

AARÃO DE LACERDA.



ODIVELLAS

EXCERPTO INEDITO

AQUI, á beira de Lisboa, que, no primeiro, novo, espraiar da sua vastissima zona a virá a incluir nos seus limites, ignorada quasi, desconcorrida, quasi abandonada, Odivellas, destituida das suas freiras celebres, perdeu, para o vulgo, esse prestigio antigo de seducções peccaminosas e monacaes tentações, que sempre lhe esmaltou a fama,

Hoje, o seu nome, outrora tão afagado nas boccas dos mil amantes que a demandavam — esse nome, cujo sabor era de devodoções gaiatas e doces de ovos; cujo perfume, muito mais que o do incenso, é o do almiscar, de sedas femininas, de flores esmagadas — apenas conseguirá interessar evocadoramente, se tanto, os eruditos familiarisados com sua frivola historia, ou os poetas impenitentes, capazes de lhe incrementarem a lenda, á custa da galopante phantasia.

Tirando esses, só muito preguiçosa ou embusteiramente accordará na mente precaria de algum pouco veridico confeiteiro entalado, que se lembre de o escrever em garrafaes num cartão mentiroso, espetado num palito, talvez já servido, e de o arvorar chamareiramente sobre uma pyramide dura de tijolos desorados de vetusta marmellada; assim impingida á gulosa freguezia, como descendente espuria da sapidissima massa pallida e translucida, a que as monjas devassas sabiam religiosamente reduzir o monotono fructo do caceteiro arbusto.

Para aquelles poucos, no emtanto, a quem é doce acrescentar a vida, vivendo contemporaneamente com o presente, inevitavelmente desagradavel, o sempre aprazivel e obediente passado, Odivellas é uma feiticeira palavra, que diz muito de malicioso, de elegante, e de luxuosamente perverso.

De preferencia á denominação do logar onde existiu um convento afamado — e muito mais pelos peccados, do que pelas virtudes — pareceu o designativo, entre pomposo e abjecto, de um sumptuoso palacio de fidalgas galantes e hetaíras desavergonhadas, onde a orgia reinou desenfreada, prolongada, escandalosa.

Tempos houve em Portugal, nos quaes Odivellas se deve ter

pronunciado com aquella lenta voluptuosidade de articulação que um turco do antigo regimen — pois já até na Turquia se estabeleceu um regimen novo — empregaria ao referir o nome do edificio recatado e inabordavel, onde se guardavam, fieis á força e invisiveis contra sua vontade, as escravas appetecidas da lubricidade do potentado.

Odivellas foi, na verdade, em sua aurea epocha, o harem real portuguez — harem que, ao privilegio de satisfazer os desejos carnalissimos dos monarchas ainda divinos, juntava a prerogativa de fornecer á gula sensual dos fidalgos pobretões e dos mercantes ricaços o pasto branco, ou moreno, da carne adolescente, a que o habito emprestava, como alliciente efficaz, um irresistivel gosto de eterna condemnação.

Se ainda, em nossos pretenso-civilisados dias, sente o homem um prazer muito especial e estupidamente cruel em at aiçoar no amor o seu semelhante, que indizivel gosto, grosseiro, mas real, não devem ter experimentado esses peraltas e casquilhos de antano em enganarem adulterinamente a ninguem menos do que a Deus, supposto esposo d'essas cabecinhas loucas, que a touca alindava, d'esses corpos macios, poupados, que a religiosa veste recatava fascinadoramente?

Confessam innumeros que o risco da sova marital espicaça o paladar, na deglutição criminosa do «fructo prohibido», que todos gabam. Ha quem afira do valor do thesoiro ou dos mimos da herdade, pela altura da vedação ou pelo arreganho do cão de guarda. Interdizer é, na maioria dos casos, estimular. Ao convite chama-se muitas vezes prohibição. Trancar uma porta é, frequentemente, a mais efficaz maneira de recommendar que se abra; como prevenir é, no geral, prever a obrigação de remediar.

Calcular-se pode, pois, o que seria, como provocação, como reagente seguro, esse perigo atroz do inferno que se corria! Porque, de facto, se uma mulher que pode levar a um pugilato ou a um duello, ao remorso ou á complicação, vale para tantos dobradamente, quantos dobros não valeriam, numa sociedade eivada de beaterio, essas, com quem se arriscava o fogo infernal para todo o sempre, com o mais crente dos temores, dado que, para gozar em toda a extensão essas freiraticas aventuras dos idos seculos, condição *sine qua* era acreditar feroz mente no Crucificado vingativo, como ainda actualmente, para fruir do pique duvidoso dos enfadonhos adulterios de salão, requisito indispensavel se torna o admittir sem hesitações, o muito problematico rebate dos maridos ultrajados, na decisiva conjunctura reveladora.

Em Odivellas — que um trocadilhista do tempo etymologa *hei-de ir vê-las* — viveu-se a mais licenciosa das vidas. Do cathe-

cismo, alli tantas vezes trocado pelo Galateu, apenas lá se conheceram os mysterios gozosos. Os *oremus* foram, para essa tripudiante communidade, um conjunctivo muito menos frequente que o *gaudeamus*.

Não era um convento, nem um reclusorio. Foi uma alcova enorme, um toucador immenso, um colossal orgiario, em que os altares eram, sobretudo, leitos de caricias, e as custodias, de duas pernas, tinham regaços condescendentes.

Dos mil casos picarescos ou facetos lá succedidos, rezam com profusão as chronicas, as poesias, os folhetos avulsos, e, principalmente, os ineditos, ainda bastante numerosos, em vista do maior numero, no qual abundam as glosas sacrilegas do Padre-Nosso, ser de tão rubro tom e caustico destempero, que se não afigura viavel, sem mil reservas, a sua publicação.

Em Odivellas, recrutou, como é sabido, o libidinoso senhor D. João V algumas das suas amazias, a mais querida das quaes parece ter sido a famigerada e trigueira Madre Paula, de saciada memoria, cujo lendario cravo tem dado logar aos mais saborosos episodios de *bric-á-brac*.

Outro monarcha deixou alguns nomes de amantes suas nos registos do convento. Foi D. Affonso VI, o despojado, que, segundo o provou o processo escandalosissimo do seu divorcio, não poderia passar dos platonismos. Attribuem-se-lhe, no emtanto, amores com D. Anna Angelica de Moura e com D. Feliciana de Milão, a espirituosa e desbragada repentista, cuja chalaceante biographia está a pedir um narrador alegre.

Das que contentaram fidalgos, prelados, milicianos, poetastros, sachris'aes, jardineiros, ou os saloios do arrabalde, nem fallemos. São legião. Foram quasi todas.

*

* *

Com esses nomes e seus escandalosos feitos na memoria, se demanda Odivellas, o ninho sacro-galante, de que Camillo escreveu, com mostras de perdão: «Os amorios de Odivellas, uma vez por outra, eram mais escandalosos do que impuros. Paixões serias e levadas á extrema consequencia do assalto ou da fuga eram raras. Em mosteiros menos apontados á vingança do céo repetiam-se mais frequentes as transgressães do voto original. Brincava-se alli, em Odivellas, com o amor. Suppurava muito abcesso de ternura em poesia má — verdadeira peste. Sarados uns tumores boja-

vam outros. Em cada primavera, trinava passaro novo no coração da freira e pululava no terreiro florescencia nova de condes, de conegos, de poetas que, por via de regra, eram as linguas dos fidalgos.»

Ao entrar na povoação, logo se nos depara, elegantissimo, o seu unico monumento intacto — esse mesmo, ao que parece, posteriormente retocado — o arco — padrão de D. Diniz, (o povo diz a *memoria*), que fundou o convento.

A dois passos, este se mostra no velho terreiro, em que as caleças, as liteiras, as seges reaes e as cadeirinhas armoriadas se cruzaram frequentes e vistosas, de cortinas baixas algumas para occultarem as poderosas personagens, que, ao galgar do Arco dos Pregos, *perdiam a vergonha*, como do seu rei dizia o Cucolim, ao vê-lo rebuçar-se.

O antigo mosteiro está hoje completamente deformado e remexido, encontrando-se convertido num instituto de beneficencia militar. De velho, resistem ainda a abside da capella-mór e os absidiolos das capellas lateraes, de frente para o visitante que chega, e que, apezar dos desgraciosos corpos modernos, que minam numa asymetrica confusão o actual edificio, tem logo, se fôr artista, pasto para os olhos desejosos de evocação, nessa pedra airosa tocada do tempo.

Deante da porta do topo canhoto do cruzeiro, projecta-se, espaçoso e decorativo, o grande alpendre columnado, mandado fazer em 1573 pela abbadessa D. Guiomar de Noronha, e forrado de azulejo seiscentista á custa de Lourença de Mello, porteira do convento — o qual está agora em nivel inferior ao do largo que um banalissimo chafariz adorna.

Franqueia a egreja por esse lado uma portinha gothica. Transposta ella, é uma desillusão. Damos com uma casa quadrada, antypathica, berrante nos seus oiros recentes e aggressivos, reverberando nas suas tintas espaventosas, sem piedade e sem gosto.

Valem-nos as capellas velhas, ainda asssim alteradas, que, na cabeceira d'aquelle salão, são tudo o que resta dos mui remotos tempos, a documentar a muito indiscutivel superioridade dos canteiros medievaes sobre os estucadores contemporaneos.

Na que fica á direita, está, num tumulo simples, mas attrahente, D. Philippa, a filha do morto de Alfarrobeira, lettrada, illuminista, e enformadora da branca alma piedosissima da filha de Affonso V, D. Joanna, que dorme santificada em Aveiro, sob a corôa de espinhos do seu brazão modesto.

Na capella do lado do Evangelho, jaz, no seu tumulo vandalisado e imbecilmente prehenchido a gesso e argamassa o fundador, o rei poeta e inconstante, D. Diniz, assim, na morte, como na

vida, tão distanciado da sua Izabel, que foi milagrosa, e repousa em Coimbra num arcaz de prata.

Descontados os pavorosos enxertos que o desnaturam, é esse tumulo de D. Diniz uma obra notavel dos principios do gothico rude, que nas toscas ediculas, como entre troncos, ainda não sabe voar, mas já se ensaia harmoniosamente no canto.

O enorme sarcophago historiado assenta, em seu desusado tamanho, sobre tres figuras de ingenua e magnifica attitude: um leão um tanto chimerico; um assignalavel camello, que um arabe fabuloso segura com uma corda de exageradas proporções; e um curioso urso, que um cavalleiro apunhala, decerto em memoria do outro, que, fazendo o voto do futuro mosteiro, o monarcha lavrador exterminou em A da Beja—aldeia visinha de Odivellas, que, por a julgarem a cidade alemtejana, tanto tem dado que parafusar aos eruditos, atrapalhados com a distancia inconciliavel do sitio da promessa e do local da edificação.

Ante esse tumulo immenso como o de um gigante, esquece-se inteiramente a tradicção galante, escandalosa, do convento celebre, do devasso folgadoiro, onde, em aureos periodos gaudiosos, chegou a haver todas juntas, quinhentas freiras, meio milheiro de mulheres, quasi todas inclinadas ás mais mundanas preferencias e imbuídas dos caprichos mais profanos.

Dentro da sua conspurcada arca de pedra, onde a ultima parcella de carne se deve ter já pulverisado, reveste o real trovador do Cancioneiro — apezar de tanto tambem haver, em vida, sacrificado ao amor com numerosos e fecundos idyllios — o aspecto de um heroe severo e temido, do austero patriarcha de uma tribu originariamente virtuosa, descambada posteriormente em libertina companhia de prazer, cuja memoria os descendentes, ainda que desavergonhados, hypocritamente receiam aggravar, e de cuja final morada, portanto, se afasta quanto pode, medrosa da vingança, essa sarabanda descaradissima, a impudica phalange, a tão licenciosa faranzula, das monjas esturdias, rapioqueiras, libidinosas, que depois vieram, arregaçando os habitos como saias de pelotiqueiras, desengonçadas as ancas como quadris de loureira, pintando as caras como saltatrizes, e desnudando os seios como em alcouce, tripudiar insolentemente, dyonisiacamente, em torno á figura pantafaçuda do empeçonhado satyro, que sob o docel perfilava suas doiradas armas, sonhando com mysticismos eroticos e deboches ritualisados, com Mafra collossal e com a imponente nadega da Madre Paula, enchendo as basilicas de indulegencias e as amantes de mercês, multiplicando nos edificios as janellas e os filhos alheios nos regaços mercenarios das concubinas, entremeiando os lausperennes com as visitinhas, sahindo da egreja para o bordel, da meza da

communhão para as indigestões da meza, conciliando em jejuns e orgias Jehovah e Trimalcião, a *Vida edificante de S. Camillo de Lelis* e o *Satyricon* de Petronio, suffocando em oiro os papas e os remorsos nas pratalhadas, namorando com egual largueza de dadivas os cardeaes, as noviças e as ciganas, mendigando á Italia a pezo de oiro bullas e cantores de opera, estarrecendo-se indifferentemente deante dos nedios capados harmoniosos e dos saborosos capões gordos, augmentando os sinos e as congruas, unindo as novenas ás borracheiras, accumulando na lista anodyna de seus paspalhantes actos as abbadessas e as capellas móres, as poucas vergonhas e as poucas bellezas.

Odivellas, que é um nome sobremodo malicioso e equivoco, parece esquecer-se, sumir-se, ante essa sepultura, em que todo o cio arrefeceu. Não ha alli logar para a gala pançuda e escabrosa do Magnanimo, e, ao perpassar-nos violento pela mente, o verso de Junqueiro, fulminante

São onze mil noivas, são onze mil bodas...

parece uma blasphemia.

*

* *

Restaurado, como disse, mui recentemente, com vernizes lustrosos e oiros aguerridos, o grande rectangulo da unica nave da egreja, já de si muito mais moderna que a parte de alem-cruzeiro, perdeu todo o caracter da frivola epocha, alli desenrolada: a do faustoso e libidinoso sol da Lusitania, D. João V, arremedante espelho do Phebo francez, por graça e mau costumes do qual, foi essa Odivellas, ardente como uma fornalha, o serralho locupleto de tentadoras mocidades faceis; o divinisado prostibulo da gula porca e insaciavel do monarcha, em delirio de grandeza, e da fome pelintra dos fidalgos, esfomeados de migalhas; o bento lupanar da divindade e da realeza; o consagrado bordel, onde o Fidelissimo, feito pachá, repartia ás duzias as esposas transitorias com o Altissimo, volvido sultão; vivendo ambos e todas, nesse mystico marnel, a mais concorde e beatifica paz do oriente—as cinco centenas de professas pombinhas, o Magnificente e o Todo Poderoso.

....

....

MANOEL DE SOUSA PINTO.

LETTRAS MORTAS

PREFACIO
DAS MEMORIAS DE UM ARABE.
LIVRO POSTHUMO.

Entre os manuscriptos que com uma casa e uma quinta herdei, vinha, em velha sacca de sêda vermelha, com lettras desenhadas a preto e que eu não pude decifrar, um maço de esquecidos papeis, destinados a servir, pelo que depois consegui saber, para um livro de meu tio Januario.

Este meu tio foi conego da *Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães*, e era muito entendido em fidalguias e honras. E se bem que de nascimento não fosse nobre, pelos nobres era procurada a sua amizade e mesmo seguidos os seus conselhos.

Andou nas guerrilhas da *Maria da Fonte*, e quando morreu, o *Pharol Christão*,—fôlha semanal do seu partido—onde por vezes collaborava—, teceu-lhe estas palavras em elogio funebre:

«... O Decreto fatal que a Providencia escreve sobre o livro da vida dos humanos, lá se cumpriu mais uma vez, e a fria louza da sepultura já cobre os restos mortaes de um bom Sacerdote, de um bom homem e de um fiel e verdadeiro amigo, perdendo a Nação um dos seus mais decididos bemfeitores!

Varão famoso, devoto e pio, ornado de grande litteratura, o conego Januario foi como aquelle bispo de Evora que pelejou em Tanger, de quem o chronista disse que, egualmente avessado a empunhar o baculo e a lança, tão bem escrevia nos seus pergaminhos de Theologo com a penna de lettrado, como em peito de agarenos com a espada das batalhas.

Assim era o saudoso conego Januario.»

Segue um longo estudo da sua *Obra*,—hoje reduzida quasi a *Sermões*—destacando-se entre ella uma *Dissertação Historico-Analitica sobre as Tres Epochas Primeiras da Revelação*, e que, pela altivez e independencia dos acêrtos, foi muito elogiada e apreciada entre os entendidos do tempo.

Este jornal a que me reporto não se refere aos papeis agora

publicados. E isto de mais mysterio os envolve para mim: porque sendo o artigo em parte transcripto devido á penna carinhosa de um seu intimo amigo e confidente, o conego arcipreste D. Alvaro de N., é de extranhar não se vêr ahi alguma referencia a elles.

Foi tudo isto que me incantou. Como veio parar ás mãos de meu tio, que nunca se distrahiu em viagens, um pergaminho arabe? E que lição quereria tirar d'elle, de um documento tão banal que nem instrue deleitando, nem moralisa divertindo, como era uzo das velhas novellas, para assim o recolher n'um livro?

O conego-arcipreste D. Alvaro teve um afilhado e herdeiro, que eu conheci em Braga, n'uma casa sombria de janellas enrexadas, eguaes ás dos conventos, com a barba crescida, friorento, resguardado no grosso panno d'uma ampla capa côr de pinhão, grande farta, rodada, á hespanhola. O Arcebispo, que era antigo amigo de D. Alvaro, chamava-lhe com carinhosa malicia — *o arciprestesinho*. Portanto, em tudo andei em investigações sobre meu tio, d'elle tive de me soccorrer tambem. E perguntando-lhe eu pelos papeis que de seu padrinho herdara, elle me contou que, por sua ordem, todos tinham sido queimados. N'um maço grande, em 8º, atado com linhas de algodão vermelho prezas n'uma mancha larga de lacre negro, onde com receio e orgulho assentara as armas da pedra oval do escudo do seu anel, lia-se, — lembrava ainda —: *Cartas do Januario. Para queimar.* E a ordem religiosamente tinha sido cumprida.

Eu não extranhei este cuidado de D. Alvaro. Sei como foi galante a sua vida.

Meu tio ordenou-se na soberana Cathedral de Orense. Ahi andou elle muito ligado com outro portuguez do Alto-Minho, d'entre Coura e Arcos, que se chamava, — não entendo bem —, ou P.ᶜ Pereira, ou P.ᶜ Ferreira. Mas tambem d'este lado me faltou todo o auxilio que buscava. Aonde pára a familia d'este padre, apesar do muito que me cancei a procural'a, não o pude saber. E assim, completamente desajudado, sem aquellas seguras indicações que eu esperava, para enriquecer o texto de valiosas notas que fizessem o meu renome, eis-me a dar á imprensa o manuscripto, despido como o achei n'ella manhã alegre.

Era um curioso espirito o do meu tio. Entre os seus *Sermões*, os seus estudos de heraldica, as suas guerras, entre tudo isto andavam ainda as Musas bailando com elle.

Tambem versejava; tanto em portuguez como em latim. E para se fazer ideia do que elle era n'esta arte, transcrevo parte de uma carta a João Marinho, presbytero, em que conscenciosamente

desfaz as centuras originadas por *um Anagramma sobre a Senhora da Bôa Morte*, que a pedido d'este composera.

«. . Entretanto consta-me que ha quem dê sua dentada no segundo verso; dizendo, que n'esta especie de versos o 3.º e 4.º pé devem ser dactylos; e que eu comettera um erro uzando de *Dormit* que é spondeu.

Ora he n'este mesmo *Dormit*, que eu aliaz me persuadia, tinha guardado melhor os preceitos da Arte. He sim verdade que em versos taes o 3.º e 4.º pé por via de regra são dactylos: o pé spondeu é de si mais languido, abate o verso; porém esta mesma languidez he virtude todas as vezes que assim ajude o pensamento e a idea do poeta. As palavras são a expressão do pensamento; são a sua imagem: Ora que couza ha mais languida que o sono, um corpo dormindo? Eu mereceria palmatoria se uzasse ahi d'hum pé dactylo.»

Diz depois algumas palavras asperas para alguem cuja memoria eu respeito, e termina irritado: «Desculpe-me; pois ha casos que bolem com nosco».

E se isto serve para avaliar a attenção, o escrupulo que elle punha nos seus escriptos, veja o pio leitor, se por debaixo destes papeis, não poderá haver qualquer coisa que ainda venha a interessar os eruditos. A elles, porque eu não nasci para investigador, offereço e dedico estas paginas.

Se por ahi houver alguem com um carinho egual ao meu pelos bons tempos passados, e com as qualidades de escrever e de estudar que me faltam, venha aqui até mim, eu, gostosamente lhe heide confiar notas amaveis de galantaria e amôr, que agora deixo inéditas, porque na minha mão só teem o perfume adormecido d'aquellas flôres que os namorados costumam guardar entre as folhas das cartas e dos livros. *Vale.*

Luis de Almeida Braga.

EXTRACTO

Hagan todos lo que quisierers de mi libro, puez yo he dicho lo que he querido de todos.

Los pueños — Quevedo.

. . . . . .

Todas as tardes depois de jantar, Ribeiro entretinha-se pelo *Martinho* saboreando o imprescindivel café. E naquêle dia lá estava, abancado a uma mesita, cavaqueando amavelmente com William Rache, agente da Vacuum Oil Company.

Ribeiro era uma figura sombria, amarronada. No rosto uma péle enegrecida, cheia de rugas, contornando as saliencias duma caveira disforme, dava-lhe um ar de cinismo. Rache escutava-o atentamente.

— Você está enganado, Rache... inda não conhece aquéla gente. Eu admiro-me, palavra, como a D. Maria Rosado, senhôra aliás de probidade e decencia, consente que uma tal cambada pise os seus tapêtes. De mais a mais tendo uma filha a quem tal convivencia póde ser perigósa.

— Que era extraordinario, comentava o inglês, bochechando largamente café.

Se não o amigo Rache, espirito lucido e inteligente, ia vêr. E começou a contar pelos dêdos: — O Major Vilar era primo, bem sabia, mas as verdades dizem-se, caramba! era um patranheira alentado, de maneiras indecentes. O Dr. Eusébio Ramalho esse era um patife da peior espécie.

— Oh! oh! é extraordinario... repetia o Rache recostando-se na cadeira.

— Eu conto, eu conto, afirmava Ribeiro, escovando o côco com a manga. Conservara-se solteiro té aos 40 ânos. Sim... porque o Dr. Matias Ramalho era filho bastardo. Batalhára toda a vida por um ideal: trabalhar o minimo e ganhar o maximo. Ao cabo dos 40 havia-o conseguido, desposando uma carcaça viuva, que tinha de seu umas dezênas de contos. Mas o contracto fizéra-se mediante separação de bens. A fonice da esposa exasperou o génio dessipador do Dr. Eusebio e d'aí datam os maus trátos de que éla foi vitima. Morre por fim, legando a fortuna ao bastardo, que só poderá

tocar tanto em juros como em capital apoz a morte do pai. E ao Eusébio deixou apenas o jazigo de marmore no Alto de S. João.

—E que lhe paréce Rache que fez esse malandrim? Vende as pedras e ferra com os ossos da mulherzita na vala.—E' indecorôso!... E' de patife!... e dava rijos sôcos na mêza.

Rache pasmava e acendendo um charuto achava *isto* um paiz singular. Ribeiro continuava:

—O filho é doido. Tem a monomania de querer emitar o Carlos da Maia. O professor Reimão é um patéta caloteiro e palavrôso. Da filha nada havia a esperar: — tal mãe tal filha! E se assim não era o mariolete do Parreira que o dissésse...

—Oh! fêz o inglês escancarando a bôca. Pois o Dr. Parreira é... Oh! Ribeiro, você chama mariolête ao ministro da Fazenda!. .

Ribeiro ficou enfiado. Parreira ministro e êle sem saber!...

—Que não, aquilo era modo de dizer.

O Rache não conhecia bem a lingua portuguêsa. Mariolête dizia-se do namoradeiro. Êle tinha até intimidade com o Parreira, dois inseparaveis, dois irmãos.

—Mas o Parreira ministro! O' Rache, você não se engana?

—Ora éssa! êle só dizia a verdade; desde as 3 horas que o novo gabinête regenerador estava formado.

—Lá tenho de me fazer regenerador por causa d'aquêle diabo. Parreira ministro! as voltas que o mundo dá!

—Pois lá estava e com justiça, comentava Rache. Parreira era um rapaz grave, muito grave e de talento pratico, muito pratico. Poucas vezes falára com êle mas percebêra isto.

—Quer você ir felicita-lo, Rache? dizia Ribeiro arrastando a cadeira e pegando na bengala, sairam os dois.

Cá fora plos passeios do largo, era grande o tumultuar da gente sob a claridade baça do gaz. A miudo um ou outro perfil feminino, leve como a aragem, ziguezagueava por entre a multidão, lançando aos dandis olhares ardentes e remexido sumia-se deixando apoz si um bafo perfumado, incitante, convidativo.

—Isto é que faz mal á gente, rosnava o inglês, esfregando a testa e olhando de soslaio. Mas onde vamos nós, Ribeiro? a casa do Parreira é pra baixo .

—Êle está em casa das Rozados...

—Oh! Oh! fez Rache, parando. Ir lá encontrar-me com a cambada, como você lhe chama?...

Ribeiro um pouco adiante, puxando-o plo braço e sorrindo, tornou:

—Em Lisbôa é tudo assim; venha d'aí...

—Oh! sim? O inglès impertigou-se de pasmo.

—E' tudo assim... cambada?! Que paiz extraordinario! Bom, nesse caso... vamos.

A' noite, escrevendo as impressões do dia, Rache pôz: Me disse um português que por lá tudo é cambada.

*

E ao lado um do outro subiram o Chiado. No ceu nuvens acinzentadas plos clarões da lua, deslizavam velozmente, desfazendo-se n'um carepar enfadonho e manso. As calçadas principiavam a brilhar. Nos feixes de luz, saídos vivamente dos estabelecimentos escancarados, avoejavam choviscos, como grãos de pó. Em volta dos candieiros formava-se uma mancha luarenta, encardida na peripecia franjada. Apressaram o passo. Ribeiro de côco esgueirado, sobraçando a bengála, abinhas do fraque bamboleando, não cabia na péle de contentamento.—Parreira ministro! Béla surprêza; estou director geral não tarda.

Rache, entre dentes, achava a noite massadôra,—que fazia lembrar Londres.

Avistava-se já a casa das Rosados. Ribeiro subitamente parou e agarrando o inglês pla lapéla dizia-lhe em surdina:—Da nossa conversa, nem pio! Veja lá, ó Rache!... Emfim, cada um que se arranje. São patifes? melhor. Nada têmos com a vida dos outros; e encolhia os ombros, amostrando repulsão.

Rache aquiescia gravemente na postura soléne de juramento:

—Ora éssa! nem palavra; com a vida das outras, nada.

. . . . . .

(Esboço dum livro em preparação).

Coimbra — II — 1912.

GARCIA PULIDO.

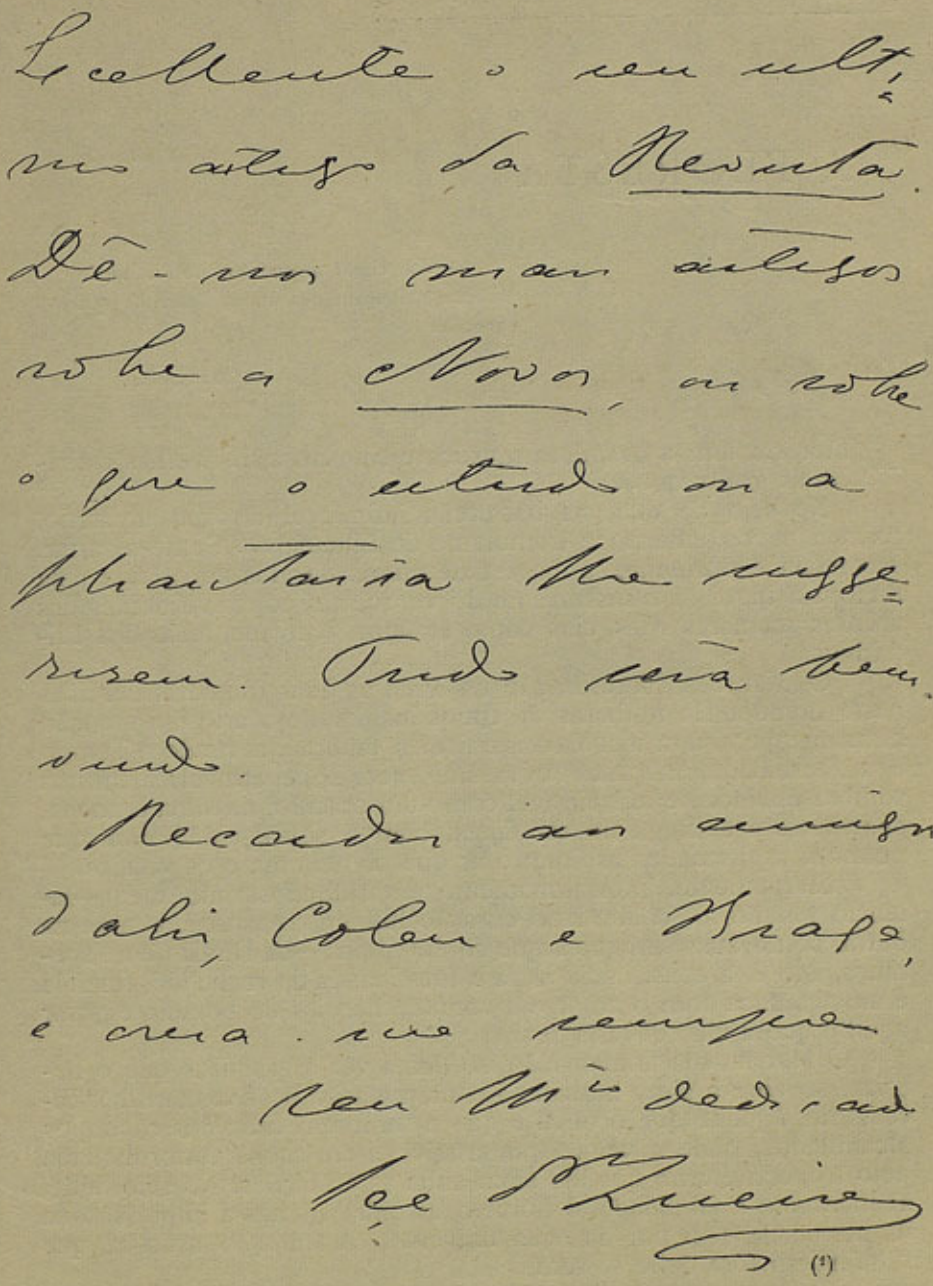
Consulado
de
Portugal
—+—
Particular

Paris 3 Fevereiro
1891

Meu caro amigo

Vou ver a saber
de Alexis Bouvet
e verão imediatamente
valer-me da sua
inalterável amabilidade
para que lhe se-
ja dada
logo que lhe faça
chegar às suas mãos
carta.

Escrevo à pressa.



(1)

(1) **Uma carta de Eça de Queiroz**

Carta dirigida a Manuel da Silva Gayo que, alem de colaborador, fôra, a convite de Eça de Queiroz, secretário da *Revista de Portugal* em 1889 e 1890.

M. Gayo, á data d'esta carta, fazia parte com C. Colen e A. Braga, do corpo de redacção das *Novidades* para onde tinha entrado, introduzido por Emygdio Navarro, e donde saiu precisamente tres annos depois, em 18 de fevereiro de 1891.

A FLORESTA

—«Le chant mysterieux de l'infini, le silence ménaçant des âmes, l'éternité qui gronde...

(M. Maeterlinck).

A Floresta tem a grandeza mystica e silenciosa das velhas cathedrais gothycas...

No seio de ella, na harmonia infindavel do seu mysterio, paira a nevoa indecisa e tremulante do Silencio... Sente-se arfar, escondida e dormente, a magestade eterna da vida emballada pela melopeia inquieta e sussurrante do vento, nas copas viridentes das arvores seculares e esguias como as figuras atormentadas dos Primitivos.

O Mar e a Floresta, são da Vida as duas tragedias heroicas neste mundo. Ha milhares de annos inspirando a arte e a emoção humanas, persistem inabalaveis e firmes, embranquecendo o Tempo e a Eternidade, lançando o mesmo veo impenetravel, a mesma sombra duvidoza e indecifravel como um oraculo, na alma humana, angustiada e soffrega do seu ideal, com a soffreguidão com que pulmões asphyxiados aspiram o ar que os reanima e os vivifica.

Eternamente, monotonamente embrulhados num meio—silencio tenebroso, criaram no coração humano, enroscadas uma na outra, como duas serpentes que se devorem:—A Duvida e a Esperança, isto é, a consciencia clara e formidanda da realidade, fundida e amalgamada com o amôr e a vontade heroica de possuir, e gosar aquillo que a vida deveria ser.

O Mar na sua immensidão, só deixa vêr a grandeza que o heroiza, só abre a alma humana á contemplação do seu marulhar incessante, àquelle que o ouve e que o sente em cima dos cachopos alcantilados, onde a vaga espuma raivosa em cachão, atormentada pelo tropeço eterno que lhe amarfanha as ambições. No seio delle, abandonado á fatalidade, o homem assimila apenas a impressão da immensidade sem fim da vida universal. A emoção artistica que fulmina, só fóra delle se sente.

Todo o mysterio ao contrario, que espiritualisa a Floresta, só em si existe, e só lá o prescruta, aquelle que possue uma alma iniciada pela Arte e pela Religião nos segredos mysticos do Desco-

nhecido. Ao longe, ella é uma mancha negra apenas, na tonalidade da paysagem, uma mancha inerte e muda. Mas, quando o homem se approxima, á medída que vai sentindo o segredo que della irradia e que antigamente a divinisava ao espirito religiosamente evocadôr dos povos, então sómente elle adivinha que a Floresta não é apenas o phenomeno natural vulgar que a indifferença ignorante supõe, mas um templo sacratissimo que em eras immemoriais e mysteriosas, Forças Invisiveis ergueram a Deus, em silencio...

E o artista que é o homem ainda o mais rude, sonha, sonha desmaiadoramente, transformando num symbolo da vída, o que é a propria vida, procurando imagens que lhe intuitisem a grandeza do espirito que dentro de si e á sua roda vive, e que lhe desvendem em crystais clarissimos o mysterio sublime da existencia humana...

E a Floresta transforma-se por encanto aos olhos da alma ingenua do homem no symbolo da vida humana. Lançando no solo raizes profundas que a fazem resistir á raiva das tempestades, ella absorve a seiva espiritual que a dignifica e eterniza, porque a seus pés vive o espirito de Deus, onde descança e donde lhe veem os destinos.

Deus não é mais do que o passado, o prezente e o futuro — a eternidade do tempo — e é desta eternidade que vive de todo o sempre o genero humano. Cada uma das arvores é o symbolo duma vida humana, e o seu conjuncto é o conjuncto de todas as vidas que se reunem para perpetuar o reyno do espirito, e resistir á furia do anniquilamento. O seu sussurro é o sussurro rumorejante da Existencia humana, caminhando desde a antiguidade para a extinção do Tempo. E a voz horrivel e mysterioza, de uivos que se presente quando o vento da tempestade a atravessa, é como a voz ululante dos perseguidos pelo infortunio, é como a voz enraivecida de deuses desthronados.

Ao contemplar embevecido e mudo, toda a grandeza do silencio que doira a Floresta, a alma do iniciado tem a intuição nitida da existencia de Forças mysteriosas e desconhecidas que lhe perseguem e influenciam os actos. Ella enraivece-se da impotencia espiritual do corpo, enfurece-se com o carcere em que a metteram uma vida inteira, como a aguia que contempla a montanha e a quem partiram as azas que sómente lá a poderiam fazer chegar.

O que essas forças mysteriosas são na sua essencia, ninguem é capaz de o precisar, porque por sua natureza e para seguirem a derrota que Deus lhes traçou atravez da eternidade, ellas são fluidamente imprecisas e inaprehensiveis.

Envoltas n'uma nevoa densa de mysterio, fluidas e fugidias como o espirito, deixam transparecer apenas, aquillo que é sobejamente sufficiente para encher o silencio da Floresta, do sopro divino, e para acordar na Alma o Invisivel e o Desconhecido.

Desvendar o mysterio fatalista que nos rodeia seria extinguil-o, assim como explicar a esphynge da morte seria vencel-a. A intelligencia humana só penetrará a materialidade, aquillo que no homem é fugaz e transitorio, o resto não o penetrará nunca. Ha de porem palpital-o e tentar incessantemente adivinhal-o e descobril-o. E ainda bem que assim é, porque se tivessemos um dia a posse do absoluto saber — ficava-nos a eternidade para nos aborrecermos.

Quando o homem transpõe o limiar da Floresta e assiste á orchestração symphonica das Forças que conhece e das que mysteriosamente o dominam, tem aquella impressão de grandeza e de omnipotencia que só as coisas completas e complexas sabem fazer gerar. Foi na Floresta que os antigos presentiram longinquamente, vagamente as harmonias infindaveis dos Esplendores que embriagam e saciam a alma, e o rythmo doloroso dos Terrores fatidicos que o desalentam; foi na Floresta que os iniciados de outrora ouviram pela vez primeira, as vozes reveladoras dos primeiros arrepios do Desconhecido, das primeiras visões do mysterio. E por isso foi que, como uma pythoniza encantadora e terrivel, ella teve logo sobre o homem uma influencia religiosa de segredo.

Pela harmonia da sua folhagem que mysteriozamente sussurra, e pela magia esphyngica do silencio e do mysterio com que a galvaniza o luar, a Floresta é o templo santificado, onde o homem pela meditação vai auscultar e palpitar o segredo das coisas immateriaes, onde vai ouvir o seu proprio eu em que se desdobra, onde vai decompôr-se, perder a consciencia vulgar, diluir-se e dissolver-se na harmonia equilibrada do espirito.

Na sua athmosphera calma, que tem a espiritualidade que lhe resulta de encerrar o proprio Deus, pairam imponderaveis, farrapos luminosos da alma das antigas Druidizas, as visionarias remotas que prophetizavam á sua sombra, illuminadas com auréolas de luar silencioso e triste...

E ainda hoje se ouve o côro tenebroso e hysterico, numa convulsão estertorosa de delirio, embrulhado na melodia infortunada e triste dos immolados nos dolmens da Floresta sagrada, contrapontar com o canto sinistro dos sacerdotes, e com os uivos dilacerantes dos crentes, ebrios de sangue religioso e de mystica ferocidade.

E toda esta symphonia inedita de espiritualismo que o vento me sugere, é atravessada pelo motivo constante do grande sacerdote—Ram—do grande libertador, um grito glorioso e triumphal de Justiça, de Ideal e de Amor, cheio de prophecia e de mysterio, perseguindo o córo endemoninhado e sinistro das Druidizas de outrora...

(Do Livro Inédito «Á Margem da Vida»)

CHAVES DE ALMEYDA.

MEU PAE

Percorro a casa toda em alvoroço,
Ando por tôda a parte a ver se os vejo...
Ninguem! Apenas em minha alma os posso
Lobrigar aos clarões do meu desejo.

Passam hirtos, n'um lugubre cortejo,
Os velhos que eu amei quando era moço...
Phantásma de meu Pae, lançae-me um vosso
Olhar e o amor e a paz d'um vosso beijo,

Parae. Parou!... Fita-me... E' elle, é elle!
Santo! não me apavóra nem repélle,
Chora... A cabeça branca estremeceu...

Côrro... Córre. Abro os braços... abre os braços...
O espelho ao fundo é que reflecte os traços
D'um velho triste que, ai de mim! sou eu.

CONDE DE MONSARAZ.

SUPLICA DAS ESTRELLAS

«Deixa-nos ir, ó Sól, nesse teu carro d'oiro;
ir comtigo viajar.
Ha no fundo do mar escondido um tesoiro
de perolas sem par.

Nós vêmo-las daqui, as pedras preciosas
que o vasto mar contem.
Quando a gente ilumina as noites silenciosas,
brilham ellas tambem».

E o bom do sol amigo assim lhes respondeu:
—«não pode ser agora;
tendes de alumiar a terra, o mar, e o ceo
até que nasça a aurora.

As perolas que á noite a agua agita, e esplendem
—refreae vossas maguas—
São a imagem do ceo, dos astros que se acendem,
refulgindo nas aguas.»—

Nisto afundou no mar. E á noite, na amplidão,
uma estrella dizia:
«Como é tão alto o ceo, que desta imensidão
nem eu me conhecia!»

JOÃO-MARIA SANT'IAGO PREZADO.

O MAIOR MAL



Pinheiros, meus irmãos, que o fugidio
azul do ceu tentou, rútila gemma,
sabei, irmãos, que o vosso corpo esguio
são os meus nervos postos n'um poema!

Poema de côr quando minha Alma o viu
sobre montes erguido, por diadema,
melhor gostou aquelle desvario
que é seu Prazer supremo e Dôr suprema...

Mas olhae bem, por Deus, olhae, não vão
até onde pozestes a esp'rança
vossos braços de Poetas — vegetaes!

Pois já me segredou o coração:
Querer subir não cansa! o que mais cansa
é ver que se não póde subir mais...



JOÃO AMARAL.

GENEZARET

A João Cid

No paiz de Galil. O sol, caindo,
Innun'da em oiro os povoados syrios,
Campos de rosas bravas e martyrios
E os bosques onde cresce o tamarindo...

Donzellas de perfil trigueiro e lindo
Vão para a fonte. Os mercadores tyrios
Passam nos dromedarios Chovem lirios
E purpura e topazios, refulgindo...

Lago de Tiberíade, ao sol-posto!
Amethistas vogando sobre mosto!
Poisam pelos terraços pombas mansas,

Estrellam-se as romeiras de vermelho,
E no caminho, ao pé d'um cedro velho,
Jesus falla ás mulheres e ás creanças ..

Candido Guerreiro.

NEVE

A João Cid

Dezembro. Noite de luar. Cae neve.
Toda a paysagem barbara, o caminho,
A penedia e o valle ermo e sósinho,
Embranqueceu, tranfigurou-se em breve...

E a chuva fina e alvissima de arminho,
Trémula e aerea florescencia, deve
Cahir da propria lua, tão de leve,
Tão lactea e fria cae, tão de mansinho...

A neve cae... Silencio... A natureza
Tem a brancura ascetica d'um monge,
Numa espiritual, ingenua reza...

Calou-se a voz sinistra dos barrancos...
A neve cae... Silencio .. Ao alto e ao longe,
Palpitam, esfolhados, lirios brancos...

Candido Guerreiro.

DRAMA OUTONAL

Silencio... anda a enlutada luz do Outono
A contar a tragedia do Sol-pôr;
E as arvor's da alameda ao abandono
Deixam cair as folhas, de terror...

O Sol em chamas, dolorido
Tem arrancos de sangue
E tudo quer gritar mas sente-se oprimido
E pouco e pouco desfalece, exangue...
. . . . . .
Lá vem a Sombra doce com afago
E mãos penumbreas de mãe
Para cobrir o berço mystico do Vago
onde a Luz ha-de serenar... e dormir bem...

E as coisas sob o olhar
Da Sombra-Mãe bondosa
Sentem-se bem e ficam-se a sonhar
Na vida harmoniosa...
Sonham Luar...

Coimbra, fevereiro de 1912.

AFONSO MOTA GUEDES.

O COLAR DE BRONZE

ao Augusto Casimiro

Ah! Senhor, pra que déste á tua creatura
a força de entender que em mim lateja!
de menos pra voar por toda a altura,
de mais pra conhecer quanto rasteja!

Naquele dia, vendo-me chorar
sobre um verso qualquer inda imperfeito,
tomaste-me a cabeça e, devagar,
disseste, aconchegando-a no teu peito:

«Socega, meu Amôr! A tua mágua
tortura-nos aos dois inutilmente.
Choras? Olha os meus olhos rasos de água...
Morres? Pára-me o pulso de repente...

Crear! crear!... Pois não virá o dia
de acreditar's — sofrendo, muito embora —
que é mentirosa a estrela que te guia
e só verdade o amôr que me devóra?

Não, não te quero assim! não quero que Ela
seja pra ti aquilo que eu não sou!
Vê, tudo te recusa a tua estrela,
emquanto que eu, Amôr, tudo te dou!

Tens frio? Olha os meus braços de veludo!
Fóme? Aqui tens meus beijos de alegria!
Ah! tudo te darei! ah! tudo, tudo!...
Amigo, vá! sê forte e renuncia!»

Pobre de ti! Desta agonia obscura
jámais alguem se pôde libertar,
que se pra nós crear é uma tortura,
maior tortura ainda é não crear!

Coimbra — Jan. 1912.

João de Lebre e Lima.

EQUITIBUS CANO!

(FRAGMENTO)

Nêste supremo instante de entregar-vos
n'um Livro mau um coração desfeito,
eu quero, ó meu Amigos, confessar-vos
o drama que inda trago no meu peito!

Ouví-me todos vós, que andais, como eu,
jungidos á quadriga da Ilusão,
e que, pra dar á Vida um novo Céo,
mordeis até no próprio coração!

Poetas, ouví-me, que pra vós sómente
gritei nos versos meus tudo o que sou!
Pois póde lá seguir a demais gente
a curva excepcional do nosso vôo!

Passa na terra um vento de delírio,
tombam do alto Céo chimeras altas...
O' trágica bandada do Martírio,
chegou-me a hora de expiar as faltas!

. . . . . .

João de Lebre e Lima.

O SONHO

A bocca em morte e marmore esculpida
Sonha com as palavras que não diz;
E o pollen a cair — sagrando a vida,
Sonha ser flôr e odor e irreal matiz!

Sonhando — chóra a alma incomprehendida.
E, as mãos que a febre ossificadas quis,
Sonham na grande noite colorida
Com astros, serpes a morder rubis.

Falo e ouvindo-me exclamo: « — Não sou eu! — »
Ha em mim outra voz que me revéla,
Voz que adivinho: o Sonho é que m'a deu:

Viver é ser apenas moribundo,
Morrer é ouvir a voz e merecê-la;
O Sonho é a realidade do Alem-Mundo.

MARIO BEIRÃO.

BIBLIOGRAFIA

"A Igreja de Lourosa da Serra da Estrella,,
por Vergilio Correia.

Existem em Portugal grande numero de edificios grandiosos e monumentaes, enlevo dos amadores das bellas-artes; e superabundam igualmente os escriptos que se referem a essas construcções de grande destaque.

Dos mosteiros da Batalha, Belem, Thomar, Mafra, Alcobaça, Santa Cruz de Coimbra; das sés d'esta cidade, das de Lisboa, Porto, Braga, Evora, Lamego; dos palacios reaes; da Torre de Belem etc. ha por ahi multidão de livros e memorias estimaveis que os historiam e descrevem.

Ao mesmo tempo abundam tambem no nosso paiz outros edificios e monumentos que, embora não respirem grande sumptuosidade ou grande apuro de ornamentação, se salientam todavia por sua vetustez e como especimens dignos de estudo e apreço no campo da architectura e de arte decorativa. D'estes numerosos edificios de segunda plana escaceiam porem as noticias e descripções; e quando alguma apparece, é caso para muito se regosijarem os que amam e apreciam os estudos das nossas antiguidades e da evolução da architectura nacional.

Recentemente foi publicado pelo sr. dr. Vergilio Correia, que ha pouco terminou seus estudos na Universidade de Coimbra, uma apreciavel memoria com o titulo *A igreja de Lourosa da Serra da Estrella*.

Na sua leitura assás nos deliciamos, e todos os amadores dos trabalhos d'este genero certamente a lerão tambem com grande prazer.

N'esta erudita memoria o antiguissimo templo (seculo 9.º) é descripto e analysado minuciosamente com depurada critica, apontando-se tudo o que elle contêm digno de observar-se. Entre outras circustancias notaveis que n'elle se dão indica-nos o Sr. Dr. Vergilio a de existirem n'elle alguns arcos de volta de ferradura, que em Portugal são rarissimos.

Em Coimbra, a porta denominada *de Traição*, que se abria na muralha, proximo da rua dos Militares, tinha a volta com aquella forma. E' para lamentar que esta veneranda construcção fosse vandalicamente demolida no passado seculo. No rico museu de archeologia do Instituto de Coimbra poderão porem os curiosos encontrar o seu desenho.

Ao Sr. Dr. Vergilio Correia mil emboras e louvores pela publicação d'esta interessante memoria e pela maneira brilhante com que tratou o assumpto.

Oxalá ella possa servir de exemplo e estimulo a outros escriptores, para que manifestem e tornem conhecidas em publicações congeneres tantos edificios notaveis que nas nossas provincias jazem ignorados.

A. M. Simões de Castro

Recebemos e agradecemos os seguintes livros:

Evocação da Vida por Augusto Casimiro. — *Espirito Sereno* por Angelo Jorge. — *Agridoce* por Chico Martins. — *Introdução ao Problema do Feudalismo em Portugal* por Manuel Paulo Merêa. — *A Igreja de Lourosa da Serra da Estrella e Lisboa Prehistorica* (I e II f.) por Vergilio Correia. — *Chave de El Ingenioso Hidalgo D. Quijote de la Mancha* por Ubaldo R Quinones.

As revistas: *A Aguia, A Mascara, A Rajada;* e os jornais: *La Juventud de Ayamonte, Educação Nacional* e *Gazeta de Coimbra*.

No proximo numero nos referiremos a alguns dos livros recebidos.



F. França & Armenio Amado

LIVREIROS-EDITORES

Assignaturas para todos os jornaes de modas, direito e medicina.

LIVROS NACIONAES E EXTRANGEIROS.

Rua Ferreira Borges, 77 a 81

Artigos de Papelaria. » Pastas e encadernações em todos os generos.
Execução rapida de encommendas.

Arco d'Almedina, 2 e 4 **COIMBRA** — Telephone n.º 355 —

LIVRARIA ACADEMICA

TELEFÓNIO N.º 111

João de Moura Marques

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — **COIMBRA**

Papelaria. Artigos de Escritorio e Desenho.

Correspondência direta com os principais centros literarios

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO

DE

Antonio Maria Correia

15, Largo de S. João, 16 — COIMBRA

Encadernações em missaes novos e usados. Livros em branco para o commercio
Encadernações em chagrin, marroquim, pergaminho e percalina
Executam-se com esmero e nitidez encadernações em estofo de pastas, carteiras e passe-partouts bordados ou com pintura, para retratos.
Fazem-se brochuras em grandes edições. Forram-se e envernizam-se mappas.

ALFAIATARIA

DAMIÃO & GRANT

Confecções para Senhoras

ARCO D'ALMEDINA, 3-1.º — COIMBRA





SERIE I N.º 4

Dionysos

REVISTA MENSAL DE PHILOSOPHIA,
SCIENCIA E ARTE

COIMBRA

MAIO — MCMXII

PREÇO — 100 réis.

Imprensa da Universidade

DIONYSOS

REVISTA MENSAL DE PHILOSOPHIA, SCIENCIA E ARTE

Directores — Aarão de Lacerda e João de Lebre e Lima
Secretario — Julio Cid
Editores — França & Armenio

SUMMARIO D'ESTE NUMERO (Maio de 1912):

Educação clássica	Manuel da Silva Gaio
Questões sociaes e pedagogicas	Basilio de Vasconcellos
Félix Charpentier, mestre esculptor	Cyrillo Carneiro
Estudos de theatro — os «Mysterios»	Firmino Pereira
Esplendor, decadencia e resurreição do espirito theatral	Gustavo Ferreira Borges
Fabulas	Affonso Lopes Vieira
Candeias, o Russo	Fialho de Almeida
Quarent'annos de blague	J. M. de Magalhães Collaço

VERSOS:

Phantasma aquatico	Carlos de Mesquita
O Amor e o Mar	João de Barros
Sino de ouro	José Monteiro
Carta	Julio Brandão
Origem das naus	Affonso Duarte
Canção dos grandes caminhos	Antonio de Monforte
Bibliographia	Aarão de Lacerda

GRAVURAS:

Chanson e Lutteurs	Charpentier
Zoé Batalha Reis	Batalha Reis

NUMERO AVULSO . . . . . 100 réis.

PREÇO DOS ANNUNCIOS

POR SÉRIE	NA CAPA	ALÉM DO TEXTO
1 pagina	4$000 réis	3$000 réis
1/2 pagina	2$000 réis	1$500 réis
1/4 pagina	1$200 réis	900 réis

DEPOSITARIOS:

FRANÇA & ARMENIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA.

DIONYSOS

Synthese do movimento intellectual contemporaneo: o pragmatismo e as novas correntes philosophicas. Chronicas de sociologia, historia e arte. Artigos de esthetica musical e artes plasticas (esthetica regionalista). As Ideias e os Factos. Estudos de indole especulativa. Litteratura e Poesia.

REDACÇÃO — PALACIOS CONFUSOS — COIMBRA

COLLABORADORES

Dr. Aarão Ferreira de Lacerda (prof.), Affonso Duarte, Affonso Lopes Vieira, Affonso Rodrigues Pereira, Alberto Monsaraz, Alfredo Guimarães, Alfredo Pinto (Sacavém), Alvares d'Almeida, Americo Chaves d'Almeyda, Antonio Arroyo, Antonio Augusto Gonçalves (prof.), Antonio Carneiro, Antonio Cid, Antonio Cobeira, Antonio Corrêa d'Oliveira, Antonio Joyce, Antonio de Monforte, Antonio Sergio, Augusto Casimiro, Augusto Gil, Bazilio Telles, Bazilio de Vasconcellos (prof.), Bento Carqueja (prof.), Bernardo de Aragão, Bernardo Passos, Brito e Silva, Cabral Moncada, Dr. Caeiro da Matta (prof.), Candido Guerreiro, Carlos Amaro, Carlos de Mesquita (prof.), Carlos Villamariz (prof.), D. Carolina Michaëlis (prof.), Coelho de Carvalho, Cyrillo Carneiro, Eugenio de Castro, Felismino Gomes, Fernando Cochofel, Fernando Moreira de Sá, Ferreira Borges, Fidelino de Figueiredo (prof.), Firmino Pereira, Garcia Pulido, Germano Rocha (prof.), Gustavo Cordeiro Ramos (prof.), Henrique Rosa, Hippolito Raposo, João d'Alcacer, João Amaral, João Augusto Ribeiro (prof.), João de Barros, João Cid, João Diogo (prof.), João Grave, João Sant'Iago Presado, Joaquim Amaral, Joaquim de Vasconcellos (prof.), Jorge da Cruz Jorge, José Coelho da Cunha, José de Figueiredo, José Victorino Ribeiro, Julio Brandão, Magalhães Collaço, Manuel da Silva Gaio, Manuel Eugenio Massa, Manuel Telles, Mario Beirão, Mario Cambezes, Mario Pacheco, Dr. Marnoco e Souza (prof.), Martins Manso, Marques da Cruz, Mendes Corrêa, Dr. Mendes dos Remedios (prof.), Moreira de Sá (prof.), Nogueira Soares, Paulo Merêa, Raul Martins, Ribeiro Castanho, Rocha Brito, Sampaio Bruno, Sebastião Costa, Silva Telles (prof.), Simeão Pinto de Mesquita, Simões de Castro, Sobral Cid (prof.), Souza Costa, Sousa Pinto, Teixeira Gomes, Veiga Simões, Vicente Pindella, Vieira Natividade, Villa-Moura, Wittnich Carrisso.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario da redacção.
Toda a collaboração é solicitada.
É respeitada a ortographia dos collaboradores.
Só se publicam inéditos.
A todos os livros enviados a esta Revista, se fará referencia especial.

EDUCAÇÃO CLÁSSICA [1]

INTERESSAM-NOS por dois modos, os latinos, sob o ponto de vista em que continuâmos:

Como intermediários, e como directos laboradores na vasta obra da civilização occidental.

Como intermediários, porque lhes devemos grande parte do que a Europa conheceu da Grécia — sobretudo até à segunda metade do século XV, até à queda de Constantinopla e à fecunda dispersão dos antigos tesouros da literatura helénica.

Directamente, pelo que nos trouxe a sua língua, e por ter sido esta — atravez das vias popular, semi-erudita e erudita — a verdadeira geradôra da nossa, como o foi do italiano, do francês e provençal, do hespanhol e catalão, e ainda doutras: do romáico, do walónico, do forlânico, do rheto-românico.

Tem-se afirmado que ao rude povo do Lácio, a quem veiu a caber o império do mundo antigo, mal poderá registar-se a posse e a glória duma genuina literatura sua e duma arte original; que não é por aí que êle se impõe à gratidão e à admiração das nações modernas; que tudo quanto nos legou no campo da Arte o deveu, a princípio, à visinhança da Grande-Grécia e da Etrúria, depois, na maior parte, à generosa contribuição da Grécia, sua inspiradôra e educadôra em matéria de Filosofia e de Letras.

Discutivel com relação a certos produtos da espontânea e arcáica literatura romana, a afirmação procede no que particularmente interessa ao ponto de vista desta primeira parte das minhas notas: o

---

(1) Continuado de pag. 152.

da *preparação formal do espírito;* porque os produtos da *latinidade* a considerar sob este ponto de vista especial — esses ninguem contesta que tivessem devido à influência helénica o melhor de quanto nos trouxeram. E é o que, ao menos por agora, nos importará accentuar.

Aparecendo na história a fazer parte duma confederação de comunidades pastoris e agrícolas de ha muito diferenciada do preexistente complexo italiota; e aparecendo já fixado junto às margens do Tibre e do Anio inferior, na região d'aí denominada *Latium,* esse dos povos latinos a quem coube a fundação de Roma revelou cedo e afirmou progressivamente, entre todos os outros rudimentares agregados sociaes da primitiva Itália central, as particularidades a que deveria a sua excepcional fortuna política, mas tambem a sua tardia comunhão nas actividades superiores do pensamento puro, da poesia imaginosa, das artes belas — quinhão magnífico da gente grega.

Como os povos destinados, de natureza, a dominar e absorver outras colectividades humanas, e a lograr de modo efectivo e profícuo a posse de terras que em mãos estranhas resultariam escassas dos melhores proventos — esse povo do Lácio logo e successivamente nos dá, na verdade, prova do seu instinto positivo da vida e do seu tino prático. Aproveita e faz render, não esta ou aquela, mas todas as condições da sua situação geográfica, todas as circunstâncias de visinhança e contacto, amigavel ou hostil, com povos da propria confederação ou com comunidades próximas, todas as eventualidades e ocasiões de engrandecimento pela contribuição de novos centros e grupos de civilização, sem perder, durante uma longa fiada de séculos, o seu génio proprio, as suas qualidades características.

Cedo e poderosamente afirma, e ha de manter por muito tempo, dentre estas, a de lavrador tenaz e duro — como aquela donde principalmente lhe derivará a bravura indomavel e teimosa que, posta e exercitada na áspera defêsa das terras valorizadas à custa do seu trabalho perseverante, o serviria na crescente conquista de domínios e regiões mais extensas. Isto a par duma religiosidade, sem dúvida destituida de elevação, mas penetrada de crença viva na eficácia da acção divina, e revestida da mais severa e supersticiosa devoção formal — devoção denunciadôra, afinal, do seu espírito jurídico, desse natural, ingénito *senso do direito,* nêle ainda desenvolvido, desde o princípio e a seguir, pela frequência e prática dos pleitos ruraes, das contestações entre vizinhas gentes, dos conflictos de classes.

E sob esse tríplice aspecto que o romano se nos impõe, logo de começo e atravez as eras de formação e expansão da sua his-

tória genuinamente latina: como o homem da terra, como o homem de dupla acção guerreira e demandista, e como o homem religioso por excelência: tomada a religião no sentido dum conjunto de práticas veneradas, envolvendo todos os actos da vida; o que tudo conduz, em suma, a caracterizá-lo pelo primeiro desses aspectos, pela feição de *lavrador,* pois dela lhe vinha o mais.

Tudo, em verdade, nêle e para êle se move à roda dos cuidados que prendem de perto com a lavoura.

Foi e continuaria sendo, no fundo, por cinco séculos inteiros — o lavrador incomparavel, quer, agora, como patrício, quer, logo, como cliente ou como plebeu.

Nessa labuta da gleba se endureceria para as lutas da defêsa local, para as arremetidas a efectuar ou a rebater — até que désse no guerreiro conquistador, levado da invencivel ambição de novas terras e domínios quando, já senhor duma pátria fortalecida e amada, só sonhasse e buscasse engrandecê-la: por um lado estendendo-a longe, por outro vindo trazer-lhe os produtos e riquêsas colhidos fóra; até que, assim, no próprio engrandecimento encontrasse a origem da decadencia, mas legando então ao mundo o mais largo dote de civilização com que a instituições de homens foi dado enriquecer povos e raças vindouras.

É nesse visceral amor do torrão que encontraremos a chave de toda a sua psicologia individual e colectiva. Este sentimento constituirá a energia central da sua alma. Subordinará as restantes; e ha de, por isso, representar-lhe na realidade da existencia a força mestra da sua multiforme actividade. Quando se lhe enfraquecer e apagar — o romano extreme terá vivido. Será outro.

Porque o nutriu ardente dentro do peito, e não arredou do seu objecto o pensamento, é que poude conceber uma tão firme noção e alimentar uma ambição tão ciosa da *propriedade* — como só póde alimentá-las e concebê-las quem a possua sob essa fórma viva e palpavel do património rural.

Não lhe foi tambem este amor da terra indiferente à sólida constituição da familia — creada e mantida, por longo tempo, sobre a base e para o serviço da faina agrícola.

Nêle encontramos o princípio e o fundamento do seu patriotismo intenso, servido por gerações de gerações com a mais voluntariosa coragem cívica, com o mais heroico vigor militar.

Nem sem êle se compreênderia decerto a fortuna da sua futura produção jurídica — realização plena dêsse vivo *senso do direito,* já apontado.

A obra magna dêste povo — o direito romano, visto sob o triplo aspecto das *pessoas* das *acções* e das *coisas,* no seu complexo conjunto — é, de fundo e de origem, o acabado produto da

activa ingerencia e prática dessa sociedade de lavradores em toda a casta de litígios e questões; isto é, da combinação duma decidida e especial tendencia com um variado e longo exercício na sua efectuação.

E da mesma paixão da terra lhe derivou ou dela se fortaleceu o seu sentido da ordem, sempre vivo e resistente onde haja arreigada a noção egual de direitos e deveres e o instinto, alimentado, duma posse segura de domínios firmes.

Foi efectivamente esse conceito da ordem — a que corresponde a realidade da disciplina, sob a reguladôra acção da autoridade — o conceito suprêmo do romano, como o devia ser para um povo ao mesmo tempo conservador e progressivo, que lançava e mantinha de vez os fundamentos da propriedade, e que legalizaria uma das mais duradoiras espécies de sociedade hierarquizada conhecidas, garantindo com taes instituições o exito da sua acção successiva: regional, nacional, universal.

Foi esse alí o conceito a todos presente: ao proprietário e ao homem do fôro, ao guerreiro e ao político.

Foi esse o conceito observado tanto no pequeno estado, que era cada família, como na grande família estadual que era a Roma dos primeiros cinco séculos.

Observado na paz e na guerra — exterior e interior — a ponto de pairar mesmo sobre o campo das lutas de classe, durante esses séculos; pois eram inspiradas e movidas, não por intuitos destrutivos ou pruridos caprichosos de inovação revolucionária, mas pela ambição precisa e pela visão clara das vantagens a alcançar dentro do mesmo *ordenado* mundo social; pois se tratava, para os desherdados e dominados, não de derrubar por mero furor emulativo os que dominavam e possuiam, mas de subir a partilhar do domínio e da posse material das coisas, à sombra de leis e preceitos idénticos, só mais amplos e abertos.

Finalmente, do mesmo modo que fariam do latino-romano um legista e um guerreiro, o amor e a convivencia da terra teriam tido influencia directa e profunda na formação e desenvolvimento daquela religião e culto a que aludi já, e de que tentarei dar mais desenvolvida nota pela importancia de tal elemento na psicologia e na vida moral deste povo forte.

Foram as divindades telúricas e agrárias da Itália antiga — as do Lácio, e logo as da Sabínia e da Etrúria — as primeiras que adorou, juntamente com as familiares, e as que haviam de preponderar-lhe no domínio religioso, patriarcal ou publico, emquanto êle se mantivesse legítimo romano.

Emquanto conservasse todos os traços íntimos e todos os caracteres da sua raça morena e sêca, dura de arcabouço e de ânimo,

talhada, de nascença, para a lavragem dos campos ribeirinhos e para a cava das encostas, robustecida, de paes a filhos, no exercício de tão rudes tarefas e no das *razzias* locaes ou das guerras pouco a pouco corridas longe — sería com aquelas divindades que êle sobretudo comunicaria; e para não mais perder certas tendencias e habitos dessas eras de iniciação, mesmo quando o antigo crente viesse a acolher as formas e símbolos de cultos novos a dentro dos muros de Roma, já tornada templo cosmopolita. Porque mesmo então guardaria delas o vinco exterior.

É sempre, nêle, o lavrador — e porque o é — quem vota sacrifícios e leva oferendas a taes divindades — por sêrem as que são.

É essa qualidade de homem da gleba que, explicando a natureza do seu panteon, pelo menos nos principaes aspectos deste, se revela egualmente na feição interior e nas proprias práticas externas da devoção.

É sempre esse homem da terra, astuto mas exacto e grave, tornado demandista habil no manejo das acções ligadas com a manutenção e grangeio da propriedade rural; é sempre o lavrador feito legista, vigilante ao cumprimento e á exigencia das convenções, acostumado a invocar direitos e a render deveres, a observar rigorosamente os acordos — quem as adora e as serve, e quem assim contribue para aínda lhes fixar correspondente e determinada índole.

Nada, aqui, do místico, nem do visionário de mitologias perturbadoramente grandiosas e inextricaveis; nada do poético inventor de olimpos luminosos, nem do possesso de fúrias divinas, ou do sectário fanático provado ao serviço duma fé militante e exclusivista.

Nada, aqui, das religiões feitas de mistério, ou cheias dum plástico simbolismo da natureza, ou animadas de frenéticos impulsos de morte ou de vida.

Não.

Semelhante religião era como devia ser a dessa raça de lavradores, embora depois se modificasse ou fundisse com outros elementos religiosos.

Semelhante religião [que aliás traía e conservava, por um lado, vestígios e sinaes de cultos bélicos e talvez de práticas escatológicas, por outro, alguns vincos de mais profundo naturalismo; que oferecia uma extensa série de divindades — desde os *grandes deuses* (símbolos de forças da natureza ou de ideias abstractas) até aos deuses locaes e familiares (numes, lares, penates) e aos *génios* das coisas e dos actos mínimos da existencia] demandava, na verdade, dos seus fieis demonstrações de fé apropriadas a um

povo agrário, educado no sentimento estreito e forte da utilidade imediata.

Semelhante religião — erma de interesse especulativo ou dogmático, destituida dum intrinseco fundo moral, alheia a intuitos proselíticos, nua de imaginativa artística a ponto de nem carecer, a princípio, de deuses *representados,* bastando-lhe a *designação inalteravel* de cada um — resumia-se, afinal, num mero culto, tão minucioso na sua realização exterior como vazio de verdadeiro sentido religioso, segundo a nossa accepção do termo.

Era o culto prestado a divindades que inspiravam medo ou confiança, a divindades cuja acção e influencia podiam ser directamente benéficas ou funestas — dentro desta ou daquela ordem de coisas, numa ou noutra situação, com relação a todos os empreêndimentos e feitos; a divindades que *convinha* invocar, propiciar, tentar e até ameaçar da denegação das dádivas para se poder contar com a sua disposição e intervenção favoraveis.

Era um culto sob a espécie de pactos — comparaveis aos contractos severamente regulados entre esses homens, primeiro pelos costumes mantidos, depois pelas leis gravadas; pactos feitos a favor da terra: para que produzisse novidade basta; a favor do lar: para que se conservasse e medrasse à sombra dos *manes* dos avós e sob a mão absoluta e sagrada do *pater;* a favor da cidade: para que proseguisse em crescença de recursos materiaes e de dedicadas virtudes práticas dos habitantes; a favor de cada emprêsa de guerra: para que fortalecêsse ainda a *urbs* e lhe erguêsse mais alto a fama.

O fiel sacrificava, votava oblatas, celebrava como quem entrasse numa permuta de serviços, a bem desses seus mais caros interesses, sem nunca perder o alvo, sem nunca se desviar do fito em vista, sem nunca largar pé do chão firme da realidade.

Dava o que dava a trôco do que ia receber. Como todos os pactos, estes exigiam, pois, um escrupuloso cumprimento das mínimas clausulas e formalidades, para não resultarem nulos, para obrigarem a *outra parte,* de quem se esperava o serviço, o benefício.

D'aí, esse cuidado sabido com que o romano praticava todos os actos cultuaes, a rigorosa liturgia destes actos, a inalterabilidade na repetição das cerimónias e das fórmulas assentes, na pronunciação do nome ou do título invocatório do *deus, nume, génio* invocado, fosse qual fosse a sua qualidade e categoria, e a categoria ou qualidade do sacerdote.

D'aí, a importancia do sacerdócio: de cada romano, no culto doméstico, das corporações e colégios, no culto oficial; não faltando a contribuição dos *augures* nem mesmo a dos *harúspices,*

a de todos os *ledôres de sinaes,* que promoviam ou suspendiam medidas de govêrno, expedições militares, decisões de assembleias conforme o que lhes anunciava o vôo duma ave, o lume dum relâmpago, o modo como um frango debicara no milho consagrado.

D'aí, uma severa noção do dever imposto, da obrigação contraída, da *fé do contracto,* compensadora para a religião romana do muito que lhe faltava, e profundamente eficaz no sentido de cimentar obra social e de manter instituições, no sentido da utilidade política; embora não favorecesse por egual — compreênde-se — outras formas de actividade.

D'aí, um novo ligâme e poderoso princípio dessa organizada ordem social, mais propria para favorecer a coesão moral da colectividade, o fortalecimento do Estado, do que a livre manifestação de independentes pontos de vista e de inventivas concepções individuaes; pois não as facilitava, na verdade, um tão rigoroso e apertado sistêma religioso, onde cada divindade ou grupo delas — como, na cidade, os homens e as diversas classes — tinha a seu cargo a regulação dum determinado número de coisas; estas, as grandes: a marcha da natureza e os destinos dos mortaes; aquelas: os diferentes passos da vida humana e social; outras: a prestadia ou nociva acção dos objectos em que se ocultavam.

Mas d'aí tambem — pelo fortalecimento das faculdades mais adequadas e das condições mais propícias à realização de inconfundiveis destinos políticos e sociaes — o retardamento e uma influência limitativa na revelação dessas outras faculdades, cujo desperto iniciador viria do espírito e das obras da privilegiada raça grega.

É, pois, a religião romana, que, como elemento preponderante, nos explica em grande parte este retardamento de actividade artística e literária; e por isto me justifico já de ter insistido no desenho dos seus traços geraes. É a religião romana que, explicando-o, nos desvenda, assim, muito da índole moral e mental dêsse povo, mantida íntegra emquanto alheia e como indiferente às desinteressadas manifestações da pura Arte, às nobres inquietações e alevantados sonhos da Literatura, e só entrada nos domínios desta devido precisamente à quebra das suas melhores qualidades tradicionaes.

Mas para que penetremos bem no espirito do romano torna-se necessário seguir o movimento geral da história de Roma — colhido apenas numa fugidia e larga visão dos seus salientes successos e modalidades. Seguil-o-hemos.

Não o de toda essa história (mais de milenária, se a contarmos desde a tradicional origem: desde o ano de 753 antes de Christo até à queda do império, até ao ano 476 da nossa era).

Nem tal trabalho se nos torna necessário. Mas o desses primeiros séculos da civilização romana anteriores ao aparecimento das primeiras obras literárias. E com o estudo das condições em que aparecem poderemos explicar tambem a feição e caractéres distintivos delas, entre todos o cunho da imitação helénica.

Depois — o interesse geral da história de Roma cede o logar ao especial interesse da sua literatura, embora esta, como todas, tivesse influído e recebido certas influências do meio.

Bastar-nos há portanto seguir a marcha desta civilização durante os quinhentos anos corridos desde a fundação da *Urbs* até ao intervalo da primeira à segunda guerra punica para podermos notar e compreender, em resumo: 1.º a *tardia aparição* duma verdadeira literatura latino-romana (no seu sentido de produto erudito — como correspondendo a uma perduravel utilidade educativa); 2.º a *influencia da cultura grega* na formação e desenvolvimento dessa literatura; 3.º *os caractéres* da literatura romana, proprios e adventícios, e por êles aquela dupla missão — reconhecida aos latinos — de intermediários e de directos laboradores na obra das civilizações occidentaes.

(Continúa).

Coímbra — Abril, 1912

Manuel da Silva Gaio.

QUESTÕES SOCIAES

E PEDAGOGICAS

(EXCERTO)

Em 1834 publicou Alexandre Herculano numa folha quinzenal do Porto, o «*Repositorio Literario*», alguns artigos subordinados á epigrafe «Qual é o estado da nossa literatura? Qual é o trilho que ela hoje tem a seguir?»

.....

Atravessava naquêle tempo Portugal uma epoca de crise, palido reflexo das tremendas convulsões que de ha muito agitavam violentamente grande parte do solo social europeu. Actuados por forças divergentes, os elementos sociaes acabaram por perder a sua estabilidade provisoria, e, ora avançando, ora recuando, já separando-se, já entrechocando-se, procuravam com impaciencia uma nova posição de equilibrio.

Na atmosfera social sucede por vezes o mesmo que na atmosfera terrestre. Aqui ha diferença de temperatura e portanto de pressão, determinando o estabelecimento de correntes atmosfericas cuja força e velocidade assumem por vezes taes proporções, que, mal o homem se recobra do seu assombro, já só lhes encontra o equivalente em destroços e lagrimas; além ha o antagonismo de opiniões e interesses, levando por vezes á formação de correntes não menos fortes e violentas, cujas colisões são com certeza muito mais terriveis e devastadoras, regando com o sangue de inumeras vitimas o pedestal dos idolos das multidões, abafando com selvagens gritos de triunfo os ais lamentosos que mal traduzem pungentes agonias intimas, e enturvando a atmosfera dos principios com o fumo dos incendios e a poeira das derrocadas. Assim como só naquelas ocasiões o homem pode apreciar palpavelmente a grandeza duma força que talvez nem suspeitasse, assim tambem só nessas epocas de profundos abalos sociaes é que nós podemos ver até que ponto chega a energia colectiva resultante da potenciação de energias individuaes, quando sobre-excitadas e unificadas pelo sentimento despertado por uma ideia. Exemplo — a França de 93.

Portugal não ficou insensivel ás correntes que então agitavam o oceano da vida europeia: propagaram-se até nós essas ondulações temerosas que tantos naufragios provocaram; e se as ondas, arqueando enfurecidas o seu dorso gigantesco, não ofereciam aqui a imponencia de formidaveis serras movediças, escancarando-se de repente em abismos, não deixavam comtudo de oferecer os perigos da resaca em litoral penhascoso. A carcomida nau das velhas instituições, não podendo aguentar-se com ventos ponteiros num mar tão contrario, já quasi desmastreada e metendo agua por todos os lados, veio acabar de desconjuntar-se sobre os rochedos duma violencia mal entendida, ultimo reduto a que por vezes se acolhem desesperadamente os poderes constituidos em vesperas de derrocada. Disto não seria dificil apresentar bastantes exemplos, mesmo do seculo XIX.

Longe de salvarem dessa nau elementos de valor que podiam ser-lhes uteis, os partidarios das novas ideias, fanaticos como todos os proselitos duma seita nova, apressaram-lhes a submersão. Foi assim que os verdadeiros e esclarecidos patriotas viram com assombro e magua despedaçados pelas patas duma ignorancia proterva primores d'arte que a sciencia e a tenacidade, ao serviço dum ideal, tinham acumulado pacientemente durante seculos.

Nesse tempo ainda Herculano acreditava na força vitalizadora da nova organisação politica, ainda as desilusões o não tinham prendido definitivamente a um pessimismo estiolante que representa em muitos casos o desaparecimento ou a inutilização de prometedoras energias. Exemplos: — além de Herculano, Antero.

Vindo ha pouco do extrangeiro, onde o seu espirito profundo e reflexivo se sentira fecundado pelas novas correntes literarias, historicas e politicas, Herculano trouxera de lá, juntamente com um odio acentuado ao inglês, como se vê na sua «*Viagem de Gersey a Granville*», um grande entusiasmo e confiança na libertação e no levantamento moral e material da sua patria. Infelizmente, devido a causas muito complexas e que já vinham de longe, era profundissima a decadencia; e se Herculano não estivesse dando ainda os primeiros passos nos estudos historicos, teria reconhecido quão verdadeiro é o pensamento do celebre imperador filosofo Marco Aurelio: «*na humanidade os progressos moraes são muito lentos*»; e assim, sendo menor a esperança, não teria sido tambem tão dolorosa a desilusão para o seu caracter de velho português, esse português antigo descrito por Sá de Miranda:

«Homem dum só parecer,
Um só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar que torcer...».

Esperava Herculano que a implantação do constitucionalismo representaria para Portugal o desabrochar duma era completamente nova, era de moralidade, progresso, liberdade, sem abusos, sem odios, sem privilegios. Puro engano! Representava sem duvida o desaparecimento de muitos e grandes males, mas não de todos. Longe, muito longe disso!

A mudança era mais superficial do que poderia supôr-se: no fundo a sociedade portuguêsa permanecia aproximadamente a mesma, com os seus preconceitos e rotina, as suas romarias e morgados, a mesma mesquinhez, os mesmos odios, maiores ambições, e por cima de tudo isto uma indolencia capaz de fazer inveja a muitos orientaes e uma ignorancia capaz de rivalizar com a dos proprios *bernardos* de ridicula memoria, os celebres bernardos da *tremenda,* que A. Garrett imortalizou no canto 2.º da «Dona Branca».

Figuravam no tablado politico novos comparsas e novos trajes, outras mascaras e outras cores; mas permaneciam muitos dos antigos vicios e a eficacia do elixir apregoado não correspondia ao pomposo do rotulo. Certo é que desaparecia da scena, embora provisoriamente, um elemento importante e caracteristico do antigo regime, — os frades; mas recebiamos em troca os caciques eleitoraes e os prosaicos barões.

Herdando do regime anterior o tradicional — deixar correr o marfim, e continuando, depois de 1834, a trilhar o mesmo caminho de dissipações e abusos, assim temos vindo aos baldões dum pseudo-constitucionalismo, porque o verdadeiro não o compreendeu nem o possue ainda Portugal. No entanto, se para os infelizes é consolação ter companheiros na desgraça, consolemo-nos estudando o constitucionalismo de outros paizes latinos.

* * *

Hoje (1), como em 1834, atravessa Portugal uma nova epoca de crise, muito mais temerosa porque é menor a reserva de energia moral e mental, mais profundo talvez o descalabro politico e economico e maior o scepticismo e a indiferença; mas esta crise, embora conservando uma certa feição local, filia-se tambem numa crise de ordem muito geral e complexa, da qual se resentem mais ou menos todos os povos civilisados. As condições da sociedade actual já não são as mesmas que as das sociedades passadas.

(1) Isto foi escrito em junho de 1910.

Hoje são chamados ao banquete da instrução muitos dos que, como outr'ora o Lazaro do Evangelho, nem as migalhas recebiam; mas as iguarias servidas nesse banquete nem sempre são de boa qualidade e os vinhos são por vezes muito capitosos. Hoje atiram-se aos quatro ventos da publicidade as ideias mais contraditorias, os sistemas mais extravagantes, as concepções mais opostas que são outros tantos germes que, para se desenvolverem, esperam apenas ocasião e terreno favoraveis.

Não falta hoje quem procure fazer germinar no coração do homem, sem uma preparação previa e os cuidados indispensaveis, o espirito de revolta contra o existente, fazendo-o suspirar por uma organisação social tão perfeita que provavelmente ficará sempre nos dominios da utopia, porque só um levantamento extraordinario, talvez impossivel, do nivel moral e mental poderia elevar o homem a taes alturas. Hoje, mais que nunca, muitos elementos sociaes, animados de terrivel força ascensional, procuram, e muitas vezes conseguem, deslocar outros que a força da tradição chumbara a determinados logares. Hoje, mais que nunca tambem, o coração humano é crestado pelas nortadas da duvida, e a consciencia publica, não vendo claro num mejo tão denso, tão tempestuoso e tão pouco iluminado, orienta-se geralmente mal. Ignorando-se, ou não se querendo reconhecer, que o sentimento religioso tem fundas raizes na nossa natureza psiquica (pelo menos na sua forma conhecida desde o inicio dos tempos historicos) (1), sendo uma força que muito convinha aproveitar, transformando-a ou modificando-a apenas em harmonia com as novas necessidades, procura-se destrui-lo rapidamente e a todo o custo, conseguindo-se apenas, quando muito, destruir-lhe o objectivo tradicional; e então essa força, já disponivel, põe-se ao serviço doutros sentimentos, nem sempre nobres, quando não encontra imediatamente novo objectivo em ficções muito mais grosseiras que as anteriores.

A inteligencia humana, descrendo das soluções dadas pelos sistemas religiosos aos terriveis problemas que perante ela se agitam, procura na sciencia a chave desses enigmas; mas NESSE CAMPO a sciencia permanece geralmente mais impenetravel que a esfinge dos antigos, e é de supor que não apareça tão cedo um novo Edipo. Perante a assombrada consciencia humana a cada canto

(1) Sobre a religião é interessante a opinião de Guyau. Segundo êle, a religião, como a moral e a metafisica, é uma expansão da vida, *e da vida social.* —Ver as obras de Guyau — «*Irréligion de l'avenir*» e «*L'art au point de vue sociologique*». —Ver tambem a obra de Alfred Fouillée —«*La morale, l'art et la religion selon Guyau*», e ainda a curiosa obra de Faguet «*Les préjugés nécessaires*».

surgem misterios, de todos os lados saltam perguntas; e cada vez mais embrenhada nos meandros dum labirinto inextricavel, não consegue encontrar o fio de Ariadne que a tiraria dessa situação embaraçosa. Se porventura a imaginação lhe fornece azas, coladas com a cera de engenhosas hipoteses, nem assim consegue fazer a salvo a travessia dessas perigosas paragens metafisicas, pois que, longe de ter a sorte de Dedalo, miseravelmente se precipita com Icaro no mar dos desenganos.

Procurando escalar o ceu para de lá roubar o fogo sagrado das verdades primarias, fica, como o Prometeu da fabula, encadeada ao Caucaso da probabilidade, devorados os figados pelo abutre da duvida, ou perflexa e confusa, como os povos junto da Torre de Babel nos plainos de Senaar. Já dizia Littré que ha em frente de nós um oceano para o qual não temos barcos nem velas.....

.....

Junho de 1910.

Basilio de Vasconcelos.

FÉLIX CHARPENTIER

MESTRE ESCULPTOR

(EXCERPTO D'UMA NOTICIA BIOGRAPHICA)

Tres mezes de novissimos e proficuos ensinamentos durou a digressão do môço esculptor pelos muzeus e monumentos hespanhoes e italianos. Regressando ao seu *atelier* do bairro Latino, deu principio aos estudos preparatorios das obras que tencionava expôr no *Salon* de 1889. Mas, em vez de inspirar-se nos pergaminhos manuscriptos d'uma velha chronica monastica, ou nas laudas mysticas das *Fioretti* do estigmatisado S. Francisco d'Assiz, para themas dos seus projectados trabalhos artisticos, procurou suggestionar se no scenario da vida contemporanea, afastando-se das visões hieraticas que trouxera da sua peregrinação. No realismo activo dos espectaculos atleticos da feira de Neuilly, e nas ondulaturas da plastica parisiense «d'uma loura filha de Eva, amavel, despreoccupada, voluvel e jovem», segundo o programa metrificado num soneto do can-



La chanson

conista Ernest Chebroux, encontrou os estimulos sufficientes para produzir os dois primores esculpturaes que apresentou no mencionado certamen: *Les lutteurs* e *La chanson*.

Estes dois novos successos de Charpentier, o grupo dos luctadores, tão cheio de belleza e de verdade anatomica, e a estatua emblematica da canção gauleza, representada toda núa, e no estado psychico de quem não cuida ascender ás bem-aventuranças privilegiadas, entoando o hymnario das glorias eternas, como a Santa Cecilia idealisada pelos pinceis do Urbinato, Dominichino e Carlo Dolci, ou na celebre ode de Dryden posta em musica por Haendel, valeram-lhe unanimes applausos, uma primeira medalha e o premio do *Salon* de 1889. As duas producções pertencem á categoria das

obras que não morrem ao extinguir-se o capricho momentaneo que inaltece os seus auctores. A primeira, pela intrepidez da sua concepção, junta á difficuldade extrema da sua factura e consequente transporte ao marmore; e a segunda, pelo candido pudôr que emana o donaire adolescente e floreal da sua ingenua nudez, cantando num sorrizo gorgeado que é a propria Musa dos nectares inebriantes do seu bello paiz, das alegrias da juventude e do amor, e que tambem exalça os corações em estremecimentos, quando a Patria corre perigo.

O escriptor Armand Silvestre, descrevendo esta encantadora esculpura de Félix Charpentier, exprime-se da fórma seguinte:

«Um anel sonoro rodeia o alto do braço que busca uma cadencia; o outro, segura na mão um ramo florido; os labios entreabrem-se num sorrir musical: é perfeitamente a Canção que só floresce na terra das vinhas, grega noutros tempos, mas hoje franceza. Filha da cepa solheira e irmã dos passaros vindimarios que põem turbilhões alegres nas madrugadas da Aurora. Já murcho, um ramo de carvalho heroico cahiu dos seus dedos. Não é a Patria que ella canta, mas, sim, o doce enlevo de amar sob as ramadas, e a saudade que elle nos deixa!».

Este retrato litterario da estatua de Charpentier, que deixamos transcripto, completa a idéa que pretendiamos dar a seu respeito. O marmore da *Chanson* foi logo encommendado pelo Estado; ornamenta o salão das recepções officiaes do Ministerio do Interior, em Paris, e serviu de modelo ás reducções fundidas em *biscuit* pela manufactura de Sèvres.

Quanto ao soberbo grupo dos *Lutteurs*, pode-se affirmar que se está em face d'uma veridica obra prima inedita e pessoal do artista, não obstante poder-se attribuir-lhe analogias vagas com as esculpturas hellenicas das escolas de Athenas e Rhodes. O critico d'arte, Léon Maillard, reportando-se ao trabalho de Charpentier, dedica-lhe as seguintes considerações inegavelmente justas:

«Este grupo é uma das composições mais completas e bemvindas de toda a estatuaria contemporanea, e nelle comporta todo o seu destino. Os dois homens estão no momento culminante, na pausa suprema em que as energias se condensam no esforço que deve vencer. Os musculos retezados exprimem a satisfação material da sua vontade; as attenções dos luctadores cruzam-se, porque um d'elles, virado ao alto, repousando sómente sobre a cabeça, deve arrastar o adversario na sua queda, se não houver dupla volta. Este afinco desesperado vê-se tão plenamente exprimido, a violencia funde-se tão perfeitamente nas linhas harmonicas dos corpos, e os dois heroes participam tão humanamente do enlace d'onde sahirá a victoria ou a derrota, que a gente sente-se commovida deante d'este integral e perfeito testemunho da virilidade e da belleza. Esta obra é tão completa que, depois de transportada ao marmore, nada perdeu das suas qualidades nativas, ganhando até mais concisão e vida».

Escusamos de accrescentar mais pormenores ás qualidades superlativas do grupo de Charpentier, porque o trecho que acabamos de copiar diz tudo muito melhor do que poderiamos escrever com menos felicidade. A notavel obra collocou o auctor a par dos maximos representantes hodiernos da arte phidiesca, cujo centro principal é Paris, com os seus Dubois, Dalou, Falguière, Carpeaux, Mercié, Injalbert, Barrias, Chapu, Rodin, e tantos outros, que empunham o sceptro da esculptura, sem contestação dos outros artistas de nacionalidades diversas.

Resta-nos dizer que as difficuldades da execução dos *Lutteurs* foram quasi invenciveis. Só a tenacidade d'um vidente abrazado pelo fogo d'uma idéa fixa, poderia resistir ás inumeraveis contrariedades d'um tal trabalho, conduzido até ás minucias perigosas da sua conclusão editada no marmore. Dizem que o seu

auctor chegou a sentir os desanimos de não poder dominar as difficuldades da sua obra, mormente por carencia de modelos vivos que lhe offerecessem os movimentos exactos do episodio atletico, conforme o havia imaginado. Neste lance afflictivo, acudiu-lhe a experiencia de seu honrado pae, o qual, como bom e velho cidadão francez, conhecedor dos segredos das luctas de circo, ensinou os modelos a darem as posições naturaes e necessarias á cabal expressão da verdade. Nesta benefica e providencial intervenção paterna, inesperada pelo filho, existe algo de pathetico a presagiar o successo da obra.

Relativamente ao modelo da *Chanson*, o artista provençal foi mais afortunado, porque descobriu uma cigarra humana, nascida em Paris, onde se encontram todas as especies desejaveis da fauna e flora conhecidas, chispante de vivacidade e boa feição, que lhe proporcionou as morbidezas contornaes que admiramos na sua estatua. Para o seu caso thematico não servia a plastica de qualquer exemplar profissional dos muitos que, mercenariamente, pousam nos *ateliers* parisienses, importados das terras transalpinas, na generalidade optimos modelos, educados e seguros nas attitudes exigidas, mas de formas anatomicas e disposição muscular robustas em demasia para servirem de transsumpto ás estructuras serpentinas, leves, graciosas, das *bluets* esculpidas ou pintadas. Precisava, portanto, do concurso e presença assidua d'uma jovial creatura, especie de borboleta com azas espargidas de licôres espumosos, sahida d'alguma crysalida dos lados de Montmartre ou Montparnasse, alegres regiões interpolares, onde nascem os lepidopteros d'esta especie, mais bonitos e espertos do mundo terraqueo. Sem a menor duvida encontrou-a, escoltado pela sorte que a muitos outros artistas não tem protegido.

A proposito de modelos italianos do genero feminino, que percorrem diariamente os *ateliers* de Paris em busca de trabalho, pago de dois a cinco francos a hora, lembra-nos uma transteveriana de nome Therezina, rapariga de irreprehensiveis pudôres e recatos intransigentes, esbelta dona d'um busto correcto realçado por uma phisionomia biblica, a par d'umas aristocraticas mãos dignas da cubiça d'uma duqueza authentica, tudo destinado aos contenciosos designios conjugaes por promessas feitas ás Madonas de Raphael. A donzella, sempre toucada á moda romana, era bastante intelligente para não cortar as negras tranças do seu cabello lustroso, sem compensações referendadas pela Egreja, conforme aconteceu á pranteada Graziella de Lamartine. Comtudo, namorava com a persistencia platonica que lhe fornecia o desejo aleatorio de encontrar um noivo italianisavel em todos os homens afiançaveis que a cortejavam. Nos momentos ociosos, pedia-se-lhe que cantasse a Santa Luccia dos napolitanos, o que ella fazia entoando-a com as accentuações tristes d'aquellas melodias inquietadas pelas ardencias eruptivas do Vesuvio.

Esta casadoira parochiana do Transtevere, que possuia a tonalidade colorida e os olhos d'uma martyr do Guido Réni, e a bocca guarnecida de cariciaes brancuras esmaltadas, pousou varias vezes no *atelier* da rua d'Assas, n.º 90, em Paris, occupado por nós e Francisco Franco de Sá, nosso fallecido amigo, nato no Maranhão de familia illustre, o qual foi um retratista laborioso, discipulo da Escola de Bellas-Artes de Madrid, dirigida por Frederico Madrazo, tambem director do Museu do Prado, onde aquelle distincto brazileiro executou uma apreciavel copia da *Virgem do Peixe*, quadro do Sanzio da Urbino, o Homero dos poemas pintados. Então, servia frequentemente de modelo a bastantes artistas em voga nessa epocha, entre os quaes se contava o nosso convisinho Bodmer, agua-fortista consagrado.

Franco de Sá, castissimo praticante de platonismos incorregiveis, teve pela prudente Therezina um formalisado derriço com a tendencia seria de se transformar numa consolidação matrimonial, quasi negociada, se não lhe acode opportunamente a graciosa intervenção d'uma nossa visinha, bonita e com taes captivantes expedientes azues nos relances visuaes, que lhe fez mudar os

devaneios para o seu lado, louro como as espigas de trigo douradas pelo sol, e aprazivel como um céo aberto, porque, no fim de contas, era uma legitima flôr perfumada pela terra que esconde as tubaras e espiritualisa o champagne, quem o seduzia. Luiza Lemercier se chamava, e era filha adoravel d'um respeitado funccionario superior do Ministerio de Finanças. Se viva fôr ainda, ella que nos perdôe a piedosa indiscripção de remexer as cinzas apagadas d'uma chama que ardeu intensamente, pelo puro e perdido amor que soube inspirar ao nosso desditoso amigo e seu escravo.

Já que abordamos o assumpto dos modelos frageis e amores inconsequentes, não o largaremos sem dizer algo ignorado pelos profanos ás facturas preliminares das estatuas e dos quadros. Especialmente, o mundano bello sexo nem sempre julga com justiça a incontestavel pudicicia que nortéa o modo de vida d'essas anonymas collaboradoras das obras de arte.

São as mulheres italianas que fornecem o maior numero de modelos ás officinas artisticas de Paris, Londres, Vienna e Berlin, desde a Fornarina, e mesmo muito antes das exigencias comminatorias do grande pintor da Renascença, que a requisitára para os seus quadros. Por sabidas e assaz conhecidas se devem considerar as noticias da sua deplorada auzencia nas dependencias da côrte de Fontainebleau, no tempo do rei Francisco I, escriptas pela penna virulenta do cinzelador Benevenuto Cellini, nas paginas realistas das suas memorias.

Todos sabem, por ser bem notorio, que não se executam obras de arte verdadeira e, portanto, bellas, sem o indispensavel concurso das melhores estampas vivas, industriadas pelo affazimento do seu papel; mas, quasi toda a gente ignora que esses modestos exemplares de perfeição corporal não usam conspurcál-a, salvo rarissimas excepções, desleixando a moralidade da sua nudez retribuida, tanto ou mais susceptivel ás grosserias offensivas, como qualquer outra revestida de roupagens.

Outro ponto, tambem desconhecido, ou, pelo menos, pouco divulgado, é o estado de inflexivel distracção sexual dos artistas em contacto com a animalidade da belleza phisica dos seus modelos, ainda os mais perfeitos, porque as modalidades subtis da sua psychologia são inaccessiveis á comprehensão simplista do vulgo que não sabe o quanto elles se enamoram só do que produzem na exaltada crise febril de exprimir o que sentem por dentro, servindo-se da vida e realidade patenteadas aos seus olhos. O primeiro capitulo do romance de Zola, *L'Oeuvre*, trata desta situação d'alma, com muita verdade.

Citando um facto historico em abono do que affirmamos, relembremos que Miguel Angelo falleceu quasi nonagenario, sem nunca haver tocado no fructo prohibido, offertado pela malicia lasciva d'alguma Eva por elle reproduzida nos seus trabalhos promothenticos. E sabe-se que só muito longe das suas officinas descobriu a creatura ideal dos seus amores immateriaes, na viuva do Marquez de Pescara, a nobre poetisa Victoria Colonna, cuja lyra inconsolavel afinava pelo diapasão petrarchiano para deplorar a perda do marido, a quem o grande artista dedicou serodios sentimentalismos poeticos, tendo sido, comtudo, o auctor da *Leda*, a mais lubrica das esculpturas conhecidas.

Contemos um caso relacionado ao assumpto, para concluir o que tencionamos dizer. Deu-se comnosco no anno de 1877–1878, em que trabalhavamos no *atelier* n.º 3 da Via Delle Belle Donne, em Florença, onde, por signal, pesquizas minuciosas não lograram descobrir uma só visinha merecedora d'esse qualificativo, confirmando-se assim, mais uma vez e na terra estranha, a anomalia denominativa das ruas portuguezas chamadas direitas, que são tórtas, largas, que são estreitas, alegres, que são tristes, escuras, que teem tanta luz como as outras, e do sol, onde raras vezes penetra em cheio o astro do dia.

Teve conhecimento do inicio do caso o conlocatario do *atelier* referido, nosso conterraneo e talentoso pintor brazileiro, Decio Villares, hoje um tanto

arredado dos tirocinios absorventes da sua arte, por se entregar ás investigações das profundas sabedorias contidas no systema philosophico positivista, matutando nos livros sybilinos respectivos, assistindo ás cerimonias lithurgicas do Templo da Humanidade, erguido no Rio de Janeiro, e ouvindo os addicionaes sermões altruisticos do devotado apostolo Teixeira Mendes, aos quaes nos encaminhou num dia explendido do mez de junho do anno de 1894, epocha em que passeamos o sigillo d'uma conjura politica pelas pittorescas encostas das Paineiras e Tijuca, comendo moranguilhos e refrescando-nos com a deliciosa agua das suas nascentes e cascatas. Alumno premiado da Escola de Bellas-Artes, fluminense, discipulo do professor Pedro Americo, o artista no genero de Gustavo Doré, e tendo completado os seus estudos com o excellente pintor florentino Ciseri, áquelle imaginoso scismador, tão cheio de invulgares dotes perceptivos e de bondade, não faltariam elementos para exercer acção importante na arte feita pelos sul-americanos, se não perdesse tempo e canseiras na scientifica e sectarista religiosidade originada pelas lições de Augusto Comte. Mas, interrompamos o intercalo divagatorio d'este desvio especial e privado d'uma mente lucida chamada a outros afazeres menos transcendentes, e exponhamos o facto.

Uma tarde toparam á porta do nosso *atelier* duas mulheres: mãe e filha. Esta, uma louçan mocetôna das que o dialecto toscano, pronunciado gutturalmente, diz serem creadas em *bottega,* ou tenda, na traducção portugueza. Vinha offerecer-se-nos para modelo, na occasião azada que precisavamos de fazer o estudo d'uma figura, e, portanto, aproveitamos logo a disposição da visitante, pedindo-lhe que se despisse para examinar-lhe as condições plasticas e ver se convinham ao nosso trabalho. Verificamos que, apesar de não se mostrar um modelo profissional, pelo acanhamento do porte, o seu corpo tinha notas lineares e chromaticas muito interessantes e que nos satisfaziam. Por consequencia, marcamos-lhe o dia seguinte para começar as suas sessões, depois de combinado o ajuste do seu preço.

Retiraram-se, contentes, as duas creaturas, despedindo-se de nós com as expressões alti-sonantes da classica etiqueta florentina, habitual áquellas costellas enxertadas, por fas ou nefas, na frondosa arvore genealogica dos sublimados Medicis e d'outras antigas familias patricias, porque todas são fidalgas, descendentes bastardas ou directas dos Albizzi, Soderini, Rucellaï, Uguccioni, Pazzi ou dos Riccardi. Todavia, a communicativa madre disse-nos que a sua Rozina, ali presente, estava em aprestos de proximo noivado, sem accrescentar mais explicações e com o ar bonacheirão e rotineiro de quem commenta as variações diarias do tempo, bastante irregulares naquella cidade. Ficamos sciente, mas um tanto intrigado com a origignalidade da informação, nova nas ephemérides da nossa vida, porque havia decorrido poucos mezes que residiamos em territorio italiano.

No dia aprazado, expunha-se a nubil *raggaza,* refeita e saudavel, na singeleza decorativa de Aphrodite, em o nosso *studio,* a sós comnosco. A luz diurna acusava os relevos venustos do seu corpo, tão lisos como a superficie d'uma lamina de marfim polido. Parecia uma odalisca timorata, fugida do harem d'algum sultão asiatico, morena de côres e torneada opulentamente. Os seus olhos bem rasgados avelludavam a ignorante inquietação d'uma gazella captiva; e os seus cabellos fartos, ondeados, tinham a negrura envernizada dos azeviches da Islandia. Tocamos, com mãos reverentes, essa perturbante e assetinada polpa de nupcias, para lhe dar a posição adaptavel á figura que haviamos imaginado. E, depois de instruida para conservar a immutabilidade da attitude convencionada, principiamos a copiar o modelo, desenhando-o, sem ver a mulher que tinhamos deante de nós.

A primeira sessão correu quasi num silencio religioso: ella, um pouco embaraçada por não estar affeita a manter-se quieta, e nós, recolhido á inter-

pretação attenta das suas fórmas. Porém, nas jornadas posteriores, palestramos já mais aliviados dos acanhamentos proprios de quem mal se conhece: versamos a respeito das mortes quasi simultaneas de Sua Santidade Pio IX e do rei Victor Manuel, e de varios outros assumptos, não nos esquecendo perguntar-lhe a razão que a decidiu a escolher o mister de modelo, preferindo-o a qualquer outro menos incommodo e consentaneo ao seu projecto de contrahir matrimonio.

Explicou-se em poucas palavras, respondendo-nos que seus paes viviam com difficuldade dos lucros escassos d'uma *botteghina* situada nos arrebaldes da cidade, então soffrendo uma grave crise economica, por causa da mudança recente da capital para Roma. Era esboçadora na officina d'um habil entalhador, ao qual faltava trabalho para lhe dar, e por esse motivo, aconselhada pelo seu proprio noivo, pobre mestre de primeiras letras, procurára esse meio de ganhar honestamente algum dinheiro, meio que não julgava indecorôso, porque estava certa que a investigação artistica dos seus feitios corporaes de maneira alguma poderia prostituir-lhe a castidade. D'este modo, esperava adquirir uns centos de liras para ajuda do seu enxoval, que devia ser estreiado d'alli a tres mezes, o mais tardar.

Effectivamente, a irreprehensivel Rozina, na data marcada e alguns dias depois de ter desempenhado o mister do modelo, tão pura como uma Vestal antiga, casou na egreja de Santa Maria Novella, sob os olhos docemente byzantinos da milagrosa Virgem rodeada de anjos, obra celebre do pincel de Cimabué, do seculo XIII, tendo por testemunhas o Redemptor crucificado, esculpido por Brunelleschi, e a solemne illuminação dos vitraes pintados por Botticelli, e desenhados por Filippino Lippi. Da nossa parte, o seu açafate de noiva recebeu um lindo ramo de flores, composto a capricho por um *fioraio* das bancadas do palacio Strozzi, e uma prenda escolhida na bizarra ouriversaria florentina. Em seguida ás bençãos lançadas áquella união matrimonial de dois pobres namorados, no meio de tantas magnificencias artisticas, os consortes vieram significar-nos o seu commovido agradecimento por essas recordações quasi sem valor.

Nessa epocha contavamos apenas vinte e quatro annos, muito attentos aos requebros peregrinos da gentileza versatil d'uma certa senhorina Nardini, polyglota e filha unica do acommodado hospedeiro do burgo Santi Apostoli que alojava, confortavel e modicamente, ecclesiasticos de passagem para Roma e artistas estrangeiros, em cuja casa estivemos por indicação do bispo de Montpellier e d'alguns illustrados abbades francezes, nossos bons companheiros de viagem desde Marselha até Genova e Piza. Com essa professora, parecida com uma patricia do Ticiano, desemburramo-nos bastante na lingua italiana, lendo e traduzindo a *Divina Comedia* e outros livros. Quando principiavamos a comprehender os *Promessi sposi* do egregio milanez Manzoni, as lições ficaram addiadas até á presente hora, por que a nossa mestra adventicia transferira os seus encantos didaticos ás solicitas cortezias d'um ajanotado excursionista germanico, nosso commensal, com surprezas ingenuas de quem ainda esperava compulsar com ella as substancias historicas guardadas nos volumosos annaes do Guicciardini, os ditames politicos de Macchiavelli, as poesias do Sadoleto, e, por fim, talvez os contos apraziveis de Boccacio.

Discreteamos prolixamente de galbas núas e d'um episodio da bohemia artistica passado comnosco, vulgarissimo no fôro particular dos *studios* de Napoles, Roma, Florença e Veneza, porque desejavamos erguer uma ponta do véu lançado sobre alguns mysterios irrevalados aos vulgares sophismas da moralidade theorica, tanto publica como domestica, que julgam a cooperação da nudez profissional ao serviço da Arte uma incontestavel e flagrante inobservancia das regras da Virtude. Todavia, nada mais falso, nem, apparentemente, mais verosimil, por causa d'um criterio superficial que confunde as exhibições

*

dos recintos prostibulares com o que se vê geralmente nas oficinas espirituaes onde se produzem obras educadoras á custa de extenuantes sacrificios e soffrimentos innarraveis.

No emtanto, constata-se a veridica existencia honesta de numerosas creaturas, exercendo o prestimo de modelos por esse mundo de Christo, moralmente mais precatadas do que muitissimas outras estranhas ao mister, vestidas, mas saracoteando os seus segredos corporeos, sob involucros de luxuosas transparencias decotadas, mais indiscretas que a propria nudez, porquanto parecem provocar a inspecção sensual dos espectadores, com ingenuidades dignas de melhores aposentações.

Seja-nos permittido dizer isto, sem a minima pretensão a moralista pyrrhonico, avesso a indulgencias com as fragilidades do pudôr mal enropado, mas como homem um pouco surprehendido pelos excessos exhibitivos, cada vez maiores, das féminas sem-cerimonias carecidas de fiscalisação censoria, que adulteram o recato ideal e sensitivo dos prototypos senhoris, bem nascidos e educados, cujas plasticas invisiveis devem ser desconhecidas até das intimidades caseiras. Assim, temos concluido que as modas actuaes se purificariam em regressar aos termos menos hypocritas e perdularios de não sugeitarem uma dama ao pejo de sentir-se vexada deante da innocencia núa d'uma estatua de marmore, por macaquear a depravada phantasia dos manequins ataviados de trapos indecentes e caros, com prejuizo dos seus attractivos moraes e phisicos, d'essa fórma publicados sem gosto e dignidade.

Cyrillo Carneiro.



ESTUDOS DE THEATRO

OS «MYSTERIOS»

(EXCERPTO)

.....

O DRAMA sagrado da Edade-Media medrou e amplamente cresceu á sombra protectora dos principes da igreja christã, fazendo parte integrante das esplendidas e apparatosas solemnidades do culto religioso. Bossuet, num dos seus admiraveis discursos em que tão alto ergueu a eloquencia sagrada, considerou-o um mysterioso resumo do Antigo e do novo Testamento e de toda a vasta e opulenta historia ecclesiastica. Effectivamente, nas grandes e magestosas naves das cathedraes magnificas, o Padre, no dizer tam concizo e claro de Honoré de Antin, é o grande tragico que, no altar dos templos, representa ao povo a lucta do Christo com o Inimigo e o seu triumpho na gloriosa Resurreição. Este drama virtual, constituindo a essencia, a alma da historia das religiões, realizar-se-hia, theatralmente, no dia em que se agrupassem os elementos para o esboçar e definitivamente o fixar numa apparatosa e suggestiva pompa liturgica. Os primitivos officios deviam formar o esboço do drama magnifico. O Ritual dar-lhe-ia, depois, relevo e expressão estabelecendo-lhe a *mise-en-scene*, successivamente desenvolvida e ampliada no decorrer dos seculos com o augmento e esplendor do apparatoso culto catholico.

O mais grave e o mais solemne dos officios — a Missa — baseado no Ritual da Ceia do Senhor, constituia já um grande, admiravel e commovente drama, especialmente depois da Reforma Gregoriana. Para os christãos dos tempos medievaes, annota Lentilhac, havia nesse espectaculo ritual uma alta eloquencia symbolica e até uma especie de interesse scenico, como facilmente se reconhece lendo os commentarios subtis e tam docemente penetrados de

religiosa uncção, dos velhos escriptores liturgistas. Em muitos d'elles a Missa era, nessas edades remotas, um engenhoso e habilissimo resumo da historia do Christianismo, desde a vinda do Messias ao triumpho ecumenico do Evangelho, tendo por centro d'acção o sacrificio do meigo Galileu. D'este modo a liturgia catholica dava fórma, desenvolvimento e unidade aos grandiosos dramas do Natal e da Paixão, representados nas artisticas e magestosas naves das cathedraes, deante do povo attento e commovido que seguia, no recolhimento da sua ingenua fé, os gestos dos officiantes com o mesmo interesse e a mesma curiosidade com que, depois, acompanhava os actores, interpretando as grandes e tremendas tragedias que tam intensamente o faziam estremecer e vibrar.

O mais antigo dos dramas sagrados parece ser o *Christos Paschon*. Esta Paixão bysantina como que estabelece e fixa as relações que ligam o drama christão ao drama grego. O drama christão procede do nascimento e da paixão de Jesus, o meigo e divino «pescador d'almas», cuja carne e cujo sangue se offertam no mysterio da Eucharistia. O drama grego vem da paixão de Dyonizos Zagreus, o mystico «caçador d'almas», despedaçado pelos Titans, cuja carne e cujo sangue symbolicamente se offertavam na Ceia da omophagia orfica. Zagreus, deus de origem barbara, filho de Zeus e de Persephone, desempenhou um papel importantissimo nas ceremonias das Confrarias orficas e nos mysterios de Eleusis, em que se representava o drama da sua paixão, morte e miraculosa resurreição, tal qual como o meigo e suave Nazareno é a principal figura dos Nataes e das Paixões, nos imponentes e deslumbrantes mysterios medievaes e nas representações dos *Confrades da Paixão*, que tam nobre logar occupam na historia do theatro antigo. De Zeus, o deus supremo dos hellenos, o pae das Muzas e dos Homens, ordenador do Mundo e galanteador amavel e persuasivo de Nymphas e Deusas, de quem o Jupiter dos latinos herdou a lenda e os attributos divinos, nasceu Zagreus.

A «paixão» d'este deus, de tam suave recordação, creou o orfismo, que se propunha completar as religiões publicas, sobretudo na parte relativa á moral e á concepção da vida futura. Constituida no seculo VI antes da nossa era pela juncção da tradição hellenica á dos outros paizes onde ardia o mesmo sagrado fogo de fé religiosa, consagrava o culto de Zagreus em cujo coração abrazado, salvo por Pallas, se reconstituira toda a substancia divina do joven deus martyrisado. Este mytho symbolisava a sua imortalidade e a migração das almas. E o orfismo rapidamente se propagou e desenvolveu nos «mysterios», cujo voto principal consistia no banquete sagrado em que os iniciados entre si repartiam a carne d'um touro em memoria do moço Dyonisos. Era o culto da omophagia em que os iniciados vestiam candidamente de branco envolvendo os seus harmoniosos corpos no linho macio, como o exigia a pureza das suas almas perfeitas. A approximação dos dois cultos conduz a identifical-os nos seus intuitos sagrados. A Ceia do Ritual Christão corresponde o banquete dos «mysterios» orficos, e as ceremonias rituaes em que, nos atrios sumptuosos dos ricos e opulentos palacios gregos, se celebrava a «paixão» do meigo filho de Zeus e a sua admiravel e prodigiosa resurreição. O velho mytho hellenico reproduzia-se, com as variantes d'um Ritual novo, mais apparatoso e mais commovente nas suas peripecias delicadas e tragicas, na amplidão magestosa das cathedraes, no meio das pompas magnificas d'uma *mise-en-scene* deslumbrante em que faiscavam, á luz das altas velas dos candelabros, as pedras preciosas engastadas nas mitras dos patriarchas e bispos. Nos espaçosos altares-móres das opulentas e artisticas igrejas medievaes, por entre o incenso votivo e os canticos dos iniciados, repetiam-se, adaptadas ás novas formas cultuaes, as grandes e luzidas ceremonias com que, nas epochas dos velhos mythos sagrados, as multidões devotas, purificadas nos sacrificios e cingindo a branca tunica do linho symbolico, comiam a carne do touro em memoria do deus de tam ineffavel doçura, que os Titans despedaçaram, mas do qual ficava,



LES LUTTEURS

(De Charpentier)

salvo por Pallas, o coração generoso que a seita orfica piedosamente e reverentemente guardara e adorava no recatado relicario da sua alma crente e reconhecida.

O *Christos Paschon* dos primitivos tempos da Igreja revive, portanto, no alvorecer do christianismo, o tocante e piedoso «mysterio» grego. Muda o scenario, modificam-se as ceremonias rituaes, imprime-se ao espectaculo um brilho mais intenso. Mas o fundo religioso da representação é identico — a purificação das almas para a mais facil conquista da Vida Eterna.

*

No cyclo dos «Mysterios» da Edade-Media, a «Paixão» occupa o primacial logar. A tragedia do Calvario foi o assumpto preferido, *ressurreciones mysterium*, como lhe chamam os liturgistas. Figuravam nelles a Virgem, Magdalena, S. João, Pilatos, os grandes Sacerdotes da Lei, e a pompa em que esses espectaculos se desenrolavam era tão magestosa, commovedora e deslumbrante que os fieis, no dizer d'um douto commentador, sentiam-se, por momentos, viver nos esplendores da Luz Eterna. A liturgia do Natal, com os seus canticos festivos, a luzenta estrella guiando os Magos, os Prophetas com as suas tunicas, os Pastores com os seus surrões, interessavam, seduziam, encantavam pela sua graça ligeira e tocante. E como a ideia que avassalava toda a Edade-Media era a religiosa, os acontecimentos decorridos desde o presepio ao Calvario constituiam themas de esplendidas ceremonias liturgicas. Nos conventos e nas igrejas, onde se erguesse um templo ou um palacio, essas representações eram tam sumptuosas e apresentadas num luxo tam estridente e profano, que o papa Gregorio IX, ao ter noticia das libertinagens introduzidas nesses espectaculos sagrados, logo acudiu com as *Decretaes*, prohibindo taes representações nos lugares sagrados, prohibição que depois o Concilio de Treves ractificou (1227). Essa intervenção pontificia era effectivamente necessaria. Não obstou ella, porém, a que os fieis pusessem de banda as liberdades e os equivocos que maculavam a pureza do acto liturgico, liberdades e equivocos que pelas edades adeante se desenvolveram e ampliaram até aos momos, danças e chacotas das procissões de *Corpus Christi*, e á galantaria depravada e lubrica das *Missas do Gallo* e dos *Presepios* dos seculos XVII e XVIII que obrigaram os bispos a proceder do mesmo modo que procedeu o papa Gregorio IX...

Foi no seculo XVI que a forma liturgica do Natal revestiu o maximo esplendor, especialmente em França. D'esse periodo fecundo em invenções e riquezas cultuaes o mais notavel dos «Mysterios» é o que se denomina *Nativité*, e fecha com o quadro intitulado — *Jeu des trois rois*. É precisamente nesse «Mysterio» que se allia ao mais alto mysticismo a mais despejada linguagem. Neste seculo de liberdade e de indifferença religiosa não se tolerariam as demasias com que os fieis então babosamente se regalavam. As rijas esturdias das *mouriscas* e das *danças das espadas*, no ritual do *Corpus Christi*, são d'uma ingenua e doce ternura confrontadas ás audacias da *Nativité*... Numa das scenas apparece S. José. O candido carpinteiro de Nazareth, surprehendido com a gravidez da Virgem Maria, não disfarça a sua tremenda duvida. Aproximando-se d'ella, entre terno e desconfiado, diz-lhe o seguinte:

Vous estes grosse, bien le voy,
pas ne direz que c'est de moy,
et puisque ainsoy estez ensainte,
convaicue estez et atainte,
or, suys-je certain sur mon ame,
qu'il est fol qui si fie en femme...

Isto diz S. José a Nossa Senhora, pondo em duvida a sua honestidade, numa absoluta ignorancia dos planos da Redempção. Nem nos *autos* de Mestre Gil, nem nas comedias de Cordel, nem nas trovas e chacotas do nosso theatro antigo e moderno se encontra coisa que possa egualar-se a esta scena sacrilega. Em contraposição, é nessa *Nativité* que se encontra a quintilha adoravel em que a virgindade de Maria é comparada á vidraça que o sol atravessa sem a offender:

Mais tout ainssy con la verriere
du soleil qui demeure entiere
quant son ray par mi oultre passe
que ne la brise ne la quasse
ainssy demeura ton corps sain ..

D'esta deliciosa quintilha, de tam alta e sublime inspiração, nasceu a quadra admiravel que o povo canta, em serões e arraiaes, e que a illustre escriptora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos incluiu, entre as poesias anonymas, nas *Cem melhores poesias liricas da lingoa portugueza:*

No ventre da Virgem Mãe
Encarnou divina graça;
entrou e sahiu por ella
como o sol pela vidraça.

Parece realmente d'hoje, pelo seu alto vôo lyrico e pela belleza da sua concepção, e tem quasi quatro seculos de existencia...

.....

FIRMINO PEREIRA.

ESPLENDOR, DECADENCIA E RESURREIÇÃO DO ESPIRITO THEATRAL (1)

IV

EDADE MEDIA

Os mysterios e os milagres

Com a queda do imperio latino e as invasões dos barbaros, uma grande confusão se estabelece na Europa.

A Arte parece estagnar. Em segredo, no socego dos conventos, vão-se preparando a poesia provençal e as maravilhas da architectura gothica.

O theatro, ante as invectivas dos padres da Egreja Christã, parece que vai desaparecer para sempre.

Durante os fins do imperio, na agonia da civilização latina, nada se poude fazer por elle.

A situação em que os homens estavam colocados, os gestos, que faziam, não attingiam a significação musical necessaria, para fazer vibrar os corações de toda uma assistencia como um só coração, numa exaltação colectiva e profunda.

A vontade de agir segundo os seus instinctos, apezar das hostilidades soberanas, que o rodeavam, elevara o homem ao heroi, assim como a exaltação de todas as forças reunidas num só feixe de vida, num só facho de desejo e de poder, tinha levantado o homem até ao Deus. Era isto o que imprimia aos personagens de Eschylo e de Sophocles a sua belleza extraordinaria e tragica.

Porém com a decadencia das raças, depois de Eschylo, o orgianismo dionysiaco e os herois eschylianos foram esquecidos. O homem regeita as vestes imperiaes e magnificas da vontade e da morte e gemendo encerra-se no seu coração isolado, exaltando as suas paixões e as suas dores. Julgou assim conquistar a sua consciencia. Toma de facto uma individualidade, mas deixa de ser um heroi.

É esta a principal caracteristica do theatro de Euripedes.

Depois vem a onda das farças, das mimicas e das comedias.

O theatro dos fins do imperio romano justifica as catilinarias violentas dos padres da Egreja.

E nos principios da Edade Media desaparece por completo.

Porém pouco a pouco, no meio da confusão primordial, vão-se organizando novos estados.

Os restos do direito romano, unidos ás tradições juridicas da Germania, vão regulando as relações sociaes.

---

(1) Continuado de pag. 89.

Surge o feudalismo, que põe termo á desorganização primitiva.

O direito internacional aparece-nos pela primeira vez.

As raças eram novas e fortes, crearam, pouco a pouco, a sua lingua, a sua litteratura e a sua arte.

As lendas, que se formam então, teem o duplo aspecto religioso e heroico necessario, para a creação da tragedia.

A religião christã tinha em si todos os elementos proprios para a resurreição do espirito tragico.

O desvario de todas as paixões provém deste simples facto, que se apresenta como termo definitivo de todo o valor — a morte.

O espirito tragico Eschyliano vai além della. Domina-a. E, acceitando-a, encara simplesmente a necessidade dum acto. Os herois de Eschylo não agem sob a pressão do medo da morte, agem impulsionados pela vontade inabalavel de praticarem um acto necessario.

Grande, como elles, appareceu Christo ás multidões, dominando a morte, com os olhos doces fitos na necessidade da Redempção.

A sua heroicidade exaltou os povos até á exteriorisação do Mitho e da Arte.

Encheu de enthusiasmo o peito das gerações, que assistiam, nas naves das cathedraes, á celebração dos mysterios ingenuos: «*Ah! si j'étais là avec mes barons!*» Esta phrase dum rude senhor feudal é absolutamente caracteristica.

O heroi christão é triste e ingenuo. O seu amor profundo pelos homens liga-se intimamente á ideia da morte.

Nelle reaparece o espirito tragico, augmentado com um novo elemento, desconhecido até então — *a vontade humana.*

Porque Christo não obedece á vontade do Destino, não parece mesmo obedecer á vontade de seu pae, age segundo a sua concepção da vida, segundo a lei da sua vontade pessoal.

Por isso mesmo, a enorme riqueza da vontade, do livre arbitrio, trazida pelo novo heroismo religioso, toma em breve a expressão desconcertante dessa mortificação prégada pelo christianismo, que eguala a falta de alegria da tragedia de Euripedes.

E é assim que Christo preocupa continuamente as almas medievaes.

Em breve, como comemoração os homens iam representar a tragedia da Paixão.

Ante os porticos das cathedraes, os mysterios iam revelar aos homens rudes e ignorantes as coisas maravilhosas feitas pela fé.

O theatro medievo arroga a si a missão da corporação dos pintores de Sienna, que inscreveram no artigo primeiro dos seus estatutos esta phrase ingenua e piedosa:

«*Nós somos aquelles que revelam aos homens rudes e ignorantes as coisas maravilhosas feitas pela Santa Fé e em virtude da Santa Fé*».

A tragedia christã reveste duas formas: o *Milagre* e o *Mysterio.* Ambos elles surgem em França, segundo Gaston Paris, entre os reinados de Luiz VII e de Luiz IX. O primeiro mysterio, obra culta feita pelos clerigos, chama-se «*La Representation d'Adam*», o primeiro milagre, de origem popular, chama-se «*Le jeu de Saint Nicolas*».

E d'ahi em diante o mysterio conservou sempre o seu typo de superioridade, que lhe provém da sua origem culta, sobre o milagre, obra grosseira do espirito popular.

O mysterio adquire a sua forma definitiva em 1420 com a «Passion» d'Eustache Marcadé.

Jean Michel depois dá-lhe a sua perfeição absoluta. E em breve esta forma de theatro vai espalhar-se por toda a Europa.

Mas com o livre arbitrio, que triumpha na edade media, os homens enca-

minham-se cada vez mais para o isolamento, affirmando cada vez mais a sua inconsciencia.

A tragedia christã como substancia e como influencia fica muito áquem da tragedia grega primordial.

Em todo o theatro da Ante Renancença e da Renascença os acontecimentos aparecem-nos quasi sempre involuntarios e a necessidade entra sempre nos dominios do acaso e do imprevisto, apesar do «Deus ex machina» da vontade divina.

O sentido orgiaco da tragedia estava perdido. No meio social, as raças empobreciam-se. A fé ia ser abalada pela reforma religiosa. O velho espirito christão, que tinha originado o Mysterio, começava a morrer.

Florença, sob o dominio dos Medici, ostentava o seu scepticismo em materia religiosa, adorava as bellezas do paganismo greco-latino e deliciava-se na leitura de Platão.

É o momento em que Sandro Boticelli abandona as madonas e pinta as maravilhas do nascimento de Venus e da Primavera.

Em França a pleiade vai tentar o resurgimento do paganismo.

As comunas triumpham. O poder real começa a nivelar a sociedade. As raças enfraquecem-se.

V

RENASCENÇA

Wiliam Shakspeare. — Jodelle

Com a tomada de Constantinopla pelos turcos, o movimento de resurreição da arte antiga; fracamente desenhado no seculo XV, vai tomar um novo incremento.

A Arte, que se paralysava, estagnada nas formas barbaras, que o ascetismo religioso lhe tinha fixado, vai-se impregnar de vida.

Sob a designação de santos, de martyres, de madonas, e de Christos, a antiga forma vital do paganismo vai renascer.

Já em Sandro Boticelli, sob o sorriso ingenuo das virgens, se presente a voluptuosidade de Aphrodite.

A philosophia, desprendida da escholastica, renasce na Holanda com Erasmo e na Inglaterra com Bacon.

O Principe de Machiavel vem formar o tratado da nova politica, a politica individualista da *virtu*.

Em França a Pleiade escrevia versos maravilhosos e reunia-se em seguida para celebrar mysterios pagãos.

Na Allemanha Albrecht Durer fazia meditar os espiritos com as suas alegorias desanimadoras e profundas, e o espirito illuminado de Martinho Lutero ia lançar a ideia da liberdade do Pensamento.

Ao occidente Portugal e Hespanha voltaram-se para o mar.

O espirito theatral, que agonisava sob a onda assoladora das farças e moralidades (1), vai resurgir tambem com o espirito extraordinario de Shakspeare.

Shakspeare faz parte do grupo indivisivel, formado por Homero, Eschylo,

(1) Vide Joachim du Bellay, carta a Etienne Judob.

Job, Dante, Rabelais, esses homens, que dominam as gerações terrestres, que synthetisam uma raça ou uma epocha.

Um critico inglez chamou-lhe: «uma voz na natureza». É talvez a sua mais justa definição.

A sua obra não tem nada de local nem de pessoal.

Abrange todos os povos e contém todos os seculos.

A Barbarie e a extrema civilização encontram-se nelle representadas pelos seus typos mais perfeitos.

«A um dos extremos desse palco immenso, diz Paul de Saint Victor, Otello ruge como um tigre, num drama quente como a zona torrida: no outro polo Hamlet passeia a hypocondria do Norte num fundo tremente de aurora boreal».

Os dramas sombrios da Historia surgem na sua obra com todo o esplendor do sangue e da morte.

Dos fundos sombrios da prehistoria lendaria e primitiva aparece, numa aureola predestinada de crime, o par sombrio, Machbeth e sua mulher.

Hamlet surge-nos como um symbolo philosophico da renascença visto atravez dum prisma de loucura.

A historia terrivel dos Plantagenets cheia de crimes e de assassinios legaes, em que membros da mesma familia se matam, se inutilisam, vem-nos relembrar a furia dos Atrides, mas perturbada, por alguma coisa de ignobil e de torpe.

«Orestes, diz Paul de Saint Victor, era conduzido pela mão de marmore de Nemesis; Ricardo III é conduzido pela pata caprina de Satan».

E esta phrase não só define a differença, que ha, entre a historia dos Plantagenets e a Orestiade como tambem accentua a differença profunda entre a tragedia shackspeareana e a tragedia grega.

A morte e o assassinato revestem entre os gregos a serinidade augusta, a nobre plasticidade da estatuaria do periodo aureo, ao passo que nesse sombrio mundo mediavel, que Shakspeare evoca, apavora e enoja, porque o rictus convulsivo do assassino revela a epilepsia sinistra da besta.

Roma evocada não vem com a correcção augusta, que o tempo lhe forjou.

Em Racine e em Corneille mais tarde os personagens surgem dignos e polidos, aliando-se á grandeza do scenario romano, mas por isso mesmo só de Roma nos mostram a façada augusta. O resto, o que se move por detraz dessas figuras abstractas, escapa-nos.

Com Shakspeare penetramos no fundo das coisas.

O seu genio, quando evoca, não evoca por personagens, evoca por multidões.

E todos os barulhos confusos, todos os mil sentimentos, que se agitam num povo, se percebem e se distinguem nitidamente.

O seu estylo tem tanto de energia como de graça.

Esse creador de colossos é um cinzelador de joias.

Assim depois das brutalidades sangrentas da tragedia encontramos nella a graça ligeira do «*Sonho duma noite de verão*»...

As fantasias, que elle intercala nos seus dramas recordam pela riqueza e complicação do detalhe os arabescos da Renascença, cujos festões de folhagem terminam em bustos de satyros ou figuras de nymphas, tendo na cabeça, como um barrete phrygio, o calice duma flor.

O theatro de Shakspeare resume toda a energia theatral da Renascença. Fóra delle só encontramos farças mesquinhas, ou um theatro embrionario.

Em França a Renascença theatral foi de pouca importancia, contudo é preciso mencionar a «Cléopatre» de Jodelle, porque foi o modelo do futuro theatro superior do seculo XVII.

Nos meados do seculo XVI, Joachim du Bellay escrevia ao poeta:

«Quant aux comoedies et tragoedies, si les roys et les républiques les vouloient restituer en leur ancienne dignité, qu'ont corrompue les farces et mora-

lités, je seroys bien d'opinion, que tu t'y employasses et si tu veux faire l'ornement de ta langue tu sçoys où tu en dois trouver les architypes».

E foi para realizar esta aspiração da pleiade, com o impulso nobre e confiante das ambições raras, que Jodelle escreveu o seu poema tragico «Cléopatre».

A «Cléopatre» é um longo poema, massador por vezes, mas que tem aqui e ali, algumas scenas de valor. Contudo é de tal forma superior ao theatro francez da epocha, que obteve um legitimo sucesso no Hotel de Rembouillet, onde foi representado pela primeira vez.

É curiosa a influencia do Hotel de Rembouillet na litteratura franceza. É da sociedade litteraria, que aí se reunia, que sairam os novos generos da litteratura franceza: a tragedia e o romance psychologico.

Estava então muito em moda o retrato.

Eram mestres neste genero Balzac, Rotru, Voiture e Scarron. Nelle se ensaiou madame de Lafayette, que assim começou a exercitar o poder de penetração psychologica, que vai revelar na «Princesse de Clèves» o primeiro romance com intenções de estudo da alma humana.

(Continúa).

Gustavo Ferreira Borges.

FABULAS

Moral: — subst. fem. — Sciencia de regular os costumes com respeito ao honesto, virtuoso, e decoroso, segundo a Ethica.

Diccionario de Moraes.

O LOBO E O CÃO

Portão de quinta farta e calma. Voluptuosamente deitado ao Sol, um cão gordo dorme. Aparece depois um lobo mendigo, que vem da longada. Não é, porém, o lobo que devorou o cordeiro, o senhor na força da idade, com olhos fosforecentes, bôa peliça cinzenta e guela vermelha como um incendio escancarado. E' um pedinte tropego e humilde, como se vae ver do mais que segue, o qual começa por este monologo do lobo, olhando o cão feliz:

O LOBO

Ser cão ou não ser cão... Eis o problema! Oh!, como este meu primo é ditoso, ditoso por ser tão gordo, ditoso por dormir tão descançado!... A sua pelagem é brilhante e macia, e decerto por ella paira ainda o perfume da dona que o afaga.

Ser cão ou não ser cão: sim, eis o problema! O mundo cada vez está mais para os cachorros, para os conservadores pacificos como este meu regalado primo, que os Estados protegem com especial carinho... E cada vez está menos para os lobos, para os poetas como eu, para os quaes o preceito da Carmen foi o rumo incerto da vida: — *La chose importante, — la liberté!...*

O CÃO *(que acordou neste momento)*

Ó primo, como estás magro! Pois em verdade és tu — o primo Lobo? Es tu, que, nos pinhaes, á noite, acendes diante do caminheiro as lanternas demoniacas dos teus olhos, e que, pela magia do teu fluido terrifico, lhe arripias de longe os cabelos do corpo?

O LOBO

Qual! já não ha caminheiros, e quasi não ha pinhaes. Agora, só os automoveis enchendo de fedor as nossas solidões...

O CÃO

Primo Lobo, sentes talvez remorsos de ter devorado o cordeiro?

O LOBO

Tempo de ceias alegres, antes da minha imensa dispepsia! Não tens um osso que me dês, primo Cão?

O CÃO

A tua miseria enternece a minha cauda! Escuta. Estou contente, sabes, meu velho? Acabo de penetrar glorioso nas Academias, em premio da minha obra — *Arte de se encolher diante da Chibata*. E a alegria da gloria faz-me doce para comtigo... Proponho-te ficares aqui na quinta, desempenhando as funções de cão de guarda. Não irás ao salão, mas terás bôa comida. Convem-te?

O LOBO

Se convem! Estou tão faminto...

O CÃO

Mas desde já te previno: — nada de soberbas! Disseram-me que tu já uma vez recusaste a coleira que um cão apiedado te oferecia. Espero que não terás agora o mesmo estupido preconceito. A coleira é a honra dos cães. Que desejam, afinal, os Lobos orgulhosos? Apenas isto, no fundo: — usar coleira! A coleira indica que não somos vagabundos, mas que temos a honra de ser escravos. Emfim, a coleira é a gravata que te falta para seres honrado e limpo...

O LOBO *(suspira; faz um esforço derradeiro para recusar; mas logo, muito humilde)*

Venha a coleira, venha... Tenho tanta fome, e estou tão velho!...

A RAN E O BOI

Num prado verde, á beira da agua, um boi pasta, emquanto em volta delle as rans coaxam, saltando.

CÔRO DAS RANS

Como elle é grande, grande, grande! Como elle é grande ao pé de nós, que somos piquenas, piquenas! Elle foi deus no Egipto, por ser fecundo e tamanho! E nós em parte alguma fomos deusas, e só se fala de nós numa historia ridicula da Electricidade, que nem figura na *Aida!...*

Como elle é grande, grande! Oh, como elle move com lenta graça a sua cabeça de deus veneravel e augusto! Oh, como os nossos vestidinhos verdes são pelintras ao pé da pelagem do Apis dourado!...

UMA RAN *(d'entre o côro)*

Quero ser grande, grande, grande como elle é!

O CÔRO

Louca irman que falaste! Como poderás ser tamanha, tu, pequenina e destinada a ser a baleia das poças de agua!

Como elle é grande, grande, grande! E nós, pequeninas, Senhor!

A RAN

Quero ser grande, grande, grande como elle é, e hei de sê-lo!

O CÔRO

Elle nem dá por nós! Nem sonha que existimos! Do alto da sua grandeza, como poderá ver-nos? E emquanto nós coâxamos, vede o sabio que pasta, que pasta higienicamente os manjares da *Nutricia!...*

A RAN

Irmans, a minha ambição é uma torre erguida na planicie das vossas modestias! Ouvi-me e obedecei-me. Vedes esta palhinha? Vou metê-la na boca, e vós assoprareis até que eu inche, inche, inche, e seja grande, grande, grande como elle é!

O CÔRO

Irman, nós assoprâmos. E que uma d'entre nós resgate a nossa raça!

(Começam a soprar).

O CÔRO

Já ella incha, incha, incha, para ser grande, grande, grande! Já a caminho vai de ser como é o Boi! Gloria! Gloria! Evohé! Viva o Livre Pensamento!...

(Param de soprar).

O CÔRO

Cuidado, irman, cuidado... Fica-te assim, que rebentas se nós assoprâmos mais...

A RAN

Soprae, covardes!

(Continuam a soprar).

O CÔRO *(com terror)*

Vais estoirar!

A RAN *(estoirando)*

Que importa? Um momento — eu fui grande!...

A MONTANHA PARINDO UM RATO

A MONTANHA

Sinto cá no meu ventre um mundo que remexe!... Vou dar á luz outra montanha, ó deuses! O meu bébé será o Cabo Adamastor! Meus roncos surdos e longos atrôam os horizontes!...

(Sae um ratinho).

AS ARVORES *(cheias de respeito)*

O filho da montanha é tão vasto como ella! Encolhâmos os nossos braços, não vá o gigante incomodar-se!

OS VALES *(com veneração)*

O filho da montanha enche as nossas profundezas! Façamo-nos maiores, para que elle caiba!

O MAR *(aquietando as ondas)*

Se o filho da montanha em mim se vem banhar, sou obrigado a invadir os continentes, e Nosso Senhor prega-me uma desanda!

O FILHO DA MONTANHA *(olhando o mundo do alto do seu desdem)*

Que imensidão a minha!...

AFFONSO LOPES VIEIRA.

CANDEIAS, O RUSSO

(EXCERPTO)

.....

Candeias, sempre levando ao hombro a espingarda e a choupa dos moinantes, seguiu direito ao monte, calculando ter tempo de os ir ver passar á estrema do Malheiro, que é por onde partem as terras do Pocinho, conforme o aceiro de seis regos, todos os annos renovado.

— Dobra esses sácos e leva-os, disse elle então ao zagalo, por aquelle carreiro, percebes? a uns malteses que vão lá fóra ás terras mortas...

Seguiu o moçalbete o carreirito, e Candeias cortando por um cabeço d'azinheiros, sem dar conta ao maioral da lucta havida, a cada instante parava a espreitar no vale as passadas dos tres homens.

De cima da encosta via-se todo aquelle mar de ramas novas, em movediços novelos, cinza-claro, intercalados de troncos e pernadas; e nesses troncos, fazendo ulceras, lickens brancos, amarellos-vermelho, côr de chá; ou nalguma cária dos lenhos, tressuando sania, musgos profundos, abriam escarcélas de veludo vivo, verde, com reflexos d'oiro em furta-côr.

Havia na floresta calvas de arvoredo, e ahi o declivoso chão mostrava variedades sem par de plantas e de côres: agora em macissos sombrios, moitas d'esteva, untadas de rezina, que o sol tocava de lampejos; logo urzes palidas do regêlo de inverno, em palmitos lilaz d'uma elegancia fina e triste; medronheiros retintos, macissos de rasmono e cebola alvarrã; e pelas tócas dos troncos, á sombra das fragas, em sitios d'agua e de penumbra, folhas de jarro, turgidas, tufando em açafates de corações heraldicos; ou pelos ilhótos de rocha, hirsutas grenhas de murta e gilbarbeiras, aquella abotoada de martunhos, cheirando a igreja, cobertas de bagas vermelhas estas, detalhas, erissadas de pontos, como coizas de bronze ornamental...

Na outra encosta eram já terras limpas de Malheiro, de côr ferrenha e rubra, que as charruas acabavam de rasgar; e ainda sobre a curva de outeiro passava uma, a quatro juntas e que parecia imensa no ceu alto. Hieraticos de esforço, em parelhas solemnes, os oito bois retezavam as tiradeiras de coiro e fio de

*

pita, estendendo os cachaços, estriando as montanhas de carne das côxas, misturando os chavelhos em WW de symbolo e de ornato; e com aguilhadas de vara, antigos como o mundo, os singeleiros picavam as ancas dos mais sonsos, cantavam aos bois melopêas barbaras incitantes; e aquilo no ceu tinha a grandeza d'um friso babylonico, emquanto as ségas lentas retalhavam a terra, que a aivéca ia voltando, sob um estalar de raizes, em fumegantes talhadas, onde as alvélvas famintas se abatiam.

Em baixo, entre as duas elevações, havia um vale estreito, com um barranco de freixos nús riscando o ar, e que se ia ondulando entre os veludos humidos da relva, onde já as primeiras comomilas gravam de floritas. Ahi, longe da gente, na calma inviolada dos campos, bandos de abibes voejavam em saltos, todos de pennas, com gritinhos efemeros; e Candeias ergueu para as terras lavradas uns poucos d'esses bandos, que antes de poizar pairavam hesitantes, mui da lavrada ao rez, como escolhendo piso propicio para o pasto. Ao acercar de barranco sentia o cheiro penetrante das menthas, rente á agua, e logo de surpreza as rãs saltaram das margens, e os kágados ao sol nas pedras deixavam-se cahir nos pégos com um *flhau!* de coisa gêba que resvála.

Tres ou quatro narcejas ergueram-se dos lodos com vôos tremulos e baixos de passaros cacheticos, e foram descendo móles o leito do barranco, a amadorrar mais longe... Em tudo havia um socego patriarchal de terra esquecida da morte; genios mysteriosos por ventura guardavam a harmonia d'aquelle rustico bocado em que não havia senão felicidade e paz e bem estar, a ponto que a propria calma floresta parecia rir pelas barbas brancas dos lickens e as grandes bençãos que os ramos cahidos davam, avergando de folhas e bolotas.

Apesar da desnóca nos maltezes, não estava Candeias satisfeito, emquanto os não visse ao largo das avistadas da fazenda, fóra do perigo de se amagurem nas hervas, para quando o topassem descuidado. Desceu a encosta, canto, chegando-se á ourella do ribeiro onde o labyrintho das faias e dos freixos o emboscariam no bardal das folhas moveis e cerradas. A poucos passos sahia a carreteira do montado, galgava uma ponte velha, em dorso d'asno, para cingir-se rez da outra margem, onde já eram terras de Malheiro. A fonte, coberta de trepadeiras, era mui estreita, com amuradas altas de tijollo, todas roídas, a calçadinha em circumflexo sobre o arco, onde só se podia passar a um de fundo. Ás duas bandas, vimeiros de folhagem meúda, faziam tufos, metendo n'agua as raizes insaciaveis. Por cima, faias brancas enormes, freixos de cabeçorras hirsutas, enredados da trepadeira que lá chamam *uva de cão,* e dá uns cachos verdes e vermelhos, co-

briam de doceis frondosos o caminho, que era mysterioso e toucado d'uma penumbra verde e pastoril.

Por ali deviam passar os tres moinantes, e foi onde Candeias se poz, num sitio escuro, d'onde os visse afastar té largo trexo. Ainda vinham longe, já as altercantes vozes estrugiam, chegando á orelha do guarda por forma a lhe açular a espreita, e lhe fazer chegar o rizo á boca. Era o caso do que escapára da tunda, apanhando os mais feitos num bolo, vir á frente invectivando a vergonha de se terem deixado bater por um findorga que nem valia os sequilhos d'um jumento.

— Tivesse eu a espingarda! tivesse eu a choupa nas mãos como vocês! dizia com uma voz furiosa o homem ileso. A mãe santissima de Ayres me defenda! que até eu cegue aqui na mesma da hora, se lhe não esfatachasse as tripas como quem esfatácha couve em caldo verde.

— Mas tu estavas presente á mina, e desataste a fugir quando eu cahi...

— O que eu não estava era armado! o que eu não podia era prever que vocês haviam de se deixar assim desfeitear. .

— Barafustas depois do perigo passado. O seguro morreu de velho, e acho que deixou bastantes filhos.

— Que estão vocês a fallar? Que estão vocês a fallar? Era melhor que tivessem mais rijeza nas unhas, e se não deixassem ir de patas ao ar, como texugos. Que até os cães teem vergonha! Deixarem-se bater por um ouriço d'aquelles! Dois presumpçosos do povo! Dois cantagálos que toda a terra é pequena para a sombra que espalham, como se fossem torres ou montanhas.

— Se elle vem outra vez, accrescenta as pernas co'a lingua, que então é que fóges lampeiro, pois lá comprida é ella, ó Ferrabraz...

— Eu se fugi foi por não deshonrar as barbas de meu pae. Faz-me nojo ver dois homens sujeitos, sem a terra se abrir para os tragar.

— Bem fias tu do estado em que as cacetadas de Russo nos pozeram. D'outra sorte porias ponto, ou não fosse eu quem fui quando era são.

— O que eu pedia a Deus era sahir-me o fideputa n'um sitio onde pudessemos cantar sem testemunhas. Que veriam vocês como se briga, e nunca elle havia sentar como sentou.

— Não te desgraces, Roldão, que não é preciso, dizia por entre bofadas de angustia, o da mócada nos cascos.

D'ahi que se vai a dizer da cobardia de tres robles que se deixaram bater por um caniço? Como fica a fama de Selmes, emporcalhada por um potranca da Cuba, medrado c'os restos

do esterco que as parelhas deixam nas bracieiras da estação? Vocês amágam. Mas isto não fica assim. Ha-de haver sangue!

Possivel, dizia o manco, que vista a coragem, já elle te faça até posthema nos fundilhos.

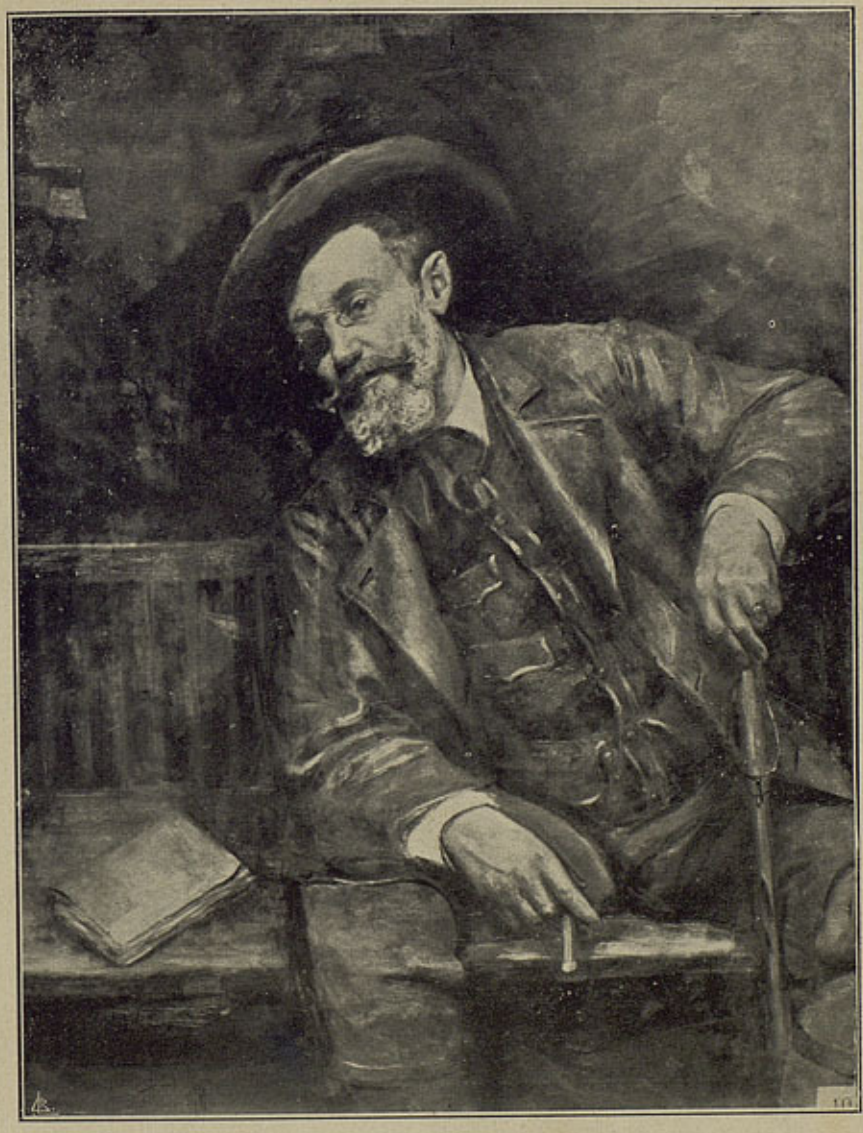
— Chufa á vontade. Que não viverá quem não vir como um homem trata fanchinótes.

Os estropeados riam, e o da mócada, fornido em lerias d'autos: — Entra a vara da minha justiça pela minha creada! clamava com um gesto cynico de lançaróte, o que extraviou por completo o fanfarrão.

— Vocês não me creem, vocês não teem fé! gritava elle num bracejar de possesso. Porque eu sou curto de pernas, faqueta de corpo; nem no ventre de minha mãe cabiam fandeirões d'essa escumalha! *(batia com força no peito)*. Mas a alma é valente, a ousadia sobrante! E elle que venha! elle que venha, com um milhão de raios! direito a mim.

.....

Fialho de Almeida.



ANTONIO BATALHA REIS

(De Zoé Batalha Reis)

QUARENT'ANNOS DE BLAGUE

ANTONIO BATALHA REIS

Batalha Reis nasceu em... E olhem que indiscreção a minha! Porque se eu agora ali acrescentasse, como a uma garrafa de lidimo Porto, a data de 1815 ou 34, quem havia de crer-me nesta terra de descrentes? Dizer a edade do Batalha é uma impolidez ou um pleonasmo, porque elle alli está fresco qual um pero saluberrimo, peito forte e largo, dorso rijo como uma armadura toda recheada d'aço...

E que me importam os seus cabellos raros, os seus oculos estravagantes, o seu alfinete antigo, a sua velha amizade e a sua, genuinamente sua, philosophia peregrina, se elle é, e ha de ser, e ninguem pode duvidar que elle tenha sido sempre, um rapaz, um garoto — perdoa, Batalhinha? — mas um garoto unico, Benjamim de todos, dos velhos do seu tempo, dos seus contemporaneos e daquelles que, como eu, podiamos ser seus netos? E lá vem, com este parentesco inopinado, a recordação á edade! Mas para que adivinhal-a, se elle é o sempre moço, trocista cheio de vivacidade, não poupando um *bon mot* embora a sós com um cretino, e prendendo todos que o escutam no interesse raro com que desenha, no sabor guloso ainda com que pinta e no imprevisto com que vae desdobrando a scena? Foram a adivinhal-o, eu juro-o, aquelles dois versos de Castilho:

Velho que dança na boda
Parece velho e é rapaz...

É elle mesmo, com o sorriso a ponto, sublinhando o dito alheio, o acontecimento... Mas ninguem o vá buscar, escusam de pensal-o, ninguem delle pretenda para o detalhe viperino, porque o Batalha não ajuda nem se contenta de que vão talhando nas costas de quem passa. E não esquecerei que ha dois annos — ou trez talvez

— quando meia Lisboa corria velocissima, com a thesoura, na critica a alguem que deslumbrára, *épatante,* com dois bailes de sucesso, e muitos vinham a juntar alguns capitulos ao escandalo saboreado, o Batalha repugnado os repellia: — «Homem, pare lá com isso! Tanto tenho ouvido maldizer dessa creatura que, só por isso, tenho a certeza de que nem metade do que você faria e desejava para si lá succedeu!»

Ha temperamentos raros nesta vida e o meu modelado é seguramente um delles. Que nunca ninguem delle se approximou preoccupado que d'ahi a instantes não socegasse calmo, pois nelle encontra já não apenas animo e consolo, mas voz amiga e um, soffrido por vezes, conhecimento dos homens e das cousas, que os romances não alludem nem a imaginação saberia desconfiar.

Elles e ellas lhe batem á porta numa vicissitude extrema, na demanda de um conselho precioso; e, mil vezes, envolto no conselho, se esconde o meio de o tornar flor e fructo desejado. Elles e ellas, disse. E não queiram ver aqui uma reticencia mal cabida, antes creiam apenas que o Batalha sabe, melhor que muitas mulheres, confessar e calmar um espirito de mulher. Porque elle tudo previa já: sabia *delle,* sabia *della,* e se ha mais tempo o não disse — perdoe agora — é que não queria roubar-lhe esses instantes de ventura em que ella se repastava feliz e gloriosa dum amor ephemero...

Mas ha 'inda um meio! E alli, naquelle encantador retiro da Avenida, quando a tarde dece friorenta, as folhas cahidas, seccas, rolam apressadamente nos bicos dos pés e tudo se enevoa de poeira, nessa tranquilla salinha, aquecida brandamente dum fogão, ha duas almas cuidosas e dois casaes de olhos suspensos a ler melhor no destino. Após uns leves dialogos, hesitações, conselheiro e aconselhada convêem num ponto que será ainda a melhor hypothese. Já não ha lagrimas, mas o vago de um lenço branquissimo que as enxuga, e a voz commovida, convalescente ainda, de uma mulher que compõe o chapéo, se envolve da pelle e com uma felicidade tranquilla se despede: «Adeus, Batalha, e dá-me um abraço porque és bem meu amigo!» E d'ahi a instantes, daquella porta discreta sae uma alminha nova a restaurar um corpo que se julgára fanado. Ha frio, e o vulto ondula, lá longe, transido do vento levantado e cortante...

Eu me arrependo destas palavras! Porque os senhores estão a pensar que elle não passa dum Sherlock a conjecturar as mais lucidas hypotheses. Ora por amor de Deus! Eis desconcertado todo o carinhoso interesse que eu consagrava a esboçar o meu modelo... Mas agora reparo: talvez não. Quasi têem abundante

somma de justiça: sim, o Batalha adivinha, mais ainda, antecipa-se aos vossos desejos de serdes adivinhados. O senhor está ahi a fallar e mal se percata quando elle lhe está, em silencio, esmiuçando a cara, rebitando as pregas do nariz e reflectindo sobre o insinuar dos labios. E cada gesto seu será apenas uma superabundancia, cada palavra um appendice inutil, porque, se o senhor não passa dum safado, sem o ouvir todo, elle apenas dirá a seu respeito se alguem lhe perguntar opiniões: «Diabo, não gostei nada daquelle nariz!». E emquanto os presentes se olham confusos, ei-lo a gosar a suspensão e a explicar depois o seu systhema de phrenologia todo apoiado nos narizes... Ha de referir mil historias, a começar todas pelo introito: «Mas quer você ouvir? Ora uma occasião, tu comprehendes, isso 'tá entendido, filho...» e segue uma deliciosa anedocta que eu não ouso imitar quanto mais reproduzir.

O senhor não é amigo do Batalha? Pois só é feliz por esta circumstancia: vê-o partir sem ficar desconsolado. Porque elle é positivamente um saltão: hoje esteve em minha casa mas, tendo sahido de madrugada, já d'ahi a momentos aspirava em Vizeu os mais aromosos mostos, segundos passados, numa *enjambée,* via pelo Alemtejo as adegas aprestadas, no dia seguinte estava hospede do sr. Grandella, nessa mesma noute descia do *Sud* para ir jogar a sua partida *chez* M.me Ribeiro da Silva, e na manhã seguinte, ás dez, está no Rocio, fresco, quasi perfumado, de sorrisinho mofino, num ar cambiando a todos os sucessos e, dando dois dedos de recommendação ao seu groom, sobe de novo para o *Sud* a dar um recado alli em Coimbra nas missões oenotechnicas...

Aquelle escriptorio do Batalha! Nunca lá entrou? Eu lamento, creia, porque aquelle é um escriptorio unico. Tem quatro palmos quadrados: mas nem quatro annos lhe chegariam, meu caro, para inventariar esse castello de cartas, retratos, retratos, immensos retratos alheios e proprios. Um leve bafo deitaria tudo aquillo abaixo — e aquillo tudo está alli ha annos, numa disposição, num cunho inimitaveis. E a proposito de um retrato seu, tirado na Madeira — o Batalha já esteve na Madeira, em Roma, Honolulu e na Cappadocia — ouvir-lhe-hia que, tendo ido lá em missão gravissima, o povo que o via indifferente aos odios e interesses dos viniculltores, murmurava contente: «Hum... A este não intrujam elles! Até trouxe um oculo preto para ver o vinho tinto e o outro a claro para ver o vinho branco...».

Pois ahi se reunem ás vezes cinco e seis pessoas... fora homens e creanças. Se o senhor repelle tal companhia, escute-o num dia em que elle esteja só, embora seja muito difficil. É como uma audiencia ou um *rendez-vous:* peça-lhe primeiro o dia. E será encantado. Entrará ás duas, quando o sol é ainda luminoso como

uma braza sobre lilazes, e ouvirá dos sucessos d'ha trint'annos com um detalhe, uma minucia raras. Elle conhece a vida de ha quarenta e cincoent'annos como os jornaes e as pedras do tempo já não dizem. Está o senhor tentado de lhe adivinhar a edade, mas p'ra quê? se elle ha de narrar-lhe proezas de ha mil novecentos e doze annos quando o Christo, já muito amuado com os Romanos, dava os primeiros signaes de si... Terá a ideia estranha de que o Batalha é na sua boceta um alchimista, um anachoreta, — tudo quanto quizer — quando anoutece, a luz se amorna e esvae, as sombras se espiritualisam, vivem, rondam, imponderaveis, como miasmas. A ouvir esses trechos do Portugal antigo hão de acudir-lhe as gravuras velhas que já viu, de madeira, todas negras, as pontes de pedra, em arco, as saias crinoline, as diligencias, a mala-posta e, pela noute, entre archotes, os instantes activos da muda de gado. Pela estrada fóra, arida, deserta, mal afamada, hão de guisalhar os cavallos da imperial, e todo o seu corpo se confrangerá consolado num «Ahh» muito quente ao sentir-se nessa salinha tepida a ouvir um homem de quem o Theophilo foi caloiro vulgar, e usou convivio com Anthero, Ficalho e Eça, Corvo, Aguiar e Lapa — toda uma geração de valores que se recorda nesse ambiente morno e vago, como se fora mais propicio a evocar estes espiritos quando agora é noute e as palavras parecem cahir mais nobres e profundas.

Mas não queiram concluir, por maneira nenhuma, que o Batalha seja assim apenas um colorista retrospectivo. Qual! Que alli onde o vêem, sabe onde se vendem hoje os perfumes mais subtis, quem delineou a mais ridicula caricatura no *Asinus* ou no *Simplicissimus* e conhece todo o creaturo-lá que está hoje promovido a litterato consentido.

Parece feio nem um só defeito apontar: e um só, na verdade, lhe conheço: é duma intolerancia atroz! Está a gente contando um caso, dizendo de sua justiça, e logo elle, sem mais prevenção, interrompe: «*Homem, não é nada disso!*» E assim, mal avaliam o receio com que estou a escrever as palavras finaes deste artigo, porque já o presinto a reprehender-me incredulo: «Homem, eu sou lá nada disso!»

Mas não tem razão, Batalha...

Lisboa, 13 de junho de 1912.

João Maria de Magalhães Collaço.

PHANTASMA AQUATICO

De «*Die Nordsee*», de H. Heine

... com o pensamento todo ocupado naquella agoa, se lhe afigurou que vira nella hum vulto de mulher tam proprio ao parecer de Arima, que lhe vieram as lagrimas aos olhos... Estando elle assi embaraçado naquella visão correndo polo pensamento cousas passadas que renouadas o faziam tam triste como nũca fôra por causa nenhũa, desejando saber o fim do que vira, ouuiu fallarlhe de dentro dagoa como mulher dizendo: Nam sei que buscas Avalor aqui.

Menina e Moça, 2.ª parte, cap. XXII.

(Epigraphe do traductor).

Sentado junto á borda do navio,
Ia, absorto num sonho, contemplando
As aguas espelhadas.
Fundo e mais fundo sondam meus olhos,
Até que lá bem fundo,
Mesmo no fundo do mar,
Primeiro, como nevoas indecisas,
Mas cada vez mais nitidas nas côres,
Descubro torres, cupulas de egrejas,
E uma cidade inteira, emfim, bem clara,
Com um velho ar flamengo,
Cheia de animação.
Cidadãos graves de capa negra,
Collar branco enrocado, grilhão d'honra,
De longa espada e longo rosto,
Atravessam a feira rumorosa
Para os paços do burgo, de alta escada,
Onde marmoreos imperadores
De sceptro e espada estão de sentinella.
Perto, ao longo da extensa casaria,
Com janellas luzentes como espelhos
E tilias aparadas em pyramide,
Vão meninas com sedas roçagantes,

Corpos esbeltos, rostos como flores,
Que castamente enquadram toucas negras
E, dellas soltos, os cabellos d'ouro.
E, em seus garridos trages á hespanhola,
Passam os moços presumidos
E saudam.
Caminham as velhas donas,
De escuro e antiquadas modas,
Na mão o rosario e o livro,
Com seu passinho appressado,
Á grande cathedral, onde a chamá-las
Está dobrando o sino, o orgão geme.

Appossa-se de mim do som longinquo
A mysteriosa solemnidade!
Uma saudade immensa, uma profunda,
Vaga melancolia
Me inundam de mansinho o coração,
O mal cicatrizado coração;
— Tenho a impressão de amados labios,
Que com beijos as feridas lhe reabrissem, —
E, sangrando outra vez,
Rubras gottas ardentes
Longas e lentas caem
Sobre uma velha casa, lá no fundo,
Na marinha cidade,
Velha casa de empenas ponteagudas,
Desabitada e triste.
Somente a uma janella ao rez do chão
Se assenta uma menina,
Na mão a face appoiada,
Como pobre creança esquecida,
Pobre creança esquecida,
Eu conheço-te!
A fugires de mim
Por infantil capricho,
Tão fundo nestes mares mergulhaste,
Que nunca mais pudeste vir á tona
E viveste estrangeira entre estrangeiros,
Por seculos e seculos,
Emquanto eu, cheio de amargura,
Corria o mundo a procurar-te,
A procurar-te sempre,
Ó sempre amada,

Tanto tempo perdida,
Mas hoje emfim achada!
Achei-te! outra vez vejo
O teu suave rosto,
Olhos sisudos e leaes
E esse meigo sorriso.
Já te não deixo agora!
P'ra junto de ti desço, abrindo os braços,
Ao teu seio me lanço...

A tempo o capitão os pés me agarra,
Arranca-me da borda
E num risinho secco exclama:
— Está doido, doutor?

Carlos de Mesquita.

O AMOR E O MAR

Quedo, quedo, marinheiro!...
Vim aqui para trazer
O meu beijo derradeiro.
Será melhor que o primeiro
Talvez te possa prender.

«Teus beijos — vivi-os tanto!
«Não os quero reviver!»

Se te julgaste enganado
Nunca deixei de te amar.
Renasce o amor do Passado:
Trago vestes de noivado
Para melhor te encantar...

«Quero antes a renda fina
«Das espumas no alto mar!»

A espuma das ondas mente
E mata, a espumar e a rir!
Mas uma alma que sente,
Por muito que minta, mente
Ás vezes para acudir.

«Palavras que já te ouvi
«Porque m'as vens repetir?»

Olha que a vida no Mar
É incerta...
Mais vale soffrer, chorar
Pela traição d'um olhar
Que morrer e naufragar
Por sobre a agua deserta!

«Não quero o amor, que me prende,
«Quero o Mar, que me liberta!»

Adeus, adeus, marinheiro!
Vim aqui para trazer
O meu beijo derradeiro.
Se era melhor que o primeiro
Não o soubeste colher!

«Amor que passa, é melhor
«Não o fazer renascer.»

E sobre as ondas do Mar
O meu amor marinheiro,
Lá foi, lá foi navegar,
Num navio tão veleiro
Que não tornou a voltar!...

Foz — Junho, 1910.

João de Barros.

SINO DE OURO

AO AUGUSTO CASIMIRO.

Perfís de mouro em torres de menagem,
alfanges preanunciando um cataclismo:
— A invasão! — e as povoações reagem
ante o simúm dum novo vandalismo.

Vái alastrada a onda assoladora.
Vae victis! Impossivel resistir!
E a terra abandonada e creadora
Guarda os tesouros para o seu porvir...

Agóra, o povo, iluminadamente,
na ingenuidade extranha dum vidente,
vái com Jasão buscar o vélo-de-ouro...

E qual de nós, na sua vida incerta,
(em que se afunda, quando se desperta!)
— não fêz do Ponto-Euxino ancoradouro?

Coimbra.

Do livro «*Terras da Beira*».

José Monteiro.

CARTA

Aquele poema, ó minha Amiga, que eu te ouvia
Ler ás vezes, no embalo etéreo, na magia
Dessa voz, onde vinha a tua alma em perfume,
Ontem reli-o eu — lembrou-me um lar sem lume...
Cada estrofe era igual á flor que tu me deras
Ao partir, linda flor das nossas primaveras,
Que, como elas, passou e, como elas, morreu!
Faltava nesse livro o pedaço de céu
Que lhe davas, — a tua angélica poesia:
Só vivêra de ti; longe de ti morria.

Não tinha o teu olhar enorme a alumiá-lo!
Não tinha a tua voz de amor a murmurá-lo!

Sem música e sem brilho, o pobre livro agora
Do teu olhar espera ainda o nascer da aurora,
E o berço da tua voz feiticeira e suave,
Cada verso a embalar, como um gorgeio de ave
Que entre choupos, ao luar, dissesse uma elegia...
Quantas vezes é assim na Arte! A estrofe é fria,
E ao passar-nos na alma, estremece e fulgura,
Para depois cair inerte e desfolhada,
Semelhante talvez a uma pobre asa escura
Que não pôde voar, e caiu fatigada...

Que tristeza me faz o livro agora ao lê-lo!
Onde vi lumes e almas de oiro — ha apenas gêlo,
Sem a luz matinal do teu excelso amor;
Onde eu vi, num momento, as lágrimas de dor,
Há pedras falsas; onde ouvi as tuas queixas,
Como um eco a chorar no embalo das endechas,
Há silêncio... Este livro é um palácio fechado,
Que um instante viveu luminoso e encantado,
Quando a tua alma andou lá por dentro... Depois
Emmudeceram na alameda os rouxinois,
Apag se o luar e o brilho das estrêlas,
E as estatuas de amor das grandes galerias,
Que tu desencantaste, ei-las em pedras frias,
— As estátuas que eu vi cheias de vida e belas!

Ah! como o nosso amor transforma, transfigura
Tudo em que toca! Basta um lume de ternura,
Basta um gesto sincero e humano de paixão!
Poeta é quem tiver um grande coração,
— E dêsse poema cada verso respondia
A acompanhar o coração que te batia...

Volta a resuscitar essas estâncias mortas!
O palácio está só. As ogivas e as portas
Fechadas. Há lá dentro escuridão e ruínas...
Vem enchê-lo de sonho, ás horas vespertinas,
Para ouvirmos de novo as vozes namoradas,
Para ouvirmos de novo as estátuas geladas...
Volta a lê-lo, e eu sei bem que os sonhos alvorecem,
Como asas em abril os versos estremecem,
E nas áleas do poema — um milagre de amor —
Abre em extasi, á lua, o olhar de cada flor!...

Julio Brandão.

ORIGEM DAS NAUS

Eu vi nadar a gaivota
e enchi-me de saudades
e vi-me longe de mim.

Por uma oração devota
como navegam as Aves
o Mar chamava-me assim.

E á Arvore fiz sacrificios
por ver nadar a gaivota
em cima dos precipicios.

Vi que a madeira era santa
e á flor das aguas sustinha
meu sonho que se adianta.

E fui-me ás bravas Florestas,
cavei, escavei sêco lenho
e desbastei-lhe as arestas.

Plo Mar largo que me cega
eu dei-lhe todo o ingenho
duma Ave quando navega.

Na antiguidade que foi
por ele achei Mundos novos.
—Que a graça humana abençôe
quem fez conhecer os Povos.

Foi um achado contente,
conquistei o Mar imenso,
fui aos Mundos do Oriente
e da Mirra e do Insenso.

Bati-me com os Tufões
e criei o Adamastor;
decóra-me, ó meu Amor,
nas oitavas de Camões.

Do «*Romanceiro das Aguas*».

AFFONSO DUARTE.

CANÇÃO DOS GRANDES CAMINHOS

A LUÍS DE ALMEIDA BRAGA

E os ursos bailam compassadamente,
bailam, marcando a música arrastada
com que uma voz monótona, indolente,
barbaramente,
soluça, nem eu sei que languida toada!

Sonámbula cantiga, tam serena,
essa que a amolentada voz desfia
não passa duma incerta cantilena,
não chega a definir-se em melodia.

Lembra uma sílaba espraiada, enorme,
que interminavelmente se espaçasse...
A mãe, curvada, quando o filho dorme,
assim é que o adormece face a face.

Assim é que a serpente cae vencida,
assim é que a fascina o encantador...
— A mesma nota, sempre repetida,
ninguem resiste, seja lá quem fôr!

Ninguem resiste ao vacuo aliciante
com que a mortal canção nos acalenta,
pois nada pode haver que mais quebrante
do que essa estrofe errante
subindo longa e lenta!

De longa e lenta, quasi se imprecisa
Como uma coisa plana, horizontal.
Tam uniforme, tam pegada e lisa,
ouvi-la faz-nos mal!

*

Exhala opio a cantilena estranha...
E trémulo, e embrulhado, e abafadiço,
o adufe que em arrancos a acompanha
redobra-lhe o feitiço!

Não ha vontade que ella não alquebre!
Se nos apanha a chave dos sentidos,
deixa-os a arder em febre,
— não cede nunca sem os ver banidos!

E insiste, insiste, a pérfida sereia,
tolda, embebeda o filtro pregrino...
— Agora entendo como se encadeia
o instinto da serpente, a alma do menino!

E os ursos bailam arrastadamente,
marcam, bailando, a barbara toada
com que uma voz monótona, indolente,
languidamente,
soluça, nem eu sei que endeixa estremunhada!

Os ursos bailam...
Tristes vagamundos
fazem bailá-los p'ra matar a fome.
De mãos erguidas, d'olhos moribundos,
suspendem-se uns segundos,
enquanto o desvario os não retome.

Silva um chicote. Opacamente sôa
o adufe em roucos ais.
E os ursos seguem na choréa, á tôa,
seguem dançando, trôpegos, brutaes.

E a gente ri d'aquela ronda côxa.

Quando o azorrague a um dançarino espanca,
porque no baile afrouxa,
rimos com gosto, á gargalhada franca.

E a esparsa cantilena continúa...
Parece cinza que no ar se acama,
tam rasa como uma charneca núa!

Voz de bruxedo, lenga-lenga d'ama,
meu Deus, que encanto o d'ella!
chora-me dentro, nestas pobres veias,
— e que interditos longes não revela
ao sonho immenso de que as trago cheias!

E os ursos bailam compassadamente,
bailam, marcando a música arrastada
com que uma voz monótona, indolente,
languidamente,
soluça, nem eu sei que bárbara toada!

Como palavras mágicas na boca
dum medium delirando,
perturba-me a existencia a cantilena louca!

Atrás da ignota sedução debando,
perdido com as coisas que me evoca!

Debando, parto, em doida febre aceso,
atrás do canto inacabado, incerto...

Bohemios, ursos, caravana em peso,
tudo se esvae e se dissolve e apaga
ante a visão maior p'ra que desperto!

A parda cantilena diz-me á alma,
de extensa, de infinita,
os extasis da stepe que se espalma,
solene, austera, calma,
— e a aspiração do nómada que a habita.

Como uma beberagem de medronho,
pôs-me a cabeça á roda a trova baça.
Sinto-me livre!...
Por ventura eu sonho?!
Mas que suor o corpo me repassa!

Sinto-me livre!
Sob o ceu profundo,
montei a tenda, arreio a tosca aljava.

Não tenho lei, sem lei percorro o mundo!
A propria liberdade em que me inundo
do meu capricho se confessa escrava!

E os ursos bailam arrastadamente,
marcam, bailando, a bárbara toada
com que uma voz monótona, indolente,
languidamente,
soluça, nem eu sei que endeixa estremunhada!

Março — 1911.

Do livro «*O ritmo da Planicie*».

ANTONIO DE MONFORTE.

BIBLIOGRAPHIA

A *Evocação da Vida*, por Augusto Casimiro (ed. de França Amado, Coimbra). — O poeta sente o espirito dos mundos feito em si commoção de formusura e é *nesse desejo alado e ancioso de Belleza* que a sua alma vive. Singrando a vida, com o espirito deslumbrado de luz, as primeiras paginas dos seus versos transmittem-nos a impressão heroica e feliz de quem passa a existencia a cantar e a sorrir. O poeta descreve a sobrehumana romagem que, dento de si, a sua alma fará. Encontra o mysterio, mas na sêde intensa de desvendar, caminha pela cerração até chegar ao brilho coruscante d'uma aurora clara e transparente. Viagem da alma, dever-se-hia chamar este poema criado por uma visão toda interior e subjectiva do mundo...

A Vida é um buzio posto ao meu ouvido...
É um rio de miragens... Vai passando...
Sem fantasmas, num vôo indefinido...
Vozes longinquas, palidas, soando...

Lamentavel é não nos podermos referir mais detalhadamente ao novo livro de Augusto Casimiro, livro que se póde considerar, áparte por vezes alguns hyperbolismos na adjectivação, como uma obra digna de destaque entre aquellas que pertencem á nova geração de poetas.

Introdução ao Problema do Feudalismo em Portugal, por M. Paulo Merêa (ed. de França Amado, Coimbra). — O autor dá-nos com notavel proficiencia um escorço geral do feudalismo, caracterisando com detalhes o quadro social da França nos seculos XI a XIII. Define o vinculo feudal baseado na posse beneficiaria ou condicional. No capitulo «Origens do Feudalismo» o autor cita as tres grandes theorias que se propõem resolver tão interessante problema: a que attribue ao feudalismo uma origem romana, a que vae filial-o nas instituições germanicas, e, por ultimo, a que vê no feudalismo uma resultante das invasões barbaras.

Cita a these de Alexandre Herculano que participa harmoniosamente destas tres correntes. — Nenhuma theoria satisfaz; mas os trabalhos de Fustel de Coulanges muito vieram contribuir para a resolução do problema surgindo com elles a seguinte affirmação feita pelo autor: o feudalismo não nasceu dum systema politico, tem as suas raizes no terreno da vida privada. Fala no *precario* e no *patronato*, antecedentes afastados do feudalismo. Estes dois institutos foram-se lentamente modificando através das sociedades barbaras até se converterem respectivamente na *vassalagem* e no *beneficio*.

Duas series de factos historicos impulsionam este notavel typo social: a *immunidade*, originada nos actos officiaes, e a *apropriação das funcções publicas pelos funccionarios reaes*. Estuda as diversas circunstancias que fizeram surgir o feudalismo nas outras nações, enunciando a este respeito os quatro casos typicos de Mortet.

Paulo Merêa segue sempre, muito de perto, o modo de ver do autor da *Cité Antique*, condemnando as phantasiosas theorias apresentadas que concen-

travam por vezes num só factor toda ou a principal causa do typo social. Enumera os seus tres caracteres principaes: posse condicional do solo, dispersão da soberania, hierarquia fundada no vinculo de homenagem. Apresenta depois tres conclusões: 1.ª para que haja feudalismo não é necessario uma completa absorpção do poder real; 2.ª não é necessario que os cargos publicos se tornem propriedade hereditaria daquelles que os exercem; 3.ª não é sequer necessario que haja uma hierarquia de vassalos e suzeranos terminando no monarcha.

A essencia do feudalismo reside, segundo Paulo Merea, na concessão e promessa de protecção, dum lado, obediencia e fidelidade, do outro. Faz a distincção entre feudo e senhorio, um derivado do beneficio e do patronato, o outro derivado principalmente da immunidade.

Combate Garreau por este ver no feudalismo uma série de convenções privadas, falando a seguir nos caracteres exclusivos do verdadeiro feudo: limites ao direito de propriedade, obrigação de fidelidade e prestação de certos serviços nobres. Esboça ou prepara para a resolução a questão do feudalismo em Portugal.

Entre outros escriptores que defenderam a sua existencia entre nós, convém destacar Cardenas. Schaefer, Marina e Herculano impugnaram tal opinião. Surgiu um modo de ver eclectico com Secretan e Oliveira Martins.

O livro de Paulo Merêa tem pois o indiscutivel valor de pôr em evidencia os topicos de tão interessante questão historica.

AARÃO DE LACERDA.

Receberam-se mais os seguintes livros:

A Expressão no Theatro, por Hippolito Raposo. — *Ao passar do tempo*, por Borges Carneiro. — *A Elegia dos Reis*, por Alberto Monsaraz.

FRANÇA & ARMENIO
LIVREIROS-EDITORES
Sociedade constituida por
FRANCISCO FRANÇA e ARMENIO AMADO

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 e Arco d'Almedina, 2 e 4
COIMBRA

VAGO

LIVRARIA ACADEMICA

TELEFÓNIO N.º 111

João de Moura Marques

171, Rua Ferreira Borges, 173 — COIMBRA

Papelaria. ⁂ Artigos de Escritorio e Desenho

Correspondência direta com os principaes centros literarios

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO
DE
ANTONIO MARIA CORREIA

15, Largo de S. João, 16 — COIMBRA

Encadernações em missaes novos e usados. Livros em branco para o commercio.
Encadernações em chagrin, marroquim, pergaminho e percalina.
Executam-se com esmero e nitidez encadernações em estofo de pastas, carteiras e passe-partouts bordados ou com pintura, para retratos.
Fazem-se brochuras em grandes edições. Forram-se e envernizam-se mappas.

ALFAIATARIA
DAMIÃO & GRANT

Confecções para Senhoras

Arco d'Almedina, 3-1.º — COIMBRA

VAGO



Série 1ª — 195

SERIE I N.º 5

Dionysos

REVISTA MENSAL DE PHILOSOPHIA, SCIENCIA E ARTE



COIMBRA

DEZEMBRO — MCMXII

PREÇO — 100 réis.

Imprensa da Universidade

DIONYSOS

REVISTA MENSAL DE PHILOSOPHIA, SCIENCIA E ARTE

Directores — Aarão de Lacerda e João de Lebre e Lima
Secretario — Julio Cid
Editor — A. J. d'Almeida

SUMMARIO D'ESTE NUMERO (Junho de 1912):

Educação clássica	Manuel da Silva Gaio
Breves considerações sobre alguns factos de hereditariedade.	Aarão Ferreira de Lacerda
O «Pluralismo» no Direito Publico. . .	Paulo Merêa
A Ega	Vergilio Correia

VERSOS:

As tisicas	Domitilla de Carvalho
A minha arte	Antonio Cobeira
Resurreição	Manuel Eugenio Massa
Consagração	Nobre de Mello
Bibliographia.	Aarão de Lacerda

GRAVURAS:

Sepia.	João Augusto Ribeiro

NUMERO AVULSO . . . . . 100 réis.

PREÇO DOS ANNUNCIOS

POR SÉRIE	NA CAPA	ALÉM DO TEXTO
1 pagina	4$000 réis	3$000 réis
1/2 pagina	2$000 réis	1$500 réis
1/4 pagina	1$200 réis	900 réis

DEPOSITARIO:

Livraria Editora — A. J. d'ALMEIDA

P. de Santa Thereza, 62 — PORTO.

DIONYSOS

Synthese do movimento intellectual contemporaneo: o pragmatismo e as novas correntes philosophicas. Chronicas de sociologia, historia e arte. Artigos de esthetica musical e artes plasticas (esthetica regionalista). As Ideias e os Factos. Estudos de indole especulativa. Litteratura e Poesia.

REDACÇÃO — RUA DO ALMADA, 627 — PORTO

COLLABORADORES

Dr. Aarão Ferreira de Lacerda (prof.), Affonso Duarte, Affonso Lopes Vieira, Affonso Rodrigues Pereira, Alberto Monsaraz, Alfredo Guimarães, Alfredo Pinto (Sacavém), Alvares d'Almeida, Americo Chaves d'Almeyda, Antonio Arroyo, Antonio Augusto Gonçalves (prof.), Antonio Carneiro, Antonio Cid, Antonio Cobeira, Antonio Corrêa d'Oliveira, Antonio Joyce, Antonio de Monforte, Antonio Sergio, Augusto Casimiro, Augusto Gil, Bazilio Telles, Bazilio de Vasconcellos (prof.), Bento Carqueja (prof.), Bernardo de Aragão, Bernardo Passos, Brito e Silva, Cabral Moncada, Dr. Caeiro da Matta (prof.), Candido Guerreiro, Carlos Amaro, Carlos de Mesquita (prof.), Carlos Villamariz (prof.), D. Carolina Michaëlis (prof.), Coelho de Carvalho, Cyrillo Carneiro, Eugenio de Castro, Felismino Gomes, Fernando Cochofel, Fernando Moreira de Sá, Ferreira Borges, Fidelino de Figueiredo (prof.), Firmino Pereira, Garcia Pulido, Germano Rocha (prof.), Gustavo Cordeiro Ramos (prof.), Henrique Rosa, Hippolito Raposo, João d'Alcacer, João Amaral, João Augusto Ribeiro (prof.), João de Barros, João Cid, João Diogo (prof.), João Grave, João Sant'Iago Presado, Joaquim Amaral, Joaquim de Vasconcellos (prof.), Jorge da Cruz Jorge, José Coelho da Cunha, José de Figueiredo, José Victorino Ribeiro, Julio Brandão, Magalhães Collaço, Manuel da Silva Gaio, Manuel Eugenio Massa, Manuel Telles, Mario Beirão, Mario Cambezes, Mario Pacheco, Dr. Marnoco e Souza (prof.), Martins Manso, Marques da Cruz, Mendes Corrêa, Dr. Mendes dos Remedios (prof.), Moreira de Sá (prof.), Nogueira Soares, Paulo Merêa, Raul Martins, Ribeiro Castanho, Rocha Brito, Sampaio Bruno, Sebastião Costa, Silva Telles (prof.), Simeão Pinto de Mesquita, Simões de Castro, Sobral Cid (prof.), Souza Costa, Sousa Pinto, Teixeira Gomes, Veiga Simões, Vicente Pindella, Vieira Natividade, Villa-Moura, Wittnich Carrisso.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção.
Toda a collaboração é solicitada.
É respeitada a ortographia dos collaboradores.
Só se publicam inéditos.
A todos os livros enviados a esta Revista, se fará referencia especial.

EDUCAÇÃO CLÁSSICA [1]

A HISTÓRIA de Roma admite duas largas divisões — entrando numa as idades monárquica e republicana (de 753 a 42 antes de Christo), e na outra a idade imperial (de 42, antes, a 476 depois de Christo).

São, porêm, os primeiros cinco séculos dessa história (corridos de 753 a 240 a. C.) os que especialmente nos importa conhecer, como já disse.

Podemos dividir esta fiada de quinhentos anos — número redondo — em duas eras principais, correspondentes a dois aspectos característicos na evolução da vida romana:

era do *patriciado puro,*

era *censitária* — ou do domínio *pela fortuna.*

Uma terceira teria de assinalar-se mais tarde: a era das magistraturas ou da *nobreza.*

Toma a primeira quasi dois séculos (de 753 a 575 a. C.).

Durante essa era o predomínio social e político tem realmente por base a condição do nascimento.

Tudo para o romano depende da situação da família, e da sua nesta.

Assim, a divisão entre *patrícios* e *plebeus* mantêm-se nítida, e cabem apenas áqueles o título e as vantagens de cidadãos de Roma; porque só êles possuem uma verdadeira família, criada e firmada á sombra dum pensamento sagrado: o culto dos avós.

Constituida e fixada sôbre o fundamento da propriedade territorial — quasi toda sua, como os rebanhos — a família patrícia conserva e estreita aínda os vínculos da primitiva organização, cimentada desde o princípio pela religião, em especial por esse culto dos antepassados.

---

(1) Continuado de pag. 200.

Representa um pequeno estado, cujo chefe — sacerdote, juiz e rei absoluto entre os seus — será sempre o primogénito do ramo principal, d'aí chamado *o pater*, e cujos membros, *patrícios*, são os descendentes do antepassado comum, venerado como tal, todos quantos dêle provenham e entre si se hajam ligado.

Pequeno estado conhecido pela designação de *Gens*, que viria a compreender, além dos próprios membros da família, todos os familiares, isto é: a *clientela* — composta de antigos escravos, conservados depois de libertos, e de trabalhadores do campo, livres por natureza, mas adstrictos, por necessidade, ao cultivo das terras dos *patrícios*; podendo também contar-se, entre os clientes, alguns primitivos proprietários da pequena lavoira, e os que exerciam mesteres ou miudos comércios e vinham, escolhendo por patrôno o chefe duma *gens*, viver ao seu abrigo e, a trôco da submissão e dos serviços prestados, alcançar e merecer protecção contra quaesquer violências d'outras *gentes* ou junto dos tribunais.

É a *Gens* — com o seu culto, os seus bens em grande parte fixos, o nome do chefe; é a *gens*, utilizando a clientela, a verdadeira unidade social e política dessa era de Roma.

Unidade mantida pela crença e pelos interesses comuns, acima do sub-solo humano dos escravos, que não contam como pessôas, mas lograrão por vezes atingir a condição de libertos e *clientes*, devido a méritos próprios e á benévola disposição do senhor, do dono.

Se reune sob a autoridade deste duas espécies de seres tão diversos: os do sangue, *patrícios*, e os simples *clientes* — essa unidade nem por isso enfraquece; pois nunca protectores e protegidos poderão encontrar-se em colisão, visto que a própria diferença das situações fará realmente dos segundos (elemento sem dúvida para temer fóra de tais laços de dependência) um mero instrumento dos primeiros: nos trabalhos da paz, nas guerras defensivas do torrão e da cidade amada, nas luctas urbanas dos partidos.

Não é só, todavia, porque reuna todos estes diversos elementos que a *Gens* — servida e prolongada pela *clientela* — representa tão poderosa unidade.

É porque, observando os seus inquebrantaveis princípios de ordem, consagrados pelo culto, e a sua rigorosa disciplina interna, realiza a mais acabada escola de preparação para a vida pública: a escola do comando forte pelo exercício da obediência perfeita.

É porque, desde a idade em que aínda pertencem aos cuidados da mãe — a matrôna respeitada como alma do lar, embora sujeita por vida e morte à vontade do marido — até quando hajam de seguir o pae e de lhe continuar a tríplice missão de chefe rural, de sacerdote doméstico, e de cidadão romano, os filhos encontrarão sempre de pé a ideia severa dos deveres a cumprir e a fazer cumprir.

É porque nada ali falta nem também complica a educação apropriada ao lavrador de raça e origem, sempre exigente e miudo nas coisas do culto e do costume, ao lavrador subsistente nesse cidadão grave — guerreiro e legista.

Tão cerrada unidade é a *Gens*, fortalecida e fortalecedôra das virtudes familiares, que podêmos considerar todas as outras unidades da colectividade romana do tempo como desdobramentos dela.

É por assim dizer o núcleo de tudo mais.

A *Cúria* é um agrupamento religioso de *gentes;* e são as *curias* que, por sua vez, vão formar a *Tribu* — dez em cada uma das três tribus do princípio — representando a Cidade, o Estado o total integradôr desta graduada sucessão de formações sociaes.

E não perderá a *Gens*, fazendo parte desse complexo social, factor algum da sua vida intrínseca.

Conservará, com o resto, o seu culto privado, os seus sacrifícios e festas,

ao mesmo tempo que tomará parte nos da *Cúria* e, por esta, nos da *Tribu;* como cada um destes agrupamentos conservará os que lhe são próprios, dentro da mais ampla vida religiosa da Cidade.

O que tudo revela e explica, atravez a encadeada ligação destas unidades, tão vigorosa coesão e harmónico jogo de elementos como nunca fôram observados em civilização alguma; explicando também a fôrça e o longo predomínio da classe d'onde todas essas unidades se formavam e mantinham — da classe *patrícia.*

Compreende-se na verdade, à vista de tais caracteres de ordem social, que só os *patrícios* — prolongados nas suas *clientelas* — constituíssem por muito tempo o côrpo político dos cidadãos, o genuino *pópulus,* o povo romano dos *Quirites;* e que só êles habitassem o recinto da Roma pura, cujo centro era o Palatino, relegando para bairros ao lado o restante da população da *urbs:* — aquêles a quem não competia logar nem no *patriciado,* nem entre os *clientes,* nem entre os *escravos;* aquêles a quem, fóra a liberdade, não se reconheciam direitos alguns — aquêles a quem cabia a designação de *plebeus.*

Composta, a princípio, de famílias que nunca haviam constituido ou teriam deixado dissolver o *lar* — esse grupo sagrado distinto d'outros lares, na posse dum culto seu — e que também não podiam partilhar no culto público por não fazerem parte da Cidade; de famílias a quem faltava o caracter legal do casamento, visto não lhes ser este consagrado por qualquer ideia religiosa nem celebrado segundo um certo ritual, faltando-lhes, com isto, a autoridade paterna, as garantias da propriedade e da justiça, a *plebe* romana representava consequentemente uma classe fóra da lei.

Não contava para nada na vida do Estado.

E nesta situação continuaria, durante gerações, aumentada pouco a pouco de todos os novos resíduos de depuramento social, de todos os refugos: das creaturas que as famílias constituidas enjeitavam por indignas do lar, dos homens a quem a autoridade proibia a assistência aos sacrifícios, de quantos eram malditos perante o estatuto religiôso e, assim, expulsos do grémio dos cidadãos.

Até que, um dia, se tornasse já influênte pelo número, e pudésse começar a contar como elemento ponderavel; quando a tivessem engrossado, alêm dos *clientes* caídos de situação, os imigrados vindos à busca de tráficos e estabelecidos *sem patrôno,* e os vencidos de cada cidade tomada, cuja atitude submissa lhes houvesse evitado a escravidão.

Mas por emquanto, durante o período em que vamos, é a classe *patrícia* quem domina exclusivamente, quem nos aparece nos primeiros planos da vida romana.

É só ela que — depois de a termos visto no lar, nesse lar assente sôbre a propriedade rural — nos interessa sob o ponto de vista religiôso e cultual, e na assembleia política, e no campo da guerra, aínda circunscrito ás terras do Lácio.

É só ela que compõe o *Senado,* formado, primeiro, de *cem,* depois de *trezentos* membros, recrutados dentre os velhos *patres,* como os *céleres,* os cavaleiros, o eram dentre os mais novos chefes de família.

É ela, com os *clientes,* que, pelo *Senado* e pelos comícios das trinta *cúrias,* elege o Rei — generalíssimo, juiz suprêmo e Sumo Pontífice — e os sacerdotes de diversos colégios religiosos, como os *Flâmines;* cabendo-lhe o privilégio de ser escolhido nas suas famílias o pessoal de todos os grandes cultos, e o grupo das seis *Vestais.*

É só ela que nesses comícios, assembleias suas, legisla e julga também; criando, pois, e aplicando já notavais fórmulas jurídicas, vincadas dum cunho severo mas inspiradas d'alto caracter normativo: um *jus publicum,* um *jus sacrum,* um *jus privatum* — reguladôres da vida do Estado, das questões da Religião, das relações da Família e das condições da Propriedade.

*

É só ela que, nesses comícios das *cúrias*, decide, contando a maioria dos votos e sem discussão, dos destinos da paz e da guerra.

É ela que domina o exército, fornecendo-lhe a flôr da parte nobre no corpo dos 3oo *céleres* — 10 por cada *cúria* — e o melhor da infantaria, onde entram também homens da plebe, na massa dedicada dos *clientes* — tudo sob o comando dos mais prestigiosos *patres*.

É ela que com este exército — duns 3:3oo homens — sustenta as luctas de defêsa e inicía a lenta e pertinaz conquista do Lácio, prólogo de tantas outras; prepara Roma, para mais largas emprêsas, nessas correrias e rápidos cêrcos de levante — os próprios duma milícia, cujos soldados, não recebendo sôldo, mal podiam demorar longe dos lares e tinham de regressar á *urbs* e subúrbios no fim de cada *raţţia* ou golpe de mão.

É ela, em suma, que, constituindo ao cabo do seu período de acção exclusiva um dos mais acentuados tipos de sociedade aristocrática conhecidos na história, representa, por isso mesmo, o mais eficaz e valioso agente da grandeza dessa civilisação romana; directa e indirectamente.

Directamente — pelas instituições que criou e encarnou nos seus homens, educados, como indivíduos, á altura da colectividade a que pertenciam.

Indirectamente, não só pelo que havia de legar ao mundo, sobretudo em princípios e moldes de ordem jurídica (nunca mais esquecidos ou perdidos, atravez de todas as vicissitudes do Direito, dentro e fóra de Roma), mas também e logo pela emulação despertada noutros factores: pela rivalidade provocada, em vista do seu predomínio e acção absorvente, na *realeza*, dum lado, do outro na *plebe* — com todos os fecundos resultados duma lucta onde os combatentes, servindo sem dúvida ferozes interesses de classe, só podiam fortificar-se e valorizar-se servindo ao mesmo tempo a causa pública, a pátria crescente, na cidade e no campo de batalha....

*

É precisamente com uma medida adoptada pela realeza, mercê das suas profundas conseqüências para a situação do *patriciado* em frente dos *plebeus* — que abre a segunda das duas eras marcadas na linha dos primeiros cinco séculos de Roma.

Antecipando-se quasi dois mil anos aos reis europeus do XV e XVI séculos christãos, que para a obra da unificação monárquica se apoiavam nas classes populares contra o poderio das aristocracias locais e das corporações privilegiadas, o segundo dos tres últimos reis de Roma, o etrusco Servio Tulio abriria, efectivamente, nova era histórica ao criar uma instituição, não de grande alcance imediato, mas de real importancia futura para a *plebe*, já numerosa e exigente, da cidade do Tibre — agora, ou dentro em pouco, testa e centro de trinta cidades latinas confederadas.

*

Tomando o *censo*, isto é a avaliação da fortuna, para base da divisão das classes e, assim, para critério do predomínio; substituindo à condição do nascimento, como título de direitos políticos, a condição da riqueza relativa — a nova constituição (promulgada à volta de 575 a. C.) feria de face, realmente, a antiga organização do Estado romano, modelada sôbre a propria organização da família *patrícia*.

Agora, todos quantos possuissem haveres iriam, na proporção destes,

fazer parte desse Estado Romano, até ali domínio exclusivo dos bem-nascidos, dos *patrícios*.

A *plebe* alcançava categoria citadina; seria admitida, como o *patriciado* — servido da *clientela* — no grémio do genuino *pópulus*.

Para isso tornára-se, no entanto, necessário quebrar os moldes existentes, modificar todo o quadro das instituições (embora ainda se mantivesse, dominador, o *espírito romano*, que, tombados os privilégios de *casta*, inclinaria sempre à rigorosa divisão das *classes* e ao império duma sôbre as outras).

D'aí a partilha do território em lotes de *tribus*, correspondendo este termo não já a *divisões de raça* — ás três tribus *patrícias* da tradicional composição da cidade (Ramnenses, Lucérios e Tácios) — mas a *divisões geográficas*, a traçados cadastrais da propriedade.

D'aí, também, a divisão da população livre não já em *cúrias* (agrupamentos religiosos de *gentes*, dentro das 3 tribus), mas em *centúrias*, e estas em *decúrias*, dentro de 4 tribus (1) — independentemente da natureza das famílias componentes de todo o tecido social.

Isto, da seguinte fórma: distribuida a população em duas *categorias*, a dos que possuíam alguma coisa e a dos que nada tinham — *proletários* — era a primeira categoria subdividida em *cinco classes*, ao mesmo tempo que cada *classe* compreêndia umas tantas *centúrias;* dependendo a posse e disposição de maior ou menor número de centúrias — por parte de cada classe — não da maior ou menor soma de homens que compunham esta, mas da riqueza por ela representada em frente das classes restantes.

Assim a 1.ª, composta dos mais ricos — dos *Équites* e dos *Pédites* abastados — contava, só ela, apesar de ser a menos numerosa, 98 centúrias; ao passo que as outras cinco contavam, por junto, 94. E como cada centúria valia *um voto*, a 1.ª classe dispunha sempre duma maioria de 4 nos *comícios ou assembleias das centúrias*, quando mesmo tivesse contra si todas as outras reunidas; em rigor de 5 votos: pois aos *proletários* cabia uma centúria, que prefazia o total das 193 (2) — total em que fôra dividida a população tanto para o efeito da representação política como para o do alistamento militar.

Eram, afinal, só os ricos que contavam.

A aristocracia religiosa do *patriciado* sucedia a aristocracia da riqueza, que aspirava, como sempre, a revestir-se do prestígio daquela.

A rivalidade das duas assembleias — dos comícios *por cúrias* (só dos *patrícios*) e dos comícios *por centúrias* (de todos os cidadãos livres) — não representaria senão a rivalidade entre poderosos e privilegiados orgãos sociaes, só com a diferença de que na segunda poderiam vir a actuar e a preponderar todos quantos lograssem enriquecer, fosse qual fosse a sua origem; emquanto que na primeira só entravam os da casta tradicional e a sua gente.

Explica-se, pois, que cedo fosse reconhecida pela maioria dos cidadãos a necessidade duma outra representação — a dos comícios *por tribus* — onde o voto duma maioria de centúrias não tornasse ilusório o do resto.

*

É do jogo destas três ordens de assembleias, da activa lucta de interesses

(1) Número que aumentaria, vindo a contar-se, nos meados do 3.º século a. C. um total, não ultrapassado, de 35 tribus, entre urbanas e suburbanas.

(2) Número elevado ao de 350 centurias — todas de *pédites* — nos meados do 3.º século a. C., quando cada uma das 35 tribus foi dividida em 5 classes e cada classe em 2 centúrias: uma de *juniores* e outra de *seniores;* além das 18 centurias de *équites* e de mais 5 compostas de *fabri* e *proletários:* ao todo 373 centurias — no começo das guerras púnicas.

e aspirações nelas representados que, sob a vigilante sabedoria do Senado (a corporação romana por excelência, onde se reflectirão também essas crescentes rivalidades das classes), será feita toda a vida interna de Roma: *pública, religiosa* e *privada.*

Enchem quasi a segunda era da nossa divisão histórica — a era *censitária* — essas contendas internas, em que *patrícios* e *plebeus*, postos frente a frente no campo já aberto a todas as aspirações pela nova condição do predomínio, disputarão àsperamente o terreno, uns para guardar privilégios, outros para os obterem iguais.

Abrindo com as reformas de Servio Tulio à volta do ano de 575 a. C., a nova era assume o seu caracter de época de disputa sobretudo a contar da revolução de 509 a. C.; pois que esta, abatendo a *realeza*, viria alentar o *patriciado*, provocando com isso a reacção da *plebe* — ciosa agora de manter e desenvolver os direitos e vantagens devidos áquelas reformas reais, favoraveis só aos ricos, era certo, mas acessiveis por isso a quantos conseguissem enriquecer.

E, da *plebe*, já muitos haviam enriquecido e continuariam: no comércio, nalgumas indústrias, e na lavoira — com o alargamento da região suburbana e dos campos próximos, em cuja conquista tinham tomado parte, ou de que lhes cabiam lotes de terra na qualidade de vizinhos vencidos e submissos.

Orgão exclusivo da *vida pública*, sob a vigilância do Senado, até à data dessas reformas, a assembleia *patrícia* das *cúrias*, que legislára para o Estado, para a Religião, para a Família e para a Propriedade, e proferira sentenças nesses domínios do Direito; a assembleia das *cúrias* — que elegia o Rei (único verdadeiro magistrado e sacerdote emquanto durou a realeza) e que, logo em seguida, aínda elegia, além dos grandes magistrados, os *tribunos* (1) e os *edis* da *plebe* — veria escapar-lhe, sucessivamente, algumas das suas principais atribuições.

A assembleia das *centúrias* viria substituir-se-lhe: na criação dos grandes magistrados: *Consules, Pretores, Censores;* na votação das verdadeiras leis *(leges)*, sôbre a iniciativa do Senado; nas declarações de guerra; nos processos crimes, e em tudo quanto prendia com a política.

Bem como, à entrada do 5.º século a. C., viriam a passar para a assembleia das *tribus* — a princípio só dos plebeus, por fim de todos os cidadãos livres — as eleições dos *tribunos* e dos *edís;* até que lhe coubesse mesmo a votação de certas medidas (plebiscitos), com toda a força de decisões legais.

A assembleia das antigas *cúrias* iria perdendo, pois, muito da sua importancia na *vida pública*, em proveito especialmente da assembleia das *centúrias*, ficando-lhe apenas, por largo tempo aínda: no campo do *direito privado* — a inspecção e regulação das questões relativas à Família e à Propriedade (adopções, testamentos, etc.), na esfera *religiosa* a eleição de alguns sacerdotes maiores — dos *Flâmines*, do *Sumo Pontífice.*

O desenvolvimento da vida romana é, na verdade, a partir das reformas de Servio Tulio, e especialmente da revolução de 509 a. C., o duma apertada lucta entre as duas classes, *patrícios* e *plebeus.*

Se não nos é possivel seguí-la ao longo de mais de dois séculos — travada à volta de cada magistratura criada por uns e logo disputada pelos outros, ou de cada medida adoptada nos comícios — podemos marcar-lhe os passos capitais com a simples notação das conquistas sucessivas dos *plebeus*, firmadas sempre e garantidas todas em diplômas legais, como era natural dado o espírito jurídico e o nativo sentido do Direito que os romanos possuíam.

---

(1) Inviolaveis, logo no comêço, e dentro em pouco munidos do direito de *veto* contra certos decretos dos consules.

Acompanhemos, por elas, essa tão longa marcha de contenda viva atravez os três apontados domínios da vida interna de Roma: o da *vida pública*, o da *vida religiosa* e o da *vida privada*.

*

Caída a realeza, o seu poder único desmembra-se nas grandes magistraturas romanas.

Ao Rei sucedem dois Consules, *patrícios*, dividindo entre si, durante um ano, a suprêma autoridade política e judicial (com excepção do direito de vida e morte dentro da cidade), mas só parte da religiosa; pois era esta transmitida, nas suas principais funções, a um magistrado vitalício — o novo *Póntifex Máximus*.

Não tardará que, em face de mais vivos conflictos entre as duas classes rivais, o Senado convide um dos Consules a nomear, dentre os consulares, um *Dictador* (498 a. C.) — magistrado dotado de todos os poderes do antigo Rei, mas só por *seis meses*, e para debelar a crise.

A contenda recomeçará, comtudo, passada a primeira e as seguintes dictaduras.

Sòmente, em vez de movimento de revolta e puro protesto, assumirá o caracter prático duma questão de vantagens.

Logo em 493, os *plebeus* obterão da assembleia das *centúrias* a votação das *leges sacratae* — instituindo o *Tribunado da plebe*, em frente da magistratura nobre dos Consules; e a seguir a creação dos seus *edis*.

E aínda dentro desse 5.º século a. C. conseguirão outras largas vantagens.

Em 486, com as primeiras reclamações agrárias, patrocinadas pelo consul Spúrio Cássio, um *patrício*, fazem reconhecer a evidência da sua desfavorável situação de pequenos proprietários, sujeitos a pesados impostos e à pressão de crèdôres por vezes duros — *patrícios* ou *plebeus* enriquecidos; e, se não podem nesse momento disputar a uns e outros a larga posse dos terrenos do Estado, aforados, preparam já essas reivindicadôras medidas de Licinio Stolon, que no século seguinte (376 a. C.) lhes trariam a partilha, por lotes medidos, do *ager publicus*, com prejuizo dos antigos possuidôres; até que, corridos mais de dois séculos, novas condições de vida social provocassem também novas reclamações, dando origem ao movimento de que os Gracos seriam a alma e as víctimas.

Em 471 firmarão a prática da eleição regular dos seus *tribunos* pela assembleia das *cúrias*, d'onde depois passaria para os comícios das *tribus*.

E à data de 450 lograrão instituir os *decemviros*, encarregados da redacção e publicação das *Doze tábuas* — o primeiro código de Roma: código que representaria sobretudo um conjunto de disposições de caracter privado, mas que fixaria para todos o direito consuetudinário, até ali da exclusiva interpretação do patriciado; código que viria igualar *patrícios* e *plebeus* no direito civil e criminal; código que melhoraria também a sorte dos últimos nas questões de dívidas, e assim os colocaria em situação de mais seguros poderem continuar na sua cerrada briga pelas regalías públicas.

Caídos os *decemviros*, ao cabo de dois anos, restabelece-se com maior vigor o poder dos Consules.

Virão, porêm, as leis *Valeriae Horatiae* (449) não só confirmar a todos os cidadãos o antigo direito de *apêlo ao povo* contra certas sentenças consulares, mas aínda conferir força legal ás decisões dos comícios das tribus, aos *plebiscitos*, que ficarão constituindo — sob a sancção do *Senado*, primeiro, mais tarde independentemente dela — uma das cinco fontes da legislação republicana de Roma, com as *Doze tábuas*, os *Senatus-consultus*, as *leges* dos comícios por *centúrias*, e os *éditos* dos magistrados.

Animados com as victórias alcançadas, os *plebeus* querem mais.

Aspiram à *Questura*, e ao *Consulado;* o que determina os *patrícios* a suspender esta magistratura, para a não abrirem à *plebe*, e a substituí-la pelo *Tribunado militar*, onde ela poderia entrar (445), mas onde só lograria fazê-lo em 400 a. C.

Em seguida, a fim de se fortificar contra o adversário cada dia mais exigente, e que já obtivera o direito de casamento entre as duas classes (*Lex canuleia* 445 a. C.) o *patriciado* criava a *Censura* — cargo de dois magistrados *patrícios* — a quem cumpria a organização da lista dos *cidadãos*, para o efeito não só da avaliação das fortunas, mas do serviço militar, do recrutamento dos senadôres, da vigilância dos costumes (443).

Conseguida, no entanto, a elegibilidade para a *Questura* (421), os plebeus insistiriam pela entrada no *Consulado*.

Obtê-la-hiam no século seguinte, quando já tivessem beneficiado da *Lei agrária* de Licinio Stolon (376).

Em 367, dos dois Consules, um sería *plebeu;* mas os poderes judiciários destes magistrados seriam transferidos pelos *patrícios* para a *Pretura* (instituida em 366).

Além disso, para fazer face aos *edis plebeus*, o *patriciado* criava a *Edilidade curul* (365).

Tardaria, todavia, um ano apenas que os *plebeus* alcançassem apossar-se desta magistratura (364).

E, continuando nessa alternada disputa de cargos, não correria largo tempo sem que vissem um dos seus investido da *Dictadura* (356), e pouco depois eleito *Censor* pela assembleia das *centúrias* (351).

Admitiu-se aínda, escoado um decenio, que os dois Consules pudéssem ser *plebeus*.

A partir de 339, um dos dois Censores *devia* ser da classe *plebeia*.

E desta mesma data é a lei *(Publilia Philonis)* que estabeleceu inteira igualdade política e social entre todos os cidadãos de Roma.

Das grandes magistraturas políticas só lhes faltava alcançar a *Pretura*.

Alcançavam-na em 337.

*

E agora, que eram já os iguaes dos patrícios na *vida privada* e na *vida pública*, restava-lhes apenas conquistar a igualdade na vida religiosa — entrar no *Pontificado* e no *Augurado*.

Um outro problema surgira no entretanto em Roma.

A multiplicação dos imigrados estabelecidos na cidade e subúrbios e o aumento da percentagem dos *libertos* exigiam que, mesmo num previdente espírito de sábio govêrno, se lhes reconhecêsse existencia política (312). Assim se fez, distribuindo-os primeiro por toda a população, urbana e suburbana, mas circunscrevendo-os depois, para evitar a sua excessiva preponderancia, às 4 tribus urbanas; vindo esta medida, dentro dum meio século, assegurar também nos comícios das *tribus* o predominio dos cidadãos ricos, *patrícios* e *plebeus*, pois contavam-se os votos por *tribu*, e as 31 suburbanas pertenciam-lhes.

O 4.º século fecharia com a última grande conquista dos *plebeus*.

A lei *Ogúlnia* viria dar-lhes a entrada no *Augurado* e no *Pontificado*.

E o conhecimento das fórmulas do processo, aínda até ali exclusivo do *patriciado*, a assimilação das leis compiladas e a iniciação na interpretação e aplicação destas aos casos singulares acabaria de garantir-lhes a posse de todos esses direitos pertinazmente conquistados tanto no campo privado, como no religioso, como no da vida pública.

Com os desta ordem, em especial, conjugava-se-lhes a realização duma das mais altas aspirações do romano: a da sua representação, regular e se-

gura, no corpo do *Senado,* onde tinham alcançado entrar pelos meados desse 4.º século; no *Senado* que — de puro poder consultivo dos tempos da realeza — viria a concentrar as mais importantes funções do Estado: a superintendência do culto nacional, a administração da riquêsa pública, a fixação dos efectivos militares, a decisão da guerra e da paz.

*

E agora que a igualdade política das *classes* era um facto, e que estava fixada a constituição interna da vida romana, o povo da cidade do Tibre congregaria todos os esfórços para a dilatação dos seus territórios, passando das guerras de defêsa às suas verdadeiras emprêsas de invasão e conquista. Tinha para as levar a efeito o mais aperfeiçoado e seguro dos instrumentos — o melhor exército que jámais se encontrára.

Comparavel, a princípio, a uma simples guarda nacional, a um corpo de cidadãos armados e *convocados* para o serviço militar, com exclusão dos pobres, e formando talvez em falange — esse exército apresentaria, a contar da reforma de Servio Tulio (575 a. C.), além de um maior efectivo, a organização graduada por *classes* (como a dos cidadãos): organização onde a cada classe caberia, segundo a fortuna, determinado armamento; sendo, pois, a *cavalaria* composta dos cidadãos da 1.ª classe — os proprietários nobres e os cidadãos mais abastados — e a *infantaria* de cinco das outras, mas continuando excluida a sexta — a dos de mínimo *censo,* visto não poder equipar-se, melhor ou peor.

Era já, a contar desse ano de 575, a ordenação sob a fórma de *legiões* — divisiveis em vários corpos independentes, com um grosso de infantaria sólida auxiliada por poderosas máquinas de guerra.

Fôra movendo esse exército que Roma — cabeça de trinta cidades latinas ao tombar da realeza — conseguira, durante os próprios períodos das vivas brigas interiores, consolidar os domínios possuidos, através um século de luctas defensivas (509 a 395 a. C.).

Fôra, com efeito, movendo esse exército que, auxiliada pelos gregos da Itália do sul, lograra sacudir o jugo opressivo dos Etruscos (batalha de *Arícia,* 506 a. C.); que — sofridos novos e duros revézes nas lides contra os povos visinhos: Volscos, Sabinos, Latinos rebelados, Équos e Etruscos aínda — viera a triunfar da coalisão dos três primeiros na acção do *Lago Regilo* (496), e dos Équos na victória registada a Cincinato (458); embora para só conseguir impôr-se a todos esses povos e firmar-se no centro da Italia depois da tomada de *Veios* — a forte cidade da Etrúria meridional (395).

E desde esta data mais aperfeiçoado ficára e continuaria a ser esse já tão experimentado exército da gente romana, em razão das modificações e melhoramentos nele introduzidos pouco antes pelo dictador Camilo — o heroe daquele decenal cêrco de *Veios.*

Era da *Legião,* reorganizada por Camilo e evolutivamente melhorada, que Vegécio dizia, no 4.º século de Christo: parecer ela a obra dum deus — tão admiravel mecanismo oferecia e tão certeiro e combinado corria o jogo de todas as suas partes.

Das *quatro* legiões — levantadas anualmente, e que formavam o exército sob o comando dum general, *dux,* investido do *imperium* (isto é, dum consul, pretor, proconsul, propretor, dictador ou comandante da cavalaria) — cada uma, cujo chefe era um *legado,* se dividia em dois corpos: *infantaria* e *cavalaria;* subdividindo-se a sua infantaria, confiada a seis tribunos militares, em 30 *manípulos,* o manípulo em duas centúrias, com dois centuriões — *prior* e *posterior* — a centúria em dez decúrias, a cargo de decuriões; e dispondo-se

tudo sob a fórma de coórtes — 10 por legião — onde, á voz dos *tenentes dos tribunos*, os soldados enfileiravam a três grupos de fundo, cabendo a frente aos mais robustos e de média idade e aos melhor armados e defendidos, e as outras duas fileiras aos de mais fragil armamento e aos de idades extremas; isto não contando os *vélites*, soldados de infantaria ligeira destinada a manobrar na frente e por entre as linhas dos regulares; ao passo que a cavalaria se compunha de 10 divisões ou *turmas*, a 30 homens a turma, por sua vez subdividida em *decúrias*, cabendo a direcção de cada uma destas a um *decúrio*, e o subcomando a um *óptio*.

Com um material de guerra variado segundo o meio e condições do ataque a realizar ou a repelir: com *balistas*, *escorpiões* e *catapultas* para o arremêço das flechas e dos pedragulhos; com o *aríete*, apontado a arrombar portas e muralhas; com a *tartaruga*, utilizada a alargar brechas de fortaleza; com um corpo de obreiros — *fabri* — práticos em moverem tais máquinas, ao lado dos que iam destros no manejo das ferramentas e utensílios apropriados aos trabalhos de cêrco (investida, aproximação e assalto) ou aos de acampamento e defesa, ao afeiçoamento dos terrenos e abertura de caminhos, córtes de barreiras e fóssos, levantamento de taludes, construção de paliçadas: no manejo do alvião, da pá, da enchada, uns, outros no do machado e da serra; com a leva de ferreiros, carpinteiros, sapadores, adstricta a cada legião — esse exército era como que a imagem da Cidade dispondo, acampada ou em marcha, de todos os recursos de conquista e de todos os meios de resistência.

A instituição do soldo *(stipendium)* — devida aínda ao dictador Camilo — já permitia, por um lado, que todos os cidadãos soldados, encorporados no exército, ali permanecêssem largas temporadas, sem a necessidade de, entre duas aventuras, recolherem a refazer-se de meios no trabalho das lavoiras e indústrias, voltando depois a novas campanhas; representando, pois, tal medida uma condição de guerras mais duradoiras, através da mais extensa área de acção. E já por outro lado permitia que o recrutamento compreendêsse uma vasta classe de cidadãos menos abastados, a modificação emfim da base do *censo* admitida, e com isto o alargamento dos quadros da cavalaria e a vantagem numérica de maiores contingentes nos *manípulos* da infantaria.

De milícia de defensiva, de jornadas e aventuras, o exército romano passava a agente de conquista.

Acrescente-se a acção que tinha para o endurecimento físico do soldado o treno, não apenas dos exercícios e dos combates, mas das marchas seguidas a rigor e dos árduos trabalhos de campanha — suportando ele ou manejando, alêm das armas, o lote dos mantimentos calculados por étape para quinze dias, e as próprias ferramentas, pois nem só aos *fabri*, antes a todos, cumpria irem delas munidos.

Considere-se, acima de tudo, quanto para a sua educação moral devia influir, com o sentimento do amor pátrio, avivado e nutrido por todas as instituições de Roma, o da obediência perfeita; e, como resultante, o respeito inquebrantavel da disciplina, consagrado pela fé do juramento prestado.

E reconhecendo semelhantes traços e condições, quem lhe leia a história não deverá estranhar que tal exército constituisse uma força armada entre todas admiravel, exactamente por nela se encontrarem, a par de firmes coragens e de corpos vigorosos, a mais pronta e a mais exacta submissão aos chefes. Não deverá estranhar, por isso, que o soldado romano fosse maior ainda na adversidade do que nas horas prósperas, e nos revezes refizesse as energias a empregar em novas luctas e emprêsas.

De novos revezes mesmo se tecêra em parte a vida desse exército, materialmente tão bem organizado e articulado, tão uno de pensamento sob o rígido e acatado comando dos generais.

Antes que se asenhoreasse do resto da Itália — preludiando por aí a con-

quista do mundo antigo — Roma viria com efeito sofrendo mais duma quebra funesta no seu poder e fama.

Não tardara, assim, cinco anos, a contar da victoria de *Veios*, que o movimento a favor da Etrúria — ameaçada pelos Gaulêses da Cisalpina — lhe atraísse a impetuosa represália destes (batalha do *Állia*) os agravos dum cêrco demorado, e a dura capitulação paga a oiro com o adverso contrapêso da espada de Brenno (390 a. C.).

Livre dos Gaulêses, e passado meio século, aínda a coligação das tribus samnitas dos Abruzios experimentava os romanos severamente em três guerras, impondo-lhes, no decurso da segunda, a afronta das *fôrcas caudinas* (321). Até que na terceira dessas guerras o esfôrço pertinaz das legiões, aguilhoado pelas exortações patrióticas e pelas ameaças sagradas dos comandantes, viesse a esmagar — devido também às manobras separadas dos inimigos — a aguerrida gente do Samnium, coligada agora com um resto das populações latinas, com novas tribus gaulêsas, e aínda com os Etruscos do Norte — sempre desconfiados de Roma.

A batalha de *Aquilónia* (293), seguida da cruel, implacavel destruição de vidas e coisas — sistemática no romano — assegurava-lhe emfim a posse indisputada da Itália central.

Com a guerra aos Tarentinos, e com a victória de *Benevente* (275 a. C.) — em que se resgatavam, pela derrota de Pyrrho, das que este (vindo do Epiro a chamado daqueles) infligira às legiões, uns 18 anos antes, nas batalhas de *Heraclêa* e de *Asculum* — os romanos tinham emfim conquistada a Itália continental: desde a região da Umbria, a norte, até à das Calábrias, a sul.

Conquista definitiva e fecunda, graças ao prático e previdente espírito político que lhes inspiraria, por um lado, o melhor processo para se firmarem nas regiões tomadas e submetidas: a divisão das cidades, tornadas rivais sob o ponto de vista das regalias e privilégios, segundo a importância delas e a sua atitude em frente de Roma; por outro lado, o sistema mais apropriado para as assimilar ao espírito e à vida da metrópole: a gradação desses direitos, a cuja posse os habitantes deveriam a sua identificação com os verdadeiros romanos — honra e proveito suprêmos — ou a relativa aproximação de situação tão invejavel.

Era, na verdade, hierarquisando-lhes a dependência em que as mantinham, suscitar-lhes emulativos sentimentos de obediência e fidelidade, tomados em conta pelo vencedor — como penhor, para este, do seu tranquilo domínio, e, daqui, como título a mais largas concessões e favores.

A tão certeiro espírito político se deveria, com efeito, a inimitavel organização dos *municípios* da Itália romanizada — sob os três tipos que ficaram caracterizados, na ordem descendente: pelo gôso do *direito de cidade perfeito*, pelo benefício dos puros *direitos civis*, e pela vantagem da mera *situação de aliança* com a metrópole.

A esse espírito político se deveria a criação duma categoria política e administrativa imediatamente inferior: a das *prefeituras;* depois a das «cidades capituladas *sem condições*».

Não revelaria menor tino diplomático e político a invenção do título de *federadas*, concedido a cidades livres — livres de nome apenas — lisongeadas com esse título, e que se obrigavam a fornecer a Roma: ora tropas de *aliados*, ora navios e guarnições para estes.

Completando a rêde dos variados meios de domínio e defêsa, Roma estabelecia nas regiões menos seguras as suas *colónias* militares: postos de vigilância e guarnições cujos direitos eram conferidos pelo Senado — que confiscava a favor dos colonos um terço do território conquistado.

Reproduzindo em tudo a vida e os aspectos da metrópole, representando outras tantas imagens da cidade do Tibre — as *colónias* contribuiriam não só

para lhe garantir e fixar as conquistas, mas para *romanizar* os territórios e populações sucessivamente dominados.

Mas para que a acção central a toda a parte melhor se comunicasse, quer na guerra quer na paz, era condição necessária a maior larguêsa e facilidade de ligações materiais.

Obedeceriam a essa necessidade o traçado e construção das seguras e duradoiras *estradas romanas*, cujas raízes eram as sete nobres *vias* irradiadas da metrópole.

*

Conquistada a Italia, os romanos — avisinhados da Sicília pela posse da Grande-Grécia — cobiçariam logo a ilha fertil, que era propriedade de Cartago.

Rebentaria então a guerra da Sicília — primeira das três *guerras púnicas* (que correram de 264 a 146 a. C., contando os períodos activos e as interrupções e tréguas) — e com ela se iniciaria uma fase nova na história do mundo.

Representaria o primeiro passo do duelo travado entre essas duas grandes potências rivais — Roma e Cartago — pelo domínio do Mediterrâneo ocidental; duelo cujo marcha e resultado, favoraveis à primeira, não só lhe viriam a dar as partes da terra e do mar directamente disputadas, mas lhe valeriam, de caminho e por fim, a conquista do Oriente e da Grécia, e como consequencia a transformação do espírito e dos costumes romanos.

Intervindo na vida política da Sicília a pretexto de secundar os Mamertinos de Messina contra os habitantes de Syracusa — que eram apoiados pelos Cartaginêses — os romanos logo quizeram expulsar estes da ilha e tomá-la de vez.

Não tardou muito.

A frota do consul Duílio — devida não a uma improvisação, a uma milagrosa e rápida invenção e construção de navios, como conta a lenda, mas ao aperfeiçoamento e aumento da esquadra que Roma já de ha muito possuía — batia a frota dos Cartaginêses em frente de *Myloe* (260 a. C.).

E depois da derrota sofrida pelos romanos na primeira investida levada contra Cartago (255 a. C.), a victória naval das *ilhas Égades* custava a esta o abandôno da Sicília — tornada assim província romana — e uma imposição correspondente a 20 milhões, a pagar em vinte anos (241 a. C.).

Com tão duras condições de paz terminaria para os Cartaginêses a primeira *guerra púnica*.

E com esta guerra termina para nós a fiada de séculos da história de Roma, que nos foi necessário seguir para bem compreênder o primeiro dos três pontos indicados no final do meu anterior artigo: a *tardia aparição* duma verdadeira literatura latino-romana, no sentido de produto erudito.

Realmente: construir um Estado, que ficaria típico na história, tanto sob o ponto de vista do govêrno interno, como sob o da acção civilisadôra devida à sua irradiação mundial; organizar um exército apontado como o mais perfeito da antiguidade e o mais acabado factor de conquista e de império jámais conhecido; criar e firmar os fundamentos do Direito — dotando as nações do Oci-

dente europeu do conjunto de preceitos a que deveriam grande parte da sua coesão social — fôra empreênder e levar a efeito tarefa complexa bastante para de todo absorver a actividade dum grande povo, por privilegiadas qualidades que ele reunisse.

E assim se explica que, dos tempos da sua história por nós percorridos, tão pouco ficasse, relativamente, em matéria de literatura, tradicional e escrita (apesar de admitirmos que alguma coisa se houvesse perdido).

Bem diversa da dos gregos — favorecidos, a par o génio da raça, pelo meio físico e por todas as condições sociais no sentido dum variado desenvolvimento das faculdades inventivas e da iniciativa individual, embora à custa da inferioridade política que o próprio particularismo dos diferentes centros, propício a tal desenvolvimento, necessariamente implicára — a primitiva civilização dos romanos fôra mais utilitária do que imaginosamente criadora.

Daí — insista-se — a relativa pobrêsa do seu espontâneo e original espólio literário, que ficará registado todo em poucas linhas.

Apontados alguns fragmentos de hinos sacros — *Cármina Saliária* e *Cármen Arválium* (e outros teria havido) — a par as *sentenças de oráculos,* os *vaticínios,* e certas *fórmulas de magia,* pouco ou nada mais restará indicar nos domínios da cultura religiosa e poética da Roma primitiva.

No campo propriamente literário ha a citar, em produções de ordem poética — a um lado, as de carácter *patrício,* como as *Cármina convivália* e as *néniae* — a outro, as de sabôr popular: entre canções de amôr e cantilenas de berço e de jogos, de que não encontramos restos, mas de cuja existência se não duvida — as diversas espécies de *Cármen rústicum,* as *Cármina triumphália,* os sarcásticos versos *fescenninos,* a letra das *Sáturae* (germens do drama) e várias inscrições, preciosos documentos para o estudo do verso *saturnino,* nelas empregado como nos diversos géneros poéticos dessa primitiva idade.

Citando, na prosa incipiente de Roma, alguns textos ditos históricos, as *Leis reais,* os trechos dos primeiros tratados de aliança, paz, etc., os chamados *Livros do rei Numa,* os *Registos e Comentários Pontificais,* os *Fastos,* os *Livros dos Augures,* os *dos Pretôres,* as *Tábuas dos Censôres,* os *Grandes Anais,* vários *Elogios fúnebres* e os preceitos das *Leis das Doze Tábuas,* cita-se a bem dizer tudo quanto dessa prosa se conhece ou de que se podem encontrar vestígios.

Inquirir se o génio de Roma, entregue a si mesmo e livre de toda a influência estranha, teria chegado a produzir mais; se a enxertia helénica lhe haveria prejudicado o desenvolvimento próprio, tolhendo-lhe o melhor de quanto nele pudésse subsistir de

relativamente original; se, com efeito, a *verdadeira literatura latina* se fanara logo ao desabrochar, no dia em que a cidade do Tibre conheceu o primeiro manuscrito grego — sería entrar numa já longa e talvez interminavel questão, travada entre os admiradores do espírito romano e os entusiastas do espírito grego; e para nós de indirecto interesse apenas, sob o ponto de vista a que vem subordinada esta parte do meu estudo.

Deixemo-la, pois, em aberto.

E, compreendida e explicada, como fica, a *tardia aparição* da literatura latino-romana, no sentido de produto erudito — tratemos agora da *influência da cultura grega* na sua formação e desenvolvimento, e de definir os *caracteres* dessa literatura romana, próprios e adventícios.

Constituirão estes dois pontos o assunto do meu próximo capítulo.

(Continúa).

Manuel da Silva Gaio.

BREVES CONSIDERAÇÕES

SOBRE ALGUNS FACTOS DE HEREDITARIEDADE

No estudo da transmissão hereditaria dos vicios de conformação e das predisposições morbidas familiaes, não se atende, em geral, suficientemente, ás relações que podem existir entre alguns d'esses casos de dificil interpretação e os factos geraes que as modernas investigações sobre a hereditariedade biologica normal teem feito descobrir.

As leis a que obedece a herança biologica não são hoje estudadas meramente sob o ponto de vista da observação. Uma nova sciencia, a genetica, ou fisiologia da descendencia, aceitando o termo e a definição consagrados em Inglaterra, se vae rapidamente constituindo, caracterisando-se pelo emprego de metodos especiaes. Séries de experiencias entre si logicamente subordinadas teem assim permitido alargar consideravelmente o campo de investigação, fornecendo inesperados resultados cujo exame se póde realizar com perfeito rigor scientifico.

D'essas extensas séries de observações e experiencias que, sobre a hereditariedade, os biologistas teem coligido, procurando integral-as em leis geraes, limitar-nos-hemos apenas a recordar, por meio de um reduzido numero de exemplos, o que seja, nos casos mais simples, o fenomeno da disjuncção de caracteres, segundo o conceito fundamental de Mendel, que os modernos investigadores tão largamente teem desenvolvido. Entraremos, logo em seguida, no assunto especial d'este artigo que é o de examinar qual a importancia que essas noções poderão ter na interpretação de determinados factos de herança, concernentes a imperfeições organicas e a predisposições morbidas familiaes, que teem sido observados na especie humana.

I

Para nos familiarisarmos com a terminologia adoptada em estudos d'esta natureza, convém, primeiramente, recordar as conhecidas experiencias de Cuénot relativas ao cruzamento do pequeno rato caseiro cinzento (côr da pelagem devida a uma mistura de branco e d'alguns pigmentos, olhos escuros) com a fórma albina (pelagem d'um branco puro, olhos vermelhos). Por comodidade de linguagem, ainda que sem muita propriedade, diz-se que a primeira fórma tem o caracter cinzento e a segunda o caracter branco, servindo essas designações apenas para lembrar as duas particularidades distinctivas, respectivamente mais em evidencia.

Mostra a experiencia que os individuos resultantes dos cruzamentos efectuados entre as duas fórmas são todos semelhantes entre si, e, pelo menos na aparencia, semelhantes sómente ao ascendente de caracter cinzento. Denominaremos esses individuos, productos imediatos dos referidos cruzamentos, pela designação de hibridos de primeira geração. A palavra hibrido é tomada, aqui, em um sentido mais lato do que o habitual em taxinomia.

Motivadamente diremos pois que o cinzento foi o caracter «dominante» em todos os hibridos da primeira geração e que o branco foi o caracter dominado ou «recessivo».

Unindo entre si estes hibridos obteremos os de segunda geração. Um facto notavel então se observa, é o de nos aparecer puro e com evidencia, em um numero determinado d'esses segundos hibridos, o caracter recessivo que, em todos os primeiros, como vimos, se tinha ocultado. Não obstante ser identica a ascendencia, podem ser, os segundos hibridos, distribuidos em tres grupos: o dos individuos brancos puros, isto é, que possuem sómente o caracter branco e que se os unirmos entre si originam uma linha de novas gerações de brancos tambem puros; o dos cinzentos puros que dão, semelhantemente, origem a cinzentos; e finalmente o grupo dos cinzentos impuros, isto é, nos quaes existe o cinzento como caracter dominante e o branco como recessivo, e cuja descendencia é semelhante á dos hibridos da primeira geração.

Cada um dos dois primeiros grupos, brancos puros e cinzentos puros, é composto, aproximadamente, pelo quarto do numero total dos hibridos de segunda geração; o terceiro grupo, o dos cinzentos impuros, é formado pelos dois quartos restantes.

*

Mendel formulou uma hipotese que explica, sob uma fórma simples, o fenomeno da disjuncção de caracteres nos hibridos de segunda geração. Na ocasião da producção dos elementos sexuaes, os caracteres dominantes ou recessivos que até então pareciam estar fundidos no hibrido, isolar-se-iam de novo, ficando metade dos elementos reproductores, ou gametas, com um dos caracteres, e a outra metade com o outro. Isto dar-se-hia tanto nos gametas masculinos como nos ovulos.

Da união do gameta masculino e do gameta feminino, resulta o zigota. Se os dois gametas que se fundiram são portadores do mesmo caracter, cinzento, por exemplo, diremos que o producto é homozigota. Se, pelo contrario, os dois gametas que se encontraram são portadores de caracteres diferentes, existindo em um d'eles, por exemplo, o caracter cinzento e no outro o caracter branco, diremos que o producto é heterozigota. Essas denominações serão aplicadas tanto aos ovulos fecundados como, por extensão de linguagem, aos hibridos que d'eles derivarem.

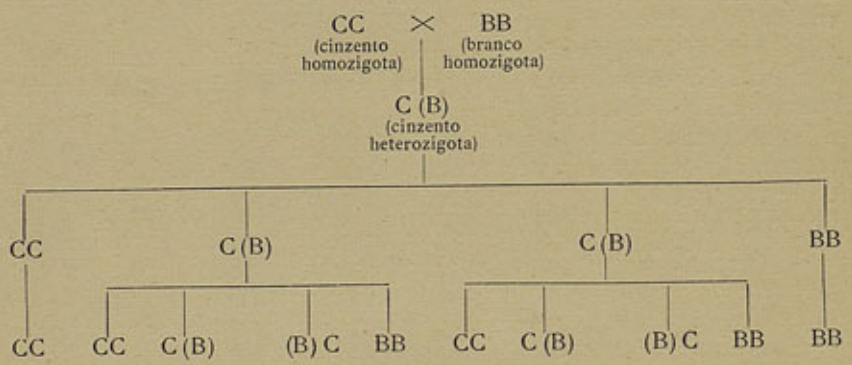
Designemos os caracteres cinzento e branco respectivamente pelas letras C e B. Quando um caracter figurar como recessivo fecharemos a letra com que o designarmos em um parentesis. Os productos dos primeiros cruzamentos entre a fórma cinzenta e a branca, na experiencia de Cuénot, são todos heterozigotas e poderão ter o simbolo C(B), pois que, neste caso, o branco é recessivo.

Se admitirmos a hipotese de Mendel, em cada um d'esses individuos C(B), metade dos gametas teriam sómente o caracter C e a outra metade o caracter B. Esta dissociação dar-se-hia semelhantemente, tanto nos individuos masculinos como nos femininos.

Na ocasião da fecundação teremos, nessas condições, o encontro de quatro ordens de elementos sexuaes reproductores: de um lado, gametas masculinos portadores do caracter C e, em numero egual ao d'estes, gametas, tambem masculinos, portadores do caracter B; do outro, semelhantemente, gametas femininos com o caracter C e um numero egual ao d'estes de gametas femininos com o caracter B. Da amfimixia ou união dos elementos reproductores masculinos com os femininos resultarão ovulos fecundados e, consequentemente, individuos de segunda geração dos quatro tipos seguintes CC, C(B), (B)C e BB. Manifestamente haverá eguaes probabilidades de aparecimento de individuos de cada um d'estes tipos. Por isso, os brancos puros BB deverão ser aproxi-

madamente um quarto do numero total de individuos de segunda geração, um outro quarto será formado pelos cinzentos puros CC. Os dois quartos restantes serão formados pelos individuos dos tipos C(B) e (B)C, que na experiencia de Cuénot não se mostraram distinctos entre si, sendo em tudo semelhantes aos hibridos de primeira geração.

Com os simbolos escolhidos, podemos condensar no seguinte diagrama a referida experiencia de Cuénot.



Se cruzarmos uma fórma pura CC, com uma fórma heterozigota C(B), é claro que obteremos productos de primeira geração de dois tipos CC e C(B), pertencendo a cada um, aproximadamente, metade do numero total dos individuos resultantes d'esses cruzamentos.

A consideração d'esta ultima fórma de repartição numerica, que se observa nos cruzamentos entre os hibridos mendeleanos heterozigotas e os individuos de raça pura, é muito importante para o fim especial que temos em vista porque, na especie humana, é frequente a união sexual de individuos que do lado paterno ou materno herdaram uma determinada particularidade, com outros pertencentes a familias onde essa particularidade não existe.

Quanto maior for o numero de hibridos, maior numero de probabilidades haverá de se fazer a repartição numerica segundo a previsão de Mendel. As experiencias de cruzamentos realizadas por este investigador entre variedades de plantas, especialmente entre algumas fórmas da especie *Pisum sativum*, são das mais notaveis da historia da biologia. O principio da dissociação de determinados caracteres e o da repartição numerica dos hibridos nas diferentes gerações foram deduzidos por Mendel com perfeito rigor

e clareza. Esses estudos passaram quasi inteiramente despercebidos ao tempo da sua publicação (1864-1869), sendo, depois, esquecidos. Só em 1900, com poucas semanas de intervalo, tres botanicos distinctos, de Vries, Correns e Tschermak, publicaram, independentemente uns dos outros, trabalhos sobre a disjuncção de caracteres, pondo esse fenomeno em evidencia, por meio de novas experiencias. É a partir d'então que os estudos sobre os caracteres mendeleanos extraordinariamente se multiplicam, surgindo soluções imprevistas para determinados problemas de hereditariedade.

*

Pelo cruzamento d'algumas variedades de milho obtem-se hibridos em que com muita evidencia se manifesta a disjuncção de caracteres mendeleanos.

No grão de milho, a semente está soldada ao pericarpo. Na semente existem substancias de reserva (albumen) produzidas em celulas que resultam da divisão do nucleo secundario do saco embrionario, com a porção correspondente de protoplasma que o acompanhou nessa divisão. O nucleo secundario tambem recebe a impregnação masculina. É de esperar, pois, que, no caso da semente poder originar um hibrido, já o albumen, nela existente, poderá revelar alguma particularidade derivada da sua origem hibrida.

Assim acontece. H. de Vries descreve circumstanciadamente a experiencia do cruzamento do milho sacarino com o milho amilaceo ordinario. Antes da completa maturação, em ambos o grão é liso. Depois adquirem caracteres externos faceis d'apreciar. Os grãos sacarinos perdem agua e enrugam-se, tornando-se mais ou menos translucidos; os grãos amilaceos permanecem lisos e são opacos. No milho, as flores masculinas agrupam-se formando a bandeira ou pendão, as femininas reunem-se constituindo espadices. Com facilidade, pois, se poderá obter a hibridação, eliminando convenientemente, antes da abertura das primeiras flores, as bandeiras de uma ou outra das variedades, cultivadas a par.

As espigas portadoras das primeiras sementes hibridas, teem todas, pelo menos na aparencia, sómente os caracteres da variedade amilacea, que é pois a dominante.

Nas espigas portadoras das segundas sementes hibridas, revela-se a disjuncção de caracteres que se torna notavel porque, em cada uma, tres quartos dos grãos são amilaceos e lisos e os restantes, isto é, a quarta parte do numero total, são sacarinos e portanto enrugados e transparentes. Estes ultimos, sendo semeados,

*

voltam a regenerar a variedade sacarina pura tal como a que serviu de origem. Quanto aos grãos amilaceos, uns reproduzem a variedade amilacea pura e os outros são, quanto á sua descendencia, perfeitamente semelhantes aos grãos portadores das primeiras sementes hibridas.

Experiencias de egual valor, podem ser realizadas com outras variedades de milho. No cruzamento resultante da variedade de grão azul com a de grão branco (experiencia citada por Chodat), é o grão branco que fornece o caracter dominante nos primeiros productos hibridos. Depois a disjuncção de caracteres manifesta-se com evidencia, distinguindo-se pela sua coloração os grãos portadores das diferentes sementes hibridas.

*

Muitas vezes na herança de determinados caracteres dá-se um fenomeno, para o qual convém chamar a atenção, conhecido pela designação de herança com limitação sexual, e que consiste em serem diferentes para cada sexo as normas de transmissão hereditaria, podendo um caracter ser dominante no sexo masculino e recessivo no feminino, ou inversamente.

Um bom exemplo d'essa limitação sexual nos é dado pelo cruzamento, estudado pelo professor Wood, d'uma raça de carneiros Dorset, em que os chifres são bem desenvolvidos nos dois sexos, com uma raça Suffolk em que nem as ovelhas nem os carneiros são cornigeros.

Nos hibridos de primeira geração, os carneiros são todos cornigeros, e as ovelhas não o são.

Nos hibridos de segunda geração distinguem-se quatro tipos: carneiros cornigeros e não cornigeros, ovelhas cornigeras e não cornigeras.

A existencia de chifres foi pois, na primeira geração, dominante nos carneiros e, pelo contrario, a sua ausencia, dominante nas ovelhas.

II

Na especie humana, não podem ser definidas com rigor, particularidades caracteristicas que obedeçam á lei de transmissão mendeleana, porque, neste caso, não podem, evidentemente, ser realizadas experiencias comprovativas, fazendo, em gerações successivas, séries de cruzamentos apropriados, e, por isso, temos de

nos contentar com a observação dos factos de descendencia que naturalmente ocorrem e que fortuitamente possam chegar ao nosso conhecimento. Além d'isto, nas differentes raças e variedades da especie humana, os caracteres encontram-se, geralmente, por tal fórma intimamente ligados entre si, que é dificil, e muitas vezes mesmo impossivel, estudar a variação de um d'elles independentemente da variação d'outros e, assim, só em circumstancias muito raras será de esperar que se manifeste claramente a dissociação dos elementos dominantes e recessivos.

É assim que o professor Bateson, a quem se devem trabalhos modernos dos mais importantes sobre a disjuncção dos caracteres, e que é um dos mais ilustres propagandistas das doutrinas mendeleanas, é tambem o primeiro a afirmar que, relativamente ao homem normal, poucos casos ha em que essa dissociação possa ser demonstrada.

Hurst, examinando as creanças de uma povoação de Leicestershire sob o ponto de vista da côr dos olhos, notou que nos olhos castanhos existe pigmento na parte anterior da iris, e que nos olhos azues não existe pigmento nessa região. Da observação dos cruzamentos concluiu que essas colorações são caracteres que obedecem ás leis mendeleanas da segregação, sendo, na transmissão hereditaria, a presença de pigmento o dominante, e o tom claro o caracter recessivo. É necessario porém ter todo o cuidado em observações d'esta ordem, cujas dificuldades são faceis de avaliar, porque tambem em olhos azues se póde encontrar algum pigmento na referida face da iris.

Parece, semelhantemente, que, em algumas familias, se nota uma certa disjuncção hereditaria quanto á côr dos cabelos. O numero de observações é, porém, insuficiente para se poder deduzir qualquer principio geral.

Quanto aos cruzamentos efectuados entre individuos pertencentes a diversas raças humanas, não podem os seus resultados ser sintetisados, pelo menos, por emquanto, nas normas simples da herança mendeleana, o que era de prever, tendo em consideração a complexidade e intima correlação dos caracteres que definem cada uma d'essas raças.

*

Se, porém, deixarmos o estudo do homem normal, e estudarmos a transmissão hereditaria dos vicios de conformação e das predisposições para certas afecções e anomalias, poderemos encontrar alguns casos em que a herança familial d'essas imperfei-

ções se dá, segundo normas semelhantes ás que regulam a transmissão dos caracteres mendeleanos.

Gossage tendo estudado a historia morbida d'algumas familias em que existiam determinadas doenças oculares ou de pele, concluiu que nesses casos a transmissão hereditaria se fazia quasi sómente pelos individuos afectados, o que estaria de harmonia com os principios mendeleanos, aceitando que nestas condições a predisposição morbida seria o caracter dominante.

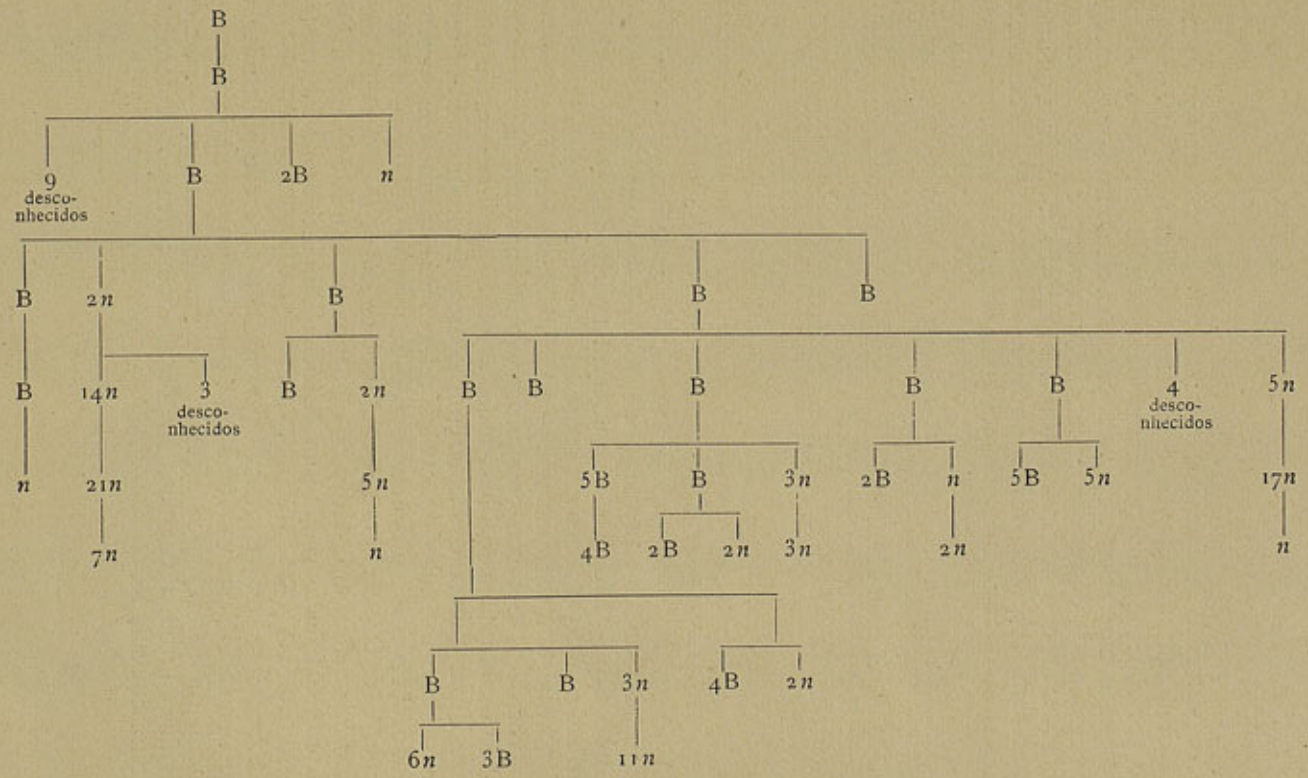
Não conhecemos as historias genealogicas em que Gossage baseia as suas conclusões. Fornecem-nos, porém, elementos de muito valor para o estudo da disjuncção dos caracteres, o exame d'algumas historias de familias, em que existia a braquidactilia ou a cataracta congenita (citadas e desenvolvidamente analisadas por Bateson), e ainda um caso de transmissão familial da paralisia muscular de Landouzy e Déjerine (citado por William Gowers).

*

É a braquidactilia um vicio de conformação que consiste em serem curtos os dedos das mãos e dos pés, podendo tambem manifestar-se sómente nas extremidades superiores ou nas inferiores. Essa anormalidade provém de que todos os dedos teem sómente uma articulação interfalangeana analogamente ao que normalmente existe no polegar e dedo grande. A falta da outra articulação é consequencia de imperfeições das falanges, ou da sua soldadura, ou mesmo da sua atrofia. A segunda falange é ordinariamente a mais afectada podendo, d'ela só, derivar o defeito total.

Farabee pôde traçar a arvore genealogica duma familia americana, da Pensylvania, em que apareciam numerosos casos de braquidactilia. Drinkwater estudou a genealogia d'uma familia ingleza onde tambem existia a braquidactilia. Nas arvores representativas da descendencia destas familias claramente se verifica a disjuncção dos caracteres, segundo as normas de Mendel.

Damos em seguida o esquema de descendencia, na familia, estudado por Drinkwater, onde designaremos pelas letras B e *n*, respectivamente, os individuos braquidactilos e normaes.


B
B
9 desconhecidos
B
2B
n
B
2n
B
B
B
B
14n
3 desconhecidos
B
2n
B
B
B
B
B
4 desconhecidos
5n
n
21n
5n
5B
B
3n
2B
n
5B
5n
17n
7n
n
4B
2B
2n
3n
2n
n
B
B
3n
4B
2n
6n
3B
11n

*

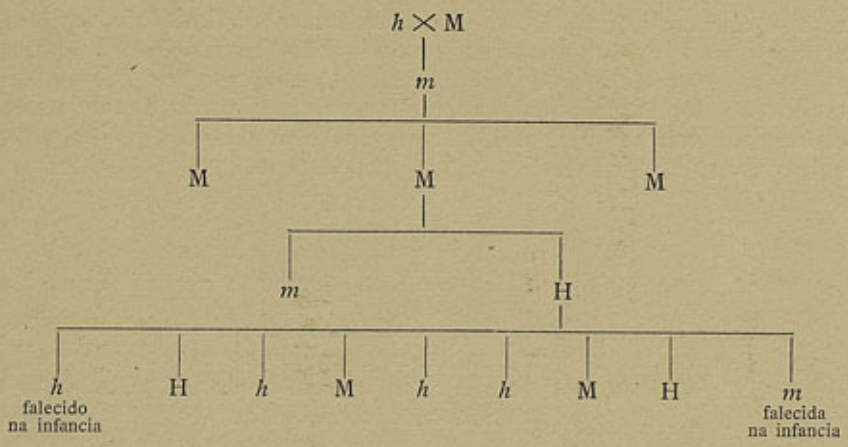
As historias de familias, concernentes á transmissão hereditaria de algumas fórmas de cataracta, coligidas por Nettleship (citado por Bateson), são perfeitamente comprehensiveis, se admitirmos que a cataracta foi, nesses casos, o elemento dominante. A transmissão aos descendentes fez-se quasi sempre pelos individuos afectados, ou que mais tarde o foram, mas os individuos que permaneceram indemnes, mesmo quando directamente descendentes de individuos com cataracta, deram, em geral, origem a novos seres egualmente indemnes, em cuja geração a cataracta não voltou a manifestar-se. A condição normal dos olhos foi pois um caracter mendeleano recessivo.

D'essa série de observações são sobretudo interessantes aquelas em que a cataracta foi congenita ou, pelo menos, apareceu relativamente cedo. Os casos senís ou tardios tem muito menor valor demonstrativo.

*

A fórma facial da paralisia atrofica progressiva, de Landouzy e Déjerine, fornece-nos a seguinte linha de transmissão hereditaria em uma familia na qual se puderam colher dados interessantes relativos a cinco successivas gerações. Primeiros ascendentes: marido normal, mulher afectada pela paralisia atrofica. Tiveram uma filha normal que casou com um individuo normal. D'este matrimonio resultaram tres filhas, todas sofrendo da degeneração muscular. Uma d'estas desposou um homem normal; tiveram uma filha sadia e um filho no qual a miopatia se manifestou sómente quando chegou aos 26 anos e não se tornou geral até aos cincoenta. Este consorciou-se a uma mulher sadia. D'essa união nasceram nove filhos, dos quaes seis rapazes e tres raparigas. Um filho e uma filha morreram na infancia. Dos sete restantes, quatro eram atroficos.

A seguinte arvore genealogica melhor fará comprehender a série descrita. Neste esquema H, M designam respectivamente — homem, mulher, quando afectados de paralisia atrofica —. Se os individuos forem indemnes, empregaremos correspondentemente as minusculas *h, m*.



Entende William Gowers que a linha de transmissão observada nesta familia tem uma distante mas interessante semelhança com as que traduzem os factos mendeleanos, considerando a normalidade o caracter dominante, o que realmente acontece na primeira geração. Julgamos porém que o mesmo se não póde afirmar nas gerações seguintes. O que porém se mostra com evidencia, é que na familia ha dois grupos bem distinctos, o dos individuos atroficos e o dos individuos sadios. Não se póde tirar qualquer outra deducção relativamente á segregação de caracteres, porque o numero de uniões é relativamente limitado.

*

Semelhantemente ao que indicámos sob a designação de herança sexualmente limitada, existem algumas imperfeições organicas que em determinadas familias vão afectar quasi exclusivamente os individuos de um dos sexos, podendo a transmissão hereditaria realizar-se pelos dois sexos, tanto pelo afectado como pelo indemne. Na transmissão da hemofilia, ha exemplos de historias de familia, em que quasi sómente os homens mostravam a tendencia hemofilica, e as mulheres não denunciavam essa imperfeição, que comtudo se patenteava de novo na descendencia d'essas mulheres, nas quaes, o caracter hemofilico, tinha ficado em um estado recessivo. Na transmissão hereditaria do daltonismo, a fórma mais vulgar da discromatopsia congenita (o daltonico só distingue um numero restricto das diversas côres do espectro),

tem-se observado em algumas familias factos de limitação sexual, sendo o caracter daltonico recessivo no sexo feminino.

Devemos no emtanto dizer, que tanto nos casos de hemofilia, como nos de daltonismo, parece haver a intervenção d'alguns factores que tornam bastante dificil a interpretação dos fenomenos sob o ponto de vista estrictamente mendeleano.

III

Convém acentuar que para existir a herança mendeleana não é indispensavel que haja caracteres dominantes e recessivos. O que essencialmente a define é o fenomeno da disjuncção dos caracteres e, até certo ponto, as proporções em que essa disjuncção se realiza. Não tem pois valor a objecção apresentada contra o mendelismo de que, nos hibridos de primeira geração, muitas vezes se manifesta, não o predominio do caracter d'um dos individuos que entram no cruzamento, mas sim uma resultante dos caracteres dos dois ascendentes.

O facto da dissociação, nos denominados hibridos de segunda geração, de certas particularidades caracteristicas de determinadas fórmas vegetaes ou animaes, sob dadas normas de distribuição numerica, é incontestavel, o que é de importancia fundamental em biologia, qualquer que seja a interpretação adoptada.

É claro que devemos ter sempre bem presente que a designação de caracter mendeleano indica simplesmente uma particularidade distinctiva de uma dada fórma, transmissivel segundo certas leis que a experiencia demonstra. É certo que os habitos do nosso espirito nos fazem imaginar os organismos superiores como unidades indivisiveis, e que nos custa admitir uma tal ou qual independencia de determinadas particularidades, parecendo-nos mesmo que se entra em um jogo de abstracções, separando como entidades diferentes o que não são mais do que diferentes modalidades sob que se nos apresenta um substratum bio-chimico comum. Deve, porém, notar-se que nos limitámos sómente a mencionar os resultados da experiencia, e que, no estado actual dos nossos conhecimentos, só a experiencia nos póde actualmente indicar se um caracter é mendeleano ou não o é.

*

Galton fundando-se em numerosos elementos estatisticos formulou a denominada lei da hereditariedade ancestral segundo a

qual, nas qualidades de um individuo, cada um dos primeiros ascendentes, pae ou mãe, influiria na proporção de $^1/_4$, os segundos na de $^1/_{16}$ e os terceiros (bisavós) na de $^1/_{64}$. Estes dados estatisticos, qualquer que seja o seu grau de probabilidade, perdem, é claro, muito do seu valor nos casos especiaes em que se manifesta uma disjuncção de caracteres, porque então uma determinada qualidade de um ascendente póde ser recessiva em uma geração e, depois, reconstituir-se integralmente em alguns individuos das gerações seguintes, podendo continuar pura nas correspondentes linhas de descendencia.

*

Parece-nos que d'este rapido exame se deve concluir que, não obstante o estudo da transmissão hereditaria dos caracteres mendeleanos, estar ainda apenas esboçado no que diz respeito á especie humana, as analogias que, relativamente a essa transmissão, sem duvida alguma devem existir em todos os seres vivos, nos explicam certos factos concernentes a determinadas predisposições familiaes, e nos permitem, até certo ponto, prever os possiveis resultados do cruzamento de individuos pertencentes a familias onde existam essas predisposições. Sempre que um caracter morbido se transmita por fórma que proxima ou longinquamente se possa semelhar ás leis da transmissão mendeleana, devem rigorosamente evitar-se as uniões de individuos nos quaes esse caracter possa de lado a lado existir como dominante, ou mesmo como recessivo, porque, em virtude das referidas uniões, poderão, em grande numero de casos, reconstituir-se inteiramente caracteres que d'outra fórma tenderiam a desaparecer, semelhantemente ao que se observa na segunda geração dos hibridos de cruzamento, em metade dos quaes se revelam, reconstituindo-se, as qualidades puras das variedades d'onde derivaram. Por esta ordem de idéas, é de prever tambem que, em familias onde se manifestem certas predisposições, transmissiveis por herança, mesmo d'aquelas que mais funestas consequencias pódem trazer comsigo, devem, geralmente, encontrar-se muitos individuos nos quaes esses caracteres nem mesmo como recessivos existam, e cuja descendencia poderá ser inteiramente isenta de qualquer vicio organico ou de qualquer predisposição morbida, voltando assim á normalidade da raça. É claro que supomos completamente afastadas todas as causas deleterias que possam derivar das condições de meio em que os referidos organismos se desenvolvem.

Sejam, porém, quaes forem as dificuldades de observação no

que diz respeito á aplicação, ao homem, das leis de Mendel, as analogias biologicas impõe-se e o patologista em alguns casos em que entre os membros da mesma familia se notem profundas dissemelhanças, sob o ponto de vista da transmissão hereditaria d'uma determinada predisposição, deverá ter presente no espirito que convém cuidadosamente investigar se existirá uma possivel dissociação de caracteres.

*

Terminando, devemos, comtudo, dizer que, reconhecendo o alto valor que em biologia teem os estudos sobre a disjuncção dos caracteres, não acompanhamos os que julgam poder afirmar que essas fórmas de herança, conjugadas com as variações bruscas hereditarias, denominadas mutações de Vries, representaram o papel primario na transformação evolutiva das especies. A evolução é um facto extremamente complexo, e tentar moldar as suas leis pelas normas que regem alguns fenomenos, muito importantes, é certo, mas cujo grau de generalidade se está longe de conhecer, parece-nos que é saír do dominio rigoroso da sciencia. Precisavamos fazer esta afirmação, porque, não obstante aceitarmos a notavel significação de certos factos de hereditariedade, nas condições precisas em que foram estudados, rejeitamos as teorias exclusivistas que, sobre esses factos, teem sido precipitadamente arquitectadas.

Aarão Ferreira de Lacerda.



O «PLURALISMO»

NO DIREITO PUBLICO

(A proposito dum livro de Haŭriou)

O CRITERIO pluralistico, que é um dos traços diferenciaes da moderna corrente filosofica, e do qual a obra de James representa porventura a mais elevada expressão, não podia deixar de repercutir-se na esfera do direito, e nomeadamente do direito publico, como reacção fatal contra as preocupações monisticas que de ha muito vinham dominando este ramo do pensamento humano. Uma obra recente — os «*Principios de direito publico*» do professor Maurice Hauriou — traduz por forma iniludivel essa orientação inédita e fecunda. Foi a sua leitura que nos sugeriu as seguintes ligeiras considerações.

*

Ainda ha bem pouco tempo, nesta mesma Revista, alguem mais competente do que nós, apaixonado cultor das sciencias filosoficas, acentuava a indole racionalista e intelectualista do seculo findo, mostrando como nessas duas palavras — intelectualismo, racionalismo — se resume o espirito de toda uma epoca.

«Para o intelectualismo (servimo-nos das proprias palavras do distinto colaborador) o Universo realiza-se, desdobra-se nas suas manifestações com a mesma logica e necessidade com que se demonstra um theorema de algebra, cuja conclusão estava já de facto contida nas premissas. O mundo é para elle como que um edificio de estylo classico, magestosamente harmonico, eminentemente contemplavel; e, em frente d'elle, o pensamento (que absorve em si o espirito inteiro) deve ter por unica funcção procurar reflecti-lo o mais correctamente possivel, como um espelho immovel. É este ideal de quietação, de unidade, de *bom gosto*, que o intelectualismo (especulativo ou scientista) tem tido sempre em vista contrapor á incongruente e desolante multiplicidade das coisas».

Compreende-se depois disto a afirmação de James: o racionalismo é sempre monista. O racionalismo, com efeito, parte do «tudo», do «universal», ligando a maior importancia á unidade das coisas, emquanto no extremo oposto o empirismo, essencialmente pluralista, toma para ponto de partida a *moles indigesta* dos factos (1).

Esta ancia de reduzir o multiplo ao uno, o composto ao simples, o diverso ao identico, da qual o homem faz depender — como subtilmente nota Gaultier (2) — toda e qualquer *explicação* do Universo, representa, como ninguem ignora, uma tendencia natural, irreprimivel, do espirito humano. Colocado frente a frente com a diversidade das coisas, o homem não tarda, efectivamente, a constatar analogias entre ellas, e em obediencia á necessidade de unidade que domina a sua razão, tenta, para explicá-las, reduzi-las umas ás outras.

«Diz-se: *o universo* (escreve Bergson) e a palavra faz pensar numa unificação possivel das coisas. Pode-se ser espiritualista, materialista, panteista, como se pode ser indiferente á filosofia e contentar-se com o senso comum: seja porém como fôr, o homem figura sempre um ou mais principios simples, pelos quaes tenta explicar o conjunto das coisas materiaes e moraes. É que a nossa inteligencia tem uma queda natural para a simplicidade» (3).

«Pensar é unificar». Assim se explica que a preocupação da unidade tenha dominado o pensamento filosofico durante seculos, desde Parmenides que absorvia a materia e o espirito no *ontos* uno e eterno, até Spencer e Haeckel que representam o apogeu do monismo materialista. Bastante razão tem pois Hauriou (4) quando observa que as doutrinas simples encerram maior atractivo para os espiritos do que as doutrinas complexas, resultando dahi em todas as ordens do conhecimento um afastamento sensivel entre o ponto de vista dos teoricos e o ponto de vista dos praticos. É que estes ultimos conhecem por experiencia a complexidade das coisas, ao passo que os outros fazem por esquecê-la, empenhados em reduzir a multiplicidade real á unidade dum principio abstracto.

Ora a moderna corrente filosofica, sendo, como é, essencialmente pratica, não podia deixar de reagir contra a atitude classica que leva áquelle afastamento. E tanto assim é que hoje mesmo, e sob os nossos olhos, novas direcções mentaes, novas atitudes de espirito se vão fortalecendo, destinadas a substituir, ou pelo menos a compensar o radicalismo monista com uma visão pluralistica do mundo. Emquanto, por um lado, sabios da cotação intelectual de Poincaré abordam o problema do valor do conhecimento e, de acordo com o anti-intelectualismo de Bergson, concluem por uma condenação da sciencia nas suas pretensões unitarias, a propria indagação scientifica entra de contrariar a hipotese monista, revelando cada vez mais o que ha de complexo por trás do que se supunha irredutivel. E deste modo, sob a acção convergente da especulação critica e do progresso scientifico, o dogmatismo monista vae cedendo pouco a pouco o lugar a um empirismo original.

«Pode ser (assim se exprime James) que amanhã ou depois a mais plausivel das hipoteses seja a unidade, mesmo total, assegurada por um pensamento unico, por uma origem unica, e por um universo consolidado, sistematizado por todas as formas concebiveis. Daqui até lá é a hipotese contraria que cumpre lealmente adoptar, isto é, a dum mundo até hoje imperfeitamente re-

(1) James, *Le pragmatisme*, pag. 28.
(2) *La pensée contemporaine*, pag. 275.
(3) Pref. á trad. fr. do «*Pragmatisme*» de James.
(4) *Obr. cit.*, pag. 60.

duzido á unidade, e para o qual porventura essa redução será sempre imperfeita» (1).

*

Vem tudo isto, por estranho que pareça, a proposito do ultimo livro de Hauriou — «*Principios de direito publico*» — livro original e profundo que bastaria de per si para consagrar definitivamente o seu autor.

Não data de hoje a simpatia do eminente professor da universidade Tolosa pela moderna renovação filosofica. Num livro escrito ha cerca de quinze annos — «*A sciencia social tradicional*» — eram já visiveis os pontos de contacto entre a sua interpretação do mundo social e as concepções metafisicas de Bergson — isto apesar de Hauriou negar perentoriamente que o tenha dominado qualquer pretensão filosofica. Nesse livro defendia Hauriou o recurso á «tradição social», á «revelação social»; e se atentarmos em que a tradição representa, segundo uma definição que ficou celebre, «o instinto das sociedades», desde logo reconheceremos em Hauriou a mesma simpatia pelo senso interior, pela intuição, a mesma repulsão pela estreiteza do «espirito geometrico» que são o *leit-motif* da filosofia de Bergson e, dum modo geral, da actual direcção filosofica.

O seu ultimo livro filia-se directamente no mesmo modo de pensar, ou antes, no mesmo modo de sentir; porque se é verdade, como diz James, que em filosofia se é empirista ou racionalista como em literatura se é classico ou romantico, Hauriou é, sem sombra de duvida, um «temperamento empirista». Isso explica a solida coerencia da sua obra e a flagrante oportunidade das suas vistas.

Os *Principios de direito publico* representam, na esfera deste ramo juridico, o primeiro echo da filosofia pluralista. Isto revela-se logo na opinião do seu autor sobre o fundamento dos direitos. Este não reside exclusivamente no «poder de decisão», como pretendia a opinião classica e como ainda hoje pretendem, no campo do direito publico, os partidarios da *Herrschaft;* não reside tampouco exclusivamente, como queria Ihering, no interesse juridicamente protegido; não assenta finalmente sobre a idéa simples de função, os direitos dos individuos não são, como opina a tese socialista, meras funções sociaes. Para Hauriou, qualquer destes modos de ver representa a tendencia erronea e obsessora para explicar a realidade multipla por um postulado unico. A verdadeira explicação da realidade está, não na adopção comoda de qualquer daquelles principios abstractos, mas sim numa *sintese pratica* do interesse, da vontade e da função social. A analise dos direitos revela-nos a existencia de *equilibrios* variaveis entre os tres elementos.

Como dos tres elementos citados, os dois primeiros são em regra individualistas e o ultimo sempre social, na sintese concreta que constitue cada direito esboça-se já um verdadeiro equilibrio entre o individuo e a sociedade. Mas não é só na análise de cada direito que este equilibrio se manifesta. É tambem, e principalmente, na repartição final dos direitos entre o individuo e a sociedade — visto que ha realmente direitos que pertencem á sociedade e direitos que pertencem ao individuo. A conciliação destes direitos opera-se na paz, que é para Hauriou o sintoma decisivo de realização da justiça.

Finalmente, na propria diferenciação dos varios ramos de direito e nos processos tecnicos do sistema juridico encontramos novos exemplos de equilibrios interessantes, o que mostra que os equilibrios juridicos servem não só

(1) *Obr. cit.*, pag. 174.

á estabilidade e organização da sociedade, mas tambem á estabilidade e organização do proprio direito.

Eis a idéa fundamental da obra de Hauriou: o equilibrio. É a elle que as sociedades devem a sua permanencia, a sua estabilidade, o seu movimento lento e uniforme, a sua organização. E se atentarmos no proprio sistema juridico, «para o qual a balança é um simbolismo profundo», veremos que o equilibrio não encerra ahi menos importancia do que nas diversas praticas da vida social.

Escusado é encarecer a novidade e a importancia destas vistas conciliadoras, tanto mais em harmonia com o ambiente contemporaneo, quanto é certo que o équilibrio, tal como o concebe Hauriou, não é por forma alguma um eclectismo comodo, mais ou menos arbitrario, um sincretismo esteril de forças ou de opiniões, mas sim uma doutrina de vida, uma sintese pratica de elementos sociaes e juridicos.

Isto resalta evidente da sua critica ás opiniões de Duguit: «Assim como o individuo se não concebe sem a sociedade», assim tambem a sociedade se não concebe sem o individuo. «Dizer que a crença na liberdade anda ligada ao estado de natureza, no qual o homem teria vivido isolado, é preparar-se um triunfo demasiado facil. A liberdade do homem não provém do seu isolamento, apoia-se sobre o postulado psicologico da originalidade da sintese mental, sobre o facto de, mesmo no estado social, a sintese subjectiva de cada consciencia ser um começo absoluto. — Por conseguinte, emquanto a solidariedade social estiver contida nas consciencias individuaes, não brotará unicamente da sociedade, será revista pelas vontades humanas autónomas; a regra juridica não será o produto monista da natureza das coisas sociaes, será o resultado dum equilibrio entre a acção objectiva das coisas e a reacção do *eu*» (1).

*

É interessantissima a aplicação que faz Hauriou da sua teoria pluralista dos equilibrios á escolha do ponto de vista no estudo do direito publico.

O direito publico tem por objecto o Estado. Ora, para observar os equilibrios fundamentaes dum estado ordenado, é indispensavel escolher um «posto de observação» donde elles sejam perceptiveis. Este «posto de observação» não é, não pode ser, a personalidade juridica. Como é, com efeito, que partindo duma idéa feita, como é a personalidade una e indivisivel, poderemos chegar logicamente a uma «ordem» fundada sobre «equilibrios»? Uma ordem, seja ella qual fôr, assenta sempre sobre elementos multiplos, e se pelo equilibrio se consegue reconstituir até certo ponto uma especie de «unidade pratica», todavia essa «unidade» não é indivisivel, tanto assim que é possivel enumerar os seus elementos componentes.

Que fazer? «Tomar um partido heroico» e pôr provisoriamente de lado o ponto de vista da personalidade juridica do Estado. Em lugar de analisar imediatamente a forma-Estado como personificação da nação, analisemo-la antes num regimen politico-juridico, particularmente ordenado e equilibrado, constituindo uma organização rasoavel da nação e servindo de base á sua personalidade. Deste modo, a personalidade deixará de ser um ponto de partida para ser um ponto de chegada. Não se dirá que é a personalidade do Estado que gera o regimen de estado, mas sim que é este que gera aquella. Com efeito, encarando as coisas práticamente, a personalidade do Estado não é

(1) *Obr. cit.*, pag. 65.

tudo; existem na nação realidades juridicas *pre-pessoaes* ou *sub-pessoaes*, como no homem existem realidades psicologicas sub-conscientes. Ao direito publico compete estudar esses fenomenos pre-pessoaes do Estado, sob pena de pairar perpetuamente em regiões teoricas, em contradição flagrante com o sentimento universal dos homens.

Seja qual fôr a sorte que estiver destinada ás idéas de Hauriou, o que se não pode negar é que a sua doutrina veio no momento asado. A tese basilar dos jurisconsultos alemães partidarios da *Herrschaft*, fazendo derivar o regimen de direito da vontade do Estado pessoa, levava, em teoria, a um misticismo *sui generis*, e na pratica á omnipotencia do poder soberano, merecendo sob este ponto de vista as criticas implacaveis de Duguit. O erro deste ultimo está, como diz Hauriou, não em ter buscado um apoio objectivo para a sua teoria, mas sim em ter querido fundar o regimen de direito sobre a noção vaga de solidariedade social, quando a verdadeira base está «na propria organização da nação e nos equilibrios revelados por essa organização». Numa palavra: emquanto Duguit responde a uma concepção monista com outra concepção monista, Hauriou vae ao encontro de ambos com uma solução pluralista.

«Toda a organização social dum país, escreve Hauriou, tanto economica como politica, pode reduzir-se a um conjunto de situações estabelecidas, mantidas por um poder de dominação». E logo de descrever-nos como as situações de facto se convertem em situações de direito, como o poder de dominação se debate no meio das situações estabelecidas, tudo isto numa linguagem colorida, imaginosa, opulenta, que chega por vezes a evocar os milagres de expressão do proprio Bergson!

«Ainsi... (não nos atrevemos a traduzir). Ainsi le pouvoir de domination se débat au milieu des situations établies, dont les unes l'appuient mais dont les autres le combattent et il se trouve peu à peu limité. Il subit le même sort que la mer qui, par l'apport continuel des sables, s'endigue elle-même et s'oblige à reculer d'un côté pour avancer de l'autre. C'est encore de l'autolimitation, dira-t-on, puisque les situations établies sont l'œuvre du Gouvernement, mais ce n'est pas de l'autolimitation à la façon d'un personnage qui prendrait librement une décision raisonnée où seraient pesés subjectivement le pour et le contre. C'est bien plutôt le cas d'un personnage qui, ayant beaucoup vécu et beaucoup agi sous l'empire de ses instincts et de ses passions plus que de sa raison, voit ses actes devenus des faits historiques se retourner contre lui, restreindre peu à peu ses possibilités d'action, fermer devant lui successivement des perspectives et des horizons et l'orienter presque fatalement dans de certaines directions. C'est dans cette situation extrêmement complexe que, même sans le secours de précautions constitutionnelles, tend à se réaliser l'état de droit».

*

Todo o livro é, como se está vendo, um protesto veemente, em nome da realidade e de bom-senso, contra o sistema arbitrario e artificial que consiste em comprimir dentro de estreitos moldes civilisticos a realidade complexa e movediça do direito publico.

Ao primeiro relance, elle produzirá no leitor desprevenido uma impressão desconcertante — qualquer coisa de indeciso, de barbaro, sem harmonia de linhas, sem aquella *allure* austera que distingue as construções classicas. Não admira. É a sorte de todas as concepções pluralisticas, habituada como está a nossa razão a crear, por assim dizer, um mundo para seu uso, um mundo rígido, inorganico, parado, uma especie de paisagem baudelairiana onde ella possa á vontade mirar-se como num espelho.

Que diferença entre a linguagem ondeante, nebulosa por vezes, do professor Hauriou e a exposição metodica, simples, cerrada, de Jellinek ou de Duguit! Postos frente a frente os dois generos, não temos que admirar-nos da popularidade deste ultimo. É mais um exemplo, e bem frisante, da implacavel tirania da logica. Mas um tão facil triunfo não deve iludir-nos. Um dia virá, talvez proximo, em que os especialistas do direito publico reflectirão profundamente naquella asserção de Gaultier — que o uniforme se nos afigura tal, porque nós ignoramos os elementos de que se compõe. Convencer-se-ão talvez nesse dia de que a obra de Hauriou traduz a verdadeira tendencia realista no direito publico, como a obra de Alimena traduz a verdadeira tendencia realista no direito penal.

As construções racionalistas encerram em si mesmas este vicio insanavel: que tanto mais facilmente se apoderam da nossa razão quanto mais depressa nos sujeitam ás decepções da pratica. O empirismo é neste ponto preferivel: convence menos mas satisfaz mais, e é preciso não esquecer um só instante aquelle genial paradoxo de Wilde — que o maior defeito que pode ter um argumento... é convencer.

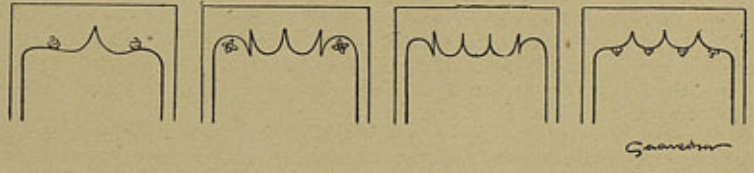
Paulo Merêa.

A EGA

A uma legua, pouco mais, de Condeixa a Nova, por uma estrada de inclinação suave, encontra-se a pequena freguezia da Ega, hoje muito abandonada e decahida, mas que outr'ora foi uma Comenda importante da Ordem de Christo, que em principios do seculo XVI levantou lá uma igreja.

Tres cousas ha dignas de menção, no povoado: o pelourinho — um pelourinho tambem do seculo XVI, ainda com *pinha* inteira e angulos do tronco cortados — logo á entrada da terra, numa baixa; a igreja, a meia encosta de uma ladeira, e num alto por fim, o palacio, arruinando-se de mal cuidado.

Assenta o Paço, como por lá dizem, sobre um comoro redondo, cuja base pouco maior largura tem que o ambito dos alicerces, e as suas paredes elevam-se a prumo do solo numa massa quadrangular, pesada e macissa que apenas para o Sul amacia a sua rigidez geometrica com uns acrescentos mais baixos. O seu exterior apresenta-nos uma interessante série de largas janelas *manuelinas*, condemnadas a desaparecer brevemente, porque em parte os muros esboroam-se. Algumas delas — tres dos acrescentos e uma do palacio, teem os arcos abatidos e as esquinas das ombreiras cortadas; as outras — cinco de uma só luz e uma geminada, com a coluna central torcida e arcos redondos de bordos faceados (como umas de Alenquer) — teem tambem as esquinas cortadas e as padieiras largamente trabalhadas, mostrando um claro exemplo do cuidado com que nessa epoca se lavravam as cantarias de vista.



Mais algumas janelas havia, mas as guarnições de pedra têm-lhe sido tiradas, e não será de grande profeta dizer que o mesmo sucederá em breve ás outras, já citadas, porque o palacio vae morrendo num abandono que aliás não data de ontem; já nas *Memorias Parochiaes de 1758*, o parocho diz falando da Ega: «Não he terra murada, nem praça d'armas e só no simo da vila se conservam huas paredes antigas, que ha tradiçam foram de habitaçam do Comendador... e tem o nome de Paço».

*

De tempos remotos foi o lugar do Paço pertença e moradia dos Comendadores. Na Visitação da Ordem de Christo de 1508, fala-se de uma habitação grande, mas não era ainda o actual palacio: esse foi construido alguns anos mais tarde, a quando á igreja.

Este solar da Ega é um bom exemplar de palacio *manuelino*, e merecia não ser esquecido, talqualmente o seu parceiro da Pampilhosa do Botão, quiçá mais interessante, e onde uma inscrição datada de 1510 testemunha a epoca exacta da construção. Esse palacio do Botão, casa de recreio ou hospital das freiras de Lorvão, fundado por Catarina d'Eça abadessa do grande mosteiro, tem as fachadas largamente cortadas de janelas curiosas e muito variadas que só por si dariam um bom contingente a quem quizesse fazer o necessario album de desenhos das portas e janelas *manuelinas* de todo o paiz.

Tanto lá como na Ega se pode notar que houve da parte dos arquitetos a preocupação de variar os desenhos das vergas e não deixar uma janela completamente igual á outra, quer em luzes quer em ornamentação.

É essa tambem uma das carateristicas da nossa apropriação e ligeira modificação *manuelina*, do ultimo gotico.

*

A igreja é um edificio reconstruido no seculo XVI, em pleno *manuelino* naturalista, sem mistura do *later gothic* ou de renascença, e encontra-se já modificada em partes por sucessivas restaurações. Havia sido anteriormente uma igreja gotica que a *Visitação* de 1508 descreve, com a sua *ousia* alta exteriormente aguentada em *botareos*, com as suas paredes *cafeladas*, a sua nave unica e simples, e os alpendres pequenos das suas duas portas.

A actual porta principal é singela, emoldurada de ombreiras de troncos de laranjeira enlaçados, e coberta de uma abobada de carena que um trifolio de cordão envolve, com cachos de tres romãs pendentes das intersecções dos angulos curvilineos dos lobulos. A frontaria conserva ainda as ameias que á data da reconstrução *manuelina* rodeavam porventura todo o alto do edificio. Do lado esquerdo existe uma portinha de abobada trabalhada, muito semelhante á unica *manuelina* do claustro de S. Marcos.

O corpo da igreja, de uma só nave, está revestido até certa altura de azulejo branco e azul, em que os desenhos são séries de uma especie de cruzes de S. Tiago, brancas; deve ser do seculo XVIII, porque no Tombo de 1705 ainda não figura.

Chegadas ao arco da capela-mór abrem-se na nave duas capelas, fronteiras e iguaes, de boa renascença, com belos portaes e esplendidas cupulas lavradas e pintadas, um tanto abatidas, sendo na da esquerda os *culs de lamp* figurinhas de anjos, em relevo. Esta capela da esquerda, do Senhor Jesus, é forrada de azulejo como o do corpo da igreja.

Na capela da direita admira-se um retabulo de pedra, de renascença pura, dividido em seis planos — ou seja um triptico de dois andares —, com santos nos nichos inferiores e nas predelas, e um quadro da Ceia na divisão central superior, sobre o tabernaculo. Nos portaes, os *spandrels*, onde os auctores da renascença franceza colocavam os graciosos oculos de figuras, não existem; as vergas assentam em dois curtos modilhões sahidos para o vão, das ombreiras rectas, que colunas em *tabernacle work* avivam do centro para a parte superior.

Esta capela da direita, do Santissimo, tem as paredes cobertas de azulejos brancos e azues que formam combinações de quadrados, como em Celas, Sé Velha, etc., e em muitos notam-se ainda vestigios de uma douragem posterior.

O arco da capela-mór é torcido, de volta redonda perfeita, sendo a orna-

mentação das ombreiras externas de troncos chagados dos caratteristicos *nós cortados* e a das internas, de *bulls* até á altura dos capiteis e depois no arco, de rosas quadradas, — como no arco do campanariosinho da capela de Brunhós (Soure), etc. O tecto da mesma aguenta-se em nervuras finas, cujos *jambs* se apoiam em *culs de lamp* de figuras, (uma cabeça de homem, caras anchas, um carneiro, etc.) e o desenho dos artesões de ligação, que faz lembrar quatro abobadas de carena ligadas pelos pés, é absolutamente igual ao da abobada do côro de S. Paulo de Almasiva.

O fecho central da abobada tem lavrada a cruz de Christo.

As paredes estão forradas de azulejo identico ao da capela do Santissimo. Por um feliz acaso posso dizer a epoca em que estes azulejos foram comprados; na *Visitação* de 1508, os visitadores aconselham o comendador-moor a que coloque depressa os azulejos que havia comprado ha pouco: não podem ser senão estes, porque os do corpo da igreja são muito menos antigos. O mais interessante porém da capela-mór, e da igreja afinal, é o retabulo pintado, o painel da Senhora da Graça protectora da Comenda.

É um triptico de madeira com o pano central mais elevado que os lateraes, razoavel pintura do fim do seculo XVI, retocada em alguns pontos, deteriorada noutros com pregos e covas que os armadores quando da festa do Santissimo se entretinham a fazer-lhe para segurar o trono das exposições solenes.

No pano central vê-se a Senhora da Graça numa *sedia*, com o menino ao colo, e ambos, mãe e filho, olham para um cavaleiro de Christo, de barbas pretas e cahidas, que de joelhos, descoberto, envergando o manto da Ordem, com um missal aberto nas mãos, as contempla tambem devotamente. No pano da direita ha uma visão de S. Paulo; no da esquerda aglomeram-se várias scenas: dois santos grandes, barbados, no primeiro plano, depois um magote de legionarios, e no alto, muito pequeno, como figura de aparição, um Christo carregando a cruz.

No saio de um dos legionarios deste pano encontra-se, o que é muito importante, uma assignatura: I. G. Quem será este pintor que assigna I. G. e cujo nome não encontro no *Dicionario* de Sousa Viterbo?

Se o nome do pintor nos é desconhecido, uma cousa consegui ao menos saber: o nome do personagem ajoelhado e a epoca do quadro.

Filipe Simões a paginas 246 dos *Escritos Diversos* diz o seguinte: «Na egreja da Ega, perto de Condeixa, conserva-se um retabulo com tres pinturas; na principal dellas está um cavalleiro de Christo, cujo rosto, nada flamengo, se assemelha ao d'el-rei D. Manuel». Numa nota a seguir, apresenta depois a hipotese de ter o quadro sido doado pelo proprio D. Manuel, que era grão-mestre da Ordem.

Infelizmente nada disso é verdadeiro; nem o quadro é gotico, nem foi oferecido por D. Manuel. O retratado é um simples comendador da Ega, que viveu em fins do seculo XVI e começos do seculo XVII, D. Afonso de Lencastre, como posso provar com o *unico* documento que ha referente ao retabulo. É este o Tombo da Comenda-mór da Ega, de 1705, em que a paginas 40 v.°, se encontra o relato da medição da igreja, nos termos seguintes: «Achou que a dita Igreja matriz desta villa da Ega estava para a parte do Sul desta dita villa, e era da invocação de Nossa Senhora da Graça a qual tinha capela-mór na qual estava o altar maior da dita Senhora da Graça e nella hum retabulo bem pintado de boas pinturas com suas colunas e devisoiñs e remates e guarnissoiñs tudo dourado sobre madeira e dividido em tres paineis e no do meio está a pintura da Senhora asentada com hũ minino no collo e ao pee de giolhos retratado o Comendador mor que foi desta Comenda Dom Affonso de Alencastre e nos dous paineis que estão nas ilhargas deste no da parte do Evangelho se vê a pintura de São Pedro no passo da queda de Simão Mago e no outro painel está

a pintura da queda de São Paulo e no remate em sima do Painel da Senhora está hum Painel com a pintura do Padre Æterno sobre o qual está o escudo das armas Reais sobre a Crux de Christo ..».

Assim reza, continuando depois com a descrição da igreja, o documento que mais perto está da epoca da oferta do painel. Havia um Tombo do começo do seculo XVII que esclarecia de todo a questão se não tivesse desaparecido.

Terminando; este artigo na sua monotonia descritiva tem uma boa intenção: fazer volver os olhos para uma igreja e para os restos de um palacio do seculo XVI, e chamar a atenção para umas taboas que apesar de deterioradas têm o grande valôr de nos revelarem as iniciaes do nome de um pintor desconhecido, agora que tão cuidadosamente alguns homens de boa vontade e saber estão estudando a pintura portugueza.

Coimbra — novembro de 1911.

VERGILIO CORREIA.

AS TISICAS

Vejo-as perto de mim, febris, curvadas
Ao peso dessa cruz que as vae minando.
Como tristes, funérias badaladas
Vão as horas tristissimas contando.

Pela visão da morte apavoradas,
Começam a sentir de quando em quando,
Sobre as suas pupilas abrazadas
Vagas sombras, a morte anunciando!

Numa luta gigante, impiedosa,
Grande orquestra de tosse cavernosa
Se eleva ao meu ouvido contrafeito.

E tristemente e doloridamente,
Na agonia dum fim que se pressente,
Dobra a finados dentro do meu peito...

Domitilla de Cárvalho.

A MINHA ARTE

Deixa boiar as velas dos meus olhos
No mar de leite do teu corpo lindo...
Cabelo ás ondas... A Alma em luz sorrindo
Modula barcarolas, de giolhos.

Barca de amôr vogando em mar sem escolhos,
Larga uma esteira trémula fulgindo,
—Via-Lactea genesica florindo
Lirios, cecens e rosas sem abrolhos...

Lindo Jardim que o meu olhar inflora!
Luz da manhã! Regresso á minha aurora
Na graça espiritual de contemplar-te.

Nasceste em mim. Nasci de ti. Nos teus
Olhos — eu bebo a minha vida... Ó Deus,
Ó ambição, ó sonho, ó minha Arte!

Antonio Cobeira.

RESURREIÇÃO

Certo escultor tomou sua amante para modêlo de uma estatua da Virgem.

Quando séculos forem já passados
Depois que cinzelaste a Virgem pura,
Fama se espalhará d'essa escultura
Por seus milagres, d'outra não contados:

Quantos chorarem sonhos debandados,
Almas caídas da azulada altura,
Ao contemplar a imagem que fulgura,
Sentir-se-hão como outr'ora alucinados.

E de rosas cercando o amado vulto,
Erguidos numa prece á luz bemdita
Do olhar que ao ceu de novo os transportou,

Não sonharão que nelles rsuscita
O teu amor, comtigo não sepulto,
Por aquella que em vida te inspirou.

MANUEL EUGENIO MASSA.

BIBLIOGRAPHIA

Nova Sapho, por Villa-Moura (ed. da liv. Ferreira, Lisboa).—Dentre as muitas obras literarias dos ultimos tempos uma das mais notaveis, pela elevadissima arte que revela, é sem duvida o romance de Villa-Moura. São paginas escriptas por um artistocrata dotado de um poder de ideação elevadissimo e requintado, paginas que o tornam um auctor querido de espiritos eleitos, como o d'elle, e só d'estes que bem poucos são mas que tudo valem. O romance na litteratura portugueza, áparte um ou dois escriptores, encontrava-se numa decadencia manifesta de imitação e de rotina, sem feições novas que nos dessem um typo superior e destacavel, sem doutrina inspirada em criterios estheticos apreciaveis.

Villa-Moura traça-nos um perfil invulgar de mulher e á sua volta é que outros surgem não menos dominantes. Maria Peregrina é essa obra de arte sonhada pela alma dum profundo poeta que vê e sente a vida no que ella tem de mais interiorisado, de mais intimo e espiritual. Recordemos as paginas lidas e, logo de principio, se vê um talento vigoroso a impôr-se na maneira de descrever a personagem principal: Peregrina é uma creatura dotada de uma sensibilidade para as coisas pequenissimas, incompativel pelo seu feitio extranho com o ambiente banal que a rodeia e d'ahi o violento conflicto com a moral média burguezinha e baixa que ella sustenta arrogante com a consciencia de si e da ideia que propala aos seus admiradores preferidos. A sua vida é na verdade uma tragedia extranha e o livro que a conta é «a teia de sonhos e delirios duma grande artista desvairando á mercê dos nervos». «Era pela desenvoltura do seu corpo de graça, talhado em ambar macio e tostado, a expressão de um povo que vive na penumbra um eterno outomno de genio triste». As proprias palavras do escriptor dirão o que vale o livro; d'ahi a minha preferencia em transcrevel-as.

Peregrina seguia a obra revolucionaria de Nietzsche e era nalgum dos seus conceitos que se appoiava para definir a vida; o seu amor exotico quasi o não revelava, tal a incompatibilidade que ella sentia existir entre si e o exterior que não vivia a Vida pelo espirito, nessa «tensão firme de Belleza, mas a gosava bestialmente, numa funcção vegetativa e rude. Erguia em culto o dominio do vicio, divinisava o amor lesbico e sentia-se dos seus ritos a sacerdotiza devotada. Sapho era a deusa da sua acariciante sensualidade: num poema a cantou celebrando o mundo feminino «numa demonstração de vicio e de genio». Os seus amores com Helen são a realisação do seu culto; nasceram num dia em que os corpos sentiram um frémito apaixonado a enlaçal-os. Edgar, o lindo adolescente, debalde a amou; era enigmatica, incomprehensivel: «O que vês é o meu avêsso. Não me percebes». «Tenho a cabeça das mulheres de Granada — talhada em sombra e sonho; o peito é portuguez; assento o busto no tôrso de Leão, que é do escudo das minhas armas e das armas da Peninsula, a bravura do Occidente; as minhas azas são o genio judaico — a tara d'uma raça, perseguida, que ninguem acceita, que não acceita ninguem». Edgar diz-lhe que ha muito se procurava, que se perdera a sonhar: — «Os teus olhos são como o genio da aventura, reflectem amor, lucto, Belleza dolorosa... Ahi está a artista, uma Raça que vae chorar cantando; recemnascer o crepusculo do grande povo, aquelle que viveu madrugadas e vae morrer Poeta, amortalhado

na sua alma sombra». Julgou-a possuir e a realidade do engano foi fatal: — «a minha alma é doente, não perdôa a tua alegria em possuir-me á custa d'um prazer de que eu soffri o avêsso — ondas d'um horror que ha-de durar». Peregrina deixava-o cruelmente entregue a si e ia beijar numa lascivia louca o retrato de Helen, aquella que lhe dava a hypersensibilidade com a belleza plastica e androgyna do seu corpo colleante de meiguice. Edgar suicida-se pela esphinge perto da Fonte onde Peregrina o veiu encontrar. Despede-se dizendo-lhe: «leio as nossas pazes na luz roxa do teu sorriso de morto. Parto contente. Adeus!» Helen foge-lhe tambem e a artista começa a sentir a fatalidade, o pezo da perseguição sobre si. Lembra-se desta phrase a ultima que ouvira a seu pae: «Has-de ser como todos os nossos, infeliz». O seu brazão tinha a tarjal-o uma linha negra!

E soffria quando tudo estava alegre: a sua Arte era de todos os soffrimentos o mais voluptuoso. Não existiam para o seu evangelho criminosos mas desgraçados. Procurava uma religião: «ando a procurar a minha religião e não encontro senão farrapos d'ella em credos oppostos».

Peregrina deixou a Inglaterra e partiu para a Grecia. Não se esquecia de Helen, a creatura que lhe acceitava as preversões e lhe obedecia aos mais exquisitos prazeres: «era um abysmo de alegria — um côrpo de risos com nervos de sêda». Em Athenas ergueu o Templo d'Amor onde commungava sensualidades com adolescentes, ao som das harpas que tocavam o *Canto de Sapho*. Tudo isto passou. O seu temperamento tão unico tinha ingenuidades infantis e nos momentos em que lhe passava na alma uma ternura de crença, escrevia contos duma simplicidade carinhosa — a Hostia doiro: «o Sol que um negro do Senegal perseguia no poente, andando de terra em terra a vêr se o colhia para commungar com os da sua tribu — caminhando por montes altos quando o sol tombava, até que morreu de desespero e saudades numa terra do Norte, deixando-se matar e enterrar pela neve quando viu que depois de dois mezes a linda hostia não apparecia. No dia seguinte veiu o Sol a sorrir, desenterrando o negro, solvendo a neve, envolveu-o num resplendor de luz e fez d'elle uma estrella, que ficou no céo a velar a sua raça côr de fuligem e muito especialmente aquella tribu».

Peregrina vem viver para Lisboa onde encontra D. Nuno de Villar e Ruy, o Vagabundo, pintor que criára uma arte sua, filha do seu temperamento. O dialogo de Nuno com o Vagabundo é notavel pela revelação do espirito original do artista plastico.

Peregrina entrega-se a Nuno: ambos vão para Villa-Feia, onde a paisagem tem um aspecto tragico. Passaram dias e Nuno ficou como que saciado de Peregrina. A artista veiu para a Figueira depois de soffrer amargosas desillusões: só um companheiro leal lhe ficava, Monsenhor Andrada, um sacerdote que nas suas homilias fôra considerado um rebelde pela egreja. Acompanhou Peregrina á Figueira para onde tambem foi um anão comprado por ella a uma companhia de zingaros, quando da sua viajem a Athenas. Julgava-o extravagante, intelligente e velhaco: «não perdôa a altura e desenvolvimento dos outros» dizia Peregrina para o caracterisar. A artista sente a reflectir-se em si a paizagem outomnal, a melancholia e o abandono. Vem a tristeza dos ultimos tempos e o espirito começa a erguer o culto da Morte. Uma carta de Nuno destroe-lhe a ultima esperança. Antes do suicidio falla a Monsenhor Andrada do seu testamento: entre as suas disposições havia uma cheia de belleza e que iria immortalisar a memoria de Edgar e de Helen — em Coimbra edificar-se-hia o Parthenon do Occidente, uma escola de arte hellenica com premios annuaes para os seus mais bellos adolescentes.

Quer deixar a vida pertendendo envolver o perfil já de sombra na mascara de ether. O anão, porém, vem impedir a morte e conta a Peregrina o seu amor por ella e os ciumes que vingára matando Nuno cujo cadaver áquella hora

jazia estendido na praia. A artista vem-se-lhe juntar; abraça o seu corpo inaminado e hirto. Uma onda maior vem e leva os dois corpos cingidos num ultimo abraço. O anão fica numa attitude sinistra. Ao raiar da aurora um marinheiro canta.

... .

Peregrina deixára um pergaminho que era a *Elegia da Morte*, um poema religioso, uma litania sombria!

A Elegia da Morte é a consagração do livro de Villa-Moura: paginas de uma indizivel belleza que fazem ser o artista que as escreveu um dos vultos mais notaveis da litteratura portugueza contemporanea.

Gente Pobre, por João Grave (ed. da liv. Bello & Irmão, Porto). É um livro de um cunho accentuadamente regionalista, inspirado em motivos puramente nossos. João Grave ideou um entrecho simples, cheio de emoção, onde se destaca a seguir a narrativa um descriptivo de intenso colorido que só por si bastaria para firmar o nome do escriptor. Duas creaturas figuram no romance como victimas desse tragico quotidiano, luctando, apesar de tudo, contra o destino que as persegue sempre. São figuras humanissimas pela dôr que lhes envolve as almas cheias de fé e abnegação.

AARÃO DE LACERDA.

Receberam-se mais os seguintes livros e revistas:

A Sombra dos Cedros, por Manuel Eugenio Massa. — *Terras da Beira*, por José Monteiro. — *Sistros*, por Raul Martins. — *Estrellas que se apagaram*, por Jeronymo de Almeida. — *A Moral na Natureza*, por Deshumbert (trad. do Dr. Vieira Filho e prefacio do professor João Diogo). — *Camoens à Paris*. — *Revista da Universidade de Coimbra*. — *A Aguia*.

FRANÇA & ARMENIO
LIVREIROS-EDITORES
Sociedade constituida por
FRANCISCO FRANÇA e ARMENIO AMADO

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 e Arco d'Almedina, 2 e 4
COIMBRA

VAGO

LIVRARIA ACADEMICA

TELEFÓNIO N.º 111

João de Moura Marques

171, Rua Ferreira Borges, 173 — COIMBRA

Papelaria. ⁂ Artigos de Escritorio e Desenho

Correspondência direta com os principaes centros literarios

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO
DE
ANTONIO MARIA CORREIA

15, Largo de S. João, 16 — COIMBRA

Encadernações em missaes novos e usados. Livros em branco para o commercio.
Encadernações em chagrin, marroquim, pergaminho e percalina.
Executam-se com esmero e nitidez encadernações em estofo de pastas, carteiras e passe-partouts bordados ou com pintura, para retratos.
Fazem-se brochuras em grandes edições. Forram-se e envernizam-se mappas.

ALFAIATARIA
DAMIÃO & GRANT

Confecções para Senhoras

Arco d'Almedina, 3-1.º — COIMBRA

VAGO





SERIE 2 N.º 3

DIÓNYSOS

REVISTA MENSAL DE PHILOSOPHIA, SCIENCIA E ARTE

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PORTO

ABRIL — MCMXIII

PREÇO — 100 réis.

TYP. A. J. D'ALMEIDA - P. D. THEREZA, 60 - PORTO

1913

8/1156/4

DIÓNYSOS

REVISTA MENSAL DE PHILOSOPHIA, SCIENCIA E ARTE

Synthese do movimento intellectual contemporaneo: o pragmatismo e as novas correntes philosophicas. Chronicas de sociologia, historia e arte.

Artigos de esthetica musical e artes plasticas (esthetica regionalista). As Ideias e os Factos. Estudos de indole especulativa. Litteratura e Poesia.

Directores — Aarão de Lacerda e Raul Martins

Editor — A. J. d'Almeida

Redacção — Rua do Almada, 627 — Porto

SUMMARIO (DO N.º 3 — 2.ª SERIE):

O Mytho Tragico	Aarão de Lacerda
O Beijo	Julio Dantas
Os jardins da philosophia. .	Cyrillo Carneiro
Esplendor, decadencia e ressurreição do espirito theatral	Gustavo Ferreira Borges
Maior amor	Raul Martins
Do Brazil novo	Nuno Simões
Linha dos Horizontes . . .	Alves Martins
A Visão do Mendonça. . .	Hippolyto Raposo
Domingo de Páscoa . . .	João de Lebre e Lima
Separata — Evocação . . .	De João Augusto Ribeiro.

COLLABORADORES

Dr. Aarão Ferreira de Lacerda (prof.), Accacio Lino, Affonso Duarte, Affonso Lopes Vieira, Affonso Rodrigues Pereira, Alberto Monsaraz, Alfredo Guimarães Alfredo Pinto (Sacavém), Alvares d'Almeida, Americo Chaves d'Almeyda, Antonio Arroyo, Antonio Augusto Gonçalves (prof.), Antonio Carneiro, Antonio Cid, Antonio Cobeira, Antonio Corrêa d'Oliveira, Antonio Joyce, Antonio de Monforte, Antonio Sergio, Augusto Casimiro, Augusto Gil, Bazilio Telles, Bazilio de Vasconcellos (prof.), Bento Carqueja (prof.), Bernardo de Aragão, Bernardo Passos, Brito e Silva, Cabral Moncada, Dr. Caeiro da Matta (prof.), Candido da Cunha, Candido Guerreiro, Carlos Amaro, Carlos de Mesquita (prof.), Carlos Villamariz (prof.), D. Carolina Michaëlis (prof.), Coelho de Carvalho, Cyrillo Carneiro, Duarte Solano, Eduardo Pimenta (prof.), Eugenio de Castro, Felismino Gomes, Fernando Cochofel, Fernando Moreira de Sá, Ferreira Borges, Fidelino de Figueiredo (prof.), Firmino Pereira, Garcia Pulido, Germano Rocha (prof.), Gustavo Cordeiro Ramos (prof.), Henrique Rosa, Hippolyto Raposo, João d'Alcacer, João Amaral, João Augusto Ribeiro (prof.), João de Barros, João Cid, João Diogo (prof.), João Grave, João Sant'Iago Presado, Joaquim Amaral, Joaquim de Vasconcellos (prof.), Jorge da Cruz Jorge, José Coelho da Cunha, José de Figueiredo, José Victorino Ribeiro, Julio Brandão, Dr. Lebre e Lima, Magalhães Collaço, Manuel da Silva Gaio, Manuel Eugenio Massa, Manuel Telles, Mario Beirão, Mario Cambezes, Mario Pacheco, Dr. Marnoco e Souza (prof.), Martins Manso, Marques da Cruz, Mendes Corrêa, Dr. Mendes dos Remedios (prof.), Moreira de Sá (prof.), Nogueira Soares, Paulo Merêa, Raul Martins, Ribeiro Castanho, Rocha Brito, Sampaio Bruno, Sebastião Costa, Silva Telles (prof.), Simeão Pinto de Mesquita, Simões de Castro, Sobral Cid (prof.), Souza Costa, Souza-Pinto, Teixeira Gomes, Veiga Simões, Vicente Pindella, Vieira Natividade, Villa-Moura, Wittnich Carrisso.

ASSIGNATURAS

POR SÉRIE DE CINCO NUMEROS 500 reis

PREÇO DE CADA NUMERO AVULSO

Portugal	100 réis
Hespanha	1 pesêta
Brazil	500 reis (fracos).

PREÇO DOS ANNUNCIOS

POR SÉRIE	NA CAPA	ALÉM DO TEXTO
1 pagina	4$000 réis	3$000 réis
1/2 pagina	2$000 réis	1$500 réis
1/4 pagina	1$200 réis	900 réis



O Mytho Tragico

Diónysos

A *Antonio Arroyo*
e a *João Augusto Ribeiro*

Quem sabe perceber, lêr o sentido
Das côres e da luz? da immensidade?
Dos symbolos na augusta escuridade
O segredo das gerações perdido?

"Visão dos Tempos" – A Linguagem dos Mythos, Theophilo Braga.

Os olhos voltam-se anciados a interrogal-o e o sibyllino espirito debilmente responde aos que o sondam. Hora de agonia pareceu soar ha muito, hora de saudade em que a meditação resurge, em que a alma murmura sentida litania. No recolhimento profundo que o silencio gera a phantasia leva-nos comsigo e lá vamos na attrahente fascinação arrastados, vivendo o que não existe e que existiu! Sente-se a revelação do segredo hellenico fazendo desfilar ante nós, uma a uma, as imagens dessa religião feita de Arte e de Belleza, tecida em maravilhosos rythmos e harmonias. Atravez as edades que da Hellada nos separam apercebe-se muito a custo no longinquo indeciso sombras de Formas, aladas, levissimas erguendo-se. Primeiro o olhar mal distingue: uma neblina as cobre mas depois esta desfaz-se em ogivados lances unindo-se amorosamente em archivoltas brancas. A luz astral, abençoada inunda a terra que parece recebel-a no sensualismo apaixonado de amante que se entrega.

Fluctuam no ceu azul, clarissimo, as visões, carinhosos phantasmas de sêres que morreram mas que a lembrança faz ressuscitar; lembrança viva na alma em extasis, sublimada, embebida no delicioso torpôr do encantamento e da videncia. E o espirito caminha assim na senda do sonho, da revelação do milagre que nem todos vêm, porque nem todos o sentem. Pouco a pouco as imagens avultam e parecem realidades sendo apenas apparencias, mas a illusão é para nós uma certeza de momento, rapido momento em que a felicidade existe... O perfil alvissimo dos marmores divisa-se na sua opulencia olympica. A cidade antiga, a preferida pelo requinte dos artistas, inundada de sol, apparece ao nosso olhar evocador. Tudo desperta entoando o grande cantico a Zeus que da acrópole domina na fulgencia do oiro e no brilho faiscante das pedrarias! A alma continua na peregrinação deslumbrada!...

*

A mythologia grega encerra em si profundas concepções espirituaes, d'um raro symbolismo; da antiguidade ellas ficaram esculpidas para eternamente lembrar conceitos do mundo formados então. Os deuses são ideias tornadas vivas na imaginação que se incarnam numa forma finita, deixando de ser simples allegorias, creações arbitrarias. Tem uma alta significação a sua existencia que espiritos superficiaes estão muito longe de comprehender. O mundo antigo mostra-se para muitos simplesmente material. Os mythos são olhados como figuras vãs, sem nada mais que a eurhythmia das formas a destacar-se; erradamente escreve quem assim os julga. Para combater tal apreciação o estheta-philosopho da *Origem da Tragedia* communicou aos que o quizessem lêr o segredo do milagre hellenico; palavras que merecem ser meditadas religiosamente no silencio de noites de intensa lucubração. Nietzsche é o apostolo do hellenismo e cital-o é lembrar as paginas que traçou a clarividencia do seu genio sobre o mytho tragico, Diónysos. Merecem ser recordadas essas passagens do grande escriptor allemão: ninguem como elle, a não ser Redolfo Steiner, de quem fallarei depois, comprehendeu melhor o sentido do mundo pagão. A génese da arte é encarada sob um ponto de vista originalissimo e para a mostrarmos seguirei a *Origem da Tragedia*, obra desconhecida para muitos e querida para a minoria escolhida que a leu e pensou.

Logo de principio Frederico Nietzsche começa por mostrar o antagonismo de dois principios: um o apollineo, outro o dionysiaco. Apezar de antagonicos o seu conflicto eterno gera a obra de arte, uma manifestação altissima de vida. De um lado o dominio

do sonho onde os homens avistaram pela primeira vez os deuses e onde o artista plastico se inspirou para representar imagens de creaturas superhumanas. Do outro o dominio da embriaguez em que o homem se sentia divindade, se sentia não o artista mas a propria obra d'arte.

Apollo é o deus da apparencia, a divindade da luz, a personificação da serena sabedoria, tendo no olhar o brilho do sol.

Diónysos é a propria alma, é o inconsciente creador, é o instincto, é uma emanação transcendente. Mas desta especie de antinomia nascia uma grande demonstração esthetica. Eduardo Schuré vê neste conflicto, nas aproximações temporarias dos dois polos tão oppostos, nos seus encontros, a propria historia da alma grega, historia que tem as suas epocas marcadas no orphismo primitivo, nos mysterios de Eleusis e na tragedia de Athenas. Mas não deixemos Nietzsche transcrevendo-lhe as suas ideias que outros apenas com o brilho de estylo reproduzem. Por um milagre metaphysico da vontade hellenica as duas correntes confundem-se dando logar a uma obra que participa d'ellas ambas: a tragedia, originada segundo a tradição no côro tragico. Aqui perguntar-se-ha como classificar o côro? Como na opinião de W. Schlegel: o espectador ideal? Como na opinião de Schiller: a muralha viva que protegia a tragedia de toda ou qualquer profanação extranha, *natural,* terrena? Não devemos consideral-o arbitrariamente ideal, anti natural, mas sim *um mundo dotado duma realidade e versosimilhança taes como o Olympo e seus habitantes possuiam aos olhos dos hellenos.* Nietzsche insiste bem sobre a *verdade* frizante da tragedia ou antes do seu elemento primordial, sustentando que o grego *civilisado* se transformava deante do côro dos satyros, que as instituições politicas e a sociedade, em uma palavra, os abysmos que separam os homens uns dos outros, desappareciam ante um sentimento irresistivel que os levava ao estado da identificação primitiva da natureza. Ha então duas realidades bem distinctas: uma a dionysiaca outra a vulgar. A primeira arreigada ao nosso eu: é o subconsciente de que nos falla Jastrow; a segunda é apparente, tem a volubilidade das circunstancias e dos diversos momentos. Na *Origem da Tragedia* Hamlet é admiravelmente comparado ao homem dionysiaco e facilmente se comprehende este juizo sobre o vulto talvez mais impressionante da obra de Sakspeare. O helleno tendo absorvido o narcotico que o fazia esquecer a apparencia transformava-se em satyro, companheiro do deus, vagueando nas montanhas, percorrendo as florestas. O côro é a *imagem reflectida do proprio homem dionysiaco.* Essa excitação produzida pela embriaguez sagrada tinha o poder de communicar á

multidão esta faculdade artistica de se vêr rodeada de uma phalange aerea com a qual se confundia e identificava. Demais o dithyrambo destaca-se de qualquer outro côro: as virgens que de ramos de loureiro na mão caminham solemnemente para o templo de Apollo, cantando hymnos, conservam a sua personalidade. Aquelles que entoam o dithyrambico são uns metamorphoseados e é esta metamorphose que Nietzsche considera uma condição basilar da arte dramatica. As effusões do côro dionysiaco vão se traduzir em imagens apollineas.

E' este um dos pontos mais notaveis, segundo a minha maneira de vêr, da these da Nietzsche. O drama é a representação apollinea de conceitos originados num estado dionysiaco profundo; nisto constrata com a epopeia, pura manifestação apollinea. No principio, na génese da tragedia Diónysos é o centro da acção; se não existe realmente suppõe-se-lhe a presença e com uma lenta evolução o deus chega a apparecer, caractrisando-se por este facto o verdadeiro drama.

Até a Euripedes Diónysos é o verdadeiro mytho tragico e todas essas figuras extraordinarias que atravessam os palcos gregos, Prometheu, Edipo... não são mais do que mascaras do heroe original Diónysos. As apparencias symbolicas constituem um factor poderoso para tornar intelligiveis os mysterios do deus que soffreu. Apollo vem assim contribuir com o *seu mundo das apparencias.*

Frederico Nietzsche na depreciação da obra de Euripedes faz uma profissão de fé e com ella tão claramente definida torna-se um dos precursores mais notaveis do pragmatismo e das suas correntes derivantes, podendo collocar-se, como Berthellot o fez, ao lado de Poincaré, pragmatista scientifico, e de Bergson, o philosopho tão querido da nova geração.

Euripedes é encarado na *Origem da Tragedia* como um demolidor da dionysismo. Guiado pelo socratismo tornava a belleza de uma obra d'arte dependente da sua conformidade com a razão. Nelle a factura dramatica decahe, como que se annulla.

Não existe com o seu theatro a anciedade epica, o attractivo da incerteza a impulsionar o interesse, aquella grandeza emotiva que predominava em Eskylo e Sophocles: o prologo dando o entrecho tirava o imprevisto, o inédito. Nietzsche faz de Euripedes o poeta do socratismo esthetico. Socrates e Platão tornam-se, pela sua acção, dois vultos antipathicos na historia da tragedia. O primeiro é o *homem theorico:* dava á razão um papel creador e ao instincto uma funcção critica. O segundo deu á posteridade o prototypo de uma obra arte nova, do romance que pode ser con-

siderado como a fabula de Esopo infinitamente aperfeiçoada e na qual a poesia se encontra subordinada á philosophia dialectica, que com o seu caracter optimista, de certeza, de fria clareza se contrapõe á tendencia agnostica peculiar ao dionysismo. Com outras influencias prejudiciaes a tragedia decahiu: o côro diminuiu de importancia considerando-se uma reminiscencia inutil, deixando de ser um principio gerador para tomar uma attitude secundaria.

Um sonho que Socrates conta aos discipulos faz perguntar a Nietzsche se entre o socratismo e a arte haverá uma irreductivel antinomia.

Uma sombra appareceu-lhe muitas vezes aconselhando-o a dedicar-se á musica e Socrates por esta visão suggestionado escreve um hymno a Appolo e põe em verso fabulas de Esopo!

Schopenhauer já tinha na sua *Metaphysica e Esthetica* fallado do mundo das apparencias e da coisa em si: o elemento physico e o elemento metaphysico — arte plastica, das formas e arte dionysiaca. Frederico Nietzsche veiu desenvolver estes principios de Schopenhauer tomando duas figuras mythologicas da Grecia e incarnando em cada uma d'ellas dominios e feições contrarias: Apollo é o genio do principio da individuação. Diónysos quebra este júgo da individuação e pela sua alegria mystica abre o caminho para as causas geradoras do Ser, para o amago mais secreto das coisas. A musica è a manifestação mais essencialmente dionysiaca, como aquella que provem do inconsciente e não do mundo phenomenal.

Na canção popular o philosopho vê um espelho musical do mundo e diz: seria historicamente possivel demonstrar que toda a epoca fecunda em canções populares foi tambem a mais fecunda em agitações e arrebatamentos dionysiacos. A canção contem em si não só o elemento dionysiaco mas um pouco tambem o apollineo — a melodia e o poema, sendo este gerado pelá primeira. A poesia tende á integrar-se na cadencia da musica.

Nietzsche olha a opera como a expressão do diletantismo na arte, ditando as suas regras com a serenidade optimista do homem theorico. A transformação do homem eskyliano em homem de serenidade alexandrina coincide, segundo elle, com a decadencia da musica invadida pelo optimismo latente inherente á génese da opera e ao espirito da cultura. Ha todavia um despertar progressivo do espirito dionysiaco: na musica de Bach a Beethoven e de Beethoven a Wagner; na philosophia Kant e Schopenhauer realisaram a sabedoria dionysiaca expressa em idéas. Nesta convivencia da musica e da philosophia vê Nietzsche o surgimento de uma nova existencia intimamente ligada ao hellenismo.

O espirito apollineo affasta-nos do estado dionysiaco suscitando o enthusiasmo pelos individuos: o mundo dos sons, graças á sua illusão, parece dirigir-se para nós sob a forma de um mundo plastico; mas o espirito dionysiaco não se extingue, antes pelo contrario vive intensamente e a alliança dos dois. parecendo um irredutivel paradoxo, traduzido respectivamente no drama perfeito e na musica conjugados, géra uma inacessivel manifestação esthetica.

Veja-se pois a importancia e a significação da mythologia hellenica pela admiravel these expressa na *Origem da Tragedia*. Redolfo Steiner encara o mytho Diónysos como uma revelação profunda. Diónysos é filho de Zeus e de Semele. Sua mãe, que era mortal, cahe fulminada por uma faisca e Zeus querendo salvar o filho arranca-o do ventre materno e occulta-o em si até ao seu nascimento. Héra, a mãe dos deuses, excita os Titans contra Diónysos. O perseguido soffre o martyrio porque tambem passou o divino Osiris. Pallas Athéna vae procurar aos destroços sangrentos do corpo de Diónysos o coração, que, ainda palpitante de vida, leva a Zeus. O filho nasce pela segunda vez e torna-se Deus. Assim o divino se une á alma terrestre, ephemera e desde que o elemento divino e dionysiaco vive em si ella sente uma nostalgia violenta pela sua verdadeira imagem. A consciencia ordinaria que apparece sob a forma de uma mulher, torna-se ciumenta de Deus por dar nascimento á consciencia superior e impelle os Titans na sua vingança sinistra. Diónysos é despedaçado e nisto vê a theosophia a presença do Divino no homem, com os sentidos e a sciencia dividida. Mas a sabedoria superior incarnada em Zeus é bastante forte no homem para ser activa. Renascerá pela segunda vez o filho de Deus, Diónysos. Da sciencia que é o divino fraccionado no homem, nasce a sabedoria que é o *Logos*, o filho de Deus e de uma mortal.

Diónysos iniciou-se pelo martyrio soffrido e tornou-se a divindade tragica do pessimismo creador.

. . . . . .

. . . . . .

Das florestas ouve-se o cantico de Pan entoado na syringe á nympha, filha do Deus das Aguas, que lhe fugira para sempre.

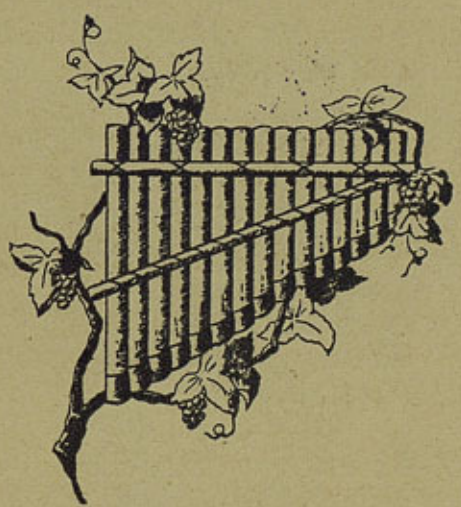
—Attende a supplica, Deus da verdade occulta! E Diónysos não esconde a face onde scintillam os olhos de vidente... Os sistros symbolicos erguem-se bem alto retinidos pelos esfusiados dedos das bacchantes que no desvario divino rondam á volta das



aras sagradas. O évohé estridente echoa nas montanhas onde Prometheu habita. Os echos respondem ás vozes que o silencio interrompem.

A alma do passado foi procurar o seu templo no corpo de uma ondina, corpo ondeante, ductil e transparente como a vaga que o criou.

Aarao de Lacerda.





O Beijo

Junto ao plintho de pedra onde um fauno dormita,
Arlequim, desdobrando o manto multicôr,
Diz a um loiro Pierrot, a um Pierrot sonhador,
Como deve beijar-se uma mulher bonita:

— «Aza d'oiro que treme ou rosa que palpita,
Vou dizer-te, Pierrot, qual é o beijo melhor:
A arte de beijar é uma arte exquisita,
E eu sou, ha muito tempo, um grande professor.

O beijo mais subtil, a caricia mais louca,
É a que roça o cabello, e mal afflora á bocca,
E desce ao seio esquerdo, e acaba a soluçar...»

— «Ingénuos! — interrompe o fauno d'entre os ramos —
Dos milhões de milhões de beijos que nós damos,
Só ha um beijo bom, — que não se chega a dar!»

1913
(inedito)

Julio Dantas.

Os jardins da philosophia

(CONTINUAÇÃO)

Os jardins do Lyceu encontravam-se fora da porta Egêa, cerca do templo das Musas, erguido no sitio onde foi raptada a formosa filha do rei Erechtreu, e do templo de Diana, a quem os athenienses sacrificavam annualmente quinhentas cabras, tendo-lhe promettido muitas mais, em numero egual ao dos persas mortos n'uma batalha, que devia ser incalculavel pela conta do patriotismo grego. Segundo informa o illustre e bello Xenophonte, a deusa deu-se por satisfeita, não afrouxando o brilho da sua illuminação prateada sobre a Grecia nocturna. Aristoteles instalou alli o ensino da sua philosophia, passeando com os seus discipulos sob as arvores d'um parque extenso e ajardinado. Um portico duplo, abrigando a figura de Apollo, servia de entrada. Edificios espaçosos destinavam-se aos cursos do inverno, livraria, collecções de mineralogia, zoologia, instrumentos de mathematica, physica, chimica, e residencia do professorado. Um claustro com suas columnas de marmore e piscina ao centro, servia de abrigo nos dias chuvosos. Avenidas de platanos, cedros, cyprestes e oliveiras estendiam-se ao lado dos canteiros plantados de arbustos e flores, que serviam ao estudo da botanica. Bancos de pedra para descanço e meditação dos alumnos e visitantes. Esta escola tornou-se a mais celebre da Grecia, pela sua organisação interna e o enorme prestigio que adquiriram as doutrinas alli professadas.

O chefe dos peripateticos dirigiu treze annos o Lyceu, fundado por elle depois que voltou da côrte de Macedonia, onde foi preceptor de Alexandre. Fôra obrigado a fugir de Athenas,

perseguido e ameaçado de morte pelas facções politicas, por ter sido mestre do vencedor de Dario. Abandonando a sua escola, declarou que a deixava para evitar aos athenienses um crime semelhante ao que praticaram contra a innocencia de Socrates. Ficou a substituil-o o amavel Theophrasto; depois dirigiu-se a Chalcis, na Eubéa, onde falleceu com 62 annos, rodeado d'alguns discipulos e amigos. Assim acabou o maior encyclopedista dos tempos idos. Cicero, palestrando com Brutus na villa Tusculana, á beira da estatua do famoso stagirita, dizia não saber explicar se o sabio grego fôra um orador-philosopho ou philosopho-orador, a tal ponto o admirava como mestre da palavra e do raciocinio.

Os jardins de Epicurio inauguraram-se com cerimonias semelhantes ás da consagração d'um templo. Na sua portada resaltava uma lapide de marmore branco com lettras d'ouro, cuja inscripção convidava os viandantes, illudidos pelos erros das outras doutrinas philosophicas e acabrunhados por decepções, a penetrarem na unica mansão de paz espiritual e de volupias desconhecidas, onde encontrariam allivios aos seus desconsôlos e as delicias de gozos perennes. Entrou muita gente seduzida pela sensualidade das aperientes promessas. Seneca tambem quiz penetrar no esperançôso santuario da metaphysica epicurista, mas confessa que os neophitos, attrahidos por tão esplendidas novidades, encontravam-se, com surpreza, entre modestos e honrados mortaes, submettidos ás abstinencias da maxima sobriedade, entrelaçados por indissoluveis sentimentos de amisade reciproca, porque a consideravam a primeira das virtudes e mola principal dos prazeres permittidos ou appeteciveis.

Effectivamente, os epicuristas perdoavam-se mutuamente os seus defeitos, com indulgencia desconhecida nos outros homens; supportavam sem murmurar as fraquezas momentaneas dos dirigentes que succederam a Epicurio, com a obrigação de observarem os dogmas e costumes do mestre, mantendo-os integralmente, como se perpetuava o fogo sagrado nos altares da immortalidade divina. No emtanto, esses directores, foram sempre companheiros moderados e lhanos, exceptuando-se o philologo Apollodoro, excellente pessoa, mas um pouco rispido de genio, ás vezes, a quem os discipulos alcunharam de *Cépotyrannos*, ou o tyranno dos jardins. Comtudo, o seu terrivel despotismo nunca fez derramar uma só lagrima, nem uma unica gotta de sangue. Acreditavam que o seu porvir seria uma infindavel colheita de rosas, embora tambem soubessem haver entre ellas espinhos, os quaes, no dizer de Lucrecio, até appareciam sobre as aras dos incruentos sacrificios offerecidos ás tres Graças.

Era expressamente prohibido aos epicuristas alienarem a menor porção do terreno patrimonial, plantado de jardins, pomar, hortas e oliveiras, tudo economicamente cultivado por elles, de forma a render o bastante para o seu sustento. Era, pois, uma verdadeira confraria philosophica. Não augmentaram os bens deixados pelo fundador, porque nunca quizeram accrescentar o valor da herança recebida, mantendo-a na mediania do necessario ao viver modesto que adoptaram. As cartas de Cicero a Pomponio Attico falam d'um romano Memmius que concebeu o nefando projecto de apoderar-se do terreno occupado pelos discipulos de Epicurio. Mas, tão grande era o numero dos protectores zelosos do epicurismo que a expoliação não se realisou, conservando-se o celebre cenobio no seu intacto dominio territorial até os tempos em que as hordas barbaras devastaram a Grecia, saqueando-a d'uma extremidade á outra, e os fanaticos christãos iconoclastas, com machados e archotes accesos, acabaram de destruir os templos e estatuas, deixando na sua passagem só ruinas e cinzas, segundo a narrativa feita ao imperador Juliano pelo grego Libanio, pagão confesso e mestre de S. Basilio e S. João Chrysostomo. Depois d'essas epochas de sangue e incendios, as escolas philosophicas deixaram para sempre a terra-mãe das sciencias e artes, succedendo-se a treva da ignorancia e tristeza á luz radiante que alegrou o mundo antigo.

As guerras de Philippe, filho de Demetrio, e as de Sylla, causaram enormes damnos aos jardins occupados pelos descendentes de Platão. Mas, como os gregos illustrados votavam grande estima ás especulações da metaphysica, nutrindo especial predilecção pelos platonicianos, appareceram generosos protectores para reedificarem os edificios destruidos pela soldadesca macedonia e romana. Demais, entre as pessoas distinctas, ricas e sem herdeiros forçados, estabeleceu-se o costume de testarem os seus haveres pecuniarios ao instituto academico. Com esses auxilios a celebre associação scientifica reuniu importantes fundos, podendo assim remediar os desastres materiaes, antes dos tenebrosos tempos em que elles se tornaram definitivamente irreparaveis.

Citamos de corrida a existencia dos jardins de Theophrasto, o rijo macrobio que escreveu o delicioso livrinho de photographias psychicas, chamado *Os Caracteres*, com tanta precisão de traços e sabôr ironico, que parece a obra prima d'um moço cheio de talento e saude. Essa elaboração d'um crepusculo genial, anda por ahi quasi desconhecida, coberta de poeira nas estantes dos alfarrabistas, á imagem de certas ignoradas pinturas flamengas

nas alfurjas dos adeleiros d'outr'ora. Quando a mocidade curiosa ler esse pequeno volume tão substancioso, e outros mais da mentalidade grega, descobrirá facilmente o numero consideravel de plagiarios enfileirados entre os litteratos e sabios modernos, cujo merecimento não irá muito além da simples descoberta d'esses mananciaes dos seus successos indevidos. Quanto á escola philosophica de Theophrasto, não teve a caracteristica e duração das outras, porque se irmanava ás doutrinas aristotelicas, encerrando-se quando o seu chefe se mudou para o Lyceu, a fim de substituir o fundador e seu mestre, no dia em que o doutissimo macedonio foi saciar a sêde de justiça na fonte de Arethusa, ouvindo o marulho cadencioso das ondas que balouçaram em perigos imminentes a frota homerica de Agamemnon.

A educação da mocidade, circumscripta ao ar varrido dos campos visinhos de Athenas, teve vantagens consideraveis sobre os methodos educativos geralmente adoptados pelos outros povos extranhos á raça grega. A presciencia dos philosophos afastou os alumnos dos centros populosos, infectos, viciados pelo luxo e ostentações licenciosas e contaminados de preconceitos, obrigando-os ao isolamento. Assim, quando professores afamados taes como Xenocrates, Polémon e outros, attrahiam ás suas licções grande numero de estudiosos, estes, para evitarem a perda de tempo em caminhadas diarias da cidade á escola e vice-versa, construiam nos jardins escolares, ou em volta d'elles quando o espaço interior faltava, casebres de madeira cobertos de palha, chamados *calibia*, onde dormiam. Se o numero era comportavel aos abrigos edificados no recinto escolar, alli se accommodavam, comtanto que todos estivessem sob a vigilancia paternal do mestre. Deste modo, apuravam a coragem e resignação, para aturar as privações, e sugeitavam-se aos rigores e trabalhos, para adquirir o saber.

Indubitavelmente, ao estudante grego era-lhe mais penoso completar um curso de philosophia, professado pela magnanimidade dos sabios, em virtude dos esforços prodigiosos e canceiras indiscriptiveis que demandava do cerebro e da vontade, do que se entregar aos longos, duros e perigosos exercicios do pugilato ou da lucta, para receber as ovações e corôas dispensadas aos atletas victoriosos nos estádios da Élida e Neméa. Essas normas de viver e de sacrificios expontaneos evitaram a corrupção e ociosidade viciosa das cidades, e diminuiram consideravelmente as despezas da educação da juventude, as quaes augmentaram nos seculos posteriores sem melhores resultados, causando a ruina de muitas familias. Não é difficil de perceber quão

pouco dinheiro custava ao educando dormir sob um tecto de colmo, fabricado por elle, alimentar-se sobriamente, ouvir as licções gratuitas d'um mestre, passeando debaixo das ramagens frondosas a respirar o oxigenio aromatizado pelos perfumes das rosas, violetas, narcisos, anémonas e lyrios, flores que lhe serviam para adornar os altares e as imagens dos seus deuses tutelares, os festins domesticos, o seu leito de nupcias, e a propria fronte nos dias solemnes das procissões religiosas e civicas.

Esse agglomeramento de cabanas escolares offerecia exteriormente o aspecto rudimentar e pobre d'uma pequena aldeia, habitada só por gente môça. Mas, no interior, noute e dia se praticavam as noções da moral, como estimulos do caracter. Os postulantes aprendiam as regras da parcimonia, abstendo-se sempre do que era supperfluo; fabricavam os objectos necessarios ao vestuario, calçado, alimentos, estudos e hygiene; preparavam as refeições e agricultavam a terra; acostumavam-se á obediencia e exercitavam-se no mando, para saber cumprir e commandar no dia em que fossem chamados aos serviços e conselhos da nação. Um d'elles, escolhido pelos suffragios de todos, dirigia-os durante dez dias, passados os quaes, era eleito outro. Este archonte recebia instrucções do chefe da escola. D'este modo, estabelecia-se a emulação entre os concorrentes ao cargo, procurando cada qual merecer as sympathias e respeito dos condiscipulos para conquistar a dignidade do mandato, como se tratasse de revestir a toga d'um austero areopagita.

Attribui-se a policia interna dos jardins philosophicos a Xenocrates; porem, outra versão, com mais visos de verdade, dá-lhe a auctoria de Aristoteles, adoptada no Lyceu. O facundo mestre tinha por indispensavel ao desenvolvimento physico dos seus alumnos, obrigal'os aos exercicios variados e constantes, para evitar os damnosos effeitos do viver sedentario, muito nocivo a contar do dia em que o ser humano começa a usar das pernas para mover-se, até á edade dos 24 annos, periodo em que se realiza o crescimento do corpo, o qual, para se expandir naturalmente, precisa de movimentos frequentes e até accelerados. Fazendo um confronto com os individuos de natureza vegetal, dizia o philosopho que as plantas parecem creadas para o repouso, prezas, como estam, á terra pelas raizes e tronco; mas, apesar da sua immobilidade, crescem, engrossam e reproduzem-se, porque os ventos fazem agitar constantemente os seus ramos e folhas, do contrario, ellas tornar-se-hiam rachiticas e seccariam em pouco tempo, se acaso nascessem n'um logar abrigado onde nenhum abalo forte ou aragem branda as sacudisse.

O regime economico observado nas communidades philosophicas de Athenas, era o mais modico possivel. Algumas vezes deram-se ruidosas festas nos jardins do Lyceu, mas as maiores quotas com que contribuia cada conviva, não passaram de nove obolos, ou sejam 270 reis da nossa moeda. Quando Platão offerecia ceias lautas aos seus amigos, mandava assar um cabrito, colher fructos e hortaliças da sua horta, a que juntava pão, azeitonas e agua; assim, regalava os seus convidados com essas refeições opiparas, muito bôas para preparar um somno dormido tranquillamento, segundo elles diziam, mas que os predispunha á fome devoradôra na manhã seguinte. O philosopho Taurus alimentava-se de pepinos, no tempo proprio da colheita d'este indigesto cucorbitaceo, e julgou-se sempre tão rico e poderoso como um rei da Persia. Aristoteles era a sobriedade em pessoa. Diogenes, esse, banqueteava-se como rato encarcerado n'uma casa de mendigos. D'este modo, professores e alumnos, temperavam o animo para as vicissitudes, desprezando vaidades e conservando a saude.

(Continúa).

Cyrillo Carneiro.



Esplendor, decadencia e ressurreição do espirito theatral

(Continuado de pag. 221 da 1.ª serie)

O theatro hespanhol do seculo XVII

Na evolução do theatro, o movimento hespanhol, iniciado com Lope de Vega, representa um momento importante: o do apparecimento do drama heroico, que depois ficou conhecido sob o nome de «comedia de capa de espada».

A importancia desta nova forma de theatro consiste em ella representar o ultimo refugio da vitalidade heroica d,uma raça opprimida. A Hespanha do seculo XVII apresenta um aspecto curioso. Com o desenvolvimento do poder real, com a Inquisição e a censura, o pensamento suffoca. A pintura hespanhola, esmagada por um mysticismo vidente, torna-se torturada, halucinada e sombria. Duas côres dominam: o branco e o preto, chegando para fazer exprimir as faces glabras de monges, os extasis e as torturas. Por vezes, um grande clarão rubro illumina um quadro: é o reflexo sinistro d'um auto de fé, a que assiste um rei vestido de negro.

Quem conhecer a historia de Philippe II e tiver visto o Escurial fica com a noção exacta da epocha.

Victor Hugo comprehendeu bem a figura sinistra do «Demonio do Meio Dia». Como numa tella, terrivel, e violenta, o espectro horrivel agita-se nos versos de «La Rose de L'Infante»:

Philippe deux était une chose terrible.
Iblis dans le koran et Cain dans la Bible
Sont à peine aussi noirs qu'en son Escurial
Ce royal spectre fils du spectre impérial.

Philippe deux était le mal tenant le glaive,
Il occupait le haut du monde comme un rève.
Il vivait: nul n'osait le regader; l'éffroi
Faisait une lumière étrange autour du roi;
On tremblait rien qu'à voir passer ses majordomes,
Tant il se confondait aux yeux troublés des hommes
Avec l'abîme, avec les astres du ciel bleu!
Tant semblait grande à tous son approche de Dieu!
Sa volonté fatale, enfoncée, obstinée,
Était comme un crampon mis sur la destinée
. . . . . .
Il était redoutable à la pensée, à l'homme,
A' la vie, au progrès, au droit, dévot à Rome;
C'était Satan regnant au nom de Jésus Christ.
. . . . . .
Et les peuples d'un bout à l'autre de l'empire
Tremblaicut, sentant sur eux ces deux yeux fixes luire.

E assim um divorcio profundo se foi accentuando entre os reis e o povo. As guerras europeias eram longiquas e representavam mais um interesse dinastico que o interesse economico e social da nação. Com a serie de leis oppressoras, que regulavam a calonização, havia poucas vantagens para o colono pobre e não privilegiado; d'esta maneira se vedou ao elemento popular a miragem colonial.

As esmolas dos conventos, a falta de protecção á pequena propriedade, o descuido da nobreza, arrastada para a vida da côrte, o messianismo e a indolencia natural tinham desligado o povo hespanhol do trabalho. A Hespanha parecia morta.

Contudo as imaginações novas e populares ainda fremiam numa emoção collectiva e profunda, quando, ás vezes, ouviam soar algum velho nome heroico, ou quando ante os seus olhos extaticos surgia a evocação d'uma antiga gloria. O D. Quichote de Cervantes vem-nos dar precisamente essa nota.

A morte de Fhilippe II, em 1598, coincidindo com o apparecimento do primeiro livro de Lope de Vega, fixa o termo do periodo do pensamento suffrocado, porque, escapando á censura, toda a vitalidade heroica, philosophica e intelectual da raça se refugia no theatro.

Tres grandes nomes dominam então: Lope de Vega, Calderon de la Barca e Tirso de Molina.

Lope de Vega encontrou a farça, tal qual a tinham deixado Diogo Sanchez de Badajoz e Rueda, e o seu talento scintilante e humano soube transformar-lhe o riso rude e grosseiro.

Herdeiro da fria moralidade da edade media, animou-a com o sopro ardente da sua imaginação religiosa, como o prova «La Siega» obra prima dos autos. Remodelou a informe collecção de massacres, que Virués tomava por Tragedia e produziu effeitos de terror e de horror, com uma arte absolutamente pessoal, um gosto, uma consciencia, um vigor delicado desconhecidos antes d'elle. E podemos dizer que a «comedia de capa e espada» na sua forma defenitiva sahiu do seu cerebro poderoso, porque, se Cueva a concebeu vagamente, foi Lope de Vega que lhe deu a forma e a vida. Porem a sua gloria como a de Burns será sempre local.

Cervantes, apezar de todo o seu sabor nacional, pertence á humanidade: Lope de Vega é a incarnação da Hespanha. A sua alegria, a sua melancolia, a sua fecundidade, e o seu realismo são, na sua força, eminentemente hespanhois; a sua forma pouco cuidada, a sua emphase, a desigualdade do seu estylo e da sua concepção, o seu desejo de agradar, custe o que custar, são, na sua fraqueza, carateristicas de raça. Falta-lhe a nota universal de Shakespear, porque elle dirige-se especialmente ao seu tempo e não a todos os tempos.

O drama moderno teve dois grandes creadores, Shakespear e Lope da Vega, cada um interpretando o genio do seu paiz com uma supremacia sem precedentes. Ambos soffreram um periodo de obscuridade. A própria geração, que Lope de Vega tinha encantado com a sua phantasia, em breve se voltou para o culto de Calderon.

Se Lope de Vega é o maior dramaturgo hespanhol, Calderon é dos que mais se approximam d'elle. Vega encarnou o genio d'uma nação; Calderon exprimiu o genio d'uma epocha. É um puro hespanhol, mas um hespanhol do seculo XVII, com tendencias de «culteranismo», refractario aos contrastes picarescos, que dão tanta variedade ao theatro de Vega e de Tirso de Molina.

A sua interpretação da vida é de tal forma idealizada, que o seu theatro não é mais que uma especie de apotheose do seculo em que viveu. Os seus personagens não são bem homens nem mulheres, são tipos allegoricos da humanidade, tais quais elle os concebeu na calma da sua bibliotheca.

Não é a vida real que Calderon representa, porque considera o realismo como ignobil e indigno da arte; substitui-lhe uma parada sumptuosa de emoções abstractas, onde se encontra sempre a sensação de uma falta de sinceridade timida.

Esta sua tendencia natural accentuou-se graças ás circunstancias. E' preciso não nos esquecermos que, se foi uma felicidade para o homem o tornar-se favorito d'um rei, foi um desastre para

o artista, o ser obrigado a escrever as «comedias palaciegas», espectaculos ôcos e brilhantes, em que o dramaturgo era obrigado a cingir-se a um scenario, rebaixando-se portanto ao nivel de um machinista superior.

Feliz durante a vida, Calderon foi-o ainda depois da morte, porque, ainda que a sua voga nunca egualasse a de Lope de Vega, a sua influencia foi muito mais duradoura. Desde a morta de Lope de Vega até ao fim do seculo XVII, Calderon foi o soberano incontestado do theatro hespanhol e no seculo XIX ia exercer uma influencia manifesta nos romanticos allemães.

Mais do que a maioria dos homens celebres, Calderon soffreu com a indiscrição dos seus admiradores. Quando Sismondi declarava que elle era um grande dramaturgo «o poeta da Inquisição», estava tão longe da verdade como Frederico von Schlegel, quando proclamava «que nesse grande e divino mestre o enigma da vida se achava não só exposto mas resolvido». Assim Schlegel, antes de Paul Verlaine, collocava Calderon acima de Shakespear que, divagava o allemão, não fez mais que expôr o problema da vida sem o resolver.

Jaques 1.º disse uma vez a um embaixador, a quem Ben Jonson chamava o «velho Esopo de Gondomar»: «Ignoro porque, mas parece-me que é proprio de um hespanhol dizer hespanholadas.»

O enthusiasmo por Calderon era tambem proprio dos romanticos allemães, que tomavam o lyrismo por representação scenica.

E não foram os unicos no seu enthusiasmo. Shelley teve entre as mãos os dramas de Calderon e leu-os «com um espanto e uma delicia incomparaveis» e tentou-se, como elle proprio o diz, com o desejo «de cobrir as suas formas perfeitas e deslumbrantes com o veu cinzento das suas palavras».

Assim o notavel monologo do Diabo no «El Magico Prodigioso» (1637) em resposta á pergunta de Cypriano «Quem és, e d'onde vens?» tornou-se familiar a todos os leitores da litteratura ingleza. Shelley e os outros admiradores ignoravam naturalmente a semelhança, um tanto ou quanto desconcertante, entre esse trecho e um outro d'uma peça anterior «El Esclavo del Demonio» de Mira de Amescua.

Mas isso que importa? Não veio pouco depois La Bruyère declarar esta verdade indiscutivel: «Tout est dit et l'ou vient trop tard, depuis plus de sept mille ans qu'ily a des hommes, et qui pensent»

Mas outros cerebros mais poderosos que o de Shelley, se deixaram influenciar por elle. Goethe, apezar de ter finalmente comprehendido o mal que fez á Allemanha essa imprudente idolatria,

não deixou até ao fim da sua vida de admirar o unico poeta hespanhol, que verdadeiramente conheceu.

Não sahira o Fausto, a maior tragedia da civilisação occidental, do «El Magico Prodigioso» de Calderon?

Ao lado de Vega e de Calderon apparece-nos a figura importante de Tirso de Molina, o creador do tipo tragico de D. Juan, desconhecido até então.

«Existiam sempre em todas as sociedades civilizadas, homens dotados de um temperamento excessivo, com necessidades imperiosas, curiosidades continuas, o gosto da conquista e da mudança, o desejo de agradar. Mas nas sociedades antigas, na Grecia por exemplo, em que o próprio Zeus descia á terra e se transformava em cysne, para possuir Leda ou em touro para raptar Europa, onde Cypris tinha sacerdotizas e templos em toda a parte, onde as cortezãs eram glorificadas, onde se celebravam as dionysíacas, onde as mulheres, certas noites do anno, subiam aos terrassos, para chorarem e lamentarem a morte de Adonis; na Grecia, onde os philosophos diziam que era necessario começar por adorar os corpos bellos para se chegar ao conhecimento do Bello absoluto; na Grecia, onde o amor era considerado como um sentimento natural, a que não se oppunham nem as leis nem a religião, nem os costumes, o homem, que rapta uma mulher, nunca poderia ser um personagem tragico.

Que appareça o christianismo, esse homem vai tornar-se forçosamente interessante.» (1)

Plutarcho conta que um piloto chamado Thamas, navegando no Mediterraneo, alguns annos antes do apparecimento do christianismo, onviu uma noite um grande grito lamentoso: «O grande Pan morreu» e de todos os lados se levantaram suspiros, gemidos, soluços, como se toda a natureza chorasse o grande morto.

O grande Pan não morrera porque é immortal. Mas o christianismo procurou mata-lo.

Ao inscrever nos dez mandamentos guardar castidade e não desejar a mulher do proximo, incluindo a luxuria nos sete peccados mortaes, a religião christã, do vulgar seductor, que, pelo seu temperamento, se não podia dobrar á sua disciplina, fez um reprobo, elevando-o portanto ao esplendor heroico dos revoltados.

E foi assim que o comprehendeu Tirso de Molina ao escrever «El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra» creando uma obra prima fonte de futuras obras primas.

---

(1) Maurice Donnay «Molierè»

Com a morte destes tres homens desaparece a vitalidade do theatro hespanhol. Contudo a sua influencia ia durar dois seculos. Primeiro Corneille, depois os romanticos, iam continuar a sua tradicção. aproveitando os profundos motivos tragicos, que elle em si contem.

(Continúa).

Gustavo Ferreira Borges.



Maior amor

Homem, — um dia amando, e presa à minha
A sua mão, e sem que ninguem visse,
Ella entre beijos perguntou, se tinha
Mais amor a alguem e que medisse

Todo o infinito amor que humilde vinha
Depôr-lhe aos pés. E como se exprimisse
Todo o ardor que o coração continha:
«A minha mãe eu amo mais — lhe disse!»

Mêses e mêses se passaram — annos
Risonhos uns de frios desenganos
Outros passaram mais. E um dia ri,

Feliz, contente, ao perguntar-me alguem:
— Que tua mãe quem amas mais, alem? —
«Meu pequenino filho — respondi!...»

Raul Martins.



Do Brazil novo

(Notas para um estudo)

Mandam-me Alvaro Moreyra e Felippe de Oliveira os seus livros de estreia, publicados em 1911. E a leitura delles suggere-me algumas notas rapidas sobre a geração que com audacia de ideaes artisticos e faculdades poderosas de expressão se vem impondo no Brasil.

A poesia brasileira muito pouco conhecida entre nós pela lenda de parnasianismo retumbante que a critica lhe creou e que a põe a distancia notavel das modernas manifestações emocionaes, revela nos seus representantes novos modalidades novissimas de emoção por originalidade de inspiração e de rythmo.

Envelheceu e vae morrer a arte parada e habilidosa, consequencia de trabalho aturado e methodo, que fez de muitos poetas, simples operarios do verso. Mesmo a obra magnifica de Bilac que alem de artifice delicadissimo e impeccavel é um colorista eximio embora ás veses com exageros de detalhe que prejudicam a curva sensual da sua evocação, mesmo essa vae a desmerecer em parte ante a extranha floração de exquisitas sensibilidades para mais educadas no bizarrismo creador dos grandes poetas que dêsde Samain a d'Annunzio e de Wilde a Maeterlinck têm vindo a tratar as flores archi-phantasticas do jardim dos requintes.

Attingido o hermaphroditismo da sensação que faz do artista o revelador, uma linguagem nova tem de crear-se que em tudo corresponda á dualidade dos sentidos.

E assim é que na obra litteraria e artistica do nosso tempo a imaginação é quasi tudo, e os modelos seguidos são precisamente os que a teem por soberana.

Como muitos dos nossos artistas moços, educados em Antonio Nobre, Fialho, Eugenio de Castro e Cesario, os poetas novos do Brasil deixam correr nos versos os seus nervos sendo a forma apenas a satisfação das necessidades emotivas e como tal procurando corresponder aos infinitamente delicados da sensibilidade.

A arte moderna é crepusculisante, restringe os elementos picturaes a meias tintas e delicadas nuances apenas surprehendidas por educadissimas retinas e procura na realisação plastica o imprevisto do som, combinações de notas veladas, caprichos orquestaes determinados pelo ouvido rythmico. Os poetas brasileiros que ora se affirmam, nessa arte têm deixado beber os espiritos ávidos, e com todas as influencias reconheciveis por simples accusação de memoria e ainda com aquellas que só por exame comparativo se verão, mostram-me qualidades invulgares de temperamento.

Os dois livros *Vida extincta* de Felippe de Oliveira e *Legenda da Luz e da Vida* de Alvaro Moreyra provam-no de sobejo pelos motivos escolhidos e pela bellesa de expressão a que chegaram.

O primeiro, soube-o agora, tem um titulo de renuncia porque Felippe de Olivera trabalha num livro de contos e para os nervosismos da prosa tem vivido depois da publicação d'elle.

Irregular, com a intensidade e *a morbidesa* de espirito que se não fixou ainda, a *Vida extincta* é um bonito sonho em que o artista deixa a alma livre recordar e adivinhar.

São figurações de lembrança e phantasia em que o poeta rapidamente se concentra preferindo para as viver as horas de pas e de abandono, como na *Saudade do Som :*

> Foi tocadora d'orgão pelas cathedraes . . .
> E na plangencia do angelus, no outomno
> á hora de chover cinza nos vitraes,
> no orgão acompanhava as danças agitadas
> das folhas seccas assustadas
> redemoinhando ao vento
> na extensão pardacenta da alameda,
> em cadencias monotonas e suaves
> como esse passo cauteloso e lento
> dos cegos caminhando sobre seda . . .

ou em *Um outomno depois*:

> E tu ficaste lá . . . longe . . . na minha vida . . .
> E eu tão só! Como pesa este abandono! . . .

Abro os vitraes: que noite immensa...
Envelhecida
a mesma lua do outro outomno (aquelle outomno...)
cansada, agora incensa
como um thuribulo de luar a noite agreste...

nos *Versos ao caes:*

E' tysica... E na falla e na attitude
trás a esperança de ainda voltar boa...
"—Quantas partiram peor e vieram com saude..."
...E vae feliz por esse mar á toa.

e na *Terra perdida:*

E as matinadas de verão... E os vagos
de sombra!... (O' sombra que mysterio escondes,
para a um tempo fazer morrer os lagos
e humanisar a larga paz dos frondes?...)

Felippe de Oliveira é um paysagista que ama a vida pela côr e que na esculptura dos versos como na tessitura dos periodos procura encantar-se pela magia chromatica dos sons, segundo a iniciação mysteriosa de Rimband. Olhem a brancura nevada deste verso:

O vago andar nostalgico das garças

A *Legenda da Luz e da Vida* tem mais força, mais ancia, mais desejo. E' um livro em que a côr grita triumphos. A alegria que segundo Ruskin deve de temperar toda a obra de arte enche o primeiro verso do poema:

«A luz é irmã da alegria.

E d'Annunzio no portico, só muito excepcionalmente deixa o poeta voltar os olhos de saudade para as terras gloriosas do sul onde nasceu e dizer:

A avé Maria cae da garganta dum dobre...

ou na *Elegia.*

Na hora do meu adeus como tu foste linda
Que linda que has-de ser na hora da minha morte!

Tudo o mais é um canto de victoria, irrompendo em graça, florescendo em bençãos para a vida.

Ei-lo de joelhos, orando *A' Paysagem:*

Bemdita sejas no teu corpo agreste
Vibrando, echoando o rythmo dos matizes
Na exclamação calada dum cypreste,
No symbolismo humano das raizes.

Bemdita nos prazeres e nas maguas,
No que desvendas e no que suggeres,
No espirito nostalgico das aguas
E nos braços abertos das mulheres.

ou abrindo os braços em abraço á *Salomé*:

Tuas unhas parecem petalas de rosas
E matam!
Não caminhas... colleias
Brancos cabellos quando se desatam
Dão volupias dormentes, dolorosas.

e quando anoitece:

A Bondade da vida anda no espaço e eleva
Cheio de luz o seu perfil dentro da treva,
Ha um anceio de paz, no silencio profundo
Quem me dera que eu fosse o unico homem do mundo!

e ao acordar para a vida:

A luz é o silencio em chamma.

Alvaro Moreyra é uma especie de mystico encellado que a alma das coisas perturbou e no convento da sua alma excepcionalissima anda a revelar figuras de bondade e symbolos extravagantes de imaginação rica.

Por isto e pela obra de Ollegario Marianno e Eduardo Guimaraens que eu conheço dispersa em revistas e jornaes, posso affirmar que o Brasil novo não tardará a encorporar-se nessa côrte magnifica de poetas que ennobrecem a nossa litteratura.

Ollegario Marianno é o poeta da tristeza suavissima, das horas boas, da resignação meiga, da doçura da vida.

Os versos d'elle, duma perfeição insatisfeita, melancholicos e brandos dão a musica dolorosa dos que choram baixinho: — marcha de genios tristes, farandola perturbante de almas sem sonho, pierrots abandonados e artistas sem gloria, esphinges a que a bondade do poeta deu expressão rythmica e consoladora.

Ouvi-o na *Saudade:*

Sensações de saudade! o declinio do dia,
A roupagem lilaz do ceu da avé-maria.

na *Dona Tristeza:*

Beijo-lhe os olhos. Ardente e louca
Num desespero quasi supremo
Molha no orvalho da minha bocca
A sua boca de crysanthemo.

Usa um manto fugaz, solto e sem dobras
Da côr ensanguentada das papoulas
Tem a indolencia morbida das cobras
E a doçura romantica das rolas.

Dona Tristeza é um luar d'outomno, um vago
Sonho de bruma e de melancholia
. . . . . .

Nasceu para ser freira e duma freira
Tem o vulto somnanbulo e tristonho.
Dona tristeza é a santa padroeira,
Da capellinha branca do meu sonho.

em *Venesa:*

Plange o sino maior de San Giorgio. Esmaece
A alma das coisas. Rola o silencio . . . Parece
Que a paysagem tem vida e começa a sonhar . . .

Como é linda! Na luz do poente que a constella,
Veneza evoca Salomé, tragica e bella
Esperando na sombra a cabeça do Luar.

na *Tysica:*

E a pobresinha tem tudo o que um poeta sonha:
O vulto gargalado e o aspecto frio
De uma garça a mirar somnambula e tristonha
A sua esguia projecção na agua dum rio.

e na *Alma da torre:*

A alma da torre sonha... A alma da torre
Pensa alongando o olhar pelo declive,
Na alegria serena de quem morre
Na tristesa pesada de quem vive...

Eduardo Guimaraens é uma alma feminina recolhendo as emoções vagas e transcendentes no claustro dos symbolos, aonde as estatuas mutiladas resplandecem e as imagens esculptadas em sonho se afiguram flores aladas brotando de pedras preciosas em chromatisações de oiro velho e sangue crystallisado. Trago para aqui alguns versos tirados a esmo dos seus poemas:

E ainda que a minha isomnia acorde quando a acordas
persisto em ver o sol porque este amor persiste
em mim. E ah! se sorrio é porque então sorriste
e o meu sorriso é como um violino sem cordas.

. . . . . .

E oh o festim sem um assomo
e a forma branca e mysteriosa
das Mãos sem aneis do silencio!

. . . . . .

Grave, profunda e suave, a tarde é branca e morre.

. . . . . .

E lenta, lentamente
desce de todo a noite opalina, dolente
e fria, emquanto soa a hora azul do praser
sem nome e o Amor convida os homens a morrer.

. . . . . .

Um livro que se leu é um pouco do passado:
quando fez rir, melhor, fica logo olvidado
porem se fez chorar, nunca mais o esquecemos
e é só delle a dor que muita vez soffremos!
E a vida... a vida é um livro aberto que não lemos.

Doutro bello poeta do Brasil sei eu. E' Mario Perdeneiras, o Paul Fort do Rio, consagrando as tradicções e os typos da cidade como um esculptor caricatural incumbido pela propria arte de ornar as galerias da Bellesa com as estatuetas do vulgar.

Estes, com outros que mal conheço, de rapidas apparições

na publicidade como Carlos Maul, Homero Prates, Luiz Ramos Goulart de Andrade, Heitor Lima, Bueno Monteiro, Aggripino Grieco, etc., andam empenhados em renovar a velha poesia brasileira que se tem dado grandes poetas, e alem de Cruz e Sousa, Bilac e Luiz Edmundo, é occasião de citar Raymundo Correia, Filinto de Almeida, Luis Delfim, Luiz Murat, Vicente de Carvalho, Fontoura Xavier, Alberto d'Oliveira, Luis Guimarães e Pinto da Rocha de nome feito no parnasianismo, tem dado tambem muito versejador vasio, repetindo o que está dito, estafando moldes archaicos e banalisando formulas esquecidas.

Nuno Simões.

Linha dos Horisontes

A Huno Simões

O asul do Ceo tenta poisar nos montes,
Querem os montes elevar-se ao Ceo!
D'este desejo indómito nasceu
A linha irregular dos horisontes!

Horisontes rasgados, onde correm
— Enchei, d'olhos-abertos, esses longes!...
Como que ermidas misticas de monges
P'ra onde os raios do ocaso fogem.

D'olhos-abertos furta-se minh'alma
E fica a olhar religiosamente
Essa mudez profundamente calma.

Vi horisontes — num perder distante! —
Diser assim ás maguas do Poente:
— «tereis, de novo, a bençam do Levante!»

Alves Martins.

A Visão do Mendonça

Uma tarde de Julho em que eu andava lendo Erasmo, á sombra dos loireiros de Santa Cruz, vi aparecer o vulto inquieto de um excelente amigo meu.

Conhecera-o quando o amor pela sciencia do Grego me fez sentar a seu lado no mesmo banco de pinho, deante de um mestre de Teologia que passava por sabio, no conceito respeitoso do curso.

Era um rapaz magro e miope, grande bôca descobrindo maus dentes, arripiados os cabelos e reflexos de uns oculos eruditos, ao dizer que sim e que não a todo o momento.

Ora acontecia que êste estudante exemplar cursava trabalhosamente a Sagrada Teologia. Queria formar-se e regressar à tranquilidade da provincia natal. Vivia de esta ambição honesta.

Classificações, nunca as invejou a ninguem e até as desdenhava habitualmente.

Quando a nossa convivencia veiu a estreitar-se, confiou-me o seu segredo: havia lá em Bragança, um canonicato vago á espera dele... Era um padrinho previdente, grande trunfo polico, que lho havia prometido com segurança, numas ferias de verão.

Eu olhei para as incertezas do meu futuro de advogado ou juiz em Alfandega da Fé e lembro-me da pena que senti de não ter aquela macia esperança de uma cadeira de conego, debaixo de uma velha catedral.

O conego Mendonça!

O meu amigo era feliz com a sua esperança, eu vivia tristonho pelo meu desamparo.

Compreendi desde aquela hora, o seu interesse em formar-se, em *tirar* a *formatura*, como ele dizia com propriedade: era a gloria da Igreja e o regalo da sua vida; o triunfo da Fé cristã, pondo termo áquela magreza ascética.

Se ele era chamado, logo os meus significados iam socorre-lo, porque a turbação da vista não lhe deixava ler os dele.

Consolava-me de tão inocente auxilio, sentia um orgulho alegre em que o meu labor de folhear um dicionario grego, alguma coisa concorresse para dar o canonicato ao meu condiscipulo que tão digno era de tal recompensa.

Como começou ele a utilizar fielmente o meu trabalho, já lhes não posso dizer. Sei apenas que naquele quarto ou quinto ano de frequencia, ainda o pobre Mendonça não foi julgado apto a traduzir com dextreza algumas linhas do Evangelho que San-João escrevera, por fatalidade, para melhor suportar o desterro de Patmos.

Foi um dia amargo, esse do seu exame.

O proprio Evangelista ter-se-hia arrependido do mal que causou.

Quando vi o meu condiscipulo reprovado, chorando detrás dos oculos espessos, ainda pensei que fôsse equivoco dos Mestres.

Corri a perguntar-lho, pedindo para mim tal rigor justiceiro. Mas o Teologo sorriu e passou adeante, insensivel á nossa dor. Mais um ano perdido para a posse do canonicato!

Então comecei a crer que seria inveja vingativa pela esperança certa do Mendonça. Nunca mais esta suspeita me deixou e com ela morrerei.

Veiu Outubro e com ele voltou Mendonça, os oculos e o dicionario grego.

Apezar das definitivas tendencias eclesiasticas, o Mendonça usava um rapido bigode e pertencia á Tuna que dedicadamente serviu como enfermeiro, durante anos. Por isto tudo e o mais que na vizinhança constava, este futuro dignatario ia conciliando as liberdades de rapaz com a santidade dos seus propositos.

Estudioso — toda a gente pasmava de que não fôsse imensamente sabedor.

As horas andadas cegamente na *Patrologia*, davam-lhe tempo de alcansar a pé o polo norte.

Foi de sôbre um dêstes volumes veneraveis que ele um dia escandalizadamente me ameaçou, vendo-me copiar para simbolo de uma seita esoterica, a metafisica alexandrina de Niceia.

A colera divina vingaria o desrespeito com que ele me via tratar os sagrados textos da Revelação.

A minha religião e a do Mendonça é que não se pareciam nada. Tinhamos de comum, apenas os significados do Evangelho de San-João.

Mas a sua bondosa tolerancia acolhia-me risonhamente e aos significados, todas as manhãs, nas pedras da Via Latina.

Entre as brigas dogmáticas que eu ás vezes armava com os teologos, Mendonça cria-me firmemente o espirito do mal que procura almas puras á tentação da heresia.

Chamavam para a aula e todos me davam a absolvição.

E depois de tantas incertezas e desenganos, aconteceu ao Mendonça o que acontece a todos que vão a Coimbra e têem a paciencia de correr as aulas em cinco anos — um dia formou-se.

Era naquela tarde de ocios eruditos de que lhes falei a principio, ali na Quinta de Santa Cruz.

O meu condiscipulo recebera finalmente o grau, vinha iluminado da virtude da sabedoria que sôbre ele descera em nome da Santissima Trindade, pela bôca sagrada do Decano.

Logo me ergo para o abraçar.

Enfim, chegou o dia glorioso! *Venit tandem dies!* — exclamei eu poderosamente.

Venceste o canonicato, Mendonça! Eu te saudo!

A minha expansão era sincera: estava devéras comovido e deslumbrado pela vitoria do meu amigo.

Se fôra o sonho duma juventude inteira!

Passara o tempo a olhar a Universidade, a pensar nela, a comove-la . . .

Biblioteca, aula e tuna, dentro dêste triangulo oscilava o espirito do Mendonça.

Ele sabia lá onde era Santa Clara!

Se estavam rutilando seiva ou a caìr as folhas dos choupos, se havia nuvens ou fazia sol!

Para quê? De que servia isso para lhe aumentar a probabilidade do canonicato? De nada!

Ora neste momento do nosso encontro, juntava-se ali uma duzia de pessoas para ver o pôr-do-sol.

Não sei que soneto dera fama áqueles poentes sanguineos sobre o mar.

Alguem lhes chamou tragedia e bastou para que os olhos chorassem, postos no disco vermelho do Sol.

Mendonça não compreendeu logo para onde se dirigia a atenção magoada daquela gente. Olhou em volta, fitou os olhos na torre da Universidade, suspeitoso — não viesse algum cataclismo destruir a prova do seu acto.

Por ultimo, quando o seu olhar varou os oculos para longe, até á linha do horizonte, todo o seu sêr teve um pasmo enorme.

Pela primeira vez na vida, lhe chegara o momento de olhar

para um astro no ceu. Nem a lua das serenatas ou as estrelas chorando, nem o interesse apologético de verificar na abobada a verdade do *Genesis*.

Naquele instante, teve o primeiro assombro.

E então, tocado da graça divina, iluminado de Sabedoria, quando viera de formar-se, Mendonça estendeu o braço fóra da capa e disse-me alvoraçado, apontando para o poente:

— Olha alêm, a lua, tão linda!

(Do ***Livro de Horas***, a saír brevemente)

Hippolyto Raposo.

Domingo de Páscoa

Ao José Bragança
Cité Falguière – Paris

Meu José

«*Me pœnitet! me pœnitet!...*»

De baraço e alva de condemnado, aqui me tens, todo encolhido ante a fúria chispante do teu sobrecenho e o pêso esmagadôr das minhas faltas.

Sim, sê livremente o Cardeal-Diabo d'uma canonisação a que já não aspiro! céva no resignado passivismo da minha postura o desespero bilioso que, durante um ano, surdamente armazenaste, com o risinho cruel de quem planeia assanhada desforra para mais tarde! A minha bôca será virgem de palavras e ha-de iluminar-me os olhos o beato embevecimento do martírio...

E, no entanto, se te contasse a deploravel odisseia desta minha vida, em que só uma enorme e entediada Preguiça cabe, talvez o vinco façanhudo, que ora te embruma a testa, em claro e piedoso sol desabrochasse!

A minha vida! a minha vida!

... e o carteiro a todo o instante:

«O' meu ilustre poeta, um postalinho.»

O meu carteiro prodigalisa adjectivos e distribúe correio e consagrações com uma solicitude que redobra de enleiante graça por volta da Páscoa... Coisas que êle sabe!

E eu ficava-me a olhar o postalinho, com desoladas caretas, que me engelhavam o perfil de judeu presta-pra-nada... Oh! as tentativas sempre amortecidas! aquela fúria descabelada de reagir! e os braços bambos e o cigarrinho apagado e aquela folha de papel onde a pena emperrava, tropeçando nas palavras, embrulhando frases, gaguejando...

«Amanhan... depois... Raio de coisa!»

Ora uma vez...

E vai eu, por êste lindo sol de domingo, abanquei á minha mêsa e puz-me a rabiscar estas mal notadas regras, coraçãosinho muito socegado, que um lindo sol de domingo faz-nos amigos de toda a gente.

«Bôas tardes, bôas tardes, senhor Filipe!»

O senhor Filipe é mercieiro e fornece a visinhança. A mim fia-me tabaco. O senhor Filipe aperta-me a mão e já me chama *doutôr* com a benévola gravidade dum colega no bacharelato. Desconfio que me quér vendêr o champagne prá *récita*...

«Adeus, senhor Filipe! Deixe estar que hei-de comprar-lhe o champagne.»

E o senhor Filipe lá vai, todo contente comigo e eu fico todo contente com êle. E apetece-me comprar champagne a todos os senhores Filipes do mundo, para os vêr muitos meus amigos.

Ah! grande, grande Sol! Vocês é que não teem lá de isto!

A porcaria da Civilisação...

Aleluia! aleluia!

Sinos a bimbalhar no azul, carinhas risonhas que voltam da missa, todas comovidas, na penumbra loira dos chapeus de palha, rubros de papoilas... E recordam o incenso tam cheiroso e as pombas, de luar nas plumas, que o sacristão soltou, quando, por sobre as cabeças inclinadas, o senhor priôr anunciára:

«Aleluia!»

Aleluia! aleluia!

E as carinhas risonhas que voltam da missa, todas comovidas, põem-se a agradecêr ao Senhor aquela alegria que as enerva todas e lhes dá vontade de chorar. E Nosso Senhor, que lhes não escutára as resas, tem vontade agora de chorar tambem...

Aleluia! aleluia!

E as carinhas risonhas que voltam da missa, todas comovidas, sob este sol, que veste de oiro as árvores a abrolhar e incendeia o rubro-mosto das olaias em festa, baixam os olhos, num rubôr dulcíssimo, como se todo este explodir de seivas, este deboche pagão de florir e fructificar lhes despertasse na carne adolescente o anceio inédito e humaníssimo de se atirarem aos braços dos namorados, para sêrem violadas á beira dos caminhos, sobre a relva macia, com montões de rosas a embebedar-lhes os sentidos...

Aleluia! aleluia!

E as carinhas risonhas que voltam da missa, todas comovidas, teem um incéndio em cada face... Pelo céo, azul e oiro, como nas telas dos Primitivos, vôa agora uma geada alvíssima de pombas. A espaços, o hálito suave da aragem entra pelas janelas

escancaradas, inundando-me o quarto do aroma perturbante das glicínias e lilazes. E por essa terra fóra vai uma apoteose de luz que nos maravilha e põe em cada bôca um delírio de cantigas e beijos!

Aleluia! aleluia!

Ah! como nesta hora cristianíssima da Ressurreição eu adivinho a minh'alma á mão direita de Deus e a minha carne bem dentro da Vida tumultuária que faz latejar, na prenhez das seivas, os troncos altos dos choupos! E, como o *Poverello* na manhan religiosa da sua prática ás irmans avesinhas, eu tambem ajoelho e canto o meu louvôr ao Sol!

Aos beirais do meu telhado voltaram ha pouco as andorinhas. Andam a reparar os ninhos do ano que passou. E que alegria consolada a desta lida, que se faz cantando!

O' irmans andorinhas, voai, voai! ide anunciar por esse mundo além a boa nova da Primavera!

O' irmans andorinhas, lidai, voai, cantai!

... E tu, lá longe, na Cidade enorme, sem mesmo suspeitares dêste domingo!

Coimbra-Março-912

João de Lebre e Lima.

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Bibliographia

Por absoluta falta de espaço somos obrigados ainda a deixar para o numero seguinte a Secção bibliographica.

Recebemos os seguintes livros e revistas:

Sombras — Veiga Simões.
O Ultimo Lusiada — Mario Beirão.
A Primeira Nau — Augusto Casimiro.
Sonatinas — Salles de Lima.
Versos (2 vol.) — Alfredo da Cunha.
Atlantiques — Ribera i Rovira.

Instituto de Coimbra.
Theatro.
Infancia (Publicacion Mensual de la Liga Popular) Montevideo.

A Diónysos no estrangeiro

Da revista belga Minerva:

Algumas Reflexões sobre os Congressos de Educação Moral, de Edward Peeters. — Porto (Portugal) A. J. d'Almeida, Praça de Santa Thereza, 62.—1913. fr. 0.50.

«Nos lecteurs connaissent cette étude, parue d'abord en finnois dans la *Kansakoulun Lethi,* d'Helsingfors, ensuite en français dans *Minerva* et dans la *Bibliothéque Internationale d'Education,* en néerlandais dans *Zuid en Noord* et dans la *Internationale Boekerij voor Opvoeding,* en espagnol dans *El Educador Contemporaneo,* de Valencia, en polonais (abrégé) dans *Nowe Tory* de Varsovie, en russe dans *Svobodnoe Vospitanie* de Moscou. A ce qui nous revient M.lle Mat. Teodoresco en aurait fourni une traduction roumaine, qui cependant ne nous est pas encore parvenue.

La brochure portugaise, dont l'honorable traducteur a bien voulu nous adresser quelques exemplaires, se présent sous un aspect très coquet. La traduction elle-même est très coulant — on ne peut attendre moins de la plume expert de M. Diogo do Carmo —, et si le titre ne mentionnait pas «Traduction portugaise», on pourrait croire lire une texte original.

Tous ceux qui ont à cœur la réussite des Congrès d'Education morale et leur orientation vers un but plus immédiatement pratique, sauront gré à M. le D. Diogo do Carmo d'avoir contribué à répandre dans son pays ces idées «si intéressantes et si pratiques», comme les appelait le secrétaire de la *Moral Education League.*»



Livraria, Papelaria, Typographia e Encadernação

A. J. d'Almeida

Fundador da antiga casa ALMEIDA & SÁ, SUCCESSORES)

58, Praça de Santa Thereza, 62

TELEPHONE, 1253

SELLOS PARA COLLECÇÕES, ESPECIALIDADE EM
PORTUGAL E COLONIAS, ALBUNS PARA SELLOS E TODOS OS ARTIGOS PHILATELICOS
Agente no Porto da importante casa philatelica A. Myre de Lisboa

Depositario da especial MANTEIGA da Fructuaria de CASTELLO DE PAIVA

N'este estabelecimento encontra-se sempre grande variedade em objectos para escriptorio, livros para escripturação particular, estojos, aprestos para desenho, papeis para flores e muitos outros artigos.

Lindo sortido em carteiras, chromos para felicitações, etc., etc.

Ha tambem um sortido completo de todos os compendios adoptados para instrucção Primaria, Escolas Normaes, Liceus e Seminarios. Livros de Litteratura e Religiosos. Execução rapida em todos os trabalhos typographicos, taes como: facturas, circulares, participações de casamento, cartões de visita, mappas, diplomas, memoranduns, etc., etc. Encadernações simples e de luxo.

Variada collecção de balões venezianos. Carimbos de borracha.



DIONYSOS

SÉRIES III E IV

RP
8
18

DIONYSOS

nº 1

RP
8
18



DIÓNYSOS

Companhia Portuguesa Editora, L.da

SÉDE — Rua da Boavista, 307 SUCURSAL — Rua do Almada, 123

PORTO — PORTUGAL

Premiada com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro em 1922

EXTRACTO DO CATALGO

EDUARDO DE NORONHA

A' Esquina do Chiado. Continuação das *Memorias dum Galego*. 1 volume brochado . . . . . 12$500

Agonizar (O) duma Dinastia (*O Calvario duma mãe*). 1 volume brochado . . . . . 12$500

A' Porta da Havaneza. Da Tomarada á Republica. 1 volume broch. . 12$500

Apostasia (A) dum Bispo. Novela inacreditavel, mas verdadeira. 1 volume brochado . . . . . 12$500

A Regeneração — Fontes Pereira de Melo — 1 volume brochado. . . . 15$000

Cristo e Maomet. Romance tragico e historico, por Lewis Wallace, tradução. 1 volume brochado . . . . . 12$500

Da Madeira ao alto Zambeze. — Viagem dramatica atravez de Angola e Moçambique. 1 volume brochado. . . . . 8$000

Do Minho ao Algarve. Viagem pitoresca e aventurosa atravez de Portugal. 1 volume brochado. . . . . 8$000

Duarte Pacheco Pereira, (um homem de caracter). Quadro epico da historia nacional. 1 volume brochado . . . . . 8$000

Heroi (O) de Chaimite. Narrativa historica e militar. Prefacios de Aires de Ornelas e Henrique de Paiva Couceiro. 1 vol. brochado . . . . 15$000

Marquez (O) de Niza. Dois anos de aventuras documentadas Romance historico, maritimo. (Nova edição) 1 volume brochado. . . . . 12$500

Palacio das Mil Luzes, por Meredith Nicholson. Versão livre do inglez. 1 volume brochado. . . . . 15$000

Passado... (O), reminiscencias anecdoticas dos tempos idos. Alguns anos de fita animatografica da vida. 1 volume brochado . . . . . 10$000

Remechido. (O) Romance historico 2 volumes ilustrados e com o retrato do remechido . . . . . 15$000

Soldados Portuguezes. Gomes Freire e os seus camaradas em França. 1 vol. ilustrado com muitos elementos historicos, em brochura . . . 10$000

Ultimo (O) Marquez de Niza. (Romance de costumes). 1 vol. broch. 15$000

Vinte e cinco anos nos bastidores da politica. Emidio Navarro e as *Novidades*: 1 volume brochado . . . . . 12$500

BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO INTELECTUAL

Cada volume em brochura. . . . . 7$500

OBRAS PUBLICADAS NESTA BIBLIOTECA

I **A Tristeza Contemporânea.** Estudo sobre as grandes correntes morais e intelectuais, por H. Fierens Gevaert; tradução de João Correia de Oliveira. (Nova edição). 1 vol.

II, III e IV. **Os grandes Iniciados.** Esboço da Historia Secreta das Religiões, por Edouard Shuré; tradução de Domingos Guimarães 3 volumes.

V. **A Origem do Homem,** por C. Darwin, tradução de João Correia de Oliveira. 1 volume.

NÚMERO ESPÉCIMEN, julho de 1925

DIÓNYSOS

3.ª SERIE

REVISTA BIMESTRAL DE FILOSOFIA, SCIENCIA E ARTE

DIRECTOR
Aarão de Lacerda

SECRETÁRIO
José Maciel Ribeiro Fortes

EDITORES E PROPRIETÁRIOS
COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.DA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA BOAVISTA, 307 — PORTO

TELEFONE 1715

N.º 1

SUMÁRIO

Aarão de Lacerda	A «Diónysos».
F. Gomes Teixeira	Hypátia.
Mário Beirão	Assis.
A. A. Mendes Correia	A atitude moral.
Visconde de Vila-Moura	Flores de vidro.
Ângelo César	Lôas do Natal.
Pedro Victorino	O portal românico de Anciães.
Alexandre José Sarsfield	A Atlântida.
Pinto de Lima	Descobertas modernas no Egipto.
Freitas Gonçalves	Schumann na sua obra de piano.
José Maciel Fortes	A origem do Fado.
Acácio Lobo	Pelos domínios da Gramática.
M. S. Gaio	Um poeta (A. Sardinha).
Antonio de Souza	Para cantares ao menino.
Carlos Ramos	Dois livros de Quim Martins.
Acácio Lino	O Grande Desvayro

COMPOSTO E IMPRESSO
NA
Companhia Portuguesa Editora, L.da
PORTO



A "DIÓNYSOS"

Mir wird so licht!
Faust—I Teil—GOETHE.

Vivemos então um grande instante!

Quisemos com frenesi afirmar nossas crenças de beleza e conseguimo-lo de algum modo, gravando nessas páginas já distantes doze anos — um estádio tão grande na vida — o que a sensibilidade nos ditava.

Estou a recordar essa primeira reunião dalguns dos meus queridos camaradas da Universidade no meu quarto dos Palácios Confusos, de janela aberta sôbre o Mondego a correr vagarosamente entre as ínsuas poalhadas de luar.

Como as palavras se erguiam altas, religiosas, a dizer bem sinceramente do nosso ideal, da nossa fé ilimitada, do nosso querer impetuoso! Que sonho imenso foi o nosso... e como essas vozes cheias de juventude e de energia sôam ainda aos meus ouvidos saüdosamente... como um eco lá da distância!

Distingo a minha própria voz a juntar-se às outras na proclamação dêsse ideal que nos inebriava a todos, encantados pela embriaguez do mesmo filtro transfigurador.

São vultos de irmãos, êsses que eu recordo, que eu abraço em lembrança bem intimamente tarjada de emoção.

Desejamos dar uma significação à nossa vida, ao nosso momento, procurar dentro dêle o que havia de mais belo e nobre, fugir a êsse quotidiano sempre repetido, sempre de ritmo igual e inalterável de metrónomo. Não: desejamos ser diferentes da maioria que vivia o efémero, os compassos sempre iguais e monótonos da rotina.

Acolhemo-nos á luz dos gregos e em Diónysos, o mito trágico, polarizamos a nossa própria alma arrebatada.

E, como fundo dêste imenso quadro espiritual, Coimbra, a nossa Florença, a acolher na sua paisagem calma e elegíaca de fresco primitivo a ânsia e a loucura do pequeno falanstério de Beleza que queria fugir ao apolíneo das aparências para imergir no recôndito abissal do mundo. Era a evidência dos poetas que levantava no etéreo esta perspectiva, a escalada frenética, prometeica, de ir buscar o fogo onde êle crepitava e escandescia! Era um *Einfühlung* místico que tinha nos seus desígnios ambiciosos uma concepção do mundo!!...

A revista *Diónysos* nasceu desta juventude fremente, esquiliana, envolvida e arrastada na mesma onda alterosa e cachoante de paixões! Dois anos conseguiu ela manter-se como uma tentativa apenas de expressão do nosso movimento de almas, dêsse tumultuário de aspirações que dentro de nós fervilhavam.

A sua última comemoração foi o centenário de Ricardo Wagner, o génio que melhor encarnou êsse dionisismo já possuído pela fúria trágica de Beethoven. Teve uma intensão admirável esta festa de Arte que estava dentro dos nossos projectos altíssimos.

O plano da *Diónysos* ia pouco a pouco desenvolvendo-se com a realização de conferências que despertaram um vivo interêsse. Mas dêsse grupo de Coimbra, em tão pouco tempo, fiquei eu só e as dificuldades que se acumulavam impediram a continuïdade do meu esfôrço.

A revista interrompeu a sua publicação no final da segunda série, exactamente com o número dedicado à memória do Mestre de Bayreuth. Mas não me abandonou nunca a ideia de a resurgir, e agora, pela mão amiga da **Companhia Portuguesa Editora, L.da**, ela caminhará de novo e certamente envolvida pela simpatia espiritual, direi ternura até, dos meus antigos camaradas de Coimbra, daqueles que a êsse tempo eram já consagrados e da geração nova que começa a afirmar-se.

A *Diónysos* não se afastará de seus propósitos do início. Será uma revista de cultura e de vulgarização onde todos os que valem são chamados a colaborar. Ela procurará contribuir para o esbôço da tectónica do mundo, para a revelação do *pathos* dêste século, da sua filosofia, onde atravez das incoerências mais visíveis se relevam trajectórias, pensamentos e doutrinas, essa ideologia que um dos mais altos espíritos da Espanha, José Ortega y Gasset, vê em plena mocidade e, conseqüentemente, ainda por definir em tratados clássicos que dela dêem uma sistemática perfeita.

Estamos ante uma óptica mental diferente: a visão é toda outra, nesta idade de crise de transformação de valores em que se pretende refundir os alicerces já tão engastados de uma genética social claramente definida e propícia ao descanso de muitos que querem repousar no comodismo de soluções perenes e simples.

A *Diónysos* esforçar-se-há por explicar as novas expressões nascidas das atitudes dos diferentes espíritos que norteiam o pensamento e a sensibilidade de hoje.

Conto para isso com o auxílio daqueles que me prometeram a sua colaboração: nas páginas da *Diónysos* perpassará uma ressonância do mundo, um pouco da sua visualidade julgada pelo obsoletismo dos atrazados como caótica ou anárquica. Ela não viverá adentro de um nacionalismo estreito, isolando-se dos grandes focos de cultura, esquecendo essa didáctica nova que desmorona os pilares de velhas concepções para arquitectar outros sistemas mais vastos, como o que recentemente se nos deparou nas páginas surpreendentes de Oswald Spengler, um filósofo da História que traça uma original fisiognomia das culturas.

Como expoente máximo da vida, a *Diónysos* ensaiará, baseada sôbre a análise das artes, uma estética contemporânea, defendendo com paixão aquelas obras de beleza onde a *plasticidade musical* exista e sobreleve a *plasticidade plástica*. Dizia Gœthe que as obras de Arte devem ser simultâneamente naturais e sobrenaturais, e Chamberlain, sem se afastar dêste critério, distingue nelas o naturalismo e a musicalidade, exprimindo por esta última palavra o que nas criações existe de sobrenatural.

Esta musicalidade encontro-a eu traduzida pelos termos spenglerianos de *alma fáustica* e que afinal também corresponde em parte ao significado de dionisismo dado no estudo que esta revista consagrou ao *mito trágico*.

Escreveu Walter Pater que toda a arte marca uma aspiração para o estado da música, e assim é nas obras plásticas de hoje onde se procura sinfonisar as côres e dar um ambiente que não é o dos artistas vulgares, absorvidos na exactidão e na busca da verdade apenas aparente.

A *Diónysos* tem assim como imperativo imediato o estudo estético da música de hoje, tão apaixonadamente discutida e depreciada pelo arcaísmo de alguns teóricos que não querem ver nos processos dos compositores modernistas uma realização daquilo que para velhos tempos eram excepções notáveis ou ousadias harmónicas, indicação de um potencial expresssivo que por fim se tornou uma realização comum e normal para os ouvidos de hoje: bastará recordar as séries de sétimas em Debussy e a ancestralidade do seu emprêgo em Machault no século XIV; as primeiras sugestões das escalas de doze notas nos concertos de violino de Vivaldi e nas fantasias e fugas para piano de J. S. Bach, a sucessão de quintas em Beethoven...

A panfitonia, a luta pela liberdade rítmica não dirão bem das tendências actuais?

Eis o programa da *Diónysos*: a revelação do instante que vivemos numa nevrose, numa revolta, num incêndio de ideais que a grande guerra ateou fazendo-os flamejar mais alto.

AARÃO DE LACERDA.





HYPATIA

Hypatia é o mais notavel nome de mulher que figura na historia da sciencia antiga. Viveu em Alexandria no IV século depois de Christo, quando, ao terminar a civilisação hellenica, dava os ultimos lampejos a Escolà célebre, conhecida pelo nome de *Museu*, que durante o reinado dos Ptolomeos illuminou o Mundo e foi o abrigo onde a sciencia mais tempo deu signaes de vida depois da conquista da Grecia pelas aguerridas legiões romanas.

A sua eloquencia e belleza foram celebradas pelos poetas, o seu talento e saber foram glorificados pelos sabios do seu tempo.

Ensinou no Museu Philosophia e Mathematica, e de todas as cidades da Grecia corria-se a Alexandria para ouvir as suas licções inspiradas, a sua voz divina, como então se dizia. Synesius, que foi seu discipulo e que mais tarde, tendo-se convertido ao christianismo, foi bispo de Ptolomaida, escreveu a seu respeito: eu vi, eu ouvi aquella que preside aos mysterios sagrados da Philosophia... Ella é santa, ella é cara á divindade.

Alguns dos seus discipulos, fascinados pela sua belleza, apaixonaram-se por ella, mas não ousaram manifestar-lhe os seus sentimentos, retidos pelo respeito que inspirava a sua virtude.

Seu Pae chamava-se Theon e ensinava tambem no Museu; o seu nome ficou registado na historia da sciencia antiga, por ter commentado

a *Syntaxe* de Ptolomeo, a mais importante obra astronomica que nos legou a antiguidade.

As obras de Hypatia perderam-se infelizmente no decorrer dos séculos, e porisso não podemos avaliar directamente a sua importancia. Sabe-se pelos escriptores antigos que conhecia toda a sciencia hellenica, principalmente na parte que se refere ás Mathematicas e á Philosophia, que se ocupou, como seu Pae, da Astronomia, e que commentou as obras de Apollonio de Perga, um dos principes da sciencia grega e uma das glorias da Escola de Alexandria.

No tempo em que viveu estava no seu ultimo periodo a lucta entre o christianismo e a antiga religião dos gregos e romanos. Graças á eloquencia dos seus propagandistas e á elevação da sua moral, que preceituava a paz entre os povos, a egualdade e fraternidade entre os homens, a nova religião alastrára, como uma onda, entre os humildes e opprimidos, e depois, ajudada por estes, vencera o egoismo dos poderosos e o tradicionalismo dos illustrados.

No periodo mencionado, aquella lucta tornára-se bellicosa e transformára-se em uma verdadeira revolução social, que lavrava por todo o imperio romano, destruindo a civilisação antiga e apagando os vestigios do passado.

Em Alexandria, onde o christianismo combateu simultaneamente contra o paganismo e contra o judaismo, foi a contenda extremamente violenta, exercendo nella a superstição e o fanatismo a sua acção nefasta.

Hypatia conservou-se fiel á crença dos seus antepassados. Era natural.

Fora o paganismo a religião dos gregos no tempo da sua gloria; para o seu culto tinham-se construido por toda a parte templos sumptuosos, ornados com estatuas devidas aos geniaes esculptores hellenicos e aos maiores esculptores latinos; fora cantada nas epopeias do seu grande epico e nas odes dos seus maiores lyricos; e as suas lendas haviam-na encantado no tempo da sua infancia.

Como podia ser christã a mais alta representante da Grecia classica na sociedade greco-romana da nova Athenas que os Ptolomeos haviam criado na terra dos Pharaós!

Porisso, inflamada pelo seu amor ao passado, a descendente dos antigos gregos desceu da Escola á rua, envolvida no manto dos philosophos, a defender a crença dos seus antepassados, a combater a nova religião que surgira.

Não a movia decerto a fé nas divindades pittorescas da mythologia antiga, nem qualquer influencia philosophica, porque a philosophia christã não podia ser antipathica a uma discipula de Socrates e Platão, cujas doutrinas, ricas em poesia, ensinava no Museu. Arrastava-a a visão do passado glorioso da sua raça e a fé em que no futuro esta raça, livre do dominio romano, havia de readquirir a grandeza de outros tempos, com a sua sciencia, litteratura e arte admiraveis, com as suas fortes instituições, com os seus costumes austeros.

Para os christãos o remedio á dissolução e decadencia social

d'aquelle tempo estava na nova civilisação que a sua religião fundava; para a filha de Theon este remedio estava apenas na volta aos costumes puros dos seus antepassados.

Era para o christianismo uma inimiga terrivel. Tinha a seu favor o talento que convence, a eloquencia que arrebata, a belleza que fascina, a virtude que dignifica.

Porisso, os seus adversarios a odiavam ferozmente, e accusando-a de ser o obstaculo á conciliação do poder civil, representado pelo perfeito Orestes, e do poder religioso, representado pelo bispo Cyrillo, que mais tarde a igreja canonisou, resolveram fazer emmudecer para sempre a voz que os contrariava.

Assistiu então Alexandria a uma tragedia horrivel, que faz lembrar outras que nos séculos anteriores se tinham passado nas arenas dos circos romanos. Os personagens eram semelhantes, mas os papeis foram trocados. Lá, na cidade dos Cesares, o martyr fora o christão, o algoz fora o pagão: aqui, na cidade dos Lagides, a victima foi a pagã. Os fanaticos da nova crença prenderam Hypatia, quando sahia do Museu, levaram-na ao templo de Cesar, arrancaram-lhe as vestes que cobriam o seu corpo esbelto, e ahi assassinaram-na cruamente, apedrejando-a. Depois, arrastaram o seu cadaver pelas ruas da cidade, manchando-as com gotas do seu sangue e com fragmentos da sua carne. A populaça de Alexandria, avida como a plebe de Roma de espectaculos sangrentos, applaudiu a tragedia, que terminou no Cinaron, logar destinado aos supplicios onde os restos do corpo da desventurada, mutilado e reduzido a uma massa informe, foram emfim queimados.

Assim se apagou a ultima luz que illuminou a Escola de Alexandria, o derradeiro clarão da alma gloriosa do grande povo hellenico.

O sangue dos martyres do christianismo, vertido nos circos da antiga Roma, fora seiva que o fortaleceu. Lá está a lembral-o, nas suas ruinas, ao lado do Coliseu a Basilica de Constantino Magno. Pelo contrario, o sangue de Hypatia, a pagã, espalhado em manchas sobre as ruas de Alexandria, foi seiva que caiu em campo esteril, porque nada podia já salvar a velha civilisação greco-romana.

F. Gomes Teixeira.

ASSIS

Assis, tôda em betesgas sinuosas,
Como as rugas da máscara dum santo,
Com alpendres, penumbras, num recanto,
Onde crescem lembranças e mimosas;

Assis, à luz das tardes milagrosas,
Nimbada de oiro, quando, por encanto,
Os sinos plangem e o soturno pranto
Morre no ocaso a desfazer-se em rosas;

Assis, à noite, místico painel;
Assis de São Francisco, tôda em flôres,
Dormindo amortalhada num burel;

Assis, em uma escarpa azul dos céus;
Alembra-te de nós, os pecadores,
De nós, os filhos pródigos de Deus!

Assis, 1920. *Mário Beirão.*

A atitude moral [1]

NUNCA, como hoje, o problema moral esteve pôsto em termos tão confusos, apezar duma vaidosa ostentação de clareza e de rigor scientífico. E tal confusão abrange não só o domínio da realidade prática, pelo que respeita ás condutas individuais e ao nível da moralidade colectiva, mas também, e dum modo primacial, os próprios fundamentos da lei ética, a teoria dos valores morais.

Constituiu-se uma *sciência dos costumes* que, na verdade, mal passa dum rol descritivo, em que surgem a certa altura, como valores de presumida e perene fixidez, «as médias dos sentimentos de piedade e probidade» na sociedade moderna. Nem existe uma «moral scientífica» nem, como pretende Abel Rey, o progresso da sciência teve como corolário lógico o da moral. Progrediu decerto a técnica para o exercício do bem, mas progrediu também, e muito, a técnica para o exercício do mal. Prova-o o aumento da criminalidade no

(1) Êste artigo é, em grande parte, extraído do texto duma conferência sôbre «O normal delinqüente e a crise moral», que o autor publicará brevemente na íntegra e que foi pronunciada no Pôrto em fevereiro último.

decurso do século XIX, apezar das ininterruptas tentativas de aperfeiçoamento do regimen penal. (1)

Não fôram sensíveis os progressos no esclarecimento das bases da moral, dos fundamentos sôbre os quais se crê assentar a tábua dos valores éticos. Como fora do dogma religioso não se encontra um princípio que, pelo consenso e pela compreensão unânime, sólidamente estabeleça as razões máximas e os alicerces da consciência moral, compreende-se bem como o aniquilamento duma fé em dogmas origina a desorientação dos espíritos e das condutas.

Os princípios que, sob uma inexacta etiqueta de «moral scientífica», são correntemente apresentados como normas de acção não teem maior valor imperativo nem significam afinal outra coisa do que os princípios da moral religiosa.

A sciência proclamou desoladoramente pela voz dum biologista, Le Dantec, que o egoísmo está na base de todas as sociedades. Dissecando impiedosa as velhas normas religiosas, ela declara com impassível frieza que a própria moral do altruísmo surgiu dum comodismo egoísta: o interêsse próprio lampejaria até, segundo essas críticas inclementes, na máxima cristã «não faças aos outros o que não queres que te façam a ti».

Assim, é a própria sciência que não encontra para justificação e sanção da moral alguma coisa que não sejam interêsses individuais, familiares, nacionais, humanos — sempre interêsses.

O sábio, que não tenha uma robusta firmeza moral, preguntará muitas vezes a si próprio o que é que o obriga a postergar os seus interêsses pessoais, se a natureza ensina o egoísmo e se êsses interêsses podem tantas vezes ser habilmente servidos, em contrário dos princípios da moral corrente, sem que o Código Penal intervenha, ou mesmo sem que os outros deem por isso...

Uma «moral sem sanção nem obrigação» é um puro artifício ideológico, é uma teoria sem raízes e sem eficácia. No fundo, é duma relatividade caprichosa e transparente.

Nietzsche dizia que ha uma «moral dos senhores», dos fortes, e uma «moral dos escravos», dos fracos, e, embora encarecesse a beleza dominadora, a dureza diamantina, a vontade de poderio da primeira e condenasse as afirmações altruístas e piedosas da segunda, afirmava

---

(1) Paul Boncour—Análise do relatório de Ferri sôbre um projecto preliminar de reforma do Código Penal italiano—«Revue Anthropologique», t. XXXI, Paris, 1921, p. 253

que sempre coexistiriam, irreductíveis, as duas. Recordo-me bem que uma das frases de Nietzsche que primeiro li e mais me chocaram, foi uma passagem do seu escrito de combate contra Wagner, no livro «Crepúsculo dos ídolos» que fez a surpreza dos meus dezassete anos, embalados até ahi em leituras de humanitarismo romântico. «A moral — escrevia o filósofo, pensando seguramente na moral da renúncia e da piedade — é a negação da vida».

A natureza, os instintos animais, não conhecem a moral humana, cujas directrizes são marcadas por uma mentalidade sem par no mundo animal. O que é a «moral do transformismo», de Lanessan? A contestação duma antinomia cortada por um abismo.

O que é a «moral natural»? Uma impropriedade semântica, se devemos separar natureza e alma; pelo menos, a negação duma esfera moral superior, dum âmbito moral específicamente humano.

Recentemente Spengler fala de éticas antigas, de éticas do mundo helénico — de que nêsse particular se aproximam alguns aspectos da cultura índia — e define-as por se referirem a um *indivíduo estático*, a uma realidade imóvel e punctiforme. Nisto diferem dos valores éticos ocidentais, da ética *fáustica*, não euclidiana, histórica num alto grau, a qual considera o homem um «*centro dinâmico* duma infinita universalidade». Sem eufemismos, diz desassombradamente que a moral da renúncia e da compaixão, «a moral de escravos, a que Nietzsche alude, é um fantasma». Pelo contrário, a sua moral de senhores é a realidade «existente ha muito entre nós». Com dura verdade, escreve que «o texto literal de certas fórmulas humanas não deve iludir-nos sôbre a sua real significação.»

«Entre a moral que se possui e a que se supõe possuir, ha uma relação difícil de encontrar e muito vacilante... A moral cristã nos tempos de Orígenes é qualquer coisa de completamente distinto da moral cristã de S. Francisco d'Assis». Uma moral — assegura ainda — só é verdadeira dentro do correspondente círculo histórico. (1)

Assim como Nietzsche não tem inteira razão na sua afirmativa duma irreductibilidade categórica entre a vontade de poderio e uma generosidade, que não é apanágio dos fracos, também o seu compatriota cai num exagêro ao dar como real apenas a negação do altruísmo e da piedade.

---

(1) Oswald Spengler — *La decadencia de Occidente.—Bosquejo de una morfologia de la historia universal* — Trad. espanhola — 1.ª parte, vol. II, Madrid, 1923, p. 193 e seg.

A contestação da capacidade do homem para converter em realidade as afirmações e propósitos de abnegação é um exagêro tão grande como o dos que supõem uma permanência indefinida dos sistemas morais e acreditam numa identidade plena entre os preceitos e os actos. A asserção do mesmo pensador alemão de que «ha tantas morais como as culturas» só é verdadeira em parte. Não existem porventura muitos elementos morais comuns a populações distantes no tempo, no espaço e nas modalidades de cultura?

Em todos os tempos a moral humana foi feita de postulados da consciência, mais ou menos perfeitos, mais ou menos sólidos, em cuja génese se enovelam instintos, sentimentos, tendências, ideias adquiridas e crenças profundas. Se na formação da consciência moral interveem solicitações somáticas, fisiológicas, vegetativas, e se nos caracteres mais vacilantes a acção não segue por vezes as directrizes morais, a verdade é que quanto maior resistência existe contra as solicitações inferiores e grosseiras e quanto maiores são o desenvolvimento e a firmeza do pecúlio de princípios éticos formados numa elevada esfera psíquica, tanto mais perfeita, tanto mais verdadeira e dignificadora da espécie é a moral e tanto mais nobres e puros são os caracteres.

Abro um parêntesis para resumir uma crónica de Pierre Mille sôbre o Prof. Bergonié, o ilustre radiologista, que ha poucas semanas morreu, após longos e atrozes sofrimentos, causados pelo emprêgo do *radium* e dos raios X com um humanitário objectivo terapêutico. Pierre Mille, depois de se referir à comovedora imposição da Legião d'Honra pelo marechal Pétain ao glorioso mártir da sciência médica, alguns dias antes da sua morte, narrava que conhecera o Prof. Bergonié havia uns doze anos, numa batida de caça, em que ambos tinham tomado parte. Entretidos numa animada conversa tinham, a meio da caçada, encostado descuidadamente as suas armas a umas árvores, num bosque em que os haviam deixado esperando a caça. De chofre, ouvem um ruído de folhagem pisada, de ramos partidos, de passos precipitados. Era um bando de cabritos montezes que iam fugindo. Os dois agarram nas espingardas, o Prof. Bergonié dispara ao acaso e um dos animais cái no solo. Um guarda arrasta-o para junto dos caçadores.

Era uma fêmea. Estava ainda viva, palpitante. Lágrimas enormes se desprendiam dos seus olhos grandes e ternos de moribunda, que pareciam preguntar:

—Porquê? Mas porque me matam? O que fiz?

Comovidissimo, Bergonié respondia a essa pregunta muda:

—Porquê?... Se eu soubesse!... Não foi de propósito!

E desde essa ocasião nunca mais caçou. E' que, segundo o cronista, reconheceu que não ha o direito de martirizar senão uma existência: a própria. E foi o que êle fez. Sacrificou a sua vida aos enfermos e á sciência.

Eu pregunto se perante uma tão empolgante e enternecedora descrição é legítimo duvidar de que existe uma moral elevada e de que essa moral é feita de elementos profundos da afectividade e da razão, que são qualquer coisa de superiormente humano, de dignificador e de belo.

Mas esta grandeza moral, se se pode acentuar com a sciência, não é uma conseqüência scientífica necessária. Ha acções sublimes, que valem mais do que toda a crítica de Kant e toda a mecânica de Newton, e cujos protagonistas são pobres ignorantes. A velha doutrina de que o bem e a sabedoria se identificam, é falsa. A sciência é amoral. As afirmações *morais* dos scientistas não constituem na essência nem um impulso de meros instintos animais, nem, pelo contrário, um produto duma elaboração racional *ab initio*. Todos os seus sistemas de moral se inserem, em certa altura, num ponto de partida dogmático, numa ideia *a priori*, num substracto irredutível, num princípio indemonstrável como os que estão na base das geometrias.

Ninguêm julga do bem ou do mal por um raciocínio kantiano de universalidade, pela ideia da perfeição de Spinoza, ou por outra qualquer mais ou menos complexa. Ha uma *voz interior*, inexplicável, profunda, misteriosa, de que fala Antero de Quental num dos seus admiráveis sonetos:

«. . . . . .
«Rodeia-me o Universo monstruoso...
«. . . . . .
«Só no meu coração que sondo e meço,
«Não sei que voz que eu mesmo desconheço,
«Em segredo protesta e afirma o Bem. (1)

O nosso século, tentando ascender às origens, verifica mais do que nunca, a insuficiência da mente humana e dos seus poderosos meios auxiliares perante o grande enigma do Universo. (2)

---

(1) Antero de Quental—*Sonetos completos*—Porto, 1890, p. 113.
(2) Vid. meu artigo *Ideologia do século XX*, na «Aguia», Pôrto, 1925.

Porisso mesmo, padece dum terrível mal de incerteza e de angústia. A suposição de que a sciência aniquilara definitivamente não só o animismo primitivo e as ideias mágicas mas até as religiões modernas, conduziu ao equívoco de que era possível qualquer moral sólidamente radicada na consciência dos homens que não tivesse, aparentes ou revestidas duma armadura scientífica, ligações mais ou menos remotas com aquelas formas da mentalidade humana. Os dogmas religiosos talvez se tenham arreigado nesta numa evolução progressiva de velhos *tabús e tótemes*, nascidos de necessidades elementares e de indefinidos sentimentos de terror cósmico e de ansiedade mística. (1)

Mas, se a crítica scientífica pode fazer recuar até uma tão distante fase a genealogia do moderno sentimento religioso, a verdade é que ela não pode, a seu turno, negar que, em materia moral, só o *capricho* ou um artificioso consenso momentâneo pretenderão substituir a *obrigação* indeclinável da moral teológica, as regras formuladas pelos estatutos religiosos e seguidas numa inefável paz d'alma pelos crentes e mesmo por aqueles que, combatendo aliás a origem divina dos textos sagrados e contestando a revelação, excluiram entretanto da sua crítica negativista os princípios éticos contidos nos corpos de doutrinas religiosas.

Uma atitude moral de qualquer homem de bem, despido aparentemente de preocupações confessionais ou teológicas, é afinal uma atitude religiosa, porque representa uma adaptação a essa «ordem invisivel» de que fala William James, isto é, significa uma subordinação a princípios que estão acima das sugestões do mundo material, ou seja, *para além* das realidades imediatas e palpáveis da existência humana. A sciência pode e deve servir essa atitude, os seus progressos podem evitar monstruosidades, (2) mas não é ela quem essencialmente determina o bem ou sequer prescreve suas normas.

A. A. Mendes Correia.

---

(1) Na minha conferência aludí á moderna concepção de Spengler sôbre o *tabu* e o *tótem*. Mencionarei tambêm em nota a opinião do Prof. Teixeira Rego sôbre o totemismo. A meu vêr, Spengler fornece admiráveis sugestões eruditas, tomadas destacadamente, mas não pode ser adoptado em bloco.

(2) Chamo a atenção do leitor para um trecho da minha conferência em que, aludindo às horriveis penalidades infligidas aos *possessos* e *endemoninhados* doutros tempos, acentuei, de acôrdo com L. Figuier, que os magistrados da época eram menos indulgentes nêsses casos do que o clero, e recordei a opinião cruel de Bodin, um representante da sciência do seu tempo, precursor da moderna antropogeografia, que preconisava a tortura e penas severíssimas para os delitos, mais ou menos imaginários, de feitiçaria e de comércio com os demónios.

Essa conferência será publicada no Boletim do Instituto de Criminologia, de Lisboa.



FLÔRES DE VIDRO

(Prefácio do livro, no prelo, com êste título)

Este livro è já antigo. Desde 1911 que parte do seu texto é conhecido; tem sido publicado em revistas e outras obras, quer portuguesas, quer do Brasil.

O seu título é que é novo. Nasceu em Veneza: é uma sugestão das fábricas de *Inverosímil* que parecem trabalhar, criar, sob o domínio do Adriático.

Este mar é como um iriado gigante de vidro, em cujo dorso estremece a *Cidade Estranha*.

Veneza compõe mundos de Côr e mundos de Delicadeza.

E', a um tempo, um museu do *Subtil* e do génio mais alto e mais fundo que o homem conseguiu ainda realizar.

Onde o operário que ruge ameaças; alimenta a intriga pública; vive do espírito de classe; faz greves?

Não o vemos, não curamos dêle.

O que há aí, pensamos, são mitos; é a Natureza, em *estado de sonho*, produzindo...

As fábricas de Veneza são as oficinas dêste sonho.

Há nelas côres que consideramos intimamente, na alma; vidros altos, já só concepção, desenho, que um olhar menos cauteloso

pode quebrar. Acaso alguns são já feitos para partir: que o homem ama trabalhar suas contradições, seus paradoxos, até em vidro!

Este o caso do presente livro!

Em cada pensamento — um festão de rosas frias, em cujas corolas mal diria o espiritual aroma dos vinhos mais melindrosos.

Todavia há aí *flôres humanas*, de génio extravagante, que, involuntariamente, caprichosamente, tomaram o corpo do vidro e nêste se levantam como animadas *sanguíneas* das páginas de um album, estranhas em suas atitudes, suas maneiras, suas vozes próprias de cristais prodigiosos — alteando em sua expressão, toda a serena e grave fortuna da alma, que (por seu bem, por seu mal?) um momento se desembaraçou, abstraiu da vida tremenda da matéria!

Donde, pelo menos, uma afinidade evidente dêste livro com os maravilhosos vidros de Veneza: a que lhe vem do seu génio frágil

E eis porque, à maneira daqueles, nos parece sujeito à contingência de um olhar menos cauteloso; verdadeiramente—um relicário de scismas arrefecidas, porventura, pronto, criado já para quebrar...

Visconde de Vila-Moura.



LÔAS DO NATAL

Já nasceu o Deus menino,
Já tem maternais afagos:
—No seu berço pequenino,
Vão adorá-lo os Reis Magos.

Só porque Jesus nasceu,
Pararam a chuva e o vento
E as estrelas, pelo céu,
Tremem de contentamento.

Deixou de haver o luar
Em que o mundo estava imerso,
Porque a lua foi poisar,
Nas palhinhas do seu berço.

O Sol foi ver o Senhor
(De ao pé de Êle não saía!...)
Por isso a noite é maior,
Só mais tarde vem o dia...

As palmeiras do deserto
E árvores de outros países...
Não o foram ver, decerto,
Só porque tinham raízes...

No céu vai tal alegria
Que mais parece uma guerra!
— Sem temer a noite fria,
Os Anjos descem à terra.

Os rebanhos, pelo monte,
Já não os guarda ninguém!
—Apareceu no horizonte
A Estrelinha de Belém.

Os lírios alvos de neve,
Onde a inocência reluz,
Pedem ao vento que leve
O seu aroma a Jesus.

Terra humilde das estradas,
Para o visitar também,
Prende-se mais às passadas
Que seguem para Belém...

. . . . . .

Louvada a hora que trouxe,
O' Jesus! o teu Natal!
—Foi tão humano, tão doce,
Que nem parece real...

Natal de 1924. *Angelo César.*



O portal românico de Anciães

A IGREJA de S. Salvador, antiga paróquia de Anciães, fica mesmo à ilharga da porta do reduto interno do castelo, encontrando-se à direita da entrada.

Num estado de ruína que confrange, obra mais das sevícias estultas dos habitantes, que propriamente da acção demolidora do tempo, o seu corpo mutilado e abatido capta num momento a simpatia do visitante culto, que não poderá refrear uma exclamação cruel ante o quadro desolador que à sua vista se apresenta.

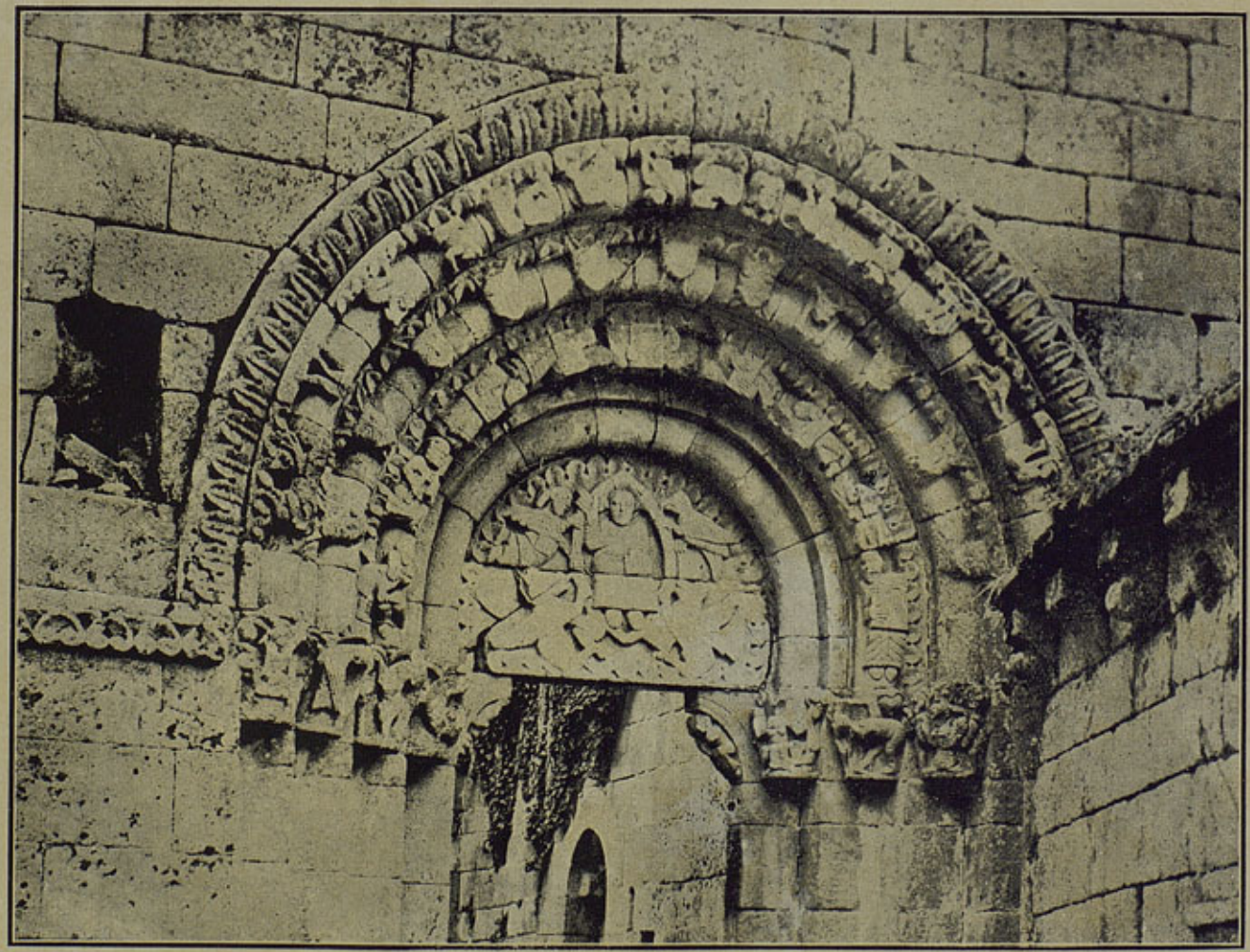
O pequenino templo é um edifício morto, dum grande povoado morto também. Mas se as restantes construções derruídas nos deixam quáse indiferentes e conformados com o seu destino, esta clama piedade e justiça, pois ainda nos fala sonoramente com essa voz perene com que a dotaram os seus edificadores.

S. Salvador de Anciães não é um monumento mudo.

Não ha em verdade monumentos mudos; só o vigor da expressão pode variar. Aqui, atinge a eloqüência.

Escutemo-lo, para que saibamos acudir-lhe.

Anciães tem passado quáse despercebido dos estudiosos, sendo alguns daqueles que mais o deveriam exalçar, os próprios



Tip. da Companhia Portuguesa Editora, L.da

S. SALVADOR DE ANCIÃES — Detalhe do portal

(Fotogr. do autor)

a olhá-lo sem entusiasmo. Está neste caso Vilhena Barbosa, que escreveu: (1)

«A porta principal é ornada, em volta do arco, formado de colunas delgadas, com muitas figuras, silvas e arabescos. O resto do frontespício é despido de ornamentos e a mesma singeleza se observa no interior da igreja. Todavia, se nada aqui se encontra digno de menção pelo que respeita às artes, alguma coisa se acha que atrairá a atenção do arqueólogo e lhe excite em alto grau a curiosidade.» Barbosa aludia a inscrições lapidares. (2)

Já anteriormente, tocando o mesmo assunto, depois de mencionar a fábrica como antiquíssima, se limitava, quanto ao seu maior atrativo, a dizer: (3)

«A porta principal, de arco de volta redonda, e toda ornada de figuras, é muito curiosa.»

Era tudo quanto à sua sensibilidade estética se oferecia.

Nada também adeantou Pinho Leal pois se cingiu a idênticas palavras. (4)

O Dr. Manoel Monteiro, no seu notabilíssimo estudo sobre a *Arquitectura Românica em Portugal*, (5) cita em vários logares este edifício, que designa pelo nome de Lavandeira, actual freguesia onde se acha, apontando alguns dos seus elementos mais notáveis.

Quando pela primeira vez se lhe deparou, o meu ilustre amigo P.e Francisco Manoel Alves, escrevia contristado: «Vi também um portal caracteristico do estilo românico do século XI, num templo profanado da despovoada vila de Anciães, e como êle é ainda belo, apesar das ruínas com que o tempo destruidor, e o homem vandalo e mais destruidor ainda, destruidor por excelência, o minam em repetidos crimes de lesa-arte!» (6)

---

(1) *A Vila de Anciães*, no «O Commercio do Porto» de 28 de Fevereiro de 1872.

(2) Segundo o seu modo de vêr parece só isto ser merecedor de estudo. As inscrições são várias, algumas delas quáse ilegiveis por estarem muito apagadas. O meu erudito companheiro P.e Francisco Alves, verificou não as haver em caracteres desconhecidos como se afirmou já. Na hombreira da porta principal, entre um pautado, em duas linhas lê-se a palavra SALVATORIS, num mixto de caracteres latinos e goticos, que recorda o orago do templo.

(3) *As cidades e villas da monarchia portugueza que teem brasão d'armas*, por I. de Vilhena Barbosa, Lisboa, 1860, vol. I p. 35.

(4) *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, s. d. vol. I. p. 207. A mesma referencia foi servilmente adoptada pelo dicionario *Portugal*, Lisboa, 1904.

(5) *S. Pedro de Rates*, Porto, 1908.

(6) *Algumas antiguidades de Bragança*, no «O Arqueologo Português» vol. XIII, pág. 65.

O portal ornado de imagens com o seu tímpano esculpido, é sem dúvida a parte mais sugestiva do monumento.

Basta não abundarem entre nós, no estilo arquitectónico em que se acha vasado, exemplares congéneres. Os tímpanos são na sua maior parte lisos. A resenha dos tímpanos historiados do românico português, é pois bem escassa. Reduzidos em grande número, ao sinal cruciforme do cristianismo, mais ou menos estilisado e opulento, como em Unhão, Arnoso, Braga, Barrô, ou ao simbólico «Cordeiro de Deus» tal se vê em Travanca, Bravães, Cedofeita, Fonte Arcada, só em Rio Mau, Bravães e em Rates alcançam mais completo desenvolvimento pela inclusão da figura humana, que lhes dá um caracter notavelmente particular. (1)

São êstes últimos tímpanos os que mais se aproximam de Anciães; todavia nenhum se lhe assemelha na configuração. Pelo seu motivo ornamental, creio-o, no genero único entre nós.

O tema, bem conhecido, é um dos mais característicos da iconologia mediévica. Obedece ao tipo do «Deus de Magestade» vulgar em França, na Espanha, na Bélgica e em outros países. (2)

Aí se vê Cristo numa glória elíptica, cantonado pelos quatro animais do Apocalipse.

«Os quatro animais que são os símbolos dos evangelistas, elucida o notavel arqueólogo francês Emile Mâle, foram classificados por ordem de dignidade. Colocavam-os assim, segundo a excelência da sua natureza: o homem, a águia, o leão, o boi. Quando se tratava de os dispôr em volta de Cristo num tímpano, devia-se ter em conta a dignidade que confere o logar de cima e a que dá o logar da direita. Che-

---

(1) Verificar as magnificas fotogravuras do sr. Marques Abreu na *Arte Românica em Portugal*, Porto, 1918.

(2) O Salvador com o tetramorfo vê-se: em França, no tímpano do portal de S. Trophime de Arles, numa ampla elipse ornada do frontão de N. S. a Grande de Poitiers, na portada de Charlieu, na egreja abacial de Moissac incluida na scena do Julgamento Final, no portal maior de Saint-Gilles, em Civray, no deambulatorio de S. Servin de Tolosa e no pórtico real da Catedral de Chartres; em Espanha, no friso superior da fachada de Santa Maria de Sangüesa, na parte alta da frontaria de Moarves, no centro do apostolado de Santiago de Carrión, nas portadas de S. Miguel da Estela, de Sasamon, do hospital de Monterrey de Verin e do Sacramental de Burgos, bem como no pórtico da Glória de Santiago de Compostela; na Belgica mostra-se no tímpano da egreja de S. Servais de Maestricht. Também o portal de Barfreston (Kent), na Inglaterra, o ostenta.

Em alguns museus e tesouros da Europa, encontram-se variados objectos (marfins, esmaltes ou metaes) que apresentam êste simbolismo. Uma cruz processional de ágata, nossa, da Sé de Coimbra tem na intercepção das hastes uma placa de prata com o motivo referido. E' do século XIV.

gava-se pois à combinação seguinte que era adoptada: o homem alado era colocado no alto da composição e à direita de Cristo, a águia, no cimo à esquerda, o leão em baixo à direita, o boi em baixo à esquerda.» (1) E' a disposição que se vê, embora nem sempre fosse seguida.

O sentido destas figuras são os doutores da Idade-Média que no-lo dão. Emile Mâle explana-o assim:

«Os quatro animais, dizem êles, simbolisam primeiro que tudo os quatro evangelistas. S. Mateus tem por atributo o homem, porque êle começou o seu evangelho pela lista genealógica dos antepassados de Jesus Cristo, segundo a carne. O leão designa S. Marcos que, desde as primeiras linhas, nos fala da voz que brama no deserto. O boi, animal do sacrifício, simbolisa S. Lucas que começa pelo sacrifício oferecido por Zacarias. A águia, enfim, é a figura de S. João, porque do princípio nos transporta ao seio da divindade, semelhante à aguia que encara o sol.

«Os mesmos animais simbolisam Jesus Cristo. Pode-se, com efeito, reconhecer neles quatro momentos da vida do Salvador. O homem recorda a Encarnação. O boi, vítima da antiga lei, faz pensar na Paixão. O leão é o símbolo da Ressurreição, porque na Idade-Média, passava como dormindo de olhos abertos: podia pois figurar a morte aparente de Jesus Cristo no túmulo. A águia figura a Ascenção. E os quatro animais, acrescentam os doutores, exprimem ainda as virtudes que são necessárias para ser salvo: razão, abnegação, coragem, aspiração às coisas supremas.» (2)

Esculturalmente, o tímpano, lembra os marfins bisantinos, pois as figuras são sem relevo, mal se destacando da sombra dos fundos, o que mais uma vez prova, neste estilo, o hábito de transportar para a pedra fórmas apreendidas em variadas origens.

Emile Mâle encontra nalguns baixos relevos franceses. em especial nos mais antigos (Moissac, sec. XII) semelhanças evidentes com as miniaturas de certos manuscritos meridionais, derivados dum comentário sobre o Apocalipse, composto nas Astúrias por Beatus, abade de Liébana, cêrca de 784. As relações estreitas entre a Espanha do Norte e a França do Sudoeste explicam a difusão desses manuscritos no sul francês, onde os escultores se inspiraram. Nos que se conhecem (Saint-

---

(1) *L'Art Religieux du XIII siècle en France*, Paris, 1910. pag. 20.
(2) *La Cathedrâle, livre du Peuple*, in «Lectures pour tous», 1906, pag. 590.

Sever, Auxerre) lá se topa o Cristo em magestade e os quatro animaes simbólicos, além dos vinte e quatro velhos, que Moissac com fidelidade reproduz. (1)

O portal, reintrante, é formado por quatro arquivoltas de cintro pleno, correspondendo a capiteis historiados, sobre os quais assentam sem intermédio de ábaco.

O arco que abraça imediatamente o tímpano é um simples toro, robusto e boleado; o seguinte apresenta figuras de corpo inteiro, em numero de nove, desproporcionadas algumas entre si e tocando-se pelos vértices, onde se vislumbra S. Pedro, S. Paulo e outros apóstolos, que sobraçam os livros sagrados, um dêles com um símio que é talvez Judas; a figura do claviculário tem acentuada expressão. Nos arcos restantes a ornamentação mostra-se mais discreta as: conhecidas cabeças rasas do românico secundário, intervaladas, no envolvido, e figuras de animais, macacos, aves e quadrúpedes no outro, mais adensadas na culminância, onde sobresae uma bela cabeça de homem coroada par uma opulenta cabeleira; esta figura, dentre a ingenuïdade plástica circundante, parece inspirada numa visão directa, um verdadeiro retrato, presumivelmente a efígie do alvenel.

Estabelecendo a transição com a nudez da silharia, uma orla de folhagem, unida, remata o belo conjunto decorativo. Êste ornato, de inspiração clássica, é aqui um motivo obrigado pois se repete nos arcos e guarnece o hemicírculo do tímpano; as folhas, ligeiramente crenadas nos bordos livres, diferem das variantes conhecidas.

A ausência de ábacos nem por isso compromete a esvelteza do pórtico. Êsse elemento arquitectónico era suprimido por vezes, como se observa nos portais de Gândara (Penafiel) e de Cedofeita (Pôrto); naquele deve notar-se a primeira arquivolta, boleada, similar à de Anciães e também de pleno cintro. (2)

Uma reminescência do ábaco corrido é representada pela imposta, donde rompe o grande arco envolvente, a qual se prolonga como um friso. Orna-a um lavor arqueado vulgaríssimo nos ábacos de alguns portais, como em Paços de Ferreira, Unhão, Pombeiro, Arnoso, Vilar de Frades, Travanca e Braga. (3)

Das colunas desapareceram os fustes e algumas das bases,

---

(1) *L'art religieux du XII siécle em France.* Paris, 1924, pgs. 4, 7 e 8.
(2) Conf., *Arte Românica.*
(3) Conf., *Arte Românica.*

elementos mais de ornamentação que de suporte, achando-se os capiteis, de decoração relevada, com lamentáveis mutilações. Nêles predomina uma iconística variada, homens e animalejos em atitudes extravagantes, de duvidosa interpretação. Para abreviar não os descreverei por agora.

Os modilhões em que assenta o tímpano são também decorados: do lado da epístola vê-se o Salvador ostentando na mão direita um globo, acompanhado dum mocho, e da parte do evangelho uma figura que sustenta em seus braços os corpos hirtos de duas outras, tendo ao lado um quadrúpede.

Pelas suas características estructurais é-se levado a considerar a fábrica como obra dos séculos XII a XIV. Êste período que abrange entre nós o românico de transição, só o acentuou no seu fim, nada mostrando o nosso exemplar de comum com êle, pois antes se semelha aos seus inícios, com elementos mesmo mais antigos, como seja o arco de meio ponto.

Todavia é bem posterior.

Esclarece-o um documento do tempo de D. Afonso V que se refere à reconstrução da igreja de S. Salvador de Anciães:

«...em a dita vjla estaa hũua Jgreja a que chamam Sancto Salvador a qual ha bem xbj anos que jaz em terra... Teemos por bem e fazemos-lhe merçee de todollos rezidos da dita vjla dAmciams E seu termo de XX anos pasados atee a feitura desta carta por a qual damos poder aos Juizes da dita ujla que os façam tjrar e recadar e auer e despender em a dita obra da dita Jgreja...» (1)

Mostra o documento a data de 6 de Fevereiro de 1442, o que coloca a construção no meado do século XV, já quando uma obra gótica homogenea, a Batalha (1386) aflorava.

Vê-se portanto que se adoptou na reconstrução um tipo antigo, ou foi mantida, o que é mais provavel, a arquitectura anterior.

Não admira que isso tivesse sucedido, pois que em França, após o aparecimento do gótico, o românico persistiu por largo tempo, sendo mesmo as mais belas igrejas românicas posteriores às primeiras construções góticas.

Identicamente aconteceu mais tarde. «Na região do Norte, escreve

---

(1) *Memorias Archeologico-historicas do Districto de Bragança*, por Francisco Manuel Alves, tom. IV. Coimbra, 1911-1918, pág. 216.

Paul Léon, o estilo ogival perdurou ainda dusentos anos depois da Renascença. » (1)

Comprova-se aqui o acêrto do arqueólogo espanhol Fatigati, que àcêrca dos portais românicos do seu país observou:

«Pelos elementos gráficos é dificil classificá-los, porque abundam nêles tanto os sinaes dum grau adeantado para a arte do seu tempo, como os mais variados arcaísmos.» (2)

Sem o documento supramencionado ninguém colocaria a portada de S. Salvador em pleno século XV!

O portal de Anciães contrasta na sua opulenta decoração com as duas restantes igrejas românicas do concelho, o abandonado templo de S. José, fóra de muros, bastante amplo e singular pela sua única entrada de flanco, e a paroquial de Selores, tão sóbria, que parece não ter havido outro ornamento mais que a rosácea parcamente emoldurada, para lhe engalanar a fronte altiva.

PEDRO VITORINO.

---

(1) *Les Monuments historiques.* Paris, 1916, pag. 13.

(2) Enrique Serrano Fatigati. *Portadas artisticas de Monumentos Españoles,* Madrid, s. d. pág. 12.

Nota. — O presente trecho, resumido, pertence a uma monografia em preparação, acêrca da egreja de S. Salvador de Anciães, que tive o ensejo de visitar em 1924, na agradável companhia dos meus esclarecidos amigos Dr. Raúl Teixeira, integerrimo magistrado, e P.e Francisco Manuel Alves, reitor de Baçal, arqueólogo ilustre, aos quaes presto aqui a pública homenagem do meu reconhecimento pelas inesqueciveis deferências que me dispensaram.



Imp. Fototipica da Companhia Portugueza Editora, L.da—Porto.

O GRANDE DESVAYRO

(Quadro de Acácio Lino pertencente
ao Museu Municipal do Pôrto)

Afirmára-se o nome de Acácio Lino no início da sua vida artística com o admirável quadro *A Ilha dos Amores* inspirado nas estâncias de Camões que descrevem a aventurosa mansão onde se perderam cavaleiros enamorados.

Pois o Pintor que ideara esta scena de um paganismo tão da renascença, quiz também, absorvendo-se nas páginas de Fernão Lopes, compor outra tela dedicada a uma shakesperiana tragédia de paixão, aquela que se chamou o *Grande Desvayro*.

Acácio Lino pensou e sentiu muito êste quadro. Procurou com a maior probidade as melhores fontes e teve de Vieira Natividade, o escritor comovido da tumulária de Alcobaça, as mais autorizadas indicações arqueológicas. Acácio Lino lembra-me João Paulo Laurens e certamente nas evocações dêste seu Mestre começou a compreender a realização e o sentimento da pintura histórica. Estudou e *esquissou* muito até que a composição lhe resultou cheia de unidade e de intensidade dramática.

O Pintor visionou bem essa passagem amargurada e grandiosa da deposição do ataúde de Inês no moimento lavrado como um relicário ebúrneo. Scena sombria e imensa trespassada pelo canto do *requiem* doloroso e soturno, avultando nela a figura do rei obsesso fitando nervosamente o ataúde no instante pungente de ser encerrado na maravilhosa arca de alva pedra: a sua máscara envolve-se daquele fogo que não morre logo, que se mantem e violentamente reacende nas horas de maior saúdade; e as suas mãos crispam-se de desespêro e de vingança. Os restantes personagens são sombras que se movem entre volutas de fumo do turífero e da chama trémula dos brandões e dos círios fúnebres.

Aarão de Lacerda.



A ATLÂNTIDA

Sôb o ponto de vista geológico, a narrativa platónica é altamente provável.

PIERRE TERMIER.

PERDE-SE nas grandes sombras do passado a tradição egipcia, conservada por Platão, da existência de um grande império continental, que ligava a Europa á América, e onde uma raça em adiantado estado de civilização, os Atlantas, constituia um povo poderoso, contra o qual se fizeram as primeiras guerras da Grécia.

Êsse continente era a célebre Atlântida.

A História refere que foi um dos velhos sábios de Saïs, cidade que no tempo de Sólon já contava oitocentos anos, o que, aliás, parece que foi facilmente reconhecido pelas gravuras encontradas nos muros sagrados dos seus templos, quem relatou ao referido Sólon que uma cidade ateniense, com mais de mil anos de existência do que Saïs, fôra invadida e destruída pelos Atlantas.

A ter realmente existido a Atlântida, ela deveria ainda viver, acima da superficie das aguas do mar, 3 a 4 mil anos antes da era Cristã.

No cálculo para se achar êstes números entra em função não sòmente a data do nascimento de Sólon, que foi no ano 640 antes de Cristo, mas também alguns algarismos referentes a Saïs e á cidade ateniense invadida pelos Atlantas.

Mas isto será assim?

Talvez, todavia, devemos considerar que há quem dê a Saïs uma existência muito mais longa, cujo fundamento desconhecemos, fazendo recuar por êsse motivo a Atlântida a 9 mil anos antes de Sólon.

A nossa formosa ilha da Madeira, de quem o ilustre engenheiro, já falecido, Adolfo Loureiro, disse ser «uma das regiões da terra da mais extraordinaria acidentação e orografia, da mais rara e fascinante beleza, das mais beneficas e salutares condições climatéricas, e da maior celebridade e fama; ilha que reúne a mais agradável doçura das campinas da Italia, a mais agreste e rustica magestade dos despenhadeiros e serras dos Alpes e dos Pireneus, e a mais luxuriante e opulenta vegetação das regiões equatoriaes», quem sabe se por ventura não constituiu já um dos mais altos vertices da Atlântida, e se a lenda ou a historia dêsse continente, tão longamente debatida, não vem evocar a habitabilidade da Madeira muitos milhares de anos antes da sua descoberta?

Quem sabe?

O que parece certo é que se a Atlântida existiu, tôdas essas ilhas do oceano Atlântico, como os arquipélagos dos Açôres, da Madeira, das Canárias e até o de Cabo Verde, podem ser afloramentos dos altos montes dêsse continente. (1)

Origenes, Porfirio, Jamblico e até o proprio Guilherme Humboldt enfilei-

---

(1) Militam razões pró e contra a proposito das ilhas Atlânticas poderem ser ou não afloramentos da Atlântida.

Há quem opine que todas elas são na verdade restos da Atlântida; há quem afaste o arquipélago de Cabo Verde desta hipótese; outros ainda apenas aceitam a suposição com referencia á Madeira e Canárias.

Gentil, que estudou a pre-história e a etnogenia das Canárias, considera, baseado nêsse estudo, apenas as Canárias como tendo feito parte da Atlântida.

O ilustre professor da Universidade de Lisbôa, o Sr. Francisco Luiz Pereira de Sousa, diz que, embora os arquipélagos das Canárias e da Madeira estejam já na orla com que se limita o afundimento em oval lusitano-espano-marroquino, bem visível numa carta hipsométrica, podem bem considerar-se os seus vulcões como conseqüencia dêste afundimento, e os outros terrenos como restos da região que se afundou.

O Sr. Ronald de Carvalho, numa interessante e muito recente *História da Literatura Brasileira*, tratando da Atlântida, cita Beuchat que nega peremptóriamente a existência da Atlântida fundando-se nas sondagens feitas nos arredores dos Açôres, das Canárias e da Madeira, e nomeadamente na natureza vulcânica destas ilhas.

Parece-nos que tais fundamentos são insuficientes para uma negação assim tão definitiva, sendo a natureza vulcânica dêsses arquipélagos, pelo contrário, um argumento a favor da probabilidade da existência real da Atlântida.

Mas, o mesmo autor cita também Schuré que, baseando-se em dados da filologia e da mitologia comparadas, assim como nos trabalhos de Rudolf Steiner e outros teosofistas do Ocidente, afirma que a existência do famoso continente é um facto histórico positivo.

ram ao lado daqueles que aceitam a Atlântida apenas como uma lenda; em quanto que Possidónio, Plínio, Tertuliano, Engel, Tournefort e Bufon sustentam a afirmação da sua existência real.

Modernamente temos Arbois de Jubainville, Berlioux e D. Joaquim Costa que defendem a existência da Atlântida.

Entre os diferentes argumentos que não cabem dentro da ligeireza dêste trabalho, citaremos apenas aquele que se refere á afirmação de uma identidade de origem entre Íberos e Americanos, identidade comprovada por notaveis analogias entre os nomes de deuses de um e outro povo.

Esta hipotese, a ter valor scientífico, faria dos Íberos uma raça terciária (2)

---

(2) Parece que ainda não apareceram provas bastante claras da existência do homem terciário. Há apenas probabilidades dessa existência, que, todavia, aumentam de dia para dia.

«Mas por outro lado, diz o ilustre professor da Universidade do Porto, o Sr. Dr. Mendes Corrêa, nas suas sábias lições de Antropologia, nada se opõe a que mantenhamos uma tal suposição. E' crível mesmo que um período da pedra simplesmente utilizada antecedesse o periodo da pedra talhada, e que êsse periodo eolitico fosse contemporâneo do terciário superior. Para se assentar, porém, definitivamente na existência do homem terciário, reclamam-se documentos mais categóricos e valiosos do que os eolitos.»

Em Piltdown encontrou-se numa saibreira uns ossos humanos que pertenceram provavelmente a dois tipos diferentes, sendo um o percussor do homem de Neanderthal e o outro do de Grimaldi, parecendo que esta descoberta afastou a antiguidade do homem para os confins da época terciária.

Os síleces encontrados pelo abade Bourgeois, em Thenay, e que foram por êle considerados como talhados pela mão do homem, embora grosseiramente, fizeram com que o referido abade proclamasse a existência do homem terciário.

Não obstante isto, Mr. Edmond Perrier, diz que quere êsses síleces sejam ou não talhados pela mão do homem, a existência do homem terciário fica constituindo apenas uma grande probabilidade.

O nosso eminente geólogo, Carlos Ribeiro, encontrou, nas camadas terciárias lacustres do vale do Tejo, numa larga depressão que se estende no concelho de Alemquer, varios síleces lascados onde se reconheceu o trabalho do homem.

Esta descoberta arreigou no espirito de Carlos Ribeiro a segurança da existência do homem terciário, porque êsses síleces apresentavam até instrumentos de uso comum.

Mas perante o congresso internacional antropológico de arqueologia pre-histórica que se reuniu em Lisbôa no ano de 1880, a memória apresentada por Carlos Ribeiro, sôbre a sua descoberta, suscitou dúvidas e reparos por parte de alguns sábios, embora outros lhe fossem favoraveis. Quere dizer, a questão ficou ainda sem solução difinitiva, não obstante a autoridade de Carlos Ribeiro, de Mortillet, de Capellini, de Beluccini e outros que foram favoraveis à existencia do homem no período mioceno.

Posteriormente, em nossos dias, Mr. Reid Moir descobriu em Ipswich (Inglaterra) no Red Crag, síleces trabalhados pela mão do homem.

Uma comissão internacional, composta dos sábios Lobert, Fourmarier, Fraipont, Hamal e Capitan, fôra propositadamente estudar *in loco* o valor desta descoberta. Do seu estudo resultou o seguinte parecer:

1.º — O Red Crag examinado não tem o menor vestigio de ter sido mexido ou revolvido;

2.º — há espécimes ali encontrados que são duvidosos;

3.º — mas outros há que são *indubitavelmente* de origem artificial e trabalhados pela mão do homem.

Este parecer de eminentes arqueólogos, da maior probidade scientifica, dá ao problema do homem terciário uma grande expressão de viabilidade.

e dos Vasconços, seus actuaes representantes, os mais antigos habitantes da Europa (Peschell).

Oliveira Martins, no seu interessante livro—*Historia da Civilização Iberica* admite esta hipótese embora não lhe dé consistência maior do que o valor restricto que nela realmente se contém.

O sr. Dr. Pereira de Lima, num trabalho publicado há mais de uma duzia de anos, mostra-se extrênuo defensor da Atlântida.

Cita diferentes autores que se teem consagrado a êste assunto, e entre êles Bourbourg, que recolheu na América Central uma tradição indígena que diz respeito à Atlântida e à catastrofe que a destruiu.

Cita também o sábio e erudito Nadaillac, que demonstrou ainda recentemente o elevado grau da primeira civilização paléamericana (Atlantas), e o escritor inglês Newberry que provou exuberantemente que os paléamericanos não só conheciam todos os metaes, mas até se serviam do petróleo para a iluminação das suas casas e palácios.

Mas, quem visitar hoje as ruinas de Tiahuanaco, que demoram na cordilheira dos Andes, a 3 mil metros acima do nivel do mar e a 70 kilometros da cidade de La Paz, defronta-se com uma serie de monumentos gigantescos que afirmam a existência remotissima de uma grande civilização morta e desconhecida da Historia.

Parece que, tendo os técnicos competentes estudado essas ruinas, chegaram à conclusão de que duas foram as civilizações que passaram por Tiahuanaco, sendo a mais antiga afastada de nós 10 a 12 mil anos.

O snr. Dr. Faria de Vasconcelos, autor do interessante livro «Por terras de Além mar», cita o ilustre boliviano Belizário Dias Romero, um dos modernos arqueólogos que procuraram *fazer falar a esfinge de Tiahuanaco*, que afirma peremptòriamente, apoiado na antropologia e na lingüistica, que os Atlantas sul-americanos, primeiros construtores de Tiahuanaco foram legitimos Íberos. (3)

---

(3) Vem a propósito, já que se tem falado em Íberos, como o povo historicamente mais antigo da península Ibérica, e ao mesmo tempo por ter grande relação com a Atlântida, citar aqui, o Sr. Dr. Pedro Martins, lente da Universidade de Coimbra, que nas suas lições de História Geral de Direito Romano peninsular português, apresenta diferentes hipóteses sobre a origem e caracter etnico dêsses mesmos Íberos.

«Uns, como Fidel Fita, Rodrigues Berlanga, Charles Hericault, e entre nós o Sr. Dr. Julio de Vilhena, filiam os Íberos, na chamada raça Ariana ou indo-europêa; outros como Sampere y Miquel afirmam ser um povo autoctone da Europa, a raça originária da Espanha, representada pelos bascos actuaes, não sendo o nome de Iberos, que mais tarde lhes foi dado pelos escritores gregos e latinos, mais do que uma designação geografica, tirada das regiões do Ebro, onde particularmente se fixaram, ampliando-se depois a toda a Peninsula; outros ainda como Arbois de Jubainville e D. Joaquim Costa figuram-nos originaes da legendária Atlântida, cujo centro Berthelot coloca na região do Atlas continental, na Mauritânia Tingitana, provindo daqui a emigração iberica; e outros, a cuja opinião se inclina Teófilo Braga e parece inclinar-se tambem Oliveira Martins, dão-nos como pertencentes á raça turaniana mongloide que, vinda da Ásia, teria penetrado na Península pelo sul atravez da Africa.»

As presunções sobre a hipótese de terem sido povos europeus, ou da vizinhança da Europa, mas em adiantada civilização, os que primeiro construiram êsses monólitos gigantescos, essas escadarias grandiosas, êsses pórticos elegantes, essas estátuas colossaes, essas cadeiras enormes de Tiahuanaco, fica de pé, porque não temos elementos para desfazer essa presunção.

O que está perfeitamente reconhecido é que essas ruínas apresentam uma característica bem definida de terem atravessado duas civilizações: a primeira a que os sábios chamam a dos Atlantas, e a segunda a dos Árias.

A ser isto assim, teriam os habitantes da Atlântida emigrado para o sul da América, e erguido em Tiahuanaco essa metrópole pre-histórica, prodígio de esforço imenso e de saber, que ainda hoje assombra as pessoas que contemplam essas grandiosas ruinas das margens do lago Titikaka.

E tanto isto é assim, que o talentoso e erudito autor do livro a que nos estamos referindo, diz que «Não ha visitante por maiores coisas que tenha visto, que se não assombre perante o esforço enérgico e sôbre-humano que representa Tiahuanaco.»

Sabe-se tambem que a civilização de Tiahuanaco é muito anterior ás civilizações da Caldeia, da China, da India e da Persia.

O Tiahuanaco Atlanta foi vítima de uma hecatombe da natureza e o Tiahuanaco Aria de uma hecatombe dos homens.

No meio de um problema tão intrincado como êste e de tão dificil solução, por se deverem considerar temerárias todas as afirmações cuja verificação não é possível, ainda assim nos inclinamos para o lado daqueles que sustentam a existencia da Atlântida, não podendo ser considerado o seu desaparecimento senão por influências de fenómenos plutónicos. (4)

E realmente sabe-se que na parte do oceano a que geralmente se atribue a fixação da Atlântida existem numerosos vulcões submarinos.

Há na verdade no nosso Atlântico, desde o estreito de Gibraltar até ao equador, um continuo trabalho de forças plutónicas.

Os marinheiros que passam por êstes mares teem muitas vezes ouvido ruídos mais ou menos violentos saídos do fundo do oceano.

Outras vezes têem sido sacudidos por abalos extraordinarios, e não raras teem visto erupções vulcanicas irromperem do mar.

---

(4) Oliveira Martins refere-se ao caso nos seguintes termos: «As revoluções que assinalaram a entrada da nossa edade geológica scindiram a Espanha da África pondo em comunicação o Mediterrâneo e o Atlântico, subverteram a Atlântida limitando a Espanha por norte no mar Cantábrico, e, secando as fontes que alimentavam os lagos interiores, erguendo contra o mar as barreiras cretáceas da Biscaia, deixaram a nú o fundo dos velhos lagos, que são hoje campinas regadas por novos rios, cobertas de plantações e vilas.»

Para apenas indicar alguns casos citaremos os verificados pelos seguintes navios: *Le Prince* em 1747, *La Silhouette* em 1754, *La Fideli* em 1759, *Le Vaillant* em 1761, a fragata *La Pacifique* em 1806, *Le Triton* em 1816, *L'Aigle* em 1831, *La Seine* em 1832, *La Couronne* em 1835, *Le Philantrope* em 1836, *Regina Coeli* em 1856, a barca portuguêsa *Felicia* em 1861, etc.

Nos elementos geológicos que compõem as montanhas da ilha da Madeira predominam o basalto, a traquite, as lavas basálticas e traquíticas, as pedras pomes, os leitos de escórias, etc.

Não há a menor dúvida de que a constituição desta ilha é vulcânica.

A forma cónica de muitos dos seus montes assim o atesta á simples vista.

Parece, contudo, que é um vulcão extinto ha bastantes séculos, mas que já esteve em grande actividade, porque ainda hoje se encontram vestigios de antigas e horrorosas devastações feitas pela ejecção de lavas inflamadas, arrancadas ás entranhas da terra.

Em março de 1748 a ilha da Madeira sofreu os desastrados efeitos de tres abalos sísmicos sucessivos, que grave dano causaram á casaria.

Já o arquipélago dos Açôres póde ser considerado como uma serie de vulcões em actividade intermitente.

A ilha de S. Miguel, que possue o encantador vale das Furnas, sem dúvida o mais aprazivel sítio daquela ilha, lá tem as suas águas minerais de tanta fama, e lá vemos o vapor lançar-se para fóra daquelas fontes, onde a agua ferve e respinga, umas vezes com violência, outras formando apenas bôlhas que se desfazem com a maior facilidade.

De junho a agosto de 1810 e em janeiro de 1811, a sete quilómetros da costa oriental da ilha, o fundo do mar fendeu-se e subiu aos ares uma grande quantidade de fumo com terras, cinzas e pedras.

As pedras chegaram a uma altura que foi calculada em 650 metros, e as águas do mar aqueceram sendo violentamente agitadas.

A erupção de 1810, que durou apenas oito dias, produziu um banco de dejecções vulcânicas num sítio onde dantes a sondagem registava oitenta metros de fundo.

A erupção de 1811 concluiu então a obra formando-se uma ilha com sete quilómetros de circumferência e cem metros de altura acima do nível do mar.

Esta ilha, á qual o capitão do navio inglês *Sabrina* deu o nome do seu navio, desapareceu em 1822.

Em 1867 houve naquele mesmo sítio outra explosão, mas o cóne vulcânico não chegou á superfície do mar.

Na ilha Terceira existem vestígios evidentes de erupções posteriores á sua formação.

São bastantes as crateras que ali se registam.

Em junho de 1867 apareceu um vulcão submarino a nove milhas da ilha.

Em S. Jorge vamos encontrar no sítio das Figueiras, que é no centro da ilha, lavas vomitadas pelos vulcões de 1580 e 1808.

A Graciosa possue uma grande gruta chamada *Enxofre*, em virtude do cheiro pronunciado a êste metaloide que se encontra no fundo dessa gruta.

No Faial irrompeu um vulcão em 1672, e na ilha do Pico de forma cónica, aliás muito elegante e graciosa, tambem se formou um vulcão em 1718, que lançou tal quantidade de lavas para o mar que chegaram a formar um banco.

Em 1719 repetiu-se o mesmo fenómeno.

E basta.

Não é necessária maior documentação para ficar bem constatado que o fundo de uma grande parte do oceano Atlântico é de natureza vulcânica.

E, foram sem duvida, essas fôrças plutónianas, que, em arrancos supremos de titânico esforço, fizeram submergir a famosa Atlântida de Platão, com os seus palácios, com os seus templos, com as suas colonatas, com a sua civilização, e até com os seus habitantes de estatura gigantesca e de longa duração de vida.

Tudo isto seria assim?

Quem sabe se esta mágica visão nunca passou de uma lenda, de um sonho, de uma quimera egípcia?

O que, porém, está bem averiguado é que, para se assentar de uma maneira scientífica na existencia real da Atlântida, falta-nos ainda uma documentação mais positiva e concludente.

Nem a geologia, nem a arqueologia, nem a etnologia, nem mesmo a história e a proto-história nos fornecem elementos probantes para a demonstração da existência da Atlântida.

Ha presunções mais ou menos bem fundamentadas e cada vez maiores, é verdade, mas que não passam de presunções.

Para a resolução dêste complicado e difícil problema, carecemos do auxílio não sómente dos conhecimentos humanos acima citados, mas tambem da biologia, da flora, da fauna e até da paleontologia, e êsse auxílio chega-nos incompleto e muitas vezes contraditório.

Todavia, o professor, sr. Pereira de Souza, já citado, diz em conclusão, no seu notável livro sobre os efeitos do Megasismo de 1755, que o terremoto de Lisbôa nêsse ano, foi ainda o despertar dêsses movimentos verticais que originaram o afundimento lusitano-espano-marroquino, e, talvez os últimos arrancos de uma parte da Atlântida já então sepultada nas entranhas do mar.

Para o mesmo autor a bacia do Guadalquivir é uma região de mer-

gulhamento, em quanto que o golfo de Cadiz faz parte de uma oval de afundimento.

Segundo a descrição que Platão nos faz da Atlântida, esta ilha (êste termo aplicado a um continente maior do que dois reünidos não deixa de ser curioso), era maior do que a Ásia e a África reunidas, tendo-se submergido durante um dia e uma noite devido a um colossal tremor de terra.

Critias, que fala pela bôca de Platão, para Timée, Sócrates e Hermocrate o escutarem, desce ás maiores minudencias, tanto em relação aos Atlantas, como á riqueza, formosura e fertilidade da região que eles ocupavam.

Á sciencia não repugna acreditar na existencia da Atlântida, antes tudo nos leva a crêr que o facto é muitissimo provavel, porém, como a ansiedade do espírito humano pela conquista de novas aquisições scientificas não pára nunca, licito nos é esperar que um dia se venha a fazer completa luz sobre a célebre Atlântida de Platão.

ALEXANDRE JOSÉ SARSFIELD



Descobertas modernas no Egipto



Tutankhamen

QUEM ERA TUTANKH-AMEN

I PARTE



Akhenaten

O EGIPTO E AMENOFIS IV

SUMÁRIO:

A historiografia na Europa. A história do Egipto vista pelos gregos. O Egipto amou a vida e conheceu todos os prazeres da terra. Opiniões sobre Amenofis IV. Origem do culto de Aten. A reforma religiosa e os hinos ao Sol. A arte no tempo de Amenhotep IV:

As descobertas sensacionais de lord Carnarvorn e de Carter no Vale dos Reis e os trágicos acontecimentos que se lhe seguiram, despertaram nas multidões européas um entusiasmo pela civilização egípcia, muito semelhante ao que dezenas de anos atraz tinham originado os trabalhos de Movers (1) sôbre os Fenícios de Hommel (2) e de Sarzec sôbre

(1) Die Phenizier.
(2) Geschichte Bab. und Ass.

os Babilónios, de Burnouf (1) e Bopp (2) sôbre a India, e mesmo os de Champollion (3) e Mariette (4) sôbre o Egito. Êste entusiasmo pela história é, na opinião do brilhante autor da Decadência do Ocidente (5), uma das principais características da cultura ocidental.

Não basta considerar estar na moda o adôrno egípcio, torna-se necessário explicar a causa dessa moda. Essa causa, diz-nos Ortega y Gasset, é o alargamento do horizonte histórico em quatro direcções diferentes, que originaram outras tantas facetas no espírito europeu: a pre-história, a penetração das civilizações do Extremo Oriente, a etnografia dos povos selvagens, e a descoberta das Atlântidas. (6)

Cada cultura tem o seu horizonte histórico definido que lhe vem das condições telúricas e das relações com as outras culturas. O isolamento do egípcio, do babilónio e do chinês, originaram outros tantos núcleos civilizadores, que se consideraram centros do universo, sendo essa forma egocentrista de considerar a história da humanidade que distingue a mentalidade oriental da ocidental. As culturas ou originam áreas de civilização ou nascem nos limites de outras culturas. As primeiras, realizado o anelo cósmico, marcado pelo seu horizonte histórico-geográfico, enquistam-se, o seu desenvolvimento estaciona, e esperam pelo alongar dos séculos ou a sua desaparição ou o despedaçamento do seu horizonte devido a energias externas. Eis como devemos compreender a história da China, do Egito, da Caldêa e da Índia.

As segundas, as culturas epicêntricas, teem a sua finalidade marcada prèviamente: tornarem-se o centro do mundo em cujos limites se desenvolveram. Foi o que aconteceu a Roma, é o que sucede hoje com a América. Podemos compreender assim o papel perturbador que o judeu desempenhou sempre na história ocidental: pelo seu cosmopolitismo, o horizonte histórico-geográfico semita não coïncide nunca com o do paiz onde vivem os judeus. São êles pois os impulsionadores de todo o progresso. (7)

Só indivíduos especialmente dotados podem dedicar-se aos estudos históricos, pois que a tarefa histórica, não é a esteril e rebarbativa compilação de documentos. Torna-se necessário saber compreender que alma, que espírito, que

---

(1) Le Lotus de la Bonne Loi.
(2) Gramatica Comparada.
(3) L'Egypte sous les Pharaons, Letre a M. Dacier, etc.
(4) Notice des Principaux Monuments, Les listes Geographiques des Pylones de Karnak, Lettres et Souvenirs.
(5) Spengler, La decadencia do Ocidente, trad. Morente.
(6) Ortega e Gasset, Las Atlantidas.
(7) Ortega y Gasset, Las Atlantidas.

sentimentos, que formas de compreender a vida e sentir o universo, impulsionaram a sociedade e comoveram os espíritos sôb a face tranquila que os documentos hoje nos mostram. Leopold von Rank tinha razão considerando Quentin Durward a obra prima histórica (1). Na verdade necessário se torna possuir uma sensibilidade poética capaz de identificar o nosso espírito e a nossa forma de sentir, com a da época que queremos estudar, para assim podermos encontrar e descrever a vida e sentimentos que a animaram.

Os europeus, ao encetarem o estudo das maravilhosas ruinas do vale do Nilo, fizeram-no imbuidos do espírito helénico, o povo mais a-histórico, na opinião de Spengler, e isso explica o desconhecimento em que até ha pouco era tido o caracter do povo construtor das pirâmides. Habituados a estudá-lo sôb o aspecto que Heródoto o mostrou, o Egipto era considerado como um povo tendo sempre a imagem da morte sôb os olhos, perseguido pela idêa do Além, dominado por um politeísmo estranho, desprezando a vida e a natureza, criando por isso uma arte sóbria, austera, de linhas pesadas, contornos macissos, figuras hieráticas, sempre absorvidos pelo mistério esfíngico do mais àlém da vida.

E agora, ao percorrermos as inscrições de Unas, até aos frescos d'Ell-Amarna, vemos como Bossuet se iludia dando ao seu real discípulo, o sério, o grave, o hierático Egipto como modêlo.

O Egipto, como disse Ptah-hotep, conheceu *todos os prazeres da terra*. Não quero afirmar que o egípcio chegasse aos exageros hindús descritos no Kama Sutra (2). Entre o ascetismo e a orgia desregrada, o egípcio soube encontrar o meio termo que dá a felicidade aos corações serenos, aos espíritos tranqüilos. O Egipto riu; nas suas danças, ora graves, sagradas, ora vivas, licenciosas, e que actualmente Mlle. Cerutti, com tanta arte tenta ressuscitar, nos seus festins, na música, no romance, na poesia, perpassa sempre êsse bom humor, um pouco sarcástico, próprio dos orientais. É certo que tinham sempre a imagem da morte sob os olhos; mas souberam tirar-lhe o que ela tem de horrível, embelezando-a, porque o egípcio amava com transporte o prazer. As assembleias, os festins, as alegres reuniões, a dança, a música, a conversação, os jogos, a pompa das cerimónias religiosas, toda a espécie de espectáculo ou de diversão em comum divertia-o (3). Mas não tendo conhecido o sofrimento não conheceram também o amor violento, a profundidade psicológica dos nossos dias; todos os seus entrechos amorosos são simples e banais, como o velho romance de Satni e Tubui.

---

(1) Spengler, loc. cit. vol. I.
(2) Le Kama Sutra, trad. de Lamairesse.
(3) G. le Bon, Les Prémières Civilisations.

Mas ao lado dêste Egipto amante da vida jovial e amável, há o outro Egipto de dogmas rígidos, dos cultos formidáveis e dos cerimoniais complicados, que esteve sempre confinado a uma determinada sociedade, aos colégios sacerdotais, ao Faraó e aos grandes dignatários.

Foi este Egipto abstrato que os gregos conheceram, e que principiou a dominar com Horemheb para terminar com o último colégio sacerdotal da ilha de Philae. O outro, o Egipto livre, social, alegre, que cria o Scheik-al-Beled e as colheres de perfumes, vem do tempo dos Shemshu-Hor, para morrer com Amenofis IV.

Tutankh-Amen, é o homem de transição. É êle que destruirá o culto de Aten (derivado do velho culto nacional de Ra) e que facilita o advento de uma família querida do sacerdócio tebano.

Amenofis IV e Tutankh-Amen, sôgro e genro, personificam nas suas figuras de fanáticos, os dois polos opostos da vida egípcia. Um, arraigado ao velho culto nacional, contrário à expansão exterior só pelo poder militar, favorece o génio nacional na arte, na literatura. O seu reinado, artística e literàriamente, é o mais brilante da longa série das dinastias egipcias, explicando-se êsse grande desenvolvimento do espírito de então pela liberdade e vida que revela o culto por êle introduzido. Sonha com um Egipto maior, tendo um dominio externo mais estável, procurando para isso tornar-se o chefe religioso de toda a Ásia Ocidental. A sua política internacional está baseada num culto abstrato, comum a todo o Oriente desde a Índia até aos povos asiáticos: o culto do disco solar, Aten. (1).

O outro, exclusivista, preso ao culto restrito tebano, inçado de idêas núbias, procura dominar o mundo asiático ocidental com uma fôrça que morrêra com Tutmosis III, e que só o génio de Seti I lhe poderá dar. Ressuscita as velhas fórmulas orgulhosas, vibrantes ainda das vitórias de Amenofis II e Tutmosis III. O seu tradicionalismo leva-o durante os seis primeiros anos do seu reinado a respeitar a memória do sôgro, protegendo ainda os artistas por êle preferidos, e que souberam criar as maravilhas que surpreenderam os felizes descobridores do seu túmulo em Biban-el-Muluk. Nos três anos seguintes, levado pelos sacerdotes tebanos, abandona Ikutaten, e cai na banalidade de todos os vaidosos da XIX dinastia.

A forte vida interior, a independência de intelecto e a coragem moral, capaz de arrostar com o poderio dos sacerdotes de Tebas, e que tanto distingue

---

(1) Moret, Des Clans aux Empires, pag. 341

Kuenaton, vê-se bem vincada no suave perfil que encima êste artigo, bem como a bondade e uma certa tristeza e resignação doentias, ao passo que o perfil que lhe está fronteiro revela bem a indecisão, a fraqueza, o orgulho, o fanatismo, talvez a bondade, e certamente o pouco sentimentalismo de Tutankh-Amen. O primeiro é uma obra prima do estilo naturalista egípcio, o segundo é um modêlo do princípio da decadência dêsse estilo, e o início do rígido, hierático estilo convencional, que dêste reinado em diante irá predominar.

PINTO DE LIMA.

(Continúa)





Schumann na sua obra de piano

Die Intimität des Klavierspiels ist von Schumann aufs höchste gesteigert worden.

(Geschichte der Musik von
Dr. Karl Storck).

Quando Schumann viu a luz naquela modesta casa de Zwickau, inscrevêra o Destino mais um nome no livro sombrio dos grandes desventurados; mas dera-lhe também — compensação suprema! — o dom maravilhoso de poder dizer ao mundo inteiro a sua Dôr e de conseguir que êste, por todo o sempre, comovidamente o escutasse.

Eis a Arte de Schumann em si e na sua exigência interpretativa — a vida intensamente vivida e intensamente revelada na mais extraordinária e bela linguágem, a única que dispensa vocabulários e suprime fronteiras, a Música.

Schumann sentia a vida musicalmente: tudo para o seu espírito se transfigurava em harmonias misteriosas.

Êle no-lo diz, escrevendo a Clara: «quando penso verdadeiramente, verdadeiramente em ti, corro ao meu piano e escrevo-te de preferência em acordes de nona.»

Noutra carta afirma: «acabo de verificar que, em mim, a imaginação só recebe um mais alto impulso quando está sob a tensão de um desejo ardente; foi o meu caso dêstes últimos dias: emquanto esperava a tua carta, enchi um volume de composições...»

Noutra ainda: «a música brota-me agora por si mesma, sem esfôrço, repassada de simplicidade...

E ainda: «eu considero mesmo a palavra casamento muito músical; lembra uma quinta:



interessante e poética sugestão das letras da palavra alemã Ehe:

e — mi
h — si
e — mi;

artifício engenhoso, muito do gôsto de Schumann e de que êle nos deixou exemplos nas Variações sobre o nome Abegg, Carnaval e op. 68 (Saúdação a Gade).

Sendo assim, poderemos talvez dizer sem exagêro que, de entre os grandes compositores, foi Schumann o que menos «escreveu» música, no sentido rigoroso da palavra. Schumann viveu em música desde os seus primeiros sonhos até às trevas densas da loucura. E quando mal entrado o ano de 54, a 17 de fevereiro — dia tristíssimo para tantos! — a desgraça o empolgou irremediávelmente, foi ainda a música — luz e sombra da sua alma — que o acompanhou para a trágica escuridão: êle recebêra dos anjos um thema que precisava notar imediátamente.

Schumann não produzia para que o lêssem e admirassem: a música era a sua forma de expressão natural e imediata. De aí resulta que a frase «tocar Schumann» me parece, me sôa como pobre. Ha, para mim, compositores que se tocam e compositores que se intrepretam: os que se comprazem em complicadas demonstrações de

saber ou na rebusca engenhosa de efeitos exteriores e são os que escrevem para os outros; e os grandes solitários que, vivendo no misterioso Claustro do Silêncio das suas almas, com elas intimamente dialógam ou então murmuram extranhos solilóquios que só a alma pode entender.

Schumann é de esta categoria. Revelar-lhe uma página é viver um momento do seu drama íntimo. Não são os dedos só que o podem dizer, mas a alma vibrando profundamente.

O compositor e a sua música são intimamente inseparáveis; ela póde considerar-se o seu Diário passional, uma auto-biografia moral.

Comigo deu-se êste caso: parti da obra para o compositor. Estudei grande parte dos documentos—assim quero chamar-lhes aqui pelo seu valor de revelação psicológica—que êle nos deixou confiados ao piano e, quando depois li biografias e estudos, vi que a grande figura moral de Schumann já estava levantada no meu espírito em toda a sua verdade e intensidade dramática. Os livros deram-me informações complementares exteriores ou de somenos importância: o essencial estava diante de mim. E' que o sabido conselho de Göethe—faze da tua dôr um poema—raramente encontrará encarnação tão perfeita. Schumann, músico e poeta—dobrada acúidade de sentir e visionar—viveu a sua obra, de sonho em sonho e de amargura em amargura até à tragédia final do «Vater Rhein».

Nas suas cartas passa da mesma forma a nota flagrante da sua vida moral e artística (tão unidas as duas que esta pode dizer-se a projecção de aquela) o que vale o mesmo que dizer, o comentário paralelo e justo das suas criações musicaes.

E para que tudo seja extranhamente harmónico e coerente nesta grande figura de desventurado sublime até a fisíonomia lhe acentua nitidamente, atravez de uma clara evolução, os três aspectos característicos da sua acidentada existência:

Aufschwung!

In der Nacht!

Traumeswirren!

E' ver, de entre a iconografia schumaniana, o desenho de Kriehuber, pleno de confiança e nimbado de sonho; o retrato de Bendemann, em que a cabeça reflectida e calma ainda de expressão, se encosta à mão, como que escutando, já de envolta, com as suas creações de Beleza, vagos presentimentos sombrios.

E por fim essa trágica fotografia de 1850, em que a máscara,

fundamente vincada por sulcos de agonias íntimas, nos deixa adivinhar no entenebrecer de aquêle fecundo espírito o último e doloroso e soluçado adeus à vida de amor e de arte que sonhára sempre.

O olhar, perdida a expressão sonhadora que tinha, concentra-se, fixa-se insistentemente como querendo agarrar—fugidia taboa de salvação!—alguma visão longínqua que vae a perder-se de todo na treva que se adensa!

Observando atentamente êsse pungente retrato, compreende-se a desventura que o levára das aguas do Rheno para Endenich, palavra fatídica, em cujo princípio se lê «Fim», como legenda condenatória encimando um pórtico fatal!

Schumann — aspiração!

Schumann — lucta!

Schumann — alucinações!

*
* *

A arte de Schumann lembra-me, muitas vezes a de Carrière na pintura. Ambos intimos, ouvindo-se no recolhimento das suas almas, confidenciam comnosco em revelações misteriosas.

Eu creio não fazer um mero trocadilho, vazio de sentido, dizendo que há silencios de Côr em Carrière e penumbras de Som em Schumann.

Interpretar Schumann é perscrutar as íntimas profundezas do coração humano!

E' cruzar o tormentoso inferno da vida pela mão alada e vibrátil da ideal Beatriz do Som!

Em trabalho subsequente, procurarei com a sentida comoção em que a alma me vibra ao «escutá-lo», percorrer a sua obra pianística, fixando modestas notas sobre a maneira como a sinto e sinto ter de a dizer.

Contribuição humilde no que tem de obscuramente pessoal, autorisa-a a sinceridade, sempre merecedora de bom acolhimento, e julgar-me-ei bem feliz, se um dia, objectivando-a ao piano, fizer estremecer almas e despertar ou afervorar nelas o culto admirativo pelo grande compositor.

Freitas Gonçalves.

14-4-1925.

A origem do Fado

Contrário à teoria de aquêles que entendem ser inteiramente indiferente e até desnecessário o estudo das *Origens do Fado*, para o efeito de o repudiar ou aceitar como forma cancional portuguêsa, por excelência,—defendemos antes a tese de que é indispensavel fazer aquêle estudo para, uma vez demonstrada a sua proveniência negroide, combater com mais eficácia a deliquescente e entorpecedora melodia. No pequeno estudo, que se vai seguir, o *Fado Português* não é considerado como uma derivação genuína, como um produto ortodoxo de uma só samba ou produção músico-cancional africana.

Encaramos essa variante do folclore nacional como o resultado de vários factores, que entraram em actividade dentro de um ambiente próprio. O concurso de determinado número de elementos deram em resultado o poder aparecer o *Fado*, na sua feição—sui generis—primitivamente limitada aos bairros escusos da Capital.

*
* *

As origens possivelmente apontáveis ao *Fado* são variadas e diversas; desde a origem propriamente portuguêsa e americana até à árabe, cigana ou francêsa; desde a origem marítima ou lisbonense até à criminal ou latina—mil teorias se teem formulado sem que o problema fadográfico fique resolvido de modo satisfatório e em absoluto!... Até hoje não temos topado com uma demonstração clara, precisa, fortemente persuasiva em suma.

No entanto, afigura-se-nos que, avançando com esta proposição, o problema ficará possivelmente esclarecido: o *Fado* foi o resultado da acumulação de tôdos os dengosismos, de tôdos os lamechismos, de tôdas as dolências e langorosidades do pôvo (cultivadas e avivadas até aos fins do século XVIII pelas

variadas dansas e músicas que sempre encontraram bom e gostoso acatamento na alma eternamente lírica do português) que adentro do período romântico veio achar a expressão máxima eclodindo numa forma cancional em que o corrosivo da apatia negroide, traduzido pela monotonia do som, predominava em absoluto.

Com efeito.

Podemos estabelecer durante aquêle longo período a divisão seguinte, quanto às melodias, às dansas e às formas verbalisadoras do canto, que constituíram os elementos básicos do *Fado*:

1°.) Dansas e Músicas, que poderiam em alguns casos ser acompanhadas de Canto, que incutiram nas massas populares o gosto pelas produções músico-coreográficas em que sobresaísse a nota lasciva, alegre, os meneios complicados e desenvoltos do corpo, habilitando as camadas baixas para uma rápida e total assimilação das variadissimas sambas negroides e das rebolantes e catingueiras dansas do século XVIII, formando-se, por êste modo, se bem que ainda de muito longe, uma atmosfera propícia dentro da qual, mais tarde, se desenvolveria o *Fado*;

2.°) Dansas, Árias, Modas, Músicas, e Cantos, que prestaram o seu maior ou menor concurso para a formação de um género de melodia lânguida, dolente, melancólica, sensual, pingando doçuras, estabelecendo-se assim e por esta forma um ambiente bastante favoravel e sugestivo para o aparecimento do *Fado*; e, finalmente,

3°.) Dansas de directa proveniência negroide, com música apropriada, sui-generis, que pela sua manifesta e poderosa acção e influência provocaram a eclosão do *Fado*, na sua sua feição primitiva, imprimindo-lhe os seus caracteres intrínsecos, tais como languidez, monotonia, acentuada dolência, predominante melancolia, dolorida doçura, plangência, etc...

Exemplifiquemos para cada um de êstes tipos.

Para o primeiro caso devemos antes de mais nada citar o *Fandango* a que aludiu, em 1774, Manuel de Figueirêdo, no «Mapa da Serra Morena»; escreveu Richard Twiss (Travels through Portugal and Spain, in 1772 and 1773, 1775, trad. franc.) que no fandango todo o corpo se requebra, se desnalga, se agita numa convulsão, até ao impudor. O fandango dansava-se aos pares e marcava-se o ritmo batendo com os pés no chão ou estalando castanholas nas mãos.

Lembre-se ainda, como podendo alinhar adentro da lista exemplificadora do primeiro tipo: o *Tarambote*, que D. Rafael Bluteau (no seu Vocab. Port. e Latino, Lisbôa, M.DCCXX) escreve tarambôte e que era, segundo êste lexicólogo, uma música de vozes e instrumentos de corda; a *Sarabanda* de quem o mesmo Bluteau (obr. cit.) disse que derivava de «Sarao, que é Bayle, ou de Comedianta chamada Sarabanda, ou como querem outros do hebraico Çara, que vale o mesmo que deitar de uma parte para a outra, andar em redondo; acções proprias de quem baila a sarabanda, porque meneia os braços e o corpo tangendo as castanholas, e anda rodeando a casa em que baila; é dansa alegre e lasciva»;

o *Oitavado* de que, por exemplo, fala Antonio José da Silva, na opera Esopaida, de 1734, e que era uma dansa de carácter popular; o *Canário*, que é assim definido por Filinto Elisio (Obras, tomo VI, Lisbôa M.DCCCXXXVII, Tip. Roland., pag. 20, nota 3): «era um outavado mui repenicado na viola, e dansado com muitas posturas dificeis e de muita gravidade...»

Relativamente ao segundo tipo temos, como exemplo digno de regísto, as *Modinhas*, que mereceram a Ribeiro dos Santos (Manuscritos, vol. 130, fls 156, Bibl. Nac.), polígrafo de apreciavel valor (1745-1818), as seguintes referências: ...«direi somente que cantaram mancebos e donzelas cantigas de amor tão descompostas, que côrei de pejo como se me achasse de repente em bordeis, ou com mulheres de má fazenda...» hoje só se «ouvem cantigas amorosas de suspiros, de requebros, de namoros refinados, de garridices...» «Esta praga é hoje geral depois que o Caldas começou de pôr em uso os seus rimances, e de versejar para as mulheres. Eu não conhêço um poeta mais prejudicial à educação particular e pública do que êste trovador de Vénus e de Cupido: a tafularia do amor, a meiguice do Brasil, e em geral a moleza americana que faz o carácter das suas trovas, respiram os áres voluptuosos de Paphos e de Cythera, e encantam com venenosos filtros a fantasia dos moços e o coração das Damas.»

Tanto as Modinhas de procedência brasileira, como de procedência estrangeira, encerravam, no geral, a expressão de um sentimento amoroso, terno ou melancólico, de desespêro ou esperança, em que a nota da insipidez predominava pela monotonia e pela desgraciosa afectação com que eram executadas e cantadas pela lasciva sociedade sèculodesóitica!... O que não quere dizer que estrangeiros, como Beckford, escrevessem àcêrca das Modinhas com grande entusiasmo laudatório: «quem nunca ouviu êste original género de música ignorará para sempre as mais feiticeiras melodias que tem existido desde o tempo dos sibaritas. Consistem em lânguidos e interrompidos compassos como se faltasse o fôlego por excesso de inlêvo, e a alma anelasse unir-se a outra identica de algum objecto querido.» (Viagens de Beckford a Portugal, cartas escritas em 1787, trad. no Panorama, vol. XII, Lisbôa 1855, carta VIII, pag. 318).

Dissemos que os elementos básicos da formação do *Fado* eram constituidos, num terceiro tipo, por efeito de dansas de directa proveniência negroide.

E assim é de facto! Dizia um escritor que, se exceptuarmos o fandango, nenhuma dança foi tão popular, nenhuma viveu tanto nas ruas e nas praças, nenhuma logrou tanto o favor dos alfamistas, das regateiras, das maranhôas, de toda a mafra-baixa da cidade, como as dansas de influência negroide,—lascivas, catingueiras, reboladas, quebradas de rins (Julio Dantas, A dansa no sec. XVIII, in Os Galos de Apolo). E, como exemplo, devemos citar: o *Lundum*, o *Batuque*, a que fazem referencia respectivamente, Sá de Miranda, desde o seculo XVI (Doutor Francisco de Sá de Miranda, As obras do Celebrado Lusitano, Lisbôa, Na Imprensa Régia, Ano 1804, pag. 192), e no século XVIII as Cartas Chilênas (atribuidas muito possivelmente a Tomás Antonio Gonzaga-1744-1807?), dansas essencialmente lascivas, langorosas e sensuais; a *Fôfa*, dansa muito popular no século XVIII, a tal ponto lasciva que Dezoteux chegou a escrever que o pudôr côrava ao ser testemunha de ela, e não ousava descrevê-la (Duc du Chatelet — pseudónimo de Pierre Dezoteux — Voyage en Portugal, 1801, referin-

do-se ás festas da coroação de D. Maria I, em 1778) e de quem William Dalrymple (Travels through Spain and Portugal in 1774, 1777, trad. franc. pelo marquês de Romance de Mesnont, sob o t. Voyage en Espagne et en Portugal dans l'année 1774, 1783) disse: — «la faufa, qui est la danse particulière de Portugal, comme le fandango est celle des espagnols, fut dansée en suite par un homme et une femme noirs; c'etait bien la plus indécente chose que j'aye jamais vue»; o *Sarambeque*, citado, por exemplo em 1651 na Carta de Guia de Casados, do nosso D. Francisco Manuel de Melo (2.ª ediç. rev. por Edgar Prestage, Pôrto, 1923, pag. 75), e que era uma dansa desenvolta de pretos, tornada muito popular nos séculos XVII e XVIII, chegando a usar-se nas casas nobres e que Bluteau define por baile lascivo, espécie de sarabanda; as *Cheganças*, outra espécie de dansa muito popular e tambem de carácter lascivo, que tendo atingido no século XVIII o máximo da indecência foi proïbida (Biblioteca Nacional de Lisbôa, Manuscr. Pomb., códice n.º 131, fls 95); o *Arrepia*, música popularisadissima no século XVIII que acompanhava a dansa desenvolta do mesmo nome e a que já aludiu Antonio José, na Opera Esopaida (1734) e que Domingos Vieira define como peça que se toca na viola, propria para acompanhar uma dansa desenvolta (Dr. Frei Domingos Vieira, Grande Dic. Porto, 1.º vol. 1871); o *Arromba*, outra dansa popular no século XVIII, com a característica de ser batida de ancas e de viola, conforme se depreende da leitura do folhêto de cordel denominado — Relação curiosa das dansas, etc..., e que Domingos Vieira definiu: espécie de fado, que se toca na viola, corrido ou por ponto, usado no século XVIII, pelo povo; recolhido por Bluteau, que dá definição um tanto similar no seu Suplemento ao Voc. Port. e Lat., Lisbôa M.DCC.XXVII.; o *Rechaço*, que Bluteau menciona como uma dansa que se bailava e que o povo dansava no século XVIII, como deixa perceber o citado folhêto — Relação curiosa das dansas, etc...; finalmente, aponte-se ainda o *Zabel-Macau* como um tipo das variadas dansas de influência negroide que tambem deu o seu concurso para a constituição do meio que permitiu a eclosão do Fado no seu tipo original e característico, meio êste ha muito tempo dessorado de toda a energia vital da era de quatrocentos!...

O *Fado*, na sua primitiva feição, trazia consigo as características somáticas que todas as produções atraz citadas continham; o *Fado* na sua essência, no seu espírito, no seu aspecto melódico mais não era que o prolongamento de todas as dansas, músicas e canções, que do Continente Africano vieram para Portugal e Brasil e que nêstes países se infiltraram profundamente; o *Fado* aparecia quando depois da primeira metade do século XIX a predominante acção cancional negroide encontrou éco no movimento espiritual romântico que manifestando-se e chegando até aos bairros escusos de Lisboa levou ao rubro a necessidade de à guitarra traduzir em notas melancólicas tôda a tristeza dos alcouces, toda a tragédia das alfurjas, todo o drama dos prostíbulos, toda a miséria dos sacerdotes do vício, do crime e da depravação moral. E' por isso que um elegante escritor nosso disse que o Fado era o romantismo traduzido em calão!...

De resto a atmosfera para o *Fado* eclodir já há muito era propícia; até 1850 já se tinham manifestado na nossa literatura varios vícios, determinadas

doenças que muito e muito actuavam sobre a psíquica do português. Quantos morbidismos, quantas manifestações de langorosidades, quantos lamechismos, quantos dengosismos enervantes!!... Nas camadas populares o estado moral não era traduzido nos seus cantares por produções mais sádias ou arejadas; as duas correntes topam-se, amalgamam-se, fundem-se. Nesta operação de química cancional a Africa fornecia a droga manipulavel, Lisbôa dava o recepiente para aquela se decompor e o resultado era um produto de fisionomia um tanto nova —o Fado Português ou antes Lisbonense!

Como apareceu, no entanto, a denominação de *Fado* a designar uma forma cancional de aspecto um pouco diverso dos seus elementos componentes?

A questão de nôme é que menos importância tem para o nosso estudo.

No entanto, é possivel que as coisas se tivessem passado assim: uma dansa batida e cantada ao som de uma música de sabôr dolente poderia resumir e retratar a vida desgraçada do bordel, exprimindo abertamente o nêgro e pesado destino de aquêles que frequentavam os alcouces de Lisbôa e principalmente dos mil e um rufiões que infestavam as ruelas escusas da Capital.

Que deviam, então, cantar êsses Fadistas, as Ambulatrizes, tôda a casta de desprotegidos da Fortuna, que pelo seu Destino e Má Sorte eram impelidos a vida tão desregrada? O seu Fado, o seu cruel e triste Fado!!...

Assim aparecia o nôme, mais tarde generalisado e tornado extensivo a todas as composições de índole e carácter similar às que nasciam nas alfurjas!

Por último, o termo vem até nós para impropriamente designar serenatas que pelo seu rítmo e expressão dolorida fazem recordar o *Fado*, primitivamente tão característico!

José Maciel Fortes





Pelos domínios da Gramática

A Filologia *e a* Lingüística *são duas senhoras bisbilhoteiras e rabugentas, que se entreteem a desvendar os segrêdos da Fala, e que, a-apesar-de pouco idosas, não podem caminhar sem o apoio das suas dilectas filhas — a* Etimologia *e a* Fonética, *a* Morfologia *e a* Sintaxe — *em que se firmam para nos dictar suas leis, consubstanciadas num Código da Linguagem, chamado* Gramática.

Pois essas austeras senhoras decretaram que os nossos vocábulos compostos, oriundos do grêgo, sejam esdrúxulos, e não graves, como muitas vezes fazemos.

E, assim, devemos dizer, entre muitos outros: ácrata, acróbata, aëróbata aëródromo, aërólito, aëróstato, alópata, aristócrata, autócrata, demócrata, hipódromo, homeópata, psicópata, semáforo, telefónio, velódromo, etc., etc.

Pela mesma razão diremos Diónysos, *nome grêgo do deus Baco, que lhe proveiu da cidade de* Nysa, *onde tinha um sobêrbo templo, e que significava, portanto « O deus de Nisa ».*

Mais tarde, o velho Kronos, ao mesmo tempo creador e demolidor de todas as coisas, presenteou-nos com o nome próprio Dionísio, *proveniente daquêle, e suas variantes* Diniz *e* Denis *(através do latim* Dionysius).

*
* *

Passando agora da região helénica para o Lácio, cuja distância no espaço e no tempo não é grande, vejamos a razão por que esta Revista se qualificou de bimestral, *e não de* bimensal, *como é de uso vulgar.*

Bimensal *significa, é certo, o que tem a duração de dois mêses, ou que aparece de «dois em dois mêses».*

Mas surgiu o neologismo bi-semanal, *com o significado de « duas vezes por semana », e ficou tudo tão perturbado, como a superfície de um lago, onde caísse uma pedra.*

E dêsde que bi-semanal *tem aquela significação, parece que* bi-mensal *deveria ter a de « duas vezes por mês », o que não é exacto ; mas a confusão subsiste.*

E, daqui, a necessidade de adoptar outro neologismo, não menos vernáculo, e tanto ou mais racional — bimestral (*adj.*) e bimestre (*subst.*), *equivalente ao período de dois mêses, talqualmente* trimestre, quadrimestre e semestre (*respectivamente três, quatro e seis mêses*), *com seus adjectivos* trimestral, *etc.*

Mas, procurando nas vinte e cinco algibeiras aquí do meu visinho, lá encontramos ainda os substantivos — anuário, mensário, quinzenário, semanário, *donde podemos tirar* — bi-mensário, *com pleno cabimento no caso presente.*

E... está fechada a Gramática, até ao próximo bimestre...

Acácio Lobo.



UM POETA

A propósito da "CHUVA DA TARDE,,

SONÊTOS DE AMOR

POR

António Sardinha

(in-8.º, 19X13, Papel Verger.—Esmerada edição da Empresa «Lumen»—Coimbra, 1923).

Como se vê pela data êste artigo, até agora inédito, foi escrito estando ainda vivo António Sardinha, que o leu. Poderia eu tê-lo retocado depois, num ou noutro ponto secundário. Entendi porem que — representando a sua publicação, hoje, uma homenagem à memória saudosa do malogrado Poeta — o devia manter tal qual por êle fôra apreciado.
Estampado vai, pois, sem modificação alguma da sua primitiva redacção.

I

Se António Sardinha não tivesse já, a afirmà-lo Poeta raramente dotado, uns quatro volumes de versos (1)—talvez de desigual valôr, entre êles, mas

(1) «Tronco reverdecido»—1910; «A Epopeia de planície»—1915; «Quando as nascentes despertam...»—1921; «Na côrte da saudade, Sonetos de Toledo»—1922.

todos de registável mérito—bastaria, a meu vêr, o seu recente livro «Chuva da Tarde» para o recomendar entre os nossos melhores líricos das duas últimas gerações, entre aquêles que nêste primeiro quartel do novo século vincaram ou surgiram como legítimos artistas do Verbo poético.

Não me desmentirá, creio, quem haja lido atentamente êste livro, dumas curtas 120 páginas, compôsto de treze quadras de *abertura* e de vinte e seis sonêtos de decassílabos—contando, ao todo, 416 versos.

Começa logo a «Chuva da Tarde» por nos prender pela graça e maior correcção, pela cadência rítmica do verso mais vivamente do que algumas das anteriores composições poéticas de António Sardinha.

E' livro mais tranparente, mais claro e mais unido, mais suave e dôce de percorrêr do que outros seus.

Entre as qualidades que — debaixo do ponto de vista literário, de produção escrita, da exteriorização de ideias e sentimentos — sobretudo interèssam ao corrente andamento da leitura contam aquelas directamente ligadas a valôres prosódicos, a segrêdos musicais, a condições de acústica — seja-me permitido o têrmo.

Nunca os seus versos terão toado com melhor afinação e com tão limpido *timbre*.

Nada perde também, ao lado dos anteriores livros de poesia do Autor, sob o especial aspecto plástico, sob o aspecto da côr e do relêvo, ou se trate de quadros e descritivos do mundo exterior ou de projecções verbais de estados de alma, de movimentos e modalidades íntimas.

Sim. Parecem-me, na «Chuva da Tarde», ainda mais puros e gráceis os contórnos e linhas, mais sábias e discretas as tintas, diluidas e temperadas em mais agradáveis tonalidades; como, de resto, o pedia a índole da obra.

E da mesma maneira que lhe nóto a vantagem de nos suscitar ao longo das suas páginas uma grata sensação—como que táctil—de maior lizura e mais corredia macieza, de um mais fácil deslizar da leitura seguida; da mesma maneira que lha nóto com relação a imágens e impressões de origem visual e auditiva—posso notar-lha a propósito das que prendam com os dados dos restantes sentidos: tanto esta criação de António Sardinha acusa e tráe imediata ou mediatamente, em directo ou reminiscente e transfigurado transporte das impressões exteriores, a acção viva da natureza sôbre o espírito despertável e o sensível temperamento do Poeta; do mesmo modo que reflecte, sem pêrda de vivacidade e de calôr, os lampejos do seu pensamento inquieto e ambicioso, os seus irreprimidos impulsos de Emotivo nato.

Afigura-se-me enfim de justiça e de bôa crítica afirmar e sustentar que a «Chuva da Tarde», debaixo do ponto de vista da realização, das suas condi-

ções de expressão (salvos ligeiros desfalecimentos e uma ou outra escusada liberdade) merece e merecerà ser lida.

Merecê-lo-há igualmente sob o ponto de vista da Obra em si, da natureza do assunto ou objecto inspirador dela bem como sob o ponto de vista do *espírito* e do *sentimento* que a animem?

Merce-lo-há ainda quanto ao modo como na composição e ordenação do livro êsse *assunto*, êsse têma principal haja sido pôsto em relêvo através dos diversos episódios e passagens?

Ainda, finalmente, atendendo á maneira por que tal *espírito* e tal *sentimento* foram traduzidos e manifestados?

Tam pouco hesito em afirmá-lo. Merece, sem dúvida.

Qual é o assunto, o *objecto* inspirador do livro?

A Esposa-Amada do Poeta, a dôce companheira a quem a obra já vem dedicada.

Dificilmente êle encontraria outro tam nobre e elevado têma.

Que *espírito* lhe anima as fôlhas? Que *sentimento* nutre os seus versos?

O *espírito* tutelar da vida conjugal, dos destinos sagrados do Lar; o *sentimento* do confiante e compartilhado amôr esponsalício.

Não podiam êste espírito e êste sentimento ser excedidos por quaisquer outros em alta e profunda significação moral, em superior valôr afirmativo

Só exigiam, para se nos representarem e comunicarem plenamente — como o exigia o próprio objecto inspirador — um especial concurso de delicadas faculdades e um estado de alma propício á integra concepção do livro, a manter-lhe unidade mercê dêsse têma central, sem prejuizo da variedade dos aspectos sob que o tratasse.

De que A. Sardinha possuía todas essas faculdades — não só, pois, as de ordem artística, mas tambem as que reclama a sincera expressão das emoções de ordem ètica — tinha eu sobejas provas nos seus precedentes livros e pelo que da sua vida conhecia.

Cumpria-me porêm verificar e dizer se elas se haviam combinado devidamente e no devido momento para a perfeita concepção e realização da nova Obra; se o Poeta, não esquecendo nunca o motivo dominante, teria conseguido dar-nos, na sèrie das composições reúnidas, notas suficientemente diversificadas — a multiplicar, por um lado, a glorificação do *objecto* inspirador e a evitar, por outro lado, o senão da monotonia, o arrefecimento do interêsse; se conseguira àlem disto atingir a manter o *tom* emotivo reclamado por aquêle *espírito* e por aquêle *sentimento*; se o livro satisfizera, em suma, o fim do Autor.

Ora apraz-me reconhecer que êste alcançou o seu intuito.

Sendo um louvôr plenário da Espôsa, o presente livro, em que tudo dEla

irradia e para Ela converge, constitui realmente — quanto á diversidade de aspectos sob os quais o Poeta A visiona e quanto á das situações em que A evoca — uma extensa galeria de quadros variados.

E' que a concepção da Obra e o processo por êle seguido — correspondendo á predominante intenção de exaltar o *objecto* do seu íntimo amôr—simultâneamente correspondiam a uma feliz inspiração de artista: a de desenvolver um motivo rico numa longa escala de valôres relacionados.

E tentá-lo significava realizá-lo possuindo, como possuía, as faculdades exigidas.

Não o satisfazia, nem como Homem nem como Poeta, evoca-lA e vê-lA apênas revestida dêste ou daquêle aspecto, nesta ou naquela situação—tal qual lhe tivesse aparecido ou A tivesse contemplado no presente e em ambientes conhecidos, todos.

Recorreria — para maior prestígio dEssa, que consagrava, e para mais belo e completo efeito da consagração — a tudo quanto, do Tempo e do Longe, lhe fôsse dado imaginar ou recordar como elemento e meio de exaltação.

Daqui, o têr-nos dado um livro tam fecundo de emoções e tam profuso de encantadoras notas.

II

Livro belo, com efeito — a começar pela poesia de abertura, onde à

Chuva da tarde — melodia mansa

é como que atribuída toda a sugestão de que a Obra nasceu; onde o Poeta confessa:

Só quero, Amor, saber do teu carinho!

e exorta:

Deixa que a sombra te emoldure a face,
— eleva no silencio a tua voz!
O Cântico dos Cânticos renasce,
— diria até que se escreveu p'ra nós!
.....

Acrescentando:

Chuva da tarde...
E o anel da Bela-Infanta
por nós agora ei-lo outra vez partido
Como na scena que o Rimance canta
que não duvide a Esposa do Marido!

Já dentro da série dos Sonetos que formam o coração do volume ora evocará, numa frêsca e dôce visão, (**Conto Infantil**) a criança que a Esposa haveria sido quando soprava ao ar balões de água e espuma

criando mundos na tardinha lenta

ou chorará com Ela a última boneca (**Elegia**)

Da tua infância,— vê que despedida!
restava-te ela só por companheira!,

ora (**Ouvindo a chuva**), enquanto o vendaval

condensa a fôrça trágica da treva,

aventará sêrem os dois — *por entre a vida e a morte* — sêrem os dois, isolados no mundo

como Adão e Eva.

Produzi-lA-há agora sôbre um fundo de longínquo quadro bíblico (**No deserto**), para a comparar a Rabeca, junto do pôço, e exclamar:

De ânfora baixa, à bôca da cisterna,
ficáste assim p'ra toda a tua vida,
matando a minha sêde, que é eterna!

Dir-lhe-há, no sonêto *Salomé*, revendo-a a erguer nos braços um açafate de morangos que sangravam, que lembravam uma cabeça decepada:

eras andando a filha de Herodias!

E ainda no mundo bíblico encontrará (**Velho motivo**), através um dos mais conhecidos sonêtos de Camões, azado ensejo para estabelecer doloroso confronto entre a sua pêna, de ausência e de saüdade, e a de *Jacob pastor:*

Rachel não era dêle e sempre a via,
emquanto que eu não vejo, noite e dia,
aquela que me tem por seu senhor!

Não sam menos apreciáveis os sonêtos em que as comparações e as imágens se inspiram de reminiscências cristãs; como **Janua Coeli** — onde o Poeta, vendo a Esposa-Amada a rezar por êle, piedosamente descreve:

É de ermidinha o teu perfil maguado.
Assim a Mãe de Deus, entre açucênas,
Acolheria a saüdação do Anjo!;

como *Cinzas* — tam nobre e gravemente impressionante pelo seu pre-resignado pensamento da última jazida:

Noivos ainda no tremendo lance,
que Deus nos dê um sítio em que descance
o corpo que Êle repartiu p'los dois!

O mesmo direi daquêles sonêtos que nos deixam vêr lendárias figuras, convocadas em homenágem à Esposa glorificada ou encarnadas no seu vulto airoso, e em que, à volta delas, se nos abrem quadros e planos comparáveis a *iluminuras* de romanceiros, a esmaltadas ilustrações de maravilhosos itinerários do Longe misterioso; daquêles sonêtos intitulados:

Ao crepusculo:

Ó Dona Infanta no jardim sentada;

Toada gótica — sonho hibernal de estranho encantamento —

Seguem-te os alicornes mansamente,
pastando neve na montanha azul...

Mirandúm — feliz aplicação, do caso aventuroso da popularizada canção, à própria situação do Poeta em frente da Esposa —

.....
Terras de Espanha, muito ao longe, — ao fundo...
E o Mirandúm, que deu a volta ao mundo,
nem quer lembrar o tempo em que as andou!;

Sonêto espiritual — transmutação do tocante poêma de Santa Iria no real e casto poêma do matrimonial amôr:

.....
Mas, ao contrário, Amor, do Cavaleiro,
não te arrastei a negro matagal!
.....
Trouxe-te, com encanto verdadeiro,
à grande paz do leito conjugal!

Iguais ou semelhantes palavras de admirativo aplauso me provocam: **Responso** e **Perfume errante**, enevoados de saüdade — aliviada no pensamento de que o coração do Poeta, **Regressando**, irá descançar tranquilamente nas mãos de menina e môça da Companheira sempre presente á memória;

Vesperal, **Carnaval**, **Fantasmas**, tocados de grácil e aristocrática arte no delicado desenho e nas fundidas côres com que o vulto da Inspiradôra sôbresai de históricos scenários — apropriados a darem-lhe amável ressalto.

Destaco o emocionante sonêto **Hora sexta** — atravessado da sempre viva, mas não desesperada, lembrança do filho môrto.

E bastará dizer, para se avaliar do mérito dos sonêtos **Anunciação, Georgica, Pastoral, Eterna Canção** que — transpostas nêles — as impressões da natureza e da vida, colhidas á luz e á sombra da Bem-Amada, guardam nessa transposição da realidade na Arte toda a fragrância e frescura nativas.

Podia o Poeta ter tirado da florida grinalda, em que envolve a Esposa, o **Sonêto de Ávila**; não faria falta. Mas compensa-lhe bem essa mancha discordante o que intitulou **Sonêto ingénuo**.

Tal mistério dêle ressumbra e tanto o repassa o espírito do antigo culto noturno do S. João, com esconjuros contra bruxêdos, actos de fé na virtude da «água santa», moiras encantadas na espessura dos arvorêdos, que — ao re-lêlo alto — tive a alucinação de que a sombra de Garrett vinha escutar-me...

Continua.

MANUEL DA SILVA GAIO.

Para cantares ao menino

(À MINHA MULHER)

E' um anjo! Socegadinho,
Vê como dorme, ó luar!
O' vento, devagarinho,
Deixa-o dormir e sonhar! . . .

E' um anjo! (A noite vai alta;
Tantas estrêlas no céu!
— A mais linda que lá falta
E' o filho que Deus me deu!)

E' um anjo! Dorme tão bem
O meu filho, o meu tesoiro!
— Esta graça de ser mãe
Não se paga a pêso de oiro!

Dôr's que passei, esqueci-as! . . .
¿Se êle sorri, que me importa?
Tristezas são alegrias,
Se hoje me batem à porta!

Tudo me diz o seu nome;
E' todo os meus desejos!
Não tenho sêde nem fome,
Senão fome dos seus beijos...

Vê-lo já grande e perfeito!...
— Horas, depressa! correi!
O filho que eu trago ao peito
Há-de ser talvez um rei.

Um rei!... O sonho consola;
E sonhos quem os não tem?
Mas antes peças esmola
Que faças chorar alguem!

Nunca te prenda a riqueza.
O' vida da minha vida!
Antes falte o pão na mêsa
Que ter a alma perdida!

....

E' um anjo! Socegadinho,
Vê como dorme, ó luar!
O' vento, devagarinho,
Deixa-o dormir e sonhar!...

Coimbra — Março de 1925.

António de Souza



Dois livros de Quim Martins

Valia bem a pena publicar em fac-simile ao menos um dos manuscritos do Dr. J. M. Teixeira de Carvalho, tão meticulosos, tão artísticos, tão dêle. Seria, quasi direi, indispensavel. Para êle, como para Gaston Paris, a erudição não era «a pesquizadora avarenta e cega que não gosa das suas riquezas.» Os documentos preciosos que tinha o dom de descobrir ás centenas, não lhe bastava decifrá-los, criticá-los, ordená-los em colecções do maior interesse para a história da arte e da sciencia em Portugal. A' paixão scientifica do pormenor exacto aliavam-se inextricavelmente os talentos do evocador e do narrador. Não lhe bastava ainda transformar a papelada poeirenta em capítulos cheios de pitoresco e de vida. O proprio manuscrito havia de ser tambem uma obra de arte. E é, na verdade, um prazer para os olhos percorrer essas laudas amarelecidas, em que tudo é decorativo, a letra, a estudada disposição, a tinta vermelha a ressaltar de onde em onde, as maiusculas, as vinhetas que a mão segura do desenhista abriu no texto saborosissimo do erudito e do mestre prosador. Quem algum dia as pôde folhear, logo entendeu por que excentricidade ingenua, talvez complicada de orgulho, talvez de malicia, o avarento — que nisto, sim, o foi — passou a vida a acumular inéditos sobre inéditos. Memorias onde reviver a cada traço as suas melhores horas, as horas de trabalho, com que relutancia as não confiaria ao inexpressivo tipo de fôrma?

Ele proprio no-lo conta nas confidencias preambulares do seu bem dedicado *Pedro Nunes*, ultimamente de novo impresso nos *Homens de outros tempos* (1). Se esta é uma obra magnifica em que o gosto artistico domina uma informação exaustiva, só o *Tempo perdido* (2), agora vindo a lume e êste pela primeira vez,

(1) *Homens de outros tempos*, com um prefacio do Dr. Ricardo Jorge. Imprensa da Universidade.

(2) *Tempo perdido*, prefacio do Dr. João de Barros. Idem.

dará a chave duma psicologia cheia de enigmaticos refolhos. Só essas baladas deixarão entrever na sua intimidade o temperamento do esteta extravagante, irónico, sensivel, que tantas vezes nos surpreende interrompendo a investigação mais erudita com um delicioso poema em prosa.

O poema em prosa — eis o seu predilecto, instinctivo modo de expressão literaria. E' um vinco irresistivel que, de facto, a cada passo o atraiçoa, para grande deleite do leitor, nos trabalhos de indagação. Ora! muito bem andou Quim Martins em não estabelecer barreira entre a forma scientifica e as suas delicadas músicas de gentilhomem de letras. Nisso se pôs ao lado do Conde de Ficalho, que tanto admirava. Precisamente nisso consiste o encanto inconfundivel que o põe a salvo do mais leve pecado de pedantismo.

Facilmente se manteria na grande tradição quem era, acima de tudo, artista. Escrevia como o pintor pinta ou o escultor modela. A si proprio se encantava com as harmonias sonoras e plasticas dos belos periodos. Visual por excelencia, comprazia-se em desenrolar uma serie de imagens colhidas com agudissima flagrancia quer do mundo da natureza, quer do da arte. O corpo humano constantemente fala aos olhos, ao mesmo tempo idealizado como uma estatua e palpitante de vida. Tinha o segredo de fixar a graça momentanea, o infinitamente-pequeno escolhido, expressivo, dum gesto, duma atitude:

«Traziam os dois um cesto cheio de fruta, um modo de ligarem as mãos sem ninguem reparar».

Há um sem número de pequenos quadros como êste, em que são igualmente admiraveis a composição, o desenho e a côr: a rapariga que entra no regato; o grupo de reis e de pastores numa escadaria de presepio; o dos anjos que todos querem ir pendurar no céu a estrela do Natal — «a lâmpada de ricas e antigas cinzeladuras». O contôrno, a curva, o movimento mais incoercivel, êle o sabe circunscrever com subtil exactidão.

Sente-se uma memoria recheada, saturada de impressões estéticas. Em quasi todas as páginas a preocupação de arte é evidente. Gostava de evocar os misteres artísticos, os barristas, os cinzeladores, os oleiros, como se neles reconhecesse o mesmo estofo de que era feito. Mas se a imaginação plastica é predominante, todos os sentidos sobem a raras acuidades, que lhe deixam destrinçar os fios mais delicados da sensação.

O escritor dotado de tão apurados sentidos havia de naturalmente tomar as sensações como a sua principal materia prima e, de facto, a sua prosa é, nesta acepção, essencialmente sensual. O elemento sensual de côr, de forma ou de som que existe em todas as artes, é o que sobretudo o atrai.

Mas mais penetrante, mais fresca, mais inédita, era ainda a sua sensibilidade ás coisas da natureza. Para os pormenores de extremo requinte tinha uma retina de japonês. Ao descrever de modo encantador o seu roteiro sentimental pelas igrejas de Coimbra em Quinta-Feira Santa, adivinha-se a que ponto as folhagens escuras e doiradas dos fetos lhe lisongeavam a vista e o tacto. Ao falar das suas bem amadas flores, das «plantas que ha debaixo de agua, tão finas», encontra expressões ideais de naturalista apaixonado e quimérico. A fantasia ou conto vibra então de pura alegria estética:

«No fundo dos valados corriam, em ondas de ouro e leite, regatos de

malmequeres; e da relva verde levantavam-se em hastes muito finas flores douradas, em que parecia soar como em campainhas a alegria da terra que na primavera ri seu riso de criança.»

Muitos se assombram de como Quim Martins conservou até aos ultimos escritos prodigiosa juventude. Mas não admira. Quem uma vez é novo, é-o toda a vida; e quem é velho, é porque sempre o foi. Nasce-se velho ou novo como se nasce loiro ou moreno. Claro que o autor do *Tempo perdido* viveu deslumbrado pela magia perpetua das sumptuosidades da natureza—e a isto se chama usualmente *perder o tempo*. A natureza, porem, gratifica os que lhe votam esse culto infantil revelando-se-lhes matinalmente esplendida, tal como surgiu toda nova dos limbos da Creação aos olhos do primeiro espectador. Tudo se anima ao toque da batuta maravilhosa perante o iniciado nos conclaves fantásticos das flores, nos sábates do vento, das aguas e da luz. E assim é que o grande paisagista das baladas entende o falar humanizado de cada figurante na eterna pantomima dos sêres. Os rochedos sobem em romaria até ao alto, as urzes levantam «os braços pequeninos e fortes como os das creanças», as brancas capelinhas «poem-se a rir ao primeiro beijo do sol». Assiste aos dramas rebuscados do sol e da sombra, dos nevoeiros e das árvores, com os olhos dum creador de mitos. Logo a forma se lhe tinge duma simplicidade tão linda, dum contentamento pueril de gnomo:

— «Como é bom a serra!»

O que caracteriza o seu compreender o mundo e a vida, a sua religião, digamos, é um paganismo anterior ao paganismo—o paganismo dos contos populares, dos contos de fadas, a que êle anexa amoravelmente a mitologia cristã. E' uma delicia o ciclo dos contos do Natal em que mistura as suas impressões da natureza e da arte, o reino da lenda e a vida pastoril. Gentilidade dum ovelheiro de presepio adorando com alma de infiel os semi-deuses do catolicismo. Porque o seu verdadeiro credo é o da natureza, o das forças elementares que animam plantas, pedras, homens, espíritos.

Para meu gosto a melhoria do volume é a serie de fragmentos duma talvez projectada novela mítica, cujos heroes seriam S. João e um pastorzito seu amigo. Essa alegoria do alvorescer, da primavera, da puberdade, tem a cristalinidade da agua virgem da serra ao saltar dos rochedos. Quim Martins é o poeta da adolescencia, que êle pinta com a frescura dum primitivo. Mas a novela, apenas esboçada, interrompe-se mal a inconsciente emoção se define num *nascer de amor*... E este medroso suspender da intriga é bem simbólico de certa contradição fundamental no temperamento de quem tão apaixonadamente principiara a urdí-la. E' a contradição de um paganismo de raiz, e contudo tímido, que em vez de se entregar confiado ao jogo das forças universais, únicas divindades que venera, se contrai, sensitiva demasiado casta, ao pressentir as experiencias do amor.

Há um compasso de indecisão sentimental em que o adorador de belas formas oscila entre o desejo e a renuncia. Nas suas fantasias irónicas ou ternas, o Desejo Vago estimula um cortejo de voluptuosidades agudas, mas curtas,

voluptuosidades de escultor a acariciar com mãos que ficam frias, um marmore luminoso e frio.

Réfléchissons...
ou si les femmes dont tu gloses
Figurent un souhait de tes sens fabuleux!

O seu lirismo divinisante persegue um sonho estético, eis tudo. Por isso tão depressa, e quasi sem conflito, se passa do aspirar inconcreto aos meandros da evasão. Dado irredutivel de sensibilidade que traça um apertado perimetro á sua arte excessivamente delicada. Porque tanto falta a exaltação olímpica do homem que vibra em unisono com a natureza, como faltam as dissonancias profundas do sofrimento e da luta. Ora o que se procura na arte é a plenitude: audaciosa plenitude de harmonia ou audaciosa, dilacerante plenitude de paixão.

Escasseiam, por conseguinte, as baladas, de certa altura em diante. Esgotados por assim dizer os desenvolvimentos artísticos do seu caso, Quim Martins iria embrenhar-se cada dia mais na investigação e na crítica.

*
* *

Ligeiro sumario dos *Homens de outros tempos*, pelo prazer de prolongar o encanto da leitura:

Logo o primeiro estudo abre por uma verdadeira balada em que o Conde de Ficalho nos aparece, «heroi de lenda popular pronto a sacrificar-se por um desencantamento», falando a cada planta «amorosamente, como se nela estivesse encantada a mocidade antiga duma nobre e gentil dona». E tanto peor para o leitor timorato que em seguida se deixe afugentar pela serie de documentos de que sai reconstituida toda a vida universitaria de Garcia d'Orta; porque, alem do mais, perderá os repousantes incidentes de humorismo que a todo o momento a inconvencional exposição lhe proporciona, ao mesmo passo que se vai animando em admiraveis quadros retrospectivos. Desfilam vultos grados do quinhentismo, Garcia d'Orta, Pedro Nunes, Diogo de Gouveia, figuras tão atraentes como a dêsse João Ribeiro, fidalgo e aventureiro que a miragem de negocios mirabolantes leva á Abissinia e que um naufragio converte á filosofia, professor na Universidade de Paris, depois na de Lisboa e, comerciante ou filosofo, sempre pobre. Em dia de S. Martinho assistimos a arcaicas cerimonias: Reitor, Conselheiros e *pessoas honradas* da Universidade ajuntam-se para eleger deputado lente; e escolhido o futuro autor dos *Coloquios da India* ei-los se vão com o Reitor, assim o preceituam os estatutos, *honradamente pera sua casa*.

Novo poema em prosa. O erudito narra emoções, acusa-se de fazer a história «como ela deveria ser, a história para mim, a minha história». Quer-nos, contudo, parecer que a objectividade dos seus métodos e a sagacidade da sua crítica desarmarão até o mais desconfiado inimigo do espírito literario na história.

Entre os bons padrinhos que nos ultimos tempos Pedro Nunes encontrou,

só Quim Martins á sua parte contribuiu para o esclarecimento da sua biografia com mais de cem documentos. Como dá prazer seguir todos os pormenores da jubilação no estudo agora reimpresso! Como deles ressalta a nobreza moral do cosmógrafo, que o impunha ao respeito dos coevos (*& mais sendo desta Calidade*), quando o vemos defender, mais que os proprios interesses, o alto ensino das matemáticas.

Novo ciclo de indagações, curiosissimo, em torno ao drama de S. João de Almedina, em que foi protagonista a filha de Pedro Nunes, *a dama da cutilada*. Ao passo que engenhosa, acuradamente, ressuscita a familia do sábio e a dos poderosos Sás, relanceia se toda a vida coimbrã na época da Renascença em curtos, intensos, pitorescos, bem condimentados episodios, sobre cujo fundo, orgulhosa dos seus feitos de «grande capitão», Guiomar se ergue, símbolo da ancia de aventuras que quasi por igual intoxicava homens e mulheres do seu tempo.

Agora, atravez da grande colheita documental do conego Prudêncio Garcia ignorada e amoravel figura que Quim Martins num dos seus retratos poéticos alumia de carinhosa luz, o comentario evocativo nos vai mostrando, sob todos os ângulos, uma figura predilecta — João de Ruão. Da sua terra, aonde o critico por sua causa fôra, acompanha-o á nova patria, em que o espera, como alem, a ma-



Desenho de Texeira de Carvalho

gia da paisagem e o terror da peste. Saudades da alva pedra da Normandia, bem lh'as mataria a pedra de Ançã, obediente e alegre, que o enamora e o prende a Coimbra. Para toda a vida êle alí fica, na plena febre manuelina de edificar. Ia-se a cidade transformando a olhos vistos: por toda a parte bairros novos, obras na Sé, obras em Santa Cruz, obras na alcáçova real. No fóco deste movimento, um cenáculo de artistas como Diogo de Castilho, Marcos Pires, Cristovão de Figueiredo. Neste meio João de Ruão casa e prospera. Os frades de Santa Cruz, só êles, enriquecem-o (e aqui um delicioso quadro das paixões musicais dos bons monges). As obras afluem; a gloria sorri-lhe; os filhos, e entre eles o futuro arquitecto da capela-mór dos Jerónimos, crescem, triunfam. E quando a velhice vem, sem lhe embotar o cinzel primoroso, só lhe acentua em traços mais crús a índole do normando ávido e arteiro. Este capítulo é um pequeno monumento que o autor levantou aos seus tres grandes amores: Coimbra, as artes plásticas, a Renascença.

O volume fecha com a caricatura do tôlo mistificador que se lembrou de naturalizar português o músico sevilhano Francisco Guerrero. Assim nos acompanha até á última página o riso do ironista perigosissimo que tanta vez se cruzou na obra do erudito e do crítico com um personagem mais intimo. Mas êste outro, atentemos bem, é o verdadeiro Quim Martins, o inveterado sonhador do *Tempo perdido*. Um crítico sentimental, no fim de contas? A' sua maneira. Ora, como queria Anatole France, «um crítico sentimental é por definição um poeta».

Carlos Manuel Ramos.

VI, VII e VIII. **Deus na Natureza,** por C. Flammarion, tradução de Domingos Guimarães. 3 volumes.
IX. **A evolução das sciencias,** por Houllevigne. 1 volume.
X e XI. **A Biblia da Humanidade,** por J. Michelet. Tradução de João Correia de Oliveira, 2 volumes.
XII. **Leis psicologicas da Evolução dos Povos,** por Gustavo Le Bon. 1 volume.
XIII e XIV. **Historia Social: o Povo,** por Michelet. 2 volumes.
XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX. **Historia da Revolução Franceza,** por Edgard Quinet. 6 volumes.
XXI e XXII. **Os Super-Homens,** por Emerson, tradução de Domingos Gnimarães. 2 volnmes.
XXIII, XXIV e XXV. **Socialismo.** I—*Os precursores.* II—*Os apostolos e a sua doutrina.* III—*As escolas actuais,* por Henrique Baptista. 3 volumes.
XXVI e XXVII. **Anglo-Saxões.** Causas da sua superioridade, por Edmond Demolins. Trad. de J. Minho. 2 volumes.
XXVIII. **Conselheiro do Povo,** por A de Lamartine Versão de J. Correia d'Oliveira. 1 volume.
XXIX. **Nova Europa,** por G. Wells. Trad. de A. Moreira.
XXX e XXXI. **Instituições Inglezas.** Questões antigas e modernas, por H. Batista. 2 volumes.

BIBLIOTECA DAS MARAVILHAS

Cada volume em brochura. . . . . 12$500
Encadernado em percalina (capa especial). 20$000

Ascensões (As) celebres ás mais altas montanhas do globo, por Zurcher e Margollé, versão de Emidio de Oliveira. 1 volume.
Balões (Os) e as viagens aereas, por F. Marion, versão de Alexandre da Conceição. 1 volume.
Fim (O) do Mundo, por C. Flammion, versão portugueza de Aires de Carvalho 1 volume. Nova edição no prelo.
Fundo (O) do Mar, por L. Sourel, versão de Moreira de Sousa. 1 volume.
Grutas e Cavernas, por Ad. Badin, versão de João de Oliveira Ramos. 1 volume.
Inteligencia dos Animais, por Ernesto Menault, tradução de Alexandre da Conceição.
Maravilhas celestes, por C. Flammarion, versão de Alexandre da Conceição. 1 vol.
Maravilhas (As) do mundo invisivel, por W. de Fouvielle, versão de Maximiano de Lemos. 1 volume.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Cantares d'Amigo, por Severo Portela, 1 vol. . . . . 10$000
Cabeça a Prémio (contos), 2.ª ed., por J. Leitão, 1 vol. . . . . 10$000
Calm, (Romance), por Antonio d'Eça de Queirós, 2 vol.. . . . . 15$000
Camilo, sua vida, genio e obra, por Paulo Osorio, 2.ª ed., 1 vol. . . 15$000
Casa de Camilo, por João Paulo Freire, 1 vol. com ilustrações . . . 5$000
Dom João, (Poema) por Silva Gayo. 1 vol. . . . . 7$500
Luar de Lagrimas. Contos por Celestino Gomes. 1 vol. . . . . 10$000
Lucernas, chronicas sobre arte por Aarão de Lacerda. . . . . 10$000
Maria Luísa, (cartas intimas), pelo Dr. Antonio Ferreira, 1 vol. . . . 8$000
Mario, Romance historico por A. Silva Gaio. 2 vol. com o retrato do autor . 15$000
Relicario de Simão Gouveia, pelo Dr. Sanches da Gama. Edição luxuosa. 1 vol. . . . . 25$000
Ritmo de Bilros, lendas do Minho, por Artur Maciel. 1 vol. lindamente ilustrado . . . . . 15$000
Tres Sois, *Sol Nado, Sol Alto e Sol Posto,* (poesias) por Vidal Oudinot. 1 volnme . . . . . 10$000
Vinte cartas de Camilo, por José Caldas, 1 volume com os autografos de Camilo zincogravados . . . . . 10$000

DIÓNYSOS

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Director—Aarão de Lacerda
Secretário—José Maciel Ribeiro Fortes

EDITORES E PROPRIETÁRIOS
Companhia Portuguesa Editora, L.da

Redacção e Administração — **Rua da Boavista, 307 — PORTO**

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Secretário da Redacção.

SÓ SE PUBLICAM INÉDITOS

O N.º 2 SAIRÁ NO PRÓXIMO MÊS DE OUTUBRO

Aberta desde já a assinatura na

Companhia Portuguesa Editora, L.da

e em todas as livrarias

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

CONDIÇÕES PARA A ASSINATURA:

Cada fascículo	10$000
Grupo de 10 fascículos	80$000

Cada fasciculo é liquidado no acto da entrega

Nome _____

Deseja assinar _____ **fasc., que liquidará no acto da recepção**

Morada _____

Localidade _____



Capa de JOSÉ CYRNE

DIÓNYSOS

Companhia Portuguesa Editora, L.da

SÉDE — Rua da Boavista, 307 SUCURSAL — Rua do Almada, 123
PORTO — PORTUGAL

Premiada com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro em 1922

EXTRACTO DO CATÁLOGO

Arte (A). Palestras simples para uso da juventude, por Elias Pécaut e Carlos Veaud, versão e notas por José Agostinho. Apendice sobre a Arte em Portugal por João Augusto Ribeiro. 1 vol. brochado . . . . . Vai reimprimir-se.
Edição quasi exgotada.

Amôr de Perdição (Memorias duma familia), por Camilo Castelo Branco. 1 vol. brochado. Edição Popular . . . . . 6$000
Edição especial com ilustrações. . . . . 15$000

Amôr (O) e a Morte, no drama e no romance. Conferencia realisada no Teatro Principe Real, de Lisboa, em 11 de março de 1909, por Paulo Osorio. 1 vol brochado . . . . . 6$000

Amôres. Poesias, por Diogo Souto, com uma carta de Camilo Castelo Branco, e o retrato do autor. 1 vol. brochado . . . 8$000

Ana Bolena, romance historico, por D. Ramon de Luna, tradução de Cruzeiro Seixas. 4 vol. illustrados, brochados . . . . 24$000

Anais Politicos da Republica Portuguesa — da proclamação da Republica ás primeiras tentativas de restauração, por Joaquim Leitão. 1 vol. . . . . 10$000

Através do «Livro Branco». Uma pagina da Historia Contemporanea, por Paulo Osorio. 1 vol. brochado. . . . . 8$000

Autores omitidos no vol. XVII do «Dicionario Bibliografico Portuguez», por Joaquim de Araujo. 1 vol. brochado . . . . 5$000

Babilonia — O Festim de Baltazar. Romance original dos tempos de Nabucodonosor e Labinetus, por Souza Moreira. 1 volume brochado . . . . . 12$500

Baladas do Occidente. (Versos), por J. Leite de Vasconcelos, 1 vol. brochado . . . . . 8$000

Banhos de Caldas e Aguas minerais. por Ramalho Ortigão, com uma introdução de Julio Cesar Machado. 1 vol. brochado . 20$000

Bastardo (O), — scenas da vida contemporanea — por Julio Lourenço Pinto. 1 vol. brochado . . . . . 15$000

Bombardeamento (O) de Alexandria, por A. Martins. (Versão do inglez) 1 vol. brochado. . . . . 5$000

Bon Odori. Contos e costumes do Japão, por Wenceslau de Morais. Nova edição, no prelo . . . . . .

Brazil. — Discurso proferido em sessão solene do Centro Comercial do Porto, comemorativa do reatamento das relações diplomaticas entre Portugal e os Estados Unidos do Brazil, aos 24 de Maio de 1894, no Real Teatro de S. João, por Bernardo Lucas (Dr.). 1 vol. brochado. . . . . 4$000

Bruno Ragaz. (anarquista) por Teotonio Filho. 1 vol. brochado . 8$000

DIÓNYSOS

3.ª SERIE

REVISTA BIMESTRAL DE FILOSOFIA, SCIENCIA E ARTE

DIRECTOR
Aarão de Lacerda

SECRETÁRIO
José Maciel Ribeiro Fortes

EDITORES E PROPRIETÁRIOS
COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.DA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA BOAVISTA, 311 — PÔRTO

TELEFONE 4715

OUTUBRO DE 1925

N.º 2

SUMÁRIO

Aarão de Lacerda	À memória de José Cyrne.
Abel Manta	José Cyrne (retrato).
Alberto Brochado	A Percepção Musical.
António Ferreira	Soneto.
Francisco Pereira de Sequeira	O Saboroso engano.
Alexandre José Sarsfield	A casa que Colombo habitou.
Manuel da Silva Gaio	Um Poeta — (A. Sardinha).
Pinto de Lima	Descobertas modernas no Egipto.
Mateus de Macedo	Noite.
Artur de Magalhães Basto	No tempo dos feitores da Flandres.
A. A. Mendes Correia	As primeiras migrações humanas.
José Cyrne	Rapscdos (aguarela).
. . . . .	Bibliografia.

COMPOSTO E IMPRESSO
NA
Companhia Portuguesa Editora, L.da
PÔRTO

N.º 1

SAÍDO EM JULHO

SUMÁRIO

Aarão de Lacerda.	A «Diónysos».
F. Gomes Teixeira	Hypátia.
Mário Beirão	Assis.
A. A. Mendes Correia	A atitude moral.
Visconde de Vila-Moura . . .	Flores de vidro.
Ângelo César	Lôas do Natal.
Pedro Victorino	O portal românico de Anciães.
Alexandre José Sarsfield . . .	A Atlântida.
Pinto de Lima	Descobertas modernas no Egipto.
Freitas Gonçalves.	Schumann na sua obra de piano.
José Maciel Fortes	A origem do Fado.
Acácio Lobo	Pelos domínios da Gramática.
M. S. Gaio	Um Poeta (A. Sardinha).
Antonio de Souza	Para cantares ao menino.
Carlos Ramos	Dois livros de Quim Martins.
Acácio Lino.	O Grande Desvayro.



JOSÉ CYRNE

Desenho de Abel Manta—1918.

Tipografia da Companhia Portuguesa Editora, L.da

À memória de José Cyrne

A revista *Diónyses* dedica a José Cyrne, seu colaborador, Artista morto agora em plena juventude, as suas palavras de despedida e de saüdade.

José Cyrne foi um torturado: a angústia da Perfeição deu-lhe horas de um desânimo que aumentou sempre, à medida que os anos corriam. Fitou muito alto grandes desígnios... mas tudo se lhe esfumava num desalento que por vezes o constrangia a deixar cair os braços numa renúncia amargurante.

Da sua sensibilidade ficaram algumas páginas de Arte, que mãos de Amigos conservam agora com mais ternura: são composições que documentam a sua inspiração, a sua ânsia de Beleza, o requinte do seu invulgaríssimo espírito!

Aarão de Lacerda.



A Percepção musical

Na minha conferência (1) sobre a psicologia e patologia da linguagem musical trato, ao de leve, o importante assunto que serve de titulo ao presente trabalho em que me proponho dar um desenvolvimento um pouco maior a êste interessante problema, estudando-o à luz da moderna psicologia, o que constitue uma modesta contribuição para a estética musical.

De tôdas as definições de música aquela que me parece mais precisa e profunda é a de Combarieu: «a música é arte de pensar com sons». E, efectivamente, mesmo a música pura, aquela que se limita ao domínio das representações sonóras, sem pretender sugerir estados emotivos, ou despertar, na kaleidoscópia mental, imagens provenientes de outros orgãos sensoriaes ou até ideias, a música pura, dizia, é a expressão dum pensamento.

(1) Conferência realisada na Associação Médica Lusitâna em 23 de Julho de 1925.

Quando ouvimos um trecho musical, embora despído da sua harmonía, o nosso ouvido concebe harmónicamente todos os sons que se sucedem, isto é, relaciona-os com os acordes a que êles pertencem e subentende o que não ouve.

A melodía é, pois, um sistema de relações, e afirmar uma relação é fazer um juízo. A inteligencia intervem, pois, para comparar e apreciar. Esta a razão que torna possível um pensamento musical. Eis, em síntese, a justificação que Combarieu apresenta da sua excelente definição.

Durante séculos os compositôres limitaram-se a explorar os recursos do vocabulário desta linguagem, enriquecendo, progressívamente, os seus meios, até às complicadas e, por vezes, pedantêscas combinações sonoras dos mestres contrapontistas dos séculos XV e XVI. Mas eis que, pouco a pouco, surge um e outro génio de mais agigantada estatura, o qual domina, portanto, um horisonte mais vasto e entrevê na línguagem dos sons maior soma de possíbilidades expressívas, alargando assim o património das fórmas recebidas. Giovanni Gabrieli, Monteverdi, Schütz, Kuhnau, Bach (1) marcam outras tantas étapes nessa progressão para novos e desconhecidos horisontes, e a música torna-se a línguagem da emoção, traduzindo a dôr e a alegria, o pranto e o riso, ou segere ideias, formas, côres e movimentos.

Mas, fundamentalmente, a líguagem sonóra conserva a mesma estructura intrinseca. «Toca-me primeiramente a tua música; o programa agradar-me-há, em seguida, se aquela fôr bôa» dizia Schumann a um joven que lhe explicava o programa duma sinfonia.

Durante largo tempo os psicólogos das mais diversas escolas explicavam a percepção da linguagem como uma espécie de movimento rectilíneo; os sons articulados que constituem a palavra iam despertar no repositório da memória as imagens correspondentes, às quais se associavam as ideias expressas pelos vocábulos.

Bergson, numa crítica vigorosa desta concepção, considera a percepção como um circuito fechado: é preciso que o ouvinte se coloque imediatamente, entre as ideias correspondentes às expostas

---

(1) E' sabido que Schweitzer demonstrou cabalmente que Bach, ao contrário do que geralmente se afirmava, era um delicado poeta musical. E' possível que as imagens musicaes que se encontram a flux na sua obra, e que Schweitzer estuda com rara penetração e erudição, fossem inconscientes e não o fructo dum trabalho reflectido e voluntário, o que nada prova em contrário e é tanto mais característico da grandeza do seu génio criadôr.

pelo outro interlocutor e as desenvolva em representações auditivas, que recobrirão os sons brutos, encaixando-se elas próprias no esquêma motôr.

Assim é que, consoante a nossa atitude mental, percebemos duma ou doutra fórma os vocábulos que entram num calembour fónico. Compreender a palavra de outrem consiste em reconstituir inteligentemente, isto é, partindo das ideias, a continuïdade dos sons que o ouvido percebe. No meu trabalho sôbre a *Patología da línguagem e da percepção*, desenvolvo largamente êste interessante problema.

Vejamos agora se alguma analogia existe entre a percepção musical e a verbal. Evidentemente, o pensamento musical na sua fórma pura, como acima definimos, é inteiramente *sui generis*, intraduzível por palavras. Compreender uma melodia significará, adoptando e adaptando a tese bergsoniana, desarticular convenientemente e reorganisar de novo a continuïdade sonora que o nosso ouvido regista. Para isto, o ouvinte deve colocar-se na atitude mental conveniente, isto é, fixar no seu espírito, consciente ou inconscientemente, uma dada tonalidade à qual vae referindo os diferentes sons que se sucedem no tempo, os quais ainda vão sendo relacionados entre si, e com outros sons que, ouvidos ou subentendidos, formam o substractum harmonico da frase melódica.

No som que ouvimos presentemente persiste (1), por assim dizer, um prolongamento do som anterior, de tal modo que é com tôda a razão que Bergson diz que nós ouvimos, fundidas umas nas outras, as notas duma melodia.

Suponhamos que, no tom de *dó*, *sol* é a segunda nota dum grupo melódico. A impressão que recebemos dessa nota depende inteiramente daquela que a precedêr. Se esta fôr *dó*, *ré* ou *mi* o efeito produzido pelo *sol* é diferente. No segundo som ha, por assim dizer, um prolongamento do primeiro que se funde com êle. O mesmo acontece com uma série mais longa de sons formando um período musical.

Por outro lado, uma mesma seqüência sonora, *sol fá mi*, por exemplo, forma um sentido completamente diverso, conforme pertencer ao tom de *dó*, de *fá*, de *ré menor*, ou de *lá menor* (gama melódica descendente). O fulcro tonal, o ponto de apoio ao qual o nosso espírito refere essa seqüência de sons é diferente nos quatro casos supostos.

---

(1) Debaixo do ponto de vista psicológico.

Mesmo que ouçamos uma melodia, despida de qualquer acompanhamento, o nosso espírito, modelado por uma longa experiência e pela hereditariedade, concebe harmónicamente a seqüência sonora e subentende o que não ouve. Na escrita harmónica recorre-se a cada passo a esta faculdade. Ouvindo os sons *sol si*, emitidos simultâneamente, nós subentendemos um *ré*, se a tonalidade do trecho é *sol* e se o sentimento dessa tonalidade não foi enfraquecido ou destruído por nenhuma modulação; mas subentendemos um *mi* se a tonalidade dominante é *mi menor*.

Podemos, portanto, dizer que, da mesma forma que um ouvinte acompanha o discurso do seu interlocutôr, refazendo por sua própria conta as palavras empregadas por êste, e preparando mentalmente as que êle vae pronunciar, (a ponto de lhe sugerir um termo que momentaneamente lhe escape), identicamente o ouvinte músical vae preparando mentalmente o quadro em que se devem mover as formas sonoras, de modo a perceber as afinidades ou os contrastes entre os sons que se sucedem na frase melódica.

Eis a razão da necessidade de uma educação (1) apurada para a compreensão da música de certo nível artístico. O inculto musical não possue no seu espírito esquemas adequados para recobrirem as fórmas musicaes, para êle complicadas e insólitas.

O princípio da preparação e resolução dos acordes dissonantes baseia-se inteiramente na fusão mental dos elementos da linguagem musical. Os acordes precedentes penetram os seguintes e o hábito fixa o modêlo dessas séries sonoras que se tornam uma necessidade do espírito.

Na música moderna o sentimento da tonalidade vai-se perdendo, gradualmente, assim como a necessidade da preparação e resolução dos acordes dissonantes se vai tornando cada vez menos rigorosa. Devemos lembrar-nos que, das espécies zoológicas, às civilizações e às línguas, em todos os sêres vivos e suas manifestações nós encontramos o trabalho potente da evolução, transformando e modificando, a ponto de tornar irreconheciveis os aspectos anteriores.

As limitadas proporções do presente trabalho não me permitem desenvolver êste ponto. A história da música mostra-nos que, em regra, os grandes génios, não se limitaram a jogar com as noções

---

(1) Não quero dizer necessariamente educação técnica.

adquiridas pelas gerações precedentes, e, salvo raras excepções, juntaram sempre qualquer coisa ao património artístico do seu tempo. Mas o espírito humano, eminentemente maleável, adapta-se, em breve, a todas as novas fórmas que constituam uma necessidade psicológica.

Um dos elementos da linguagem musical a que o homem é mais sensível é, certamente, o ritmo. Um trecho de ritmo vivo e uniforme tem o seu sucesso garantido junto do grande público, pela economia de trabalho mental que permite. O espírito encontra um quadro simples e cómodo onde encaixar as combinações sonoras. E' sabido que o ritmo é um dos elementos mais poderosos da unidade (1), que é, por sua vez, uma das condições fudamentaes de toda a creação artística.

Julgo, pois, ter mostrado que na percepção músical se estabelece o mesmo circuito de que fala Bergson a propósito da percepção verbal. O trabalho activo do espírito é paralelo á recepção passiva dos órgãos sensoriais e dessa maravilhosa sinergia resulta a percepção.

Se passarmos agora às fórmas expressivas e descriptivas da música encontramos identicos fenómenos. E' evidente que nêste caso é mais estreito o paralelismo entre as duas linguagens. E' certo que a linguagem musical não pretende chegar ao mesmo grau de precisão que atinge a linguagem verbal, embora seja inegável que a superioridade pertence à primeira na expressão da intensidade das emoções. «A música, diz Ganche, é a linguagem discreta do coração, que traduz tudo, deixa tudo imaginar e não precisa nada». Mas «talvez mesmo nesta indecisão misteriosa resida uma parte dos efeitos mais fascinadores da música» (2).

Um acorde dissonante, todos o sabem, pode exprimir a dôr, o terrôr, a inquietação, etc. O conjuncto dos sentimentos dominantes no trecho em questão, isto é, a atitude psicológica anteriormente adoptada pelo espírito é que precisará a *nuance* emotiva expressa por êsse elemento da linguagem sonora. Identicamente é o sentido geral da frase que dá a indicação segura do significado das palavras homófonas. O verbo *partir* é compreendido no sentido de *quebrar* ou de

---

(1) Devemos notar que as fórmas ritmicas elementares mais interessantes se baseiam na desigualdade da divisão do tempo. O ritmo estabelece, pois, a unidade na diversidade.

(2) Alberto Brochado. Os efeitos psicofisiológicos da música. Porto, 1916.

saír de um dado ponto conforme as ideias anterior ou posteriormente expostas na frase verbal.

Nas fórmas superiores da música, a inteligência duma composição não depende apenas da identificação das frases melódicas ou harmónicas ou dos trabalhos contrapuncticos que o constituem. Quem não penetrar a estructura dum trecho musical não apreende, evidentemente, o seu significado e o seu valôr. Ora esta apreciação da fórma constructiva dum trecho depende da comparação que a nossa mente estabelece entre os diferentes elementos do desenvolvimento músical, apreciando-lhes as afinidades e os contrastes e fundindo-os num todo sintético cuja imagem vaga nos perpassa no espírito sem que, no entanto, dela possamos dar uma pálida ideia por uma transposição verbal.

Uma frase musical é formada de períodos, os quais ainda se compoem de vários grupos melódicos. Se a nossa mente não pudesse estabelecer um confronto entre dois períodos que se sucedem era impossível apreender o significado duma frase musical. Ora, para êsse confronto, é indispensável que o período precedentemente exposto fique latente no espírito de modo a podêr ser comparado e relacionado com o período seguinte.

No decorrer dum desenvolvimento musical aparecem temas, ou fragmentos, ou ainda deformações de temas, expostos precedentemente. Sob pena de nada compreender nêsse desenvolvimento, é necessário relacionar, comparar os elementos actuais do discurso músical com os anteriormente expostos.

Creio que todo o precedente estudo é suficiente para mostrar a natureza do trabalho psicológico que se opéra na audição dum trecho músical, trabalho de análise, de sintese e de abstracção, de complexidade tanto maior quanto mais elevado fôr o nível artístico da composição executada.

ALBERTO BROCHADO.

SONETO

por *António Ferreira.*

Lima, rio da lenda e maravilha,
Terás em breve a ninfa encantadora
Que dos Amor's na venturosa Ilha
Ao pé de ti idealizei outrora.

E' a ternura em flor, a casta filha
Do meu sonho, que julgo a cada hora
Vêr nos teus sinceirais, e que rebrilha
Só para mim de luz deslumbradora.

Ao vê-la, afrouxarás o movimento
Para espelhar em ti sua candura,
Seus olhos de magia e encantamento...

E, nêsse enlevo de ideal ventura,
Minha lira terá mais brando acento
E as tuas doces aguas mais brandura.

(Do livro *Limianas*, no prélo).

O Saboroso engano

I

«Mas eram tristes os paços
«viuvos dos nossos reis,
«eram alcouces devassos,
«escravos d'extranhas leis.»

THOMAZ RIBEIRO—*D. Jayme.*

N'AQUELLA recita de caridade, offerecida por um capricho elegante e inexplicavel a quem não conhecesse certos manejos ultimamente seguidos e adoptados com proveito pela Finança indígena, a um vulto em destaque da colónia hespanhola, foi talvez Estella Sandoval a única pessoa que não soubera repousar nem interessar-se.

Parecia martyrisada numa anciedade carinhosa que apenas se difiniu, no instante em que assomou, no camarote mesmo em frente, a terna e duvidosa physionomia de Eduardo.

Eduardo Gamboa — apellido materno com que era conhecido

nos meios elegantes, porque no official e commercialmente era apenas Eduardo Sá — tinha uma gentil e androgyna apparencia, quasi para lamentar junto do altaneiro perfil, da formosura elegante e cubiçada de sua Mulher, a fidalga e desesperante Guida Salreu.

Mas Estella queria-lhe mais do que à Vida, que por elle sacrificara o maior thesouro, o mais intimo segredo até então guardado pelo seu orgulhoso desprezo, triumphante de todos os demais homens. —E era tão sôfrega, tão ardida a expressão de olhar com que pretendeu acariciá-lo que nem teve o pudor supremo de resguardar-se, emquanto desviava, apparentemente, o olhar da expressão delle — porem mostrando a radiante promessa da sua linda bocca!

Num vagar sapiente, cruzando ligeiramente a perna bem calçada n'uma intenção de minucioso requinte perverso, ageitou a posição dos hombros no rebordo poeirento da friza para, simultaneamente, ostentar interesse pelo que decorria no palco; mas, vibrando em verdade, unica e intensamente, na contemplação, culpada e maravilhosa, do senhor da sua alma, na causa irresistível de todo aquelle tardio e infinito amor.

Com o sublime e descuidado orgulho das grandes amorosas, Estella aguardara a sua chegada como um facto certo — e dir-se-hia que preparava as mais intimas parcellas da sua alma, as fibras inteiras do seu lindo corpo de offertada, como para um desafio sem treguas, o roubo insultante das attenções dêsse homem querido deante dos olhos castos e desprezadores da outra mulher, da Verdadeira.

Esperava, de resto, a visita delle para, das suas palavras, colher a promessa do seu ultimo requinte de amoroso, da mais irrefutavel prova do carinho que ainda esperava...

Numa ingénua impaciencia foi seguindo, sem escutar, o movimento do palco onde, uma e duas vezes, aquelle público elegante — um verdadeiro público de sarau caridoso — fazia repetir um quadro celebre da *zarzuella* que tinha enchido o ócio encalmado, pelas noites do verão findo, em Madrid.

Aquella flôr de graça *castiza*, com saborosos trocadilhos de intenção tauromachico-sentimental, viera adaptar-se por inadiaveis imposições da empreza e dos promotores da Festa, ao contraste dos outros números, onde interviriam artistas bem nascidos, affirmações surprehendentes de genio...

«*A bon seigneur, toute honneur* ».

Quatro marmanjões, de habitos talares, avançavam ao proscenio, ante nova intimação ruidosa da Plateia. Queria esta que um delles, o mais alentado — *facies* de cantor de Egreja numa revigorada pescoceira de *picaor* — vocalizasse esta affirmação, piedosa e compungida num convencionalismo de opereta-sacra:

«*Los habi... tantes de Cólon*
«*barbaró... bár-baró... baar-baro son!*

Porém, dois pelo menos dêstes amoraveis definidores, não passavam duns prestantes burlões que iam, ao mosteiro de «*Las Veronicas*», para reintegrar uma pobre noviça a dentro dos braços do seu requestador... e das surprezas inquietantes «del mondo» — «*mondo, tremebondo!...*» — exorcismado na sua retirada a passo suspenso, entre cancanesco e grave que mostrava, em vez da sandalia, um tornozello afiambrado nas madrilenas graças dum calçado de phantasia.

Na própria crise de sentimento em que se demorava, Estella ainda logrou alento para sorrir.

A sua doentia experiencia de mulher, gasta em desillusões, fatigada e descrente logo ao sahir da primeira mocidade — sem, comtudo, ter chegado a perder a mesma hieratica, e até agressiva, maneira de ser em face do homem — deixou-a considerar, num tom de quási desconfiança, o primeiro cantor garganteando uma indulgencia num trocadilho qualquer:

«*Benedicat*
«*Dicatin, dicataan*»...»

Não se illudia.

Aquelle titere, com a mascula inserção do seu cachaço taurino, o inquieto vigor expresso nos olhos negros, a própria suavidade na voz que resistira a uma existencia de intemperança — machina de seducção tremenda e brutal — haveria de conseguir inúmeras attenções femininas, de ser a inaudita razão de muito vergonhoso drama.

Ah! como esta insulsa comédia a irritava, como eram baixas, sempre, as mascaradas porfias do sentimento! Como ella, mulher, se julgaria para todo o sempre escrava se tivera cedido, num instante só, ao mesmo voluptuoso engano, seguido sempre da mais violenta revelação!

Como ella se sentiria soberana ás mais se não fôra...

—«Ah!...»

O intervallo mal tinha findado e já sentia perto de si a chamada anciosa e a respiração quasi febril de Eduardo Gamboa.

Era um abortozinho curioso, aquelle derrancado exemplo gentil duma civilisação falhada, esse infeliz bem amado — o homem que, de todo e inesperadamente, desnorteara o altivo e enigmatico temperamento de Estella Sandoval!

—«Não me esperavam ainda, com toda a certeza» — observou elle, na doce cadencia toda lisboeta, onde os *rr* se trocavam por *gg* —«tambem, foi um *tour de force!*...»

Muito lindo, quasi compromettedor na côr *mate* da sua pelle muito cuidada, na ternura oleosa dos seus olhos sonhadores, dava a illusão — logo desmentida na queda antipathica do nariz semita — dum incomprehendido e nobre fim de raça ou, quando muito, dum ser delicado mas lastimosamente perdido como todos os que, numa altaneira renúncia, não se dignam disputar em terreno de inferiores.

Mas era tão fugidia essa primeira impressão...

Os gestos arlequinados e o preciosismo torpe, estudado em confeitarias, trahiam logo a sua origem baixa e os alicerces de lodo com que o apellido materno, a sua propria razão de sentir, a todo o instante se debatiam.

O proprio casamento com a maravilhosa Guida Salreu — um motivo de tela Gainsborough, envergando fatos *tailleurs* por desfastio de rainha — obedecera á mesma tendencia, em grande parte ao carinhoso interesse da Mãe, receosa de vê-lo perder-se num meio que ella não entendia, mas onde findava a masculinidade antiga — e os derradeiros leitores de Eça descambavam, não o podendo entender, numa adaptação herética e descomposta dos repugnantes adaptores de Wilde.

O helenismo numa linda capital barbaresca e orientada por mulatos!...

Uma geração que não teve as sólidas e inconfundíveis noções de Humanismo; que descreu de si mesma e nada chegou a comprehender, sôbre a orientação, que lhe cumpria seguir, para de todo se não perder.

Por isso, e por altas conveniencias de Família, tinham apressado o casamento — de que elle tão galantemente se despreocupava e tão estouvadamente ia agora compromettendo.

Do sangue de seu Pai, raça esperta de chatins e christãos novos,

impenitentes e devassos, herdara o desprezo de certas Leis Santas, o saciado nojo da Mulher legítima e o gosto dos prazeres que passam. E a posse de Guida Salreu era, para si, no accomodatismo duma sociedade desfeita, um pretexto de irresponsabilidade ante o perigo das luctas politicas — Eduardo vivia no revolucionado Portugal de 919 — e um incentivo, necessariamente *cauto*, ás senhoras menos honestas que pretendessem disputá-lo.

Foi assim mesmo que Estella o encontrou.

Frágil mas bondoso, falso mas incapaz duma vileza, irresponsavel pelos seus crimes como indigno de qualquer elogio aos seus merecimentos, esse Filho duma Fidalga pobre e dum judeu ambicioso, consubstanciara o drama inteiro duma raça fallida.

E, se a desilludida experiencia de Estella consentiu adaptá-lo a si, foi decerto como desfastio do seu velho orgulho de incomprehendida, como íntima e dolorosa recompensa dos seus trinta e cinco annos, curiosos e desilludidos.

Mas com que torturada expressão, nessa hora, a torturada mulher o acolheu!... Ainda com a alma inteira agitada na recente evocação da sua falta, o longo olhar quente dizia a infinita gratidão e o indizivel orgulho de sabê-lo muito seu — cuidando-o muito prêso a ella pelo reconhecimento ao doce opprobrio a que tinha sujeitado o seu tenebroso temperamento de transviada...

FRANCISCO PEREIRA DE SEQUEIRA.

Do livro em preparação «*Memorias d'uma Côrte sem Rey*».





A propósito da casa que Cristóvão Colombo habitou na vila do Funchal

(SÉCULO XV)

A NOSSA gravura representa a fachada principal da casa da rua do Sabão, da antiga vila do Funchal, onde, segundo a tradição conservada inalteràvelmente até aos nossos dias, residiu Cristóvão Colombo.

Quem rascunha estas linhas conheceu-a ainda erecta na sua majestade histórica.

Hoje já não existe!

É apenas uma visão extinta, uma especie de superstição do passado, talvez a sombra de um espectro esfíngico a erguer, na ossatura descarnada das suas pedras mortas, o mudo e silencioso protesto contra o vandalismo dos homens.

O grande Alexandre Herculano, o maior português do nosso tempo, cheio da autoridade do seu incorruptivel caracter e da sua prodigiosa mentalidade, ergueu — «um brado a favor dos monumen-

tos da história, da arte, da glória nacional, que todos os dias vemos desabar em ruínas.»

Mas êsse brado patriótico, de uma grande elevação moral, não foi compreendido pela edilidade funchalense, que, irreverentemente, sem a menor noção do valor histórico dêsse raro e bem notável monumento, o fez demolir, em 1877, sob o pretexto frívolo e ridiculamente mesquinho, de abrir uma ligação mais entre as ruas do Sabão e do Esmeraldo, ligação, aliás, absolutamente desnecessária.

Êste palacio do século XV, senão o mais antigo, com toda a certeza um dos mais antigos da ilha da Madeira, cuja fábrica primitiva foi nitidamente de estilo Gótico, e mais tarde restaurado sob os auspícios da Renascença, pertenceu a Jean d'Esmenaut, rico fidalgo flamengo, que em 1480 veio viver para esta ilha, e a quem o povo chamou João Esmeraldo, nome com que ficou na história.

Quem o mandou edificar?

Não é fácil responder a esta pregunta, nem mesmo sei se ela poderá ter um dia uma resposta concludente.

Porque, quando se entra no estudo e na crítica de datas, encontram-se, por vezes, dificuldades que enredam e emmaranham factos históricos.

Assim, as datas de 1418 e de 1419 serão acaso as das descobertas do Pôrto Santo e Madeira?

Parece que não, embora em todos os livros, ou em quase todos, que temos lido, se faça uma afirmação peremptoria a êsse respeito, aceitando-se sem discrepância essas datas como um autêntico facto histórico.

O eminente investigador, Dr. Jordão de Freitas, director da Biblioteca da Ajuda, e ilustre madeirense, em um opúsculo publicado em 1911 — *Quando foi descoberta a Madeira?* — afirma, com monumentos históricos à vista, que o arquipélago da Madeira vem já mencionado em cartas geográficas anteriores á sua descoberta por Joam Gonçalves, sendo a primeira reputada de 1351, no reinado de D. Afonso IV; a segunda de 1375, no reinado de D. Fernando; e a terceira de 1384, no começo do reinado de D. João I.

Além disto, se a lenda de Machim tem algum ponto de verdade, se os dois amantes escossêses aportaram á Madeira em 1344, tal facto, diz o Dr. Jordão de Freitas, em nada prejudicaria a verdade, conquistada para a História, de que os portuguêses contemporaneos do Infante D. Henrique, foram os primeiros povoadores das ilhas dêste arquipélago.

Daqui se conclue naturalmente que as datas de 1418 e de 1419 sejam na realidade não as da descoberta do arquipélago madeirense, mas sim as da sua redescoberta.

Temos também na linda janela geminada desta tão opulenta casa, e que por si só vale o monumento, uma data inscrita no capitel do colunelo que a divide, e que o grande investigador Brito Rebelo, seguindo a opinião de D. Ventura Callejon, fixou em 1457.

Mas, aparecendo mais tarde dúvidas sôbre a verdadeira inscrição encontrada na referida pedra, o erudito e talentoso escritor madeirense, o major sr. Reis Gomes, sem dúvida alguma o primeiro homem de letras da Madeira, na actualidade, verificou com os seus próprios olhos que a data gravada era a de 1494.

E essa verificação foi possivel fazer-se, porque, felizmente, as pedras dessa janela ainda existem na Madeira.

E aqui aparece o primeiro embaraço, porque se essa data de 1494 representasse realmente a da construção do Palácio, nunca Cristóvão Colombo poderia ter nêle habitado, por isso que saíu da Madeira em data anterior, tendo feito a sua primeira viagem, ao serviço dos reis de Espanha em 1492.

Todavia, poderemos talvez ligar as duas datas deixando a de 1457 para a primitiva fábrica do Palácio, que mais tarde teria sido adquirido por João Esmeraldo, e a de 1494 aquela que fixasse a sua restauração, já então mandada fazer pelo rico flamengo, seu possuidor.

Esta hipótese, onde se encontra a maior verosimilhança, concilia todas as conjecturas e harmoniza-se com a opinião do snr. Reis Gomes nas *Notas* do seu belo e encantador romance histórico — *A filha de Tristão das Damas* —.

O que porem está absolutamente averiguado, como facto histórico, é que Cristóvão Colombo (1) casou na ilha da Madeira, com D. Filipa Moniz Perestrêllo, filha de Bartolomeu Perestrêllo, primeiro donatário da ilha do Pôrto Santo.

---

(1) Onde e quando nasceu Cristóvão Colombo?

Não se pode responder a esta pregunta por uma forma nitidamente incontroversa.

Porque ha quem diga que nasceu em Génova, outros dizem que a sua pátria foi Saona, ainda outros afirmam que foi Oneglia.

Quanto à questão de datas também ha divergências, podendo fixar-se um ciclo de 1436 a 1441 dentro do qual é provavel que tivesse tido logar o nascimento do navegador.

Todavia, a opinião mais seguida é que nasceu em Génova, filho de um tecelão, Dominicus Colombo.



Fachada principal da casa onde residiu Cristóvão Colombo, na rua do Sabão — Funchal

Tipografia da Companhia Portuguesa Editora, L.da

Dionysos n.º 2

O acto solene dêste consórcio é muito provável que se tivesse efectuado na igreja matriz da capitania de Machico, porque era realmente em Machico que vivia D. Filipa com sua mãe e seu avô.

D. Filipa, que era das mais formosas damas do arquipélago, perdeu seu pai quando apenas tinha cinco anos de idade.

A circunstância de Bartolomeu Perestrêlo ter sido o primeiro donatário da ilha do Pôrto Santo, é que ocasionou, sem dúvida, o êrro histórico, que vem mencionado na *História da Colonização Portuguêsa do Brasil*, de ter êste ilustre português sido o descobridor desta ilha, em 1418.

Ora, Bartolomeu Perestrêlo nunca foi navegador, nem teve a menor interferência na descoberta ou redescoberta da ilha do Pôrto Santo, conforme a opinião assente de Eannes de Azurara, Diogo Gomes, João de Barros e outros.

É pelo menos isto o que afirma o bispo Las Casas, que colheu da própria boca de Diogo Colombo, filho do ilustre marinheiro.

E esta opinião é compartilhada pelo ilustre Académico Reis Gomes.

Houve já quem pretendesse faze-lo português, mas esta versão é completamente destituida de fundamento.

Em Espanha, e especialmente na Galiza, ha quem afirme que Cristóvão Colombo nasceu em Pontevedra.

O ilustre bibliógrafo espanhol, D. Celso La Riega, fez importantes investigações nos arquivos de Pontevedra, Simancas e outros, parecendo que, com factos fidedignos, chegou à conclusão de que Cristóvão Colombo era galego.

Mas a Itália não se dá por vencida e continua a afirmar que Cristóvão Colombo nasceu em Génova em 1436.

Há porém um ponto em que todos estão de acordo, e é na origem israelita do navegador.

Um discipulo do insigne catedrático espanhol, D. Pio Zabala, fez, há perto de uma duzia de anos, no Ateneu de Madrid, uma conferência pública para demonstrar que Cristóvão Colombo era espanhol, valendo-se das investigações de La Riega e outras feitas posteriormente.

Nós não podemos emitir um parecer justificado nesta contenda, porque não nos foi possivel conhecer o fundo das investigações citadas.

Mas o que podemos contraditar desde já é a afirmação, feita na aludida conferência, de que Cristóvão Colombo não conhecia a língua portuguêsa.

Isto não é nem pode ser verdade.

Porque Cristóvão Colombo viveu alguns anos na ilha da Madeira e em Lisboa, casou com uma senhora portuguêsa, e por tal modo era impossivel desconhecer a nossa língua falada no século XV.

Se as afirmações feitas no Ateneu de Madrid têem todas uma consistência histórica como esta, mal vai à hipotese galega.

O que é certo é que, não obstante as afirmações categóricas dos italianos com fundamentos históricos, há ainda hoje em Espanha quem pretenda dar Pontevedra como pátria de Cristóvão Colombo.

Na nossa opinião esta hipotese não é provável, porque se Cristóvão Colombo fosse espanhol não viria oferecer a Portugal, primeiro do que à sua pátria, o seu plano, embora baseado num êrro geográfico, mas que em todo o caso absorvia por completo o sonho das suas maiores ambições.

Por essa época de 1418 teria aportado a essa ilha Joam Gonçalves (por alcunha o Zargo) e Tristam Vaz, acossados por um grande temporal que os afastou da rota que deviam seguir, costeando a Africa ocidental até passar o cabo Bojador, seguindo o regimento que o Infante D. Henrique lhes havia dado.

Os dois navegadores trouxeram a boa nova do feliz achado ao alto Infante, e quando regressaram de novo àquela ilha, para começarem o seu povoamento, foi com êles então Bartolomeu Perestrêlo, homem notável e fidalgo da casa do Infante D. João.

Alguns autores referem o caso de Bartolomeu Perestrêlo ter fornecido a Cristóvão Colombo, cartas de marear, apontamentos e lições de navegação. Tal, porêm, não é provável que tivesse acontecido, porque nem Bartolomeu Perestrêlo era navegador, como já disse, nem Cristóvão Colombo deveria ter conhecido seu sogro.

O mais natural e mais em harmonia com o emmaranhado da grande confusão de dátas, seria Perestrêlo ter já falecido quando Colombo foi para a Madeira.

João Esmeraldo, dono do palácio representado pela nossa gravura, era amigo dedicado de Cristóvão Colombo e seu admirador, e por essa razão ofereceu-lhe moradia no segundo andar dêsse edificio, onde Colombo se entregava a desenhar cartas geográficas, principal fonte dos seus rendimentos, sonhando com dias de gloria e de triunfo, vendo, na sua fantasia exaltada de aventureiro ambicioso, as terras da India, essas terras encantadas do oiro e das especiarias, se porventura navegasse na direção do poente.

Parece que foi nessa mesma casa da rua do Sabão, que Colombo foi procurado pelo piloto português Afonso Sanches, que, quase moribundo, lhe fez a revelação emocionante de ter sido apanhado por uma grande tempestade no Atlantico, que o arrastou para o ocidente, tendo tido ocasião então de ver as terras da India, (sic) que Afonso Sanches ainda poude marcar num mapa.

A posse dêste segredo e a correspondência trocada com Toscanelli, o sabio florentino, grande astrónomo, geógrafo e matemático, radicaram no seu espírito a funda convicção de que se navegasse para o poente fácilmente encontraria a India.

E esta convicção foi tamanha que Colombo nunca soube que em vez da Asia se tinha defrontado com a América, e morreu na crença de que tinha realmente descoberto a India.

Êste êrro absorveu toda a sua vida.

Porque razão D. João II não aceitou a proposta de Colombo para ir descobrir a India navegando para o ocidente?

Porque quando Colombo expôz o seu projecto ao rei português, 8 anos haviam já passados desde que Toscanelli comunicara a Portugal o mesmo plano. (2)

D. João II bem sabia que entre a Europa e a Asia se intercalavam outras terras, e que, portanto, por aquêle caminho tarde, muito tarde, ou nunca se chegaria à India.

D. Afonso V tinha de ha muito entregado a seu filho D. João, então o príncipe herdeiro, a administração colonial, e por êsse motivo já há muito também que D. João II conhecia o êrro de Toscanelli, que tanta influência parece ter tido no êrro de Colombo.

Não foi, como malevolamente afirmam alguns escritores, para roubar a glória a Colombo, mandando sub-repticiamente navegadores portuguêses fazer essa descoberta.

Não, isso constitue quando muito uma atoarda caluniosa, e que repugna à seriedade da História.

E' bom fixar-se aqui esta verdade, para que se não julgue que D. João II procedeu levianamente, ou por ignorância, ou com desprêzo dos grandes interesses nacionais.

E vem aqui a propósito fazer uma referência à crítica, embora a largos traços, que o sr. Dr. João de Barros, poeta e publicista de alto valor, faz ao *Esboço da História Universal* de H. G. Wells.

O sr. Wells refere-se à descoberta do Cabo de Boa Esperança, por uma forma tão desdenhosa, parecendo não ligar a menor importância a êsse grande facto histórico, cuja influência na geografia do mundo foi primacial, que realmente magôa e fere a sensibilidade de todos aquêles para quem a História é alguma coisa de grande e respeitável.

Diz o sr. Wells: «em 1486 um português, Dias, declarou que tinha dobrado a Africa pelo Sul.

---

(2) Cabe aqui uma ligeira observação. O snr. Dr. Fortunato de Almeida no volume segundo, do ano passado, da sua História de Portugal, diz, que *D. Afonso V, por intermédio do cónego Fernão Martins, mandou consultar o sábio florentino Paulo Toscanelli*, etc.

Ora com o nome de Fernão Martins não é conhecido na História nenhum cónego e, por tanto, ou este passo não é verdadeiro, ou ha troca de nomes.

Na História da Colonização Portuguêsa do Brasil, encontra-se a hipotese, como provavel, de se ter substituído o nome do cónego Fernão Roriz, por Fernão Martins, tanto mais que a grafia que autentica as abreviaturas de Fernão, de Estevão, de Martins e de Roriz prestavam-se a grandes confusões.

Parece que o facto ainda é duvidoso, porque está apenas dependente de uma *declaração* de um português Dias, talvez um Zé ninguem, um quidam qualquer, e que o esfôrço monumentalmente grandioso realizado por êle, abrindo as portas do mar à navegação da India, fôra uma coisa mesquinha, um sem valor!

Que tristeza que isto nos causa!

A única desculpa ou defeza que o sr. Wells pode ter, tratando desta forma o nosso grande navegador Bartolomeu Dias, reside na sua ignorância.

O sr. Wells não é um erudito nem um historiador.

Enfileira no número dos detractores da nossa colossal obra maritima, glória imarcescivel dêste pequeno povo que abriu os mares à navegação mundial, entregando à Europa a posse do Globo.

O grande navegador português Bartolomeu Dias, descendendo de uma ilustre família de marinheiros, excedeu, todavia, os seus maiores pelas viagens que fez, bafejadas por uma audácia e uma coragem nunca excedidas.

Fique o sr. Wells sabendo que *êsse Dias, êsse pobre diabo*, é o grande navegador Bartolomeu Dias, grande na História, grande entre os maiores navegadores do mundo, glória desta Pátria tão querida, cujos galeões sulcaram os mares nunca de antes navegados.

Mas o sr. Wells não ficou por aqui.

Ele canta a aria estafada e brutalmente caluniosa de que D. João II recusou a oferta de Colombo por «*ter organizado às escondidas dêle uma expedição puramente portuguêsa com o mesmo objectivo*».

E acrescenta:

Essa tentativa (continuamos a reportar-nos ao escrito do snr. Dr. João de Barros) *bem diplomática, para procurar adiantar-se ao homem que tem a ideia original de um plano, falhou como merecia: a equipagem insoburdinou-se, o capitão perdeu a coragem e voltou para traz* (1483).

Será possivel encontrar-se um documento mais de molde para provar a crassa ignorância do seu autor, o seu espírito malèvolamente inventivo e desastràdamente calunioso?

Parece que não.

Porque tudo isso que o sr. Wells escreveu constitue um mar de mentiras, mostrando desconhecer a verdade, e nem sequer ter o pudor de respeitar a magestade da História.

Deixe-se disso sr. Wells.

Então nós, os gloriosos marinheiros portuguêses, que fomos à India, fizemo-lo sem um plano, sem saber o que faziamos? Alvares Cabral foi ao Brasil por acaso? Mas então para que ia ali, na nau almirante, o grande cosmógrafo e grande navegador, Duarte Pacheco Pereira, o negociador do tratado de Tordesilhas? (3) Todas as nossas grandes viagens não foram produto de um aturado estudo brilhantemente iniciado pelo Infante D. Henrique, tendo a sciência da geografia erguido o seu vôo à mais alta culminância da época, enchendo de prestigio o nome português, que, a despeito das calúnias do sr. Wells, tem o seu nome esculpido no bronzeo livro da História, donde ninguem jámais o poderá apagar?

Nós é que faziamos coisas sem plano, ao acaso, Cristóvão Colombo que foi à América julgando estar na India, êsse é que realmente tinha um grande plano, e uma grande ideia original!!

Mas, não falemos mais nisto porque se conhece perfeitamente até que ponto a inveja, a ambição, a mesquinha maldade humana procurou apoucar o papel brilhantissimo e cheio de grandeza dos navegadores portuguêses dos séculos XV, XVI e XVII.

O ilustre professor de História, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o erudito e talentoso sr. Manuel de Oliveira Ramos, nas suas notabilissimas **Notas** à História da época dos descobrimentos, diz:

«Entre os geógrafos e exploradores extrangeiros não faltou quem apoucasse até ao último extremo a grandeza do esfôrço português, mas é justiça reconhecer que também se levantaram vozes que reivindicaram para os nossos exploradores dos séculos XVI e XVII o logar indisputado que lhes cabe nos anais dos progressos geográficos».

E' uma pequena consolação, mas sempre é uma consolação, ter havido extrangeiros que nos fizeram justiça mesmo no meio dos nossos detractores.

Em todo o caso as navegações portuguêsas, o estudo da geo-

---

(3) Caminha, o cronista da expedição, manteve sempre no mais extranho e absoluto silencio o nome de Duarte Pacheco Pereira, sem bem se poder compreender a razão, o motivo dêsse silencio.

E porque procederia Caminha por essa forma?

Porque Duarte Pacheco, diz o Dr. Jaime Cortezão, era ali o elo secreto e forte que ligava a expedição ao plano nacional, e o guia daquela parte da derrota, em nome da obra realizada.

grafia do mundo, darão sempre a Portugal a primazia nestas magnas questões do descobrimento dos mares.

O primeiro Mapa do Novo Continente é português, como resultado das descobertas de Duarte Pacheco Pereira, no Sul da América, e dos irmãos Côrte-Reais no Norte, sem esquecer a série de expedições portuguêsas clandestinas realizadas nas costas dêsse continente.

A politica de mistério e de segredo que D. João II adoptou, era na verdade a única que naquela época mais convinha ao desenvolvimento das nossas navegações, que começavam já a atraír a inveja e a cubiça de diferentes nações da Europa.

Enfim, Colombo, que não pode na verdadeira accepção histórica, ser denominado o descobridor da América, foi, contudo, em Portugal que êle se fez descobridor, e foram principalmente os conhecimentos que adquiriu entre nós, que lhe soltaram as asas do seu espírito de aventureiro e o lançaram na rota de uma extraordinária ambição que por fim o perdeu.

E senão veja-se este passo que se encontra na monumental Historia da Colonização Portuguêsa do Brasil:

— «Foi na convivência com os pilotos e cosmógrafos portuguêses; na loja de cartógrafo e de instrumentos nauticos de seu irmão Bartolomeu; na Lisboa do século XV, matriz dos navegadores, verdadeira capital geográfica da Europa, no ambiente da epopeia maritima portuguêsa... que Cristovão Colombo concebeu o projecto de ir pelo ocidente ao oriente, convicto de que as terras intervistas pelos marinheiros portuguêses, no Atlantico ocidental, donde as correntes e os ventos traziam canas semelhantes às da India, troncos de árvores desconhecidas e cadaveres de feições extranhas, eram os arquipélagos asiáticos de Marco Polo.

O Dr. Sophus Ruge narra a entrada de Colombo em Barcelona no mês de Abril de 1493.

Cristóvão Colombo atravessou a Espanha triunfalmente e a sua convicção de ter estado na India era tão grande, que até trouxe consigo alguns *índios*, como amostra viva e palpitante da sua descoberta.

Toda a gente o saüdava como o *dominador dos mares*, e a Côrte, que por essa época estava em Barcelona, lhe dispensou as maiores honras e lhe manifestou a maior simpatia e admiração.

Numa conferência pública que fez nessa ocasião, falando, embora, com grande entusiasmo e o maior colorido da sua imaginação

exaltada, confessou, todavia, *não ter encontrado as cidades populosas, nem os grandes e frequentados portos a trasbordar de especiarias*, mas que as grandes ilhas que descobriu tinham produtos preciosos, e que nos seus rios auriferos havia muita abundancia do desejado oiro.

Colombo exagerou o tamanho das ilhas que encontrou na sua rota, e de tal forma que os seus êrros foram fácilmente reconhecidos, *sendo opinião dos entendidos e reflectidos que não cumprira de nenhum modo a sua promessa; que não chegára à China verdadeira, nem aos países verdadeiros das especiarias, que as amostras de especiarias, muito duvidosas, e o insignificante oiro que trouxera, não satisfaziam de nenhum modo as esperanças que fizera conceber.* (4)

Apesar de tudo Colombo continuou a desfrutar a alta consideração dos monarcas, fazendo-se outra vez ao mar em Setembro dêsse mesmo ano de 1493. Desta vez, porêm, levou consigo homens de armas, incluindo cavalaria, numeroso pessoal de funcionários para ocupar as terras da India, que êle, na sua dôce ilusão, houvera descoberto.

Não cabe nos limites estreitos de um pequeno artigo, nem é êsse o nosso intuito, fazer a história das viagens de Colombo para a India, que êle nunca viu.

A sua terceira viagem teve, contudo, um final trágico, porque foi preso e algemado, mandado assim para Espanha, e perdido o seu vice-reino da India, que nunca mais conseguiu recuperar.

Ainda tentou uma quarta viagem com quatro caravelas de 50 a 70 toneladas cada uma.

Naufrágios e desgraças de toda a sorte foram o epílogo das suas aventuras.

«Ofendido e ultrajado, contristado e abatido pela perda dos quatro navios que levara consigo de Espanha para a sua ultima expedição, doente física e moralmente, Colombo pisou de novo o solo espanhol. Ninguem pensou no pobre naufrago;»... (5)

Não obstante tudo isto Cristóvão Colombo foi um marinheiro audacioso e cheio de valor, que teve a sua aura de glória, e cuja fama ainda hoje refulge nos anais das grandes navegações.

E êste facto maior relevo e valor dava aínda ao já de si notável monumento da rua do Sabão da actual cidade do Funchal, o qual

---

(4) História Universal de Guilherme Oncken.
(5) História Universal de Guilherme Oncken.

tão levianamente, tão impensadamente, tão tristemente foi sacrificado ao camartelo do bota-abaixo, monumento venerando, reliquia sagrada do passado, que nas sombras das suas abóbadas conservava lídimas recordações dos tempos gloriosos das nossas descobertas marítimas.

Que ao menos fique aqui gravada, nas páginas desta Revista, a sua memória, como preito ao grande marinheiro cuja vida tanto sensibilizou, por grandes afeições e até por laços de família, os antigos habitantes da ilha da Madeira.

ALEXANDRE JOSÉ SARSFIELD.





UM POETA

A propósito da "CHUVA DA TARDE,,

SONETOS DE AMOR

POR

António Sardinha

III

Vê sempre o Crítico num livro — além do que êste represente autónoma e independentemente considerado — o reflexo vivo de quem o escreveu, o produto resultante da confluência e concentrada acção de certas faculdades, aptidões e tendências naturais do autor — as quais, por sua vez, explicam a natureza, as qualidades, o sentido da obra. Duplamente lhe interessa esta, pois: como pura produção de Pensamento ou de Beleza — subsistente por si, no seu intrínseco valor, e como revelação, como indício e manifestação dum espírito e dum temperamento a estudar e a mencionar.

Não podia, portanto, deixar de interessar-me, em relação à «Chuva da Tarde» — já por si digna de atenção e registo — o modo de ser, de pensar e sentir do Poeta. Não podiam deixar de tentar-me o estudo e a definição psicológica do escritor que a produzira.

Mal aqui me permitiriam, porém, empreender êsse estudo e propôr essa definição o espaço de que eu dispunha e o tempo que me era dado.

Mas outro Crítico virá, sem dúvida, a quem esteja reservada tam agradável tarefa.

E êsse Crítico — tendo lido todos os volumes de versos e todos os trabalhos de prosa de António Sardinha (1) — acertará, parece-me, ao dizer-nos — resumindo a sua análise e as suas conclusões — que êste Poeta, que êste Escritor, com todos os seus excessos de temperamento, se distingue logo por uma viva *impressionabilidade*, uma rica *imaginação*, uma *inteligência* aguda e lesta, favorecida de rara visão *intuitiva;* e que é, todo Ele, espontaneidade na manifestação das suas variadas faculdades.

Dirá depois, apertando a análise, que essa *impressionabilidade*, à fôrça de viva, ora o serve, como Artista — proporcionando-lhe situações e estados indespertáveis noutros, ou nêles apênas fugazes —, ora, acompanhada, para mais, dum irritável emotivismo, o desfavorece e compromete, de dois modos: determinando-lhe, umas vezes, disposições de hiper-sensível susceptibilidade — prejudiciais não só para o seu puro labôr de Arte, mas para a sua obra de Acção — influindo-lhe, outras vezes, perturbadôramente, na própria esfera da actividade mental.

Dirá ainda, nesta altura, referindo-se à sua *imaginação*, que — sendo apta a representar-lhe tudo — o que haja visto e o que haja colhido através do lido e do ouvido — o expõe a freqüentes perigos e ilusões, devido exactamente ao poder de *evocação* que a notabiliza.

A exemplificar a afirmação, apontará o Crítico, entre outros perigos, o de em vários pontos da sua Obra suceder que o Passado sôbreviva, se sôbreponha à realidade do Presente, mercê do vigôr com que seja evocado por essa *imaginação* ardente e fácil, e com que nela impére.

E especializará, naturalmente, o caso de algumas passagens de «A Epopeia da Planície» em que vêem como actuais certas práticas de bruxedo, certas aparições diabólicas e certas demonstrações de feitiçaria já, pela maior parte, supônho, varridas e sumidas dos nocturnos

---

(1) «O Valor da Raça» — 1915.
«A Questão Ibérica» (de colaboração) — 1916,
Estudos e artigos na «Nação Portuguesa», no jornal «A Monarquia», etc...

scenários alentejanos, por sítios e lugares onde outróra na verdade estarreceriam de medo e de espanto as almas simples, criadas e mantidas no terrôr do desconhecido...

Nem por isso falhará o Crítico, todavia, a insinuar que tal imaginação não desfavorece o Poeta, antes pelo contrário, sob o ponto de vista da interessada observação e da reconstituição complacente do *característico regional*; como não falhará a acentuar que devia ela ter contribuido poderosamente para se lhe desenvolver um tam profundo *sentimento do mistério*—feição importante do Autor da «Epopeia da Planicie», do «Tronco Reverdecido», de «Quando as Nascentes Despertam...» e do «Reino da Saudade».

Com maior dificuldade e maior esfôrço chegará talvez o futuro Crítico a distinguir e a indicar-nos os aspectos intelectuais de António Sardinha e o jôgo das actividades que lhes correspondem.

Aventará, entretanto, que na sua vida mental — sem embargo da lúcida apreensão quer dos fenómenos subjectivos quer das ideias recebidas e dos dados da realidade objectiva — predomina notávelmente a contribuição dos elementos intuitivos, das espontâneas afloraçõe do sub-consciente; que a facilidade de aquisição da sua inteligência, a sua lucidez, a milagrosa riqueza do seu mundo subliminal não se lhe valorizam proporcionalmente, não se lhe completam e corôam numa tam apreciável Faculdade de representação integradôra; que nem sempre pode contar com o concurso dessa Faculdade de que depende a ordenação e combinação última de todos os fios do espírito, vindos à claridade da consciência, numa ligada e contínua trama de ideias, numa coordenada série de acabados conceitos.

Fará, assim, o Crítico compreender que — não obstante aquelas reconhecidas qualidades de inteligência — António Sardinha se não môva tanto à vontade no circulo, perenemente iluminado, da pura actividade racional, da ideação abstracta, nos domínios da invenção especulativa, da generalização e da crítica filosófica; que, enfim, lhe seja igualmente dificil sistematizar os dados da sua própria lavra, a matéria da sua própria actividade consciente ou tornada tal e apreender, dominar toda a linha construtiva, todas as interdependências e todo o sentido significativo de alheios sistemas e fórmulas.

Se, atingido êste ponto, o Crítico fizer notar com particular cuidado a exaltante e às vezes ofuscadora influência que, adentro do campo mental do Escritôr, hão de exercer os auto-deslumbramentos de tam poderosa *imaginação*, assim como a influência abaladôra que

também sôbre a sua vida intelectual exercerão os naturais impulsos de criatura tam fàcilmente impressionável, tam susceptivel de sensibilidade; se de igual maneira fizer notar a influência dos mesmos agentes sôbre a sua vontade — forte e pronta, mas sujeita a desvios ou a interrupções da energia normal sob a perturbadôra acção de tais elementos, terá desvendado e explicado aos leitores e admiradores do autor da «Chuva da Tarde» um dos mais complexos, curiosos, interessantes exemplares de Alma das modernas gerações portuguêsas, explicando simultâneamente as qualidades e os defeitos da Obra literária, as afirmações fecundas e os senões da Obra crítica e da Obra social de António Sardinha.

E, à luz dessa análise, no fio das conclusões a que o Crítico tiver chegado (por caminhos bem mais longos e curvos, claro está, do que o desta minha atalhada e saltada marcha) todos virão a explicar, com o mesmo Crítico, que António Sardinha freqüentemente se nos revele, nos domínios do Pensamento e do Comentário — ético, histórico, literário, social — tam vivo e sagaz de entendimento como menos seguro de concepções gerais; tam agudo como, por vezes, obscuro e confuso; tam afirmativo de princípios como incerto de norma e carecido de recorrer à disciplina aceite, à autoridade constituída; tam rico de elementos de informação como imprudente ou precipitado nas ilacções; tam largo como tendencioso, tam generoso como agreste adversário na luta das ideias.

Todos virão a explicar que, nos domínios da Poesia — onde manifesta tam grande e real talento artístico, tam profundo sentimento da vida e da natureza, tam vasta imaginação evocadôra, tam subtil impressionismo, tam delicada sensibilidade, tam abundante cultura — se nos revele, por acidente, embora, desigual, dividido incoerente.

Todos então explicaremos em António Sardinha (com as contradições, lapsos, intermitências a sublinhar por toda a sua Obra; com as suas ousadias e as suas hesitações) as ideias práticas ou quiméricas do Publicista de Acção; as certeiras ou caprichosas observações do crítico que é, a par os apaixonados ou equânimes juizos morais; os êxitos e desfalecimentos do Poeta; os valiosos serviços por Êle prestados na investigação da verdade histórica e as preconcepções, os pontos de vista parciais e pessoais com que a prejudica.

Tudo, no entanto, sem que se lhe possa negar a sincera vontade de acertar e ser justo, sem que se lhe neguem, ao lado das outras

faculdades e qualidades, as do estudioso infatigável, do erudito vivo e fecundo.

Não é fácil prevêr o que o futuro Crítico escreverá por último, encerrando o seu estudo sôbre êste notável Escritôr, cujas características sam, realmente, mais as dum grande Intuïtivo do que as dum Racionalista (na pura acepção psicológica). (1)

---

(1) Reconhêço e confesso — como ao próprio Escritor o confessei ainda, pouco tempo antes da sua morte — que, mostrando aqui apreciar-lhe devidamente o raro dom de *intuïção poética* fui, todavia, menos completo e menos justo para com o *homem de ideias*, para com o *intelectual*, também n'Ele afirmado de modo singular e impressivo através de múltiplos e originais trabalhos.

Se o môço autor de «O Valor da Raça» bastante deixava a desejar, em verdade, quanto ao apurado fundamento sciêntífico de certos capítulos ou passagens do livro — sem prejuízo, àliás, de vivas sugestões históricas, de ousadas hipóteses (v. g. as do seu ocidentalismo) que o iluminam e que talvez venham a ser em parte confirmadas e justificadas; se muitos dos que haviam lido esta obra conservavam da leitura impressões mais lisonjeiras relativamente às faculdades e possibilidades manifestadas por quem a escrevêra do que relativamente à valia positiva da maioria dos dádos nela colhidos, dos méritos líquidos a apurar dessa leitura — de sobra António Sardinha viera depois firmando altos créditos na qualidade de espírito dotado para a superior actividade do Pensamento, quer se tratasse de doutrinas e princípios, quer de crítica literária e histórica: pois acusaria contínuos e rápidos progressos tanto sob o ponto de vista da sua clarificação mental, como sob o do correlativo aperfeiçoamento da forma literária, impondo-se-nos, ao mesmo tempo, debaixo do aspecto duma excepcional, invejável cultura, intensa e extensa.

Com todos os descontos a dar — em quase tudo quanto escreveu — à parte considerável do coeficiente pessoal do autor; com todas as reduções e correcções exigidas pela sua obra (publicada e inédita, a publicar) e ou se concorde ou não com o seu modo de vêr e sentir — ninguem contestará hoje à memória de António Sardinha o lugar que de direito lhe compete na reduzida galeria dos *escritores pensantes* do nosso país e do nosso momento histórico.

Poucos terão possuído, realmente — a par de tam larga cultura ede tam vivos dons de intuïção — uma semelhante elasticidade de espírito, uma comparavel faculdade de compreender, um igual poder de relacionar. E, acima de tudo, raros serão aquêles que, nesta quadra de materialismo torpe, se sintam, como Êle, abrazados no culto sagrado dum Ideal.

Louvando-me de haver ainda comunicado a António Sardinha a súmula desta nota — explicarei que pude fazê-lo devido ao facto de ter mediado mais dum ano entre a data do meu artigo e os últimos tempos da vida do Poeta; porque me foi dado, nêste intervalo, não só relêr páginas suas, antigas, mas conhecer-lhe trabalhos novos, entre outros alguns dos seus notáveis artigos da «Nação Portuguêsa», bem como os da «Lvsitânia»; porque me foi dado também ouvir a sua bela conferência de refutação às doutrinas de Spengler e receber, por derradeiro, com generosa dedicatória, o livro intitulado «Ao princípio era o verbo», cujo rápido êxito de livraria eloqüentemente demonstrou ao autor quanto era admirado e querido e cuja leitura profundamente me impressionou.

Interessado e absorvido pela Obra do Poeta fui, talvez, como acima confesso, menos equitativo e justo para com o Prosador, para com o Escritor de ideias.

Feita, porém, a reparação, já não hesitei em publicar o modesto comentário dedicado ao seu último volume de versos.

Com felicidade o fechará, contudo, se alegóricamente disser que no nosso Poeta vê um *dionisíaco* ou um *iluminado* cristão de preferência a um serêno sacerdote de Phebus-Apolo.

IV

Ultrapassei, há muito, os limites que me havia impôsto ao traçar êste artigo.

Não devo, todavia, terminá-lo sem de novo deixar afirmado que êste livro de António Sardinha — à parte alguns ligeiros defeitos — me impressionou o mais gratamente possivel: pela sua graça de Arte, pelo seu elevado *tom*, pelo perfume de Amôr puro dêle exalado.

Diria que o autor propositadamente quisera, contrapondo-se a retardatários cantores do *romanesco*, reatar a bôa e sempre reanimável tradição clássica do culto conjugal.

Involuntáriamente me lembrei, na verdade, da fiel teia de Penélope quando ouvi girar e cantar a mansa dobadoura do lindo sonêto *Melodia simples*...

Coimbra, 12 de Novembro de 1923.

MANUEL DA SILVA GAIO.



Descobertas modernas no Egipto



Tutankhamen

QUEM ERA TUTANKH-AMEN

I PARTE



Akhenaten

O EGIPTO E AMENOFIS IV

A O progressivo alargamento do Império egipcio, correspondia um aumento de poderio do seu deus nacional. No fim de cada expedição os santuários d'esse deus desconhecido até aos fins da XI dinastia, foram enriquecidos com presentes, oferendas, ouro, escravos e campos, de tal forma, que o grande sacerdote tebano, constituiu um perigo sério para o Faraó. Impunha-se uma reação a favor do velho culto nacional de Ra. Essa reação iniciada com Amenofis III, cumpre-se violentamente com Amenofis IV. Este Faraó compreendeu que o Egipto tendo entrado n'um periodo de expansão exterior, necessitava basear o seu poderio d'uma forma duradoura, o que não poderia ser com o regimen de protectorados usado pelos egipcios, mas n'uma superioridade mais estavel, na supremacia religiosa.

Adorando todos os povos orientais o Sol como simbolo do bem e da verdade, por vezes sob a forma d'um disco alado, como por exemplo a Persia e a Caldéa, Amenofis defende a velha religião solar, adorando Aten, o disco radiante, representado no disco solar com o uraeus e cujos raios terminados em mãos sustentam

cruzes ansadas simbolo da vida, e levam as oferendas que lhe são dedicadas. Esta imagem não foi introduzida com Amenofis IV; já aparecera no reinado anterior, desaparecendo completamente depois dos reis hereticos. O poderoso deus tebano é destituido subitamente de todas as suas honras em face *do deus bom que se regosija com a verdade, o senhor da carreira solar, o senhor do disco, o senhor do ceu, o senhor da terra, o disco animado que ilumina os dois paizes, o Harmakhis animado que se levanta no horizonte no seu nome de Shu, que é disco, vivificador eterno.* O ouro da Siria deixa de afluir ao templo de Amen, e o seu grande sacerdote já não é o conselheiro rial.

O ritual do culto da antiga representação material de Ra não difere muito do sombrio culto tebano. O santuário contém só a *sombra do deus.* O Faraó instituiu-se seu grande sacerdote: litúrgias de pães, flôres, frutos, legumes, raramente sacrificios sangrentos, principalmente musica de harpa, flautas e canto, e belos hinos compostos pelo rei, dotados d'uma delicadeza notavel de sentimentos, poderosos nas invocações, perfeitos na forma, como se vê n'este pequeno trecho. (1)

HINO AO SOL

— Explendido é o teu despertar no horisonte celeste, ó Aten, deus vivo.

— Princípio da vida tu surges no Oriente, enchendo a terra com a tua beleza.

— Tu és explendido, grande, radioso, dominas toda a região.

— Teus raios envolvem o Universo e tudo quanto criaste.

— Como Ra trazes o necessário ás tuas criaturas.

— Dardejas teus raios sobre a terra e o dia segue os teus passos.

— Visto que és Ra criador, possuis o que ela (as terras) produzem, e prendes tudo nos laços do teu amor.

— Quando repousas no Horizonte occidental, a terra nas trevas, é como os mortos nas suas criptas, as cabeças enfaixadas, as narinas tapadas, os olhos sem vista.

— Todos os bens lhes podem ser roubados mesmo aqueles que estão sobre as suas cabeças, sem que o sintam.

— Então todo o leão sai da sua caverna, toda a serpente morde.

— Fica escuro como um forno, a terra cala-se.

---

(1) Esta tradução foi elaborada, segundo os trechos reproduzidos por Moret, Rois et Dieux de L'Egypte, pg. 62, Id. Des Clans aux Empires, pg. 345, Maspero, Hist. des Peupl. de l'O. vol. II, pg. 320, Lagier, L'Egypte Mon. et Pit. pg. 102, Naville, La Religion Egyptiene pg. 131. e Petrie, Hist. de las Naciones, trad. Ibern. pg. 32.

— Aquele que tudo criou repousa no seu horizonte.

— A terra ilumina-se quando te ergues no horisonte, brilhante como Aten no dia.

— A escuridão desaparece ao lançares os teus raios; as duas terras regosijam-se todos os dias.

— Os homens erguem-se sobre os seus pés porque tu surges.

— Lavam os seus membros, retomam os seus vestuários, as suas mãos adoram o teu alvorecer, e fazem os seus trabalhos na terra.

— Todos os animaes vão para as suas pastagens, as arvores e plantas crescem, os passaros voam nos bosques, as asas planas adorando o teu duplo, os animais saltam.

— Quando te levantas para eles os passaros escondidos, voltam.

— Os barcos descem e sobem o rio porque todo o caminho abre-se com a tua aparição.

— Os peixes saltam para ti, e os teus raios penetram o Grande Verde (Mediterranio).

— É ele que suscita o germen das mulheres, e cria o poder gerador dos homens.

— È ele que anima a criança no seio materno, e que acalma a criança para que ela não chore.

— Nutre-a pelo seio (de sua mãe) dá a respiração para animar tudo quanto criou.

— Quando a criança sai do seio materno no dia do seu nascimento, abre a sua boca para as palavras, e satisfaz as suas necessidades.

— Quando os passaros estão nos ovos — um suspiro na pedra — dá-lhes a respiração dentro da casca para que eles vivam.

— Quando tu o desenvolveste tanto para partir o ovo, ele sai, para gritar a sua existência, e anda sobre os seus pés logo que sai.

— Como são numerosas as tuas obras!

— Elas não podem ser alcançadas com a nossa vista, ó Deus unico e sem rival!

— Criaste a terra no teu coração, quando eras só, os homens, os animaes domésticos e os animais selvagens, e tudo o que anda, e tudo o que está no alto e voa com as suas asas, os paizes estrangeiros (Khast), da Siria (Kharu), da Núbia (Kush) e do Egipto (Qemt).

— Tu pões cada homem no seu logar, criando o que lhe é necessàrio, cada um com seu património e seus bens, com a sua linguagem verdadeira, a sua forma e a sua côr de pele própria.

— Tu o senhor da escolha, distinguiste de nós as raças estrangeiras.

— Tu criaste o Nilo no abismo, e tu o conduzes á tua vontade para que ele faça viver os homens.

— Tu fizeste viver tambem as nações afastadas.

— Colocaste um Nilo no ceu, que desce para eles (a chuva).

— Criaste lagos grandes como mares, nas montanhas, tu inundas os campos nos seus territórios, tu alimentas cada região.

— O Nilo do ceu é para as nações estrangeiras e para os animais selvagens, mas o Nilo que vem do Abismo é para o Egipto.

— Tu fazes produzir todas as tuas obras nas estações do ano.

— No inverno ha o frio para refrescar, no verão ha o calor.

— Fizeste o ceu longiquo para elevares-te n'ele e veres tudo o que produziste quando estavas sós.

--Tu despertas na forma de Aten vivo, tu ergues-te esplendoroso, tu desapareces e voltas.

— Criaste todas as formas, tu isolado, os nomes, as cidades, os campos, as estradas, as águas.

— Todos os olhos te contemplam no alto, porque tu és o deus unico, que reuniu as suas formas á do disco vivo, sol levante, brilhante, que desaparece e surge de novo e todas estas formas existem em ti, deus unico.

— Tu estás no meu coração; não ha ninguem que te compreenda, a não ser eu, teu filho.

— Tudo o que corre sobre os seus pés, desde que lançaste os fundamentos da terra, tu produziste tudo para teu filho, saido da tua essencia, o rei do Sul e do Norte, que vive na verdade, o senhor das duas coroas, Khunaten, grande em duração, e para a grande esposa rial, que ele ama, a senhora dos dois paizes, que vive e prospera para sempre e jámais.

N'este belo hino notavel pela expressão grandiosa, e delicada inspiração, espanta-nos o rei considerar-se igual á esposa, contrário ao uso egipcio, referir-se aos paizes estrangeiros antes do Egipto, e principalmente identificar o deus todo poderoso com Aten.

O culto pela vida universal, a preocupação da verdade, tem as suas mais belas manifestações na arte d'este tempo, desde os frescos do palácio e hipogeus de Ell-Amarna, até ás pequeninas estatuetas de madeira dos toucadores das elegantes egipcias da época. Encanta-nos a intimidade da familia rial revelada pelas representações de Ikutaten, contrastando fortemente com o nulo ambiente familiar que as representações das outras épocas nos revelam. Ha mesmo uma representação da rainha sentada, n'uma atitude de gracioso abandono, nos joelhos do rei.

Os retratos do Faraó e da esposa estão feitos segundo as mesmas proporçõis. Esta preocupação de realizar obra sincera em todas as manifestaçõis artisticas, fez com que os artistas de então tivessem tido a visão dos efeitos dos jogos de luz na pintura, como se revela no fresco em que as duas princezas se acariciam fraternalmente, ideia que só os gregos desenvolverão. Certamente que as figuras grotescas d'esta época, cabeças estiradas, ventres flacidos, coxas pendentes, pescoços ridiculos, são devidos a uma caricatura inconsciente, originada por um excesso de observação.

No hino que acabo de transcrever, está revelada toda a politica internacional de Amenofis IV: adorar um deus comum á Nubia, á Siria e ao Egito, do qual ele era o unico interprete consciente, senhor de toda a verdade.

E não seria a sua tentativa em identificar o deus misterioso mais que todos os nascimentos a grande heresia que tornou o seu nome execrado em todos os colegios sacerdotais?

O deus tebano foi perseguido, o seu nome picado em todos os monumentos, o que equivalia a uma verdadeira morte, e o rei cujo nome d'Horus era Amenotpu Nofirkhopirari Uânri, transforma o seu nome em Kuenaten Neb-hopr Ra. Acusou-se Kuanaten de ter perseguido todos os deuses; mas ele próprio intitulava-se grande vidente de Aten e profeta em chefe de Ra-Harmakhis.

Prisse d'Avennes (1) recolheu em Karnak nomes de várias divindades adoradas por Kuenaten. A perseguição só recaiu sobre Amon.

O santuário do deus erguido á categoria de Ser unico não podia estabelecer-se em Tebas, cidade onde o nome de Amon era continuamente evocado. Por isso Kuenaten, com aqueles que ouviram a doutrina fixa residencia em Ikutaten, no local oude hoje se encontra a pequena aldeia de Ell-Amarna.

Os motivos qne levaram Amenofis IV a pôr em pratica semelhante doutrina, bem aceite pelo povo o qne nos leva a crêr, a sua reforma ser uma revisveucia d'uma concepção mais humana que teria tido o seu apogeu já no império autigo durante a supremacia de Ra (2), teem sido muito discutidos.

Lenormant (3) considerava esse movimento o propucto de fantasia d'um fanatico, comparando-o com Heliogabalo e explicando o aspecto bizarro, que este rei apresenta nos frescos e baixos-relevos, como consequencia da emasculação, pertencendo por isso Kuenaten á classe dos Qedeschim (consagrados) ou Kelbim (cãis)

---

(1) Transactions of the Society of Literature, 2.ª Série, tom. I, pg. 76—92.
(2) Moret, R. et Dieux, pg. 71.
(3) Hist. Ancienne des Peuples de L'Orient, vol.II, pg. 411.

Maspero (1) emitiu a opinião de que a reforma foi, exclusivamente, uma reacção contra o dominio tebano. Erman foi o primeiro a aventar a hipótese de que a reforma visava a estabelecer uma religião capaz de ser aceite universalmente, tendo um simbolo intuitivo, o disco radiante, permitindo assim a pacífica expansão externa. Moret, adotando os mesmos pontos de vista, defende a política internacional de Amenofis IV, mostrando bem ter-se pela primeira vez compreendido ser a religião um liame pacifico entre os povos. O deus de Kuanaten não distingue os egipcios dos barbaros, todos os homens são igualmente seus filhos e devem considerar-se como irmãos.

---

(1) Loc. cit. pg. 317.

PINTO DE LIMA

(*Continúa*)



NOITE

Ó Noite escura, ó muda sonolência,
Quietude santa, paz inalterável,
Misteriosa sombra, incomparável,
E's sublime! — Da luz a penitência...

E's qual a Morte — a noite da existência,
Segrêdo eternamente indesvendável...
Do sonhador, a amiga inseparável,
Só tu sabes guardar-lhe a confidência.

Eu adoro-te, ó Noite, ó Noite amiga,
Companheira fiel dos desgraçados,
E busco em ti descansos à fadiga

Desta desdita enorme dos meus fados!...
És tu a confidente mais antiga
— A que guarda meus sonhos já tombados!

MATEUS DE MACEDO.



No tempo dos feitores da Flandres

Manuel Cirne, o penúltimo feitor dos reis de Portugal na Flandres, era natural do Pôrto. De pais ilustres, ligara-se, pelo seu casamento com Filipa Brandôa, à família dos Brandões, uma das mais nobres, respeitadas e poderosas que ao tempo viviam naquêle velho burgo; a ela pertencera João Brandão, pai de Maria Brandôa (*a do Crisfal*, segundo alguns), o qual, por duas vezes, exercera em Antuérpia o mesmo importante cargo, a um tempo comercial e diplomático, de feitor dos reis portugueses.

Por Carta Régia de 5 de fevereiro de 1537 e em substituïção de Jorge de Barros, Manuel Cirne foi nomeado feitor na Flandres por três anos (1); findo êsse prazo, sucedeu-lhe João Rebelo. (2)

Foi curta, como vêmos, a sua demora na Feitoria, mas era tal a opulência do seu viver, eram tais as suas liberalidades, que os écos dêsses gastos fabulosos chegaram até nós. Espicaçava-o, sem dúvida, o desejo de ofuscar a magnificência dos feitores das demais nações, ali residentes. E' dêle que se conta o caso bem conhecido de mandar, em certo dia de banquete no seu Palácio, queimar nos fogões paus de canela em logar de lenha!

Todavia Manuel Cirne, emquanto assim pròdigamente esbanjava verdadeiras fortunas, numa época em que certamente os negócios da Feitoria já não eram muito prósperos, não se esquecia das misérias que iam pela Pátria, nem do Pôrto, sua terra natal.

---

(1) *Chancelaria de D. João III*, liv. 24 de *Doações*, fls. 21 v. cit. por Braamc. Freire *Maria Brandôa*, in *Arch. Historico*, VI, pag. 406.

(2) Por C. R. de 2 Junho de 1540, liv. 40 de *Doações*, fls. 112, cit. por B. Freire ob. e loc. cit.

As intempéries, a falta de braços, o abandôno das terras, as pestes, como é sabido, produziram em Portugal, durante o sec. XVI, repetidos períodos de uma escassez espantosa de cereais. Em 1538 a colheita havia sido reduzidíssima e o Pôrto, onde o preço de tudo tinha subido de um modo pavoroso, previa angustiadamente um inverno terrível de fome e privações.

O inverno chegou — e com êle o cortejo de calamidades esperadas. De nada valeram as medidas que o Concelho havia tomado. O trigo, o milho, o centeio desapareceram quási dos mercados. Quem dêsses géneros tinha algumas reservas nos celeiros guardava-as para seu gasto pessoal ou, se as vendia, era para obter lucros exorbitantes à custa da miséria do povo. Andavam pela cidade centenas de mendigos fugidos à desolação das aldeias, pelas ruas as crianças passavam andrajosas, esqueléticas, esmolando. Do rei não se podia esperar auxílio porque na côrte, e em todo o país, não era melhor a situação.

Os mêses foram passando e os começos do ano de 1539 não se mostraram com melhor semblante.

Mas um dia — num dos primeiros dias de abril — surgem na barra do Douro duas, três, muitas naus carregadas de trigo e de centeio para matar a fome à cidade.

E donde vinham essas embarcações?

Vinham da Inglaterra e da Flandres, e quem as mandara fôra Manuel Cirne, por sua conta, desinteressadamente, pois ordenara que os cereais fossem vendidos pelo preço a que ficassem postos no Pôrto, ou mesmo por menos, consoante as necessidades.

E' um documento interessante para o estudo da psicologia do magnânimo feitor a carta que, a êste respeito, êle escreveu aos homens da governança da cidade; ela revela-nos traços curiosos do seu caracter, do seu coração generoso, do seu espírito prático e previdente, da sua rectidão, dos seus escrúpulos de consciência (num tempo em que tão raros eram entre portugueses) — escrúpulos que manifesta quer se trate de altos negócios do Estado, quer das mais insignificantes questões particulares.

Dirigia-se Manuel Cirne:

Aos muito manjficos senhores hos senhores Corregedor Juiz Veradores da çidade do pôrto e meus senhores.

A carta dizia assim:

muy manjficos senhores

Por hua carta que me espreueo A senhora Catarina soarez da Rua nova no mez de dezembro do anno passado aquj a frandes, homde estou, soube que amostrava ho tempo carestia de paom nessa terra pelo pouco que se Recolheo no dito anno dizendo me que hos pobres e o povoo começavom jaa de temer

e de semtir a neceçesydade que se hia hofereçendo, Rogando me, em nome dos pobres, que, se com algua cousa hos podese ajudar, que tevese delles lembrança. Dei graças a noso senhor em vér que ajmda esa çidade em (que) naçy nom he desemparada delle, pois se acha nella hua tão nobre dona que se lembra do bem comum; pareçeo me bem trazer a memoria de vosas merçes e a sua notiçia ho nome desta senhora asy pera vossas merçes darem as graças que mereçe pelo que fez como por nom tirar a cada hum o premyo de suas virtudes, pojs se achou neella sob (so) o que faleçeo em toda hua Reepublica e em huã çidade tão notavell. E para logo prevenjr que se nom emcerase ho pão que ouvese na terra chãa, me pareçeo bem espreuer ao senhor Joam Rodriguez de saa e a outros senhores que lamcasem fama que eu detrimjnava de carregar çerta quantidade de pão pera era çidade, por tall que quem ho tevese ho vendese com tempo e a preços moderados e taom bem por se lhes nom seg(u)ir perda com o que despojs ouvese de hir. E logo apos jsto despojs de espreuer o que tenho dito mandei hum homem ao Reino de Imgraterra pera caregar quatro ou çinquo navios de trigo, por quanto aquj ho nom podia fazer naquelle tempo por amdar hocupado em caregar çerta soma de trigo e de centeio que me el Rej noso senhor mandou comprar pera a çidade de lixboa por corenta e cinquo ou cinquenta mjll cruzados; e por nom dar ocasyom que hos mall dizentes podesem dizer que eu fazia negoçios meus particulares me guardej de comprar aquj em ffrandes nenhum pão se não se nom por conta del Rej noso senhor, que ajnda que de meus ffeitos estou muj seguro nom queria que a fama delles fose menos segura. E tambem dej conta disto a sua alteza. E agora tenho cartas de londres que erom compradas trezentos mojos de trigo e que se carega vom em tres navios; prazera a noso senhor que hos levara a saluamento como eu desejo. Daquj mando agora çinquo navios caregados de trigo pera esa çidade, depois que acabej de enviar todo ho del Rej noso senhor em que vom sete centos mojos de trigo pouco majs ou menos de mantimentos, que são caregados por todos obra de mjll mojos de trigo em hoito navios, do qual mando que hos mestres levem as contas do que custou e as emtreguem a mjnha molher com tudo ho que levarem e que ella man(de) as contas a vosas merçes pera que as vejom e mandem vender ho dito pão aos preços que custar posto na çidade que minha vomtade he que se nom venda por majs nem menos do que custa avendo muita neçesydade delle de que hos noso senhor guardaraa. *Item* tambem declaro que se por caso for tanto paom que se dee a mjlhor preço ou valha a mjlhor preço do que custar este que mando que em tall caso vosas merçees ho leixem a mjnha molher que ho mande vender a como valer ou a como se poder vemder que eu nom quero que ho povoo nem a çidade percom nenhuã cousa.

Asy mesmo he mjnha vomtade que hyndo todos seis (!) navios a salvamento e avendo muita necesydade de pão como tenho dito, que dous navios, tres ou majs, se Repartom pelos lauradores da maja e da comarqua ao mesmo preço e que mjnha molher ho mande Repartir gerallmente a todos pera que posão fazer seu lauor e suas sementeiras de que nom temos menos neçesydade que elles mesmos e he Rezom que se lhes acuda como aos vizinhos da çidade, da qual prazera a noso senhor que se lembre e a prospere pera seu samto ser-

ujço *e* pera serujço del Rej noso senhor *e* acreçente as vidas a vosas merçes por mujtos annos.

De frandes ao(s) *vinte e cinco* dias do mez de março de *mil quinhentos e trinta e nove* annos.

Aquj tenho nova *que* ho trigo alevantou em lix*boa* *que* estaa em neçesydade se por caso estes navios todos *que* som hoito com hos de Imgraterra forem a saluamento *e* esa çidade esteever abastada *e* a terra, mandem vosas merçes algũs navios *que* corom de lomgo *e* socorom a lix*boa* *e* entreguem ho trigo a quem el Rej noso senhor mandar *e* o senhor fernam daluarez tera cujdado de emcaminhar os mestres do que ouverem de fazer. *E* podem vosas merçes esprever ha sua alteza. Daquj partirom tres navios juntos sesta feira *que* forom *vinte e um* dias do mes de março *e* os dous (!) nom poderom partir mas com o primeiro bafo de tempo partirom todos em boa ora; praza a noso senhor que hos leve todos com bem.

Item pareceme *que* seria bem *que* vosas merçes prouesem *que* ao emtrar da bara nom fosem sem pilotos de são Jom *E* com dous bates de toagem aly na bara pera hos ajudar *e* serom a minha custa por se nom perderem a mingoa. *E* sobre isto devem vosas merçees de mandar em são Jom e matosynhos ter aviso *que* lhe dem seu Recado amtes que emtrem *e* *que* nom cometam a bara sem mandado de vosas merçes. Beijo, senhores, as mãos de vosas merçees.

Manuell Cirne (1)

Não curamos agora de saber os resultados práticos de tão esplêndida oferta, se bem que mereça a pena dizer que êles não corresponderam ao nobre pensamento que a inspirou. Os feitores de Manuel Cirne venderam o cereal pelo preço que quizeram e a quem entenderam, distribuindo-o quási só por parentes, amigos ou seus caseiros; guardaram grandes quantidades nos armazens, quando todo êle era bem preciso ao povo. Por outro lado as padeiras da cidade e de Vila-Nova, a quem foi dado algum trigo com a obrigação de amassarem cinco alqueires por semana, nem sempre cumpriram o contratado e muitas vezes roubaram no peso ao pão...

Teria Manuel Cirne, com fins inconfessados de ganância ou de favoritismo, mandado ocultamente instruções aos seus feitores para procederem daquela sorte?

Mais uma vez nós vemos com quanta razão o nobre feitor de D. João III se temia de que os seus actos fossem desprimorosamente interpretados pelos *mal-dizentes*—«muito embora de seus feitos estivesse bem seguro»...

Mas o que é verdade é que, nêste caso, nada nos autorisa a ser maldizentes.

---

(1) Segundo uma cópia existente no *Liv. Ver.* n.º 14 (ano de 1539) fls. 214 v. a 216 v. — do Arq. da Câmara Municipal do Pôrto.

Mais de uma vez nas sessões da Câmara se falou na «vontade de Manuel Cirne», e os portuenses daquelas eras, rudemente sinceros, não sabendo nem procurando esconder o que sentiam, nunca atribuiram ao seu ilustre conterrâneo vontade diferente da que estava expressa na carta por nós transcrita. Ora não lhes tendo sequer passado pela mente a idea de que Manuel Cirne os houvesse torpemente deslumbrado com uma falsa filantropia para, na realidade, fazer lucrativo negócio ou beneficiar meia dúzia de eleitos, que razão há para se supor tal procedimento?

Não; Manuel Cirne não procurou realisar interesses monetários ou favorecer êste ou aquêle dos seus amigos e parentes. Teve só em vista socorrer a população da cidade que lhe fôra berço. O seu gesto foi absolutamente desinteressado. Podemos até acrescentar: — o que êle lhe rendeu, de facto, foram prejuizos.

Em princípios de 1540 ainda estavam por vender 400 moios de trigo que sua mulher oferecia por preço bastante inferior ao do custo: dupla perda portanto, dizia ela, pois dessa diferênça e das rendas dos armazens durante tantos mêses ninguem indemnisava o generoso portuense. Como se isso não fôsse bastante, o gorgulho entrara de atacar o cereal; já se tinha inutilisado muito e, agora, era preciso que alguns homens, todos os dias, o fossem arejando e revolvendo com pás. Despesas sôbre despesas.

E quando, em janeiro desse ano de 1540, Filipa Brandôa, querendo evitar um prejuizo total, pediu à Câmara que comprasse, por módico preço, o cereal que restava, ou que desse licença para o mandar para Lisboa, os moradores do Pôrto, reunidos em assembleia deliberativa nos Paços do Concelho, considerando que não tinham sido *cumpridas as ordens bem claras* de Manuel Cirne, resolveram não permitir que o trigo saisse do Pôrto: Filipa Brandôa que o vendesse pelo modo e preço que pudesse — «não era agora, ao cabo da jornada, que lhes iriam lançar às costas o que a princípio não fizeram».

E Manuel Cirne, que bem merecia todas as deferências, teve no entanto que se conformar...

Artur de Magalhães Basto



As primeiras migrações humanas

Novas hipóteses

Ocupámo-nos em trabalhos recentes, um dos quais ainda inédito, (1) de vários aspectos do problema das mais antigas migrações humanas. Vamos dar aos leitores da «Diónysos» a súmula duma parte dêsses trabalhos, sobretudo dos trechos em que emitimos pontos de vista mais pessoais.

O assunto é complicado e já nos não encontramos na época em que confiadamente se supunha fácil a sua solução, fundada na aplicação de métodos biogeográficos, antropológicos, lingüísticos, etnográficos, etc. Após uma fase em que a intensificação de estudos dessa ordem despertou vivos entusiasmos e ingénuas perspectivas, surgiu o período contemporâneo, marcado pela desproporção flagrante e desoladora

---

(1) São êsses trabalhos: *La dispersion humaine à la surface terrestre* (a publicar na revista «Scientia», de Bolonha), e *O significado genealógico do «Australopithecus» e do crânio de Tabgha e o arco antropofilético índico* — «Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», vol. II, fasc. III, Porto, 1925.

entre a sôma enorme dos materiais recolhidos e a penúria de conclusões legítimas e seguras. Tornou-se necessário preencher com hipóteses diversas as imensas lacunas que abundam nêste campo de estudo, e não raro o scientista desapaixonado, que fez a indispensável crítica preliminar dos seus métodos, se encontra perante documentos tão susceptiveis duma dada interpretação como precisamente da interpretação oposta.

Claro está que a questão das primeiras migrações humanas se enxerta naturalmente, desde logo, nos problemas do local, data e condições da aparição dos primeiros homens à superfície do glôbo, e a diversidade das opiniões apresentadas em tal matéria atesta eloqüentemente as dúvidas que êsses problemas suscitam ainda.

Tudo leva, porém, a admitir como verosímil que no meio ou no fim da era terciária se teria operado a transformação duma desconhecida espécie de *Pro-hominídios*, crivelmente Primatas arborícolas e frugívoros (1), em *Hominídios*, terrestres, bípedes, omnívoros. O mecanismo e as causas dêste fenómeno evolutivo são ignorados, mas não é despropositado supôr que com uma capacidade ou potencialidade interna de evolução no sentido humano, existente nêsses *Pro-hominídios*, se tivesse conjugado, como factor determinante da transformação, uma qualquer mudança nas circunstâncias exteriores em que viviam os precursores do homem. O abandôno das árvores e a conversão dos referidos precursores em sêres corredores e bípedes não teriam sido fenómenos espontâneos, como alguns pretendem.

Provavelmente trata-se de factos provocados por uma alteração das condições de meio, como o desaparecimento de florestas em virtude de mudanças climáticas, de incêndios, ou doutra causa ainda não determinada (2).

E' pois, nas regiões núas e abertas que devemos procurar o berço dos Hominídios e o centro inicial de dispersão humana, porque só

---

(1) Segundo o barão de Eisckstedt (Dr. Egon Frhr. v. Eickstedt — *Gedanken über Entwicklung und Gliederung der Menscheit*—Extr. do vol. LV dos «Mitteilungen der Anthropolopischen Gesellschaft in Wien», Wien, 1925, pag. 232) o precursor do homem seria já omnívoro e habitaria na orla das florestas das regiões quentes.

(2) Vd. o desenvolvimento dêste têma no meu artigo *L'origine de l'homme* («Scientia», Bolonha, 1923) e no meu livro *Homo*, de que estou preparando uma nova edição. Vd. minha crítica ao poligenismo em *As novas discussões sôbre a origem do homem* («Trabalhos da Socied. Port. de Antrop. e Etnol.», vol. II, fasc. I, Porto, 1923) e *La généalogie humaine et le polyphylétisme* («L'Anthropologie», t. XXXIII, Paris, 1923.

secundáriamente o Homem teria regressado ás florestas, como sucedeu com os Pigmeus africanos.

Nem a floresta equatorial nem a floresta árctica (*taiga*) devem entrar, pois, em linha de conta como locais possiveis da *hominação*. Excluidas naturalmente as *tundras* geladas do norte, ficam para ponderação as regiões núas de steppes e mesmo talvez as de alguns actuais desertos, nas quais, á data do fenómeno, não se encontrariam a aridez e outras condições de hoje.

Essas áreas abertas existem nos dois hemisférios e no Antigo e Novo Continentes. A arqueologia prehistórica e a paleontologia humana autorisam-nos, porém, a excluir as Américas e a dá-las como povoadas secundáriamente, embora nelas tenha sido infundadamente localisada a antropogénese por alguns autores, como o sábio paleontologista argentino Ameghino. O Novo Mundo não contém os Primatas mais visinhos do Homem, nem nêle se encontraram documentos paleoantropológicos de cronologia terciária ou quaternária bem estabelecida. O suposto antropóide fóssil norte-americano *Hesperopithecus*, conhecido por dois dentes apenas, e a série de achados de *Homunculídios* e de pretensos antepassados do Homem, apresentada na América do Sul por Ameghino e pelos seus sequazes, não bastam para invalidar aquela exclusão.

Restam assim as regiões abertas do Antigo Continente. Se Darwin e Elliot Smith opinaram pela Africa e recentemente Dart (o descobridor do *Australopithecus*) pela Africa do Sul, e se Schöttensack se pronunciou pela Austrália, onde aliás os restos fósseis de Primatas não teem surgido de molde a confirmar a hipótese, a verdade é que a maioria das opiniões são favoraveis á Eurásia como teatro da antropogénese. Hrdlicka e Olbricht manifestam-se pela Europa, onde entretanto a intensidade de pesquizas explica perfeitamente a abundância de aquisições paleoantropológicas. Tem-se falado também na ilha de Java, em vista da descoberta, ali, do *Pithecanthropus*.

Mas o maior numero de votos é a favor da Asia Central. Segundo Hiltzheimer, muitos animais domésticos pertencem também à fauna das steppes asiáticas. (1). Houve quem explicasse pelo levantamento do Himaláia no terciário o fenómeno da antropogénese. A aparição dêsse verdadeiro diafragma climático teria tornado áridas e núas as

---

(1) Cit. por v. Eickstedt, op. cit., p. 233.

regiões, anteriormente arborizadas, do norte da cadeia. No sul, nas florestas da India, teriam sobrevivido os símios arborícolas. No norte, o desaparecimento das florestas em virtude do novo regimen climático teria determinado a conversão dos Pro-hominídios em Homens.

As descobertas de fósseis de Primatas (alguns dos quais com certas afinidades ou tendências humanas) nas cadeias de Sivalik, do

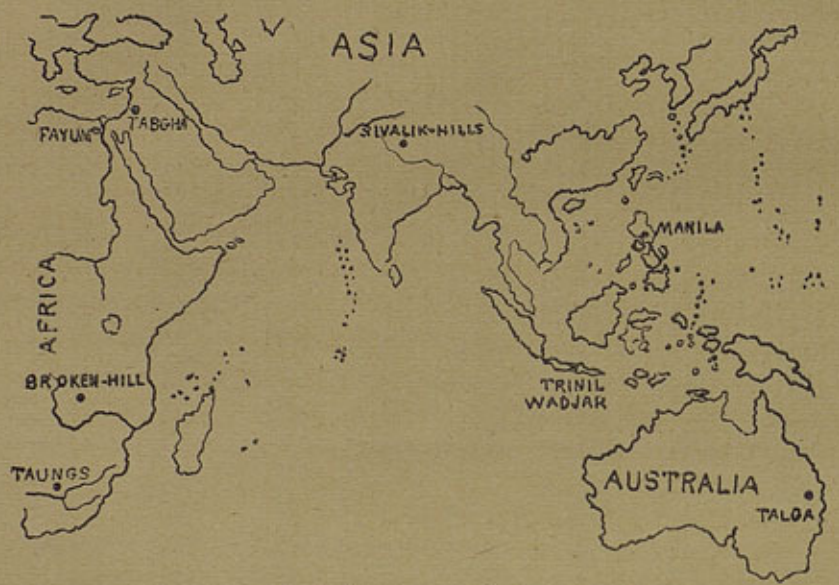


Fig. 1 — *O arco antropofilético indico*

Localizações circum-índicas das principais descobertas que interessam à questão da origem do Homem e da evolução dos Primatas superiores.

norte da India, e outros factos confirmam até certo ponto essa hipótese, mas não é lícito, no estado actual da questão, excluir em absoluto do debate a Africa, talvez mesmo a Europa e até — porque não? — qualquer região ignorada, hoje submersa.

No entanto, tudo leva a crêr que é na bacia do Indico ou nas suas proximidades que devemos procurar o centro da hominação. Menos vasto do que o Atlântico e o Pacífico, esse Oceano deve ter entretanto desempenhado na evolução dos Primatas superiores e do Homem um papel mais transcendente do que aquêles. A *Lemuria* d'Haeckel renasce e de novo respira o ar vivificante das hipóteses verosímeis.

Grande número de populações inferiores sob o ponto de vista físico e cultural se dispõem em tôrno do Indico ou nas suas ilhas.

Australianos, Melanésios, Negritos, Vedas, etc., são dessas formas humanas de feição primitiva.

Ultimamente designei pelo nome de *arco antropofilético índico* uma linha ou faixa unindo uma série de localizações de achados paleontológicos que directa ou indirectamente interessam à origem humana (fig. 1): são, de SO. para N. e NE. e depois para E. e SE., o *Australopithecus*, antropoide fóssil de Taungs (Bechuanalândia), o crânio neandertaloide de Broken-Hill (Rodésia), os Primatas fósseis do oligoceno de Fayum (Egito), o crânio neandertaliano de Tabgha (Palestina) os restos miocenos e pliocenos de Sivalik-Hills, o *Pithecanthropus* de Trinil (Java) e os crânios proto-australianos de Wadjak (tambem Java), e talvez ainda o sacro pleistoceno de Ho-nan (China), um crânio pre-negrito de Manila (Filipinas) e um crânio proto-australiano de Talgai (Austrália). Esta cintura de localizações paleoantropológicas do Oceano Indico recorda, no domínio da geografia física, a cintura vulcânica do Pacífico, e não pode ser desprovida de significado no estudo antropogeográfico de que nos estamos ocupando.

*
* *

A noção do arco antropofilético índico não vem evidentemente resolver, em todo o detalhe, o problema da localização da origem humana mas não deixa de ser uma contribuïção para o seu esclarecimento. Muito menos ela permite de qualquer modo reconstituir o quadro da dispersão dos primeiros Hominídios.

Esta ter-se-ia operado, não pelas migrações em massa dos tempos proto-históricos e históricos ou pelos processos contemporâneos de deslocamento de populações e indivíduos, mas provavelmente por uma difusão de *proche en proche* (1), por uma ampliação lenta do mundo habitado, da *Ecúmena*. Seriam, no termo germânico, *Nahewanderungen* de indivíduos, de famílias, de pequenas tribus, que, atraídas sobre-

(1) E' tambem opinião de Eickstedt e de Matiegka. O primeiro escreve que, ao passo que os Godos e os Avaros «fizeram migrações», os Neandertalianos e os Heidelbergenses «espraiaram-se» (*op. cit.*, p. 236). A seu turno Matiegka, na sua bela revista, que tanto honra a sciência tcheco-slovaca, diz que a expansão da humanidade primitiva não se efectuava por migrações análogas ás dos tempos históricos, mas «por um deslocamento gradual das fronteiras d'habitat». (J. Matiegka—*Zalidnêni zemêkoule*—«Anthropologie», III, n.° 1, Prague, 1925).

tudo pelas pistas da caça e canalisadas nos seus movimentos pelas condições ambientes, desviando-se ou detendo-se perante as barreiras naturais, se iriam deslocando pouco a pouco, com processos rudimentares de transporte e utilisando o património natural de possibilidades adaptativas.

Não reeditaremos as considerações feitas nos trabalhos citados, sôbre a constituição da família primitiva, sôbre o papel dos animais nêstes movimentos e outros pormenores. Diremos apenas que o homem primitivo, anàlogamente aos Antropóides seus próximos parentes, estava longe do cosmopolitismo do homem moderno, como o testemunham as clareiras enormes das cartas de geografia prehistórica (mesmo nas regiões mais exploradas), e o meio físico condicionava a sua actividade e os seus movimentos muito mais fortemente do que sucede ao homem de hoje. O mar só tardiamente deixou de constituir um obstáculo intransponível. O homem moderno atravessa os oceanos em todas as direcções, perfura de tuneis alterosas montanhas, canaliza e maneja as grandes fôrças naturais. Perante os obstáculos de outr'ora, perante a natureza, ergueram-se, dominadoras e cheias de poder transformador, imprimindo-lhes uma feição nova, a vontade, a iniciativa e a liberdade dos homens. Surgiram dêste modo as múltiplas contradições, os verdadeiros paradoxos antropogeográficos, que desnorteiam hoje os investigadores simplistas. Em meios geográficos semelhantes formaram-se tipos e culturas diversas; pelo contrário, em meios diferentes aparecem elementos étnicos semelhantes e manifestações culturais dotadas de analogias impressivas.

Um facto importante, como muito bem fez notar J. de Morgan, há a ponderar nas tentativas de reconstituição dos movimentos das populações primevas: a existência de diferenças da configuração geográfica de então em relação á da actualidade. Alterações climáticas, tremores de terra, dilúvios, devastações de vária ordem, teriam atravez dos tempos feito variar o grau de habitabilidade de várias regiões. Em alguns pontos teria havido alternativas de ocupação humana e despovoamento total, e estratificações étnicas de variadas origens se teriam sobreposto numa verdadeira descontinuidade de raça e de civilisação.

Os limites continentais, as orlas das florestas, os confins do *bush*, dos desertos, das steppes, das taigas, das tundras geladas, mudaram atravez dos tempos. Durante a época glaciária uma grande parte da Europa era inabitável para o homem. O Saará não teve sempre o mesmo regimen desértico de hoje.

Além disso, as grandes florestas equatoriais não são, como muitos supõem, blocos impenetraveis e massiços: há nelas clareiras em que as aglomerações humanas se desenvolvem. Os desertos teem tambem os seus oásis, como os mares as suas ilhas. Os grandes emblemas bio-climáticos comportam diversidades locais. E' preciso não perder estas de vista ao falar-se nas unidades extensas, nos grandes todos regionais.

Eis uma série de factos a considerar que tornam o problema bem mais complexo do que muitos ingénuamente supõem.

Tanto no seu volume sôbre as raças humanas, como naquele em que especialmente versa os movimentos dos povos — *The wanderings of peoples* — o antropólogo inglês Haddon ensáia traçar um quadro, o mais detalhado possivel, dêsses movimentos. Ele mesmo não oculta, porém, o que há de conjectural e vago nêsse ensáio, pelo que diz respeito às mais antigas migrações. Como poderemos imprimir precisão e certeza a tais quadros, quando até já em pleno domínio da história, vêmos esta dramatisar e avolumar tantos movimentos migratórios sem importância démica real e passar pelo contrário quasi em silêncio migrações de verdadeira importância sob múltiplos pontos de vista?

Tem sido, porém, possivel reconstituir até certo ponto alguns movimentos prehistóricos, como, por exemplo, o da invasão da Península Ibérica pelas populações capsienses do norte de Africa, no paleolítico superior e no epipaleolítico. (1)

Sem entrar, em pormenorisações e mantendo-se nas grandes linhas e no domínio das hipóteses fundamentadas, Giuffrida-Ruggeri — o sábio antropologista italiano cuja morte prematura tão profundamente feriu o meu coração de amigo e tamanha perda constituiu para a sciência — procurou em vários trabalhos descrever os primeiros movimentos humanos. Neo-monogenista, em virtude de razões que noutros trabalhos temos apoiado, Giuffrida admitia uma só espécie de *Prohominídios*, a unidade do tronco genealógico de que descende a humani-

---

(1) Para desenvolvimento do assunto vd. meu livro *Os povos primitivos da Lusitania* Porto, 1924, p. 150 e 165. Um excerto foi dado na *Aguia* (Porto, 1923), sob o título *Uma invasão prehistórica na Península Ibérica.*

O esquêma das invasões prehistóricas da Península traçado por Osborn no prefácio da edição americana do livro de Obermaier *Fossil Man in Spain* (New Haven, 1924) merece alguns reparos, sobretudo no que diz respeito à caracterisação antropológica dos invasores.

Ocupando-se das invasões históricas dos bárbaros do Norte, Osborn atribue-lhes sem hesitação a introdução na Península do sangue da raça nórdica, e conclue dizendo que Cervantes era talvez dessa raça e Camões, «the soldier-poet of Portugal», o era tambem «sem dúvida...» Como um tão eminente paleontologista desconhece as reservas mais elementares!

dade actual, e colocava na Asia Central o seu berço, entendendo, porém, que as várias raças teriam surgido dum homem primitivo indiferenciado, em centros genéticos que não estariam necessàriamente muito longe uns dos outros. Concebia três dêsses centros, um para o norte eurasiático, de que teriam resultado as raças brancas, outro

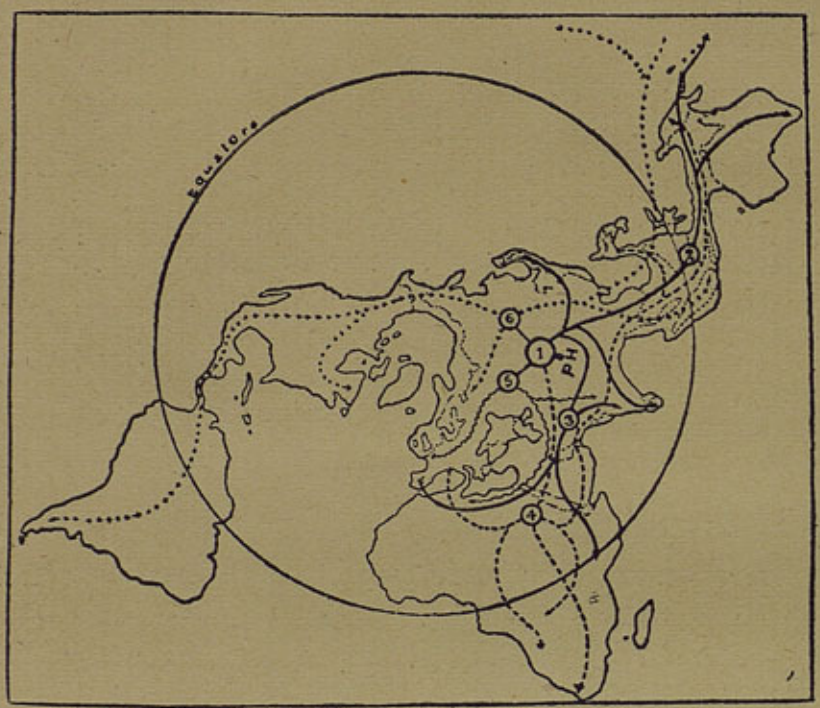


Fig. 2 — *Esquêma da dispersão terciário-quaternária dos Hominídios, segundo G. Ruggeri.*

Vid. no texto a significação dos números.
P. H. — Pro-hominídios.

para a Asia Oriental que originaria as raças amarelas e suas derivadas, e emfim o terceiro para as regiões austrais do Antigo Continente. Os dois primeiros centros genéticos raciais estariam talvez, segundo o antropologista italiano, na Dzungaria, cujas condições topográficas facilmente conduzem a supô-la uma área de primitiva ocupação e distribuição humana.

No livro *Su l'origine dell'Uomo* (1) que publicou pouco antes de

(1) Bolonha, 1921, pag. 131.

falecer, não lendo já a análise bibliográfica que, a convite da *Scientia*, escrevi a seu respeito nesta revista italiana, Giuffrida-Ruggeri dava-nos um esquêma do modo de distribuição terciário-quaternária dos Hominídios do ciclo *Homo recens* e dos seus centros de diferenciação (fig. 2),

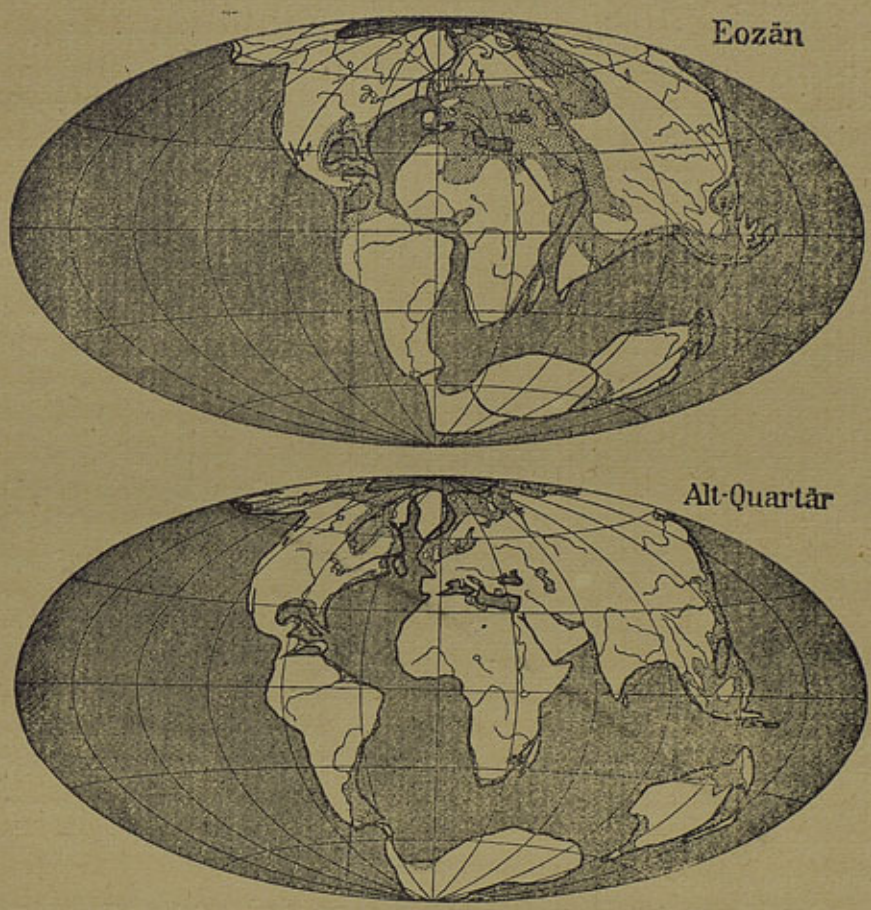


Fig. 3 — *Cartas do globo no eoceno e no quaternário antigo segundo a teoria das translações continentais (Wegener).*

O pontuado representa os mares epicontinentais, o branco a superfície emersa, o traçado oblíquo os domínios abissais.

Admitia então um centro para o *H. recens* em globo (1), outro para os Australóides (2), outro para os Protoetiópicos, Deutero-etiópicos e Drávidas (3), outro para os Negros, Pigmeus e Bochimanes (4), um ainda

para as raças brancas (5) e emfim um sexto para as raças amarelas e suas derivadas (6).

Nêsse esquêma distinguia três centros de diferenciação para as raças melanodermes e equatoriais (2, 3 e 4) que antes englobava sumariamente num só, e colocava êsses novos centros muito longe do fóco inicial de dispersão do *Homo recens*. Entretanto, na sua exposição, estabelece um ciclo de raças boreais e outro de raças equatoriais, o que nós fizemos tambem em estudos que publicámos, por êle citados(1), sôbre um carácter antropológico de feição arcaica, a hipsistenoçefalia. Deixando a menção de mais detalhes, chamaremos a atenção para as páginas em que Giuffrida relaciona, dentro do possivel, as suas sínteses fundadas na antropologia com os ciclos de cultura estabelecidos por Georges Montandon num estudo sôbre a genealogia dos instrumentos musicais (2).

A carta de Giuffrida dá-nos o povoamento inicial da América como feito, da Asia nordoriental, pela via estreito de Behring. E' tambem a tese de Hadlicka e outros. A existência de afinidades antropológicas e culturais maláio-polinésias e australianas em algumas populações americanas e a feição primitiva de alguns habitantes prehistóricos e actuais da América, como os antigos Pericúes da Baixa Califórnia, os Botocudos do Brazil, os habitantes da Terra do Fogo, a raça antiga de Lagoa Santa, etc. etc., conduziram Rivet e outros a admitirem, além dêsse povoamento pelo noroeste da América, outro por migrações transpacíficas. Estas não podem remontar, porém, á data das mais remotas migrações humanas.

O processo de representação cartográfica adoptado no esquema de Giuffrida obscurece uma terceira via de penetração humana na América, que recentemente sugerí. De facto, êsse esquêma afasta enormemente umas das outras, contra a realidade geográfica, as extremidades austrais dos continentes africano, australiano e americano e omite um continente inteiro, a Antárctida.

Ora já noutros logares expuzemos as razões que temos para su-

---

(1) *Sobre uma forma craniana arcaica*—«Anais da Faculd. de Med, do Porto», vol-IV, n.º 1, 1917 (citado por Giuffrida a pp. 136 e 185 do seu livro, além doutros trabalhos meus, citados a pp. 117, 142, 192 e 228). Daquela minha monografia dei um resumo na «Rivista di Antropologia» (Roma, 1916-1917), sob o título *Sulla pluralità dei tipi ipsistenocefali e sopra alcuni crani portoghesi.*

(2) Fazemos mais larga referência a êste trabalho de Montandon—que é favorável ao monogenismo—no artigo *O significado genealógico do Australopithecus*, etc., cit.

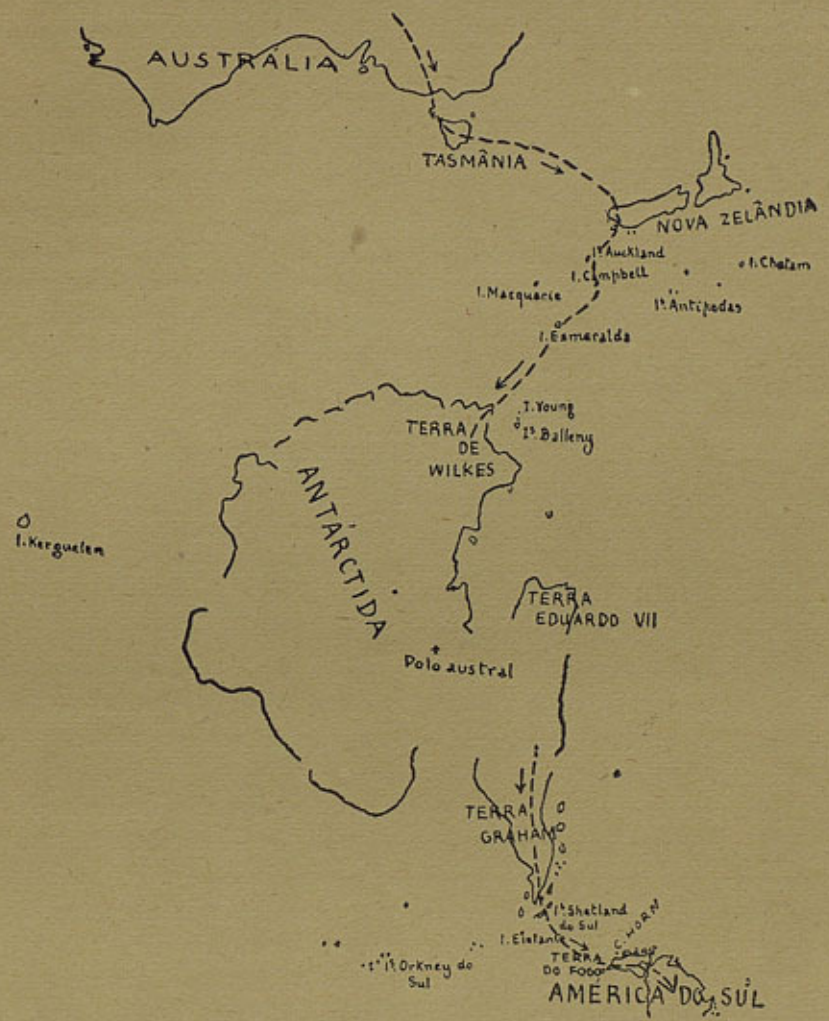


Fig. 4 — *A Antárctida, possível via de trânsito do Homem para a América do Sul*

A linha interrompida indica uma direcção hipotética do movimento, mas é crível, por exemplo, que a Nova Zelândia tivesse sido excluída dessa trajectória, não só em vista da sua posição no esquêma de Wegener em relação à Austrália, mas também em face dos seus habitantes que são diversos dos Australianos.

por que da *área índica* se poderia ser feito a dispersão para a América pela via Austrália — Tasmânia — Antárctida — América do Sul. Esta hipótese foi-nos sugerida pela hipótese de Wegener, da translação dos continentes. A Antárctida não teria ocupado sempre a sua posi-

ção relativa actual, nem possuiria o seu condicionalismo climático d'hoje. Shackleton e Scott descobriram perto do polo Sul depósitos de carvão e madeira fóssil de pinheiro. Nordenskiöld encontrou, em terras antárcticas, fósseis do terciário antigo correspondentes a um clima subtropical e tendo grandes afinidades com a flora da Patagónia e da Terra do Fôgo. Não seria de estranhar que existisse ainda ali, no fim do terciário ou no quaternário, um clima suave, diferente do actual. Convém mesmo recordar que a Antárctida é até, na actualidade, cortada por paralelos que, no hemisfério norte, correspondem a latitudes onde vivem Esquimós, Samoiedas e outras populações, devendo entretanto notar-se que o seu regimen climático é hoje mais rigoroso do que o das regiões árcticas.

A meu vêr, a ligação entre a América do Sul e o Antigo Continente teria existido até á data em que se efectuou a passagem dos símios platirrínios para aquela, cuja fauna mamológica tem uma feição primitiva análoga á da fauna australiana. E' muito interessante que há meio século já Wallace fazia notar que a parte da fauna sul-americana que tem afinidades com tipos australianos, é composta apenas de formas adaptaveis ao frio. (1)

Os Símios americanos (das famílias dos Hapalídios e dos Cebídios) teriam evolutido independentemente dos Primatas do Antigo Continente, porque a ligação teria acabado talvez do meio para os fins do terciário.

Mas se o trânsito de novos Mamíferos já então era impossivel, ficava ainda a possibilidade da passagem do Homem, que transporia mais facilmente pequenos estreitos e canais e aproveitaria istmos, penínsulas e ilhas que marcavam, como ainda hoje algumas o fazem, a anterior continuidade dessas massas continentais (fig. 4).

Não entraremos em maiores detalhes nestas sumárias linhas. Aconselhamos, a quem desejar desenvolvimentos e referências bibliográficas, o cuidado de lêr os trabalhos a que aludimos no decurso desta breve exposição.

A conjectura e a imaginação ocupam naturalmente largo espaço nêstes estudos. Mas nem tudo é mera hipótese. As aquisições scientíficas multiplicam-se constantemente, novos documentos aparecem sem cessar, sugerindo interpretações novas. Assim, não é gratuita a nossa

---

(1) Wegener — *La génesis de los Continentes y Oceanos* — Trad. Inglada Ors — Madrid, 1924 (pag. 24 e 77).

concepção dum arco antropofilético índico, nem se trata duma simples fantasia quando damos a Antárctida como uma possivel via de trânsito dos Primatas e, depois, do Homem, na sua passagem da área do Indico para a América do Sul. Com razão escrevi algures que uma das mais interessantes tarefas dos futuros exploradores da Antárctida — ou das Antárctidas — será a de precisar o papel dêsse território como ponte de dispersão humana.

As águas do Indico são a mortalha fluida de ilhas de corais e de muitos episódios da evolução orgânica. Sob os gelos da Antárctida estarão tambem sepultados, dêsde longe, as soluções de impressionantes mistérios. Tenhamos fé em que o esforço scientífico derramará um dia jorros dum sol claro e revelador sôbre tantos tenebrosos enigmas seculares que o espírito humano incessantemente tem procurado decifrar, na sua ância eterna de verdades—tragédia incomparavel duma beleza épica e duma angústia suprema.

A. A. Mendes Corrêa.



BIBLIOGRAFIA

Antão era Pastor..., por Antão de Morais Gomes.

Flui límpida, sem artifícios, a lírica dêste Poeta que se revela agora. Os seus motivos são os de sempre, são os de todos os artistas para quem os temas mais simples, mais familiares conteem sugestões de uma ingénua beleza cujo descritivo se presta a ritmar em versos de canção.

É uma estreia literária que se destaca e que nós aqui arquivamos como uma promessa de Arte.

Não há nêste livro situações trágicas exasperantes: o soneto descreve quadros calmos, pequenas scenás onde se esparge uma luz feliz de quando em quando enublada de uma saüdade contrita, de uma tristeza que o Poeta sabe esbater em linhas suaves.

Das suas páginas recordaremos: as primeiras, daquelas com que abre o livro:

A minha aldeia é um grande Coração;
E nela cabe toda uma Irmandade:

e depois a *Predestinada*:

És corpo da sortílega Atitude!

e o soneto de amor, logo a seguir, «Graças a ti.»

É com as mãos em concha que te escrevo;
E com o mar em Onda no meu peito.
Meus ouvidos são búsios, num enlêvo
De tuas falas... sôbre as quais me deito...

Na *Revelação* continua os seus versos de Amor:



RAPSODOS

Aguarela. José Cyrne—1919.

José Cyrne é aqui um artista de trágico humorismo. Estas figuras nodosas de músicos errantes dizem toda a vida sombria de duas almas que cumprem um destino maldito: a sua canção ouve-se como um lamento nesta paisagem suave, onde, sob o céu azul, uma capelinha se levanta a bemdizer os montes e os vales... a rota dolorosa dos pobres rapsodos.

A. L.

Tipografia da Companhia Portuguesa Editora, L.da

Eu era cego. Ouvi o teu dizer:
—A tua Imagem posta em harmonia
. . . . . .
Acreditaram logo os meus sentidos
Nessa Revelação dos meus ouvidos:
—Eras Aquela que me pertencia!

E como tela de um delicioso sabor rural a *Senhora do Domingo*:

Domingueirinha, passas para a Igreja,
Cheirosa a mangerico e rosmaninhos...
Lenço à cabeça, a modos de cereja,
E saia de riscado aos quadradinhos

Em qualquer parte, Amor, onde eu esteja,
Conheço-te o bater dos tamanquinhos...
. . . . . .

Dêsses velados de saüdade, a *Salinha de Costura* contem os melhores:

Minha triste salinha de costura;
Já não te encontro todas as manhãs,
. . . . . .

Tu já foste talhada, em miniatura,
—E bem alumiadinha de maçãs
Para ser a devota iluminura
De imagens animadas e cristãs.

Eis alguns excerptos dêste livro simples, escrito por um verdadeiro Poeta. —A edição, pelo seu bom aspecto gráfico, honra a Companhia Portuguêsa Editora, Limitada.

* * * A. L.

Fôrças Psíquicas (Ensaio Filosófico), por J. Reis Gomes.— Da Academia das Sciências de Lisboa.

Muito interessante, sob todos os pontos de vista, êste notável livro do eminente escritor, o sr. J. Reis Gomes.

A preparação scientífica do autor, o seu brilhante talento, e as suas grandes faculdades de estudo, a que rendemos o sincero preito da nossa homenagem, dão a êste livro, iluminado pela mais escrupulosa honestidade scientífica, um alto valor, impondo-o à consideração dos estudiosos.

Vem de longe, de muito longe, a tendência humana de procurar explicar todos os fenómenos que envolvem a vida, e quando o homem não sabe, e, por-

tanto, não pode explicar êsses fenómenos, arranja uma maneira ingenuamente simples e fácil de resolver a dificuldade dizendo — *são fenómenos sobrenaturais.*

A viagem tem sido longa, vem do homem de Neanderthal até aos nossos dias, e, não obstante não parou ainda, continuando a ilusão do livre arbitrio a despertar a ilusão do sobrenatural.

Logo nas primeiras páginas das *Forças Psíquicas* escreveu o sr. J. Reis Gomes êste conceito lapidar: « Dum estudo mais aprofundado das *forças psíquicas* subordinadas, no todo ou em parte, ao pensamento e à vontade — e ainda das que estão sujeitas ao subconsciente — prevêmos que poderá surgir a interpretação de vários fenómenos, que actualmente já não podem ser negados, e para os quais, muitos procuram uma explicação, não nos elementos da própria vida, mas em condições inteiramente dependentes da sua supressão — achando mais simples e mais cómodo evocar uma *alma* e faze-la intervir, através de um médium, nos assuntos mais pueris e comesinhos, do que admitir que concorrerão no próprio médium as circunstancias determinantes do extranho fenómeno que observam ».

Estas simples palavras rasgam, até certo ponto, o veu sem consistência scientifica, aliás, em que o *espiritismo* procura acobertar-se, e deixam vêr claro o caminho que a sciência tem de trilhar sem o auxilio das *almas,* que para aqui não podem nem devem ser chamadas.

Todavia, devemos confessar que a teoria espírita lançou tão fundas raízes por êsse mundo além, que ainda há pouco assistimos a um congresso espírita realisado em Lisboa, e onde pessoas cultas discutiram os mais extranhos e inverosímeis pareceres.

No mês passado em Paris, num outro congresso espírita, reclamava-se do governo francês para que a *sciência do Além fôsse cuidadosamente ensinada nas escolas!*

Houve até quem nêsse congresso emitisse a opinião de que o tristemente célebre Landru era nem mais nem menos do *que uma reincarnação do Barba-azul!*

E' diante de tantas ilusões que o autor das *Forças Psíquicas,* afirma que « a teoria espírita, por mais respeitável que seja, ou é uma religião ou uma construção metafísica, fundamentalmente afastada de bases experimentais ».

O Dr. Geley, uma alta capacidade scientífica e de uma probidade incontestada, embora tendendo para a crença nas existências sucessivas, confessava claramente, contraditando algumas conclusões do Prof. Richet: « a sobrevivencia da alma não pode ser demonstrada *directamente,* pelos factos metafisicos ». (1)

Dizia-se que o sabio Prof. Richet, tão citado pelos espíritas, era um dos chefes da seita.

Mas uma vez fazendo declarações a Paul Heusé afirmou por uma forma concludente *que não acreditava numa só palavra do espiritismo.*

E aqui devia ter-se produzido uma grande decepção entre os filiados na extranha doutrina espírita.

Este livro do sr. J. Reis Gomes, está cheio de erudição, e constitue um

---

(1) *Forças Psíquicas.*

consciencioso estudo sem parti-pris, antes trabalhado com o mais honesto propósito de esclarecer um assunto da maior importância, e que reclama a atenção dos scientistas para libertar a humanidade de quiméras que apenas a conduzem ao êrro.

E' digno do maior aplauso êste trabalho de vulgarização scientífica, esta paixão, êste amor pela verdade de que estão repletas as páginas de tão notável livro.

«¿Qual a relação íntima e naturalmente estabelecida, pregunta o sr. J. Reis Gomes, entre a metapsíquica subjectiva e o metapsíquismo objectivo? «Desconhecemo-la. Apenas sabemos, como já vimos, que vários experimentadores, entre os quais Geley e o Prof. Richet, as julgam de uma essência única».

« Supomos, no entanto, pelas razões explanadas no texto, que as duas classes de fenómenos são, pelo menos, efeitos diversos da mesma causa próxima, a força psíquica, por nós considerada como uma forma da energia electrica dimanada do consciente ou do inconsciente humanos, conforme os casos, e em obediência à Causa Transcendente, que colocamos, pela sua índole, fóra do plano dêste estudo ».

E' que o sr. J. Reis Gomes não trata no seu livro senão daquilo até onde a sciência pode chegar.

O sobrenatural está fóra da compreenção humana, não pode caber dentro de estudos experimentais.

« E' indispensavel fixarmos êste ponto, diz o autor, assentando em que os actos mais simples e banais da nossa vida orgânica — os movimentos voluntários — são fenómenos de energia electrica, ou de uma modalidade desta energia, cuja fonte reside na capital do nosso sistema nervoso ».

E assim os fenómenos psíquicos, que se manifestam como realizações opostas ao fenómeno espírita, não deixam de ser forças desconhecidas até certo ponto, e que residem especialmente no sub-consciente, cuja acção convem esclarecer.

Não é possivel acompanhar a par e passo o desenvolvimento de um estudo tão profundo e tão bem concatenado, estudo que lança uma viva luz no psíquismo oculto, e que parece o raiar de uma alvorada como a maior esperança nas conquistas da sciência.

O sr. Reis Gomes procurou esgotar a matéria estudando Maeterlinck, o sábio padre Mainagre, Dr. Geley, o eminente Prof. Charles Richet, Madame Curie, o Dr. Rivière, De Rochas, Prof. Brauly, William Crookes, Flammarion, Paul Heusé, etc., etc., para assim chegar a conclusões positivas, e afirmar com base scientífica *que a força psíquica que determina e regula os actos mais comuns da nossa vida, é de modalidade eléctrica.*

Êle procurou interpretar os fenómenos que merecem crédito pelo valor e seriedade de notáveis experimentadores, mas não se quedou por aqui.

Apresenta também pontos de vista seus, completamente originais, como seja a interferência da emoção como elemento despertador do sub-consciente, e que o faz colaborar na obra humana.

E' sem dúvida, uma nova função dada à *sensibilidade*, fundando-se o sr. Reis Gomes em factos apartados pelos autores que descutia, mas que lhe pareceram bem justificados, ou pelo menos muito defensáveis.

O autor formula também uma hipótese sua no tocante ao fenómeno das *materializações ectoplásmicas*, que, segundo a opinião do próprio anti-espírita Prof. Richet, passa por ser o mais extraordinário fenómeno biológico moderno.

Aqui caberia, sem dúvida, apresentar certas experiências de materializações ectoplásmicas feitas por Geley e Richet, por serem dois scientistas da mais incontestada probidade, como já se disse.

¿Mas, aonde nos levariam essas citações?

O espaço escasseia-nos e compreende-se que numa simples notícia não cabe a crítica completa a uma obra de tanto fundo e de tanto valor como as *Forças Psíquicas* do sr. J. Reis Gomes.

A hipótese apresentada pelo autor, embora como explicação provisória, é fundamentada em factos biológicos mais claros e mais lógicos do que a arquitectada por Geley.

No vitalismo de Geley é que os espíritistas se estribaram para a sua teoria das aparições, constituindo uma nova religião, uma formula inteiramente mística, com pretensas demonstrações experimentais.

A leitura dêste interessante e consubstâncioso livro impressiona a todos os espíritos que amam a verdade, e impõe-se a todos os corações que sentem o palpitar febril da ânsia de acompanhar os progressos da sciência.

A edição dêste notável livro pertence à Livraria Clássica Editora, de Lisboa.

Outubro, 1925.

A. J. S.

* * *

Questões Económicas e Sociais (Política Agrária), por Dr. Palma de Vilhena.

O Sr. Dr. Palma de Vilhena na sua interessante monografía — *Questões Económicas e Sociais* — versa um assunto da mais palpitante actualidade e da maior conveniência para o nosso país.

Durante toda a nossa vida, que já vai longa, temos ouvido dizer que Portugal é uma nação agrícola, e, contudo ainda hoje nós não sabemos ir buscar à terra tudo quanto a terra nos pode dar para a nossa alimentação.

E porque?

Porque existe no ensino agrícola uma grande deficiência, acompanhando êsse ensino, que devia ser essencialmente prático e experimental, o caracter quase exclusivamente especulativo, o que aliás constitue o bem triste apanágio dos métodos, ou antes da falta de métodos nas nossas escolas.

E é por isso que existe uma grande desconfiança da parte da nossa população rural, e para vence-la, para domina-la, afirma o Sr. Dr. Palma de Vilhena, é indispensavel *a demonstração de visu; o ensino praticamente realisado, de tudo que signifique interesse e proveito na sua adequada utilisação.*

Sòmente assim, isto é, sòmente dando ao ensino elementar agrícola, toda

a feição profissional, segundo a esclarecida opinião do autor, dando-lhe uma forma inteiramente prática, com a exemplificação das vantagens dos novos processos e de novas formas de explorar a terra, apenas acompanhadas de uma simples e acessivel explicação das causas mais viáveis da sua vantajosa utilização.

Mas não é só no campo do ensino agrícola, tão desenvolvidamente tratado na monografia que temos presente; o Sr. Dr. Palma de Vilhena, depois de opinar que — «Ou se marcha para a produção e para a prosperidade, ou se caminha, numa indiferença que já é loucura, para a desordem, para o caos, para a dissolução social» — encara o problema da produção frumentária com muito bom senso o conhecimento proficiente do assunto.

Encontra-se neste opúsculo um notável alvitre para fazer baratear o pão, o que sem dúvida representa uma iniciativa de incalculáveis benefícios para o nosso país; mas também se encontra uma valiosa afirmação referente ao aumento da produção cerealífera.

O Sr. Dr. Palma de Vilhena afirma que se pode e deve aumentar essa produção, para pelo menos o dobro, dentro das terras mais apropriadas a essa cultura, desde que haja adubações abundantes e adequadas, selecção de boas sementes, uma sábia e proficiente intensificação cultural, e a verdadeira protecção da parte do Estado á lavoura, expressa em concessão de crédito agrícola, tarifas baixas de transportes, bonus sôbre adubos e màquinas, etc., etc.

Por esta simples amostra, o mais resumida que nos foi possivel fazer, bem se pode avaliar da importância do trabalho do autor, e quanto êsse trabalho interessa á lavoura da nossa terra, devendo tão interessante monografia ser largamente espalhada pelo país, que tanto carece de estímulos para navas energias agrícolas, fonte principal da nossa riquesa e da tranqüilidade e bem estar do nosso povo.

Agradecemos muito cordealmente a oferta dêste livrinho precioso, editado pela Companhia Portuguesa Editora, L.da.

X

* * *

A Regeneração (Fontes Pereira de Melo), por Eduardo de Noronha.

O ilustre polígrafo, o sr. Eduardo de Noronha, que é autor de uma vasta obra de vulgarização, e que se popularizou como estudioso de alto valor e crítico de acentuados méritos, acaba de dar à estampa um livro muito curioso, onde estuda o eminente estadista *Antonio Maria Fontes Pereira de Melo* e a sua época.

A leitura dêste belo livro, aliás, largamente ilustrado com muitos retratos dos homens mais em evidência na política da Regeneração, apresenta notáveis subsídios para a história de uma época que teve uma acção decisiva nas lutas quase intermináveis entre o absolutismo e a liberdade.

Fontes Pereira de Melo sem ainda ter concluído o seu curso de oficial de marinha, e nem sequer iniciado o seu outro curso de engenheiro militar, sendo,

portanto, apenas aspirante de marinha, fez parte da guarnição de um reduto que, em Lisboa, fôra atacado pelas fôrças absolutistas, a 10 de Outubro de 1833.

O almirante Napier empregava, por essa ocasião, todos os esforços para defender a Capital, e a organização das linhas de redutos, que com tanta actividade pôde realizar, constituiu um valioso elemento de defeza que lhe deu a vitória.

Muito novo, *Fontes Pereira de Melo* mostrou logo o grande arcaboiço da sua coragem e da energia do seu carácter de soldado valoroso.

Esta fáse de *Fontes Pereira de Melo* é pouco conhecida, porque o talento do grande estadista absorveu, no campo da política, toda a sua envergadura de soldado.

Fontes Pereira de Melo concluiu, com muita distinção, o seu curso de engenheiro militar em 1839, e tomou parte na memorável batalha de Torres Vedras, encorporado no Estado Maior do marechal Saldanha, como tenente de engenharia.

Ouçamos o *sr. Eduardo de Noronha:*

«Cometera-lhe o vencedor de tantas batalhas a honrosa e arriscada missão de fazer o reconhecimento do campo onde se ia ferir a luta fratricida. Houve-se o juvenil oficial com acerto e brilho.

Não poucas vezes correu o perigo de ser aprisionado ou varado por uma bala. Impávido, arrostando a morte a cada passada, examinou tudo quanto precisava e registou quanto lhe convinha. O seu trabalho minucioso, não omitindo nenhum pormenor essencial, notando cada dobra de terreno, aparentando o valor de cada sítio no duplo ponto de vista de ataque e de defeza, esclarecendo com segurança e perfeito conhecimento da causa a mais insignificante particularidade, habilitou o comando em-chefe, fornecendo-lhe todos os elementos possíveis, a conhecer polegada a polegada, o mais oculto recanto do vasto tablado onde ia desenrolar-se o mortífero drama».

No final da refrega triunfante, o marechal Saldanha à frente da ofiicialidade do seu Estado-Maior e em presença da escolta, tirou do seu peito a venera da Torre e Espada e colocara-a no peito do jovem tenente.

No relatório oficial das operações dirigido ao Ministro da Guerra, Saldanha declarava que o «triunfo obtido derivava em boa parte do pormenorizado e elucidativo reconhecimento efectuado pelo tenente *Fontes Pereira de Melo*».

O papel dominante que *Fontes Pereira de Melo* exerceu na política do nosso país, as suas eminentes qualidades de estadista, a nobreza do seu caracter e o brilho da sua administração nos negócios públicos, como que apagaram as suas grandes virtudes militares, que ficaram para sempre num plano bem secundário.

O livro do *Sr. Noronha,* que temos presente, muito interessante sob todos os pontos de vista, sem saír do campo restricto em que foi traçado, — subsídios para a história da sua vida — apresenta uma certa forma episódica muito curiosa, mostrando ao mesmo tempo um trabalho honesto de investigação, digno do nome laureado do seu autor.

Encontra-se também nêste livro um relato lúcido da época em que *Fontes Pereira de Melo* exerceu a sua acção política e administrativa, como chefe do

partido regenerador, do valor dos seus colaboradores, e sobretudo do muito que fez para valorizar o exército.

Pode-se dizer que as primeiras machadadas aplicadas no secular regime monárquico, fôram vibradas nêsse grande duelo político entre o Conde de Tomar e o Duque de Saldanha.

Por todos estes predicados que apenas deixamos aqui ligeiramente esboçados, depreende-se que o livro merece a aceitação do público que estuda, por que êle vale, na verdade, como um traço flagrante duma parte da nossa história contemporânea.

A edição é da Companhia Portuguesa Editora, L.da, a quem agradecemos o exemplar que nos ofereceu.

X.

* * *

Nação Portuguesa, revista mensal de cultura nacionalista.

Recebemos e agradecemos os n.os 4 e 5 desta interessante publicação lisbonense, que tem os seguintes selectos colaboradores:

António Sardinha, Hipólito Raposo, César A. de Oliveira, Nuno de Montemor, Manuel Murias, R. Cavalheiro, Marcello Caetano, J. M. Ribeiro da Silva, e outros.

X.

* * *

"Revista Mensal—Theatro e Letras".

Recebemos o n.º 1 do 1.º ano, relativo ao mês de Agosto de 1925.

E' um belo escrínio de jóias várias, em prosa e verso, cujo brilho convidamos os nossos leitores a apreciar.

Colaboram neste número, os seguintes conhecidos nomes: Júlio Dantas, Alfrêdo Pimenta, Aquilino Ribeiro, D. Fernanda de Castro, Ferreira de Castro, Manuel Ribeiro, Joaquim Manso, João Maria Ferreira, João Grave, D. Beatríz Delgado, Raúl Brandão, A. Forjaz de Sampaio e Ramada Curto.

Muito agradecemos a permuta.

X.

* * *

Viagem Surpreendente (Novela), por Eduardo Moreira.

E' um agradável livrinho de propaganda protestante, que nos descreve a «curiosa jornada que o simpático jovem Ateu fez pela bela estrada da Inquirição...» e o mais que no mesmo se verá.

Cumpre-nos agradecer o dedicado oferecimento.

X.

Companhia Portuguesa Editora, L.da

SÉDE — Rua da Boavista, 307 SUCURSAL — Rua do Almada, 123
PORTO — PORTUGAL

Premiada com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro em 1922

EXTRACTO DO CATÁLOGO

Açores (Os). Estudo sobre a propriedade da descoberta deste arquipelago pelos portuguezes, por João Gonçalves. 1 vol broch. . 4$000

Aguas passadas. Notas dum velho canhenho, por Camara Lima. 1 vol. brochado. . . . . 10$000

Album ilustrado de Portugal. Colecção de fototipias, com o texto em português, francês e inglês 1 vol. cartonado . . . . 5$000

Alfa. Ensaios poeticos, por David Diniz, com uma carta-prefácio de Alberto Corrêa, 1 vol. brochado. . . . . 5$000

Algarve (O). Notas impressionistas, por Julio Lourenço Pinto, 1 vol. brochado. . . . . 12$500

Alma (A) de Camões, por Ernesto Pires, 1 folheto brochado. . 4$000

Alma Portuguesa, pelo Dr. Joaquim Costa, prefácio de José Pereira de Sampaio (Bruno), 1 vol. brochado . . . . . 12$500

Alma Religiosa (Versos), por Antonio Corrêa de Oliveira. (Nova edição no prelo). . . . . .

Almas Femininas, contos interessantes, por Maria d'Oneill. 1 vol. brochado . . . . . 10$000

Almas torturadas, contos simples, por Graça e Cruz. 1 vol. brochado . . . . . 5$000

Amar, sofrer (Versos), por Forbes Costa. 1 vol. brochado . . 7$500

Ano (O) das Batalhas ou a Guerra Franco-Alemã de 1870 a 1871, por Mr. M. P. Brochett, M. D., escritor americano e autor de diferentes e varias obras militares. Tradução de A. Bátista Lobo, capitão de Cavalaria. 1 vol. brochado . . 15$000

Ano (O) Scientifico e Industrial. Principaes descobertas scientificas de 1903, por Amadeu de Vasconcelos (Mariote). 1.º vol. brochado . . . . . 12$500

Ano (O) Scientifico e industrial, por Amadeu de Vasconcelos (Mariote). 3.º vol. brochado. . . . . 12$500
(O 2.º vol, está esgotado).

A Porta da Havaneza Da Tomarada á Republica, por Eduardo de Noronha. 1 vol. brochado . . . . . 12$500

Arqueologia Religiosa. Noticia dos ultimos conventos de religiosas no Porto, pelo P.e Francisco José Patricio. 1 vol.. . . . 5$000

Camilo Castelo Branco e o Snr. Dr. Bombarda, por Paulo Osorio. 1 folheto brochado . . . . . 4$000

Camilo e os medicos — pelo Dr. Maximiano de Lemos, nova edição no prelo . . . . . .

Camoneana Academica — Junho, 1880. 1 volume brochado . . 5$000

Candido de Figueiredo (Dr.). Noticia sucinta da sua vida e obras extraidas do Dicionario «Portugal» com algumas anotações na parte omissa. 1 folheto brochado . . . . . 4$000

Cantigas leva-as o vento. (Versos), por Vicente d'Arnoso. 1 vol. 5$000

Canto Primaveril e outros poemas, por Carlos Maul. 1 vol brochado 6$000

Capital Salarios (O). O trabalho na antiguidade e na idade-média, pelo Dr. J. Abundio da Silva 1 vol. brochado. . . . . 12$500

Cartas a um Esteta, por Alfredo Pimenta. 1 vol. brochado . . 7$500

Cartas do Japão. II. — Um ano de guerra (1904-1905), por Wenceslau de Morais, com um prefacio de Vicente de Almeida Eça. 1 vol. brochado. . . . . 15$000

Cartas Notaveis de Camilo Castelo Branco — O patriotismo de Fr. Bartolomeu dos Martires — O Castelo de Lanhoso — O Mosteiro de Tibães, apreciações de José Carlos de Araujo Mota Junior. 1 vol. brochado . . . . . 8$000

Centenario (O) do Infante D. Henrique no Porto, por Firmino Pereira, com uma carta-prefacio de Bento Carqueja. 1 vol. brochado . . . . . 15$000

Colera Morbus (O). Sua profilaxia e tratamento, por Lourenço de Almeida Azevedo. 1 vol. brochado . . . . . 4$000

Conferencias Pedagogicas do Porto em 1883, por A. Simões Lopes. 1 volume brochado . . . . . 4$000

Conferencias pelo professor Julio de Matos. — Curso clinico de doenças mentais e nervosas. Reportagem de Bartolomeu Severino, 1.ª série de 10 conferencias num volume brochado. . 7$500

2.ª série de 10 conferências. 1 vol. brochado . . . . . 7$500

Contos da Aldeia, por Alberto Braga. (Nova Edição). 1 vol. broch. 10$000

Contos e Pontos, por Rocha Pombo. 1 volume brochado. . . 15$000

Contos para os nossos filhos, colecionados e traduzidos por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo. 1 vol. ilustrado . . . . . 10$000

Contos Tradicionais do Algarve, por F. Xavier de Ataide Oliveira (Dr.) 2 volumes brochados . . . . . 15$000

Contos Tradicionais do Povo Português, por Teofilo Braga. 2 vol. brochados . . . . . 15$000

Convenio com os portadores da Divida Externa Portuguesa. 1 vol. brochado . . . . . 5$000

Crise (A) Portuguesa, por Paulo Osorio. — Conferencia realizada na séde da Liga Monarquica, em Lisboa, na noite de 27 de maio de 1909. 1 volume brochado . . . . . 5$000

Cristãos ás fêras. Confissão das minhas culpas, pelo padre Guimarães, com uma carta ao Senhor Bispo do Porto. 1 volume brochado . . . . . 4$000

Dolmen (O) da Barrosa. Noticia abreviada deste monumento, pelo General Mesquita Carvalho. 1 volume brochado . . . . 6$000

Douro (O). Poesia, pelo Visconde de Gouvêa, com uma carta preambular e anotações ao texto, por Alberto Pimentel. 1 volume brochado . . . . . 5$000

DIÓNYSOS

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Director—Aarão de Lacerda
Secretário—José Maciel Ribeiro Fortes

EDITORES E PROPRIETÁRIOS
Companhia Portugueza Editora, L.da

Redacção e Administração — **Rua da Boavista, 311—PÔRTO**

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Secretário da Redacção.

SÓ SE PUBLICAM INÉDITOS

COLABORAÇÃO SOLICITADA

Aberta a assinatura na

Companhia Portuguesa Editora, L.da

e em todas as livrarias

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

CONDIÇÕES PARA A ASSINATURA:

Cada fascículo	10$00
Grupo de 10 fascículos desde o 1.º número	80$00

Cada fascículo é liquidado no acto da entrega

Nome _____

Deseja assinar _____ **fasc., que liquidará no acto da recepção.**

Morada _____

Localidade _____



Capa de JOSÉ CYRNE

DIÓNYSOS

Companhia Portuguesa Editora, L.da

SÉDE — Rua da Boavista, 307 SUCURSAL — Rua do Almada, 123
PORTO — PORTUGAL

Premiada com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro de 1922

EXTRACTO DO CATALOGO

Espiritismo (O) é a Filosofia, por Manoel Gonzales Soriano, tradução de M. Santos. 1 vol. brochado . . . . 10$000

Estro. (Versos-1910, por Carlos Maul. 1 vol. brochado . . 7$500

Estudo sobre as missões no Ultramar, por Egidio Pereira de Oliveira e Azevedo. 1 vol. brochado . . . . 10$000

Exemplo Americano. O aproveitamento do tempo nos Estados Unidos e a forma da melhor propaganda, por E. Servan. 1 vol. profusamente ilustrado . . . . . 8$000

Familia (A). Estudo de Sociologia por Teixeira Bastos. 1 vol. brochado. . . . . 8$000

Farrapos.—Jornal de um impressionista, por Luiz Botelho. 1 vol. brochado . . . . . 8$000

Febre (A) Tifoide tratada pelos banhos frios, pelo Dr. Antonio Maria Flores Loureiro. 1 vol. brochado . . . 7$500

Ferias instrutivas. Obra destinada a premio escolar para crianças distintas no exame de instrução primária por Alvaro R. Machado e José Pereira Salgado. 1 vol. brochado. . . . . 8$000

Fidalguinha (A) da Levada. (Novela Militar), por Alexandre Malheiro. 1 vol. brochado . . . . . 10$000

Figuras de Barro, (Contos), por Julio Brandão (da Academia Real das Sciencias). 1 vol. brochado . . . . . 10$000

Figuras de Cera—Historias contemporaneas, por J. Simões Dias. 1 vol. brochado . . . . . 8$000

Filho (O) do Morgado. (Aventuras dum Caloiro), por Alexandre Malheiro. 1 vol. brochado . . . . . 10$000

Flor d'Alisa. (Romance), por A. de Lamartine. Versão de Alfredo Campos. 1 vol. brochado. . . . . 10$000

Flagelos da Videira, pelo Visconde de Vilarinho de S. Romão. 1 vol. brochado . . . . . 15$000

Flores Mirandezas, por J. Leite de Vasconcelos.—Poesias escritas em lingua Mirandeza. 1 vol. brochado . . . 4$000

Folhas Soltas, (Versos) por João de Deus. 1 vol. brochado. Edição a esgotar-se. . . . . 12$500

Formosa (A) Lusitania, por Catarina Carlota Lady Jakson. Versão do inglez, prefaciada e anotada por **Camilo Castelo Branco.** 1 vol. com capa especial . . . . . 50$000

Fotografias de Lisboa, por Alberto Pimentel. 1 vol. brochado. . . . . 5$000

Função clorofilina, por Wenceslau de Lima. 1 vol. brochado. . . . . 4$000

DIÓNYSOS

3.ª SERIE

REVISTA BIMESTRAL DE FILOSOFIA, SCIENCIA E ARTE

DIRECTOR
Aarão de Lacerda

SECRETÁRIO
José Maciel Ribeiro Fortes

EDITORES E PROPRIETÁRIOS
COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.DA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA BOAVISTA, 311 — PÔRTO

TELEFONE 4715

MAIO DE 1926

N.º 3

SUMÁRIO

Visconde de Vila Moura. . . .	Constantin Meunier.
António de Sousa	Noite de Medo.
Manuel de Figueiredo.	Torre de Babel.
Hernâni Cidade	D. Francisco Manuel de Melo.
Eduardo Salgueiro	Adoração.
José Sant'Ana Dionisio	A origem da Tragédia Grega.
Mateus de Macedo	Montanha.
Santana Rodrigues	Literatura Hindú Contemporânea.
Pinto de Lima.	Descobertas Modernas no Egipto.
Palma de Vilhena	Questões Económicas.
José Maciel Fortes	O aspecto musical do problema fadográfico.
. . . . .	Bibliografia.

COMPOSTO E IMPRESSO
NA
Companhia Portuguesa Editora, L.da
PÔRTO

N.º 2

SAÍDO EM OUTUBRO

SUMÁRIO

Aarão de Lacerda	À memória de José Cyrne.
Abel Manta	José Cyrne (retrato).
Alberto Brochado	A Percepção Musical.
António Ferreira	Soneto.
Francisco Pereira de Sequeira .	O Saboroso engano.
Alexandre José Sarsfield . . .	A casa que Colombo habitou.
Manuel da Silva Gaio	Um Poeta—(A. Sardinha).
Pinto de Lima	Descobertas modernas no Egipto.
Mateus de Macedo	Noite.
Artur de Magalhães Basto . . .	No tempo dos feitores da Flandres.
A. A. Mendes Correia	As primeiras migrações humanas.
José Cyrne	Rapsodos (aguarela).
. . . . .	Bibliografia.



Constantin Meunier

Quando, em junho de 1923 tomei, em Paris, o comboio de Bruxelas, ia, propositadamente, para rever a obra de Meunier, que tanto me havia impressionado quando pela primeira vez visitei a Belgica, e, depois, na Exposição Internacional das Tulherias.

Cheguei a Mons às três horas. A um lado, é a catedral. A espaços eram elevações de limalha, pirâmides de negro, avançadas da grande *Cidade de Negro,* de que nos fala a obra, a correspondência, toda a graça forte de Meunier. O primeiro monumento que visitei em Bruxelas foi a casa do Artista, *rue de l'Abbaye.*

Casa pequena vista de fora, mas, de facto, longa, alargando na extrema, para dar lugar ao *atelier* que foi do Artista e hoje é um museu maravilhoso, abundante de documentação íntima e saliente do seu génio. Conduz ao *atelier* uma galeria, que lembra um braço de sombra, um canal claro-escuro, cuja luz, dum suave artifício do Mestre, do Mestre que o delineou e aí viveu, serve a preparar-nos para a estranha sinfonia, *lição forte do maior ritmo*, que é toda a antiga casa de trabalho do estatuário. Em minhas jornadas de artista vagabundo pelos museus, pelas casas de Arte, por todos os lugares

onde possa descobrir um traço inédito de vida plástica, eu tenho, especialmente, gasto as horas, analisando desenhos, vendo esculturas.

Pois não me lembro de autor moderno que tanto me impressionasse, nem descubro, aínda com auxílio da larga bibliografia geralmente conhecida — as fontes que, fora da sua razão instintiva de criador, levaram Meunier à grande *Cidade de Bronze*, que deixou. De certo todo o artista tem o seu *ocultismo*. Mas um dia vem em que, pela obra, chegamos a devassar-lho, a privar e a vencer sua razão íntima, esclarecendo-nos, e, por vezes, esclarecendo-o sôbre o seu *especial* valor.

Não é o caso de Meunier. Debalde a crítica francesa, segundo o velho costume de tudo atribuir à França, de tudo fazer derivar da França, lhe tem chamado o *Millet belga*, e aventando a hipótese do seu conhecimento pessoal e influência artística de Rodin. Nada menos fundamentado! Millet é um romântico, a quem a vida do campo atrai, que escolhe as comuns scenas rústicas mais simples; é um Poeta de efeitos brandos, elegendo as suas meias-côres, pintando de preferência a oração, a tarde, as almas, as horas serenas. Umas e outras surgem das suas telas como flores da terra permeando luz, abstractas na luz!

Meunier, ainda como pintor, é o artista dos motivos patéticos, que êle trata, enche da serenidade estupenda que forma a sua grande fortuna, só bem mais tarde em marcha, de plástico do bronze.

As preferências do pintor são os motivos conventuais, chegando a residir na Trapa de *Westmaël* para colher da vida monástica suas sombras; a *guerra dos aldeões*, que nada teem com as figuras suaves de Millet; e, sobretudo, os mineiros, em cuja realização há já a preocupação do motivo *mais sentido*. Nada de idílio, de *mera poesia*, como em Millet, mas o trabalho de *razão normal*, enscenando-se e integrando-se na vida geral!

Ah! êste trabalho dá bem a fisionomia artística de Meunier! Se êle forma no primeiro plano dos grandes plásticos de todos os tempos, é que não só sentiu, *mas teve o poder de realizar*, sobretudo pela escultura, uma arte que é mais do que a vulgar vida prisioneira do maior número de obras — uma *arte integral*, surpreendendo os homens em seu *natural* trabalho: Arte estupenda de *linha e alma essenciais!* O caso de Rodin é outro. Como a genealogia de Rodin é outra.

Pode êle dizer-nos que as suas maiores mestras foram as catedrais de França; mais a sua paixão pelo gótico religioso da sua

grande herdeira — a França! Para nós, suas fontes são em todo o antigo; na Natureza, que profundamente amou; nas obras dos grandes da Renascença; e, dentre as obras da Renascença — no trabalho de Donatello e Miguel Angelo, que em si resumem o génio da melhor Arte anterior.

Paga a pena uma jornada directa de Florença à rua de Varennes, ao museu Rodin, para ver das sugestões, dos processos, da continuação, acaso inconsciente, de Miguel Angelo, no génio de Rodin.

Rodin próximo de Meunier? Estravagante desejo de juntar os dois gigantes do escopro, que só podem considerar-se irmãos na altura!

Se, numa abstracção do maior transporte, nos curvassemos sôbre o peito duma estátua de Rodin, para lhe auscultar o ritmo, dela ouviriamos como um distante borborinho de maré, uma música semelhante à dos búzios. No torso elástico dum mineiro de Meunier, sentiriamos, misterioso e isócrono, o bater dum coração.

Do coração do homem.

Espantoso contraste o de Meunier com a sua obra! Aos vinte e dous anos expôs, nas *Belas Artes* de Bruxelas, seu primeiro trabalho de escultura — *La Guirlande* (esboço em gêsso, 1851). Teria exposto também, segundo alguns biógrafos, outras esculturas em 1853. E logo abandonou êste genero de Arte para se fazer pintor!

Depois dos cinqùenta anos retomou a Escultura. Desde a sua primeira Exposição no salão belga até 1888, ano em que apresentou em Paris, *Le Supplicié, plâtre bronzé*—decorrem trinta e sete anos de fervor plástico para encontrar a sua vocação; onde realizar sua fisionomia!

André Fontaine adverte com razão os devotos do Mestre para que não aquilatem pela obra de Victor Rousseau ou de A. Charpentier a sua figura física: era um flébil, de peito reduzido, em quem se desenvolvera uma cabeça admiravel, de luminosa melancolia! «O seu retrato mais semelhante, avisa, não pertence à plástica: é o que nos dá dêle o poeta E'mile Verhaeren, em alguns traços»:

«*Tous les soirs, jusqu'à l'âge de quinze ans, il a pleuré, me disait un de ses parents. Il grandissait, corps malingre, têtes énorme, et certes il était comme le Jérémie de la famille. Meunier est reté le melancolique qu'il était aux années d'enfance.*

Il apparait aujourd'hui malingre encore, la tête forte, l'oeil doux,

mais infiniment triste, e son art, lui aussi, est un art de souffrance» (1).

Eis o «*verdadeiro*» retrato de *Meunier;* sua infância de lágrimas; aquêle a quem as sombras faziam chorar; o melancólico!

Fôra gerado no rescaldo da revolução, que, em 1830, roubara a importância das contribuições públicas cobradas pelo pai, então recebedor.

Este durou dois anos depois do nascimento de Constantino, seu sexto filho.

Chega a quando à miséria dos seus. E a miséria, que parece haver entrado na casa com êle, acompanha-o, obstinadamente; segue-o, ainda já quando conhece a glória!

Sob a protecção do padrinho, Heiger, freqüenta o Ateneu de Bruxelas, mas irregularmente; é um doente; além de que as necessidades da casa não lhe permitem contemporizações literárias. Hesita na profissão a tomar: ebanista, gravador?

Decide-o o irmão Jean-Baptiste em concerto com outros artistas; seria escultor, discípulo de Fraikin, um mestre frio, como quem vinha de Canova, seu ídolo (2).

Donde, talvez, o primeiro trabalho exposto de Meunier — *La Guirlande.*

Depois dos vinte e dois anos cessa êsse trabalho! Como? Porque?

Eis com o que os seus biógrafos não atinam. Espanta que em tempos tão próximos, e tratando-se dum artista tão notável, seja de tal sorte deficiente a sua biografia!

E' que ao verdadeiro artista anda pegada a sua lenda. A Meunier é afecto o caso extravagante, *único*, dum plástico que *se encontra* depois dos cincoenta anos, e em dez realiza a mais prodigiosa obra da Estatuária contemporânea!

Como pôde isto ser? Donde a súbita claridade dêste engenho, quási sem labor anterior capaz de explicá-lo? E, contudo, êle tem o *perfeito saber,* a intuìção, o instinto do essencial, e realiza, como nenhum outro artista, o *essencial.* A sua obra resume-se numa de-

---

(1) *Constantin Meunier*—André Fontaine. 1923.
(2) Loc. cit.

monstração de alma pela representação pura e simples do homem, que resulta da sua visão e das suas mãos como uma arquitectura viva! Tal a milagrosa euritmia da sua obra. Quando pensamos no longo e penoso esfôrço de todo o plástico, e especialmente do escultor, para *aprender a ler*, *a interpretar* o nu; e vemos a boa fatalidade do génio de Meunier, improvisando-se, dum para outro ano, num mestre estupendo da Estatuária — o seu caso avulta ao nosso sentido, como um prodígio de humanidade! Por educar, por buscar os segredos da alma no corpo humano, Rodin povoava de gente nua o *atelier*, que, ora em movimento, ora em repouso, lhe dava em suas vagas de carne, a expansão lapidar da vida profunda, que êle, depois, fundia nos bronzes, arrefecia no mármore! Meunier parecia trabalhar da memória. E, o que é mais, uma espectal índole do seu talento fez que sempre tivesse visto e aprendido as criaturas, porventura as coisas, em suas linhas definitivas, *esculturalmente*.

Admite-se, geralmente, que foi a sua estada em Sevilha, onde fôra, mal subsidiado pelo govêrno belga, copiar um quadro, que determinou o seu regresso à escultura. E' verosímil a explicação. A Espanha é um mundo de sugestões! Uma fortuna de pitoresco; e, além de tudo, um palco de patético, como não conhecemos outro! A expressão real do artista não era a pintura: não pode considerar-se um Mestre da côr, *mas de certa côr*; um Mestre da luz, *mas de certa luz!* A sua expressão era no mármore, e, sobretudo, no bronze. Sua linguagem, a razão íntima do seu ser de artista, eram *na atitude* do mundo estranho que a sua alma ia apercebendo e tinha a cumprir! De facto cumpriu! E que mais real expressão, que a dos sentimentos eternizados em seus mármores, em seus bronzes!

A estadia em Sevilha é ainda um capítulo amargo da sua vida.

Perseguia-o a sua má estrêla, aquela estrêla, que dir-se-ia colhida da lanterna do mineiro, na *região negra*, onde tinha de voltar, que, intimamente o chamava, e onde era a razão *primeira* e *última* da sua obra.

Em Sevilha, mal subsidiado, em companhia de seu filho Carlos, distraía no trabalho a amargura de não tirar estípêndio suficiente a satisfazer os gastos de sua vida, abaixo do normal!

Ora copiava o quadro *Descente de Croix*, de Pierre van Kampen, por desobrigar-se do motivo especial que o levara a Sevilha, desemba-

raçar-se da encomenda do govêrno belga; ora dava asas ao seu coração de criador pintando da rua êsse painel admirável — *A procissão de Sexta-feira Santa em Sevilha*, por todos os títulos precioso, notável! E' nêle a grandesa religiosa da Espanha; e é nêle a Espanha pitoresca, traduzindo o mundo miserável e penitenciário.

Verdadeiro monge da Arte, são os assuntos religiosos que mais o tentam, o atraem: são os quadros da Trapa, sentidos não à maneira de Zurbaran, o pintor da Morte em alvorada, das divinas claridades; mas dos trapistas quàsi só linhas de oração, em que o pincel é já escopro, um meio de estatuària; é o *Martírio de Santo Estevão*, quadro do museu de Gand, em que há a génese do grupo estupendo em bronze, mais tarde executado do *Grisou*; é a *Mater dolorosa*; é o *Ultimo suspiro de Cristo*; são tantas outras manchas que a alma lhe dita da sua graça e dos seus afectos para os espectros da sua Arte, a ponto de se desdobrar num Cristo de que foi modêlo, como composto, confundido, mais que da sua sombra física, das suas agonias.

Eis as suas predilecções; e eis a verdadeira genealogia da sua Arte!

Entretanto, antes e depois da sua ida a Sevilha, persegue-o a sua falta de fortuna. Camille Lemonnier afirma que êle fôra obrigado, para viver, a pintar «para uma clientela equívoca, toda a sorte de encomendas . . . » (1).

Mas o mesmo trabalho o salva! Conta Thiery que, para desenhar, êle armava as duas mãos, servindo-se alternadamente duma e outra.

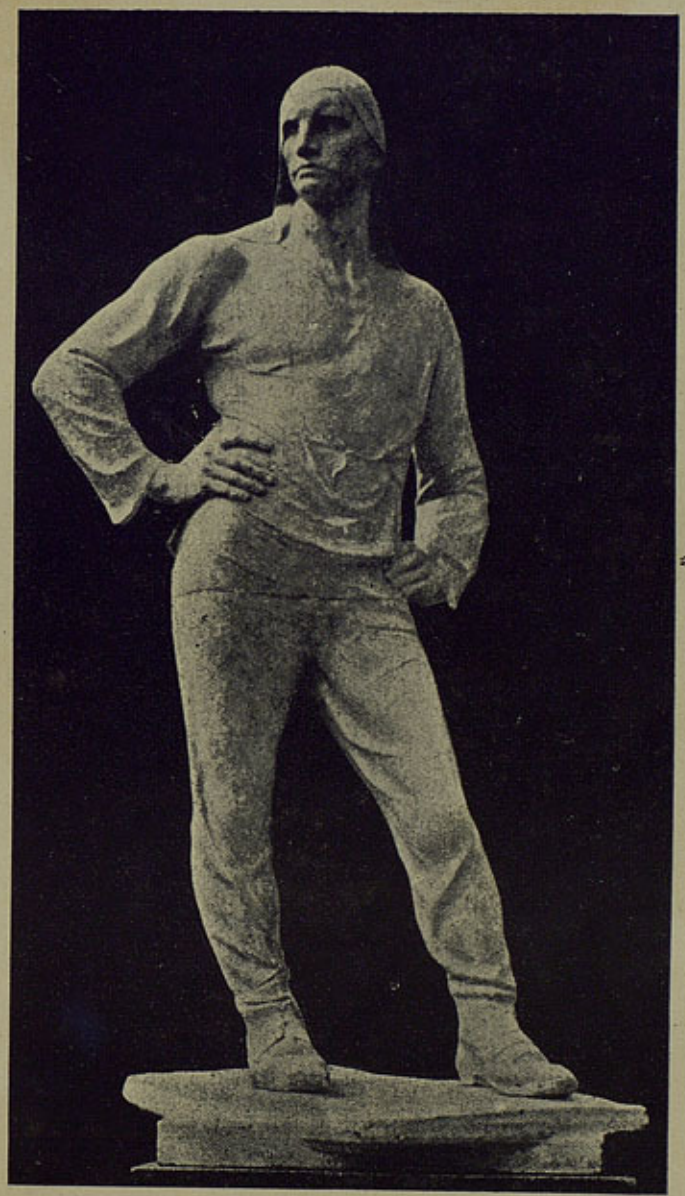
Trabalhava incessantemente, serenamente, com a doce obstinação dos seus mineiros, e como quem o faz à ordem do Destino!

E assim chegou à quási ausência do estilo, para concluir pela obra extrema da *Arte de Meunier*, onde é o mais marcado naturalismo, de que, fora dos antigos, temos conhecimento.

Quando, em 1898, escrevia a Georg Treu que o acaso o levara à região das minas, *Seraing (pays noir)*, onde êle havia sido fortemente emocionado *por uma beleza trágica e feroz* (2), indicava, sem querer, o encontro dos seus particulares motivos de escultura!

---

(1) Ob. cit.
(2) Ob. cit.



Débardeur — Constantin Meunier

Era a fatalidade, sua *boa fatalidade!*

Em 1878 havia começado as romarias pelas oficinas: donde os seus instantâneos de desenhador.

Fábricas de vidro, de lâminas, toda a vida das oficinas, especialmente a dos altos fornos,—eis o tremendo mundo de maravilhas donde devia surdir o escultor!

E, todavia, ainda àquela data escrevia: *que embora tivesse sentido como a revelação duma obra de vida a criar, êle não pensava ao tempo na escultura!*

São ainda telas os trabalhos *La Chaudronnerie* e *Dans l'usine*, expostos, em 1880, em Paris e Gand.

Quando, em Paris, expõe *Le Marteleur*—cerca-o um sucesso ruidoso. Feito em 1885, é franqueado ao publico em 1886, quando o autor contava cinqüenta e quatro anos!

É uma obra definitiva, *uma divindade do trabalho*, obra-prima no novo maravilhoso da Arte actual, aberta a novas energias, a outros ritmos, e a outros *símbolos!*

Impropriamente chamou *Meunier* ao prodigioso gigante de gêsso—*Marteleur*. Ele é, efectivamente, o *Guiador do Aço*, e, como tal deve considerar-se e ficar, ainda simbólicamente, no *Ciclo de Aço* em que foi criado, que vivemos, e a que preside.

Conta *A. Fontaine* que perante as saudações, o entusiasmo dos visitantes do *Salon*, ante o *Marteleur*, —Meunier dizia emocionando: —«Mas o que é que encontram de tão belo na grande figura»?

Octave Mirbeau respondia na imprensa à pregunta do autor, nestas simples palavras:

«*La construction de ce corps, résumeé impitoyablement par les accents nécessaires, exempte de tous les détails inutiles, est admirable. Nous ne sommes pas devant une académie, nous sommes devant la nature même...*

Voilà donc un homme, un homme qui vit, qui agit, et qui souffre» (1).

«*Le Marteleur* vem do atletismo olimpico», diz *Camille Lemonnier*.

E' exacto. E' o trabalhador, o operário, visto da *Nova* Helada!

---

(1) Ob. cit.

Le Puddleur, statue plâtre, é a continuação dum seu antigo quadro (*Lassitude*) e pequena cera, que passa por ser na história do escultor o seu primeiro modelado da segunda fáse.

Figura o cansaço, é como que a admiração do trabalhador perante a sua servidão e o seu poder!

Em França, e para um francês, a exposição destas obras seria não só a gloria, mas a fortuna material.

Meunier teve de procurar ou aceitar uma cadeira de desenhador em *Louvain*, para garantir o sustento da familia, poder viver!

E é no abraço, ainda de luta, da Gloria com a miséria, que êle aprende, em Louvain, os segredos mais fundos do trabalho, *trabalhando* obstinadamente, desesperadamente, concorrendo às exposições, caminhando dia a dia, para vencer os assuntos mais trágicos, pela maneira mais simples; estudando as suas reduções; descobrindo novos traços de vida, que ia colhendo directamente das suas fontes e fixando.

Em 1890 e 1891—expõe duas novas figuras—*Abatteur* e *L'Homme qui boit*.

Esta, sobretudo, marca ainda na sua obra uma *nota humana* de realização a mais extraordinária.

«*Não é verdade*, pergunta outro artista, *que toda a humanidade bebe pela sua boca?*» (1).

Depois são ainda os seus antigos quadros, as primeiras realizações do seu génio, que o levam às novas expressões.

L'Industrie é um quadro que êle proprio tirou do exame directo, que primeiramente traduziu na tela *Le Creuset brisé*, e depois moldou. E' um trecho do inferno que são as vidrarias e que êle próprio descreve da forma seguinte:

Le verre est en fusion dans de grands creusets en terre réfractaire et soumis à l'action intense d'un feu dans un four. Or il arrive, au bout d'un temps plus ou moins long, qu'une fente se produit dans ce creuset, et alors, le verre liquide se répandant, il faut sans tarder remplacer le creuset. Une équipe d'hommes spéciaux vient alors et enlève sur un chariot de fer le creuset incandescent...

Cest une mêlée et un movement du diable qui dure quelques minutes e qui j'ai tâché de rendre» (2).

---

(1) Ob. cit.
(2) Ob. cit.

Eis donde e como resulta a fortuna dum grande escultor! Do exame *piedosamente intelectual* do operário, fôrça poderosíssima da vida moderna!

Suas esculturas são a *razão essencial* da *máquina humana*, cujo motor primeiro é a alma!

A compor e a levantar os seus bronzes — é a mais alta e profunda piedade cristã.

Por isso na história de cada um há um quadro anterior em que figura um santo: o caso do *Grisou*, que lembra o grupo *Martyre de Saint Etienne*. Em todo o grande artista — um místico, ou um poeta!

A *Meunier* vêmo-lo estanciar pelos conventos, donde passou para as oficinas a perscrutar, a aprender a alma humana naquelas escolas supremas de dor, de penitência.

Seu génio é onde é a fatalidade aceite! Como a sua arte é toda de linhas austeras, as linhas máximas de arquitectura do *homem que trabalha*, *do homem que sofre!*

Pelo que é sereno, duma luta confiante ainda ao tratar motivos que para outros artistas seriam casos de *Desespero*, como o *Naufrago*, *Trabalhadores do Mar*, *Mineur à la veine*, — toda essa teoria de quadros da *Humanidade trágica* até ao estupendo, e que êle vê, realiza, como se a seus herois assistisse a graça duma grande esperança a termo, que a um tempo lhes dá uma nobreza quási divina, e os determina, os guia no trabalho ainda contra a cólera dos elementos, ou sôbre abismos!

Que enorme lição de Vida; e estranhos corolários de Arte!

Camille Mauclair nas suas considerações sôbre música, senão no seu gostoso parabolizar de melómano, escreve algures da *música maior do que a vida* . . . (1).

Estravagante erro de amor!

A Música é sempre menor do que a Vida, como o é toda a Arte. Melhor: *a Vida é a suprema Arte indomável, imensurável!* E, contudo, há artistas, como Meunier, que integram seus símbolos, seu trabalho, de tão profundo êle vem, tão real e íntimo êle é — no que há de mais belo e nobre na Natureza, na Vida!

Se procurarmos nos velhos cartões do artista os antecedentes do

---

(1) Mauclair—Les Héros de l'orchestre.

seu futuro trabalho de escultor, aí conseguiremos encontrá-los quási todos. Mas como vamos encontrá-los? Colhidos do natural!

Le cheval a l'abreuvoir, que Fontaine aproxima, pelo raro idealismo, dos cavalos dos frisos gregos, é ainda a resultante dum estudo paciente, feito nas cavalariças do quartel de artilharia de Louvain. E' que a Natureza resume em si todas as escolas; é a mestra incorrutível e inapagável, de todas as atitudes, da mais clara e severa lição.

Onde viu Meunier o modêlo do *Velho cavalo*, bronze, da Exposição trienal de Bruxelas? Em qualquer mina! Na execução dêste trabalho usa o escultor a mesma piedade que para os humanos. E nêle é a síntese da vida laboriosa e desgraçada do mais nobre dos irracionais!

E' que toda a gama do trabalho êle percorre, desde o mais sereno ao mais desesperado, vencendo por seu génio a terribilidade dos assuntos extraordinários. Nada de *adereçar* a Verdade, por mais pobre ou vulgar que ela seja; nada da comum retórica que no século dezanove fez falar, bracejar na praça dos latinos os próprios bronzes, os mármores!

E como conseguia, mais do que vencer os motivos, enobrecê-los, pela gravidade e pelo *exacto* das suas revelações!

Dentre os seus maiores trabalhos de Estatuário, e tantos e bem preciosos êles são, avulta, como um dos mais notáveis, não só em sua obra, mas na de todos os autores e tempos — *Débardeur du Port d'Anvers*, primeiramente exposto em bronze no Salão Nacional de Belas Artes de Paris, e, depois, aproveitado para marcar a fisionomia de Anvers em imperecível monumento.

Depois de ver uma reprodução no Museu Jacques Meunier, e o monumento, encarei o vulgar Débardeur . . . vivo. Tive a impressão de que a Natureza havia reproduzido a obra de Meunier, e não o contrário! Que maravilhosa confusão a das duas figuras; que admirável abstracção a do fatal trabalhador dos portos, daquele pôrto! Esta figura não faculta exame ao seu *processo*, pois não tem processo. Se é matéria animada, viva; uma obra-prima de simplicidade! Toda a obra do Artista é dum alto simbolismo; mas esta transpõe o seu fatal simbolismo: é a vida mesma passada ao bronze. Excede em graça e em verdade *Un semeur* do Jardim Botânico, e *Le Semeur* destinado a coroar o tresmalhado *Monumento do Trabalho*, sonho truncado, mas formidável, do último labor do Estatuário.

Naquela figura de acaso é a demonstração soberana do seu génio. Nem sequer a intenção, ou o propósito da síntese, do símbolo, lhe turbaram o trabalho. Pelo que êste resultou das suas mãos como par do homem, *medium*, um quási roubo da criação.

(continua).

Ancede, 1926.

VISCONDE DE VILA-MOURA.



NOITE DE MÊDO

E' noite: Portas fechadas;
A chuva canta lá fora,
Pelos beirais e levadas,
Numa risada que chora.

¿Quem chama? — Tragam a luz,
A mão à frente, a amparar.
— Santo nome de Jesus!
E' a sombra que quer entrar!

Há valente que se afoite
Pelos caminhos desertos?
— Agora é o reino da noite;
Estão os infernos abertos!

Da noite, reino de assombro,
Rondas de bruxas espreitam;
Lá vão, de enxadas ao ombro,
Os mortos que não se deitam!

Nos cêrros e encruzilhadas,
Corpos ao léu, em farrapos,
Andam as almas penadas,
Os lobisomens e os sapos.

As árvores, nuas, sem folha,
Torcem os braços gementes;
Danada, a chuva que as molha,
Mata, no chão, as sementes!

E, a chicotadas de pragas,
O vento, de hirtos cabelos,
Leva desfeitas as fragas,
Em nuvens como castelos!

¿Quem começou esta guerra?
Um mar de trevas sem fundo
Alagou o Céu e a Terra!
Esta noite *é a fim do mundo!* . . .

A fala gela nos lábios:
Ninguém sabe êste segrêdo.
— Noite de horror! ¿Que é dos sábios
Que sabem matar o mêdo?

A chama está por um fio,
Que a cinza encheu a lareira . . .
Fecho os meus olhos. — Que frio!
— Morre-se desta maneira! . . .

Quarta-feira de Cinzas—1925.

António de Sousa.



Torre de Babel

CORRIA serena e festiva a vida no Paraízo. Santos e santas rezavam cantando devotamente, ao som suavíssimo, fluido das harpas, tangidas pelos anjos com tanta leveza e graça como se fossem roçadas de plumas; era uma música de luz feita para almas, e tão cândida e harmoniosa como uma noite de luar.

Deus, Senhor Omnipotente de todos os Mundos, seguia atentamente a marcha inalterável das estrelas e dos astros, e por tal modo enlevado no encanto supremo da Sua maravilhosa creação que dir-se-hia esquecido dos homens...

. . . . . .

Ora na Terra, que de pequenina que era mal se enxergava, o Homem lutava há milhares de anos dia a dia, sempre em busca de novos e maiores encantos. E por tal forma se envaidecia e estonteava com os tesouros descobertos, que de há muito andava esquecido de comtemplar as estrelas e admirar o Ceu. Na maravilha do seu engenho e na força dos seus braços tudo encontrava.

Começara por arrancar da terra, pouco a pouco, o que mais lhe era preciso aos amanhos da vida. Lá encontrára o trigo e o milho que soubera transformar em pão, e o linho que espadelara e tecera... lá fôra buscar ainda as pedras que, depois de esmagadas e trituradas, lhe deram o ferro e o bronze... E feitos os primeiros montantes e ganhas as primeiras victorias vieram-lhe tambem as primeiras vaidades e os primeiros desejos de domínio... Mas há que tempo isso fôra, por tão distante que ia, jà se não lembrava. Sabia apenas que muitos séculos eram andados, e sempre novos encantos deslumbravam seus olhos, e novas e maiores ambições preocupavam o seu espírito e a sua inteligência.

E recordava, com o esfôrço de quem tenta fixar uma sombra vaga e distante, que de prata e oiro fizera suas baixelas, e ao brilho ardente e tentador das pedrarias fôra buscar maiores belezas, com que comprasse mais amor. Que, olhando enamorado as águas límpidas, cristalinas, de um regato em sombra, descobrira os espelhos em que melhor se podera admirar e envaidecer, e depressa abandonara os linhos brancos pelas sedas coloridas, e dos animais e dos frutos aprendera a preparar saborosas delícias, sobretudo os vinhos doces e espumantes que o embriagavam e lhe davam horas festivas de ruidosa alegria! Sabia mais que na morte buscara o triunfo, e matando, dominára; e que de tal modo era belo e aprazível o mundo que creara, que artistas deslumbrados por tanta beleza, extasiados de tanta perfeição, por todas as formas celebravam, divinisando-o, esse mundo enfeitiçado que os cercava. E sabia ainda que à sua imagem perfeita tinha creado os deuses protectores e tão semelhantes lhe eram os deuses, em virtudes e vícios, que êle próprio se esquecera e enganara a ponto de se julgar por vezes o próprio Jeovah!

Aqui todo o esfôrço de recordar era vão e inutil. Nada mais sabia o Homem. Em torvas guerras tinha deixado perder, ao abandono, as maravilhas que creara. Mas ao recordar de novo, sempre recomeçava o mesmo esforço de creação, e mais belas e mais numerosas eram ainda as novas maravilhas!

Ousados navegadores tinham desvendado todos os mares, buscado todos os continentes e ilhas, e sábios astrónomos conseguido fixar a trajectória dos astros, estudar a vida das estrelas e desmentir Josué, afirmando e demonstrando que a Terra, redonda como uma laranja, gira regularmente em volta do sol no espaço de um ano e em torno de si mesmo no espaço de um dia!

...E já muitos séculos eram andados que um Messias de barba loira, olhar piedoso e azulado, se deixara crucificar entre ladrões para salvar o Mundo, tornando os homens melhores! As palavras simples de suave doçura do Homem-Deus depressa foram transformadas em sábias e complicadas doutrinas, e seus milagres, praticados em silêncio e suavidade, em emaranhados rituais de púrpura e oiro. E porque a sua voz doce e clara há muito se extinguira, e os seus gestos de clemência há muito eram passados, os homens voltaram ao mesmo egoísmo de sempre, e perdidos na vida febril do movimento constante, foram obrigados a abandonar, por escassez de tempo, a leitura puríssima da santa doutrina que se encontrava perdida, como diamante em infinito areal, nas sentenças profundas de sábios doutores. Sempre desvairados e crentes, novos apóstolos iam aparecendo, teimando em transformar o homem pelo homem, guiando-o para mais nobres e elevados fins. Mas desses ideais tão puros, traduzidos em palavras ardentes e tão brilhantes e claras de verdade como o sol, ou nasciam torvas guerras ou malfadadas lutas, em que o mundo e a vida do homem ficava peor e mais negra.

No entanto, os anos passavam rápidos, rolando em turbilhão uns sôbre os outros. Voltava a paz, e com ela tudo o mais se transformava, remodelava, em louca vertigem. O ferro que outr'ora servira para o pesado montante dos herois, servia agora para os canhões—para a ceifa de vidas! Máquinas a vapor e novas energias descobertas encurtavam as distâncias, reduziam o tempo, alargavam os horizontes por tal forma, que já os antigos séculos cabiam nos novos anos —como se caudaloso rio fosse metido dentro dum dedal—e circundar a Terra passou a ser coisa tão fácil, e de tão pouca monta, que dava para alguns dias apenas!

Saudades só *pelo não vêr* ainda existiam, que as notícias iam rápidas do continente para continente. A voz humana ecoava a milhares de léguas, levada por fôrça eléctrica em rápidos segundos! E maravilha suprema! Milagre supremo! O Homem voava, sôbre a terra ou sôbre o mar em vôos mais altos e largos que os das aves marinhas ou os das águias das serras! Tudo se transformava! Tudo mudava! Só o Céu—velho rotineiro—conservava a mesma regularidade de sempre, ora dia, ora noite, em horas certas, monótonas, compassadas!

Mas, em tanta perfeição e tanta grandeza, os homens ainda se não julgavam felizes!

De novo se invejaram e odiaram, e de tal modo, que mais uma

vez a guerra estalou entre êles e, tão formidável por tanta perfeição, que os seus ecos chegaram ao Céu como o longo ribombar de um trovão distante.

E tão forte ela era, e por tal forma ecoava, que os santos e santas de surpresos emudeceram, e os anjos de receosos deixaram de tocar. Todos se entreolhavam assustados, perguntando baixo e a medo o que seria? Deus Todo Poderoso, resplandecia omnipotente em Seu trono de Gloria. E no entanto cada vez era mais forte e distinto o ribombar do trovão... Ecoava longe, muito longe, é certo, mas ouvia-se no Céu! Que seria?! Que seria?!

Então o Arcanjo S. Miguel, sabendo-Lhes o pensamento, para Os socegar, disse indiferente: «Não é nada». E acrescentou, esclarecendo: «Uma das leis do Senhor meu Deus, «*a do equilíbrio de todas as fôrças*» que deita mais uma vez por terra a «Torre de Babel...»

. . . . . .

Os santos e santas suspiraram baixinho, com felicidade, e já serenados em seus temores, de novo começaram seus cânticos, ao som das harpas, docemente tangidas pelos Anjos...

...E só os olhos do Messias, do Homem-Deus, se encheram de lágrimas...

Foz do Douro, Abril de 1920.

MANUEL DE FIGUEIREDO.



D. Francisco Manuel de Melo

(O PROSADOR)

I

Naquele parado século XVII, em que, parece, a Europa repousava da alvoroçada movimentação do século anterior, a literatura, em geral, contentou-se de levar os temas quinhentistas, seleccionados, a um refinamento tal que lhes esgotou todas as virtualidades de beleza e interêsse. Ela era, no sibaritismo dos ócios aristocráticos duma sociedade socialmente e polìticamente em acalmia, um voluptuoso entretenimento. Em vez das profundidades de pensamento especulativo, em vez dos choques da emoção ou da sensibilidade, preferiam-se, em geral, faùlhamentos de equívocos e trocadilhos, de *concetti* e *pointes*, dificeis malabarismos verbais, imprevistos saltos de hipérboles, galas pomposas de metaforismo rètórico.

Unico resíduo da variada e viva realidade quinhentista, dentro dos folhos engomados da frase — *o homem modelado pelo salão*, o que não chocasse, pelo exótico, a cortesia social, zelosamente exigente de

boas-maneiras, gostosamente escrava de conveniências. Esta cortesia quási por toda a Europa se regulava por uma pragmática quanto possível uniformizadora. Aprendia-se ela nas atitudes elegantíssimas de espírito e palavra dos heróis de Lily e d'Urfé, ou directamente se saboreava na lição estética de Marini e Gongora.

Nós, portugueses, somos demasiadamente pequeninos para que a autonomia e a iniciativa mentais possam, no nosso meio, constituir um facto normal. Fomos formalistas como a Europa o era; e com uma agravante, derivada, por um lado, da falta de estímulos íntimos e exteriores para a actividade intelectual, e por outro, da desprotecção dos fados que presidem à caprichosa criação dos génios — fomos, quási exclusivamente, meros repetidores dos formalistas lá de fora. Atafulhámos de prosa e verso muitos milhares de páginas onde não lampeja uma ideia nova ou estremece um sentimento pessoalmente, fundamente vivido. Quási nada, fora das ideias ou dos sentimentos do dógma e da moral católica, ainda assim enredados nos artificialismos vaidosos da paráfrase.

Mas vive em Portugal, neste meio parado e sombrio, tão em contraste com a Espanha que se surpreende no *Fastigimia* de Tomé Pinheiro da Veiga, uma personalidade que de todas destaca pela altura intelectual e pela agitação, variedade, riqueza episódica duma vida intensamente e largamente vivida. Mal saído do colégio jesuítico de Santo Antão, ei-lo marinheiro, soldado, cortesão, diplomata. Sofre um naufrágio; assiste ao combate naval das Dunas; demora-se depois na côrte como poucas alegre e brilhante de Filipe [illegible]. Conhece a França, a Flandres, a Alemanha, a Itália. Convive, de côrte em côrte, de sala em sala, com literatos, diplomatas, ministros, imperantes. E' preso, depois. Nove anos de reclusão lôbrega, seguidos de três de degrêdo áspero no Brasil. Outro aspecto da vida, antipodalmente oposto. Por fim a reabilitação, a actividade diplomática retomada, viajens novas pela Europa culta do tempo — França e Itália. Ninguém, portanto, mais em contacto com a vida — e quási toda a vida, a *Vida* com V, em todos os seus vários aspectos. Junte-se a isto uma inteligência gozando a voluptuosidade do próprio exercício, um temperamento reflexivo de observador, uma elegante cultura de fidalgo e uma rara expressividade de artista — e compreender-se-há o que há de excepcional na figura de D. Francisco Manuel de Melo.

*

* *

Para dar, num artigo de revista, uma ideia quanto possível definidora desta complexa fisionomia de homem de letras, só há um processo: pôr em relêvo seus traços essenciais, surpreendidos nos princípios que o orientam na realização da obra ou nas circunstâncias da sua vida que nesta influíram.

Uma destas circunstâncias já foi apontada — é a rara movimentação dessa vida. A sua cultura, não apenas haurida nos livros, mas vivida em contacto com os homens que a engendravam, alargou-se e enriqueceu-se. E' disso testemunho o último dos *Apólogos Dialogais* — *O Hospital das letras*, tão rico de notícias sôbre toda a literatura do seu tempo, principalmente italiana, espanhola e portuguesa, conhecida em todos os géneros, e ainda sôbre as literaturas clássicas, nos seus mais importantes monumentos. Em dois traços nos dá de cada escritor uma impressão do seu gôsto apurado, gôsto de raro temperamento crítico.

Mas dêste universalismo cultural, faça-se antes ideia através da página 88 do III vol. dos *Apólogos* (*Ed. da Bibliot. dos Clássicos Portug.*) que não transcrevo por demasiado longa. E' relê-la. Quási nada lá falta do que podia interessar as inteligências do tempo — crítica literária, crítica de costumes, obras de história, obras místicas, de sciências políticas, matemáticas, militares, de teatro, poesia... Tudo êle tratou, senão com profundidade, sempre com viva e compreensiva simpatia, com fidalga elegância, sempre com o gostoso à-vontade de quem tem no jôgo das ideias seus preferidos gozos espirituais.

Tal enciclopedismo de curiosidade numa inteligência cosmopolita, acima de tudo crítica, é mínimamente compatível com sujeição a escolas. E de facto, ninguém no seu tempo mais altamente proclama e tão perfeitamente vive a sua independência mental e estética. E' notável, por exemplo, a desafrontada altura da sua crítica ante a autoridade dos clássicos, no tempo em que La Fontaine dizia:

Il ne s'agit pas d'apporter une raison, c'est assez que Quintilien l'ait dit.

Compare-se o espírito de subserviência mental, perante os antigos, de Manuel de Gallegos, no prefácio da *Ulisseia*, e êste comentário de D. Francisco, pela bôca de *Bocalino:*

«Acabem alguma hora por isso os Epicos de se conformarem em suas regras, e haverá quem possa decorá-las e satisfazê-las; mas, entretanto que uns querem que se não cante mais que um só herói, como fez Virgílio com Eneas; e que outros admitem muitos companheiros, como Valério Flaco em seus Argumentos; e entretanto que uns nos mandam se dê princípio aos poemas pelo princípio da acção, seguindo a Homero em Ogigia, outros pelo meio dela, conforme ao mantuano com o seu herói à vista de Cartago...

E depois de enumerar outras divergências nos processos construtivos dos poemas clássicos, remata:

... quando chego a cuidar nisto, não sei abster-me sem repreender e às vezes amaldiçoar a impertinente seita do poetismo, sendo o melhor de tudo que poetando-se desde o princípio do mundo e sendo quási tão infinito o número dos poetas como dos parvos, o negócio se apertou de feição que aos gregos só deixaram a Iliada, aos latinos a Enêada, aos portugueses a Lusiada, aos italianos a Godofreida; ficando de fora espanhois e franceses, sem embargo do falarem as duas melhores línguas da Europa, com perdão dos teutónicos, belgas, anglos e batavos, mas que apelem pelos seus Ronzardos, Teófilos, Bucanos, Barclaios, Erasmos e Aduenos.

Reparar nestas divergências dos clássicos, é minar-lhes a base da autoridade soberana, é, mais do que desprestigiar as *Regras sagradas*, afirmar a impossibilidade de as estabelecer. ¿Tirou D. Francisco dêste princípio todas as conseqüências que êle comporta? Não tirou. Mas, se não quebrou os moldes, deu-lhes em muitos casos uma elasticidade que lhe permitiu casar com freqüência a mais perfeita elegância antiga à mais ciosa liberdade moderna.

Afinal, D. Francisco sabia ler os clássicos. E por tal forma atentamente, que não lhes ignorava as contradições. E' reler aquele passo (*Apólogos, III vol. pág. 116*) em que o nosso severo crítico dá uma boa meia dúzia de palmatoadas em Tito Livio, por

«ser tão afeiçoado à sua nação que talvez omitiu a verdade do sucesso por não confessar suas quebras, tal dissimulou o valor dos barbaros... e tal apropriou aos seus os acontecimentos gloriosos dos nossos.»

Este passo, nem por notar uma falha que já havia sido notada,

como êle próprio diz, por Lipsio e *um varão sábio dos portugueses*, revela menos os conscientes motivos com que êle se libertava da servidão geral do tempo.

Não admira, assim, que o autor da *Carta de Guia dos Casados* preferisse documentar os seus conselhos com seu próprio *saber de experiências feito*, a orná-los palavrosamente com a solenidade das sentenças classicas.

«Não sou já mancebo, diz êle. Criei-me em côrtes; andei por êste mundo; atentava para as cousas; guardava-as na memória. Vi, li, ouvi. Estes serão os textos, êstes os livros que citarei a V. M. nêste papel; donde, juntas algumas histórias que me forem lembrando, pode muito bem ser que não sejam agora menos úteis que essa máquina de Gregos e Romanos, de que os que chamamos doutos para cada cousa nos fazem prato, que às vezes nos enfastia».

A essa sabedoria dos homens que não são, como êle diz, *vivos-mortos*, alude mais duma vez: «*Grande coisa é vêr mundos, cujos sucessos fazem melhor biblioteca que os dois fermosos reis do Egito*».

De maneira que o seu classicismo não será uma imitação servil, como é de uso com o *engazador ou cerzidor que nenhuma coisa sabe fazer senão cadeias em que prende e de ordinário muito contra sua vontade os solenes ditos e aplaudidas sentenças dos passados... que cosem os ricos panos que os antigos teceram, errando-lhe porém a cada passo os fios, côr e o direito...* que não compreendem que a *prezada erudição tem seus termos e mais se deve usar para que dê ocasião de discorrer e inventar novas coisas que para acomodar ao nosso propósito as que já estão ditas...* Será êsse classicismo antes uma perfeita assimilação espiritual, como êle tão vivamente exprime por esta imagem:

Lípsio. Olhai cá, senhores, o homem sábio se há-de haver com as disciplinas como as nuvens com a água; é bem, porque as nuvens bebem as águas salgadas do Oceano, as venham assim chover com o seu próprio sal sôbre a terra? Então fôra a nuvem assolação e não fecundidade. O sal se ha-de ficar no coração da nuvem e a água se ha-de estilar à terra.

O que de mais interessante, porém, cumprirá salientar nesta bela atitude de independência, é que mais de trinta anos antes de Perrault e Fontenelle pôrem o *problema da autoridade* dos clássicos, a quando da célebre *Querelle des anciens et des modernes*, tinha-o posto D. Francisco, resolvendo-o com um argumento que, em sua forma

católica, afirma a mesma verdade essencial que Fontenelle apenas verteu em forma scientífica—ao falar da *Fixité des lois de la nature.*

Nego contudo (o que afirmam outros) que só em aqueles primeiros séculos fôsse liberal a natureza em produzir altos juízos; porque o mundo se bem é verdade que se há-de acabar, não se há-de desfazer primeiro que se acabe; com todas as suas fôrças e faculdades se há-de ir à sepultura, e até ao fim permanecerá na própria ordem em que começou, convindo assim ao maior espanto dos vivos e mais admirável crédito de Omnipotência; porque tem proporção que, assim como Deus de nada fez tudo, de tudo faça nada, e como o mundo nunca ascendeu por graus sucessivos à sua perfeição, não desça por outros tais à sua aniquilação... Honrai, senhores, a antiguidade, para que da posteridade sejais honrados; mas não honremos uma por desonrar outra.

Assim desafrontadamente erguido deante dos clássicos que em geral se endeusava ¿ que admira que o espírito de D. Francisco tantas vezes se mostrasse pairando muito superior à sua época, liberto das suas estreitas concepções e mesquinhas práticas literárias? ¡Quantas ironias dardejou contra os mestres do seu tempo! ¡Como êle tinha e patenteava a consciência da ridícula artificiosidade dos processos estéticos — embora lhes não fugisse completamente!...

Apolo. Prezam-se os de agora estilar a sabedoria e não curar senão com quintas essências, como cirurgião flamengo com emplastos duarbéticos, ou flôres de enxôfre. Dizem que são muito proporcionados ao fastio do entendimento; tudo conforme à botica que trouxe da Itália o marquês Vergilio Malvesi que por cá achou grande gasto.

Contràriamente a esta *estilação da sabedoria*, D. Francisco não desdenha a frase e o tema de bom sabor luso, *o português velho e relho* a que alude na farça do *Fidalgo Aprendiz:*

Poeta—O claro humor de Pirene
em dilúvios fragrantes candidize,
bordes esmalte, retoque, aromatize...

Gil—Aio, êste homem vem perene!
. . . . . .
Mestre, não faleis latim,
qüe eu nunca fui estudante.

Poeta—Falarei, como mandais,
bom português, velho e relho.

Gil—Crêde que é melhor conselho.

A *Carta de Guia dos Casados*, sobretudo, é absolutamente alheia à pompa cultista. E' com a elegante simplicidade, a airosa graça duma conversa de gentil-homem que ela está redigida. Assim mesmo é que D. Francisco havia de aformosear suas atitudes e palavras, para que, feio como era, tivesse no convívio o encanto a que o P.e Manuel Godinho faz referência.

Mas atentemos um momento na sua técnica: Homem dum século que tão alto culto prestava à razão, compreende-se que, em face da realidade — da realidade moral quási sempre, objecto das preferências gerais — o nosso escritor seja um intelectualista, na atitude do espírito como na forma da expressão. Prefere a reflexão à vibração emotiva, e, para se comunicar, não há imagem pitoresca, fornecida pela sensibilidade, que lhe valha uma justa comparação apropriadamente trabalhada pela inteligência e burilada pelo gôsto. Assim, tratanto nos *Relógios Falantes* das guerras que os grandes se fazem e de que os pequenos sofrem, diz:

«Opõem-se lá no céu dois planetas, eclipsa-se o sol ou a lua e nada de todo aquilo prejudica ao céu; pagam os campos, as sementeiras e talvez os homens as paixões que passam as estrêlas no seu firmamento e os planetas em suas esferas, como se nós os atiçássemos...».

A comparação mesmo não é necessária; basta-lhe aquela fria mas clara beleza estilística que resulta da justeza do conceito e da palavra, do recorte da frase, e, muito particularmente, do à-vontade elegante do discurso, mais de mundano que de rètórico, por sóbrio e simples, qualidades que sobretudo realçam na sua admirável maneira de contar.

Abundam os exemplos de todas estas características da obra do grande prosador. Dois acabo de deparar, ambos mostrando o gôsto pelo estilo de percussão predominantemente intelectual—o estilo justo

e frio como a expressão algébrica e cuja principal beleza resulta da equilibrada distribuição da matéria no período, de galante recorte:

«Sabe que cada dia o mundo amanhece dissemelhante e que não está nos modos se não nos tempos a estranheza; males houve, males há e males haverá; mas como dos passados falamos de ouvida, dos futuros com receio, e damos sòmente fé dos que experimentamos, de onde vem que nos parecem maiores os presentes; que a experiência é mais palpável afecto que a admiração do passado e que a cautela do futuro.»

Exemplo da propriedade impecável dos termos, esta enumeração, toda a mover-se em alor oratório:

«Porque a prata se mareia, o ouro se denigre, as esmeraldas embaçam, as pérolas desmaiam, os rubins descoram, o aljofar se perde, o cristal estala, e tudo muda não só a forma mas a sũbstância do que era.»

Mas a par destas frias belezas apenas saboreadas pelo ouvido ou pela razão discursiva, não deixa de surgir também uma ou outra imagem que põe em gostoso alvorôço a sensibilidade. Assim, por exemplo:

«Nunca tive os valorosos por muito arrazoados. Aquela chama que lhes acende fogo ao coração parece que lhes comunica primeiro fumo ao juízo.»

Outra bem interessante, que funde a beleza clássica da evocação mitológica com a sugestão viva da realidade sensível:

«... Mas a malícia é mais artificiosa que Fidias na estátua de Minerva; com tão agudo artifício derrama a culpa pela pessoa, que, sem despedaçar o homem, se não pode arrancar o delito.»

Sobretudo, repare-se no vigor expressivo desta metáfora que um escritor moderno não desgostaria de subscrever:

«... deu êle também em desmanchar sua pessoa, entornando os membros pelo corpo abaixo.»

*

* *

O que aí fica dará uma pálida ideia do prosador extraordinário, duma natureza rica de possibilidades de toda a ordem, desdobrando-se num meio variadamente estimulante. Num próximo artigo, falaremos do poeta que êle também foi e, por análogo processo, procurar-se-há dar ideia, pela maneira como êle concebeu, teorizou e criticou a poesia, da maneira como a realizou.

HERNANI CIDADE.



ADORAÇÃO

Descubro-te no olhar santificado
O Azul que existe além do azul sidéreo!
— O teu corpo de Flor, aonde o Império
De maravilha em que foi modelado?...

Não és Mulher! — és sonho não sonhado,
Aroma não sorvido, ó lírio etéreo!
Tu és Sôpro divino, — és só Mistério
Para mim, tôrvo filho do Pecado!

Mixto de neve e rosa, bem podia
Cuidar-te irmã da Graça e da Alegria,
Astro em flor, beijo em flor, nuvem doirada!

Mas qual o Céu primeiro em que sorriste?
Divina Flor,— qual o bêrço em que floriste?
— Donde vens tu, ignota Madrugada?...

(Do livro inédito «Rosário de Gente Humilde»).

Eduardo Salgueiro.



UMA TÉSE DE NIETZSCHE

A origem da Tragédia Grega

«Diesen Ernsthaften diene zur Belehrung, dass ich von der Kunst als der höchsten Aufgabe und der eigentlich Metaphysischen Tätigkeit dieses Lebens im Sinne des Mannes überzengt ich...» Nietzsche — «Die Geburt der Tragödie».

A OPINIÃO corrente entre os helenistas é a de que a tragédia grega nasceu do culto de Dionysos, alterado por infiltrações órficas e outros elementos miticos vindos da Trácia, da Phrigia, de Eleusis, etc. E' esta explicação natural, histórico-evolucionista, que, por exemplo, nos dá Croiset.

Nietzsche, em 1871, sendo professor de filologia clássica na Universidade de Basileia, na sua ância inata e quasi patologica de *mirar algo de nuevo*, propoz, com uma audácia que fez escandalo, uma explicação de natureza psicológica e metafisica, no livro «Die Geburt der Tragödie».

Para se compreender alguma coisa desta tése bizarra que Seillière não hesita em apelidar duramente de «monumento de ingenhosidade esteril e simbólica arbitrária (1)», é necessário ter-se presente um certo número de dados biográficos, não só de Nietzsche mas de Wagner, visto que esta tése está estreitamente ligada á luta pertinaz que o Exilado de Tribschen sustentou com a ópera italiana e franceza até ao dia glorioso da sua consagração apoteótica em Bayreuth. Não ignorar que o fim secreto desta tése é fazer uma apologia exaltada, embora velada, do drama musical que Nietzsche aponta como uma renascença da tragédia esquileana. Saber ainda que apezar da considerável diferença de idades (2), a intimidade dos dois é plena—é uma amizade de «pares», uma quasi aliança de guerra (3). E convem não ignorar que tanto o moço filologo de Basileia como o seu amigo e companheiro d'armas (Vorkämpfer), o compositor, são discípulos fervorosos de Schopenhauer. Ambos teem por breviário «Das Welt als Wille»; ambos teem o génio da musica: um, creador, o outro, crítico.

Ambos adoram a Grécia, dos deuses e dos herois—a Grécia anímica dos sátyros e das ninfas. Nietzche, sobretudo, desde os primeiros anos de Schulpforta aprendera a amar a civilização atlética da Velha Hélade, que ficou sendo sempre para ele como o arquétipo das civilizações.

Desde cedo a sua alma de artista recolhido, foragida dos ruidos efémeros do mundo, amiga da solidão e do país nevoento da música se sentiù expatriada do claro céu dos helenos. E mais duma vez, pela certa, esta alma deslocada de divino maluco murmurou dois versos saüdosistas de Gœthe:

Und an dem afer steh'iche lange tage
Das land der Griechen mit der Seele suchend (4)

Depois, em Bonn e Leipzig esta atracção tornou-se para Nietzsche uma obsessão e quando ele em 1869 por influencia de Ritschl, veio para Basileia tomar posse da sua cadeira de filologia e filosofia grega, já ele trazia o projecto de escrever um estudo exaustivo da civilização helénica, desde as coisas do pensamento puro á organização social e politica. O seu bizarro discurso de

---

(1) «Apollon ou Dionysos» pag. 12.

(2) Nietzsche contava 27 anos, Wagner 58.

(3) «Eu acabo de selar uma aliança com Wagner, escrevia Nietzsche a um amigo, depois da publicação do livro, mas tu não podes imaginar o grau da nossa intimidade nem podes supôr como os nossos planos se ajustam».

(4) «Ephigenie»—Gœthe.

inauguração «Homer und klassische Philologie» e outros trabalhos menores (1) publicados antes da guerra franco-prussiana não eram mais do que preludios dessa enorme obra projectada.

Mas o conflito estalou. Bismarck que quatro anos antes, em *Sadowa* havia começado a cumprir a sua ameaça profética de que a unidade alemã seria conseguida «a ferro e sangue», ia agora confirmá-la plenamente em Sédan e Versailles.

Sabe-se qual foi o frémito de entusiasmo que perpassou a Alemanha de lés a lés. Nietzsche que mais tarde havia de ser um inimigo implacavel e sarcástico da *kultur*, mas que nesta data acalentava o sonho pangermanista de restaurar o teatro dionisiaco com a ajuda de Wagner, deixou-se tocar pelo arrepio, ouvindo o troar longinquo do canhões de Worth. Concedida a autorização do senado universitário correu a alistar-se voluntariamente no côrpo de maqueiros que fazia serviço em frente do campo entrincheirado de Metz.

A sua grande preocupação nesta hora negra e sangrenta era descobrir a origem da tragédia ática. E' êle mesmo que no-lo diz no prefácio:

«Während die Donner der Schlachs von Wörth über Europa weggingen, sass der Grübler und Rätselfreund, dem die Vaterschaft dieses Buches zuteil ward, irgendwo in einem Winckel der Alpen... Einige Wochen darauf: und er befand sich selbst unter den Mauern von Mets immer noch nich losgekommen von den Fragezeichen die er zur vorgeblichen «Heiterkeit» der Griechen und der griechischen Kunst gesetzt halte...».

A campanha foi tão feliz para Moltke como desastrosa para Nietzsche. Mal restabelecido ainda do acidente do quartel, sobreveio-lhe na Lorena uma perniciosa que ameaçou cortar definitivamente o fio das suas cogitações sobre os Gregos e a tragédia.

Escapou. Na convalescença assaltou-o de novo, como uma obsessão, a antitese dos gregos socráticos e presocráticos.

¿Como se devia interpretar a *serenidade* duns e a *inquietação* dos outros? Aquiles era pessimista ou otimista, temendo a morte? Socrates emborcando *serenamente* a taça da cicuta, glorificava ou anatemizava a Vida?

A tragédia ática é uma obra d'arte pessimista ou otimista? E o diálogo platónico? Como teria nascido a Tragédia? Só do culto de Dionysos? Por detraz disto não haverá uma causa mais profunda—metafisica? A tragédia não

---

(1) Entre outros: «De Laertii Diogenis fontibus», «Analecta Laertina», «Der griechischen Staat»; «Der florentinische tractat über Homer unq Hesiod», etc.

terá sido criada para ser antidoto do *mal de viver*? Não terá ela sido para os Gregos heroicos como que um *refugio*?. .

Eram estas as interrogações que o catedratico de Basileia, o enfermeiro de Metz e o enfermo de Naumburg (1) fazia noite e dia, sem obter uma resposta satisfatória, contundente.

De súbito a chave do enigma caiu lhe aos pés, como um bólido ardente: «... bis er endlich in jenen monat tiefster Spannung, als man in Versailles über den Frieden beriet, auch sich zum Frieden kam krankheit genesend, dic «Geburt der Tragödie aus dem Geiste der musik» letzgültig bei sich feststellte».

A Tragédia nasceu do *espírito da música!*—eis a explicação profunda, schopenhauereana, (2) que Nietzsche, gritou mais exaltado e contente que Arquimedes entrando adánicamente em Sicarusa.

Esta explicação pouco explicita compreende-se menos mal desde que não percamos de vista as advertencias, que já estão feitas, de que Nietzsche, sendo já por si mesmo uma organização esquisita e requintadamente musical, (3) estava para mais embebido nas teorias do genial tarado de Frankfort e obcecado pelo seu sonho secreto, desde que se *aliou* com Wagner, de atordoar a Alemanha com uma apologia ditirambica do drama músical anunciando-o como uma resurreição do teatro dionisiaco *assassinado* por Eurípedes. A tragédia esquileana passou a ser para Nietzsche, desde que ela nasceu do espirito da música, como uma representação essencialmente orquestral e coral. Os acordes sonambulicos, horrísonos, (4) deviam operar sobre o auditório, acastelado no anfiteatro, como lofadas narcotizantes, arrastando-o insensivelmente para o mundo ultra-fenomenal—o *nirvâna*... (5) O *mito* não seria mais que um comentário plástico, visual, para auxiliar esse embriagamento hipnótico. Eurípedes, discípulo dilecto de Sócrates, com o seu génio medíocre de compositor, sobrepondo a acção ao côro e tornando o mito *realista*—«foi o *assassino* da tragédia...» Sócrates e Platão intelectualizando a Vida, moralizando-o,

---

(1) ... Três pessôas distintas e uma só verdadeira ...

(2) Não esquecer que a biblia de Nietzsche é «Das Welt als Wille und Vorstellung» e que Schopenhauer, como Bargson, é um metafisico artista e musical.

(3) E tanto assim que êle, à saida de Schulpforta esteve hesitante na escolha da Universidade ou do Conservatório.

(4) Neste ponto seria oportuno falar duma teoria de Schopenhaner e Wagner sôbre o critério de *beleza* que deve adoptar-se na crítica musical.

(5) Como se vê Nietzsche não faz senão conciliar, acomodar, as téses de asceta de Frankfort e Tribschen com a sua tése.

dissertando *serenamente* sobre a Virtude e o Amôr fôram ainda os cúmplices neste assassinato nefando...

*

* *

Fôram estas as ilacções insolitas e imediatas que o convalescente de Naumburg tirou do seu *eureka*.

Ansioso por urdir estas confusas deduções regressou a Basileia.

O livro *escandoloso* foi escrito febrilmente, em poucas semanas. Esta precipitação devia fatalmente deixar vestígios deploráveis, como o autor é o primeiro a confessar no prefácio de 1886, de Sils-Maria. (1)

Apezar dos seus muitos defeitos, de tom e urdidura, este livro parece-me, em todo o caso, depois de algumas páginas das «Inactuais», aquele que melhor evidencía a sagacidade crítica e discursiva desta personalidade bizarra de artista, filólogo e psicólogo. A obra peca talvez por excesso de abstracção, subjectiva e confusa. Nota-se em compensação um absoluto desdém pelas autoridades. Não há uma citação, uma referencia, uma muleta. O livro parece ter nascido por geração espontánea... (2)

(Continua)

José SANT'ANNA DIONÍSIO.

---

(1) «Aber das Buch, in dem meiu jugend licher Mut und Argwohn sich damals ausliess—was iür ein unmögliches Buch musste aus einer so jugendwidrigen aufgabe erwachsen! .. ein Buch vielleicht für Künstler, voller psychologischer Nenerungen und Artisten-Heiwlichkeiten, mit einer Artisten-Metaphysik im Hintergrnnde, ein Jugendwerk voller Jugendmut und Jugend Schwermut...».

(2) E' sabida a preocupação quasi morbida de Nietzsche de se mostrar e proclamar como um pensador *original*...

MONTANHA

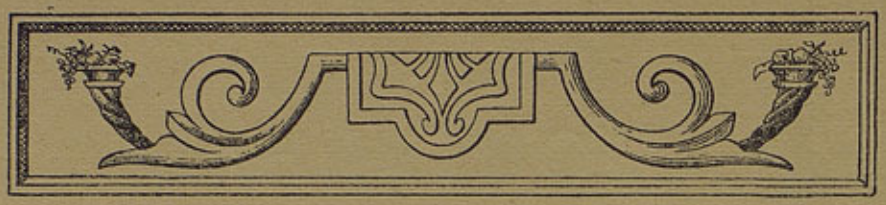
Montanha — imensa mole de granito
Que aos astros se levanta, grandiosa;
Montanha altiva, enorme, vigorosa
— Gigante arremessado ao Infinito!

Fôste a materia ígnea, luminosa;
E's da Alma da Terra, imenso grito;
E's, de tôdo o altar, o mais bendito,
Onde a Essência de Deus é mais formosa

E's a ância de Amor corporisada;
Podes ser a Virtude mais austera,
Podes ser Dor — a mais amargurada...

E's grande, e só grandeza se respira
Do teu hercúleo flanco — és a Quimera
Que, fugindo da terra, ao Céu aspira.

MATEUS DE MACEDO.



Literatura Hindú Contemporânea

Na India antiga, védica e clássica, que o génio guerreiro dos Mauryas e dos Guptas, o talento político de Kautilya e Sukra e o engenho literário de Valmiki e Kalidas levantaram às máximas glórias do poder e aos supremos deleites do espírito, vivia, lez-a-lez com o *sanscrit*, linguagem erudita e aristocrática, opulentada com o pecúlio de toda a sciência e filologia da antiguidade e acomodada às exigências castiças duma sábia e letrada *élite* — o *prackrit*, dialecto popular, modo nativo de falar da gente ignára, idioma porco e desornado, impregnado de impurezas aborigenes.

Do *prackrit*, com o comércio repetido e diuturno com o estrangeiro e com o uso—artifice engenhoso das linguagens—que foi afeiçoando, amaciando e enriquecendo a maneira natural de falar, vieram a polir se os novos idiomas, entre os quaes têm uma fecunda e abundante literatura: o *hindi*, usado na India setentrional desde o Panjab ao oeste até ao Bihar ao este: o *bengali*, em toda a província de Bengala; o *orya*, na província de Orissa; o *marathi*, em todo o Maharashtra; o *gujarathi*, que domina toda a província de Gujarat e o *sindhi*, familiar à região do baixo curso do Indo.

Dentre as influências estranhas, grega, scyta, turca, afghan e inglêsa —que mais fortemente vincaram no solo indiano, a sua pègáda tenaz e demolidora, destaca-se na sua dolorosa realidade, a maometana (turco-afghan). Porém, no período mogol, em que por uma hábil e inspirada reconciliação politica, os hindús e os maometanos disfructavam num pé de perfeita igualdade, as delícias do poder, um genuíno espírito de sacrifício e de sincera *entente* le-

vou uns e outros a repudiarem as suas linguagens nativas, para se criar um novo idioma, em que o alfabeto fôsse árabe, a gramática hindi e o vocabulário mixto, seleccionado e avigorado com os recursos nacionais e estrangeiros, prôdigamente espalhados pelo país: desta arte nasceu o *urdú*, nos nossos dias, um dialecto particular aos maometanos e em uso exclusivo no noroeste e no Oudh. Relíquia da aliança hindú-mussulmana e da mútua cordealidade que constituiu uma feição singular da época próspera e florente da Renascença, o *urdú*, recentemente adoptado como língua intermediária na Universidade Osmania de Hyderabad, tem uma vasta literatura, mas pobre de originalidade criadora,— estéril mescla de traducções e adaptações,— que uma adolescente escola, personificada em Abdul Helim Sharar e Moulana Hali, pretende integrar no hindustani, purgando-a dos exotismos arabes e persas, a despeito da tendência dominante da velha seita dos Moulanas (sacerdotes), orgulhosos e intransigentes.

A India dravídica ou India meridional tem por seu lado quatro linguagens com vetustas tradições literárias e uma regular bibliografia: *telegu*, *tamil*, *canarez* e *malayalam*.

Porém, de todos os modernos idiomas, é o *hindi-hindustani*, o que gosa o voto fervoroso e entusiástico de quantos ambicionam a unidade e independência lingüística do país, porque reüne as mais auspiciosas qualidades para conciliar os contrastes mais flagrantes das diversas províncias. Oriundo do *sanscrit*, cuja estructura conserva com mais acrisolado desvêlo, enriqueceu-se poderosamente em contacto com as falas aborígenes e forasteiras e revelou-se pela primeira vez na floração estética e literaria da ante-manhã da Renascença, nos romances heroico-galantes da cavalaria rajput e nos poemas de gesto de Chand Bardai.

Com o movimento *bhakti*, de renascimento religioso, a téchnica da palavra é reduzida a preceito e assume a sua forma definitiva nas modulações sonoras dos *ghasals* de Sûr-Das, em louvor de Vishnú, nas formosas composições líricas de Keshava Das e Bihari Lal e no maravilhoso monumento épico do novo *Ramaiana* de Tulsi Das. Linguagem plástica, opulenta e eufónica, a unidade e a pureza do seu lexicon, a sua *souplesse* expressiva, a correcção e a naturalidade do seu alfabeto, lhe asseguram nas mãos de Lallu Lalji e seus eminentes contemporâneos a renovação e a riqueza, exigidas pelas derradeiras acquisições scientíficas e lhe garantem o supremo principado entre as restantes criações lingüísticas do Hindostão.

Idioma official da Universidade hindú de Benares, meio nativo de comunicação para um terço da população inteira, dialecto obrigatório na Universidade Nacional de Gujarat, o hindi-hindustani está sendo prodigalizado por uma *équipe* de traductores e filólogos com as últimas conquistas da sciência, a fim de ser consagrado *lingua franca* da India livre.

Se o hindi, pela opulência e ductilidade do seu verbo, pela sua nobre linhagem e pelo prestigio da sua larga expansão, é o fagueiro instrumento da comunhão espiritual da Nação renascente, nenhum dentre os jovens idiomas ultrapassa a exuberante, indómita e luzida eflorescência do bengali.

Em Bengala se enfileiram numa forte e aguerrida falange, os mais brilhantes espiritos da India contemporânea. Nenhuma provincia tem como

Bengala esta rara e perigosa preeminencia de reger e encadear o pensamento efervescente da Jovem India. Bengala é o *foyer* de uma intensa cultura em que a escrupulosa exactidão, o poder de paciente trabalho dos seus historiógrafos e scientistas e o humanismo místico dos seus velhos trovadores se aliam num maravilhoso equilíbrio com o sentido apurado das realidades dos seus homens de Estado e o romantismo vigoroso e energista dos seus escritores realistas.

Dos seus poetas místicos, Rabindranath Tagore é o mais fúlgido expoente. Espirito alto e luminoso, premio Nobel da litteratura de 1913, gosa como nenhum outro embaixador da inteligencia hindú o assinalado privilégio de um renome universal; os seus poemas, dramas, contos, novelas e discursos, traduzidos em todas as linguas cultas, atestam exuberantemente a sua indisputavel superioridade entre os grandes pensadores contemporâneos. Dum tocante e exaltado misticismo nas oferendas devotas do *Gitanjali*, resplende de mágica beleza e veemente amor no *Gardener* e é um pintor excelso da natureza e da vida social indiana no *Chitra*—poema dramatico, pleno de encantadores pensamentos sobre a mulher e o amor, penetrados de augusto carinho pela dignidade da esposa e da mãe. Filósofo que se preocupa com os mistérios do destino no *Sadhana*, onde se levanta a subtilezas da mais nevoenta dialectica, é o mais humano e o mais terno cantor da infância no *Crescent Moon* e no *Post-Office* em que é de inegualavel encanto. A graça e leveza do seu estilo, o colorido surpreendente das suas imagens e o pendor ingénito em manter um tom delicado e digno na interpretação dos assuntos mais ásperos dão às obras de Tagore um sabor de delicioso enlêvo e fascinadora beleza, sem símile em nenhum autor contemporâneo.

Se como contista e novellista, Tagore não hesita em ir arrancar à choça do mísero *tchandala* os modelos vivos das suas personagens, como dramaturgo e, sobretudo como poeta, é um puro aristocrata; os seus herois são reis e príncipes; a sua linguagem é dum aprumo e duma solenidade que se não desmancham, nem quando, como prègador e propheta, desce no *Sacrifice*, no *Nationalism* e na *Creative Unity*, a profligar o fanatismo e a superstição nacionalista em favor de um poético e fantasioso internacionalismo.

A feição cosmopolita e humanitária do seu proselitismo politico não encontra, porém, successores na fogosa juventude bengali.

A imaginação indiana é, ao presente, toda concreta e objectiva, duma nítida e robusta compreensão das realidades.

Jogendra Nath Bose grava em duas memoráveis epopéas, *Prithviraj* e *Shivaji*, a glória imarcessível de dois heróis nacionais, o primeiro do século XII e o último do século XVII. Satiendra Nath Datta sauda e encarece com o seu estro creador e vivificante os esparsos incidentes de «importância nacional» desde os acontecimentos iniciais de 1905 até à sua vigorosa culminação em 1921. De um profuso vocabulário e duma sugestiva dicção, Datta embeleza e engrandece a expressão e o ideal do seu idioma natal.

Hem Chandra Banerji, em suas baladas e em seus poemas épicos, visiona uma grandiosa e predestinada missão à sua pátria desperta e os dramas de Dwijendra Lal Roy são concebidos num motivo único: a luta pela independência. Cada um dos seus heróis é um Guilherme Tell. Bengala deve-lhe a sua *Marselhesa*.

O vigor da linguagem bengali assume, porém, o seu máximo poder de sedução no *Meghanâda-Vhada* (O Suplício de Meghanada) de Madhu Sudan Dutt. Dutt enlaça numa imperturbável harmonia a tradição Ramayanica com a estruturá e a ideologia de Dante e Milton e realiza uma síntese perfeita e bela, sem émulo condigno, sem imitador na literatura hodierna. A natureza, a idealidade, a graça, o vigor do poema irradiam os seus reverberes por todo o país: é a biblia do nacionalismo, é o evangelho da resistência impávida à tirania dominante.

O patriotismo cálido de Dutt inspira as líricas e baladas de Nabin Chandra Sen, em cujo ático ritmo e colorido há rastros fulgentes de arte puríssima.

«Com Girish Chandra Ghosh, o fundador do moderno teatro dramático, Dutt e Sen constituem o glorioso triunvirato do já florescente renascimento artístico e literário de Bengala» (Benoy Sarkar, *The futurism of Young Asia*).

No romance, marca, entre muitos outros, com emoção e brilho, Bankin Chandra Chatterji no *Ananda Matha*, intriga idealizada na grandeza heróica dos patriotas, mártires e libertadores da Nação. *Srikanta* de Saratchandra Chatterjee é um curioso romance de costumes bengalis em que o autor revela, a par da mestria da linguagem, um leve e fino humorismo. Entre os novelistas e romancistas de fama e nomeada, que são muitos e numerosos, há bastantes senhoras, entre as quais, duas irmãs, Sita e Santa Chatterji, filhas do eminente jornalista Ramanandn Chatterjee e cujos *Tales of Bengal* são um enérgico libelo contra os costumes do casamento, e em que se retrata, por entre a graça scintilante do estilo e a viveza esfusiante da descrição, a tragédia da donzela hindú.

A visão romântica do passado, o ardor patriótico e o irreprimível anceio da liberdade que se desprendem da literatura bengali é feição comum de toda a obra literária, novela ou drama, urdida sôbre motivos medievais. *Vande-Mâtaram* (Viva a Pátria) é a mensagem ardente, o *fiat* poderoso que revoa com másculo arrojo não só do *Ananda Mata* e *Râjasinha de Chatterji*, como do *Karan Ghelo* de *Navalram* — uma novela histórica em gujarathi, e da *Ushakal* e da *Princeza de Rupanagar* de Hati Narayan Aptê em marathi.

Madhavaram Tripathi, o fundador do *Gujarati Sahitya Parishae* (Academia de Letras) onde se discutem e se renovam questões intrincadas de lingüística, filosofia e crítica dramática e se aprimora a literatura gujarati, é reputado como um adorável descritor. Como Dickens ou Victor Hugo, no *Sarasvati-Chandra,* vívida pintura do moderno Gujarat, Tripathi fixa no bronze imorredouro da sua palavra os homens e as coisas do seu tempo.

Na poesia, Lal Shamkar é o mais notável estatuário, cujo pensamento candente anti-britânico prende a razão e o sentimento nacional e guia e inspira a agitação voltária.

O movimento *swadeshi-swaraj* encadeia-se entre os marathas, com a revivescência do culto de Shivaji. O criador do Mahârâshtra, é o herói luminoso à volta do qual gravitam como os satélites em redor dum astro refulgente os poetas e os novelistas, os historiadores e os artistas marathas.

O marathi é um dos idiomas populares a que, ao lado de hindi e bengali, tem uma nobre e cavalheiresca tradição e uma esplêndida e invejada literatura. Desde as baladas históricas (*powãdas*), únicas no seu género na história

das letras hindús e as memórias analistas (*bakhars*) — narrativas cronológicas, originais do génio maratha — até à sua maturação suprema nas obras dos grandes mestres como Ram Das, Tukaram, Mukteshvar, Vaman Pandit e outros que bafejaram o primado político de Shivaji e seus descendentes, o marathi criou uma prolífica bibliografia, prenhe de delicados lavores e de varonil ideal.

Ao presente, num estádio mais perfeito do seu curso e em contacto com a civilização europeia, o marathi se revigora e se embeleza com os adornos de trabalhos mais cultos e aprimorados.

Bal Gangadhar Tilak, filósofo, matemático, causídico e orador eminentíssimo, era o príncipe dos jornalistas indianos, o sol radiante da sociedade maratha. Pensador potente, a sua contribuição para o enriquecimento do marathi é colossal, sôb os mais vários aspectos e sôbre os mais diversos temas sociais, religiosos, políticos, scientíficos ou literários. O *Kesari*, hebdomadário que êle dirigia, é uma verdadeira enciclopédia nacional dos marathas.

Ensaísta modelar e conferencista adestrado, pela galhardia e vigor dos movimentos, pela opulência do lexicon e pela formosura do estilo, êle é um digno par de Montesquieu e de Diderot. Pela destreza crítica e pela influência formidável que exerceu em todo o mundo indiano, só é comparável ao imortal panfletário de Ferney.

No romance e na novela, Hari Narayan Aptê é o intérprete feliz que, primeiro entre os modernos escritores, sabe representar na sua grandeza heróica e na sua elevação mística, as lendas marciais da história maratha. A *Ushahkai* (Aurora) e o *Gad Alâ pan Sinha Gêlâ* são subidos exemplares dêste nobre género, em que a formosura artística se compraz em enobrecer e gloriar o denodo cívico e os triunfos guerreiros dos antecessores marathas.

No drama, Khadilkar ocupa um logar de alto relêvo. Nas suas peças, o autor visualiza as lendas mais sugestivas como no *Kichaka-Vadha* (O suplício de Kichaka), as intrigas palacianas como no *Bhao Bandki* ou o *folk-lore* e a vida íntima do lar como no *Vidyâ-Harana*, no *Rukmîni* e no *Draupadi*. Prosador e poeta fecundo e insinuante, político realista e patriota extremado, Khadilkar é a mais completa versalidade do génio. Na primeira fileira, entre os que se aprestam a reconquistar a liberdade nacional, êle é o director do *Lokamânya*, diário órgão dos *swarajistas*.

Totayacha Banda (Revolta do Pretendente) é também um drama de raro mérito e cujo autor, Narsinha Chintaman Kelcar, presente editor de *Kesari*, é um famoso prócere da política contemporânea. *Totayacha Banda* é a história popular dum chefe maratha, morto no campo de batalha e cujo corpo não tendo sido reconhecido, dá origem ao aparecimento de um pretendente, lenda análoga à de D. Sebastião em Portugal. O poder forte de evocação e as tintas graciosas de leve humorismo carearam à delicada obra de Kelcar uma inegualável nomeada.

No verso, é Vinayak Savarkar, cujas baladas e odes são hosanas reverentes e encomiásticas do herói máximo do legado maratha; é Anna Kirloscar, o exímio criador do theatro dramático no Mahârâshtra; é Deval, o solícito e erudito restaurador do antigo teatro sôbre moldes novos; é Gadkari, poeta elegíaco de uma generosa elevação de sentimento e duma requintada emotividade, a quem a desoladora parca cêdo veio roubar as letras pátrias; e tantos

que num *fervet opus* consolador se inflamam em restituir à pátria ressurgente o glorioso lustre da tradição *puranica*.

Adivinha-se na India, a despeito dos obstáculos inquietantes da dispersão das línguas uma real Renascença: uma escrupulosa re-interpretação do passado à luz da técnica e visão modernas, arrebatando e embriagando o pensamento nacional. Todos os tesouros da tradição e da história, todas as riquezas da filosofia e da sciência, todos os primores da língua ática, todos os sentimentos que movem e comovem a India no seu grande esplendor ou na sua moral degradação, todos os sucessos doloridos que dramatizam a vida indiana se remanejam e se congregam para o «movimento romântico» que, sem excepção dum idioma, alaga irreprimìvelmente a terra bendita dos *Rishis*.

SANTANA RODRIGUES.



Descobertas modernas no Egipto



Tutankhamen

QUEM ERA TUTANKH-AMEN

I PARTE



Akhenaten

O EGIPTO E AMENOFIS IV

Este rei vai dar-nos um exemplo do que há de subjetivo nos juízos históricos. A primeira geração dos egiptólogos modernos não lhe foi muito favorável; consideraram-no como um eunuco, como uma mulher [1] ou como um egípcio filho de mãi semita. Flinders Petrie, que no ano 1891 descobriu os notáveis frescos de Ell-Amarna, considerou-o como um fanático dos cultos monoteistas sírios [2]. Outros autores atribuiram grande importância á influência materna. Tiele [3], nem sequer lhe concedeu o papel de um reformador; era só um louco

1 Lefebure, Procedings, 1890-91.
2 Historia de las Naciones, Col. Ibern. pg. 53.
3 Tiele, Western Asia.

fanático. Maspero, Naville, Erman, e finalmente Moret, foram-lhe mais favoráveis, principalmente este último, que considera a sua política internacional como uma creação admirável, chocante pela amplitude de vistas, pela beleza das concepções, pelo elevado dos sentimentos. [1]

Ao estudarmos este enigmático personagem, como lhe chama Jéquier [2], dois caminhos se apresentavam: ou estudar toda a vida intelectual, artística, política e moral do Ocidente Asiático, e vêr que correntes poderiam ter exercido influência no herético Kuen-Aten, ou então, partindo do culto solar, descobrir que elementos estranhos nele se revelam. Adotei este segundo alvitre por mais expeditamente conduzir a um resultado positivo.

Atribuiu-se uma origem asiática a êste culto, por dois motivos: a origem da rainha mãi, Tii, e a sua afinidade com os cultos monoteistas semitas, em contradição flagrante com o bizarro politeismo egípcio.

Este segundo argumento está baseado num ponto de vista falso. O Egipto teve, como de resto todos os povos apoz adquirirem um certo desenvolvimento, duas religiões: a popular, cheia de divisões dos atributos divinos, e de individualizações dos mesmos, com um culto muito arraigado às antigas superstições totémicas, a sacerdotal, elevada, tendo alcançado um notável monoteismo.

Como sôb o nome de Eterno e de Providência, nós compreendemos o mesmo Ser, o Egípcio sôb o nome de Ptah, Ra ou Amon, adora um unico Deus. [3] Nas litanias de Ra, inscritas nos túmulos de Biban-al-Muluk, o deus é invocado sôb 75 nomes diferentes.

O livro dos Mortos tem um capítulo só dedicado aos nomes de Osiris.

Ora, êsse deus todo poderoso tinha-se originado a si proprio de toda a eternidade, sendo o único que existe por essência, o único que vive em substância, o unico creador do céu e da terra, que não foi

---

1 Moret, Rois et Diex de l'Egypte e loc. cit.

2 Jéquier, Hist, de la Civilisation Egyptienne Sobre este assunto vid. Maspero, Hist', des Peuples de L'Orient Classique, vol. II pg. 317.

3 E. Grébaut, cit. por Pierret, Conf. Guimet, tom. XX V. tambem Grébaut, Hymne á Amon-Ra; pag. 14 ati (nx) (u) t'a s (enb) neb nuter-u neb-u kemeh-fsu heri xu-t heri pat-u anker amen ren-f/r mesu-f m ren-f pu n amen. Principe supremo, senhor dos deuses todos que se faz vêr no horizonte, chefe dos seres de Ager, misterioso é o seu nome mais que os seus nascimentos: é no seu nome de Amen.

V. Mariette, Monarchies Divines pl, 7: Tendo descido o rio até Ta-Kema, Sua Magestade viu aquele cujo nome é mais misterioso que todos os deuses (amen ren-f r muter ter-u).

creado. Unico em essência não é unico em pessoa: é ao mesmo tempo o pai, a mãi, e o filho de Deus. Este Deus triplo e uno tem todos os atributos de Deus: a imensidade e a eternidade, a independência e a vontade toda poderosa, a bondade sem limites. Desenvolve eternamente estas qualidades soberanas, ou como se dizia antigamente no velho Egipto, nas suas escolas teológicas cria os seus proprios membros que são os deuses. [1] O NOME que dava todos os poderes magicos, era desconhecido. No mito de Diluvio Egipcio, Isis, para ser superior a todos os deuses procura saber o nome de Ra. O deus era adorado sob vários nomes aos quais correspondiam diversas representações materiais; mas o nome e a forma verdadeira do Grande Ser do qual emanavam os outros deuses, eram desconhecidos.

Sôbre a filiação de Amenofis IV, numerosas controvérsias se levantaram, assim como sôbre a de sua mulher, a rainha Nofrititi. Julgou-se qne Tii era mãi da rainha, outros atribuiam-lhe uma origem síria. Porém, quando o príncipe Dushratta se dirige a Tii dizendo meri-ka, teu filho, não ha duvida que se refere a Amenofis IV [2] Lefébure aventou a hipotese ser Nofrititi uma siria e que mudou de nome ao chegar ao Egipto; porém a posição que ela ocupa junto do Pharaó, demonstra ser uma princesa de raça solar, e por isso, segundo o velho costume nacional, uma irmã de Amenofis IV. [3].

Ainda não há muitos anos Flinders Petrie, exprimia-se sôbre este rei nos termos seguintes: Amenofis III teve uma esposa insigne, a rainha Tii, filha d'um príncipe sírio. Quando veiu para o Egipto trouxe consigo a devoção ao Sol, de Aten, venerado na Síria, que sobreviveu por muito tempo na antiga capital semítica de Heliópolis. Seu filho Amenofis IV foi por ela imbuido nestas crenças, que professou com fanatismo [4].

Corroborando esta afirmação surgiam as características físicas, representados nos baixos relevos de Ell-Amarna.

---

1 Eu creio com efeito que o Egipto monoteista considera os deuses do seu pantheon, como os nomes que um ser unico recebia nas suas diversas funções, conservando em cada um com a sua identidade, a plenitude dos seus atributos. Este ser que em si, uno e imutavel, mas tambem misterioso e inacessivel ás inteligencias, não tem nem forma nem nome, revela-se pelos seus actos, manifesta-se nas suas funções, as quaes originam o nascimento d'uma forma divina. Assim se multiplicam as formas do ser que não tem forma, e o deus cujo nome é desconhecido torna-se um multiplicando dos seus nomes. (Grebaut, loc. cit. pgs. 99 100).

2 Maspero, Hist, Ancienne des P, de l'or. Clas. 41316.

3 Id. ib.

4 Hist. de las Nac. Trad. Ibern. pag. 35.

Esse aspecto físico paradoxal, que levou Lefebure a considerar o soberano como uma mulher, parecia demonstrar a origem não egípcia do soberano. Porém, em 1905, Davis descobria no Vale dos Reis, o túmulo intacto dos pais de Tii. Todos os objectos que então foram descobertos eram nitidamente egípcios, não tendo as múmias demonstrado a mínima influência estrangeira. Tuâa é uma egípcia de raça pura, Iuâa, apezar do nariz adunco, não tem o tipo semita. Porém num documento moderno, Iuâa é chamado principe de Zahi, o que poderia originar a crença de Tii ser neta dum asitiáco. Mas o tipo núbio dos personagens, tão vulgar entre os egípcios das classes inferiores habitantes da região entre o Nilo e o Mar Vermelho, levanos a acreditar que Tii era originária duma familia modesta de Akhnnim. Amenofis III teria desposado uma pastora dos seus estados [1].

Quanto á sua ação sobre a politica e a religiosidade do filho, é curioso notar qne na enumeração detalhada dos membros da casa real, que devião ser sepultados perto do rei, não figura o nome da rainha mãi. Durante a regência desta Amenofis IV não rompe com o culto tebano, e quando se vai estabelecer em Ikutaten, a mãi não o acompanha. Continua cercada por servidores adeptos dos antigos cultos, como o seu escultor Auia, encarregado do retrato da princeza Bakitaten, sendo tambem sectário de Amen o seu mordomo Huia. Nas invocações religiosas Amenofis IV faz numerosas referências ao pai, e nunca apareceu nenhuma feita a Tii.

Não podendo explicar o movimento religioso de Amenofis IV por uma influência semita, que estaria evidente na tendência monoteísta do novo culto, ou devida á influência materna, visto que Tii permanecia afastada no seu apanágio de Zalu [2], é na própria religião egípcia que iremos filiar o culto do disco solar.

Toda a mitologia egípcia assenta em dois princípios semelhantes entre si: as trevas vencidas pela luz, a morte vencida pela vida. A vitória da luz triunfante das trevas, é representada pelo combate de Ra contra a serpente Apop ; a vitória da vida triunfante da morte é representada no mito de Osiris [3].

---

1 Maspero, loc. cit. Moret, locs, cts.

2 Rosellini, Monumenti Storici Tom. III ¡pgs, 263, i268 e Bierch, Records of the Past, 1.ª Série tom. XII, citados por Maspero, loc. pgs. 316.

3 V. Abreu, A Lit, e Religião dos Arias, pags, 149.

Osiris e Ra são deuses de Heliópolis e são deuses solares. O Sol era considerado como um símbolo perfeito de divindade, e por isso adorado em todo o Egipto, correspondendo os seus vários nomes ás diversas posições que sucessivamente ocupa durante a sua revolução quotidiana [1]. Mas essa divindade adorada sob o nome de Ra era misteriosa e transformava-se no Ament.[2]

O Pharaó era considerado como uma encarnação do Sol, como vemos pelos cinco titnlos riais do protocolo egípcio (Horus N... Rei do Sul e do Norte... Horus vencedor... possuidor do diadema das duas Regiões... filho de Ra).

Cada dinastia, identificando o deus do seu nomo natal, com o Sol, conferia-lhe o titulo de Senhor dos Dois Egiptos. Eis a razão por que o culto de Osiris, que parecia a Herodoto o único que todos os egipcios concordavam em adorar, difundiu-se durante as duas primeiras dinastias, originárias de Abidos, e Tum o deus de Heliópolis nunca foi uma divindade importante. Com a IX dinastia o culto de Amon, até então despercebido, começa a desenvolver-se, para tornar-se todo poderoso depois de Ahmés o Libertador, que conquistou o campo de Ha-Uar ultimo reduto dos Hiksûs adoradores de Sutek ou Set.

Durante a XVIII dinastia o poder do sacerdócio de Amon, era de tal ordem, que Tutmosis IV tentou dèbilmente regressar á velha religião de Heliópolis, mandando desenterrar a Grande Esfinge, cujo simbolismo primitivo se tinha desvanecido, sendo identificada com Harmakhis, o Sol nascente (Apendice A). Seu filho Amenofis III favoreceu um dos cultos mais populares do Egipto, Aten, o disco inflamado, aventando Maspero a hipótese que o fizesse devido á influência de Tii, que, como vimos, se julga ter sido uma pastora heliopolitana. Edifica um santuário a Aten em Memfis, e dedica-lhe uma capela mesmo em Tebas, ao sul do ultimo pilône, constituindo-lhe um apanàgio em detrimento de Amon [3].

Mas será seu filho, o paradoxal Amenofis IV, como diz Maspero, que com uma audácia e energias raras desenvolverá essas ideias.

PINTO DE LIMA.

---

1 Maspero, loc. cit. pg. 316.
2 Grebaut, loc. cit. pag. 109.
3 Sarcofago de Taho: Hehnen-n-k Ra ka-xem nuter aa s'eto xeper m Amen Aclamação a ti Ra, ah xem (que tem a faculdade de se originar a si próprio) Deus grande misterioso transformando-se no Ament (Grebaut, loc. cit. pag. 145,)



QUESTÕES ECONÓMICAS

A Liberdade e a Produção. —
As bases da produção agrária.

Toda a sociedade, terá eternamente de viver organizada e guiada pela sciência do trabalho.

O estudo ponderado e detido da resistência que a natureza opõe aos nossos esforços e investigação dos melhores meios para a vencer, é o que se deve chamar, com toda a propriedade, a sciência do trabalho livre, sciência esta de uma vastidão e importância imensas, porque ela é o resumo ou a síntese de todas as outras.

No máximo desenvolvimento de todos os povos, a Liberdade faz as novas conquistas e sofre violentos revezes.

Mas, lembrando, por vezes, a tirania que pesava sôbre os reis como sôbre os povos, a Democracia, numa série de tormentosos dias, empregou tanto vigor como insistência, para que se manifestassem os primeiros sintomas da sua influência nos fins do século XI e começos do século XII, pela voz de Jean Erigène, de Roscelin, d'Abeilard e outros pensadores de igual e avançada escola.

É êste o seu primeiro movimento, respeitador de todas as crenças, fazendo-as subordinar ao controle da Justiça e da Razão.

E a Liberdade que, numa tímida aparência, entrara no domínio

do pensamento, mais ousada se mostrou, desde então, no domínio bem visível dos factos e das realizações.

A tirania opressôra do feudalismo, a sua desmedida brutalidade e imperioso e inqualificável orgulho e desvairada avidez, não podiam deixar de provocar a legítima e defensiva inssurreição das classes oprimidas. Os factos heroicos e os sofrimentos sem número, que assinalaram todo o XI século e uma grande parte do século seguinte, bem atestam qual a grandeza da luta, donde resultou a conquista, tão sangrenta, das liberdades locais. Restava, porém, uma luta mais demorada também, para a conquista das liberdades políticas.

Foi com a fundação das repúblicas da Itália, da Flandres, do Rheno, que essa gloriosa missão se iniciou, sofrendo, porém, diversos reveses, que sòmente a nobilitaram, até que, no fim do século XV, a Liberdade ficava temporàriamente vencida, quer na ordem política, quer na ordem espiritual.

No século XVI, porém, estavam-lhe reservadas condições de glória. A luta entre o absolutismo e a liberdade, tomou, desde então, maiores e mais sólidas proproções, dispertando absoluto interêsse entre as classes numerosas, que assim provocaram uma justa reacção desenvolvendo-a progressivamente.

Mas a revolução para a conquista plena da liberdade, ainda hoje está incompleta. Enquanto restar, num canto da Europa, uma parcela de absolutismo, êle não deixará, pela sua política de perfidia e perseverança, de dirigir os seus mais ou menos insistentes ataques, à fórmula democrática.

Assim, a Liberdade de nossos dias, que tantas vezes fôra conquistada e perdida depois, não oferece talvez melhores condições de estabilidade perene, pela excitação de uns, pelo afastamento de outros e pela desmoralização de todos.

Na economia política, essa sciência tôda de observação e que não pretende criar sistemas, tem a liberdade um papel dominante, para o desenvolvimento máximo da produção e respectivo consumo. «Sem liberdade não há produção».

O proteccionismo, que na actualidade vem dominando em todos os Países do mundo, mais ou menos civilizados, é, a nosso ver, o mais intenso proporcionador de toda a confusão económica verificada.

Disse Bastiat, o grande e glorificado economista, que o proteccionismo, o socialismo e o comunismo, não são mais do que uma única e mesma planta... com três períodos diversos no seu crescimento.

O proteccionismo repousa, como o comunismo, sôbre a negação do direito de propriedade.

Como o comunismo, êle provoca a intervenção dos Estados, para avaliar as fortunas e nivelar as situações, dando a uns o que vai tirar a outros.

Realmente só a expoliação, legalmente estabelecida, que representa a escola proteccionista, dá a uma entidade abstrata e fictícia, o Estado, a missão de levar o bem a alguns, com prejuízo de todos, comquanto em perfeita tranqüilidade de consciência.

Liberdade de trocas; liberdade de movimentação de todos os valores, tem de ser, pois, a condição primeira, para o desenvolvimento da produção mundial, na sua natural manifestação da diversidade de meios.

E emquanto o sistema proteccionista vigorar, com a exibição dessas muralhes da China, que isolam as nações umas das outras, não poderá realisar-se o possível equilíbrio económico, donde sòmente podem provir o progresso e bem estar da humanidade inteira.

Derivando nós, porém, agora, para a especialização em matéria agrária, sustentáculo necessário de toda a obra de progresso humano, onde a liberdade tem de produzir os seus peculiares efeitos, encontraremos os pontos capitais em que assenta a produção das mais valiosas riquezas.

Cada livro que se abre, cada jornal que se lê, tratando da crise agrária que tão intensificada vai sendo, cada dia que passa, neles se salienta, com viva preocupação, o perigo do êxodo da população rural e a abundância de terra sem cultura e sem aproveitamento útil, principalmente nas províncias do sul, de menor densidade demográfica.

Causas múltiplas se apontam como determinantes do abandôno dos campos, pelo proprietário absentista e, principalmente, pelo operário, deixando a terra nas mãos franzinas e inábeis dos velhos, das mulheres e das crianças.

Não é nova a acção despovoadora dos braços fortes e úteis, êsse êxodo para Países extranhos e para os grandes centros de população, aos quais diversos publicistas teem chamado, com propriedade, os centros *tentaculares* da população rural.

Sociólogos como João Jaques Rousseau, Pourdhon, Kovelevsky,

Owen, Fourrier, Pecqueur, etc, em belos e completos estudos, olharam tão importante assunto, vendo-o, por isso, sôb diversos aspectos, alguns de interesse singular, sem contudo, nas suas conclusões, se terem fixado até à actualidade, com precisão, em todas as circunstâncias de lugar e de tempo, onde especialisada deverá ser a constituïção da propriedade local.

Condenam, por exemplo, alguns dêsses distintos publicistas, a grande propriedade, onde a exigência da avultada mão de obra, numa cultura extensiva, pouco renumeradora para o operário, faz resultar a falta de braços para a sua devida exploração. Outros, condenando também a extensa e vasta propriedade, porque as máquinas fàcilmente ali substituem o braço do homem, julgam ser esta a causa do êxodo, ou derivação dos operários para os grandes centros, onde a indústria fabril melhor compensa o trabalho nela exercida.

Julgam ainda alguns, que a pequena propriedade, onde a população escassos recursos encontra para a sua vida normal, tolhendo por completo, ao operário dos campos, a mais justa e legítima aspiração de conseguir os meios que lhe consintam tornar-se proprietário da casa que habita, deve ser considerada como causa da maior derivação para a indústria fabril, em vista da preferida e possível exploração da propriedade de pequena area, pelo seu proprietário e pessoas da sua família.

As vias de comunicação fácil e barata, entre os campos e as cidades, onde existem as indústrias diversas, mais ou menos desenvolvidas, tambem são tidas, por alguns distintos sociólogos, como causas da derivação para as cidades, dos operários que assim fàcilmente se deslocam, fixando-se nelas, levados principalmente pelos atractivos que a civilização urbana lhes oferece e que não encontravam na terra onde nasceram e habitavam até ali.

Outras causas se apontam como provocadoras do êxodo rural e diversos meios se indicam para obviar a tão grande mal, promovendo ainda, quanto possível, o regresso da população aos campos, onde tanta e tanta riqueza, fica, cada vez mais, por explorar.

Para nós, com quanto não deixemos de ponderar, que muito dificil é solucionar-se um tão complexo problema, afiguram-se-nos de improficuídade manifesta, todas as medidas a tal fim destinadas,

quando não seja basilar, em todo o movimento demográfico que se procure regularizar, a *instrução profissional* na indústria dos campos, estabelecida sob um regimen em que a Liberdade, bem compreendida, impere e consinta o aproveitamento máximo de todas as faculdades produtivas. O rústico, que, desde a escola primária até às escolas de habilitação nas diversas práticas culturais e artes agrícolas, encontra o poderoso auxílio duma educação especial, que lhe faculte tirar do seu trabalho uma remuneração condigna e compensadora, não é de fácil deslocação para os grandes centros industriais e ainda para os Países estrangeiros.

O amor à terra onde nasceu, onde vive em contacto permanente com todos os singelos atractivos que o seu meio de educação lhe proporciona, dificilmente vai aventurar-se à mudança de situação, podendo êle contar com os conhecimentos que, na indústria mãe, lhe fornecem meios abundantes de vida.

E, quando a instrução profissional consinta que o operário saiba livremente tirar da exploração agrícola todo o rendimento que ela póde dar, não serão então de grande dificuldade as correcções demográficas a fazer, harmonizadas com a divisão da propriedade, promovendo a colonização rural nos grandes tratos de terra ainda incultos, acompanhada, porém, com a *colonização profissional*, oficialmente estabelecida. Sem conhecimento dos processos culturais; sem um intenso ensino das artes agrícolas, em todo o seu moderno desenvolvimento, núnca as medidas atinentes á melhor distribuïção da população dos campos, poderão conseguir o seu tão interessante e útil objectivo. Seria o mesmo que darem-se a um poeta, os materiais precisos para a construção dum sólido e grandioso edificio. Sem bons arquitectos, nunca haverá construções bem excutadas e perfeitas.

Vejam-se, por exemplo, os prodígios de produção intensiva, conseguidos na horticultura, nos pomares, na exploração dos lacticínios, morangais, basse-court, etc. etc. que se observam em algumas localidades da Inglaterra, da Bélgica, do norte da França, nos arredores de Bruxelas, onde as propriedades de pequena extensão, ocupam uma população obreira numerosa e constituem, portanto, um poderoso obstáculo, oposto á deserção dos campos para a indústria dos grandes centros.

Em tais condições, isto é, quando os operários sabem tirar da terra o melhor proveito, não é fácil o seu êxodo para outros misteres e é ali que as comunicações baratas e rápidas contribuem então para

o possível desenvolvimento da cultura intensiva, facilitando o transporte dos seus produtos para os centros consumidores, mesmo situados a grandes distâncias. Esta é uma das fórmulas dominantes, a concorrerem para a solução do problema social.

A *instrução profissional*, pois, no exercício duma Liberdade que represente a legítima realização do progresso humano, digam o que disserem em contrário os que vivem na ilusão, tem de anteceder, tem de constituir, a chave única, que abrirá o largo portão do progresso e prosperidade à agricultura portuguesa.

Pôrto, 26-1-926.

PALMA DE VILHENA.
Engenheiro Agrónomo.



O Aspecto musical do problema fadográfico

Ao musicógrafo Armando Leça, com o maior entusiasmo e admiração pela sua gloriosa campanha a favôr da música popular portuguêsa.

No primeiro número de esta Revista (págg. 42 a 46), ao estudarmos a Origem do Fado, dissemos: — que o Fado foi o resultado da acumulação de todos os dengosismos, de todos os lamechismos, de todas as dolências e langorosidades do pôvo, que adentro do período romântico veio achar a expressão máxima, eclodindo numa fórma cancional em que o corrosivo da apatia negroide, traduzido pela monotonia do som, predominava em absoluto.

Desenvolvemos esta tese, é certo, mas ainda ficou muito imperfeito o estudo; vimos hoje tentar completá-lo, explicando como é que se operou a eclosão de aquela fórma cancional de feição tão característica, adentro de um meio já mais que propício e favorável, pelos motivos apontados anteriormente; meio êste tão adensado de dansas lascivas e colubrinas, de árias dengosas e lamechas, de modas catingueiras e licenciosas, de músicas rebolantes e sensuais e ainda de cantos despertantes da mais intensa e voluptuosa luxúria. Meio ou am-

biente que permitiu por fim o aparecimento da tal poesia lírica de uma inutilidade lôrpa e de um erotismo ofensivo, a que aludiu o nosso Eça!... Na música havia de refletir-se êste estado de coisas. Assim surge o estudo do aspecto musical da questão fadográfica.

I

Sôb o ponto de vista técnico, é sabido que, se se lançar mão de uma melodia, enquadrada com carácter italiano, de uma concepção correntia, passando-a para um tom menor, dando-lhe o compasso de $^2/_4$ e ainda, às vezes, com uma pequena alteração de ritmo, com a natural habibilidade de um Artista, — é por de mais sabido, repetimos, que se se fizer isto se póde obter um *Fado!*...

Já o Prof. Ernesto Vieira dizia no seu Dicionário Musical: «Existe uma grande quantidade de melodias sôbre o *Fado,* e a câda momento os cantôres populares inventam outras; mas são todas vazadas no molde primitivo, que é o seguinte: um período de oito compassos em $^2/_4$, dividido em dois membros iguais e simétricos, de dois desenhos cada um; preferência do modo menor, embora muitas vezes passe para o maior com a mesma melodia ou com outra; acompanhamento de harpejo em semicolcheias, feito unicamente com os acordes da tónica e da dominante, alternados de dois em dois compassos.»

Portanto, desde que um Artista lançasse mão de uma melodia, que eventualmente mais lhe ferisse a atenção, de entre as tantas que se popularizaram a partir do século XVI, e usasse do processo técnico, enunciado logo de comêço, êsse compositor teria creado uma nova composição musical — O Fado! — Assim, explicado fica de um modo sucinto e condensado, mas absolutamente claro, como podia surgir espontaneamente e em qualquer momento essencialmente propício a fórma cancional, que por enquanto e *lato sensu* denominamos *Fado.* Mãs prosigamos na demonstração,

Ainda hoje o Fadista só admite e considera como genuíno *Fado* o tocado em tom menor; mas isto não impede que se possam encontrar, com a designação de *Fados,* exemplos possíveis de esta canção sôb o aspecto ternário, num esquêma de Valsa ou de Mazurca! Corresponde o fenómeno ao característico da «Época do Recitativo», entre nós, de que não serão os peores exemplos «O Noivado do Sepulcro» e

a «Filha das Águas». A alucinação erótica do século XVIII continúa no século XIX; por isso, o meio social, o ambiente psíquico, sempre cada vez mais mórbido e doentio, essencialmente melancólico e fatalista, havia forçosamente de levar os compositores a géneros de produções musicais similares à do triste, cruel, gemebundo e amargurado *Fado;* e tão parecidas seriam essas produções, que, por último, até tomariam a própria, mas técnicamente imprópria, designação de *Fado.*

E' o que fez escrevêr a Alberto Pimentel (A Triste Canção do Sul, pág. 104): Tornou-se muito popular uma cantiga, que não seguia a métrica tradicional do *Fado*, mas que entrou logo no género, a que realmente tinha direito não só pelo assunto, como também pelo seu ritmo plangente:

Triste vida a do marujo
Qual de elas a mais cansada...

E' o que se deu com a Balada — O Noivado do Sepulcro — que foi cantado numa melopeia, que o vulgarisou entre o povo, sem ter contudo condições de popularidade (A. A. Soares de Passos. Poesias, 9.ª edição, escôrço biográfico por Teófilo Braga, pág. XVI).

O período que se atravessava era o do romantismo, em que contemporaneamente ao lado da Balada continúam a aparecerem composições musicais de sentido e sabôr afadejado, nascidas da sugestão operada pelas composições literárias, sentimentais, mórbidas, doentias.

Qualquer artista não destituído de habilidade fàcilmente podia partir de uma das mil e uma poesias que andavam então de bôca em bôca e compôr, conforme já atrás o dissemos, uma produção musical, que traduzisse em som as dôres que se encerravam nos versos lastimosos dos doloridos vates da época.

E também não era difícil, nem impossível, partir de um tarambote, de um sarambeque, de um lundum chorado, de uma modinha, por exemplo, e transformar qualquer de êstes produtos músico-cancionais, por meio da técnica, em outras várias e diferentes composições de ritmos, de andamentos, de compassos diferenciados, através dos quais se percebesse e resaltasse a dolência dissolvente e o fatalismo amoroso e sentimental bastante generalizado entre os portugueses. E natural é até que estas duas circunstâncias operassem conjuntamente para o aparecimento do *Fado.*

Sendo assim, explicariamos, então, a eclosão do Fado do seguinte

modo. Quando em toda a Europa o romantismo agitava as almas e, entre nós, na atmosfera moral pairavam partículas de sentimentalidade e paixão que na literatura produziram: o «Amor e Melancolia», «As Folhas Caídas» e a «Harpa do Crente», êsse movimento espiritual manifestou-se na população dos bairros ínfimos da capital (1) em notas plangentes de guitarra, e em trovas repassadas de fatalismo, de sensualidade, de depravação, de vício, de crime, de saüdades indefinidas, de pessimismo avinhado, de conformada resignação com a violência da sina (Conde de Sabugosa); e êsse movimento encontrou primitivamente para o traduzir no seio das alfurjas uma melodia adequada, enquadrada com carácter italiano, de uma concepção correntia, em tom menor, com um compasso de $^2/_4$, com variadas alterações rítmicas, e natural movimentação, que o canto e a música provocaram, — com uma dansa característica, em suma! Assim surgiu o primitivo Fado. Depois as variantes, que outro ambiente ía originando.

Em conclusão: meio favoravel, sugestivo e possibilidades de técnica — eis o que originou a eclosão da canção que dizia do Destino e da crença na lei irrevogavel do Fado! Palavra que na acepção de canção é bem moderna e só modernamente passou do calão para o vocabulário geral da língua e para a tecnologia musical.

II

Mas em geral os *Fados*, que por aí aparecem impressos, talvez já há uns bons sessenta anos a esta parte, embora com carácter popular e caracterisadamente português, nada, absolutamente nada téem com

---

(1) Onde, como já frisamos no artigo anterior, principalmente a predominante acção cancional negroide exercêra uma influência dicisiva, que preparou e mais facilitou a infiltração do que trazia de morboso o movimento romântico.

Não se esqueça, também, que as dansas populares do século XVIII se resentiam do seu carácter extremamente sensual e desenvolto, desfaleciam em langôres ext enuativos, debatendo-se em morbidêsas histéricas, que derramavam no sangue o mais devorador dos filtros (Tinop); o virus, que encontrava bom terrêno para se inocular, achava um ambiente mais que conveniente para a sua cultura. E para aumentar essa cultura muito contribuïria o meio de mafra-baixa dos retiros escusos citadinos, onde o sugestivo do lascivo e do impúdico das dansas mais se apurava.

Natural e admissivel é, pois, o ponto de vista do erudíto escritor Conde de Sabugosa, que transcrevemos no texto, perfilhando-o, mas adentro dos termos expostos nesta nota e no texto do artigo de que êste é a continuação.

os *Fados* típicos, natos na Mouraria ou em Alfama, ou ainda nos antros de idêntico nível social, onde Fadistas à compita com Marujos se compraziam em batê-lo ou cantá-lo.

Não; as ultimas produções a que aludimos são técnicamente Serenatas.

Já em 1903, Pinto de Carvalho (História do Fado, pag. 79) explicava: o *Fado* apresenta duas fases completamente distintas; a primeira, a fase popular e espontânea, em que o *Fado* é executado nas baiucas onde os fadistas derramam o vinagre das suas vozes, nas vielas onde flutua o perfume letárgico da tragédia, e nas casas de hospitalidade facil onde os viageiros e os ferverosos das Venus fraldiqueiras acham, aquêles, um abrigo, e estas, um altar; a segunda, a fase aristocrática e literária, em que o *Fado* é executado nas salas e nas praias da moda. Podemos fixar o fim da primeira e o comêço da segunda entre 1868 e 1869. E nesta ultima fase, enquanto a guitarra sobe das espeluncas aos salões, vemos o piano descer dos salões aos botequins safardanas...

Com efeito: os *Fados* feitos para revistas teatrais, ou os *Fados*, que enxameiam as vitrines das casas editôras, os da autoria de meninos histéricos ou de meninas dengosas, em horas de intensa nostalgia, ou de saudades apertadas pelas suas cloróticas sécias, ou pelos seus casquilhos impantes de adelaidismo, os *Fados* dos almanaques e de reportórios, dos jornais, dos romances ou novelas, género nôvo-riquismo, os da autoria de estudantes de classica grênha ao vento, — tudo, em suma, que não saia espontaneamente e *ab imo pectore* da alma derrancada do autêntico *Fadista* — tôdos esses outros *Fados* são no fundo Serenatas de sabor afadejado.

Ouçamos, a êste propósito, o laborioso musicógrafo Armando Leça: ouvi aí (Alfama) cantar o *Fado*, sempre em *menor*, *sincopado*, notas morosas, arrastadas e espaçando os versos de dois em dois, como que a dar tempo para encontrar a rima. O fadista recusa-se a cantar em *maior*, alegremente, dizendo que só sabe cantar «as tristezas di a vida». De aí o têma literário ser pessimista, macabro ou dissolvente. E' assim o verdadeiro *Fado;* em nada parecido com o que se ouve cá fóra (pag. 21)...

Fala-se da poesia do *Fado*, ouvido em noites luarentas. Em noites de essas, distendam-se nossos olhares, dos baluartes de Valença, ondeado dos cabêços transmontanos, vale do Ceia, estuário do Tejo, recorte magestôso das portas de Rodam, ria de Faro; visem-se as épicas

silhuêtas dos nossos velhos castelos, e conceber-se há uma impressão cantavel de *Serenata*. Esta diverge musicalmente do *Fado*. Improvisa-se o *Fado*, no *modo menor* e em divisão *binária simples*, a *Serenata* é mais apropriada em *maior*, adaptavel aos *compassos binário e ternário simples*, e acolhendo mais *graus harmónicos* além do primeiro e quinto, únicos que o verdadeiro *Fado* aceita (pagg. 38 e 39 da monografia «Da Música Portuguêsa).

Conseqüentemente, para se resolver o problema fadográfico, sôb o aspecto musical, importa ter em vista as duas modalidades do *Fado;* e é principalmente o da primitiva feição alfamista, o genuíno *Fado* que deve preocupar o estudioso ao tentar traçar a curva evolutiva de tal canção.

Não temos a estulta pretensão de nêstes dois artigos ter resolvido em definitivo a questão da origem do *Fado Lisbonense*.

Mas de que temos a certeza é de ter evidenciado a dificuldade e a complexidade da tese, que já se julgou perfeita e completamente solucionada.

Repetimos: sem os dois grandes factores — o meio ambiente (em que em dado momento vivia o pôvo português) e o fenómeno de ordem técnico-musical (como resultante do acaso ou de manifesta intenção subjectiva de qualquer artista popular ou culto) — a eclosão do *Fado Lisbonense*, com as suas características intrínsecas, jàmais teria sido possível.

III

Para fecharmos, entendemos que não podiamos deixar de aludir a uma tese, ainda há pouco aparecida, devida ao Prof. Gonçalo Sampaio, àcêrca da origem do *Fado*. Já lhe fizemos referência na série de artigos, que começamos a publicar no jornal «Primeiro de Janeiro», iniciados em 13 de junho de 1923.

Circunstâncias independentes da nossa vontade não deixaram concluir aquêles artigos, versando a origem do *Fado*, e nos quais tentariamos demonstrar que o Prof. Sampaio não tinha razão alguma para defender tão discutível ponto de vista.

A meu vêr, o Prof. Sampaio apenas topou com uma mera casualidade; sòmente verificou uma pura e simples coïncidência, quando aproximou as duas melodias, que estampou na revista a «A Aguia»—,

das quais uma era a do S. João de Braga, de que por uma alteração rítmica, parecia derivar um Fado choradinho (rev. cit. n.os 9 e 10, março e abril de 1923, pagg. 131 a 133).

Na verdade, é bem possivel que sucedesse com o Prof. Sampaio o que sucedeu com vários musicógrafos e alguns de real valôr.

Assim, por exemplo, Lambertini chegou a afirmar, referindo-se à música do fado que: «elle est gémissante cette musique, chagrine pour ainsi dire, préférant presque toujours la modalité mineure et rappelant vaguement certains *andante* de la musique tchèque; le motif principal de l'Allegretto de la 7.eme Symphonie de Beethoven, confié tout d'abord aux altos et violoncelles et aux violons après, donne une idée approximative du *fado*, non seulement dans la division rytmique, mais encore dans la tournure de la mélodie (Michel'Angelo Lambertini, Chansons et Instruments, etc... Lisbonne pag 25 e nota).

O Doutor Teófilo Braga seguiu de perto estas afirmações de Lambertini e foi levado a escrever o seguinte: Lambertini, no seu precioso estudo analisando a contextura melódica do *Fado*, chega a determinar-lhe certas analogias com a musica tchéque; para caracterisar o contôrno melódico e a divisão rítmica do *Fado*, aponta o allegreto da Sétima Sinfonia de Beethoven. Tambem na segunda Rapsódia de Listz, que é pouco ouvida pela extrema dificuldade de execução, existe um canto melódico em tudo semelhante ao desenho melódico e acento rítmico do nosso *Fado*. Não são casuais estas analogias; outras melodias hungaras lembram a tonalidade das musicas populares portuguesas. Como explicar êste facto? A persistência de um fundo tradicional primitivo é maior na música do que na poesia, como se comprova pelos hinos védicos, alterados na métrica e fixos no canto. A' puresa antropológica do tipo *luso*, corresponde a conservação da melodia tradicional na sua simplicidade nativa. (Hist. da Poes. Pop. Port. 2.º vol. pagg. 549 e 550). A seguir-se o criterio do Prof. Sampaio teriamos, segundo êstes escritores, o Fado derivado da música tcheque ou de uma melodia de antiguidade remotissima para lá da edade media da Europa (T. Braga obr. cit. pag. 550)!...

E' isto possivel? Não; e não, porque não só a observação de Lambertini não passa de uma hipótese, talvez inteligente, mas não axiomàticamente demonstrada, mas tambem porque muito embora, como quere T. Braga, as melodias húngaras lembrem a tonalidade das músicas populares portuguêsas, falta a estas no entanto a intensidade expressiva que há nas músicas húngaras.

De resto, há mais coïncidências de esta natureza.

Podemos encontrá-las em varios temas tcheques estilisados por Brahms, Liszt, Gustave Michiels (Czardas, estilisações sôbre áreas nacionais húngaras), Smetana e em têmas do folclore russo.

E já alguém se lembrou de vir achar nestas coïncidências a origem do Fado?

O Prof. Gonçalo de Sampaio, dentro de um entusiasmo fàcilmente comprensível, creou a sua teoria sôbre a origem do *Fado*, que, pelas razões aqui aduzidas, não passa de mais uma hipótese entre tantas, que teem procurado explicar a etiologia de êste nosso produto folclórico.

Mas, relembrando o processo técnico, que enunciamos no comêço de êste estudo, ainda dirêmos que, pelo raciocínio do Prof. Sampaio, poderiamos considerar o *Fado* como derivado de qualquer melodia, desde que a transformassemos pela forma como ali se indicou.

Exuberantemente demonstrada fica a inconsistência da doutrina expendida na «Aguia».

José Maciel Fortes.



BIBLIOGRAFIA

Cantares d'Amigo..., por **Severo Portela**.—Edição da Companhia Portuguesa Editora, L.da.

A crónica é uma fórma literária de que hoje se usa e abusa. Por isso um tanto deturpada nos seus efeitos e fins. A crónica, hoje, tem umas anchezas e amplitudes que tudo abarca, de tudo se faz prosa e se lhe chama crónica. Uma blague, uma anedota, uma fantasia e um paradoxo, dois dedos de palestra ou um *fait divers* da vida que passa, dão uma crónica. Crónica se chama a tudo. De tudo—e portanto de nada!—se faz uma crónica.

Mas deverá ser assim?

A crónica, assim como o conto, porque devem ter princípio, meio e fim, afinal como todas as obras que sam belas e naturais, sem arte, embora, mas filhas dum génio creador, seja Deus ou homem, são das formas literárias mais dificeis. Porque requerem linhas, o encanto das proporções, arte na execução do conjunto, um *savoir faire* particular de constante interêsse, roupagens, estilo. O que nem todos compreendem, dando ao conto e à crónica corpo, forma e alma, sobretudo alma. Daí a série de pastelices e paspalhadas com que os nossos insatisfeitos olhos, de leitor impenitente, tantas vezes topam, para regosijo de certo riso amarelo, riso de ironia, aquêle riso que em todos nós se desprende em arlequinadas e fogos de vista, chispas candentes e batuques à desgarrada, que só inferiorisam e mordem o nome e a reputação dos autores mal-aventurados, de triste figura...

Ora isto para dizer que Severo Portela, autor consagrado por uma reputada e vasta obra em prosa, pertence à boa fileira dos que compreendem e bem escrevem a crónica.

O seu recente volume *Cantares d'Amigo*, com um título empoeirado por recordações de antanho, desfolhando saüdades e fixando sombras, figuras, païsagens de tempos idos ou presentes, imagens sempre vivas no coração do autor, fala por si bem alto. E' um primoroso livro de crónicas, dando ao termo crónica o seu elevado e próprio significado.

Livro de portuguêses, escrito para portuguêses. Para o autor, estou certo, dos seus livros mais queridos.

Não é só o prazer que nos dá a harmonia e o encanto da prosa camiliana por natureza, que prende e enleva. E' também, e sobretudo, os assuntos tratados. Como um romeiro, como um bom português, o autor vai de romagem. E diz-nos de pitoresco, de encantadora beleza, da poesia dos aspectos suaves ou gritantes da vida portuguesa, da alma portuguesa, das romarias e arraiais da nossa terra, dêste velho e glorioso roble que é Portugal.

Lendo os *Cantares d'Amigo*, de Severo Portela, vamos desfiando e resando as contas dum imenso e famoso rosário. Contas do nosso conhecimento, confessemos, mas resadas e desfiadas com a unção e o sentimento, o carinho e a ternura que só os portuguêses sabem desfiar e resar às eleitas do seu coração.

Desfiar contas, resar... «George! anda vêr meu país de romarias e procissões!» — clamava António Nobre. Assim Severo Portela, no seu último livro. Como num caleidoscópio de recordações e de saüdades, fala-nos das romarias e arraiais do Norte, das crenças, sujestões e costumes do povo; dá-nos notas e apanhados vivos de folclore, de etnografia, da poesia ingénua e cristalina dos nossos campos, da religiosidade e dos santos, dos costumes e hábitos consagrados, numa palavra, da tradição. Santo António, as alminhas, as bruxas; as rabanadas com mel de favos, em noites de Consoada, noites de Natal; as ingénuas cascatas, os reiseiros da Maia, a rapsódia nacional, o fado... *starim!* Portugal grande, Portugal das romarias vivas de côr, o sol a pino, sol escaldante de Julho ou Agôsto. *Cantares d'Amigo*, sempre cantares d'amigo. A' mistura, o inventário dos pregões, a filosofia ingénua e ao mesmo tempo profunda do nosso povo, belamente representada pelo «sapateiro de Trancoso». E que sei eu?!... De jornada, o autor ouve os sinos de S. Pedro, em Guimarães, e nós sentimos as vibrações, as harmónias plangentes e ecoadas, por montes e vales, da voz dos sinos, vozes perdidas de confins, do Além... Mais umas crónicas de espírito, como a «Carta a um romantico» e o «Postal a um poeta», e, para os Camilianistas, «O Sr. Camilo», violetas, martirios e saüdades, numa braçada palpitante, saüdosa, para o *Torturado de Seide*. E voltamos a última página.

Voltada a última página, ficamos a pensar. A pensar. A pensar que Severo Portela, escritor consagrado pela sua formosa e fulgurante prosa, pela sua já vasta e sentida obra, deixando-se de florituras escusadas de estilo, de fantasias, de blagues auriflamantes, escreveu o seu último livro muito simplesmente sôbre Portugal e os portuguêses.

E com a sua pena d'oiro, com uma tinta indelevel e palpitante, muito sua. Ao contrário de tantos outros, mal-aventurados e de triste figura, que discreteiam e falam sôbre países e coisas estranhas, desconhecidas, sôbre o Japão, a China, o sol da meia-noite e as modulações várias do luar, usando dum bico rombo e duma tinta dessorada, delida — simples água chilra...

KOL D'ALVARENGA.



Gabinete de Leitura

— DA —

COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.DA



onde se realisam as conferências organisadas pela revista

DIÓNYSOS

A gerência da **Companhia Portuguesa Editora, L.da**, no interêsse de fazer avultar o êxito das conferências por ela organisadas, sôb a direcção da revista «Diónysos», transcreve da imprensa diária as seguintes referências:

Abriu com chave de ouro — passe o lugar-comum! — a série de conferências que a acreditada Companhia Portuguesa Editora, por iniciativa da revista *Diónysos*, se propõe levar a efeito no seu público Gabinete de Leitura — apreciável melhoramento portuense que se deve á inteligência e tenacidade da sua gerência.

Perspectivas da História, foi o título da primeira conferência, sendo conferente o sr. dr. Aarão de Lacerda.

Este distintissimo escritor, antes de dar inicio ao seu scintilante trabalho, foi saudado pelo sr dr. José Fortes que, em palavras sinceras, brilhantes e eloqüentes, traçou o perfil intelectual do conferente, tendo para a sua valiosa e erudita obra de critico, artista e ensaista, as mais justas e encomiasticas referências.

O sr. dr. Aarão de Lacerda — prestigiosa figura no meio intelectual português, crítico de arte dos mais notáveis — deliciou espiritualmente, por largos momentos, o selecto auditório.

Não cabe na índole e no espaço limitado desta secção espraiarmo-nos em considerações sobre essa conferência — limitando-nos a noticiar a sua realização e a dizer que o sr. dr. Aarão de Lacerda nos deu um trabalho assás distinto, em que o seu privilegiado, lucido brilhante e lidimo talento se afirmou flagrantemente, mais uma vez.

Edurisa (Eduardo dos Santos).

do Diario de Lisboa de 7-5-26.

*

Não queremos deixar passar sem uma leve e simples referência á conferência realisada há dias pelo sr. dr. Aarão de Lacerda, na séde da Companhia Portuguesa Editora. O silêncio sobre essa intelectual palestra representaria para nós um delicto de lesa arte e de lesa cultura. Scientes e conscientes do movimento espiritual hoje avassalando toda a Europa e transbordando pelo nosso paiz, é com profundo regosijo que vemos mais e mais intensificar-se a amor pelos livros e pela erudição, unicas forças capazes de libertar os homens e de civilizar os povos. De libertar os homens dentro das normas das ideias modernas e de civilizar os povos abrindo á sua frente novos e rútilos horizontes acariciados pelo sol e marchetados pelos palores das joias e dos diamantes.

Na sua conferência, uma conferência ultrapassando os limites do usual e do banal, o sr. dr. Aarão de Lacerda, falou-nos de dois profundos e nobres pensadores. De Oswaldo Spengler na sua decadência do Ocidente e de Ortega e Gasset, o filosofo no qual encontramos a alegre elevação da vida e a potência varonil do espirito, incêndio de sangue e claridade de consciência. Tudo quanto, afinal de belo e elevado anciosos buscamos na existência e que em Ortega e Gasset é espontâneo, claro como um veio de agua, acariciador como um raio de sol e até poético como um trémulo luar.

A conferencia do sr. Aarão de Lacerda pela sua elevação, erudição, beleza literária e artística marcou uma nova etape no nosso meio intelectual. Tarde, muito tarde mesmo esquecemos aquelas horas tão deliciosamente passadas e felicitando o conferente ilustre não podemos deixar de felicitar a Companhia Portuguesa Editora que no desejo de abrir as janelas deste saguão ao sol da espiritualidade e da arte, iniciou uma série de conferências de que esta foi a primeira e á qual outras se seguirão para enlevo e goso de todos aqueles que ainda se não deixaram contaminar pelo virus malefico e inferior do materialismo.

Alberto Navarro.

do Jornal de Noticias de 15-5-26

*

A revista literária e scientifica «Diónysos», que tem a sua séde no edificio da Companhia Portuguesa Editora, inaugurou na segunda-feira a sua série de conferências. E foi realmente brilhante essa inauguração.

Com uma assistencia de escolha, em que predominavam largamente elementos literários e artisticos do nosso meio, o nome do ilustre conferente foi saudado com o carinho que não pode recusar-se aos mais nobres trabalhadores do pensamento.

Presidiu o sr. dr. José Maciel Ribeiro Fortes, tendo como secretários o sr. dr. Mendes Correia e o sr. José Augusto da Costa.

A apresentação, feita pela presidência, serviu para exaltar a admiravel figura intelectual do sr. dr. Aarão de Lacerda, critico, arqueólogo, esteta, professor e pensador ilustre.

Tomando a palavra, o conferente, singelamente, traçou o programa que a revista «Diónysos» ia realisar nos domínios da pensamento, salientando a sua obra de ideias e mostrando como em breve ali se ouviriam conferências sobre antropologia, do sr. dr. Mendes Correia; sobre historia e filosofia das religiões, do sr. dr. Teixeira Rego; sobre egiptologia, do sr. dr. Pinto de Lima; sobre musica europeia, do sr. dr. Alberto Brochado, anunciando ainda outros trabalhos de valor de varios conferentes.

Definiu as caracteristicas moraes e intelectuaes do momento que passa, analisando correntes filosóficas e mostrando a necessidade de uma cultura profunda.

A sua conferência sobre *Perspectivas da Historia* foi uma lição surpreendente de filosofia e de crítica. Teve pontos de vista muito elevados em que a erudição, convenientemente doseada, se aliou a um alto sentido da arte e da historia.

Explicou o significado moral e scientifico da anciedade que se nota no nosso seculo, e que a guerra veio profundamente acentuar. Mostrou como o seculo XIX, apesar de haver sido designado por Leon Daudet como o «seculo estupido», foi, de facto, o impulsionador poderoso da vida actual, na sua expressão mais intensa.

Demonstrou como a sciência histórica tem de apelar hoje para o auxílio das sciências de observação, e como a arqueologia tem desvendado segredos prodigiosos, revelando á humanidade contemporânea o sentido verdadeiro da vida antiga.

Citou varios exemplos elucidativos para confirmar a sua tése, que sustentou sempre com um brilho e uma distinção raras, fazendo uma análise minuciosa e circunstanciada á obra de Oswaldo Spengler «A decadência do Ocidente», divergindo, por vezes, dos seus pontos de vista.

Estabeleceu o paralelo entre a cultura do ocidente e a cultura greco romana, salientando o sentido individualista de certas expressões do mundo antigo e aproximando as teorias de Ortega y Gasset das ideias filosóficas de Spengler, no terreno da crítica histórica.

O ilustre conferente apreciou ainda o caracter do racionalismo, cujos excessos condena, e exaltou a febre mistica e espiritualista que abrasa o mundo e que vae ter a sua admiravel culminação no centenario do *Poverello*, o santo dos poetas e dos artistas.

A conferencia do sr. dr Aarão de Lacerda foi, em resumo, uma lição admirável de ideias e de factos, em que a filosofia da história e a critica das doutrinas foi apresentada com uma singular nobreza intelectual.

*

Ao ilustre conferente foi tributada a mais calorosa e justa manifestação por parte da numerosa e cultíssima assistência.

Do Primeiro de Janeiro.

Poetas Portuenses – **João Paulo Freire (Mario)** — edição da Companhia Portugueza Editora, L.da.

E' um livro cheio de interêsse que muito contribui para a história da actividade literária no Pôrto.

A obra de Sampaio Bruno, *Portuenses Ilustres*, 3 volumes de uma erudição vasta e de uma análise meticulosa, marcou bem o lugar da grande cidade do Norte na vida mental portuguesa. Paulo Freire quiz também erguer ao Pôrto o seu louvor, e assim neste tomo agora publicado êle faz uma antologia dos poetas que nasceram nesta terra, acompanhando-a de notas bio-bliográficas que merecem ler-se, sobretudo pelo que de novo nos dizem ácerca de escritores contemporâneos.

*

* *

Cantigas dum Lusíada – **Eduardo Salgueiro** — edição da Companhia Portugueza Editora, L.da.

Pequenino livro de cantares de um poeta novo que busca na lírica popular, na sua simplicidade, o melhor modêlo. São mais versos de amor, o eterno tema. O seu autor é um jornalista que está a marcar entre os novos um lugar de realce, porque é um jornalista que *escreve*, que realiza verdadeiramente a sua profissão. O seu temperamento de artista, e que algumas das suas quadras de agora revelam melhor, pressente-se em muitos dos seus artigos, que a maior parte das vezes não assina, mas cuja autoria não é dificil adivinhar.

Cantigas dum Lusíada tem a capa de João Peralta e vinhetas de João Carlos, e isto basta para que a edição, cheia de gôsto, mereça muito interêsse.

*

* *

Agua Fresca – **EMANUEL RIBEIRO** – edição do autor.

E' um belo estudo de etnografia portuguesa. Emanuel Ribeiro pôz nele toda a sua emotividade, a sua adoração pelos temas simples da arte popular. A fisionomia dos barros, a sua anatomia e a sua decoração teem nêste autor um estudioso e um poeta. Lemos as suas páginas saborosas, cheias de frescura ácerca da nossa olaria simples, do seu perfil, quási sempre traçado com linhas de senti-

mento, e não ficamos cansados antes encantados com a prosa alacre que entoa o seu canto à beleza ingénua criada pelos ceramistas, onde lateja ainda o ritmo de artes distantes ou perdidas. Emanuel vota todo o seu carinho à fragilidade e à elegancia das moringas, das bilhas, dos cântaros e dos pucarinhos, e descobre comovido em peças de Miranda do Corvo o cânon escultural de Lisipo, e na cantarinha de Viana do Alemtejo a escala humana de Policleto — o gesto inconsciente dos artistas sublimes! Procura nos exemplares os estigmas arcaicos e os velhos moldes, as linhas de uma ancestralidade remota que perduram numa sobrevivência resistente ao modernismo, e dá com admirável clareza por meio de mapas uma ideia rápida dos diversos tipos da olaria e locais de fabrico, seguida de uma classificação, feita em elucidativos quadros, da louça preta e da louça vermelha ou amarela nacional.

Para Emanuel, a linguagem dos oleiros tem a musicalidade das canções portuguesas: êle a realça com o estudo das formas e da temática decorativa.

*

* *

Moralidade e costumes portuenses no Século XVI — **Magalhães Basto** — extracto do fasc. III, t. II dos Trabalhos da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*:

Magalhães Basto está a firmar seguramente o seu nome em trabalhos de investigação histórica que merecem o nosso aplauso. Êste é um dêles: leva-nos ao Pôrto velho, ao quinhentismo longínquo, conseguindo desenhar pelo seu descritivo elegante a vida da cidade no século XVI. São precisos estudos assim para a formação da história nacional tão lacunar e deficiente. O erudito professor da Faculdade de Letras aproveita uma excelente documentação que êle exuma do precioso *Arquivo Histórico da Câmara* e da colecção, que é também rica, da *Biblioteca Municipal do Pôrto*. Mas essa exumação fá-la com elegância, numa prosa corrente que prende e não afasta. As palavras são desempoeiradas, são de hoje, não teem o cediço que abafa e enfastia.

Magalhães Basto descreve primeiro a cidade, o seu estado de imundície sórdida para depois falar da sua moralidade, ou antes da imoralidade dos costumes nas diferentes classes, com a ostentação e a miséria, com a hipocrisia dos tartufos, com a crendice e com a superstição, não deixando porém de destacar o que havia de raro e bom, expresso nas devoções religiosas e nas virtudes de alguns.

Não esqueceremos as suas referências à indumentária da época: é um quadro perfeito a que só falta uma grafia elucidativa como a de Alberto de Sousa para a história do trajo popular.

De Portugal a Macau — Sarmento de Beires — edição da Seara Nova.

Nêste momento depressivo e incerto, o livro de Sarmento de Beires, escrito da imensidade, é uma consolação profunda, um brado heróico de fé, de divina halucinação! Sentido estuante o destas páginas convulsas, agitadas por um frémito patriótico que arrebata e faz esquecer o nosso aviltamento, o que para aí vai de scepticismo e de indiferença...

Êste livro é mais um marco da bravura lusíada: por êle sôa na amplidão da História um acto admirável que é o éco de um passado de afirmações que fizeram de nós um povo colaborador directo do Renascimento. Sarmento de Beires, herói e cronista dessa viajem, conta o que foi o vôo arrojado de uma carlinga singrando uma rota incerta pelos perigos, através de um *ar tenebroso* até ao Oriente, até à pequena relíquia do nosso domínio outrora magnífico

Sem dúvida, é dos livros que mais nos teem impressionado: seguimos os errores do *Pátria* com ansiedade, revivemos com a narrativa admirável êsses instantes de intensa emoção, os oitenta dias de incertezas, de luta árdua.

É que desde o descritivo da partida de Vila Nova de Milfontes até ao termo da viagem, Sarmento de Beires prende-nos absolutamente, e nós gostaríamos de mencionar e até de transcrever muitas passagens do seu livro que ficam como do que melhor se tem escrito de significativo e grande em Portugal: a hora de partida com o múrmurio das vozes brancas mal se distinguindo do respirar do Atlântico; o nascer do sol, uma surpreza de assombro; os pomares da Andaluzia «que na luz dúbia da manhã teem o aspecto sinistro de grandes placas ferrugentas eriçadas de pontas hostis»; os minutos de «angustia ulcerante» com as mãos crispadas nas alavancas do comando... Nós seguimos com êles ora «vendo um lago com o aspecto de uma chaga esbranquiçada», ora olhando a bússola «que endoidece ao voar sôbre o polígono sombrio de uma mina de ferro». Depois lemos a travessia do deserto: tempestades de areia rubra manchando de sangue o azul cobalto e um vento maldito trazendo nas azas o hálito em braza do Saará. Ofegantes continuamos a leitura destas páginas vertiginosas onde há sempre intensidade, movimento e excitação heróica: a passagem de Ormarah, com os seus morros abruptos e de Jodhpur «com os seus edifícios em grés sanguíneo, flor de lotus aberta num imenso lago de oiro líquido»; a atmosfera satânica do deserto de Thur e a aterragem trágica num areal escaldante, ávidos de sombra! Sarmento de Beires descreve com gratidão a extraordinária figura de Nanu Ram, dedicada e nobre, idealista e revoltada, sonhando uma Índia para os da sua raça! A travessia contínua de Lahore cheia de perigos, de imprevistos, como o vôo sôbre Arakan Yoma, povoado de féras, até Tonkim.

Um esplêndido livro e bem preciso nêste momento de decadência, pelo fulgor, pelo iluminismo que dêle irradia, pelo que nos diz da pertinácia de três homens afrontando indiferenças, desafiando todos os perigos, caminhando pelas alturas e irmanando-se em grandeza aos heróis do Passado!

Companhia Portuguesa Editora, L.da

SÉDE — Rua da Boavista, 307 SUCURSAL — Rua do Almada, 123

PORTO — PORTUGAL

Premiada com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro de 1922

EXTRACTO DO CATÁLOGO

Doutrina do Real. Catecismo para uso dos que não se contentam com palavras, por Prospero Pichard, precedido de um prefácio por Mr. E. Lettré. 1 vol. brochado . . 7$500

Duarte Pacheco Pereira, (um homem de caracter). Quadro epico da historia nacional, por Eduardo de Noronha. 1 vol. brochado . . . . . 8$000

Echos do passado. (Versos) — Colombina (conto), com prefácio e notas, por João Penha (da Academia de Sciencias de Lisboa). 1 vol. brochado . . . . . 12$500

Eduardo VII. Elogio histórico pronunciado na sessão solene da Liga Monárquica do Pôrto em 20 de junho pe 1910, por Luiz de Magalhães. 1 vol. brochado . . . . . 7$500

Egreja (A) e a Politica, por M. Abundio da Silva (Dr.). 1 vol. brochado . . . . . 8$000

Elefantes (Os). (Contos) por Frederico A. Pereira. 1 vol. brochado . . . . . 5$000

Elegia da Lenda, por Veiga Simões. 1 vol. brochado. . . 15$000

Eleições e Parlamentos na Europa, por Henrique Baptista. 1 vol. Brochado . . . . . 15$000

Elogio Critico do Juiz Pinto Osorio. (In Memoriam), dirigido pelos seus Amigos Dr. Antonio de Magalhães, Conde d'Aurora e Gonçalo d'Abreu Coutinho, etc. 1 vol. ilustrado. . . . . 15$000

Elogio Critico de João da Rocha, pelo Dr. Antonio Ferreira. 1 vol. . . . . 7$500

Elogio Critico do Juiz Osorio, pelo Dr. Antonio Ferreira. 1 vol. brochado . . . . . 7$500

Elogio dos Sentidos. (Versos), por Antonio Corrêa de Oliveira. 1 vol. brochado. . . . . 12$500

Ensaios sobre o estudo da crise agricola e investigação das suas causas, por João Bentes Castel-Branco. 1 vol. brochado . . . . . 12$500

Esparsos e Traduções, de Antero de Quental. 1 vol. brochado. . . . . 5$000

Ginastica (A) Sueca, por Luiz Furtado Coelho, com prefacio do Dr. Melo Breiner e Dr. Pinto de Miranda, e ilustrações de Teofilo Ribeiro da Fonseca. 1 vol. brochado. 12$500

Gralho (O) Depenado.—Replica ás «caturrices» filologicas do Sr. Candido de Figueiredo, por J. Leite de Vasconcelos. 1 vol. brochado. . . . . 5$000

Grande (A) Velocidade. (Notas de gare), por Guiomar Torrezão. 1 vol. brochado . . . . . 6$000

Guia das Creanças nos banhos de mar, pelo Dr. Brochard. Vertido para portuguez pelo Dr. Antonio Vieira Lopes. 1 vol. brochado . . . . . 2$500

Guia das Mães e das Amas, pelo Dr. G. Anner, de Brest. Traduzida do original francez, pelo Dr. Antonio Vieira Lopes. 1 vol. brochado . . . . . 8$000

Guia dos Apaixonados ou **Moderno Secretario Amoroso,** por Braz Moreira Brandão. 1 vol. brochado. . . 3$000

Guia Ilustrado da Foz, Matosinhos, Leça e Lavadores, por Joaquim Leitão. 1 vol. brochado . . . . . 3$000

Helena Lourenço. (O preço da virgindade), por Alfredo Galliz. 1 vol. brochado. . . . . 10$000

Herbert Spencer.—Os Grandes educadores, pela Educação Nacional. 1 vol. brochado. . . . . 3$000

Heroi (O) de Chaimite. Narrativa historica e militar, por Eduardo de Noronha. Prefacios de Aires de Ornelas e Henrique de Paiva Couceiro. 1 vol brochado . . . . 15$000

Historia da Revolução Portugueza em 1820, por José de de Arriaga. 4 vol. brochados . . . . . 80$000

Historia dum morto, por Paulo Osorio. (Nova Edição). 1 vol. brochado. . . . . 4$000

Historia Natural Ilustrada.—Compilação feita sobre os mais autorisados trabalhos zoologicos, pelo Dr. Julio de Matos. 6 vol. brochados. . . . . 120$000

Historia Pitoresca.—Palavras e frazes celebres, por Alfredo Campos. 1 vol. brochado. . . . . 6$000

Ilusões e Desenganos.—Carta ao Ex.mo Snr. Conselheiro José de Alpoim, por Henrique Baptista. 1 vol. brochado. 3$000

India Portugueza.—A proposito dos acontecimentos de Satary, por Gonçalo Cabral, capitão de engenharia. 1 vol. brochado. . . . . 3$000

Infante (O) de Sagres, por Fortunato de Almeida. 1 vol. brochado . . . . . 15$000

Instruções sobre debulha (a vapor). por J. E. Carvalho de Almeida. 1 vol. brochado. . . . . 4$000

Janela (A) do Ocidente. (Poemeto), por Antonio Feijó. 1 opusculo brochado . . . . . 4$000

Jesuitas (Os). A proposito do caso das Trinas, por M. Borges Grainha. 1 vol. brochado . . . . . 10$000

Jesus e Pan. (Versos), por Teixeira de Pascoais. 1 vol. brochado . . . . . 6$000

J. J. Russeau.—Os grandes educadores, pela Educação Nacional. 1 vol. brochado . . . . . 3$000

Jornadas pelo Mundo, pelo conde de Arnoso. 1 vol. brochado . . . . . 12$500

DIÓNYSOS

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Director—Aarão de Lacerda
Secretário—José Maciel Ribeiro Fortes

EDITORES E PROPRIETÁRIOS
Companhia Portuguesa Editora, L.ª

Redacção e Administração — **Rua da Boavista, 311—PÔRTO**

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Secretário da Redacção.

SÓ SE PUBLICAM INÉDITOS

COLABORAÇÃO SOLICITADA

Aberta a assinatura na

Companhia Portuguesa Editora, L.da

e em todas as livrarias

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

CONDIÇÕES PARA A ASSINATURA:

Cada fascículo	7$00
Grupo de 10 fascículos desde o 1.º número	50$00

Cada fascículo é liquidado no acto da entrega

Nome .....

Deseja assinar..... fasc., que liquidará no acto da recepção.

Morada .....

Localidade .....

Para juntar



DIÓNYSOS

Companhia Portuguesa Editora, L.da

SÉDE — Rua da Boavista, 307 SUCURSAL — Rua do Almada, 123

PORTO — PORTUGAL

Premiada com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro de 1922

EXTRACTO DO CATÁLOGO

Jornadas pelo Mundo, pelo Conde de Arnoso, 1 vol. brochado. . . . . 12$500

Ladrão... de Milho, por José Branquinho. Parodia à *Oração ao Pão* do grande poeta Guerra Junqueiro. 1 vol. brochado . . . . . 3$500

Lisboa.—Cronicas de Paulo Osorio. 1 vol. brochado . . . 10$000

Liricas, por Maximiano Rica, com prefacio de J. Pereira de Sampaio (Bruno), com o retrato do autor. 1 vol. brochado . . . . . 10$000

Literaturas Mortas. (Breves estudos sobre as literaturas Galega, Euskcara, Italiana e Catalã), por José Cervens y Rodriguez. (Nova edição aumentada). 1 vol. brochado. 12$500

Literature (La) Portugaise. Conferencias realizadas em Bruxelas, por João de Barros (Dr.). 1 vol. brochado . . 10$000

Livro da Enfermeira. — Lições de enfermagem, por J. Haring, tradução de J. Leitão. 1 vol. brochado. . . . 8$000

Livro do Mal—versos por João de Souza. . . . . 5$000

Livro da Guerra, pelo Capitão David Magno. A Historia mais completamente desenvolvida e verdadeira que se tem escrito acerca da Grande Guerra. Nesta obra encontram-se arquivados os nomes dos nossos herois desde o simples soldado ao mais graduado oficial, que tanto se distinguiram, honrando a nossa Patria, 2 vol. ilustrados . . . . . 12$500

Luar de Lagrimas, contos por Celestino Gomes. 1 vol. ilustrado. . . . . 10$000

Lucernas, cronicas de arte pelo Dr. A. Lacerda. 1 vol. ilustrado . . . . . 10$000

Luziadas, por Luis de Camões. 2 vol. anotados e parafraseados pelo erudito, falecido escritor e professor, Augusto Epifanio da Silva Dias, em brochura . . . . . 20$000

Obra recomendada aos cursos superiores de letras.

Madalena de Maupin, por Teofilo Gautier, tradução, por Francisco Gomes Moniz. 1 vol. brochado. . . . . 10$000

Manequim (O). (Historia Contemporanea). por Anatole France. Tradução de Justino de Montalvão. 1 vol. brochado. . . . . 10$000

DIÓNYSOS

3.ª SERIE

REVISTA BIMESTRAL DE FILOSOFIA, SCIENCIA E ARTE

DIRECTOR
Aarão de Lacerda

SECRETÁRIO
José Maciel Ribeiro Feries

EDITORES E PROPRIETÁRIOS
COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.DA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA BOAVISTA, 311 — PÔRTO
TELEFONE 4715

MAIO DE 1927

N.os 4 a 6

SUMÁRIO

Alberto Brochado . . . . . O Cómico na música.
Hernáni Cidade . . . . . D. Francisco Manuel de Melo.
Visconde de Vila Moura. . . . Constantin Meunier.
Eugenio Aresta . . . . . O dogmatismo moral de Kant.
Carlos de Passos . . . . . A Igreja matriz de Ponte do Lima
Sousa Machado . . . . . Nenufar.
José Sant'Ana Dionisio . . . . A origem da Tragédia Grega.
J. Betencourt Ferreira. . . . . Os Animais das tapeçarias.
Antonio de Sousa. . . . . Teu soneto.
Luís Cardim . . . . . O estudo das Línguas.
José Teixeira Rego. . . . . Religião e metapsíquica.
Eduardo Salgueiro . . . . . Cemiterio da Infância.
. . . . . Bibliografia.

COMPOSTO E IMPRESSO
NA
Companhia Portuguesa Editora, L.da
PÔRTO

RP
8
18

ÍNDICE

DA

Revista «DIÓNYSOS» - 3.ª série

Título dos artigos	Nome dos Autores	Página
A Diónysos	Aarão de Lacerda	1
Hypátia	Gomes Teixeira	4
Assis	Mario Beirão	7
A atitude moral	A. A. Mendes Correia	8
Flores de Vidro	Visconde de Vila Moura	14
Lôas do Natal	Angelo Cesar	16
O portal românico de Anciães	Pedro Vitorino	18
A Atlântida	Alexandre José Sarsfield	25
Descobertas modernas no Egito	Pinto de Lima	33, 95 e 168
Schumann na sua obra de piano	Freitas Gonçalves	38
A Origem do Fado	José Maciel Fortes	42
Pelos domínios da Gramática	Acácio Lobo	47
Um Poeta (A. Sardinha)	Manuel da Silva Gaio	49 e 89
Para cantares ao menino	Antonio de Sousa	57
Dois livros de Quim Martins	Carlos Ramos	59
Á memória de José Cyrne	Aarão de Lacerda	65
A Percepção Musical	Alberto Brochado	66
Soneto	António Ferreira	72
O Saboroso engano	Francisco P. de Sequeira	73
A casa que Colombo habitou	Alexandre José Sarsfield	78
Noite	Mateus de Macedo	101
No tempo dos teitores da Flandres	Artur de Magalhães Basto	102
As primeiras migrações humanas	A. A. Mendes Correia	107
Constantin Meunier	Visconde de Vila Moura	129 e 205
Noite de Medo	António de Sousa	140
Torre de Babel	Manuel de Figueiredo	142
D. Francisco Manuel de Melo	Hernani Cidade	146 e 199
Adoração	Eduardo Salgueiro	155
A origém da Tragédia Grega	José Sant'Anna Dionísio	156 e 225
Montanha	Mateus de Macedo	161
Literatura Hindu Contemporânea	Santana Rodrigues	162
Questões Económicas	Palma de Vilhena	173
O aspecto musical do problema fadográfico	José Maciel Fortes	179
O Cómico na Música	Alberto Brochado	193
O Dogmatismo moral de Kant	Eugenio Aresta	210
A Igreja Matriz de Ponte do Lima	Carlos de Passos	215
Nenufar	Sousa Machado	221
Os Animais das Tapeçarias	J. Betencourt Ferreira	236
O Teu Soneto	António de Sousa	247
O estudo das línguas	Luís Cardim	248
Religião e Metapsíquica	José Teixeira Rego	262
Cemitério da Infância	Eduardo Salgueiro	275
Bibliografia	— —	120, 187 e 276

Ilustrações (em separata)

S. Salvador de Anciães (portal)	Fot. de Pedro Vitorino
O Grande Desvayro	Quadro de Acácio Lino
José Cyrne (retrato)	Desenho de Abel Manta
Fachada principal da casa onde residiu Cristovão Colombo no Funchal	Fotografia
Rapsodos	Quadro de José Cyrne
Débardeur	Escultura de Constantin Meunier
Igreja Matriz de Ponte do Lima	Fotografias com vários aspectos do templo
Os Animais nas Tapeçarias	Reproduções fotográficas dos Museus do Louvre, Cluny e Igreja de S. Rambert e do Museu de Berlim
Ectoplasmas epiploicos	Fotografias segundo Geley e Schrenck Notzing.



O CÓMICO NA MÚSICA

EIS um tema particularmente interessante e ainda por explorar— a essência psicologica do cómico musical.

Não se julgue inferior esta manifestação da Arte dos sons. O maior dos músicos teatrais dedicou-lhe um magnificente monumento — os *Mestres Cantores*, que, para alguns musicólogos, são a maior das obras primas do gigante de Bayreuth — e foi neste género que os dois espíritos mais luminosos da Italia do século XIX se guindaram ás culminancias e produziram as suas partituras mais gloriosas —o *Falstaff* de Verdi e o *Barbeiro de Sevilha* de Rossini. E Mozart, o divino Mestre da melodia, não desdenhou também de sacrificar largamente ao bom humor, escrevendo inúmeras páginas de música alegre, entre as quais se destaca esse delicioso *Casamento de Fígaro*, scintilante de espírito e de frescura.

Neste breve artigo não me proponho mais que traçar um ligeiro esquema, um programa do que poderia vir a ser um trabalho desen-

volvido que requereria estudo e meditação. Talvêz que um dia possa realisar o que hoje deixo apenas em escôrço.

Parece-me que o cómico musical se pode explicar inteiramente pela teoría subtil e engenhosa que o insigne filósofo da *Evolução creadora* expõe num livro que é, a um tempo, uma maravilha de análise psicológica e um primôr de estilo e de elegância: *Le rire.*

As duas proposições essenciais da doutrina bergsoniana do riso —*não há cómico fora do que é humano* e *o cómico é o mecânico chapado sôbre o vivo* — dão inteira explicação, a meu vêr, dos recursos que a inexgotabilidade da arte dos sons possui para interpretar as diferentes nuances do ridículo e do cómico. E creio que a aplicação da teoria neste novo domínio, em que o seu autor nem sequer ainda tinha pensado, deve provar, á evidencia, quam bem fundamentada ela é, visto que o valôr duma doutrina se mede pela extensão das suas aplicações.

Ora vejamos. O timbre dos instrumentos pode sêr uma das fontes do cómico mais fino e subtil, e é de preferência a esta espécie que Wagner recorre na sua genial partitura dos *Mestres*. Mas quais são os instrumentos que, exclusivamente pelo seu timbre, se podem prestar a sugerir o riso? Precisamente aqueles que mais se aproximam da voz humana: o fagote, o clarinete, o oboé — e o flautim que, embora nada tenha de comum com a voz, nos fará pensar, sem duvida alguma, no irónico assobio dum atrevido garoto. Estes instrumentos, que muitas vezes, se prestam a sêr os interpretes fieis dos nossos sentimentos mais elevados, podem, sobretudo em certas notas, em certas regiões dos seus registos, exibir um timbre acentuadamente cómico, mas em que nós encontramos, ainda assim, um atributo humano.

Querem uma prova cabal do que afirmo? Num dos artigos do número especial da *Revue Musicale* consagrado a Ravel, Wuillermoz, apontando as características da orquestração moderna diz que os compositores actuais, em vêz de evitarem as notas defeituosas dos instrumentos, as procuram, pelo contrario, e escolhem o registo em que o clarinete *fala pelo nariz*, em que a trompa *sufoca*, as cordas *assobiam*, emquanto as *eructações* do fagote acompanham este côro de vozes eminentemente susceptíveis de despertarem o riso. Ora o auctor do artigo em questão não pretendia mais do que sugerir, por uma imagem verídica, as qualidades de timbre mais apreciadas e usadas por alguns modernos compositôres, sem pensar, de forma alguma, em teorisar sobre o cómico. E, como vemos, para cada um destes instrumentos encontrou

êle características essencialmente humanas. Este facto parece-me que deve provar bastantemente a possibilidade da aplicação da tése bergsoniana ao cómico musical.

Não é verdade que certos sons graves do contrabaixo merecem a etiqueta de *grunhidos?* E quem será capaz de negar que a *petulância* seja uma das qualidades dominantes no timbre do cornetim, sobretudo no médio e no agudo?

No entanto, pode dizêr-se que o som da flauta, doce e religioso no grave, um pouco neutro no medio, e incisivo no agudo, mas sem atingir a magreza perfurante do flautim, que chia como um pau de giz numa ardósia, marcando fundo o seu traço, a flauta, dizia, não se presta, pelo timbre apenas, a efeitos nitidamente cómicos.

O oboé, sobretudo no registo grave, não deixa de lembrar a vóz de cana rachada de certas pessoas, constituindo assim uma fonte preciosa de ridículo musical. O flautim, cuja analogía com o atrevido assobío já acima apontei, é, como se sabe, quasi o único filão explorado nas situações cómicas da música trivial de operetas e revistas. Combinado com o fagote ¿não nos lembrará a paradoxal associação D. Quichote-Sancho Pansa, um, alto e magro, olhando as estrelas, o outro, gordo e baixo, rente com as realidades terrenas?

Mas passêmos á segunda proposição que é, afinal, a parte mais importante da doutrina bergsoniana: *o cómico é o mecânico chapado sôbre o vivo.*

Os exemplos já citados estão inteiramente dentro desta formula, mas parece-me, no entanto, conveniente começar por outros em que a sua aplicação seja mais simples e mais directa.

E' sabido que os sons *picados* se prestam melhor que os *ligados á farça* e á *ironía* musical. Não será porque os primeiros evocam a discontinuidade da linha quebrada, ao passo que os segundos sugerem a *facilidade* da curva, mais intimamente associada ás manifestações vitais? ¿Quando é que um gesto é ridículo? «As atitudes, gestos e movimentos do corpo humano são risíveis na medida exacta em que este côrpo nos faz pensar numa simples mecânica», diz Bergson. De acôrdo com esta fórmula nós vemos que as passagens musicais cómicas procedem, de preferência, por graus disjuntos, que criam mais nitidamente a impressão de rigidez mecânica, sendo frequentes as repetições de notas— a repetição não é essencialmente a antítese da vida, como observa, com justeza, Bergson? A vida não se repete, a vida é essencialmente movimento, transformação. Quando na vida deparamos com a repetição

duma dada scena, encontramos-lhe, imediatamente, uma faceta comica, pelo que de mecânico nos sugere.

Outra característica inerente a quasi todos os fragmentos cuja intenção seja sublinhar o cómico duma situação é a rapidez dos andamentos. Era esta a origem de quasi todo o cómico na *opera bufa*. A figuração é tam abundante que os intérpretes mais parecem *maquinas falantes* do que seres vivos, e daí o cómico, daí o ridículo da situação. A *Cavatina* de Figaro, no *Barbeiro de Sevilha*, e a frase de D. Bártolo, no *dueto* inicial do terceiro acto *ma che perfido destino*, são exemplos típicos desta espécie de cómico musical.

Mas, voltando á questão do timbre, ainda aqui encontramos, como acima disse, esta mesma nota dominante: *o mecânico inserido no vivo*.

¿ Porque nos rimos de certas notas graves do fagote? Porque a sua inércia, o seu peso são essencialmente mecânicos.

Ao passo que o atrevido assobio do flautim é penetrante como um alfinete aguçado que nos rasga a epiderme. E se o clarinete, *falando fanhoso*, ou o oboé, *em voz de cana rachada*, nos fazem rir, é porque «é cómico todo o incidente que chama a nossa atenção sobre o fisico duma pessoa, quando é, sobretudo, do moral que se trata». Rimo-nos dum oradôr que espirra, no momento mais patetico do seu discurso. Da mesma forma, se o timbre daqueles instrumentos, em vez de nos sugerirem estados psiquicos elevados, nos lembra as qualidades mais materiais desta pobre carcassa — o corpo — torna-se, imediata e automàticamente, cómico.

Independentemente do timbre, os sons agudos, qualquer que seja o instrumento que os produza, podem prestar-se a traduzir o cómico. O mesmo acontece com os sons muito graves. Pode mesmo dizer-se que, á medida que nos afastamos da região media, o caracter cómico se vai acentuando para os dois extremos opostos da escala dos sons.

Outro recurso na sugestão do risivel é o que possuem os agregados harmónicos. ¿ O tema de Beckmesser não será um exemplo tipico? Nas suas dissonâncias está patente o caracter azedo, a inveja



mesquinha do medíocre poetastro. E' tambem pelo seu pezadume harmónico que o motivo dos *Mestres* consegue caricaturar, fielmente, aquela corporação de personagens de convicções profundas e arreigadas, e de considerável inércia mental.



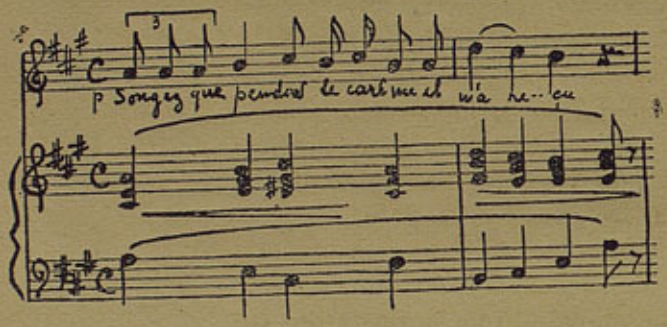
Conjugando, por modos infinitamente diversos, os diferentes elementos da linguagem músical, acima passados em sumária revista, pode o compositor obter inumeros efeitos comicos, directamente despertados pela contextura da frase musical. O mesmo tema dos *Mestres*, quando apresentado pelas *madeiras*, na ouverture, ou quando exposto pelo *fagote* no final do primeiro acto é como que um exagero caricatural da douta corporação, obtido, no primeiro caso, pelo timbre dos instrumentos e pelo caracter mecânico dos sons picados, e, no segundo caso, pelo registo grave do fagote.

Como é sabido, a linguagem musical possui recursos ilimitados para sugerir sensações, formas, cores, movimentos e até ideias. Compreende-se, facilmente, que, por este meio, possa despertar representações mentais risiveis. Por exemplo, uma frase do *Barbeiro*, no momento em que Figaro aconselha Almaviva a fingir-se bebado, quando penetrar, travestido em soldado, na casa de D. Bartolo. Há, nesta passagem, um desenho sinuoso, que, de per si, não é cómico, mas não pode deixar de nos sugerir a imagem de um ébrio cambaleando.



E' evidente que, neste domínio, os recursos de que dispõe a linguagem musical, para sugerir o cómico, são vastíssimos — basta percorrer as mais significativas obras primas do género *bufo*, da *ópera cómica* e da *comédia* lírica, para disso nos convencermos.

Identicamente ao que acontece com o cómico de palavras, a música pode encontrar efeitos visíveis nas *transposições*, isto é, adaptando a uma situação solene uma linguagem trivial, ou, vice-versa, empolando a expressão para uma banalidade qualquer. Exemplos da primeira especie de cómico musical vamos encontrá-los, em grande número, no *Cavaleiro da Rosa*, em que a linguagem do barão de Larchenau é, quasi toda, em motivos de valsa banal, ao passo que o genial Mussorgski ilustra a segunda categoria com uma deliciosa passagem da espirituosa comédia lírica *A feira de Sorotchintzi*. Quando o filho do Pope conta a Kivria as dádivas que o pai recebera na quaresma daquele ano, a orquestra comenta as suas palavras com uma série de acórdes impregnados de uma religiosidade em completo desacôrdo com a situação.



Insensívelmente somos levados para outro processo muito usado hoje pelos modernos compositôres — o das *citações* de temas conhecidos. Assim, Ravel, em *L'Heure Espagnole*, aplica a um *carrejão* o tema do *Dragão* de Wagner, e descreve um conquistador presunçoso, com uma paródia da valsa *Amoureuse*. Muitas vezes as citações referem-se apenas a processos e não propriamente a temas. Na mesma peça, um outro personagem, Gonzalve, é caracterisado por uma *ária*, género verista, com um acompanhamento intencionalmente banal, em terceiras, feito pelo violoncelo.

Parece-me, que esta breve resenha dos principais tipos de cómico musical é bastante para provar que a subtil teoria do eminente filósofo dos *Dados imediatos da consciência* explica suficientemente os diferentes recursos da arte dos sons na sugestão do riso e da ironia.

Porto, 4 de junho de 1926.

ALBERTO BROCHADO



D. Francisco Manuel de Melo

(O POETA)

II

A OBRA poética de D. Francisco M. de Melo é vasta... e em grande parte de interêsse restrito aos historiadores de literatura de mais paciente curiosidade. Espírito, como dissemos, muito mais intelectualista do que emotivo, fadado muito mais para a crítica do que para a poesia, *a fortiori* devemos fazer com o poeta o que fizemos com o prosador — destacando na sua obra poética ou crítica os conceitos orientadores, aquilo a que hoje chamaríamos as *concepções estéticas*, a que o autor procurou conformá-la.

Porque, em verdade, saber o que D. Francisco pensava da poesia em geral e da sua em particular é meio caminho andado para nós mesmos sabermos o que desta última devemos pensar. E êste método mais que nunca é seguro, tratando-se duma época em que toda a arte se modelava por cânones, resultando, portanto, não da meia-consciência de espontânea *inspiração*, antes do esfôrço duma vontade e duma intêligencia submissas a regras alheias e conscientíssimas delas, em geral.

Inquiramos, portanto, como o poeta teorizou:

Nos *Apólogos Dialogais — Hospital das Letras* — ocorre um trecho de diálogo em que, depois de se aludir aos dois poetas espanhois Leonardos — Bartolomeu e Lupércio — que os interlocutores acusam de impenetráveis para os profanos, pela exagerada magestade das sentenças e pela indiscreta imitação dos antigos, põe o autor na bôca de Lípsio estas expressivas considerações:

Dias há que vi suas obras e lhes sou afeiçoado pela suma alteza que em todas observaram; todavia são poetas a quem se pode mandar tomar o aço, para gastarem a opilação de que adoecem seus versos, alguns de grande dificuldade pelo muito que afectaram as vozes peregrinas, particularmente em os consoantes: Lupércio teve mais veia que Bartolomeu; êste melhor pompa que aquele; e ambos maior estrondo que formosura. *Direi, contudo, que, como os versos não sejam lição própria de sesudos, mas de mancebos, damas e ociosos, parece coisa inoportuna professar neles tanta severidade que antes acusem horror que deleite a quem os ler*, como nestes a cada passo sucede; não obstante foram os dois irmãos um vivo erário das joias da erudição.

E' todo êle digno de atenta leitura o trecho transcrito. D. Francisco não desdenha a *pompa* rètórica, a *alteza* estilística, as *vozes peregrinas*, as *joias da erudição*. Apenas acha tudo isto pesado na poesia que é — registemos êste conceito, sobretudo — *leitura não própria de sesudos, mas de mancebos, damas e ociosos.*

Se a finalidade das coisas que os homens fazem é que principalmente lhes determina a forma, já se compreende que à sua poesia ha-de o nosso poeta imprimir a feição que os mancebos, as damas e os ociosos do seu tempo acima de tudo estimavam. Ha-de tentar que seja mais elegante do que comovida, mais artifício para deleite alheio do que desbordamento e comunicação de sentimentos próprios, mais intensamente vividos.

Mais adeante, porém, é mais explícita e directamente que D. Francisco fala do mesmo objecto.

Referindo-se ao poeta satírico espanhol, D. José de Tarsis, diz:

Quevedo... Saboreou-se muito da pompa das palavras e como árvore de grande rama, que jámais deu fruto, vemos que em suas obras se leram muitos centos de versos, sem achar *cousa de que a memória lance mão ou leve para casa o entendimento.*

Lípsio. Por essa conta outro deve ser o vício do autor, outra a sua enfermidade, *porque as palavras boas e em boa ordem é a mesma poesia;* donde os gregos figuraram os poemas como um esquadrão de soldados que consta de muitas fileiras, os quais no poema vêm a ser os versos e os soldados as vozes colocadas em número e medida...

¿Que entenderá D. Francisco Manuel por *palavras boas?* — Certamente aquelas *de que a memória lança mão ou leva para casa o entendimento.* Versos para o prazer do entendimento e da memória, portanto. Ideias *inteligíveis,* de preferência a *sensações*, formuladas em expressões de lapidar recorte, gratas ao ouvido e facilmente fixáveis na memória — eis o que, para o autor, os versos devem ser. Isto além de leves e elegantes, para grato entretenimento de espíritos desenfadados.

A sensibilidade, a emoção, a paixão, sobretudo aquela sorte de *delírio mediúmico*—a antiga *fúria* dos clássicos—tudo quanto implique perturbação da normal actividade do espírito, da soberania perfeita da razão, é excluido de tal definição de poesia.

¡Que longe estamos, assim, de toda a poesia romântica, que tão voluptuosamente embala e tanta vez desordenadamente apaixona o sentimento! ¡A que imensa distância, por igual, da poesia moderna, feita de subtilíssimas vibrações de sensibilidade hiperestesiada, e, quando mais alta e profunda, prolongando, para além do horizonte que limita os sentidos, a visão divinatória, como tentando o contacto directo, *vivo*, com o *além-aparência*, com o *nómeno* que o conceptualismo scientífico mascara!

Outro conceito da poesia expresso pelo nosso autor, complementar dos anteriores, é êste: a *felicidade dum poema consiste não só na alteza do estilo, mas na proporcionada simetria das perfeições.* (Hospit. das Lat. Bibliotéca dos Clássicos Port. pag. 47).

E' a antiga concepção estética dos clássicos, projectando ainda, a distância multissecular, suas derradeiras claridades — a simetria, o arranjo do conjuncto, o equilíbrio perfeito em cuja contemplação se goza agrado repousante. Tempos viriam— ¡e deles não saímos ainda!— em que, em vez da serenidade que resulta do perfeito concêrto da imaginação e dos sentidos, do sentimento e da inteligência, em vez do saboroso epicurismo que é o fruto da contemplação da vida superficial, idealizada, se havia de pedir á arte a exaltação provocadora do tumulto na vida íntima, a visão sonhadora que interroga as profundidades da vida total.

Assim feita para o entendimento, conservando alerta a atenção ao proporcionamento das partes e á harmonia de conjunto, aguçado e em exercício o espírito crítico que tão bem sabia ver os defeitos até nos melhores mestres, compreende-se que a poesia de D. Francisco Manuel não houvesse de ser o que se pode chamar inspirada, antes se res-

sentisse de persistente e cuidoso trabalho de lima. Assim mesmo o diz o poeta, no prefácio do seu primeiro livro:

No sin trabajo propuso templar los modos modernos de maestros vulgares. Lo candido de los Vegas, lo severo de los Leonardos, lo culto de los Gongoras y Ortencios: si advertis los vereis añudados en paz y armonia. Escrivir claro no es humilde; magestoso no es confuso. Aspiré siempre a observar los decoros, no teniendole por solo cargo los épicos ó comicos, mas tambien los liricos que algunos no poco ten olvidado. Esto pienso yo é conseguido por haver estado en mi mano. La contextura de los versos es harto rigorosa. Las licencias no son raras, porque no son . . .

Portanto, poesia trabalhada, a sua, não apenas na harmonização dos vários estilos, mas na contextura numérica do verso; poesia eclética, temperando a severidade dos Leonardos com a candura de Vega e com uns e outros o cultismo de Gôngora; tão observadora dos *decoros*, finalmente, a-pesar de lírica, como a épica e a cómica.

São apenas espanhois os auctores pelo poeta citados neste prefácio.

¿Não estimaria êle nenhum dos portugueses?— Estima, e não pouco, mas não os contemporâneos. Mestres do seu tempo, só lá fora os encontrava.

E' bem sabido — foi Teófilo que o pôs em relêvo — que D. Francisco Manuel com Rodrigues Lobo dão continuïdade ao lirismo quinhentista, embora não o mantendo imaculado dos defeitos cultistas (defeitos que, aliás, êle já continha em germe). Assim, a influência de Sá de Miranda é facil reconhecê-la no recorte conceituoso das suas redondilhas, como no grave ar de moralista que nelas toma.

Ao austero poeta das *Cartas* se refere D. Francisco nestes justos termos:

Autor. — Aquele é o nosso Francisco de Sá de Miranda, que em sua vida e escritos encerrou toda a moral filosófica.

Bocalino. — E' este por quem disse Diogo de Sousa no seu Parnaso: poeta até ao umbigo, os baixos prosa.

Autor — Essa foi uma travessura dum bargante, que, não embargante, maldito o mal que lhe tem feito.

Lipsio. — ¡ Muito bem, muito bem! Este é o Sá de Miranda: desejava encontrar-me com êle, porque em algumas epístolas latinas que me escreveu vosso natural e grande amigo Francisco de Fontes é várias vezes citado o Sá de Miranda, que com várias sentenças socorre toda a doutrina aulica.

Bozalino. — ¡ Pois como sendo tão avantajado poeta o não tendes visto!

Lippio.— Assim passa e foi costume de famosos homens escrever certos conceitos e misteriosos, como os egípcios em estilo tosco....

Além do elogio a Miranda, notemos esta autorização por *famosos homens* do hábito de escrever *para os raros apenas*, que também se exemplifica em D. Francisco.

Junto do leito de Miranda, encontra-se no *Hospital das Letras*, o de Camões.

O culto de D. Francisco pelo grande épico, tendo-o levado a parafraseá-lo e dele se inspirar em mais dum passo, fá-lo atribuir a Bocalino um panegírico em que, na figuração do quadro — *um Hospital das Letras* —afirma que, «*da fome em fora, nenhuma outra doença Camões padece. ¿ Tão pouco lhe parece ser o melhor poeta de Espanha? ¿ Aquele que despojou da sua primazia a língua castelhana, que se pôs barba a barba com o nosso insigne Tasso? ¿ Ombro por ombro com o mantuano Vergílio? ¿ Rés por rés com o grego Homero? ¿ Faltam-lhe porventura, (se lhe faltou dinheiro por desgraça) glosas, comentos, exposições e ser citado e desvendado pelos melhores autores do nosso tempo?*

De Antonio Ferreira diz D. Francisco que lhe «*amanheceu a frase sublime primeiro que á maior parte dos poetas dàquém-mar, porque em nenhum se acham melhores arremessos*».

¿E sôbre Diogo Bernardes, tão diferente dele pela ductilidade do seu verso e pela brandura da sua língua musical?

E' a Quevedo que D. Francisco faz sentenciar sôbre o cantor do Lima, e da maneira mais expressiva:

— Esse foi poeta da Terra da Promissão, todo mel e manteiga; não se viu musa mais mimosa.

Autor. — ¡ Parece que o estranhais, como se á poesia conviesse por alguma via alguma aspereza.

Bacalino.— Assim é, mas também não negareis que os versos se querem varonis e exforçados.

Sublinhemos o último conceito. O nosso critico justifica por êle os seus próprios versos, bem rijamente, angulosamente *varonis*, bem *esforçados*, ou mais própriamente *esforçados*, tanta vez...

Eis como D. Francisco Manuel de Melo teorizou a poesia e criticou a própria e a alheia. Isto nos deixa entrever a maneira como êle a realizou — e como no seu tempo em geral era realizada.

Resumindo: a poesia deve ser, acima de tudo, um entretenimento de espíritos mais leves e menos inquietos, uma *prenda* de sociedade,

destinada a derramar graça em suas horas de ameno ócio. Isto exclue dela não só a gravidade da preocupação social, da especulação filosófica ou da angústia religiosa, mas até as efusões da emoção pessoal.

Ela deve ser dirigida à inteligência, como seu gostoso manjar; á memória, para seu fidalgo ornamento. Quási nada tem com o coração, de cujas dôres mais profundas faz encantadoras charadas, artificiosos filigranas verbais, para delícia da imaginação em sibarítico exercício.

Ela deve ser, no ponto de vista formal, *a proporcionada simetria das perfeições*, o gracioso equilíbrio do discurso, pelo sossegado trabalho das faculdades e dos sentidos. Reptos, choques, aritmias de movimento passional, tudo quanto perturbe êsse risonho jôgo de actividades do espírito, será dela relegado... até aos tempos em que o Romantismo ha de fazer do tumulto interior a principal fonte da emoção estética.

Finalmente, a poesia de D. Francisco é eclética, forrageando, como industriosa abelha, graças de todos os mestres consagrados, e é composta com esmeros demorados, estilísticos e métricos. Procurará evitar as branduras de Bernardes e não fugirá ao abstruso da poesia de Miranda, pois é timbre de nobreza intelectual ocultar no rude laconismo da forma altos e misteriosos conceitos...

Em próximo artigo se verá como o teorizador e o crítico fez pressão sôbre o poeta — se é que o poeta alguma vez existiu em D. Francisco Manuel...

HERNANI CIDADE



Constantin Meunier

II

A Piedade é uma grande Escola, a maior Escola.

Ela cria e engrandece todos os conventos; dirige os homens através das suas contradições e agonias; reprime o egoismo; e é, ainda, para a Arte, fôrça-mestra... Gorki compara algures uma mulher, surra do trabalho, presa à canseira, à servidão de sempre, ao cavalo que, serenamente caminha, sem ver da certeza de ganhar até ao fim a ladeira que sobe...

O caso da humanidade em luta com o mundo, consigo própria! E o caso do *Cavalo das minas* de *Meunier*, brando e sofredor, irmão do homem no trabalho, em sua obstinação mansa de cativo...

Dificilmente poderemos descobrir na obra do Artista a revolta, ainda em sua obra mais violenta, de maior patético. Dentro da verdade universalista e cristã — seu génio. Irmãodo barro em que realiza, êle parece, trazer sempre consigo algo da dúctil primeira fraqueza humana, tão subtilmente estupenda, reveladora!

Por isso o cortejo verde dos seus bronzes usa uma nobreza, uma grandeza, que só teem par no génio *essencial* dos primitivos.

Suas figuras de *desesperados*, de *agonia*, de *sobresaltados* teem o seu natural ritmo, — o ritmo seguro e formidável das tempestades! E' um mestre perfeito da Dor, porque, em sua Arte, dominou a Dor!

Quem são os mestres da Luz, dentre os arquitectos ou pintores, poetas ou escultores?

São os que em sua obra dominam a Luz; usam, trabalham com a Luz, sem por ela se deixarem ferir! O mesmo sucede com a Alma! *Meunier* é um dos mestres máximos da Alma!

Depois da Natureza, nenhum mestre vale para a inteligência humana como o plástico. Se é em sua obra, o mistério daquela, da Natureza, abrindo-se, revelando-se... Se êle a continúa, a glosa, em sua graça! Se a fortuna admirável da Sensibilidade universal tem nêle, especialmente, seu mais nítido, apurado saber...

Meunier, se passa, quási inesperadamente, de místico da tinta a criador de almas na pedra, e no bronze, (de preferência usou o bronze, por mais transfigurador) — é que, num momento, viu *esculturalmente* a sintese do seu grande e antigo pensamento da *gente do trabalho*, antes tão profundamente sentido e idealizado num sem número de telas, cartões, afóra a multidão de casos que lhe vagavam no sentido.

Há para o Artista a luxuria da Miséria, como para outros há a luxuria da Riqueza. Toda a obstinação é Luxuria...

Mas em *Meunier* nem uma nem outra o movem, o decidem. O que o decide é a *simplificação da Verdade*, é a preocupação de desvelar a Verdade dos seus atavios comuns; porque ela própria, a Verdade, sofre da miséria da vaidade universal, que tudo perturba!

Como chegou *Meunier* aos seus resultados? Já o dissemos, mas importa insistir: pela vida do claustro, pela Ascése.

E' sobejamente sabido o caso de Fra Angelico, o pintor de inspiração divina, «que nem emendava os seus traços, tão certo era de que Deus lhe guiava a mão».

Ah, mas o drama de *Meunier* não entra nos fáceis romances místicos dos que penetram no convento pelo fio das suas agonias, e, ainda por elas, chegam a pintar do Céu.

Não; o Artista é sempre mais humano do que divino. Na *Trappa de Westmaël* foi aprender o silêncio; as linhas sagradas dos frades transfigurando-se das colunas dos claustros; recompor daquela humanidade isenta e rectilínea, que cai na morte, com o baque justo e indiferente dos monumentos que se desmuram — tanta lembrança, tanta hesitação em alvoroço!

Ah, a necessidade, a grande necessidade, para todo o artista, de pôr em ordem a sua alma!

O caso de Rodin, entrando sinceramente num convento para professar!

O caso da *dôr especial* de todo o Artista, perante o mundo estranho que é em seu íntimo, e, a toda a hora, o interroga, prolonga suas agonias, multiplica suas forças e seus receios, não raro o faz possesso das centenas de almas em que se desdobra!

Do convento vai para os fortes espectáculos da gleba; depois para Espanha, onde a humanidade usa um realismo *seu*, que não tem par noutros países; para Espanha, que odeia, e o atrai; onde em cada rua, senão em cada casa, é um museu de pitoresco e graça preciosissimos; por fim — para a *região negra*, a região das oficinas, dos altos fornos, onde o homem realiza, no inferno moderno do Trabalho, o drama das velhas fábulas, dos maravilhosos dramas da primeira imaginativa!

Nos conventos, na rua, no campo, nas oficinas, aprende êle, as linhas precisas da Vida; repelindo o estilo pelo estilo, a técnica pela técnica, até achar numa sciência que logo se lhe torna precisa, porque lhe é profunda, instinctiva, — o *meio* necessário a dar, a revelar o homem pelas suas mais nobres e dolorosas funções.

Nestas descobre o *Helenismo da servidão humana!* Pelo que sua primeira estátua *(Marteleur)* é, por si, um monumento do trabalho: um símbolo perfeito e definitivo, com a euritmia, duma obra natural. . .

Ao *Proudeleur* parece compô-lo, estatuá-lo a Fadiga!

Em toda a sua galeria, a profunda vida calma da Natureza! Sua vida calma e fatal! Nos bronzes de *Meunier* supomos, ao primeiro olhar, ver estremecer de ansiedade, de esforço, a humanidade *essencial*, a soberana e melhor humanidade: a que distrai e solve em trabalho sua agonia, até a conduzir resignadamente, á Morte!

Toda a Arte se afirma pela arquitectura, de cujas linhas é prisioneiro o caracter, o sentido da beleza, de razão criadora, — nobremente activos.

A arquitectura é a sciência máxima, porque é a sciência de linhas luminosas que tudo pode abranger, dentro das proporções próprias, necessárias a cada caso.

Mas ninguem constrói como a Natureza! Toda a obra de Arte deve ter a compostura requerida pela arquitectura. Mas, onde a construção do homem que valha, em compostura, a construção da arvore?

E, contudo, quantas vezes o homem sái a guiá-la, a alterá-la, de forma a deixar supor que corrigiu a Natureza!? Quando, de facto, não fez mais do que afeiçoá-la ao seu gosto, ás suas utilidades!

As figuras de *Meunier* lembram desenhos com vida, que atentamos como quem encara criaturas a quem o mesmo génio veda o falar; e são súteis problemas de arquitectura, — verdadeiras construções de Almas, cujo relevos não gritam na Natureza, não *magoam* a Natureza, mas antes se integram nela; são dela.

Vem dos gregos e ainda dos romanos sua técnica forte e simplista, repetimos; mas dos *Poemas do Nu* dos antigos compõe Meunier a teoria do homem esculpido pelo Trabalho, feito pela Oficina, com um caracter e uma beleza proprios.

A cada mister, a cada exercício, corresponde gente, uma humanidade especial.

Os jogos olímpicos deram a carne, a atitude, a graça olímpicas. Na fisionomia do homem do campo há a abstracção, as sombras da terra, o riso do sol; como nos marítimos é a graça e a luz do Mar!

Nas oficinas...

Ah, nas oficinas, não há o tipo andrógino dos gregos; nem a carne reflectidamente estilizada, feita pela guerra, pela luta romana, pelo disco, pelos circos.

Há o homem em luta estreme com a vida, cingindo-se aos aparatos do trabalho.

Donde proveio outra Arte, uma *Nova era expressiva*, que, como nenhum outro artista, *Meunier* compreendeu e tratou.

Do seu génio de universalidade, por último, resultou a concepção dêsse formidável *Monumento do Trabalho*, cujas peças, dispersas no Museu de Bruxelas, provam até que ponto êle viu, do íntimo, a Nova Era.

Da serenidade com que realizou seu trabalho, num período de dez anos, — o mais fecundo e intenso de que reza a História da Arte, nos informa o facto de, nas vesperas de morrer, *com a certeza da morte próxima*, êle trabalhar, pacientemente, como quem aproveita a vida *até ao fim*, num grupo, ainda como nenhum outro simbólico, àquela hora duplamente simbólico, — intitulado *Fecundidade*.

Que lhe importava a Morte? Porque não abstrair da Morte, se eram quási completas as figuras do *Monumento do Trabalho*; se era quási finda a sua missão, sumariada nêste Monumento, em cujo remate so seus sucessores deveriam colocar o genial *Semeador!*

Absolutamente de acôrdo com a Natureza, era-lhe em plena subordinação, a ponto de lhe sacrificar o génio, de que, por fim, tinha plena consciência, e de que usufruia o mínimo estipêndio: ainda nos últimos anos eram mesquinhamente pagos os seus trabalhos!

E, contudo, o reconhecimento da sua obra, notável em todo o mundo da Arte, era feito, sem restricções; definitivamente assente! De tal sorte assente, que mesmo quando da última invasão de Bruxelas, no mais acêso da luta da maior luta de que o mundo, tem sido teatro — um dos primeiros actos do *Comando alemão* invasor foi fazer guardar o precioso *Atelier*-Museu de *Meunier*, de fórma a garantí-lo contra a mais feroz das guerras!

Viu-se, pois, que, a despeito de toda a sorte de destruição empregada, não era de morte o duelo das duas grandes civilizações em presença.

Entretanto, ainda quando as maravílhas de *Meunier* fossem do novo à fundição, agora para acrescentarem a artilharia alemã — e glória germánica ficaria sensivelmente diminuida, mas não a obra da Artista, que de qualquer fórma, ressuscitaria no labor dos díscipulos, como a mais bela e justa à *Nova Era*.

Ancêde, 1925.

Visconde de Vila-Moura.



O dogmatismo moral de Kant

Se, no estudo de um sistema filosófico, devemos sempre entrar em conta, àlém dos factores culturais, pragmáticos, históricos etc, com um factor de ordem psicológica que será o estudo da personalidade do autor do sistema, é sobretudo no Kantismo que a necessidade mais se faz sentir.

A admiração e simpatia pela noção do *Dever*, tal como Kant a concebe, não exclui um sentimento de respeitoso temor. Admira-se a distância. Reconhecendo-se o bem que deriva das normas morais de Kant, há por elas, como que o vago receio do doente que teme a dolorosa operação salvadora. Chegar ás noções de Deus e da imortalidade da alma como postulados *á posteriori*, como elementos necessários, apodicticamente certos, para cimentar as pedras que uma a uma fomos erguendo em construcção, é confrangedor.

Todo o nosso instinto, cheio da ancestralidade religiosa que assenta em formulas feitas, em determinações que se espalham desde as mais grosseiras crenças, até à fé dos Doutores da Igreja, rodeada de dogmas como uma cidadela medieval rodeada de ameias, todo esse património afectivo de crenças sentidas, se revolta.

Admira-se Kant. Mas lastima-se ao mesmo tempo. Ante os nossos olhos, a vida dessa figura de justo, parece-nos «tournée á l'aigreur», como a de certos velhos militares que secaram demasiadamente, dentro do espirito, as noções de disciplina. Passa, sem que nela se pressinta a fase infantil que para quasi todos nós foi embalada com as deliciosas lendas dos contos populares, com a moral facil e atraente das parábolas cristãs.

Quando eu quero representar-me a fase de meninice do filósofo alemão da *Razão Pura*, influenciada pelo puritanismo profundo e árido da educação materna, lembra-me sempre a criança citada por Guyau *(Ensaios de Moral)* nos seguintes termos — «Recentemente, uma menina a quem sua mãe tinha confiado uma moeda para fazer uma compra, foi atropelada na rua.

Não largou a moeda; voltando a si do desmaio, moribunda, abriu a mão que mantivera bem fechada e deu a sua mãe o humilde sôldo que ela não supunha valer tão pouco, dizendo — não o perdi!»

A adolescência de Kant é influenciada pelo professor Schultz, um piedosista tambem.

Assimila depois a tradução escolar que Wolff fizera do racionalismo de Leibniz, influenciado pelo empirismo scientífico moderado de Newton. Deste sono dogmático, *dogmatischen Schlummer*, como êle próprio diz, vieram acordá-lo as teorias de Hume. Conhecem-se na obra de Kant, as tendências para relacionar estas duas fases — «E' onosso entendimento (*verstand*) que constrange os fenómenos que se sucedem no tempo, a dobrar-se à ordem regular da causalidade».

E quando aos 47 anos atinge tardiamente os 235 *h alers* que o remuneram no *Privat-Dozent* de Koenigsberg, é para continuar inexoravelmente até ao fim da vida, a dissecar a noção de *Dever*, a tirar-lhe tudo quanto ela possa ter de atraente, a desprezar por êle, tomado apenas em si próprio, vazio, em essência pura, tôdas as sanções meritórias ou punidoras que o impõem, ou pelo menos amenizam e aconselham.

E' belo, mas é tragico. Se eu quizer representar-me agora este velho, distraído no seu mundo ideal vivendo fóra do cérebro num automatismo de que só o arrancam as notícias da morte de Rousseau e da Revolução Franceza, se eu quizer supô-lo victima de um atropelamento nas concorridas encruzilhadas filosóficas o «Auf-Klarung»

vejo-o como a criança de Guyau, moribundo, ensangüentado, guardando a sua moeda, o seu *imperativo categórico*, para gritar orgulhosamente a ultima frase — não o perdi!

E contudo, o que vale o imperativo categórico?

Lembra-me o comentário de Guyau, a propósito da criança. — «Qualquer que seja o mérito moral que um estoico ou um Kantista possa descobrir com razão, neste acto, será absolutamente incapaz de o imitar, êle filósofo, conhecendo o valor de uma humilde moeda. Faltar-lhe-há a Fé, não a Fé no seu mérito possível, mas talvez a Fé na moeda».

Esta Fé moral no imperativo categórico não nos levará a sacrifícios lamentáveis para salvar uma moeda misera?

Se êle obedece a uma lei que não tem objecto empírico, ao *Dever pelo Dever*, logo esta primeira condição nos obriga a afastar os olhos do mundo exterior, para fugir ás tentações que nem os próprios santos ascetas evitavam nas suas cavernas e ermidas solitárias.

A universalidade desta lei, necessária para uma objectividade feita com subjectivismos idênticos, traz-nos a responsabilidade de actuar como se as nossas acções podessem ser erigidas em normas universais.

Encerrados dentro dum pragmatismo estreito que nos leva ao conhecimento de um certo número de relações, não será desmesurado orgulho egocêntrico a suposição de que somos capazes de entrar na clivagem das leis universais?

Lançados para fóra do mundo sensível, o postulado apodictico da liberdade nomenal será amparo suficiente para garantir a autonomia da vontade, absolutamente necessária para formação da consciência moral? O que póde querer a vontade de um ser nomenal? Só o próprio cumprimento da vontade nomenal. E' este o destino, o fim que deve preencher a pessoa humana no que ela tem de não empírico? A vontade fica como legisladora universal, autónoma, livre de todas as determinações sensíveis. Transportada para o mundo dos nómenos, escolhe nele um caracter que uma vez escolhido ficará sujeito ao determinismo fenoménico (platonismo).

Não está aqui ainda um pouco, do sombrio da predestinação?

Práticamente, nesta metafísica de revez, o transporte do *eu* fenomenénico para o *eu* nomenal, não se faz sem que todas as ligações que instantemente nos prendem ao mundo exterior se estiquem ao máximo e nos retenham, que é o caso vulgar. Ou se partam, deixan-

do-nos isolados no centro do Universo que nos espreita, esperando que lhe dictemos a lei. Esta atitude ptolomaica no mundo moral, é arrepiante, mesmo para os que não são muito dados ao horror das responsabilidades.

A noção da divindade, a imortalidade da alma, vindo ainda como postulados necessários da metafísica Kantiana feita ás avessas, impõem com o rigor das construcções geométricas, mas não atraem.

O *Imperativo categórico* vale como uma divindade abstracta, semelhante ás que entraram no Pantheon romano no tempo dos *Indigitamenta*. Como valor moral, é estoico. As almas vulgares que constituem o plasma psíquico da humanidade, precisam das concretisações bem determinadas no mundo sensível, onde o Dever lhes é mostrado como imperativo persuasivo e atraente. Entre o *Dever* da moral Kantista e o da cristã, está bem marcada esta diferença. E' certo que o cristianismo tem os seus crentes que amam Cristo por Cristo, na tortura de o não amar bem desinteressádamente, como os Kantistas amam o Dever pelo Dever. Mas a grande massa, aquela que na expressão precisa de Aquilino Ribeiro, constitui o «ovelhum católico», é simples como os eblionitas, e precisa na sua crença, das determinações e das sanções. Para ela, o Dever tem de perder as carrancas demasiado severas que assustariam as suas almas infantis.

O cristianismo racional, é heroico como o Kantismo, é no fundo também uma aposta trágica onde se joga tudo por tudo, onde passam tôdas as hipóteses de ganho e perda, como hipóteses apenas, mostrando a possibilidade do *Imperativo Categórico* laico (se êle o podesse ser) ou religioso, ser apenas uma ilusão humana, persistindo sempre na aposta—*quand meme!*

Voltemos à criança de Guyau e à sua moeda. Se soubesse o pouco valor dela, largá-la-ia na lama da rua. Mas se fôsse o último sôldo que havia em casa, destinado a um remédio para uma grave doença materna? Então a pequena mãozita não se abria, por muito que o corpo triturado sofresse no atropelamento.

Este hipotético, enraïzado no sensível, não vale o categórico que tem as raizes no vácuo?

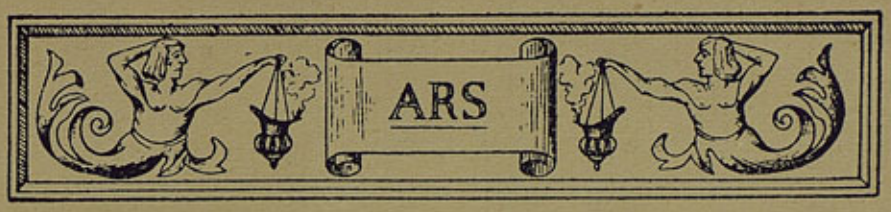
Parece que está aqui o ponto grave do problema. Quando devemos conservar teimòsamente, através de tudo, liberto, acima de todas as determinações, o categorismo do imperativo? Quando lhe devemos dar relatividade, subordinando-o á hipotese, ao condicionalismo?

E' esta opção que marca a altura do indivíduo, na escala dos

valores morais. Deante do categorismo necessário, manifesta-se por um aviso, um grito, uma explosão do *incoordenavel*, que nos estilhaça, por completo os moldes utilitários, pragmáticos, em que a vida social é talhada, para erguermos na mão acima deles, a nossa moeda moral, saboreando o merito de a não ter perdido.

Eugenio Aresta





A Igreja Matriz de Ponte do Lima

DEVERIA guardar esta pristina villa, mercê da situação e de certo lustre no passado, boas reliquias architectonicas e artisticas, capazes d'inflál-a agora d'orgulho, tanto por sua valia material como historica, pois de justa e honrada jactancia é poder-se possuir e apontar a nossos filhos e aos de fóra termo, o testemunho vivo da energia e esfôrço dos avoengos, que sobremodo avulta nos monumentos, porquanto *constituem o mais legitimo orgulho d'um paiz, por n'elles se condensar e reviver toda a sua historia, por serem elles a mais palpitante documentação das faculdades da raça* — no expressivo dizer de Manoel Monteiro, o illustre archeologo de S. Pedro de Rates. A' certa, esta devota estimação pelos monumentos ha-de ser coisa consciente, bem sentida e comprehendida, filha da perfeita alliança do coração e do intellecto, *um sentimento doce e penetrante*, e não um recitativo verbalista composto do *puro lamechismo d'aquellas descabidas evocações muito vulgarmente feitas com postiço ar idiotamente aristocratico*, que o vigoroso prosador das *Almas do Purgatorio*, Eduardo d'Almeida, castiga com alentada bravosidade na sua erudita monographia *S. Torquato*.

*

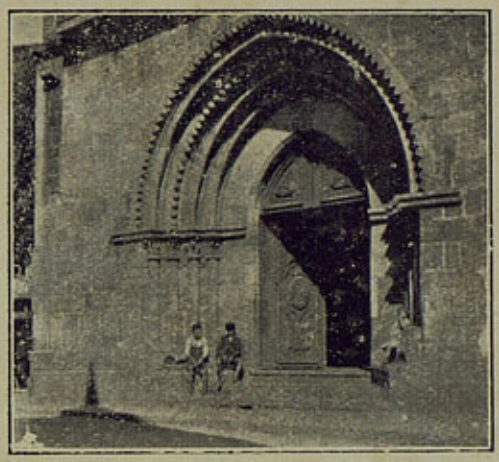
* *

Em nenhuma parte haverá monumentos mais dignos e merecedores de carinhosa e enternecida estima d'um povo, não porque sejam productos magnificos do estylo romanico, mas porque constituem os testemunhos coevos, solemnes e sympathicos do desabrochar da nacionalidade, eis como dos edificios religiosos medievicos escreve o notavel archeologo-artista Dr. Manoel Monteiro. Copiosos são, na verdade, os templos romanicos, esparsos na roda portucalense, mórmente ao do norte Douro, e n'elles, tam sobrios de proporções quam austeros de linhas, ainda parece palpitar a devoção patriotica, bem arraigada, dos antigos homens bons e de creação, seus constructores, como que fluctua, na undante redolencia dos seculos, a alma religiosa dos rudos e leais portuguezes d'antanho.

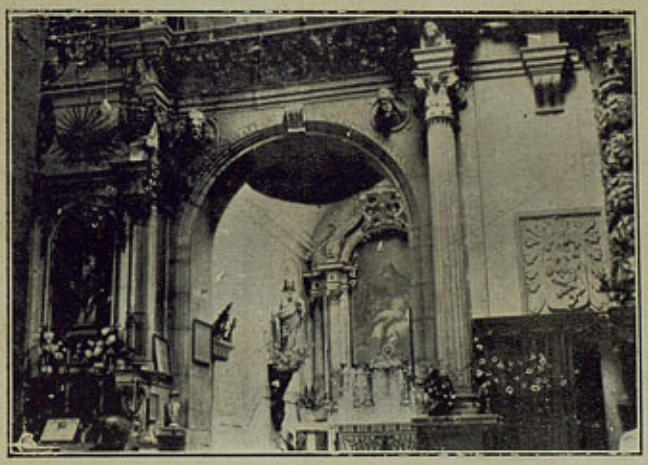
Salvante as importantes fabricas das cathedrais de Braga, Porto e Lamego (a de Coimbra é d'um periodo tardio), os priscos templos romanicos são de mediano arcaboiço, como exclusivas casas d'oração, e d'accentuada humildade d'atavios; não offerecem prodigios d'equilibrio, nem arrojos d'estructura, nem pompas decorativas, antes singeleza, recato e severidade; não maravilham, enternecem e coms movem; não são frades cruzios, mas eremitas. E, apezar das tropelias iniquias dos restauros, dos vandalicos e soezes alindamentos — *tristes epochas da grotesca supremacia da brocha que*, dês o principio do seculo XIX, *cataplasmou de cal e areia e de barrentas tintas muitas obras de pedra, que attestavam a perfeição do trabalho ou representavam o desenvolvimento das artes nos seculos dos homens varonis, e do camartello manejado pelo espirito devastador ou pelo imperio da conveniencia publica!*, eis como vitupera esses maus tempos Miguel Lemos o eximio archeologo, historiographo e paleographo d'esta villa--, ao penetrarmos os seus humbrais não deixa de nos arrepiar aquelle influxo mystico, amalgamado na religiosidade dos seculos e das almas, de que se impregnaram suas paredes, como que se nos crispam levemente os sentidos com a fluida essencia, erradia na atmosphera, do espirito dos ancestros, fieis a Deus e á Terra, o qual, forte e são, fez crear e sustentar a Patria. A mais grandiosa cathedral, onde os refinamentos artisticos se irmanam á mais ampla concepção estructural, subjuga-nos menos que a pequenhez, sempre cheia de graça e ternura, d'uma capellinha romanica. Far-nos-ha aquella pasmar os olhos, mas a outra obriga-nos a ajoelhar!



Torre e fachada ocidental



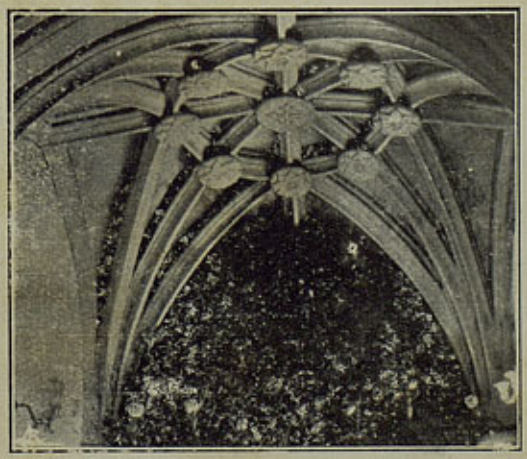
Portal românico da fachada principal



Portal renascença da capela do S. S. Sacramento



Portal gótico-manuelino da capela dos Pereiras de Bertiandos



Tecto gótico da capela dos Pereiras de Bertiandos



Pia gótica

Fotogr. de Aarão de Lacerda

Elles, os singelos templos romanicos, são as lettras nervudas, macissas, com que se escreve a historia do primeiro periodo historico de Portugal — obra d'aferrado amor á gleba, de largo espirito d'independencia, de segura e firme fé no Senhor; n'elles está fundamente vincado o modo-de-vêr regional, bem assignalada a caracteristica ethno-psychologica do velho gentio portucalense d'entre Doiro e Minho — o torrão genuino, a leiva-mater da nacionalidade.

*
* *

Porque soffreu multiplas vicissitudes, de que foi a maior a triplice reforma, é hoje a Egreja Matriz, sob o aspecto archeologico, um mediocre monumento, de somenos valor, falho d'interesse Do primigeno estylo romanico sómente patenteia a frontaria, na parte baixa, que fica, assim, o unico trecho observavel.

Primeiramente, foi simples ermida assente no chão da actual capella-mór, a que dava benigna sombra um souto de carvalhos farfalhantes, rumorosos, á sua volta. Ahi estava installada a irmandade do Espirito Santo. Mas quando a villa se transportou da Baldrufa, seu primordial habitaculo, para o chão presente passou ás funcções de casa parochial. Como, n'este uso, lhe escasseava espaço, foi mistér alargar-lhe o ambito e tal aconteceu em fins do seculo XIV a principios do XV. Todavia, accresciam as necessidades e deixou, portanto, de prover a ellas, o que determina segunda amplificação no segundo quartel do seculo XV, com o adjutorio d'el-rei D. João I, que á nova obra dôa algumas moradas de casas contiguas á egreja e lhe consigna a renda dos residuos da villa e termo, por trez annos, no valor de 20$000 reis. Afinal, por não bastar a pecunia, alongou-se o prazo até aos tempos d'el-rei D. Affonso V. E' d'então que começam a appelidál-a de Egreja Matriz ou grande (1).

Não fica por aqui o capitulo das reformas, porquanto, á anterior, finda por 1446, succede-se outra, em 1567, que accrescenta a egreja, repara-a novamente, sobe-lhe a altura das paredes em mais duas fiadas de silharia e modifica-lhe o arco cruzeiro, obra esta que é completada em 1590 pelo alçamento das naves laterais.

---

(1) *Estudos para os Annais de Ponte de Lima*—Miguel Lemos.

Todavia, antes desta ultima reforma, haviam aprumado a torre, que é de 1449 (1).

Em sequela d'este acervo d'obras effeituadas, demais a mais, em epochas diversas, á força que uma tristonha disparidade architectonica havia de marcar a desditosa egreja matriz. Mesmo assim, se assim ficara, o padrão inicial distinguir-se-hia. O peor, o que a desvirtuou completamente, convertendo-a no casarão amorpho, anomalo, sem-sabor e sem graça, que ora é, foi a vesania posterior dos melhoramentos e aformoseamentos consentaneos com o progresso... da estupidez e da ignorancia — causa da compaixão que inspira, fonte de piedade dolorida com que a fitam os amantes estrenuos da belleza candida, modesta e affectuosa do romanico. Mesmo, como não deplorar com amargueza o destroço da infausta matriz, se as egrejas maiores das povoações são as melhores memorias de sua historia?

E pois que sabemos mais não ser a Egreja Matriz senão um complexo desharmonico de linhas, com alicerces romanicos, vejamos como elle se define parcellarmente.

A fachada rasga-a inferiormente um arco ogival composto de quatro archivoltas, acompanhadas, por fóra, por uma bella moldura de folhas d'hera quadrifoliada e chanfrada, em alto relevo, Das archivoltas só a segunda é ornada com espheras. Ligam-se os abacos de todas, os quais se alongam em curtas impostas. Os fustes das columnas, de pouca altura, são rematados por capiteis d'ornatos vegetais. E eis o maior e melhor trecho romanico, cujo labor esculptural è bastante reduzido, embora suas proporções estejam equilibradas.

Na parte superior abrem-se os boqueirões de duas janellas, com sahida para uma indecorosa saccada com grades de ferro—vergonhosissimo enxerto que faz lembrar o corriqueiro primeiro andar d'uma casa de bons burguezes (2).

A meio das janellas cava-se um sóbrio nicho renascença, que alberga Santa Maria das Neves. A' empena põe-lhe remate uma cruz archaica, de risco bysantino, egualmente reproduzida no topo fronteiro. Toda esta parte, apeada em 1731, reformou-a a Camara pela estólida maneira escripta, e foi arrematante da obra, por 76.900 reis,

---

(1) Ibidem.

(2) Este deschoncavo seria de facil remedio, se houvera alguma vontade d'obviar a certos aleijões e alguma vontade para os vêr.

o mestre André Lourenço, de Vianna. Ainda bem que escapou a cruz terminal (1).

O cunhal poente está apojado pela torre, de secção quadrangular, cujos altos adornam ameias de topo enrolado, do seculo XVII.

Fiadas de singelos modilhões, muito germanados, como bons irmãos, dão apoio ás cornijas, das paredes laterais. Quer o transepto quer a ousia são cingidos por alas d'ameias de recorte florido, do seculo XVIII.

Sob um elegante e arrojado arco abatido, lançado com primor, penetra-se no corpo da egreja, bastante dilatado, ao qual dividem em trez naves tres tramos por cada lado, d'arcos de volta inteira. Estes repousam em grossas pilastras providas d'achamboados capiteis jonios, de volutas espapaçadas, o que, attenta a desproporção d'estes elementos, offerece um aspecto desagradavel. E' um misero enxerto renascença.

Um tecto de madeira apainelada cobre a nave central, mas as naves laterais são d'estuque. No transepto, as naves, curtissimas, dispõem de cobertura abobadada, em caixotões.

Na nave da Epistola alça-se um portal renascença, d'accesso á capella do S. Sacramento, cujo retabulo rocócó executou, em 1712, o entalhador Bento de Alvarenga, de Braga, por 260$000 reis (2), para o qual traçou o risco o engenheiro Manoel Pinto Villas Boas (3). O portal é um bom exemplar do estylo, de linhas sóbrias e proporcionadas, a cada lado sua columna, de fuste estriado, com pedestal. A' volta do arco corre uma inscripção, a qual nos ensina ter sido construida esta capella por Francisco Guimarães, em 1589, *por sua devasão*. Ao lado, sobre a porta da sachristia, ostenta-se o brazão do reverendo constructor.

D'abobada apainelada é tambem o tecto da capella-mór, perfurado por uma janella envidraçada (*claire-voie*), à falta da lanterneta

---

(1) Como até principio do seculo XIX a Camara fizera todas as obras de conservação e melhoramento, dispunha, *ipso facto*, da posse e dominio da egreja. Em 1822 esses encargos cabiam já ao parocho e porque elle os abandonnasse, o que provocou grandes estragos no edificio, prestes foi elle de ser demolido — *a requerimento do povo* (!!!). *Loc. cit.*, Lemos.

(2) *Loc. cit.*, Lemos.

(3) Author do gradioso retabulo d'egual estylo, na egreja de S. Domingos, de Vianna, desdobrado no cruzeiro norte.

no cruzeiro. Aqui só ha d'interessante, não pelo valor artistico, que é rude, mas por ser talhado n'uma unica prancha de madeira, o frontal do altar, cuja representação é o quadro biblico da Ceia do Senhor.

A talha exhibida pelas diversas capellas é quasi toda d'estylo rocócó, vulgarisada no seculo XVIII, sem merecimentos especiais. A do retabulo da capella da Senhora das Dôres fêl-a o entalhador Miguel Coelho, de Braga, em 1729, pela somma de 312.000 reis (1), mercê da generosidade do prior Francisco Oliveira Rego e seus mordomos.

A' entrada, a poente, enconcha-se na base da torre a pequena e graciosa capella mortuaria dos Pereiras de Bertiandos, que, em 1540, edificou Ignez Pereira, viuva de Lopo Pereira. Abre-a um elegante portal manoelino, de bases goticas, marcado nos cantos superiores com a cruz heraldica dos Pereiras. Repousa em esbeltos columnelos, de trez archivoltas, o arco ogival; no tecto, as nervuras goticas, simulando calabres, são fechadas circularmente nos cruzamentos por oito artezões, cujo centro occupa outro artezão maior, assignalado pela mesma cruz.

Tanto o retabulo como o frontal são entalhados em pau preto, no estylo baroco, e são peças de bastante merito.

No chão duas lapides brazonadas dizem-nos que ahi descançam Leonor de Mello, Francisco e Fernão da Silva Pereira, Bernardo e Fernão Pereira, Antonio Pereira Lima e outros, desde 1528.

E cumpre, finalmente, não esquecer a pia baptismal, que é um interessante exemplar gotico.

E seja este o termo a pôr na visita despreoccupada do templo maior da muito nobre e antiga villa de Ponte de Lima, não sem relembrar os sentenciosos dizeres de mestre Garcia de Rezende, o rotundo môço d'escrevaninha poeta: *E que a alguns isto pareça sobejo, outros haverá que folgarão de o ouvir, que quem escreve não póde contentar a todos.*

CARLOS DE PASSOS.

---

(1) *Loc. cit.* Lemos.

NENUFAR

Peregrinei o Mundo, em busca de aventuras
Romanescas e belas, vívidas e puras,
Na Terra e pelo Mar.
E o Mundo acidulou-me a noite dos meus dias:
Deu-me o crisol do Sonho, anelos, rebeldias...:
Fez-me rir e chorar.

Após anos de luta, após anos de guerra,
Sulcando o tredo Mar, volvendo a negra Terra,
Sem pais e sem paiz,
Uma afeição, mais viva, uma paixão mais torte
Fez-me execrar a Vida e encarecer a Morte,
A mim, tão infeliz...

Tinha a beleza pulcra de uma antiga Venus
E as almas enlevava em dúlcidos venenos
De bálsamo e de fel;
Nos siderais contactos, de letargos belos
De uma dolência estranha, era a coórte de anelos
Das loucas de Babel.

No alvor das lactescências plenas de ambrosia,
As mais subtis flexuras do Delírio e Orgia
A jorros despendeu;
Fruiu o afecto e o oiro e joias rutilantes
—Topásios e rubís, berilos e diamantes—
Do amante, que era eu.



PEREGRINEI O MUNDO, EM BUSCA DE AVENTURAS . . .

Ungi-lhe as róseas pomas, as carnais serpentes,
A coralina bôca, as pérolas dos dentes,
As tranças de pagã.
E depois de exaurida, e depois de saciada,
Essa dilecta amiga e minha doce amada,
Me foi traidora e vã...

É como amante ou noiva enfática e perjura,
A hodierna Sociedade:—só vício e loucura:
Prazer e Ostentação!...
A amisade, descri-a; o amor, abominei-o
—Embora a essa deusa, a quem cingí ao seio,
Eleve a evocação...

Numa tarde estival, eu quiz vêr se a esquecia,
E um Loto—a planta eleita e plena de Magia—
Prendeu minha atenção:
O Sol reverberava... e nem um leve trilo,
Do leito de escumilha do sagrado Nilo,
Vibrava na Amplidão!...

Não era o Loto-Escol, das Aras dos Suplícios;
Os ritos do Degrêdo, os trenos dos flagícios
Lhe davam por laureis.
Sagravam-no a Cacimba e o Simum, noite e dia,
E, como o peito meu, fanava-se e sofria
Os báratros crueis.

Essa existência amarga e só votada ao Bem
(Sei lá se era algum Anjo—até a minha Mãe!)
Tratei com mimo e afan,
E à pobre, sempre grata ao meu desvelo infindo,
Eu lhe vi—quanta vez! —as lágrimas sorrindo,
Aos Elfos da Manhã...

Almejava o condão dos cardos dos Junqueiros,
Mas não viu Milionários, não, nem Cavaleiros,
Nem Shás, ou um Rei qualquer:
Só pranto e desventura! e, embora atribulada,
Nunca o Senhor lhe deu, por ânfora sagrada,
Um colo de mulher!

Na fôlha cordiforme, era o palor doentio
De quem moureja o pão, à chuva, ao sol, ao frio,
Sem uma queixa dar.
E ignota e desvalida, e por sarcasmo ainda,
Deu a alma a uma flor tão símplice e tão linda
Como Virgem no altar.

Pois dessa vida excelsa sôbre a Terra escassa,
(Onde Érato me cinge e o peito me trespassa!)
Conservo a húmil flor.
E a pobre me transmite as penas e os segredos
Que eu venho—enfim!—depôr sob uns patrícios dedos
—Os teus, dilecto amor!

(Do livro «Dolor», no prelo

SOUSA MACHADO.



UMA TÉSE DE NIETZSCHE

A origem da Tragédia Grega[1]

Mas não.

A tése bizarra do nosso jovem filólogo de Basileia não desmente as experiências modernas de Pasteur nem contradiz o dito milenário do Eclesiastes. Ela não nasceu, posto que o pareça, por geração espontânea.

Com efeito uma leitura, atenta e minuciosa, de *Die Geburt der Tragœdie* acusa não só uma vigorosa personalidade de escritor e pensador, mas ainda, e sobretudo, de erudito, — o que de resto, não é estranho para quem, como nós, sabe que o seu autor insólito — quási sacrílego! — desde os preparatórios em Schulpforta até aos seus aprofundados estudos filológicos em Bonn e Leipzig foi considerado unanimemente pelos mestres um *urso* modelar, sempre pensabundo, superiormente desdenhoso dos passatempos ruidosos dos condiscí-

(1) Extracto corrigido duma dissertação de licenciatura em Filologia Germánica apresentado na Faculdade de Letras do Porto em Out. de 1924).

pulos. No ginásio, enquanto a turba loira e bruta dos futuros oficiais de Moltke e funcionários de Bismarck se esmurravam, o nosso circunspecto filólogo afastava-se, ruminando declinações e pedaços de solfejo. Na Universidade, o tempo que os outros gastavam a encharcar-se de cerveja nas caves ou a cortar reciprocamente as orelhas com os sabres afiados, aproveitava-o êle a devorar os poemas homéricos e a catar etimologias. Aos 24 anos Nietzsche era um verdadeiro *larusse* de erudição clássica. Por isso Seilliére, num dos seus livros sôbre a génese do utilitarismo imperialista, mais especialmente dedicado á simbolica estética e mística do que o moço catedrático de Basileia designa por espírito *apolíneo* e *dionisíaco* e ao significado ético e social da fórmula megalomaníaca *Wille zur Macht*, constata que «as ideias propriamente filológicas de Nietzsche sôbre a *nascença da tragédia*, assim como sôbre o papel de Apolo e Dionysos na vida religiosa e literária posthomérica na Grecia, são tiradas na sua maior parte dos grandes helenistas: de Back, Welcher e Otfried Müller». O grande engenho de Nietzsche nestas coisas foi sempre, na verdade, o de conseguir, por uma hábil cozinha, onde, caracteristicamente, predominam os môlhos acres que só o seu cérebro — abalado pelo coice da muar do quartel, pela doença mal curada, ganha na campanha do Lorena e *muchas cosas más*, no sentido bilingue e afradicado de muitas e péssimas — podia distilar, foi o de conseguir, diziamos nós, fusionar os materiais heterogéneos armazenados em muitos anos de intensiva incubação dando-lhe um sabôr inconfundivel.

A pretendida «originalidade» nietzscheana é, em muitos pontos, mais aparente que verdadeira.

A tése do *super-homem*, por exemplo, — o sonho nevoento e utópico de Zaratustra — está contido claramente, posto que em embrião, no ideal aristocrático de Renan e Carlyle.

A tése — aliás cómica — da génese da moral *nobre e plebeia*, pedra angular da revolução moral nietzscheana, justificação da cruzada super-humanista da restauração da estilhaçada táboa dos valores anti-cristãos, está nitidamente defendida por Caliches num diálogo platónico.

A teoria do Eterno Retôrno que o profeta de Sils-Maria prègou como uma razão a mais para glorificar a Vida(!) encontra-se esboçada no rotativismo cíclico e cosmológico de Heraclito, sem excluir o próprio princípio basilar, hoje contraditado pelos físicos da entropia, da constância da energia. E assim por diante.

Quere isto dizer — a tése nietzscheana àcêrca da origem da tragédia ática seria, como aliás todas as outras, um trabalho vulgar e efémero se o seu autor não soubesse com uma arte muito artificiosa e sábia deixá-la envôlta numa película pitoresca de símbolos e metáforas, cujo fim não é outro senão, como dizem os franceses, o de *estomper*. E esta é a razão por que, em geral, os helenistas, objectivos e positivos, costumam passar significativamente em silêncio sôbre esta explicação insólita do teatro *dionisíaco*, que aos seus olhos deve parecer, não sabemos se com certa razão, mais digna dum discípulo de Marietti do que de Ritzschl...

Estas extravagâncias, um pouco escandalosas, valha a verdade, num professor universitário, explicam-se, todavia, desde que se saiba que para este filólogo a filologia tem uma finalidade e utilidade muito mais vasta do que usualmente se supõe. Ao passo que, em regra, o filólogo rebusca etimologias, raízes e leis lingüísticas pelo interesse e fim um pouco vazio e vago de *dilletanti* e arqueólogo, o nosso irreverente helenista pretendia, estranhamente, resolver, com a ajuda da filologia, graves questões históricas, estéticas e mesmo metafísicas. Foi isto o que o persuadiu nas férias que se seguiram à conclusão dos seus preparatórios em Schulpforta a desistir do seu sonho de compositor e pianista para se matricular na universidade de Bonn, decidido a especializar-se nos estudos helénicos. Nietzsche sempre teve um desprezo cordeal pela coscuvelhice scientífica, pelo culto minúsculo do facto. E' vêr, como amostra, o capítulo acêrca *dos sábios* do *Zaratustra*...

A sua filologia está longe de ser a vulgar — de Lineu — que nos adormece e estarrece.

No seu entender os estudos filológicos prestam-se como nenhuns, pelo seu poder de sugestão, para a solução de problemas não só especulativos mas profundamente vitais. O da Felicidade, por exemplo.

Segundo o nosso catedrático, a inteligência que é dada às filologias clássicas aprende por aí um meio precioso de se libertar do *mal de viver*, da tristeza de assistir á decadência duma humanidade imbecilizada por uma seita sombria vinda da Judeia, indo viver idealmente no seio duma civilização alegre e forte, como é a do período trágico dos Gregos...

Só assim se compreende que o nosso homem, em 1869, depois da interrupção desastrosa do seu serviço militar, ao tomar posse, por interferência amiga do seu mestre, o sábio Ritzschl, da cadeira de

filologia clássica na universidade suíssa, inaugurasse o seu curso com uma lição que tinha este fecho pouco professoral: «Die Philologie ist zwar weder eine Muse noch eine Grazzie, aber eine Götterbotin ist; und wie die Musen zu den trüben, geplagtne böotischen Bauern niederstiegen, so kommt Sie in eine Welt voll düsterer Farben und Bilder, voll von allertiefsten und unheilbarsten Schmerzen und erzählt tröstend von den Schönen lichten Göttergestalten eines fernen, blauen, glüchlichen zauberlandes (1)»

A Grecia, realmente, era para Nietzsche, como em geral para as sensibilidades deslocadas do Norte, nostálgicas do sol mediterrânico, o país da sua Saüdade intelectual.

Na sua opinião, o povo grego foi o único que soube viver com heroicidade e alegria — sobretudo os gregos do período pre-socrático.

A filologia era assim para Nietzsche uma sciência previlegiada que, graças á sua inexgotável riqueza sugestiva, sabe transportar-nos a épocas e civilizações mais fulgurantes que esta detestavel «civilização» moderna caracterizada pela febre do ruído e da velocidade, nevrosada, materialista e efémera. Nietzsche habituou-se desde cedo a votar um desprezo profundo pela «modernidade», pela sua maquinária industrial, a sua garrulice jornalística e sobretudo pela tendencia generalizada para a democratização dos estados e das culturas. A filologia não era, para êle, senão um meio salutar de se esquecer das tristezas da idade contemporânea, prenhe de dúvidas e de misérias— esta idade que Fierens Gevaert tomou para assunto dum livro que é um cantochão precursor do de Spengler— e exilar-se no país dos helenos que os primeiros poetas e filósofos, com a sua imaginativa estruturalmente anímica e inteligência amiga de harmonias estéticas e claridades lógicas, tinham transfigurado num mundo ilusório de mitos, de símbolos e divindades.

A filologia não é, portanto, para o nosso homem, um profissionalismo que se exerce um pouco por hábito intelectual, por propensão para a pesquisa fóssil, mas um recurso vital, profundamente cons-

---

(1) A filologia não é uma Musa nem uma Graça, mas sim uma mensageira dos deuses. Assim como as Musas desciam até junto dos camponeses aterrados de Beócia, assim ela desce a um mundo cheio de vultos e côres sombrias, carregados de dôres profundas, para nos falar inefavelmente das claridades diáfanas, do país dos deuses, longínquas e edénicas regiões de encantamento.»

«Homer und die Klassische Philologie» pag. 24

ciente, de que êle lançava mão para se exilar da «actualidade decadente».

E' claro que outras razões mais acessíveis concorreram para a escolha da sua especialidade. Por um seu *curriculum vitae* de 1864 e uma carta posterior a Edwin Rohde, depreende-se que, á saida do Schulpforta, o que o tinha dissuadido de entrar no conservatório e de seguir a carreira demasiado contingente de compositor, para se matricular antes na universidade e especializar-se nos estudos de filologia clássica, foi decerto um pouco a necessidade trivial e material de encontrar na profissão pedagógica uma mediocridade decente e estável que lhe daria ainda o tempo suficiente para se entregar aos seus estudos favoritos.

Mas sobretudo o que o decidiu foi a persuasão de que as pesquisas filológicas o auxiliariam enormemente na solução dos problemas estéticos e morais, especialmente destes últimos que, segundo êle diz no prefácio da «Geneologia da Moral», o preocupavam absorventemente desde os treze anos. Nos três anos que gastou em Bonn e Leipzig, a filologia revelou-lhe novos aspectos, ligações imprevistas. Durante este longo noviciado êle aprendeu a ser filólogo a seu modo. A análise liliputeana das raízes e das regras, o esquematismo sêco das árvores genealógicas das linguas, as irregularidades etimológicas, as incoherências semânticas, os aleijões formológicos não lhe interessavam senão como possíveis dados auxiliares da especulação histórica ou filosófica. Êle não pretendia, como diz um seu inteligente exegeta, estiolar-se no «estudo pragmático e micrografico do pequeno facto, comprazendo-se em amostrar esterilmente detalhes sem alcance nem interêsse, mas fazer filologia como filólogo e como Artista».(1) Quere dizer—para Nietzsche a filologia não é como para o vulgar das gentes, (entre as quais, rubro de vergonha, me confesso estar), como um estudo de ninharias fósseis, ressequido e paleográfico, gémeo da arqueologia, mas uma sciência galvanizadora de civilizações esplêndidas, sepultas na névoa espessa dos séculos.

«A filologia, di-lo êle, é esta arte venerável que impõe aos seus fieis antes de tudo a obrigação de se colocar à parte, a sós, dar tempo ao tempo, tornar-se silencioso, vagaroso — uma arte de joalheiro, de especialista da *palavra*, onde todas as operações são delicadas e minu-

(1) «La Philosophie de Nietzsche» de Lichtenberger, pag. 37.

ciosas e onde nada se consegue se não se proceder docemente, — *lento*. E' por isso que ela é hoje mais necessária do que nunca; é por aí que ela nos atrai e seduz especialmente neste tempo de *trabalho*; isto é de lufa-lufa, de precipitação indecente e suante...»

A sciência das palavras, é, como se vê, para este bizarro professor, um conhecimento de eleitos, ou, como diz espirituosamente Lichtenberger, uma ocupação só acessivel aos mandarins do espírito. Ela é, para êle, simultaneamente um *refúgio* e uma chave decifradora de enigmas. Todos conhecem decerto, por exemplo, a especulação que o autor da «Genealogia da Moral» faz visivelmente *a fortiori*, à roda das palavras *bonus* e *duonos*, *gut* e *Goth*, *Schlecht* e *Schlicht* para defender a tése da inversão da tábua dos valores aristocraticos operada pelos judeus—tése que, de resto—embora Nietzsche aferrado ao seu egotismo o não confesse — já tinha sido defendida sem o recurso da filologia, um bom par de seculos antes dele, por Calicles (1).

Não obstante as miríficas qualidades que o helenista de Basileia atribuia à filologia, o problema da origem da tragédia, até á sua convalescença da doença contraída na campanha da Alsácia-Lorena, mantinha-se envolto numa nuvem espessa de dúvidas. Instintivamente, a civilização helénica, como já se disse, era para Nietzsche a civilização arquétipo. Sobretudo os gregos do período pre-socrático pareciam-lhe os únicos, em toda a história humana, que tinham sabido viver com coragem e alegria. Homero olhava-o como um grande Ilusionista, como o supremo Artista *apolíneo* que dera aos gregos o populoso Olimpo, a complicada família mitológica, modelando os deuses à imagem dos homens, despido de todos os posteriores e abominaveis prejuizos socráticos, e impelido apenas, intuitivamente, pela missão salutar,— a única digna do Artista — de tornar suportavel a visão objectiva da realidade, antepondo entre ela e nós uma teia diáfana e ilusória— o *mito*.

Os *físicos* da Jónia, por sua vez, vieram ainda, por vias novas, auxiliar esta transfiguração.

Tales de Mileto resolvia o mundo multiforme e multimodo dos fenómenos numa vasta combinação do partículas de água viva e aní-

(1) Personagem curioso do *Gorgias* de Platão, que não se sabe se existiu de facto ou foi criado pelo autor do diálogo.

mica, dando assim para o problema cosmológico uma solução simplista, é certo, mas dum dinamismo admirável.

Atrás dêle, Anaximenes que, julgando a *água* ainda pouco fluida para elemento essencial da realidade, lhe prefere o *ar* húmido.

Anaximandro, avêsso às soluções nítidas, vai buscar a génese do mundo ao *indeterminado*.

Mas os dois filosofos que para Nietzsche são bem os pensadores representativos da era présocrática é Heraclito, opoeta dos versos doirados, o profeta choramigas do Eterno-Retorno, e Empédocles, o famigerado mágico agrigentino continuador da doutrinadualista de Zoroastro e precursor da dialéctica hegeliana da identidade dos contrários (1).

Mas acima de Homero, de Hesíodo, dos *físicos* de Jónia está, para o nosso helenista, o estupendo criador de *Prometeu* e da *Orestia* . . . posto que êle não compreendesse bem como uma criação artística dêste género, em regra desenrolada num ambiente que se pode cortar à faca espêsso e sombrio como o de certas páginas de Dostoiewsky e Shakespeare, pudesse ser considerada como uma obra de *optimistas*, como a sua intuição lhe cochichava. Por isso, na cabeça do *Grubler und Rätselfreund* girava confusâmente esta farândola de interrogações: «. . . Musik und Tragödie? Griechen und Tragödien-Musik? Griechen und Kunstwerk des Pessimismus? Die wohlgetencte, schönste, bestbeneidete, zum Leben verführendste Tot der bischerigen Menschen, die Griechen—wie? gerade sie hatten die Tragödie nötig? Mehr noch — die kunst? Wozu — griechische kunst? . . . Gibt es einen Pessimismus der Stärke? Gibt es vielleicht ein freiden an der Uberfülle sebbst? Was bedeutet, gerade bei den Griechen der besten, Stärksten, tapfersten Zeit, der tragische Mythus? Und das ungeheure Phanomen des Dionysischen? Was, aus ihm geboren, die Tragödie? Und wiederum: das, woran die Tragödie starb, der Sokratismus der Moral, die Dialektik, Genüg-Samkeit und Heiterkeit des theoretischen Menschen — wie? könnte nicht gerade dieser Sokratismus ein zeichen des Niedergangs, der Ermüdung, Erkrankung, der anarchisch Sich lösenden Instinkte sein? Und griechische Heiterkeit» des Späteren Griechentums nur eins Abendröte? Der epikurische Wille gegen den Pessimismus nur ein Vorsicht der Leidenden? . . . Wie? . . .»

---

(1) A figura estranha de Zaratustra que daqui a alguns anos, em 1881, Niedzsche criará, subitamente, num passeio solitário junto dum lago italiano, participará dum e doutro, mas sobretudo de Heraclito.

Era este can-can febril de preguntas, afirmativas e duvidosas, corajosas e indecisas, que faziam com que o enfermeiro de Metz, nas noites frias de dezembro, fôsse tão negligente, expondo-se ao vento mofino do norte e às barragens desesperadas das baterias de Napoleão pequeno...

Enquanto a artilharia de Mac-Mahon e de Moltke se degladiavam com fragor cavo de trovoada e, na névoa nocturna, enrodilhadas na neve, as patrulhas se chacinavam na sua faina raivosa de felinos, o nosso filólogo, absorto, cogitava na sua ambulância nas aparentes contradições dos gregos trágicos e socráticos.

Debalde preguntava a si mesmo a razão da exaltação «dionisíaca», quási patológica, dos gregos da primeira idade e da «serenidade» dialectica e irónica dos personagens platónicos. Aos seus olhos isto parecia, um contra-senso.

Intuitivamente Nietzsche pressentia um forte optimismo, profundamente viril, nos espíritos aparentemente torturados dos físicos da da Jónia, dos herois homéricos e dos protagonistas das tragédias de Eschylo. O pranto senil de Heraclito que tudo via fluente e rotativo em obediência às leis necessitaristas dos ciclos de retôrno, o terror da morte de Aquiles, o suplício prometaico — tudo isto, embora fôssem incoherências que exigiam uma explicação, não eram sintomas bastantes para que Nietzsche fizesse um diagnóstico pessimista dos primeiros helenos. Bem ao invés não obtante a sua aparência optimista, êle pressentia no diálogo platónico, na sua maieutica tão cirúrgica de impassibilidade, na sua *ironia* — esse forceps de *allure* tão ágil e eficaz — uma obra de pessimistas e um sintoma de decadência. Inexplicavelmente Socrates e o seu discípulo Euripedes são-lhe denunciados pela sua pituitária como os dois conspiradores anti-helénicos. Aquele intelectualisando a Vida, demonstrando dialecticamente a imortalidade de alma, prosseguindo subterraneamente na campanha de Xenofanes contra o mundo olímpico, ilusório, nu de prejuizos de rebanho, o favôr dum Deus uno, *virtuoso*, precursor do «deus decadente da canalha judáica» — tinha amarfanhado o belo espírito dos gregos amigos do amôr e do vinho, dos jogos atléticos e dos espectáculos trágicos (1).

---

(1) Com efeito Socrates no *Banquete* exige de Agaton que se dispense a *aulétrida* e o vinho para que êle entre na apologia de Eres com a teoria insexual de Diotima. Diz-se ainda que Platão, por sugestão do Mestre que execrava os espectáculos, destruiu algumas tragédias escritas quando adolescente.

Eurípedes, por sua vez, com a sua divisa socrática e nefasta de que só pode ser belo o que é inteligível (alles muss verständig sein, um schön zu sein») formula tão falsa como o postulado racionalista que identifica a sabedoria com a virtude («nur der Wissende ist Tugend haft . . .») (1), Eurípedes, com a sua medíocre capacidade musical e abominável incompreensão da finalidade da Arte e missão do Artista — que é a mentira ilusionista, que é a visão irreal das coisas — «assassinou» a tragédia engendrando mitos naturalistas, lógicos, que êle faz acompanhar por um coral *rococo* — isto é, anti-esquileano, antiwagneriano . . .

Mas sobretudo é em Socrates que o nosso exótico helenista julga pressentir o antípodo do espírito orgiastico e apolineo, exaltado e sonhador. No entender insólito de Nietzsche com Socrates acaba o periodo do *instinto amoral* e começa o da *sabedoria virtuosa*. Fecha a idade da *tragédia* e abre-se a era da *lógica*. Socrates, — adivinhava-o confusamente o maqueiro de Mets, — foi o foco infeccioso do pessimismo nihilista que tem grassado há séculos na Europa decadente sob formas várias, religiosas e metafisicas, literárias e sociais. ¿Como interpretar, na verdade, o dito sibilino de Sócrates moribundo: «olha, Criton, devo um galo a Esculápio . . .» senão como uma risada sarcástica dum pessimista que assim, com a arte equívoca da pitonisade Delphos, queria dizer que a Vida não é senão uma longa *doença* cuja *cura* única é a Morte?

No dia em que Nietzsche convalescente, com a cabeça ainda entontecida do delírio febril, descobriu que a tragédia tinha nascido do espírito da música dionisíaca e do espírito do sonho apolíneo como tónico contra o mal de viver, a sua suspeita da *traição* de Socrates e do *crime* de Eurípedes confirmou-se plenamente. Ele viu então que os primeiros gregos, como de resto todos os povos, não tinham sido isentos dêste bacilo daninho e corrosivo que é o pessimismo. A prova de isso via-a êle nas lutas gigantescas dos Titans com os deuses, que não eram, visivelmente, senão a expressão mitologica da eterna e ansiosa aspiração do homem para escalar os céus, para atingir a felicidade sempre fugitiva e longínqua. A Fatalidade, essa entidade ou energia

(1) «Die Gebert der Tragödie» frag.to XII.

misteriosa e inexorável, mais poderosa que a vontade dos deuses, que, segundo os gregos trágicos, pesava sôbre a vida dos homens como um avatar negro, era tambem, evidentemente, uma concepção pessimista. ¿E o abutre que devorava lentamente, implacavelmente, as entranhas de Prometeu, que, só por amôr dos homens, quizera roubar o divino fôgo da Vida? E o destino cruel de Oedipo, o sábio e subtil decifrador de enigmas? E a maldição que perseguia os Atridas depois do festim horrível do filho de Thyestos? E o crime de Orestos, vítima de dêsse anátema? E a perseguição obstinada da matilha esfomeada das Euménides? È a obsessão da Morte do heroi homérico?...

Tudo isto, claramente, eram para o nosso helenista sinais de que os gregos da primeira idade sofreram tambem do mal de viver. Mas daqui devia-se por ventura concluir que êles fôram pessimistas?

Não. Os primeiros Gregos, estruturalmente, foram optimistas. O pranto de Heraclito não deve ser tido senão como um prelúdio longínquo do canto da meio-noite de Zaratustra, glorificador da Vida e do Eterno-retorno. A lamúria de Aquiles é por sua vez, exactamente, uma afirmação do desejo de viver — ao passo que o dito ambíguo e calmo de Sócrates moribundo é, evidentemente, o testamento dum nihilista...

Como todos os povos, os gregos da era homêrico-esquileana, padeceram da incompreensão do mundo e da vida, da carência de sentido e finalidade, mas ao contrário tambem de todos os povos êles combateram com a sua coragem de herois e engenho de artistas, êsse mal estar torturante e indefinido, refugiando-se por um lado na *visão apolínea* do mundo, isto é, criando mitos, cultivando a epopeia, as artes plásticas; e por outro lado dando-se ao *embriagamento dionisíaco*. Quere dizer: bebendo e cantando...

Estes eram, segundo Nietzsche, os dois recursos terapêuticos dos Gregos contra o *mal de viver*. Pelo primeiro, perde-se de vista a realidade sombria e fluente, esquece-se o negrume da Vida e o ilogismo do mundo, (se se acredita no eterno-retorno o mundo não é só ilógico mas tautologico...) para se viver envôlto na Ilusão, embalado na névoa inefável das Simbólicas. E neste caso o homem já pode dizer que ama a Vida porque a Arte, a imagem da Vida, é bela.

Pelo recurso orgiástico, o homem atacado do mal de viver, arrastado pelo fluido hipnótico que é o espirito do vinho e da música, perde a consciência heracliteana da realidade fenoménica, isto é, a sua individuação, o seu *querer*, fonte da insatisfação e do sofrimento,

segundo o budista Schopenhauer, e dissolve-se no seio vasto da Vondade universal — no nómeno, no absoluto.

Mas para o nosso «original» helenista e filólogo, o mirífico antídoto do pessimismo helénico foi a tragédia — sintese feliz da visão apolinea e do embriagamento dionisiaco.

A retorta — o cranio do Eschylo . . .

Esta é a tése nietzscheana — tése bizarra que, como lhes disse já, Seillière, num livro cuja apreciação demorada espero aqui fazer, não hesita em qualificar de «monumento de engenhosidade estéril e simbólica arbitrária». . .

JOSÉ SANT'ANNA DIONISIO



Os Animais das Tapeçarias

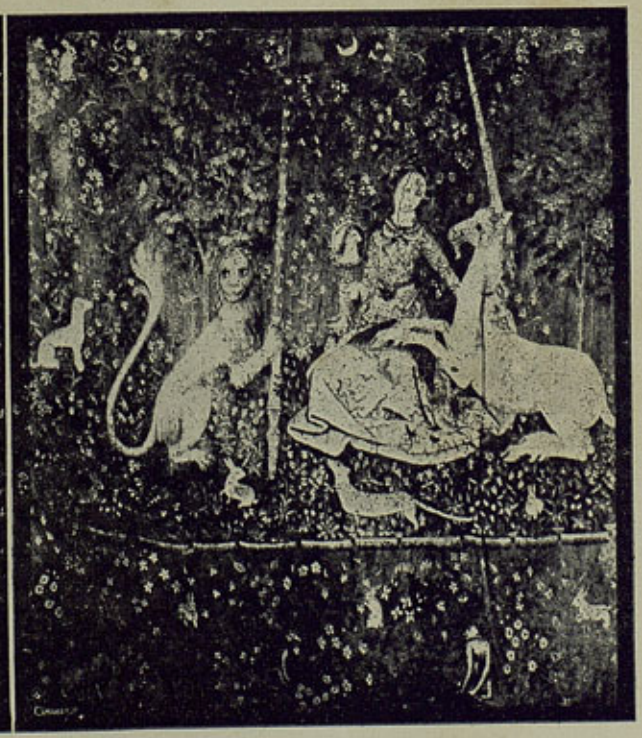
(Excerpto duma Monografia intitulada — Os Animais na Arte —)

A REPRESENTAÇÃO dos animais com intuito descritivo, ornamental, ou simbólico, data da mais remota antiguidade. Já no período paleolítico, os primitivos se executaram nesta Arte, gravando ou esculpindo, desenhando nos silices, nas paredes das carvernas, nas hastes do Rangifer os animais, principalmente os mamíferos, que os rodeavam, uns selvagens, outros domesticados, alguns, ao que se julga, com intenções rituais ou como símbolos vagos de divindades rústicas.

Já na pedra, no ôsso, no marfim, no ferro ou na cerâmica, no desenho, na pintura, esculpindo ou gravando, em baixo relêvo ou em vulto, os antigos de todas as idades nos legaram grande riqueza desta manifestação artística, em que sôbretudo feriu a atenção do executante a fórma animal, quase com exclusão da planta e com manifesta inferioridade e raridade da figura humana (representação antropromófica), que só muito mais tarde apareceu.



CONVERSAÇÃO AMOROSA—Tapeçaria francesa do Século XV
(Museu do Louvre)—cf. G. Mignan



A VISTA—Tapete da colecção da «Dama do Unicórnio»
(Museu de Cluny, Paris)

E' nos tecidos que nos tempos longínquos, de muitos séculos essa figuração zoográfica é mais rara, tendo de se passar à idade média e à Renascença para reconhecer nas suas tentativas mais ousadas e artísticas, na teia ou no bordado, a ornamentação imitativa ou simbólica, feita à custa das espécies animais, copiadas com realismo ou idealizadas com o gôsto e a fantasia próprias das imaginações ingénuas, que no alvorecer dest'arte compuzeram em delicadas telas e artificiosos motivos os quadros mais encantadores, que serviam de adôrno nas igrejas e nas salas nobres dos castelos feudais.

Foi, a princípio, nas igrejas e conventos que a arte decorativa dos primitivos tapeceiros se exerceu com sincera originalidade. No Mosteiro de S. Florêncio de Saumur, no tempo de Roberto III, abade, (século X) achava-se instalada uma fábrica de tapetes e de outros tecidos. Era êste abade, ao que diz a história, grande amador de objectos de arte e, entre muitas cousas que fez executar, deu ordem para se fazerem duas tapeçarias de rara qualidade e grandeza, as quais representavam *elefantes*. Ali mesmo se fabricaram outras peças representando animais heráldicos — *liões de prata em campo vermelho*, com bordadura branca, enfeitada de aves vermelhas, objecto que ficou em França como modêlo do género e forneceu o tipo das tapeçarias ricas de mosteiro.

Em 1025, as tapeçarias de Poitiers tinham justificada fama. Outras muitas eram produzidas à porfia noutras velhas cidades de França, que abastecia mesmo os outros países, por exemplo, a península hispânica. (1)

Reims, Troyes, Beavais, Aubusson, Bayeux, etc., constituiam centros, qual mais notável, de produção dêste género. Ao que parece, as cruzadas tiveram legítima influência na inspiração e factura de semelhantes preciosidades. As tapeçarias inglesas eram igualmente afamadas pelo seu bom gosto e engenhoso desenho. Mencionaremos a de Bayeux como uma das mais notáveis.

No seculo XII, depois das expedições guerreiras das cruzadas ao Oriente é que, segundo Lacroix (2), a arte das tapeçarias e bordados simbólicos passou do âmbito eclesiastico para a sumptuosidade dos Castelos. Crê-se que o contacto com a civilização oriental, por aquele

---

(1) Reynaldo Santos. *As Tapeçarias de Arzila*. Lisboa, 1926.
(2) Lacroix. *Les Arts au moyen age*.

lado, trouxe, alem do hábito de confôrto, de que os panos ornamentais eram importante elemento, ideias e elementos decorativos dessa origem remota.

Vieram então os dedos longos e delicados das castelãs entretecer com esmero, em largas telas, os motivos curiosos que diversificaram nos seculos seguintes os objectos semelhantes, de feitio tão especial e característico.

Os assuntos eram geralmente constituidos pelas lendas dos Santos, pelos feitos da Cavalaria e pelas scenas guerreiras ou as movimentadas partidas cynegeticas.

E' particularmente nas tapeçaria doutr'ora que se encontram porventura as manifestações mais belas desta representação animalista, em que os animais se vêem como motivo principal, aparecendo já como assunto importante do quadro, já como elemento ornamental da moldura, conforme se encontram nos panos de Marco Aurélio, no Museu Nacional de Lisboa. São com freqüência scenas de caça ou de guerra que esses quadros, alguns verdadeiros primores de Arte, representam e nas quais a vida animal perpassa com uma palpitação intensa, dando animação á paisagem e constituindo tambem a diversão para a vista extasiada, nos enquadramentos complicados, que fazem sobresair a ideia essencial do desenho.

Esta representação contenta, na imensa variedade dos seus aspectos, os apaixonados de Arte, os amigos zoófilos; dá que entender aos interpretadores da natureza e das expressões simbólicas.

*

* *

A arte do bordado é da mais remota antigüidade. Há dificuldade ou mesmo impossibilidade de distinguir os *brocados* dos *bordados*. Parece que uma e outra cousa proveio do Oriente. Os egípcios conheceram os bordados de agulha, como o tecido, porque se encontraram nos tumulos fragmentos de tecidos bordados. Os tecidos de seda foram sem duvida de proveniência oriental, desde a época byzantina, em que o monge Cosmas Indicopleustes transportou para a Europa, segundo é fama, os ovos do famigerado *bicho da seda*, oriundo da China.

O bordado oriental, segundo todas as probabilidades, foi no-i

vação devida ao contacto demorado com o Oriente, por consequencia das expedições militares, depois das guerras das cruzadas, em seguida ás quais começaram a aparecer na Europa esses belos ornamentos, principais objectos de luxo asiático, os tapetes e colgaduras da Pérsia e da India, da Turquia, etc. No Ocidente, a arte do bordado exercitou-se em continuïdade na idade média, desde o seu início. Eram efectivamente os mosteiros, as fábricas onde esse admiravel mister se exercia, numa espécie de prossecução ao que se praticava no mundo antigo. (1)

Executava-se o bordado com a delicada perícia da iluminura, docemente colorida e aurificada. As ofertas de bordados aos templos eram freqüentes, sobretudo da parte dos nobres e em particular das damas piedosas e de distinção. Tal o caso da filha do duque de Suábia e da esposa de Hugo Capeto. Os sacerdotes animavam este sagrado e artístico zelo, duma grande beleza mistica. Os paramentos ornamentados a ouro e pedrarias veem dessa remota era de aceso fervor religioso. Os concilios fixavam até os ornatos a executar, conforme o ritual.

O bordado figurativo ou estilizado atingiu em França o seu apogeu no seculo XIV, em que se executavam neste país belas obras no género. Foi, porém, no seculo XVI que o excesso de aperfeiçoamento desta Arte deu ao lavor a máxima complexidade e extensão e ao mesmo tempo suntuosidade, produzíndo as grandes obras originais e as copias, por vezes felizes, das obras mais célebres e imponentes da iconografia cristã, por exemplo, algumas da Capela Sixtina.

A tapeçaria excedeu, a todos os respeitos, o bordado, patenteando verdadeiras obras primas, como a célebre tapeçaria de Bayeux que representa a invasão da Inglaterra pelos Normandos (2)

São elas que atraem sobretudo as atenções pela beleza de colorido e de contrastes, em que muitas vezes o ouro fino se entretece com os fios de seda de tons diversos.

Na primeira metade do seculo XII, a ornamentação era pura-

---

(1) Mignet, *Etudes historiques* cf. G. Migeon, *Les Arts des tissus*, Paris, 1909

(2) Denomina-se historicamente tapeçaria esta bordadura monumental, quando os peritos afirmam ser ela um bordado de agulha em tela ou pano. Assim ela difere da tapeçaria propriamente dita, que exige o tear, como acontece com os panos afamados de Gobelins.

mente imaginativa; na segunda metade dessa época, reconhece-se a tendência naturalista, a maior perfectibilidade no desenho. Aparecem então, entre folhagens estilizadas, os animais, á moda oriental, de grande porte, como nos mantos imperiais de Vienna e de Metz. Os Liões e Dragões simbólicos ocupam a parte mais considerável do bordado; outras vezes são os monstros. As personagens, se nelas figuram, são tambem simbólicas; não se distingue esta ou aquela. Para se saber o que representam, puseram os artistas, em cercaduras ou fixas decorativas, os letreiros elucidativos, encimando-as ou rodeando-as, como no Tesouro de Halberstadt.

A Flandres, nesses séculos remotos, constituía uma quantidade de centros dessa produção original e admirável. Bruxelas, Bruges, Gand, Liége eram as cidades principais em que se confeccionavam essas maravilhas, com aquela paciência, que o sr. de Buffon, muito mais tarde, disse que era o génio, mas com boas parcelas de habilidade e de talento meticuloso e delicado, na Arte de entretecer os fios de seda e ouro, com que nos deram os primorosos desenhos de vivas cores alguns, outros de discretas e harmonicas tonalidades, de magníficos efeitos de luz. Eram assim os *bordados historiados*, como lhes chamavam então, com que adornavam os palácios dos ricos senhores e que os fabricantes e negociantes iam vender, ás vezes longe, nas capitais ou nos centros comerciais das províncias, nas feiras que ficaram na história, como a de S. Denis, em Paris, de Lião, de Troye, de Medina del Campo, em Espanha, onde os flamengos trocavam esses objectos, na realidade preciosos, pelo ouro espanhol (1).

A essas cidades de trafego importante vinham tambem os produtos desta mesma arte dos bordados e da tapeçaria, oriundos de Itália, de Milão, Florença e Génova, cujos artefactos rivalizavam em execução, brilho e originalidade com os de Bruxelas e Bruges (2).

---

(1) Pode-se dizer que foi o seculo XIV a época de esplendor luxuoso dos castelos e das abadias, as quais eram dotadas de ricos presentes que, dão ideia da munificência dos grandes senhores feudais.

Carlos de Blois mandou vir de Bruges de e Inglaterra as preciosidades em bordados que ofereceu á catedral de Reims. Carlos V mereceu neste ponto um glorioso inventário, que diz respeito aos paramentos de tantos altares e capelas, entre os quais os de Notre-Dame de Paris. A Arte dos bordados civiliza-se, mundaniza-se, por assim dizer, e aparece o desenho heráldico, com os seus animais característicos, por exemplo, os liopardos aurifulgentes, sobre fundo vermelho (tipo castelo de Braunfels. (G. Migeon, *loc. cit.*)

(2) Tulpinck, *Les Artes anciens de Flandres*, Assoc. p. la public. des Monuments de l'Art flamand, 1902 e seg.



O GÔSTO — Tapete da colecção «Dama do Unicórnio» (Museu de Cluny, Paris)



TECIDO DE SEDA (objecto de arte alemã)— (Igreja de S. Rambert, Loire)—cf. G. Migeon



TECIDO BYZANTINO proveniente do túmulo de Carlos Magno (Aix la Chapelle)—Museu de Berlim (Kunstgewerbe)

Entre as figurações simbólicas existem as alegorias monumentais, indiscutíveis maravilhas do género, do século *XVI — O Castelo da Honra* e o *Jardim das Virtudes*, de artistas desconhecidos, talvez duma colectividade de artífices de fino talento e que pertencem á Galeria do Conde d'Arenberg, as quais foram à exposição de 1904, em Dusseldorf.

A figuração lendária aparece na tapeçaria nórdica dos séculos *XIV a XVI*, em fachas onde se acumula densa multidão de personagens e objectos, de trabalhosa indumentária e de colorida expressão.

Ricos homens, pagens, guerreiros, cavalos, cães, falcões, armas, cavaleiros, movimentam-se, no meio duma arquitectura grandiosa, que forma o fundo, preenche os necessários intervalos das inúmeras figuras e que ao mesmo tempo serve de ornamentação a êste conjunto harmonioso, tanto pela escolha das côres, apenas três ou quatro, como pela elegância e verdade das atitudes, em euritmia perfeita, como nas velhas pinturas sacras, cujos mestres muito cederam a estas obras de seda e ouro, de deliciosos e complicados lavores.

Essas tintas eram escolhidas de modo a formar uma espécie de acorde, por exemplo, rosa, verde, azul e oiro, cujas notas se combinam e se repetem em modulações acertadas, como o motivo constitucional duma partitura, repercutido e modulado tantas vezes, até à cadência perfeita.

Dêste admirável conjunto dar-nos-á ideia o tapete existente no Castelo de Shönbrunn, próximo de Viena d'A'ustria e que foi oferecido por Pedro o Grande, da Rússia. Em um campo inteiramente povoado de caçadores, êstes perseguem com a lança e a flecha os antílopes, os javalis e os cabritos montezes, em movimentos excessivamente variados e de vistosa composição.

Os tapetes de combates e caçadas são aplicações ou imitações de arte persa do século XVI, de que se encontram formosos exemplares na coleção Aynard, no Kensington Museum e no Kunstgewerbe de Berlim.

Na velha arte da tapeçaria distinguem-se vários estilos: *o florentino, o flamengo, o inglês* e o *oriental*, qual mais belo, mais artificioso e delicado no pormenor (1).

---

(1) Louis de Farcy, *Les Arts Flamands.*

A obra dos mestres do pincel serviu muitas vezes, em substituïção da lenda, de assunto a êsses magníficos quadros, os quais destituídos da invenção genial dêsses criadores da imagem colorida, nos dão, ao lado dêstes, uma profunda e emotiva sensação de beleza, estimulada pela sábia distribuïção dos efeitos do desenho e das côres, das formas e atitudes, dos vestuários e acessórios, que nos surpreende, entre outras cousas, pela delicadeza e tino no emprego das tintas e do fio áureo, habilmente entretecido e pela exactidão e elegância da indumentária, que revela a consciência permanente dos requeridos efeitos.

* * *

Na confecção das tapeçarias, desde tempos remotos, os animais tiveram sempre um lugar amplo e distinto.

Quer nas scenas de caça, de batalha ou de simples torneio, sequer nas ingenuamente bucólicas, lá figuram sempre, com elegância e movimento, senão com inteira verdade, animais, a princípio dos mais conhecidos e, mais tarde, os exóticos.

São primeiro os cavalos nobres e os cães heráldicos, os galgos, os rafeiros, os cães de caça e também os falcões e daí os animais perseguidos, grandes e pequenos, nos desportos venatórios.

Sente-se nêstes laboriosos trabalhos o espírito medieval apaixonado da fábula, na qual, muitas vezes, os animais têm um papel singular. Por outro lado, êstes quadros fazem par com os *tratados de caça* e os contos e lendas em que êles figuram com hábitos e tendências supostas, algumas bem observadas e analizadas, outras porém completamente imaginosas e improváveis.

Na fauna curiosa das tapeçarias, ainda não completamente estudada, encontram-se, conforme as épocas, não só os animais mais conhecidos e amigos do homem, os animais domésticos, mas aqueles sôbre que circulavam fábulas e se enraïzaram crendices; existem nêsses quadros tecidos os seres imaginários e filhos da superstição e da lenda e aquêles de que o homem tira habitualmente partido, quer na diversão venatória, quer nos trabalhos do campo.

Eram dantes os grifões e os lebreus, os gerifaltos e os unicornios, êstes últimos como atributos da pureza e símbolos de imortalidade. Havia também a Aspide e o Basilisco.

A par dêstes povoam igualmente as tapeçarias os animais sumamente vulgares. A animalidade era pois assunto favorito dos antigos tapeceiros e referiam-se a ela, já nas formas mais comesinhas de animais íntimos, por assim dizer, já nas formas estilizadas e simbólicas, sugeridas pela imaginação fabulosa e pela crendice popular.

* * *

A arte da tapeçaria foi, porém, renovada a partir do século XVII, sofrendo a influência dos mestres pintores. Foram êstes que intervieram na forma, na côr e no desenho, fornecendo os modêlos, dando a perspectiva e o equilíbrio a êsses quadros em que, noutros tempos, o *bestiário* era formado apenas de animais comuns ou fantásticos. As tapeçarias adquiriram as proporções de verdadeiros quadros, legítimas obras d'Arte pictórica e moderna, de colorido intenso e de figuração densa, disposta aliás com sabedoria e convencionalismo.

Aparecem então os pensamentos mitológicos e as alegorias, os cortejos, as batalhas, como nas célebres tapeçarias de Luís XIV, em Versailles.

A's pompas próprias dessa época faustosa e de dissipação, de grandeza e de cortezia, os artistas correspondiam duma forma elegante e académica, desenvolvendo o gôsto pela animalidade em maior escala, bem como pela flora e pela imponência arquitectónica.

Representavam além dos animais que todos conheciam, os introduzidos de outros países, da A'frica, do Brasil e da Asia (1).

Sem dúvida a época das viagens, após o ciclo das descobertas marítimas, em que os navegadores portugueses tanto contribuíram para o achado de novas espécies dos reinos animal e vegetal, muito concorreu para o brilhantismo e variedade de execução destas peças

---

(1) Para dar a nota da munificiência de que alguns senhores e príncipes ofereceram exemplo, mencionaremos o facto entre outros conhecidos de ter o Duque de Flandres dispendido, para celebrar o nascimento dum filho, a bonita soma de 480.000 libras (século XIII). A liberalidade do imperador Carlos V exerceu-se também com largueza incomensurável sôbre os preciosos bordados da Flandres (1).

(1) G. Migeon, *Les Art. du tissu*. Paris 1909.

magistrais, que mereceram a assinatura de artistas celebres e a conservação como preciosas relíquias dessa grandeza passada.

Já não se trata da representação ingénua, original e simples dos animais domésticos, ou das invenções da primeira época. Empregam-se combinações estudadas de atitudes e de côres, que fazem sobresair à vista deslumbrada a fauna mais diversa, académicamente disposta e não tumultuáriamente, como outr'ora, sem perspectiva, nem ordem, ao acaso duma fantasia arrojada. Aparecem os animais do sertão, as espécies exóticas, de preferência as mais brilhantemente coloridas, como os Papagaios, as aves do Paraíso bem assim os quadrúmanos e as féras.

A's monstruosidades usuais impostas pela fábula sucederam as formas extravagantes e garridas, que a natureza exuberante dos trópicos produz inexgotavelmente.

Um engenho renovador veio dar um novo contôrno, uma nova disposição a esta *ménagerie* convencional e distinta.

Carlos Le Brun, grande colorista do século de Luís XIV, conseguiu prestar, no meio de excelente colaboração, nova vida à velha arte de tapeçaria, cuja decadência se poderia já afirmar no tempo de Oudry e Desportes, para os quais a presença do animal na teia não era o motivo essencial, mas apenas o efeito acessório da ornamentação.

Carlos Le Brun foi o pintor francês que ilustrou a época de Luís XIV (1619-1690), fundador da Academia de pintura e de esculptura. Era favorito do Cardeal Mazarin, que o recomendou ao *Rei-Sol* e ao qual o ministro Colbert cometeu a direcção de toda a obra d'Arte do Reino e fez director da fábrica de Gobelins.

Foi o primeiro pintor da Côrte, nomeado oficialmente em 1662 e encarregado da ornamentação do Louvre e de Versailles.

Outros monumentos tiveram a sua larga intervenção artística e decorativa. Depois do falecimento de Colbert, o pintor foi, por assim dizer, deposto pelo sucessor d'aquêle e, já doente, morreu de desgôsto junto da sua bela obra.

Quase moribundo, levaram-no aos Gobelins e ali se finou.

A sua obra é grandiosa, tanto no desenho, como no colorido. Foi o criador do estilo Luís XIV. (1)

---

(1) V. H. Jouin, *Ch. Le Brun et les Arts sous Louis XIV.* (Paris, 1820).

A importância, para nós zoologistas, desta obra de Le Brun, que vale ao mesmo tempo como conceito e como execução magistral, prova de que o grande pintor do século áureo da França soube coordenar sob a sua acertada direcção, com o mais atento respeito da forma, as representações animalistas, em que as atitudes e, até certo ponto, a psicologia dos animais foram observadas com profundeza e restituídas com exactidão.

A reprodução de variadíssimas espécies, as mais comuns ou exóticas, foi feita por especialistas que êle agrupou à sua volta, na execução sem par dêsses tantos quadros, de que uma exposição sensacional deu há pouco em Toulouse a visão de conjunto mais perfeita.

Distinguiram-se nêsse certame, que talvez se não repita, trechos naturais de duas séries: *Residencias reais* e *Os Elementos*.

E' sobretudo nêstes últimos que os pintores se expandiram mais à vontade na reprodução fiel dos animais terrestres e nos volateis (*A Terra* e o *Ar*).

Dá-se a circunstância para lamentar que o Museu do Louvre não possui obra de C. Le Brun, mas por compensação agradável, a organização que se lhe deve dêstes célebres panos de luxo e de liberalidade máxima de Arte, em gôsto e em riqueza, substitui em parte a peça que ali falta com o nome do célebre pintor.

Na mesma exposição achavam-se também as *Caçadas de Luís XIV* e a *Tenture des Indes*, mais conhecida pela vulgarização em gravura, ambas de Desportes e Oudry e representando largamente os grandes quadrúpedes, a que se refere o sr. Pol Neveux, da Soc. de Acclimatação de França.

Destacam-se nêsses paineis interessantes para o *dilettanti* de Arte como para o zoólogo e o simples zoófilo, os desenhos de Houasse, discípulo de Le Brun, como os do Boëls, de Ivart, de Monnoyer, de d'Auguier e de Lemire, assim como de Van der Meulen e de Garnier, cada um segundo a sua especialidade.

Há nêsses paineis, para nós, a destacar com enlêvo, a obra de de Boëls, como pintor animalista de raro merecimento, cujas figuras animais surpreendem pela verdade, sobretudo na representação das espécies exóticas, que êle estudou cuidadosamente, talvez com paixão de amador dos animais, que êle, segundo se diz, teve ensejo de contemplar por bastante tempo em Antuérpia e em Génova, onde valiosas colecções zoológicas alimentaram provavelmente a sua natural inclinação e gôsto pela natureza.

Nestas telas os animais, quadrúpedes ou aves, evolucionam com ares de vida, correm, voam, combatem ou meneiam-se simplesmente nos seus prados artificiais, ou por entre as balaüstradas de fingidos palácios.

Por efeito de contraste, passeiam nêstes jardins convencionais as espécies vulgares e os animais raros.

Alguns dêles expõem-se isoladamente, como se fôsse de propósito, para podermos contemplar à vontade, demoradamente, o seu porte altivo, a sua fisionomia expressiva. A's vezes, são grupos que possuem certo *dramatismo* ou movimentam *alegremente a scena*.

Le Brun foi o desenhador dêstes projectos e o coordenador por demais talentoso dêstes notabilíssimos quadros dos pintores naturalistas contemporâneos. Em um século de impostura, de guerras, caçadas e aventuras, de frivolidade e de cortezia, êles *tiveram* a virtude admirável de executar com suprema Arte e delicioso *encanto* essa volta à Natureza, que é necessária e quase fatal em cada século de decadência.

Há na História dêstes momentos em que se deve à Arte, pelas suas manifestações de grande liberdade e indepêndencia, o reviramento desejado para combater as tendências pessimistas ou dissolventes, a que as sociedades se deixam arrastar, fatigadas e faltas de estímulo sentimental.

J. Betencourt Ferreira.

O TEU SONETO

Amor, que dôce a vida de quem ama!
De perto, são os beijos e os abraços;
De longe, a Saüdade, que é uma chama
Como de estrêla, que nos guia os passos.

Que bem me sabe a graça do teu nome!
— Como cantiga de água pelo Agosto. —
— Faz-se a alegria dor que me consome,
E é manhanzinha à hora do sol-pôsto!

Humilde, o meu orgulho é ter amado,
Nos teus olhos mortais, a luz dos céus!
— Nem sei se tanto amor será pecado! —

— Pecado? — E, à minha prece comovida,
Ouvi dizer baixinho a voz de Deus:
— Para quem ama assim, que doce a vida!

Coimbra, Dezembro, 1925.

António de Sousa.

O estudo das línguas

Ao abordarmos o estudo scientifico de qualquer língua, convém partir duma noção mais geral — a de linguagem; do mesmo modo, para bem compreendermos os métodos a empregar, um rápido exame da sua génese constituïrá o processo mais instrutivo. Tais serão, portanto, as directrizes desta breve exposição.

A definição mais compreensiva de linguagem é a dum sistema de sinais, isto é, de actos directa ou indirectamente tornados sensíveis a outrem, servindo para comunicar estados psíquicos. Tôda a linguagem oferece, pois, vários aspectos: o da sua produção, o da sua recepção sensorial e o da sua ligação com o psiquismo. Os dois primeiros aspectos estão mais intimamente ligados entre si.

Se bem que, em rigor, todos os sentidos possam fornecer linguagens, como o tacto para os cegos, os dois que melhor se prestam a êste fim, são òbviamente a audição e a visão.

Linguagem oral e linguagem escrita

A linguagem que particularmente nos interessa é a linguagem acústica dos agrupamentos humanos—a fala. A linguagem falada originou-se talvez na exteriorização de estados predominantemente emotivos, o mêdo, a dor, a alegria, etc., e com o fim de determinar noutros indivíduos certos actos apropriados. Pelo seu lado intelectual, a linguagem

deve também ter começado pela expressão isolada de frases de um único termo, e só depois viriam as frases de dois ou mais termos e suas ligações. O desenvolvimento da linguagem falada e o da actividade intelectual devem ter-se realizado em íntima ligação, fornecendo a linguagem ao espírito pontos de apoio para abstracções e generalizações cada vez mais poderosas.

Das várias linguagens visuais possíveis, como a dos gestos, que ao princípio deve ter acompanhado em larga escala a linguagem oral, interessa-nos principalmente a linguagem escrita.

Esta forma de linguagem, que se desenvolveu mais lentamente do que a oral, originou-se talvez no uso de objectos emblemáticos, quando êle passou a traduzir-se pelo desenho; são sucessões de símbolos as escritas ideográficas, mas há sempre nelas um elemento paralelo ao da linguagem oral, a ordem das figuras. Noutros casos os ideogramas têm já certas correspondências com os ideofonemas complexos da mesma significação, isto é, passaram a fonogramas; ao princípio bastante imperfeitos, depois cada vez melhor determinados. Assim nasceu a escrita silábica, sendo a divisão em sílabas a mais antiga análise fónica da frase; finalmente todos os sons elementares foram representados, criando-se a escrita alfabética, ao passo que se fazia também a reünião das sílabas em palavras, um tanto arbitrária, mas satisfatória para fins práticos.

Imperfeição das escritas

A linguagem escrita interessa-nos menos directamente do que a oral, porque, qualquer que tenha sido a sua posição para com esta na fase primitiva, ela vem a aparecer-nos apenas como uma sua representação imperfeita e conservadora.

As próprias escritas exclusivamente alfabéticas não correspondem nunca a uma análise completa dos elementos fonéticos da frase; o fluxo contínuo da fala só se poderia reproduzir com exactidão pela juxtaposição de gráficos também contínuos, coordenando a representação dos movimentos dos diversos órgãos que tomam parte na sua produção. Mas tal representação, mesmo quando inteiramente possível em tôda a sua complexidade, seria pouco prática, e desnecessária essa precisão exagerada. A frase pode decompor-se em elementos fónicos, como que surpreendendo no seu fluxo contínuo certas sensações mais características e certas atitudes orgânicas mais bem definidas; e o mais essencial seria que, numa dada língua, a cada um dêsses elementos correspondesse um único símbolo, que por seu lado não deveria ter outro valor.

Isto realiza-se nas escritas fonéticas criadas pela sciência, mas as escritas ordinárias, mesmo as mais sónicas, fogem constantemente àqueles preceitos: são por um lado incompletas, por outro prolixas. E' assim que nelas podem vários sons ser representados pela mesma análise foi abordada, conforme já dissemos, no ponto em que a escrita a

letra, ou várias grafias corresponder ao mesmo som; grupos de letras traduzem por vezes sons simples, e letras singelas lêem-se como conjuntos fónicos; há ainda as letras «mudas», etc. E a indicação de certos elementos da linguagem oral, tais como a acentuação, a intonação, a quantidade, é em regra bastante falha.

As imperfeições duma escrita resultam em parte duma análise fónica deficiente, mas acentuam-se depois pelo facto de que as escritas tendem a cristalizar, ao passo que a língua falada evolui sempre. Quando a divergência já é muito grande fazem-se readaptações, que são também em regra bastante imperfeitas. Outra origem de incorrecção fonética das escritas está no aproveitamento do alfabeto criado para uma língua para representar outra língua bastante diferente da primeira. E em épocas mais tardias, finalmente, a pretensão de representar a etimologia das palavras introduz ainda novas discrepâncias. E' certo que a escrita reage por seu turno sobre a língua falada, principalmente com a difusão do ensino e com o desenvolvimento de línguas comuns, mas essas regularizações são bastante restritas.

Ora a análise explícita da linguagem começou por basear-se numa língua escrita, e já literàriamente trabalhada, aceitando e continuando essa primeira análise que ela implica; estas observações preliminares eram, pois, necessárias, e abrem-nos o caminho da génese dos métodos da lingüística.

O estudo das línguas passou por três grandes fases ou períodos, que poderemos designar, segundo os pontos de vista predominantes, pelos nomes de período aprioristico, período histórico-comparativo e período da lingüística geral.

O primeiro estende-se por largos séculos, os dois seguintes são, por assim dizer, dos nossos dias. O sentido geral desta evolução é o de se considerarem os factos da linguagem cada vez mais de perto e mais concretamente, partindo da análise do pensamento e da sua expressão numa só língua para se chegar à integração em fórmulas gerais de tôda a diversidade objectiva de processos.

A constituïção da gramática

Iniciaremos a nossa exposição pelos trabalhos dos gregos, que, neste ponto, como em tantos outros, forneceram a base do pensamento europeu. Há estudos importantes anteriores, como os dos gramáticos da India, mas só muito tardiamente nos foram conhecidos.

Do começo a palavra «gramático» designou aquele que conhecia as *grámmata* ou letras do alfabeto, o que sabia ler; e o *grammatistês* foi sempre o mestre de leitura e escrita. A «gramática» incluía as teorias da natureza dos sons e da acentuação, quantidade e ritmo. Foi, porém, aos filósofos que se deveram os primeiros grandes avanços: o pensamento-linguagem voltou-se sôbre si mesmo e procurou explicar-se. E a

tinha deixado, pelas unidades que ela tinha definido: a letra, isto é, o som alfabético elementar, e a palavra.

Encarou-se a linguagem sobretudo no seu aspecto mais evidente, o de nomenclatura. Discutiu-se o problema de saber se há entre a forma e o sentido das palavras uma relação natural e necessária, ou se apenas se trata do acaso e da convenção dos homens. E' êste o tema do *Crátilo* de Platão, que já é um comentário às ideas dos sofistas; nêle se explicam as palavras compostas como condensação de frases, por exemplo *anthrôpos* por *o anathrôn a opôpen*, «o que contempla aquilo que vê». Quanto às palavras primitivas, resultariam duma imitação sinestética do objecto significado; os próprios sons alfabéticos, de cuja formação se ocupa, teriam fisionomia e sentido, exprimindo o *l* a fluïdez, o *r* o movimento, etc. Dêste modo encontramos desde o princípio esboçadas uma etimologia, aliás fantasiosa, e uma fonologia descriptiva. Estes dois ramos foram, contudo, os menos progressivos em todo o primeiro período.

A consideração de que às mesmas ideias correspondem palavras diferentes nas várias línguas levou em seguida os antigos a desprender-se daquele problema. Voltaram-se para a frase as atenções principais: só às combinações de palavras corresponderia pròpriamente ùm sentido, fôsse verdadeiro ou falso.

Platão distinguira na frase o nome e o verbo, mas sob o ponto de vista lógico de sujeito e predicado. Aristóteles, que já tem vocábulos especiais para designar essas funções lógicas, inicia a descriminação das «partes do discurso» pelas classes dos nomes, ou palavras podendo servir de sujeito, e dos verbos, servindo de predicado. As restantes, o o pronome, o artigo, o advérbio, etc., ainda nêle reunidas genèricamente nas conjunções *(sýndesmos)*, são sucessivamente destacadas pelos estóicos e seus continuadores. A classificação ainda hoje habitual nas nossas gramáticas segue quási por completo aquela a que chegaram os gregos.

Mas na época alexandrina, por uma evolução semântica bem compreensivel e significativa, «gramático» é já o que estuda a literatura. Os estudos lingüísticos tinham-se especializado, tendo por base os antigos textos literários, cuja língua se distanciara dos vários dialectos, ao ponto de necessitarem de interpretação. E um outro aspecto da língua, que já em Platão e em Aristóteles começara também a desenhar-se, toma igualmente corpo; o estudo das variações das palavras—formação de temas e flexão—vai-se definindo cada vez mais e do mesmo modo a sintaxe também se vai a pouco e pouco destacando da lógica.

Aristóteles apenas contrapõe o nominativo aos casos oblíquos, os estóicos consideram já o acusativo, o genitivo e o dativo; factos análogos se dão com o verbo: distinção das vozes, tempos, modos, etc. Mas foi da célebre disputa entre as escolas rivais da Alexandria e de Pérgamo, entre os analogistas chefiados por Aristarco, e os anomalistas sob a direcção de Crates, defendendo os primeiros a regularidade essencial da língua, ao passo que os segundos lhe salientavam as excepções, que proveio a reünião das palavras em paradigmas, isto é, a morfologia.

Tinham entretanto amadurecido os tempos para a constituïção da gramática como disciplina independente. Dionisio Trácio, discípulo de Aristarco, que ensinava em Rodes no segundo século antes da nossa era, é o autor da primeira «arte de gramática» *(technê grammatikê)*, ainda muito resumida, mas que foi dum modo geral o protótipo das obras congéneres pelos séculos fora, salvo pela adjunção duma sintaxe independente, que se deve a outro alexandrino, Apolónio Discolo, da época de Adriano. Apolónio, definindo a sintaxe como «a reünião das palavras na harmonia da frase completa», ocupa-se essencialmente da concordância, regência e emprêgo dos casos, mas não trata ainda da proposição composta.

Foi sobretudo como ilustração que entrámos em certos detalhes; é desnecessário prosseguir. Todos estes trabalhos, decerto valiosos, encerravam contudo um êrro de atitude que impediu o seu progresso. Por várias vezes estiveram os gregos bem perto de reconhecer a necessidade do estudo objectivo da linguagem, independentemente do da lógica, ao apontarem as discordâncias entre ambas, as «imperfeições» da língua; mas nunca deram o passo decisivo, preferindo em geral arquitectar explicações á priori para essas discordâncias, a nelas atentar concretamente. Conheceram a diversidade das línguas, mas também êsse facto os não levou à comparação dos vários modos de exprimir as ideias; apenas a sua própria língua lhes mereceu interêsse, e essa estudada nos textos literários. E tampouco chegaram à noção da importância da história linguística, embora no *Crátilo* já se encontrem algumas intuïções luminosas, como quando Socrates diz que se não poderá talvez encontrar a etimologia de certas palavras «por causa da sua antiguidade», que as «desfigurou», ou então «por serem de origem bárbara».

Esta atitude infecunda continuou-se através dos séculos; Roma, com Varrão, Donato, Prisciano, etc., e Bizâncio, com os seus «catecismos» gramaticais, apenas continuaram os gregos; na Idade Média tão sòmente os escolásticos desenvolveram um pouco a sintaxe; a própria Renascença nada trouxe de essencial. E se as especulações sôbre a «gramática geral» ou «gramática filosófica» dos séculos XVII e XVIII têm a pretensão de aplicar-se a tôdas as línguas, o facto é que conservam ainda o mesmo carácter de exagerada subordinação à lógica formal; a linguagem é considerada como a veste da razão e esta como idêntica em todos os povos. Não se pode contudo deixar de reconhecer que já representam, pelo menos, um renôvo de interêsse pelos problemas linguísticos, ao mesmo tempo que notam, como os gregos, certas imperfeições da linguagem: por exemplo, as que respeitam ao género gramatical.

Também por esta altura começam a encarar-se os aspectos históricos das línguas no estudo dos textos, e o conhecimento da gramática hebraica, com a descriminação de raízes e de sufixos, e a flexão verbal explicada pela aglutinação de pronomes, veio preparar o terreno, como vamos ver, para certas linhas de desenvolvimento do período que se inicia.

O método histórico-comparativo

Desde os fins do século XVIII os estudos das línguas entram numa nova fase, mais profícua. Dois factores principais contribuíram para a sua transformação.

O princípio, que já nas sciências do mundo físico tinha dado resultados tão vastos e precisos, de substituir tôdas as explicações à priori pela observação directa dos factos, foi-se por esta época tornando extensivo a todos os ramos do conhecimento. Ao mesmo tempo reconheceu-se que os objectos de certas sciências, as sciências dos sêres e dos agregados sociais, têm de ser estudados no seu desenvolvimento histórico. Esta mudança de atitude devia necessàriamente ser fértil em resultados para a lingüística, mas um outro facto se lhe associou que deu o principal impulso aos seus progressos.

O estudo pelos europeus duma antiqüíssima língua da Índia, o sânscrito, veio dar a noção clara do parentesco de variadas línguas da Ásia e da Europa. A importância do sânscrito não estava apenas em se tratar duma nova língua em que se descobriam aproximações com outras já conhecidas, mas nos elementos em que se mostra mais arcaico do que elas, particularmente do que o grego e o latim, as melhor estudadas até então; ao princípio julgou-se mesmo que o sânscrito era mais arcaico em tudo. Esses elementos conservados em sânscrito lançavam luz sôbre as formas menos bem conservadas das outras línguas.

Já anteriormente tinha sido emitida a hipótese de que tôdas as línguas derivavam do hebraico, o que estaria de acôrdo com a Bíblia; mas a ideia, falha de fundamento, não frutificou. Foram em especial as línguas dos indígenas da América que opuseram dificuldades mais evidentes a uma tal genealogia. Mais tarde formou-se a opinião de que as línguas não proviriam tôdas duma só forma original. O parentesco agora descoberto integrava-se nesta última corrente, mas distinguia-se de tôdas as conjecturas anteriores pela sua base mais concreta.

A intuïção do parentesco indo-europeu já vinha desde o século XVI; o florentino Sasseti, que viveu em Gôa de 1581 a 1588, descobriu várias concordâncias entre o sânscrito e o italiano. Depois, nos fins do século XVIII, encontram-se afirmações mais perentórias no francês Cœurdoux e no inglês William Jones, juiz em Calcuttá. São dêste as seguintes luminosas palavras: «o sânscrito é duma estrutura maravilhosa, mais perfeito do que o grego, mais rico do que o latim, de maior delicadeza do que ambos. Está para com ambos, tanto no que diz respeito às raízes dos verbos como quanto às formas gramaticais, numa relação de parentesco, que é tão próxima, que não pode ser proveniente do acaso, e tão decisiva, que qualquer filólogo que estuda estas três línguas tem de chegar à convicção de que nasceram duma mesma fonte original, que talvez já não exista». Acrescenta a seguir que a mesma origem se deve atribuir ao gótico e ao celta.

Além dos textos do sânscrito clássico então conhecidos, estuda-

ram-se também os preciosos trabalhos descritivos dos vélhos gramáticos da Índia, como Pânini, que viveu no século IV antes da nossa era, tão ricos de minúcias, e que muito contribuíram igualmente para o progresso linguístico.

E' em Frederico Schlegel, no seu célebre livro *Ueber die Sprache und Weisheit der Indier,* que primeiro aparece a expressão de «gramática comparada», ao mesmo tempo que se lhe traça o programa geral. Ao largo espírito scientifico de Guilherme de Humboldt também despertou interêsse êste ramo de estudos; e foi êle o primeiro a chamar a atenção para o aspecto social da linguagem, em que via uma «actividade» reflectindo a psicologia dos povos, e que, portanto, se deve estudar concretamente em cada caso.

Mas o verdadeiro fundador da gramática comparada foi Francisco Bopp, que, tendo-a iniciado em 1816 com um trabalho sôbre a conjugação do sânscrito, comparada à do grego, latim, persa e germânico, publicou de 1833 a 1849 o primeiro tratado da nova sciência. Depois os seus progressos marcam-se pelas duas grandes codificações seguintes: a de Schleicher, de 1861-2, e a de Brugmann e Delbrück, de 1886-1900. O material foi enriquecendo e foi sendo circunscrito cada vez de mais perto, definiram-se novos e fecundos pontos de vista, e a marcha da sciência foi tal que, ao publicar-se cada nova coordenação, já a anterior se encontrava relativamente antiquada, embora conservando todo o seu alto valor histórico.

Bopp demonstrou o parentesco das línguas pelas concordâncias da sua flexão, segundo a apresentavam os textos mais antigos até então conhecidos; mas, continuando a orientação dos hebraïzantes, o seu objectivo especial era o de explicar as formas gramaticais. As desinências, verbais ou nominais, bem como os sufixos e as caracteristicas temáticas, eram para êle palavras primitivamente independentes, em geral pronomes, em certos casos o verbo substantivo ou ainda outros, que se teriam aglutinado às raízes. Só estas constituïriam um mistério impenetrável. Considerava o antigo tipo flexivo como o mais perfeito, e o seu empobrecimento nas línguas derivadas como uma decadência. A fonética é ainda nêle pouco desenvolvida.

A par de Bopp, e entre êle e Schleicher, registam-se importantes contribuïções em vários sentidos. O dinamarquês Rask, quási simultâneamente a Bopp, mas independentemente dêle, comparou algumas línguas europeias entre si, e o zend com o sânscrito; o alemão Jacob Grimm iniciou as gramáticas histórico-comparativas dos vários ramos pelo das línguas germânicas; Pott criou a etimologia, que até então se tinha limitado a fantasias sem base. Com todos estes trabalhos a fonética fêz grandes avanços.

Seguindo o modêlo de Grimm, apareceram sucessivamente as gramáticas histórico-comparativas de Diez, para as línguas românicas, de Miklosich, para as línguas eslavas, e de Zeuss, para as célticas; e pouco depois Curtius e Corssen introduziam igualmente os novos princípios no tratamento das línguas clássicas.

Schleicher aproveita e coordena todos os progressos anteriores, e em especial os do campo da fonética. A regularidade das transformações que se vinham constatando na fonética histórica permite-lhe tentar, pela primeira vez, a restituïção da hipotética língua-mãe, o indo-europeu. É dêle também uma classificação morfológica das línguas, em monosilábicas, aglutinativas e flexionais. A formação da linguagem, que constituïria a primeira actividade dos povos «antes da História», isto é, «antes de entrarem na arena da política», teria seguido a mesma directriz: a uma fase em que a língua se compunha só de raízes com significação plena, ter-se-ia sucedido outra em que certas sílabas, exprimindo as relações, se teriam aglutinado às primeiras, e por fim ter-se-ia dado a sua fusão íntima, originando a flexão. Esta última fase, representada pelo indo-europeu, seria a mais perfeita; em seguida as línguas só teriam decaído. Dêste modo Schleicher concorda ainda com Bopp quando diz que «a História é a inimiga da língua»; mas já não se preocupa tanto como êle com a explicação das formas flexionais.

Schleicher foi também o primeiro a atender à importância da língua falada em relação à letra dos textos literários, na sua Gramática do Lituânio, e no Compêndio já procura seguir a evolução do indo-europeu dentro de cada ramo linguístico. O seu êrro principal a êste respeito é o de considerar as línguas como sêres naturais dotados de uma evolução própria, que se repetiria em tôdas com as mesmas características paralelas.

Em seguida os primeiros progressos a registar são mais em extensão do que em qualidade. Fick elabora o seu dicionário etimológico do Indo-europeu; o conhecimento do sânscrito alarga-se e recua no tempo com a publicação e o estudo dos textos védicos; o mesmo se dá com o persa, e, dum modo geral, a massa de factos estudados, antigos e modernos, enriquece prodigiosamente. Mas logo depois a geração dos «Novi-gramáticos» vinha imprimir aos estudos histórico-comparativos uma nova e mais fecunda orientação.

Em três direcções principais se manifesta o avanço linguístico. Até então a fonética histórica, ao lado das evoluções regulares, considerava igualmente a possibilidade de transformações «esporádicas». A descoberta de Verner, explicando por uma lei complementar certas excepções às antigas permutações consonânticas do germânico, desvendadas por Grimm e Rask, e outras novas sistematizações análogas, vieram estabelecer a fé na constância das leis fonéticas, isto é, excluir tôda a hipótese de intervenção do puro acaso nas transformações. Este princípio foi em seguida completado pelo reconhecimento da importância da analogia, em especial quanto aos nivelamentos morfológicos pelos quais cada povo vai regularizando a sua língua, ao passo que as evoluções fonéticas, no seu mecanismo, tendem a desnivelar e a introduzir disparidades. A analogia passou a ser olhada como um dos factores mais importantes da vida das línguas. Finalmente outra influência muito vasta foi ainda tomada em consideração, a das relações histórico-geográficas dos povos, determinando importações ou misturas mais ou menos

importantes. Em todos estes trabalhos destacam-se os nomes de Leskien, Paul, Osthoff, Brugmann e Hübschmann, mas o número dos cooperadores foi avultado.

A fonética do indo-europeu elevou-se a conjecturas arrojadas mas sólidas, em que brilharam, entre outros, Collitz, Ascoli, Schmidt e de Saussure, e a sintaxe comparada erigiu-se num corpo sistemático de doutrinas, que forma a parte de Delbrück no grande Tratado em que colaborou com Brugmann.

Assim fecha o período de constituïção da gramática histórico-comparativa. A par da família linguística indo-europeia têm-se formado outras, a semítica, a fino-húngara, a bantu, etc.; e procura-se hoje relacionar algumas das famílias entre si, embora os resultados não sejam ainda concludentes. E se na restituïção integral das línguas mães, mesmo dentro da família mais bem estudada, a indo-europeia, os resultados são de necessidade bastante deficientes, apenas fragmentários, nem por isso a gramática comparada deixa de representar um enorme avanço didáctico: a determinação dos elementos concordantes das várias línguas afins, e que, portanto, lhes devem provir dessa língua mãe, fornece, principalmente quanto às linhas gerais da sua estrutura, os melhores fios condutores para compreendermos dentro de cada uma delas a plena significação dos factos lingüísticos. E o mesmo se repete dentro de cada ramo com as suas innovações próprias, que também têm a sua história e o seu aspecto perspectivo.

A última fase: a lingüística geral

No último período da evolução da lingüística, que vem desde os fins do século passado, além do prosseguimento de numerosos trabalhos de investigação e de síntese dentro das orientações já definidas, salientam-se como directrizes novas mais importantes, por um lado o desenvolvimento do estudo dos dialectos e línguas populares actuais, base necessária para a interpretação de todos os outros factos linguísticos, por outro o renascimento, sob novos aspectos, do exame crítico geral do fenómeno da linguagem—cujos resultados, por seu turno, vão igualmente influir sôbre o estudo particular de cada língua.

Na continuação e aperfeiçoamento das antigas correntes de actividade, registaremos em especial os trabalhos sôbre as variações das raízes, em que muito há ainda a precisar, o estudo de várias línguas antigas recem-descobertas, como o tocárico e o hitita, e o desenvolvimento minucioso das histórias particulares dos diferentes ramos linguísticos. E também a acentuação indo-europeia, e as conseqüentes alternâncias de sons dentro das palavras, foram o objecto dos trabalhos importantíssimos de Hermann Hirt, a quem igualmente deveremos em breve uma quarta grande compilação da gramática comparada, em via de publicar-se.

No estudo directo da vida da fala os progressos, desde aquela época, têm sido enormes. O modo como nascem e como se propagam as innovações lingüísticas, a determinação das *isoglosas* delimitando cada particularidade dialectal, a publicação de atlas lingüísticos, o estudo dos dialectos e das linguas de classes, o recurso aos métodos experimentais, etc., têm merecido uma atenção cada vez maior.

Finalmente, na análise renovada dos aspectos gerais da linguagem, vários grandes nomes têm brilhado, como os de Wundt, Saussure, Meillet, Jespersen e Vendryes, mas além dêstes muitos outros.

Esta nova corrente distingue-se bem das antigas «gramáticas gerais» pelo seu carácter scientifico e objectivo, e da gramática comparada pela sua maior compreensão.

Se a classificação genealógica das linguas, com efeito, é a única verdadeiramente exequível, enquanto tôdas as tentativas de classificação morfológica encontram na prática numerosas dificuldades — facto bastante semelhante ao que se deu na biologia com as classificações naturais e artificiais—não quere isto dizer que se não possa tirar grande proveito da comparação dos processos de tôdas as numerosas e variadissimas linguas do globo, actuais ou antigas, vivas ou extintas, sem questão de família. E o maior avanço realizado, depois do estabelecimento do método histórico-comparativo, está justamente em se ter concebido a possibilidade e a conveniência de se criar uma sciência geral da linguagem, procurando determinar o que há de comum a tôdas as linguas, qualquer que seja o seu tipo ou genealogia, e tanto pelo que diz respeito à estrutura como pelo que se refere à evolução. Este novo aspecto de estudo das linguas constitui o domínio da linguística geral; todos os grandes conceitos tradicionais da gramática estão sendo por ela sujeitos a ponderada revisão, procurando-se reagrupar os factos em bases mais sólidas e mais amplas.

As noções iniciais dêste artigo sôbre a análise da linguagem já se enquadram na nova sciência. A linguagem oral dos agrupamentos humanos — e bem assim as linguas escritas como representando uma sua primeira análise aproximada — é determinada por um triplice condicionalismo: fonético, mental e social; a lingüistica tem, pois, como sciências colaterais a anatomia, a fisiologia, a acústica, a psicologia e a sociologia. E nestes vários campos as aquisições têm sido consideráveis. A fonética experimental, desde Rousselot, têm tomado enorme desenvolvimento, chegando hoje a noções interessantissimas, como, por exemplo, a de procurar no estudo dos defeitos da fala a interpretação de certas transformações históricas; na acústica, menos essencial, o avanço é mais lento, mas ainda assim podemos salientar os trabalhos mostrando que o timbre das vogais não resulta da produção de sons harmónicos ao fundamental, dado na laringe, mas de novos sons produzidos nas cavidades superiores (teoria dos «formantes»); tôdas as conquistas da psicologia, como as ideas da escola sociológica sôbre a diversidade da razão humana, como as conclusões da psico-patologia, etc., são logo integradas nos estudos lingüísticos; finalmente a influência da vida das

sociedades sôbre a sua instituïção que é a linguagem, tem-se salientado em contribuïções valiosas: a atenção dada às línguas especiais, o papel de unidade política e cultural na constituïção das línguas comuns, etc.

Dada a íntima ligação entre as conclusões da lingüística geral e os progressos do método, vamos terminar por uma breve impressão sintética da atitude actual da sciência no estudo das línguas.

O aspecto estático das línguas

Consideram-se as línguas sob vários aspectos, que se reportam ao espaço e ao tempo, e se combinam entre si. Cada língua, com efeito, pode tomar-se ou quanto possivel, isoladamente, ou nas suas relações com as que com ela coexistem no mesmo espaço, ou a cercam: aspectos designa por interno e externo; assim como pode estudar-se ou quanto a um dado momento, ou na sua evolução: aspectos estático ou sincrónico e histórico ou diacrónico.

O aspecto estático descreve-nos, pois, uma determinada fase da língua, porém mesmo localmente há a considerar, além da língua popular comum, as línguas de classes, a literária, etc.; de igual modo se tem de atender a todos os seus dialectos.

A frase é a primeira unidade a considerar na linguagem; as várias frases compõem-se, porém, de secções e de elementos comuns, combinados de variadíssimas maneiras.

Em primeiro lugar o fluxo contínuo da fala deixa-se analisar, com bastante aproximação, em certos equilíbrios momentâneos suficientemente característicos: os sons de cada língua, que, com outros fenómenos acessórios, como a acentuação expiratória, a intonação e a duração, constituem o domínio da fonologia.

Em seguida estes elementos acústicos da linguagem, condicionados pelas possibilidades fonatórias, são todos mais ou menos aproveitados, em sistemas diversos conforme as várias línguas, para exprimir as ideas e as suas relações. Sob êste ponto de vista destacam-se primeiro nas frases certos grupos de sons ligados às ideas principais, e um conjunto de outros elementos fónicos precisando certas modalidades dessas ideas e traduzindo as suas relações na frase. Estes últimos compreendem o emprêgo de grupos fónicos «esvaziados» de sentido independente, que se podem fundir ou não com os grupos portadores de ideas, e também a ordem de sucessão, a acentuação, o tom musical, etc.

O predomínio duns ou doutros dêstes processos de exprimir a relação entre as ideas é que imprime carácter às línguas sob o ponto de vista da estrutura morfológica. Há línguas em que os grupos fónicos exprimindo relações (morfemas), se soldam aos grupos exprimindo as ideas independentes (semantemas), podendo fundir-se com êles mais ou menos intimamante, até à completa insecabilidade. Há

outras em que os grupos fónicos relacionadores conservam bastante independência, mas em que a ordem, a entoação, etc., têm maior importância que nas primeiras. E em qualquer dos casos os morfemas podem vir todos antes, ou todos depois, ou uns antes e outros depois dos semantemas a que mais directamente respeitam; por outro lado, os semantemas podem também sofrer modificações no seu interior, que, embora de origem fonética, se vêm depois ligar à expressão do sentido.

Nas línguas indo-europeias modernas como o português, o francês, o alemão, a flexão e o recurso a palavras auxiliares, pronomes, preposições, etc., encontram-se lado a lado. No inglês a flexão está reduzida a um mínimo. No russo, pelo contrário, tal como nas fases antigas de todas as línguas da família, a flexão, tem um papel muito importante, ao passo que o número das palavras «vazias» auxiliares é ainda pouco elevado. Mas a verdade é que muitas destas palavras auxiliares apenas se distinguem das «desinências» tradicionais em poderem preceder a idea principal e admitirem interpolações: *I see, we see; der Mann, den Mann; j'ai vu, je n'ai pas vu, je l'ai vu,* etc..

Dêste modo se compreende o artifício da divisão em palavras realizado pelas escritas, a impropriedade de considerar a flexão apenas como final, e dum modo geral se estabelece a conveniência para o estudo das línguas de adoptar pontos de vista mais largos e mais sòlidamente firmados. E o mesmo se dá quanto à classificação das palavras e às divisões habituais da gramática, das quais apenas a fonética mantém uma certa independência. A morfologia, a sintaxe, a lexicologia, que tôdas elas envolvem relações entre significando e significante, sobrepõem-se constantemente. Actualmente, como dissemos, todos estes conceitos estão sendo objecto duma viva análise, embora se vão mantendo para fins práticos.

O aspecto histórico

Sob o ponto de vista histórico as línguas transformam-se pela acção de factores internos e externos. Quando uma população monolingue ocupa um domínio restrito, sem intercâmbio acentuado com populações doutra ou doutras línguas ou dialectos, e sem mudar de habitat, as variações são bastante lentas. E' o caso do lituânio, língua duma população rural estabilizada há muitos séculos, e pràticamente isolada: é a mais arcaica das línguas indo-europeias actuais. No entanto há sempre evolução. Os principais factores internos de evolução são os seguintes: nunca os pais impõem completamente a sua língua às gerações novas, nunca cessa o jôgo complexo das simplificações fonéticas e das regularizações analógicas, e, pelo lado afectivo, a linguagem vai igualmente envelhecendo, perdendo expressividade, o que conduz também a novos arranjos de estrutura, às variações de sentido das entidades fónicas, à formação de novos vocábulos — à sua transformação, enfim.

Quando se alarga o domínio duma população ao ponto de o intercâmbio entre todos os seus distritos se tornar mais raro, há innovações locais cujas ondas de propagação não atingem todo o domínio, não se dá compensação e formam-se dialectos, cuja evolução divergente pode levar até à incompreensão completa, à criação de línguas diferentes. E' o que se deve ter dado com o indo-europeu, e é esta, na sua essência, a teoria das ondas de Schmidt. Por outro lado o estabelecimento histórico de unidades culturais pode, inversamente, levar à maior ou menor fusão de dialectos em línguas comuns.

As circunstâncias externas da história dos povos influem mais intensamente nas transformações. Quando uma população monolingue muda de habitat, a própria alteração de condições geográficas pode determinar a alteração do condicionalismo fonatório. E' assim que se nota que os povos de montanha, qualquer que seja a sua família linguista, apresentam um sistema de guturais muito desenvolvido, e até semelhante em tôdas elas. O simples destacar duma parte duma população por efeito de migrações, quebrando os laços com a população mãe, tambem conduz a diferenciação lingüística. Mas as transformações mais importantes são as devidas ao contacto de populações de língua diferente, quer vivendo lado a lado, quer sobrepostas no mesmo território pelas conquistas e colonizaceõs. Ao contacto lateral resistem melhor, as populações geogràficamente defendidas, como as das penínsulas, das montanhas; é o caso do bretão, do basco. Em particular a adopção por um povo duma língua que não era primitivamente a sua introduz nessa língua perturbações de tôda a ordem, que conduzem depois a um novo estado de equilíbrio, diferente do anterior.

A evolução histórica duma dada língua reconstitui-se, na medida do possível, remontando, primeiro pelo estudo dos textos e inscrições antigas, e também pelo dos seus emprestimos de e a outras línguas, depois pela comparação com as línguas ramos e lingüísticos afins, até ao passado mais remoto a que se podem erguer conjecturas bem fundadas — para em seguida se descer numa só linha, e no sentido directo passado-presente, dentro da própria língua; mas a observação concreta do modo como as línguas faladas, sobretudo as populares, se transformam actualmente, como se criam as innovações e como elas se propagam, tem, naturalmente, como já dissémos um grande papel em tôda a interpretação restituitiva.

Existe alguma correlação entre as evoluções das línguas e o progresso das sociedades? O vocabulário tem, decerto, que seguir o desenvolvimento da civilisação; mas a estrutura? O que nos diz a êste respeito a linguística geral?

As suas inferências podem resumir-se do seguinte modo: se há decerto predomínios de certos tipos em determinadas épocas da vida das línguas, «progressos» de estrutura são todavia difíceis de estabelecer: ha grandes escritores, por exemplo, em línguas dos tipos mais diferentes. O único avanço bem definível é o que acompanha a própria marcha cultural das sociedades — o que conduz as línguas de concretas

e místicas, quais se nos apresentam nos povos inferiores, para abstractas e racionais, como as encontramos nos povos de civilização adiantada.

Conclusão

Aos estudos lingüísticos, quer aplicados ou filosóficos, dedicam-se hoje milhares de especializados em todos os grandes centros culturais do mundo, publicando os seus trabalhos em muitas dezenas de revistas, em innúmeros livros e monografias—isto já deixado de parte os campos mais extensivos da filologia, e tôdas as contribuïções que o exame das línguas vai trazendo, por seu turno, às suas sciências colaterais. Desde as grandes línguas literárias até às falas dos povos selvagens, desde as largas reconstituïções hipotéticas até às mais minuciosas histórias dos factos de cada língua, desde o decifrar de antigas escritas e dos textos mais arcaicos até ao emprêgo de elaboradíssimos métodos experimentais, a produção mundial é hoje enorme e maravilhosa; e o espectaculo de tôda essa actividade metódica e perseverante, dessa colaboração intensa emulando em apresentar surpresas, tôda uma sciência a crescer, a florir, a frutificar sob os nossos olhos, é decerto uma paga bem suficiente para a aridez relativa dos estudos iniciais.

Luís Cardim.

Nota—Sobre os assuntos da nossa exposição enviamos o leitor principalmente para as seguintes obras: Sandys, *A History of Classical Scholarship*; Delbrück, *Einleitung in das Studium der Indogermanischen Sprachen;* Panconzelli-Calzia *Die Experimentelle Phonetik in ihrer Anwendung auf die Sprachwissenschaft*; De Saussure, *Cours de Linguistique Générale;* Vendryes, *Le Langage.* Além destas, quasi todos os livros e artigos de Meillet contem ideias e informações do maior interêsse, e o mesmo se dá com os trabalhos sobre a linguagem de Ginneken, Jespersen, Sapir, etc.

Religião e Metapsíquica

Ao Dr. Charles Richet

O sábio Oldenberg, na sua «Religião do Veda», levanta um singularissimo problema, cuja solução póde ter capital importância para certos pontos da história das religiões.

O problema a que me refiro é a interpretação da seguinte particularidade do sacrifício animal na India: «Morto o animal, diz Oldenberg, pratica-se uma incisão, pela qual se retira o epíploon, envólucro das entranhas, particularmente rico em gordura... Eis a título de documento acessório, continua Oldenberg, a descrição que dá Açvalayana do sacrifício sangrento do Ashtaka: Êle mata o animal segundo o rito ordinário... retira o epíploon, faz a oblação dêle, citando a estância: Leva, ó Agni Jatavedas, o epíploon aos antepassados, à sua longínqua morada que tu bem conheces. Que para êles corram ondas de gordura...» (1)

E Oldenberg pregunta: «Donde vem, pois, o lugar isolado que é dado ao epíploon, relativamente à oblação dos membros da vítima?» (2) De facto, o problema é grave, porque não se trata dum

---

(1) Oldenberg – La Religion du Véda, tr. fr. de V. Henry, Paris, 1903, pág. 307. V. também Hubert et Mauss «Mélanges d'Histoire des Religions», Paris, 1909, pág. 60.
(2) Oldenberg, ob. cit. pág. 308.

caso particular do sacrifício na India. O mesmo ilustre indianista continua: « Não posso resistir a vêr no emprêgo do epíploon o vestígio duma preferência antiga e mais decisiva ainda, dada a êste orgão sôbre todas as outras partes do corpo. Suponho que tempo houve em que, de todos os órgãos da vítima, era o epíploon, se não o único oferecido ao deus, pelo menos o único consumido em sua honra, e parece-me achar a confirmação desta ideia na descrição que faz Estrabão do sacrifício sangrento entre os mais próximos parentes dos Hindus. Os Persas, diz êle, não consomem a vítima ao fogo, mas dividem-na entre si; contudo lançam ao fogo um bocado do epíploon.

Não faltam outros casos paralelos fóra da India: no Velho Testamento, são oferecidas no altar do sacrifício ígneo, os rins com a gordura e o epíploon... (1) No rito do sacrifício entre os Zulus, que descreve Callaway, (2) segundo o seu próprio testemunho, matam o touro que é aberto; tomam em seguida um pouco de gordura do epíploon, que queimam com incenso. A casa enche-se com o cheiro da gordura queimada, e crêem assim proporcionar um agradavel perfume às narinas dos espíritos protectores da tríbu ».

A tentativa de Oldenberg de explicar o emprêgo do epíploon por vestígios do culto do fogo, parece-me pouco feliz. « Talvez se devam vêr, diz, nêste tratamento do epíploon e no emprêgo do fogo como veículo do perfume, alguns dos ritos tão numerosos a que o fogo deve o seu papel de mensageiro, transportando a oferenda para a celeste morada, onde a esperam e a recebem os deuses ». (3)

Mas o facto a esclarecer é próprimente a preferência do epíploon, que, assim, fica sem explicação, continuando, pois, sem solução o problema proposto.

Todavia, êle é altamente interessante, e, se se pudesse explicá-lo menos vagamente, ter-se-ia esclarecido um ponto importante duma das ideologias do sacrifício, e digo duma das ideologias do sacrifício porque não creio na unidade dêste rito religioso, mas sim no seu poligenismo. (4)

Talvez, mesmo, que esta solução fôsse o ponto de partida de

---

(1) Lev. IV, 9.
(2) Callaway—Rel. Syst. of. the Amazulu. Pág. II, 141 a 177 (clt. por Oldenberg).
(3) Oldenberg, ob. cit., pág. 309.
(4) Em a nossa «Nova Teoria do Sacrifício» consideramos um núcleo de factos e de ideias que fariam aparecer o rito do sacrifício.

outras fecundas soluções dos inúmeros problemas da história das religiões. Assim, vale a pena, creio, que nos esforcemos por achar a solução de tão grave problema.

*

* *

Já penso há longo tempo que a origem das regiões deve ser procurada nos fenómenos metapsíquicos. As hipóteses de Spencer, Tylor, Fustel de Coulanges, GrantAllen, etc., fazendo assentar a origem das religiões no culto dos mortos, parecem-me verdadeiras, desde que se substitua a importância que alguns dêstes autores dão ao sonho, pela consideração dos diferentes fenómenos de metapsíquica subjectiva e objectiva. A crítica ao papel do sonho nos primitivos, já está feita (1) e mesmo com o refôrço que lhe trouxe Hirt, (2) conjecturando que os primitívos, alternando grandes, forçados jejuns com copiosa ingestão de alimentos, deveriam ter sonhos mais freqüentes e impressionantes, mesmo com êsse refôrço, dizia, a teoria do sonho está hoje sériamente comprometida.

Se se admite com Emilio Yung, (3) o sábio colaborador de Karl Vogt, que nos fenómenos a que hoje chamamos metapsíquicos eram mais freqüentes nos primitivos do que nos civilizados, estes com preocupações mais complexas e maior facilidade de expressão, que dispensa a telepatia, nêsse caso é evidente, como mais circunstânciadamente mostrarei em outro estudo, que a êsses fenómenos se deve a aparição das religiões.

Uma curiosa opinião de Confúcio a propósito dessa maior freqüência de tais fenómenos na antiguidade, é a seguinte: «Quando o mundo foi criado, os homens viveram muito tempo numa grande santidade; êles tinham *o dom da profecia* e possuiam além disso *forças sobrenaturais e miraculosas*» (4).

---

(1) Durkheim — Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse; Leuba — La Psychologie des Phénomenes Religieux; Halbwachs — Les Origines du sentiment religieux, pág. 29, etc.

(2) Hirt — Die Indogermannen, Strassburg, 1907, 2.º vol. pág. 488.

(3) Emile Yung — Hypnotisme et Spiritisme, — Paris. s. d. V. também Lombroso — « Hypnotisme et Spiritisme, tr. fr. Paris, 1910, pág. 145,

(4) Confúcio — Sind hind ou livro do século dos séculos, cit. por Delaage, in Les Ressuscités, 2.ª ed. Paris, E. Dentu ed. 1855, pag. 135.







ECTOPLASMAS EPIPLOICOS

Segundo o Dr. G. Geley e Dr. Schrenck Notzing

Este depoimento do venerando chinês é importante, baseado sem dúvida em velhas tradições, e igualmente digno de atenção é o idêntico de Cicero: «Porque nesta antiguidade tão remota, a física não era conhecida, só o foi muito depois, de sorte que os homens limitavam então as suas noções ao que a natureza lhes punha diante dos olhos. Não remontavam dos efeitos ás causas, e assim, por certas visões, nocturnas na maior parte, muitas vezes se determinavam a crer que os mortos viviam. (... visis quibusdam saepe movebantur, hisque maxime nocturnis, ut viderentur ii, qui vita excesserant, vivere» (1).

Admitindo, pois, provisoriamente, que numa antiguidade remota estes factos eram tão freqüentes como agora ou mais, podemos preguntar se a metapsíquica objectiva, particularmente a ectoplasmia, seria da mesma forma fenómeno corrente. A resposta parece ser afirmativa, pois que todos os povos, ainda os mais antigos, creem em fantasmas, e sabe-se hoje como os fantasmas objectivos são produzidos—por ectoplasmia.

A descoberta da ectoplasmia, reputo-a uma das mais formidáveis pela sua fecundidade, que tem feito o homem. Por ela serão resolvidos, creio, alguns dos mais perturbantes problemos biológicos e filosóficos que a humanidade tem formulado...

Esperemos que se estabeleça a convicção da realidade dêsses fenómenos. Para nós, depois dos trabalhos de Richet, Geley, Schrenck-Notzing, M.me Bisson, etc., a prova está feita, mesmo tendo em linha de conta as fraudes conscientes ou inconscientes dos médiuns, dos assistentes, obscuridade das sessões, insucessos, etc. (2).

Admitindo, pois, que em tempos remotos os mesmos fenómenos se deram, talvez com maior freqüencia e intensidade, somos forçados a crer que os homens que os presenciaram lhes procurassem dar uma interpretação e até, possivelmente, utilizá-los.

Vejamos o que se passa hoje com a médium Eva (Marta Béraud) estudada por M.me Bisson, Geley, Richet, Schrenck-Notzing, etc., e que já é objecto de vasta literatura. A descrição que nos faz Geley dos

---

(1) Cicero, Tusc. I. 13.

(2) Richet—Traité de Métapsychique, Alcan. Bisson—Les Phénomènes de matérialisation, Alcan; G. Geley—L'Ectoplasmie et la Clairvoyance, Alcan; René Sudre—Introduction à la Sclence Psichique, Payot; Schrenck-Notzing—Les Phénomènes Physiques de la Médiumnité, Payot; Schrenck—Notzing—Die physikalischen Phänomene der grossen Medien, Stuttgard, 1926; etc.

fenómenos que ela produs, descrição concordante com a de Richet, (1) vai-nos porventura fornecer a solução do problema proposto no começo deste artigo.

Assim relata o Dr. Geley: «Os fenómenos produzem-se — quando se produzem — ao fim dum tempo variável, por vezes muito curto, por vezes muito longo, uma hora e mais. Começam sempre por sensações dolorosas da médium, que dá suspiros, solta queixas intermitentes, recordando exactamente uma mulher nos trabalhos do parto. Estas queixas atingem o seu paroxismo no momento do princípio aparente do fenómeno. Diminuem ou cessam quando completamente formado. A aparição da substância é anunciada geralmente pela aparição de manchas brancas, luminosas, desde a dimensão duma ervilha à duma moeda de cinco francos, disseminadas aqui e além no vestido negro da medium, principalmente do lado esquerdo. Esta manifestação constitue um fenómeno premonitório . . . Falta algumas vezes, e outras vezes também não é seguido de qualquer outra manifestação. A substância propriamente dita pode sair de qualquer parte do corpo da médium, mas especialmente pelos orifícios naturais e extremidades do corpo . . . A saída mais freqüente, mais facil de observar, é a saída pela boca. Vê-se então a substância exteriorizar-se da superfície interna das faces, ceu da boca e gengivas.

A substância apresenta-se sob um aspecto variável . . . A mais curiosa destas aparências é a duma membrana largamente estendida, com franjas e nodosidades, e cujo aspecto recorda *absolutamente* o do epíploon . . . A substância tem uma tendência imediata, irresistível para a organização. Não fica muito tempo no estado original. Sucede freqüentemente que a organização é de tal modo rápida que nem deixa ver a substância primordial. Outras vezes, vêem-se simultâneamente a substância amorfa e representações mais ou menos englobadas na sua massa: p. ex. um dedo pendente no meio das franjas da substância» (2).

O ectoplasma, ainda nos informa Geley, pode ser sólido, gasoso e mesmo líquido. Nem só Eva apresenta êsse fenómeno: citemos Sta-

---

(1) Richet, ob. cit. pag. 664-684.
(2) Geley—De l'Inconscient au Conscient, Paris, 1919; pag. 55 a 58 id.—L'Ectoplasmie et la Clairvoyance, 1924, pag. 198 a 200.

nislawa, estudada por Schrenck-Notzing, o célebre Franek Kluski (1), etc. O ectoplasma sai, como ficou dito, do corpo do médium e é reabsorvido, quando cessa o fenómeno, no corpo do mesmo médium. Durante a sua exteriorização toma formas de membros, de corpos inteiros de seres humanos, e até de animais. Sob a forma de hastes rígidas, formando alavancas, produs *raps*, deslocações de objectos (2), etc.

Supomos que, chegados aqui, o leitor desatento, nos preguntará: — Mas que relação tem tudo isto com o problema enunciado por Oldenberg? E' justamente o que vamos ver.

* * *

Não cremos que para se estudar a lógica dos primitivos tenhamos de fazer uma mudança de coordenadas à nossa lógica, que tenhamos de invocar, na esteira de Lévy-Bruhl, uma prèlogica, com outras categorias. Se as concepções dos selvagens actuais nos parecem extravagantes e de certo modo irredutíveis à nossa lógica, é que êsses não civilizados, em presença de ritos e costumes que a tradição lhes impunha estritamente e tendo perdido o seu sentido primitivo, interpretaram-nos mais ou menos violentamente.

O que nos garante que a lógica do selvagem e do primitivo, é diferente da nossa? E' o facto, respondem-nos os seguidores da escola sociológica, das explicações que dão dos seus usos e costumes, e da estranheza dos mesmos.

E o que nos garante que essas explicações e esses costumes não são degenerações, deturpações de raciocínios e práticas hoje sem sentido, mas primitivamente conforme à nossa lógica? — E' que há uma lógica diferente para os primitivos, respondem-nos de novo.

Estamos caídos numa petição de princípio grave e que inutiliza, parece-nos, toda a construção do ilustre autor das «Funcções Mentais nas Sociedades inferiores».

Mas, voltando ao nosso caso, ja dissemos que a crença universal em fantasmas, tanto objectivos como subjectivos, postula a sua reali-

---

(1) Geley — L'Ectoplasmie, etc. pag. 233.
(2) Crawford — La mécanique Psychique, passim.

dade e já conhecemos o mecanismo da formação dos fantasmas objectivos—a ectoplasmia.

Na preïstória aparece com insistência o culto dos mortos (1), o que mostra a crença na sobrevivência da alma, que, como em outro lugar tentaremos provar, tem por origem os fenómenos metapsíquicos; e nos diferentes livros religiosos, poemas, tragédias, etc. da antiguidade, surgem a todos o momento os fantasmas.

Por tudo isto, e ainda pela consideração da possível maior freqüência desta ordem de fenómenos, é legítima a hipótese de que os primitivos conheceram a ectoplasmia. Se se aceitar esta hipótese, rasga-se um horisonte novo para a filosofia das religiões. Com efeito, conhecendo o primitivo a ectoplasmia, vendo que à produção do ectoplasma, se seguiam formas humanas animadas, e tendo a crença em espíritos de mortos, que a metapsíquica subjectiva lhe teria dado, suporia imediatamente que para um espírito de morto aparecer, precisava inserir-se na substância que o *médium* exteriorizava. Este raciocínio é elementaríssimo. Chegaria também à conclusão de que o ectoplasma, saindo do corpo do médium e para êle voltando, residia no corpo do médium, e, como o ectoplasma saia sob a forma de epíploon, chegaria o primitivo também à noção de que era o próprio epíploon que saía do médium, ou que o ectoplasma residia no epíploon.

Mas o fenomeno é doloroso (como se viu em Eva) e, sobretudo, não se pode reproduzir à vontade. Então viria a consideração de que extraindo o epíploon a um animal, a substituição seria eficaz, poderia o espirito do morto inserir-se nêsse epíploon como num epíploon dum médium, e eis a razão por que o epíploon aparece no sacrifício dos Hindus, dos Persas, dos Hebreus, etc.

Compreende-se agora que, tratando-se de fenómenos que por um condicionalismo especial exigem a obscuridade, se procurassem os antros, as cavernas, sítios escuros e limitados. Por a mesma razão aparecem nos templos compartimentos escuros e pequenos (2).

---

(1) Mainage — «Les Religions de la Préhistoire, Paris, 1911; Luquet — L'Art et la Religion des Hommes Fossiles, Paris, 1926; Dr. Leite de Vasconcellos — Religiões da Lusitania, Lisboa, 1897-1913; Dr. Mendes Correia — Os Povos Primitivos da Lusitânia, Pôrto. 1924, e «Homo» Coimbra, 2.ª ed. 1926; Dr. Aarão de Lacerda — O Fenómeno Religioso e a Simbólica, Porto, 1924; Morgan — L'Humanité Préhistorique, Paris, 1924; Obermaier—El Hombre Fósil, Madrid, 2.ª ed. 1926; Renel-Les Religions de la Gaule, etc.

(2) cf. p. ex. Glotz—La Civilisation Égéenne, Paris, 1923, pag. 330.

Tudo isto será objecto de outros artigos.

Assim, certa modalidade do sacrifício consistia em oferecer o épiploon dum animal a um morto para êle (o seu espírito) aí se inserir e comunicar com o vivo. Rito eficaz? Sem dúvida era eficaz o ectoplasma do médium. Eficaz neste sentido—que formas humanas apareciam, possivelmente *raps*, luzes, deslocação de objectos se produziam. Este apecto espiritoide só podia ter uma interpretação para o primitivo—o da intervenção dos espiritos. Para nós, hoje, o caso sofre discussão.

Mas, se o médium era eficaz, o seu substituto, o epíploon dum animal, também o seria? Se tivermos em vista que o espaço onde se reuniam era acanhado e obscuro, e que a emoção e exaltação dos assistentes eram grandes, podemos supor que se produziriam fenómenos metapsíquicos nessas reuniões, e daí o manter-se a inovação.

Ainda haveria um estudo interessante a fazer sôbre as lendas e superstições dos matadouros.

*
* *

Contudo, a consideração de que o ectcplasma residia no epíploon ou era o próprio epíploon, não seria a única que fizessem os primitivos. Vimos, há pouco, que o ectoplasma nem sempre é sólido, mas que também se apresenta líquido e gasoso. Daí também a suposição de que estivesse contido no sangue, no leite, nos vapores ou no fumo, no acool, nos perfumes...

Outras tantas maneiras de fazer comunicar o espirito do morto com os vivos.

Compreende-se agora o papel do sangue nos altares, que é quási universal nas velhas religiões; compreende-se a morte duma ave e respectivo derrame de sangue para ajudar as faculdades metagnómicas das bruxas; compreendem-se as evocações por intermédio do sangue vertido, como é o caso, p. ex. na Odyssea, quando Ulysses, entrando no Hades, espalha o sangue dum bode e dum cordeiro negro, sangue que as pálidas sombras (espiritos sem ectoplasma) se apressam a beber, o que lhes permite tomar a palavra (1).

---

(1) Homero — Odyssea, XI, XII. V. alguns casos curiosos em Beuchat — L'Archéologie Américaine, Paris, 1912. Note-se que o sangue humano é muitas vezes empregado, talvez por o suporem mais eficaz que o dos animais.

Há uma infinidade de casos baseados na mesma ordem de ideias. Ex. «O monolito mencionado no Popol Vuh, tinha um ghabghab ou sulco diante, que se enchia com o sangue do sacrifício, e que o deus entrava na pedra quando se punha o sangue, vê-se destas palavras: mas na verdade não era pedra então, os deuses vinham então um a um (1).»

Outro: «o sangue das aves e das corças era derramado pelos caçadores na pedra de Tohil e de Avilix (deuses-espiritos); e quando os deuses tinham bebido o sangue, a pedra falava» (2).

Entendem-se as mais subtis praticas, como dictadas por uma logica perfeitamente correcta, segundo os dados que possuiam os primitivos.

Exemplo dum rito estranho: Na China pontua-se com sangue a placa que tem o nome do morto e encorpora a sua alma, particularmente no lugar dos olhos e das orelhas. Imediatamente o sangue anima êsses orgãos e faz com que a alma alojada na placa ouça e veja (3)». Quere dizer: o espirito inseria-se nos pontos banhados pelo sangue (suposto abrigo do ectoplasma).

Um problema curioso de preïstoria, as pedras com covinhas (4), de que dá abundante informação o ilustre sábio português Dr. Leite de Vasconcelos, resolve-se fácilmente com a nossa hipótse. Essas covas, êsses *godets*, eram destinados a receber gordura ou sangue, onde se introduzisse o espirito dos mortos para atender súplicas ou simplesmente para satisfação de parentes. Que a interpretação é verdadeira, prova-o o facto de, na Escandinavia, ainda untarem essas covinhas com gordura e encontrarem-se vestigios, na Prussia e na Suécia, de terem sido, de fresco, untadas com gordura. (5)

O sangue é algumas vezes substituido por tinta vermelha. «Em Dakatah, antes de resarem a uma pedra, pintam-na com qualquer tinta vermelha, tal como ocre vermelho» (6); outras, por vinho.

Continuando na interpretação pelo ectoplasma dos diferentes fenómenos religiosos, citemos o curioso passo do poema babilónico de

---

(1) Jevons—An Introdution to the History of Religions, London. 1896, pag. 134.
(2) Jevons, ob cit, pag. 134.
(3) Chavannes—Le Culte du dieu du Soleil, cit. por Dussaud «Introduction à l'Histoire des Religions, Paris, 1914, pag. 208.
(4) Em alguns pontos da Alemanha, chamam-lhes Todtensteine, pedras dos mortos (Dr. Leite de Vasconcelos).
(5) Dr. Leite de Vasconcelos—Religiões da Lusitania, Lisboa, vol. I, 1897, pag. 356 e 358.
(6) GrantAllen—The Evolution of the Idea of God, London, 1897, pag. 110.

Gilgames, quando os deuses (espiritos) se reunem como moscas, por cima do sacrificador, farejando o bom cheiro (1).

São os espíritos desprovidos de ectoplasma que acodem à materialização, à actividade.

O P.e Vincent, tratando das cavidades praticadas nos hipogeus de Canaan, diz que, sôbre cada túmulo mais ou menos venerado das necrópoles, póde-se vêr sempre o *godet* (cf. as pedras com covinhas de que já falamos) onde alguma mão piedosa manterá mais ou menos piedosamente, água, azeite, muitas vezes, mesmo, um pouco de sangue duma vítima imolada «para pôr os vivos em comunicação com os mortos num banquete fúnebre». (2) Compare-se êste uso com a mesa das oferendas dos egípcios. (3)

A ideia de que o morto comia e bebia, é já uma das tais interpretações violentas a que me referi, em face dum rito cujo significado se desconhece. (4)

O sentido primitivo era fornecer ao espírito do morto ectoplasma de que êle necessitava quer para animar o corpo que abandonara, quer simplesmente para poder comunicar com os vivos. (5)

---

(1) Dhorme – Choix de Textes religieux Assyro – Babyloniens, Paris, 1907, pag. 115.

(2) H. Vincent—Canaan, Paris, 1907, pag. 254.

(3) Maspero — Hist. Anc. des Peuples de l'Orient Classique e Maspero—Les Tables d'Offrandes des Tombeax egypciens in Rev. de l'Hist. des Réligions, 1897.

(4) Alguns povos deram essa interpretação desde tempos muito remotos, p. ex. os Egípcios e os Assírios. Para êstes últimos, cf. «The Cambrige Ancient History, 1924, pág. 549». Essa interpretação levou Foucart (Histoire des Religions et Méthode Comparative, 1912) a atribuir ao sacrifício, como origem, a alimentação aos deuses e espíritos.

(5) Estas manipulações com sangue, gorduras, etc., estavam até aqui sem explicação. Por muito engenhosa que seja a hipótese de Wundt (Völkerpsychologie, 4.º vol. 1.ª parte, 1910, pag. 93) de que os primitivos consideram o sangue como veículo da vida por verem que os feridos, perdendo o sangue, perdiam com êle a vida, não explica a persistência, a expansão, a complexidade dos ritos.

René Dussaud (Introduction à l'Histoire des Religions, Paris, 1914, pag. 290) define que «uma religião é constituida por um conjunto organizado de crenças e de ritos que se propõe aumentar e perpetuar o princípio de vida do indivíduo, do grupo e da natureza». O sangue seria, entre outras substâncias, um portador do princípio de vida. Mas que alucinação prodigiosa levaria o homem, por esta magra e afinal errónea noção (não tendo em conta a ectoplasmia) de que o principio da vida estava no sangue, na gordura, etc., às estranhas práticas, sem eficácia presente e sem tradição de eficácia pretérita, que vemos, a bem dizer, uniformes no mundo inteiro?

Frazer (La Tâche de Psyché, tr. fr. 1914, pag. 118 e seg.) mais prudente, diz que a causa do sangue nos ritos de purificação não é muito clara, e sugere que essa causa seja a virtude purgativa atribuida ao sangue, mas acrescenta que é pouco provável que esta explicação convenha a todos os casos em que se derrama sangue para purificação e conclue que «as vias do homem são maravilhosas e excedem por vezes o nosso entendimento». Todavia os casos que cita são fácilmente explicados pela nossa

*

* *

Já atribuimos ao primitivo um raciocínio extremamente simples: se o ectoplasma sái do corpo do medium e para lá volta, é porque reside no corpo do médium. Dissemos também da substituição do médium por substâncias tiradas de animais, substituição que se baseava num raciocinio também elementar. Vamos agora supôr que o primitivo fez ainda esta interrogação: se o ectoplasma está no corpo do médium, de que se formará êle? E a resposta seria—dos alimentos.

Com efeito, parece que esta resposta chegou a ser formulada pelo primitivo, pois que vemos referências ao princípio da vida (ectoplasma) contido nos alimentos. O Egipto dá-nos uma noção, a do *Ka*, que tem embaraçado os egiptólogos. Lepage—Renouf (1) considerando o *Ka* como imagem e génio protector, não traduz a palavra. Maspero traduziu-a por *duplo*, porque o *Ka* do rei é ás vezes representado ao lado do Faraó como «uma espécie de sombra clara, análoga a um reflexo, a uma projecção viva e colorida da figura humana, um duplo que reproduzia nas suas menores minudências a imagem exterior do objecto a que pertencia». Êste sentido de *duplo* foi por muito tempo admitido sem discussão, consoante informa Moret, mas Lefébure preferia traduzir *Ka* por génio, e mais recentemente Steindorff afirmou que o *Ka* dos reis seria um deus protector e não uma efige á semelhança do faraó. Loret e Moret (2) inclinaram-se para que o *Ka* fôsse o totem do indivíduo. Mas Von Bissing chamando a atenção para os textos em que a raiz *Ka* (no plural *Kau*) designa os alimentos, as oferendas e, em geral, tudo o que serve para sustentar a vida, vê no *Ka* uma personificação do que no homem depende do alimento. O própro ilustre egiptólogo Moret nos diz que, de facto, «o *Ka* simbolisa também a fôrça que reside no alimento.»

A sagacidade dum Maspero não se enganava, porêm, tão fácilmente. De facto, muitas vezes o *Ka* é o duplo, segundo os textos dados pelo mesmo Maspero.

---

hipótese, assim como os exorcismos, as flagelações rituais, as irmandades de sangue, os mistérios que se complicam com factos de metapsiquica subjectiva, e até os ritos agrários. Voltaremos a êste assunto.

(1) Moret—Mystères Egyptiens, Paris, 1913, pág. 199 e seg

(2) Moret, ob. cit. pág. 212. V. no entanto Moret et Davy—Des Clans aux Empires, Paris, 1923.

Como conciliar estas acepções diversas? Identifiquemos *Ka* ao ectoplasma. Será o princípio de vida contido no alimento, pois que o ectoplasma, princípio de vida, princípio misterioso, passa do alimento para o corpo; e será o duplo do indivíduo, pois que o ectoplasma exteriorizado, pode revestir qualquer forma, incluindo a do próprio médium.

Admitindo, pois, que o primitivo chegou à concepção de que o ectoplasma do indivíduo lhe era fornecido pelos alimentos, interpretaremos as oferendas de alimentos aos mortos, não como meio de os alimentar como a vivos, mas como substitutos, por sua vez, do epíploon, do sangue, da gordura, do leite, numa palavra, das substâncias geradoras, no raciocínio dos primitivos, de ectoplasma.

No seguinte trecho de Tylor, vêem-se em acção sobrevivência destas diferentes ideias: «Antigamente, quando dos banquetes fúnebres entre os Eslavos, os convivas, conservando o mais profundo silêncio, lançavam para debaixo da mesa bocados de carne, e imaginavam ouvir os espíritos esvoaçarem por todos os lados e vê-los alimentarem-se com as emanações e com o perfume dos alimentos. Temos diante de nós, continua Tylor, a descrição dum dêstes banquetes fúnebres. Os assistentes convidavam a alma do morto, que julgavam ver à porta da sala, a vir juntar-se a êles, e cada um dos convivas atirava bocados de carne ou lançava vinho para debaixo da mesa, para que a alma se pudesse refrescar. Não se apanha o que cai no chão. Estes restos são destinados às almas errantes que não teem parentes nem amigos. Terminada a refeição, o padre levanta-se da mesa, varre a casa e expulsa as almas dos mortos, dizendo estas palavras: «ide embora, já comestes e já bebestes» (1).

Na mesma obra do insigne etnógrafo assim como nas de Bastian, Frazer (2), Jevons, etc., se encontram numerosos casos idênticos a êste e aos que ficam apontados.

Assim se explicam na nossa hipótese, satisfatoriamente segundo cremos, os banquetes fúnebres, de uso universal, e os exorcismos. E, se nos lembrarmos que o fumo e o álcool seriam tidos também por substâncias ectoplasmogénicas, compreendem-se as fumigações com arô-

---

(1) Tylor — La Civilisation Primitive, tr. fr. de Barbier, Paris, 1878, 2.º vol. pag. 53.

(2) Frazer — The Belief in Immortality London, passim.

matas nos usos religiosos e mágicos, bem como os brindes, que são desejos expressos diante dum liquido alcoólico, onde se podem inserir espíritos capazes de exalçarem os votos formulados, ou serem os intermediários perante espíritos superiores ou deuses (1).

José Teixeira Rego.

(1) As bebidas inebriantes e as fumigações podem ter aplicação também para fenómenos de metapsíquica subjectiva, bem como os jejuns, dansas, ruidos monótonos, o silêncio, o peiotl, etc. Para alguns dêstes dêstes meios, V. Maxwell—La Magie, Paris, 1922. O Dr. Maxwell diz deles (pag. 242) «O seu fim é idêntico: é a indução de estados oníricos, sonambúlicos, cujas fórmas e variedades podem mudar, mas que teem um caracter comum — o enfraquecimento da actividade consciente». Para o peiotl, V. Roupier — Le Peiotl, Paris, 1926.

Cemitério da Infância

Quando olho o Céu, e êle é todo anilado,
Ao florir das estrêlas como rosas,
Sinto dedos de mágoas carinhosas
Tocando-me, de leve, o olhar cansado.

E ponho-me a scismar no triste Fado
Que vos cabe, em partilha, mães chorosas,
Sombras que junto às campas silenciosas
Rogais descanso eterno ao filho amado!

Oh, tristeza imortal! haver quem chame
Pela eterna mudez! haver quem ame
A frialdade negra do mistério!

Oh, tristeza imortal do meu Destino!
—Ando a evocar lembranças de menino
Entre as cruzes dum frio cemitério!...

EDUARDO SALGUEIRO.

(Do livro a sair «*Rosário de Gente Humilde*)».

BIBLIOGRAFIA

O Ramo d'Oliveira — **Adriano Anthero.** — Companhia Portuguesa Editora, L.da. Pôrto.

Á acrescentar à sua obra de jurista dos mais ilustres, alguns livros de poesia e romance. O Dr. Adriano Anthero é um expositor de Direito dos mais consultados por especialistas e estudantes, e como advogado possui uma carreira brilhantissima.

Mas as carreiras do fôro não apagaram nele o homem de coração, o escritor que procura amenisar a sua vida de causídico erudito pela cultura literária. Publicou agora um romance: *O Ramo de Oliveira*, páginas de uma deliciosa amenidade onde se descreve um enrêdo simples que começa pelo ódio ferrenho de duas familias e termina no apaziguamento de felizes dias. A peripécia decorre sem grandes violências, áparte o episódio do inicio onde o rancor aparece para logo se esbater em situações mais calmas, embora perturbadas pela renúncia temporária de projectos queridos que veem por fim a realizar-se.

*
* *

Arte Portuguesa - Pôrto — **Carlos de Passos.** — edição Marques Abreu.

Mais um alto serviço prestado à arte portuguesa pelo editor cultissimo que é Marques Abreu, a quem a história da arte nacional tanto deve: é esta publicação um pequeno album belamente documentado com gravuras sôbre fotografias suas, saídas da sua oficina, e que reproduzem os mais ricos conjuntos e trechos arquitectónicos do Pôrto, acompanhados da sua história e descrição arqueológica feitas pelo Dr. Carlos de Passos, o autor das *Lembranças da Terra*.

O que havia de escrito a êste respeito encontrava-se disseminado. Lembremos por exemplo as valiosas páginas de Joaquim de Vasconcelos na *Arte Religiosa* consagradas à Sé portuense, e ainda as contribuições importantes de outros autores como Raczinsky, Watson e Sousa Viterbo. O Dr. Carlos de Passos veiu porém completar o que existia de disperso com os resultados da sua observação pessoal e do seu consciencioso estudo.

*
* *

O Fado—**José Maciel Ribeiro Fortes.**—Companhia Portuguesa Editora, L.da. Pôrto.

O livro do Dr. José Fortes é todo êle um protesto veemente contra essa afirmação em voga que proclama o Fado a canção nacional por excelência.

Não se trata de uma simples diatribe, mas de um estudo escrito com toda a probidade literária. O autor investigou com um escrúpulo de historiador as origens do Fado, rebuscou tudo aquilo que directa ou indirectamente se liga ao tema que se propoz tratar, e assim publicou um livro digno do maior êxito literário. Ele não se esqueceu de citar todos os que teem contribuído para a história e crítica do Fado, a canção que o Dr. Manuel Ramos, êsse brilhante espírito, chamou *um documento etnográfico do maior interêsse.*

O Dr. José Fortes procurou incansávelmente nos nossos antigos e novos escritores todas as referências, não desprezando até as mínimas alusões, mas que para o caso lhe ofereciam a maior importância como subsídios.

Com razão liga o problema fadográfico aos problemas etnográfico e folclórico. Logo de princípio, o Dr. José Fortes define a sua atitude, condenatoria, sem duvida, para o Fado, que é «entre nós o que as canções do vício são nos outros países — emanação doentia dos focos de podridão», «índice da nossa inércia».

Aceitando a sua *proveniência negróide*, não deixa contudo de apontar o concurso de vários factores «que entraram em actividade dentro de um ambiente próprio». O Fado não é pois para José Fortes um produto ortodóxo de uma só samba ou produção músico-cancional africana, mas «o resultado da acumulação de todos os dengosismos, de todos os lamechismos, de todas as dolências e langorosidades do povo (cultivadas e avivadas até aos fins do século XVIII pelas variadas danças e músicas que sempre encontraram bom e gostoso acatamento na alma eternamente lírica do português) e que adentro do período romântico veio achar a expressão máxima, eclodindo numa forma cancional em que o corrosivo da apatia negróide, traduzida pela monotonia do som, predominava em absoluto».

Pela eurística fadográfica, José Fortes chega à distinção de elementos básicos primordiais do Fado e elementos básicos secundários, destacando dos primeiros, sobresaindo e sobrelevando a todos, o *lundum*, citando dos segundos as danças, árias, modas, músicas e cantos que principalmente se produziram no século XVIII no meio dissolvente de Lisboa, e ainda a acção exercida pelo movimento espiritual romântico.

O livro do dr. José Fortes, tem, pois, o maior interêsse para os etnógrafos e para os historiadores da música portuguesa.

*

* *

A India Contemporanea, — **Santana Rodrigues** — edição J. Rodrigues & C.ª.

O Dr. Santana Rodrigues escreveu um livro cheio de actualidade, focando a Índia de hoje, o Oriente distante, para nos mostrar o que há de belo e rejuvenescedor nos movimentos nacionalistas impulsionados pelas tradições mais brilhantes da história, da filosofia e da literatura hindús. E' uma convulsão que aumenta de dia para dia, alimentada por uma aspiração de independência e de liberdade. Santana Rodrigues mostra a ndia como ela é, sem a muralha de mistério a ocultar-nos a sua vida politica, social, scientifica e artistica. Ele insurge-se contra o que chama a *fraude da história* que faz da .ndia e da sua existência secular um *fugaz episódio* no mundo. Lembra então os grandes impérios hindús como o de Maurya, o de Gupta e de Vardhana.

A Índia é desconhecida; a sua história é um capitulo vago. Tem que se pôr de parte a lenda da barbárie para se vêr a nobreza da moral indiana — a sua honestidade, o seu amor à verdade, e a fidelidade. Santana Rodrigues afirma que a ndia de hoje não se contenta em ser apenas um museu de antiguidades para regalo dos orientalistas; *ela exige o seu lugar privilegiado no legado histórico da humanidade.* E' bem interessante o confronto sincrónico que êste escritor faz entre a civilização europeia e a civilização hindú; se os europeus teem Homero e Vergilio, os hindús possuem Valmiki e Kalidas, toda uma filosofia, uma literatura magnifica, onde se destaca um dos maiores escritores actuaes: Rabindranath Tagore.

O Dr. Santana Rodrigues critica o dominio inglês e fala da reacção que contra êste se levanta, personificada numa alta figura politica, Mahatma Gandhi, investido pelo Congresso Nacional de toda a Índia na plena autoridade de dirigir os destinos do país.

E' pois êste livro pela generalidade dos problemas que versa um subsídio importante para o estudo da grande questão do Oriente.

Teixeira Lopes — **Visconde de Vila Moura** — Companhia Portuguesa Editora, L.da. Pôrto.

Não se perdeu, felizmente, a bela lição de Arte proferida pelo Visconde de Vila Moura no salão nobre da Universidade do Pôrto, quando a Associação Académica quiz prestar a sua homenagem a Teixeira Lopes pela sua entrada no Instituto de França. Essa lição foi agora publicada permitindo-nos assim recordar a admirável critica do artista que é o Visconde de Vila Moura ao estatuário eminente que é Teixeira Lopes. A obra de escultor exigia uma visão profunda que revelasse o seu sentido. Havia, é verdade, sôbre Teixeira Lopes o livro de Antonio Arroyo, sem dúvida do melhor que em estética se tem escrito em Portugal, mas êste estudo não ia àlem de 1899, estando já fóra do seu âmbito muitas produções do artista que apareceram depois.

O Visconde de Vila Moura, que é o primeiro a lembrar com justiça êsse livro de Antonio Arroyo, percorre a obra do Mestre estatuário, detendo-se nas suas criações mais marcantes, desde o Caim, «instantâneo de uma crispação extravagante», ao monumento a Alfredo Keil, «*monumento à Harmonia*».

O Visconde de Vila Moura consegue nestas palavras exprimir o seu juizo de valor àcerca de Teixeira Lopes: «As suas estátuas, sem o *exagêro* que noutros artistas contrasta o *caracter*, resultam verdadeiras sem artificio, notáveis sem convenção». E para completar de uma maneira bem concisa a sua critica, Vila Moura põe em confronto a *terribilidade* de Donatello e o «*magismo* sereno do Estatuário português, cuja especial fôrça reside no seu maravilhoso equilibrio perante o *estranho*, o *anormal*.»

*

* *

O Poeta da Ausência — **Visconde de Vila Moura** — edição de «A Renascença Portuguesa».

O Visconde de Vila Moura conhece intimamente o «Poeta da Ausência», tem-no acompanhado, seguido sempre desde as suas primeiras horas de revelação, quando na revista a «Águia» há anos, êle começou a colaborar: Mario Beirão foi desde logo julgado áparte, como um artista *diferente*, raro, senhor de uma inconfundivel personalidade.

Vila Moura traça o seu perfil literário sôbre o extenso fundo da paisagem alentejana, que o Poeta das Pastorais cantou como ninguém na sinfonia imensa dos seus versos.

Vila Moura fala da Terra, «o supremo elemento na estatuária dificilima da carne, da Alma»: foi o Alentejo que modelou o Artista, «medium

em que falam os elementos.» Ele vê no *Último Lusíada* «uma das provas mais entranhadas de identificação de um Poeta com a Terra.» E a propósito do «extravagante claro — escuro», da «miragem espectral da mesma alma da campina infinita» lemos em Vila Moura uma descrição notável da característica província do Sul que serviu de grandioso motivo ao «Poeta da Evocação do Ermo e da Côr».

O Artista dos *Doentes da Belleza* faz gratamente a apologia de «um dos mais altos espíritos contemporâneos»:

«Onde entre os novos líricos, quem como Mário Beirão, vença o Mistério, enchendo de razão contemplativa e do poder mais extranho, ainda quando obscuro a sua obra?»

*
* *

O Limbo de Pedro Ivo—**Fernando de Macedo Lopes**—Depositário Fernando Machado & C.ª.

É um livro que põe em foco o seu autor, como manifestação de um temperamento literário e de um caracter cheio de nobreza.

Macedo Lopes exalta com justiça a memória de seu Pai, Carlos Lopes, o contista dos *Serões de Inverno*, que às «existências obscuras» votou toda a sua Arte, e conhecido na história da nossa literatura pelo pseudónimo de Pedro Ivo.

Macedo Lopes fala da ascendência de Pedro Ivo, da sua vida sem mácula, e leva-nos ao tempo em que iniciava a sua carreira no jornal «O Commercio do Porto», merecendo a atenção dos consagrados, que, como Herculano, anteviram nêle um escritor.

Macedo Lopes refere-se a Camilo que considerou Pedro Ivo a continuação do gentil espírito de Gomes Coelho, com o que não concorda, embora esta opinião lhe seja grata. Macedo Lopes, distingue os dois, vendo em Julio Denis o romancista e em seu pai o contista que com três palavras diz tudo. com quatro pinceladas faz um quadro e com dois traços uma alma. Sem dúvida, «ambos receberam de Dickens proveitosa lição», podendo antes ser considerados condiscípulos, mas não um mestre do outro, como se escreveu.

O livro de Fernando de Macedo Lopes é interessantíssimo: o romance da vida de Pedro Ivo cheio de dignidade e de sacrifício, passa diante de nós, relembrado numa prosa onde há muita côr e muita emoção.

Macedo Lopes cumpriu um dever: memorar seu Pai, «dar à estampa os papeis que o seu limbo continha». Definiu com beleza o vulto literário de Pedro Ivo.

Manual Bibliografico Portuguez, de livros raros, classicos e curiosos, coordenado por Ricardo Pinto de Matos, revisto e prefaciado pelo Snr. *Camilo Castelo Branco.* 1 vol. . . . . 75$000

Obra rara e de grande valor bibliofilo. Poucos volumes existem.

Manual de Citações Camoneanas, colecionadas por Narciso José de Morais. 1 vol. brochado. . . . . 3$000

Manuel (O) de Oliveira. — A Escola Primaria e a Emigração Portugueza, por Antonio Simões Lopes. 1 vol. cartonado . . . . . 7$500

Livro muito util para brindes ás crianças, pois encerra lições de grande valor moral.

Maranos, (poema), por Teixeira de Pascoais. 1 vol. brochado. . . . . 12$500

Maria Luiza,—Memorias duma mulher sem estado. Estudo psicologico, pelo Dr. Antonio Ferreira. 1 vol. brochado. 10$000

Obra a que a critica jornalistica dispensou o melhor da sua carinhosa atenção.

Mario.—Romance historico, pelo Dr. Silva Gaio. Nova edição). 2 vols. . . . . 12$500

Marquez (O) de Niza. Dois anos de aventuras documentadas. Romance historico, maritimo, por Eduardo Noronha (Nova edição). 1 vol. brochado. . . . . 12$500

Memorias de um Galego. — Notas e observações dum creado que serviu 40 anos na intimidade de politicos, banqueiros, titulares, mulheres, etc., por Eduardo de Noronha. 1 vol. brochado. . . . . 12$500

Memorias do Mata-Carochas, pelo Dr. Antão de Vasconcelos, prefaciadas por José do Patrocinio. 1 vol. brochado. . . . . 10$000

Memorias do tempo de Camilo. — A. A., por Alberto Pimentel. 1 vol. brochado. . . . . 10$00

Meus (Os) Segredos, para agradar e para ser amada, pela Baroneza Staffe. 1 vol. brochado. . . . . 10$000

Meus (Os) Pequeninos, por Estefania Cabreira e Oliveira Cabral. 1 vol. contendo 25 musicas faceis e 25 Poesias ilustradas, muito proprio para brinde de anos, Natal ou Pascoa . . . . . 7$500

Mildiú (O).—Forma de inutilizar os seus efeitos, por A. Batalha Reis. 1 vol. brochado. . . . . 8$000

Mirèia, (Poema), por Frederico Mistral. Tradução de João Aires de Azevedo e Manoel Teles. 1 vol. brochado . . 10$000

Misterios do Porto. (Romance) por Gervasio Lobato. 5 vol. brochados . . . . . 40$000

Monarquia e Republica. — Carta ao Snr. Dr. Bernardino Machado, por Henrique Baptista. 1 vol. brochado. . . 2$500

Monografia (A) do Alvor, por Francisco X. de Ataíde Oliveira (Dr.) 1 vol. brochado . . . . . 12$500

Monografia de Ermezinde, por Humberto Bessa. 1 vol. ilustrado . . . . . 12$500

Monografia da Luz de Tavira, por Francisco X. de Ataíde Oliveira (Dr.) 1 vol. brochado . . . . . 12$500

DIÓNYSOS

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Director—Aarão de Lacerda
Secretário—José Maciel Ribeiro Fortes

EDITORES E PROPRIETÁRIOS
Companhia Portuguesa Editora, L.da

Redacção e Administração — **Rua da Boavista, 311—PÔRTO**

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Secretário da Redacção.

SÓ SE PUBLICAM INÉDITOS

COLABORAÇÃO SOLICITADA

Aberta a assinatura na

Companhia Portuguesa Editora, L.da

e em todas as livrarias

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

CONDIÇÕES PARA A ASSINATURA:

Cada fascículo	7$00
Grupo de 10 fascículos desde o 1.º número	50$00

Cada fascículo é liquidado no acto da entrega

Nome .....

Deseja assinar ..... fasc., que liquidará no acto da recepção.

Morada .....

Localidade .....

DIÓNYSOS

REVISTA DE FILOSOFIA
SCIÊNCIA E ARTE



DIÓNYSOS

2.ª SÉRIE

REVISTA BIMESTRAL DE FILOSOFIA, SCIÊNCIA E ARTE

DIRECTOR

Adrião de Cáceres

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA BOAVISTA, 311 — PÔRTO

Telefone 4115

ABRIL DE 1926

N.os 1 e 2

SUMÁRIO

[illegible]

Composto e impresso

na

Empreza Portuguesa Editora, L.da

PÔRTO



BIBLIOTECA UNIVERSIDADE

Sôbre Algumas Páginas de Spengler

COSTUMAM os espíritos superiores ter um sorriso de desprezo para os que, o parafraseando uma expressão de Chamberlain, chamam os « insectos historiantes » . . .

Enamorados das vastas sínteses em que as frases rutilantes teem adeqüado cabimento e em que são mais fáceis os jogos malabares de palavras que garantem o aplauso público — consideram como trabalho despiciendo o dos eruditos que, rodeados dos *Corpus Inscriptionum* e curvados sôbre os velhos textos, procuram reconstituir em seus mínimos pormenores os acontecimentos do passado. Inteligências que rastejam na treva e na inferioridade, os seus livros, meros e desprezíveis repositórios de factos, apenas são bons para servirem de tema de discussões furibundas nas academias, para, ao fim de algum tempo, tranqüilos nas estantes, começarem a ser lentamente cobertos pelo pó dos tempos.

Para o filósofo da história construir os seus sistemas e traçar as

suas leis e formular as suas conclusões, bastam apenas dois ou três factos mais importantes, daquêles que andam nos compêndios clássicos e que toda a gente conhece; deformados ao sabor de idéas preconcebidas, êstes sucessos servirão para provar tudo o que se quizer, à boa maneira sofista, e para sôbre êles se basearem as mais arrojadas teorias. A cronologia é, sempre que constitui empecilho, considerada elemento de somenos valor e posta de lado com a maior das facilidades; a crítica das fontes é letra morta, aponta-se como verdades averiguadas afirmações feitas por autores que não merecem confiança alguma; as generalizações são feitas apressadamente, sem o mínimo respeito pela realidade, dando-se como de uso freqüente o que apenas é excepção.

Tudo isto tem servido para criar uma hostilidade muito nítida entre os historiadores, os que fazem a história, e os filósofos da história, «os que pensam a história»; e não podemos deixar de reconhecer quanto essa hostilidade é justificada, ao vermos a ligeireza e a leviandade com que os últimos tratam os dados fornecidos pela história e os torcem a seu belo-prazer, conforme as necessidades da demonstração.

A cada nova construção de filosofia de história os clamores levantam-se dentre os especializados, apontam-se os erros mais inverosímeis; foi o que aconteceu ultimamente com o livro de Oswald Spengler sôbre a *Decadência do Ocidente*. Vejamos alguns dêsses erros.

I

No Tomo I, 1.ª parte, da sua obra, incluiu Spengler algumas páginas sôbre o conceito de história e nelas afirma que certos povos não possüem o sentido histórico, isto é, que não teem preocupação de passado ou de futuro, vivendo no que Goethe chamava o «presente puro». Esse aïstoricismo nota-se, dum modo muito claro, nos indús e nos greco-romanos. Spengler vai dizer-nos em que factos fundamenta essa conclusão, pelo que diz respeito aos greco-romanos.

Todo o passado, não sómente o passado próprio, mas também o passado colectivo, o passado propriamente histórico, convertia-se, ao fim de certo tempo, numa série de historietas fabulosas, de mitos, que, notemo-lo, são, para Spengler, a negação de história; assim, as viagens de Alexandre Magno pelo Oriente foram identificadas, ainda em vida do guerreiro, com a viagem de Dionisos, o deus conquistador da Índia; e César considerava-se com a maior seriedade, descendente de Venus, por intermédio do pio Eneas; mesmo para homens como Heródoto e Sófocles ou um consul romano, para falarmos dum indivíduo com outras qualidades e outras tendências, o passado apresen-

tava-se sempre sob a fórma de mito, numa impressão a que Spengler chama «intemporal», isto é, libertada da cronologia. (1)

A história primitiva dos Greco-romanos era, em conseqüência, um agregado de invenções e de narrativas sem valor algum; a história constitucional de Esparta é «um poema do helenismo» e Licurgo, cuja biografia Plutarco traça com certa minúcia, uma «insignificante divindade silvestre do Taigeto»; se olharmos a história romana ela aparece-nos com o mesmo aspecto de fábula inverosímil e toda de elaboração posterior; a expulsão dos Tarquínios, os nomes dos reis de Roma, moldados sôbre os de famílias plebeias enriquecidas, as guerras italianas, numa palavra, toda a história anterior a 250 a. C. (vitória de Metelo em Panermo, na primeira guerra púnica) é uma falsificação.

Mas, nem só nos acontecimentos políticos se manifestava uma tal impotência histórica; quando Varrão quis, num dos seus numerosos trabalhos de polígrafo infatigável, fixar o Olimpo romano, teve que adoptar uma classificação bi-partida dos deuses — *di certi* e *di incerti,* deuses àcêrca dos quais se sabia alguma coisa e deuses de que apenas ficara o nome, com completo esquecimento das suas aventuras e dos motivos porque eram venerados na Urbe. Tam desenvolvida era a faculdade que o romano tinha de esquecer que rápidamente abandonou o culto dos deuses que veneravam os seus antepassados quando entrou em contacto com a Grécia; substituiu aos seus próprios deuses os que lhe chegavam através da literatura helénica e a religião foi, a breve trecho, um simples produto dos poetas helenizantes.

Os historiadores antigos, possuindo as qualidades da raça a que pertenciam, não tinham a mínima parcela de espírito histórico; Spengler destaca dentre êles a Tucidides e escreve: «o sentido histórico de Tucidides... revela-se na afirmação inaudita... de que antes da sua época — à volta de 400 a. C. — não ocorreram no mundo acontecimentos de importância (οὐ μεγάλα γενέσθαι)» (2)

Era tal o desprezo da história, o alheamento do passado, que nunca ninguém se preocupou com as ruínas de Micenas ou de Festos e que, apesar de lerem e relerem Homero, os Antigos não se lembraram, como Schliemann, de excavar a colina de Hissarlique, à procura de Troia. E Spengler opõe aos Greco-romanos indiferentes pelo passado a figura de Petrarca que «coleccionava antiguidades, moedas e manuscritos, com uma piedade, com uma devoção contemplativa que são só peculiares desta cultura (a cultura do ocidente, a da «alma fáustica»)». (3)

Os Gregos tinham mesmo, segundo Spengler, a fobia do que fôsse

---

(1) Cfr. I, pág. 17 e 18—As citações de Spengler são feitas sôbre a tradução espanhola de Manoel Morente, publicada na «Biblioteca de Ideas del Siglo xx», Calpe, Madrid, 1923.

(2) I, pág. 20.

(3) I, pág. 27.

além da vida puramente presente e limitada, fugiam de medir os céus, como os babilónios e os egípcios, e de tomar conhecimento dos grandes lapsos de tempo; «nem Platão nem Aristóteles possuíam um observatório astronómico. Nos últimos anos de Péricles votou o povo de Atenas uma lei em que se ameaçava com a grave acusação de *eisangelia* quem propagasse teorias astronómicas». (1)

No drama antigo encontra-se também o mesmo sentido aïstórico; os motivos dos dramas são sempre míticos, exactamente o que acontece nas artes plásticas de que se baniu o retrato.

A contrastar com todos estes horrores do aïstoricismo encontramos o Egito; aí vemos, condicionando tôda a vida, a preocupação do passado e a preocupação do futuro; o egípcio considerava-se o elo duma cadeia que se estende através dos séculos, o universo não é para êle, como para o greco-romano, sómente o «nunc stans», mas também o que foi e o que há-de ser.

E' o instinto histórico em tôda a sua plenitude e a manifestar-se em todos os actos da existência; o egípcio escolhe para a construção dos seus monumentos e para modelar as suas estátuas materiais duros, próprios para afrontar os séculos vindouros, para resistir a tôdas as convulsões, — e conseguiu o seu «desideratum» porque ainda hoje a pirâmide de Amenemeht «contempla a beleza do Sol».

¿E que vemos nos helenos? Ao lado da coluna egípcia a coluna dórica de madeira, rápidamente atacada pelos vermes, símbolo perfeito de transitoriedade e do sentido aïstórico do povo que a elevava, ao lado dos fortes ícones do Egito, talhados em rochas rijas, as ξόανα, também de madeira, que os gregos das idades posteriores tratavam com todo o cuidado, pintavam, recobriam de bronze, para que se não desfizessem em pó.

Sentido de duração, cuja falta já vimos nos greco-romanos, teve o egípcio com o seu «magistral sistema administrativo» (2) e com a rede de canais de irrigação que asseguram a fertilidade das terras pelos séculos fora. Ao contrário, «onde está a cidade grega que tenha realizado uma só obra considerável, com o pensamento posto nas gerações vindouras?» (3)

Os egípcios tiveram desde muito cedo uma escrita de que cobriram as paredes dos seus mastabas e dos seus templos e dos seus obeliscos; porém, os Antigos só adoptaram a escrita tarde «e em muito limitadas porporções, seguramente reduzidas aos fins económicos mais importantes» (4).

---

(1) I, pág. 19.
(2) I pág. 23
(3) I pág. 24 n. 1
(4) I pág. 24 n. 1

¿E não vemos nós que o egípcio preserva da corrupção os seus mortos, mumificando-os, para que êles possam, como se estivessem vivos, presencear os tempos que hão-de vir, ao passo que o greco-romano reconhece o império dessa corrupção, elevando as piras fúnebres e cremando os cadáveres?

E' forçoso reconhecer, conclui Spengler, depois de todos estes argumentos tirados de diferentes actividades, que «na consciência dos antigos faltam o passado e o futuro, como perspectivas creadoras de certa ordem (1)»; e o «presente puro... enche essa vida com uma plenitude que nos é por completo desconhecida» (2)

II

Como vimos, Spengler considera o mito como a negação da história; o mito é, para o filósofo alemão, uma narrativa destinada a preencher o vazio que deixa ficar nos primeiros tempos da vida dos povos, a ausência de documentos históricos; é um simples poema, produto de fantasia, que não contém a minima parcela de verdade; estas fábulas são tão dignas de crédito como os mitos que Platão introduziu nas suas obras, quando queria fazer compreender melhor as suas idéas. Mas, assim como nos mitos de Platão há um núcleo á volta do qual se tece a fábula, assim também nos mitos históricos há um núcleo de realidade que devemos esforçar-nos por separar das lendas de que os tempos o foram envolvendo.

Há hoje, em história, uma tendência a procurar elementos históricos nos velhos mitos e, sobretudo no que se refere á Grècia, a considerar as biografias dos herois como as biografias transfiguradas de homens reais; abandonando-se quási por completo o heliocentrismo de Müller, os fenómenos acidentais de Kuhn, as raizes linguisticas de Bréal, voltou-se bastante ao evemerismo; a guerra de Troia, por exemplo, passou a ser considerada uma guerra histórica depois das excavações de Hissarlique e depois que Bérard demonstrou ser a cidade a chave duma importante via comercial que da baía da Besica se dirigia à costa meridional de Propôntida e que aproveitavam os mercadores desejosos de se não expor às rudes correntes do Helesponto; nada mais natural de que um choque com a talassocracia egea ofendida nos seus interêsses, do que o que hoje chamariamos uma luta de tarifas ou de imperialismos; destruída Troia, ponto de escala dos mercadores, êstes seriam obrigados a procurar a via maritima, o que aumentava os proventos dos Minos. Depois das descobertas iniciadas por

---

(1) I pág. 18
(2) I pág. 18

Schliemam, vão pouco e pouco saïndo dos domínios da lenda os nomes de Agamémnone e de Orestes; e a guerra de Tebas não aparece como uma simples invenção do poeta que escreveu a *Tebaida* e dos trágicos atenienses, mas como uma síntese de lutas intestinas, como uma elaboração poética que repousa em bases reais.

Os nomes de poetas míticos, como o de Orfeu, Lino, Museu, veem-nos provar que, antes dos poemas homéricos, existiram na Grécia composições literárias, sem as quais a obra de Homero seria inexplicável; a êsses poetas são atribuidos hinos religiosos que cantavam, digamos assim, a biografia dos deuses, e em que vamos encontrar, numa síntese riquissima, os elementos de que, mais tarde, derivarão a epopeia e o lirismo, com todos os géneros subseqüentes.

O mito é, pois, uma matéria fecunda exposta á argúcia do historiador; mas deve-se notar que as conclusões teem de ser expressas com todo o cuidado e depois de estudo minucioso, quando não arriscamo-nos a fazer simples trabalho de imaginação; a crítica de fontes é muito importante nêste caso: algumas vezes uma intenção especial do autor antigo que no-lo transmitiu levou-o a alterar o mito, para conseguir o fim a que visava: assim, Eurípides, na sua tragédia *Ione* (1) dá uma árvore genealógica da descendência de Heleno, diferente do vulgar; ao passo que a última apresenta Ione como neto de Heleno, o trágico dá-o como filho de Apolo e considera Doros neto de Heleno — para, com a origem divina dos Jónicos, legitimar as suas pretensões ao domínio da Grécia, e, ao mesmo tempo, pôr em plano inferior os Dóricos, descendentes em segundo grau do pai comum de todos os Helenos.

Mas, desde que se tomem tôdas as precauções, os mitos podem trazer-nos luzes importantes para o estudo da história primitiva e não merecem de maneira alguma o desprezo com que os trata Spengler.

Notemos agora uma coisa curiosa: sendo o mito, como quere o filósofo alemão, peculiar dos povos em que o sentido aïstórico é dominante, parece que o não deveriamos encontrar no Egito, com tôdas as suas preocupações de presente e de futuro: e, no entanto, a história da sua nação começava para o egípcio com as dinastias divinas, com as variadas peripécias do govêrno e velhice de Ra, as manhas de Isis, as lutas entre Osiris e Sete, depois continuadas com o Horus vingador; a estas dinastias divinas seguiam-se as dos manes e tôda a história primitiva do Egito, «intemporal», decorria num mundo fantástico, mais extraordinário ainda do que o mundo das lendas greco-romanas.

Como vimos, citou Spengler em abono da sua tese do aïstoricismo greco-romano, o ter a viagem de Alexandre sido comparada à de Dionisos e o considerar-se César descendente de Venus.

---

(1) Eur. *Ione*, 1575 seg.

Quanto ao primeiro facto há a notar que os gregos da expedição simplesmente identificaram os logares que iam percorrendo com os que a fábula de Dionisos descrevia; a pompa báquica com que o conquistador atravessou a Caramânia, foi apenas uma orgia formidável que durou sete dias e em que, segundo diz Plutarco, (1) havia tôda a licença desenfreada das bacanais; mas de nenhum modo se pretendia que era o próprio Dionisos que andava passeando pela Asia; o mesmo Alexandre tinha uma veneração mediocre pela sua divindade: uma vez, ferido por uma flecha, disse para os amigos que o rodeavam: «E' sangue verdadeiro o que está correndo, não aquele liquido subtil que circula nas veias dos deuses!» (2); e Plutarco, depois de contar mais algumas anedotas, conclui: «Parece .... que Alexandre, longe de se iludir e de se envaidecer com esta pretensa divindade, apenas se servia da crença dos outros para os dominar...» (3)

A identificação que os gregos de Alexandre faziam das suas jornadas e das de Dionisos é ditada pelo mesmo espirito que levou Bérard a tirar fotografias dos logares a que aportou a nau de Ulisses perseguido da cólera divina, e que arrasta os eruditos portugueses, convencidos de que se trata duma realidade, a procurarem em todos os mares e em tôdas as latitudes a Ilha dos Amores.

A ascendência divina de César é, podemos dizê-lo, uma creação literária, nitidamente influenciada pelas obras dos grandes escritores gregos; sabemos que era uma tendência da aristocracia grega a procura de avoengos, não só entre os herois que se tinham ilustrado por suas façanhas, como também entre os próprios imortais; atribuia-se origem divina àqueles que sobresaiam, por qualquer alta qualidade, dentre os seus companheiros; assim, segundo uma biografia, Homero era filho de Creteis e duma divindade silvestre, senão do próprio Apolo; os poemas genealógicos eram muito do gôsto dos helenos e a essa predilecção pelas listas dos avós devemos atribuir a introdução na *Iliada* do *Catálogo das naus*; as genealogias remontavam geralmente a um deus de cujas relações com uma mortal formosa provinha a nobre estirpe de que se orgulhava o senhor grego. Os deuses valiam para os aristócratas de então o mesmo que os reis godos para os fidalgos actuais; simplesmente há uma diferença: nestes últimos todos acreditam e nos ascendentes divinos só acreditariam os gregos dos tempos homéricos, bastante infantis, de fácil credulidade.

César, fingindo crer que Venus tinha dado origem à sua raça, adoptava os hábitos do povo que todos reconheciam como muito mais civilizado e a que ia buscar modelos tôda a gente de bom-gôsto; seria absurdo supor que César, o homem que desprezava oráculos e supers-

---

(1) Plut. *Alex.* 88.
(2) Plut. *Alex.* 39.
(3) Id., id.

tições, acreditava realmente ser descendente de Venus; os romanos nunca tomaram a sério tais genealogias, como mais tarde se hão-de rir a cada passo da divindade dos imperadores.

¿E não é no histórico Egito que as esposas dos Faraós teem relações com os deuses, para que o futuro soberano seja de raça divina?

Mas passemos à história dos greco-romanos.

Pelo que diz respeito a Licurgo já Plutarco escrevia no § 1 da sua biografia que «nada se pode dizer de certo sôbre o legislador. As suas origens, as suas viagens, a sua morte, as próprias leis e a forma de govêrno que estabeleceu, são contadas pelos historiadores de diferentes maneiras»; mas devemos reconhecer que desta incerteza a uma divindade silvestre há uma grande distância que não pode preencher satisfatóriamente a imaginação dos mitólogos; não é prova suficiente para se afirmar que era um deus-lobo ou um deus da luz (de λύκος ou do — λυκ — que entra em ἀμφιλύκη) o culto que lhe era prestado em Esparta, segundo o testemunho de Heródoto e de Pausânias.

Quanto à história de Esparta não podem os modernos assentar em qualquer coisa de seguro, o que não quere dizer que os Antigos não conhecessem essa história; mas, os escritores que dela trataram fizeram-no mais ou menos com fins políticos; uns, partidários da aristocracia, desdenhosos da plebe que mandava na assembleia, laconizantes por sistema, como Platão, elevam Esparta e, à fôrça de exagêro, crearam o tipo de Espartano lendário, com tôdas as suas historietas bem conhecidas; por outro lado, os democratas não veem mais que os defeitos da cidade dórica, na intenção de lançarem o descrédito sôbre os seus processos de govêrno. Mas, a-pesar-disto, é muito arrojado afirmar-se que a história de Esparta é «um poema da época helenística».

Vejamos agora o que há de verdade nas palavras de Spengler àcêrca da história romana anterior a 250 a. C. notando desde já que Spengler não fez mais do que reproduzir as conclusões a que chegou a corrente de «crítica integral» chefiada por Ettore Pais, que derruiu os últimos factos que tinham escapado a Mommsen. Para êle é lendário tudo o que se refere aos reis, à sua expulsão e advento da república, às guerras italianas e a grande parte da primeira guerra púnica.

Já os próprios historiadores romanos sentiam a dificuldade de reconstituir com segurança as épocas primitivas, não só porque, na tomada da cidade pelos Gauleses em 390 a. C. foram destruidos os anais que arquivavam os acontecimentos antigos, como também porque o orgulho das famílias patrícias, aumentando o número de triunfos e de consulados, creava inscrições falsas e enchia os elogios fúnebres de puras fantasias. (1)

---

(1) Tit. Liv. VIII, 40; Cic. *Brut.* 16, 62; Paulus Clandius, in Plut. *Numa*, 1.

No entanto, sob o montão de lendas, de tradições fundidas, de empréstimos a povos vizinhos ou aos gregos, a história romana, tal como a contavam os romanos, contém uma grande parte de verdade, embora simplificada ou complicada segundo as circunstâncias. Assim, os reis existiram de facto em Roma, mas em vez de serem os descendentes de Rómulo que a analística pretende, são etruscos que conquistaram a cidade e a dominaram; Servius Tullius (Mastarna em etrusco) é um chefe que se apoderou do monte Célio e ocupou o trono de Tarquinio o Antigo; uma pintura de Vulci descoberta em 1857 representa os dois reis com os seus nomes etruscos de Mastarna e Cneve Tarchu Rumach. A expulsão dos reis em 509 a. C. é a simplificação da revolta dos latinos contra o império etrusco; essas simplificações são muito freqüentes, mas não invalidam a realidade dos acontecimentos que sintetisam.

Para os tempos posteriores sucede exactamente a mesma coisa: a verdade foi sendo pouco e pouco cercada de episódios que tinham por causa, sobretudo, o orgulho da nação ou o orgulho das famílias e a tendência simplificadora; e também certos dêles, como o de Régulo se devem atribuir ao desejo de apresentar os velhos romanos como uma espécie de espartiatas — sóbrios, friamente heroicos, devotados à sua pátria.

Mas as mesmas simplificações, os mesmos dados inexactos se encontram nas fontes *nacionais* da história do Egito: os historiadores são obrigados a quási adivinhar muito do que se refere às conspirações de palácio e mesmo a acontecimentos da importância da revolução social de 2.400 a. C. ou da reforma religiosa de Amenofis IV.

Tudo quando se diga da velha religião romana é incerto, dada a falta de pormenores sôbre os cultos primitivos, como incertas são também as afirmações feitas àcêrca da religião popular dos fins da República e do Império.

Julgava-se até há pouco, e Spengler ainda o crê, que, com a entrada em Roma da civilisação grega, se perdera o culto dos deuses dos antepassados e se passara a adorar um panteão helénico; mas a descoberta recente dalguns monumentos, provenientes duma colónia romana estabelecida em Delos na primeira metade do século I a. C., veiu provar que a religião romana da literatura era muito diferente da religião popular; o povo, que nós apenas conhecemos e mal, através dum ou doutro escritor como Plauto, para os primeiros tempos, e Petrónio, para o império, continuava a venerar as divindades antigas — o *Genius* do *paterfamilias*, a *Juno* da *materfamilias*, os *Lares*, os *Penates*, *Mercurius*, o deus do comércio, *Fortuna*, *Venus*, deusa dos jardins, *Dis pater*, a terra.

A religião em que Spengler pretende vêr o esquecimento das tradições nacionaes é um luxo de poetas eruditos, de helenizantes fanáticos; o ter Varrão dividido os deuses em certos e incertos prova apenas que o polígrafo, cheio de ideias da sua época, não compreendia a

antiga religião, muito simples, sem teologia, com os seus *indigitamenta* singelos, em que os deuses se apresentavam sem o largo envoltório de anedotas de que estavam rodeados os imortais Helénicos.

E, de resto, nem os próprios escritores tinham como religião as fábulas que os gregos contavam àcêrca dos deuses; os mitos divinos eram como que uma excrescência poética da religião em que ninguém verdadeiramente cria e que sempre tinham sido atacados, desde tempos muito remotos, pelos filósofos e pelos próprios poétas, como se vê de muitos versos das Odes de Pindaro. Não podemos, portanto, dizer como Spengler que a religião romana fôsse, de certo tempo para deante, constituída pelos episódios raras vezes edificantes que a literatura inventava ou desenvolvia.

O que Spengler escreveu àcêrca da historiografia antiga é pelo menos injusto e deriva duma leitura superficial e rápida dos textos, a qual leva sempre a erros, por vezes graves.

Todo o aïstoricismo dos greco-romanos se resume na «inaudita» afirmação de Tucídides de que antes da guerra de Peloponeso nada se tinha passado de importante no mundo; simplesmente há aqui uma dificuldade séria: Tucídides não escreveu o que Spengler lhe atribui; senão vejamos: «Foi êste movimento o maior que houve entre os Helenos, uma parte dos Bárbaros e, por assim dizer, na maioria dos homens. Por causa da distância dos tempos é difícil conhecer claramente os acontecimentos mais antigos; mas, se considero as épocas mais recuadas, parece-me que nada houve de grande, na guerra e nas outras coisas» (!)

Tucídides começa por dizer que a guerra do Peloponeso afectou os Helenos, parte dos Bárbaros e, precedendo-o dum cauteloso «por assim dizer» ὡς δὲ ξυμπᾶν, a maioria dos homens; de facto a guerra foi desastrosa para os gregos porque perturbou profundamente todas as cidades, enfraqueceu-as, vencidas e vencedoras, e entregou-as, sem possibilidade de grande resistência, nas mãos dos macedónios; por outro lado, a guerra interessou muito os sátrapes persas da Asia Menor que forneciam dinheiro, navios e homens aos beligerantes e procuravam tirar algum proveito da luta, sempre lembrados da máxima política que manda dividir para reinar; ora, sendo o mundo para os gregos constituido por êles próprios, dum lado, e pelos bárbaros, doutro lado, e tendo a guerra interessado a todos os gregos e a grande número de bárbaros, lógicamente concluiu Tucídides que a guerra chamara a atenção da maior parte dos homens. Depois, Tucídides não diz que na antiguidade nada houve de grande *em todo o mundo*; as suas palavras referem-se

---

(1) Tuc. *Hist.* I, 1.

sòmente à Grécia, como se vê pelo começo do § II: «... com efeito ... a região hoje chamada Hélada não era ainda habitada dum modo fixo ...»

É de facto nada tinha sucedido de importante na Grécia, se exceptuarmos aquelas invasões de que Tucídides tinha umas vagas notícias; objectar-se-á que houve as guerras médicas: em verdade, assim foi; mas as guerras médicas tomaram para nós uma importância maior do que a que tinham para os gregos; se não fôsse a batalha de Maratona, nós hoje seriamos talvez sectários de Zaratrusta; o recontro ganha assim um relêvo extraordinário, mas, na realidade, não passou, como muito bem disse Mahaffy de «a very unimportant skirmish». Além disso Tucídides tinha outra razão para não dar importância demasiada ás guerras médicas: elas tinham sido narradas por Heródoto e parece que Tucídides tinha uma certa animadversão pelo historiador, a quem incluia entre os logógrafos. «mais desejosos de encantar de que de ser verdadeiros.» (1)

¿E não é a demonstração dum sentido histórico o escrever-se uma obra que, no futuro, relembre o passado?—Nalguns historiadores essa preocupação é muito evidente; Heródoto escreve a sua obra «para que a lembrança dos acontecimentos passados não se perca com o tempo, para que as grandes e admiráveis acções dos Gregos e dos Bárbaros não fiquem sem glória e para que, enfim, se saibam os motivos por que entraram em guerra» (1); Tito-Lívio diz: «terei o prazer de, pela minha parte, ter trabalhado para perpetuar a memória dos feitos do primeiro povo do mundo»; (2) e Tácito na sua *Vida de Agrícola*: «E' uso antigo transmitir á posteridade as acções e costumes dos homens ilustres.» (3)

Mas os Antigos, na opinião de Spengler, cometeram um êrro que logo demonstra o seu aïstoricismo inato: nunca se lembraram de fazer investigações arqueológicas em Festos ou Micenas e, a-pesar-de lerem Homero, nenhum dêles exumou Troia; esta acusação é tam absurda, no campo da história, como no campo das sciências, lembrar que os Antigos não souberam constituir a física e a química modernas; e, no entanto, o que abala bastante a afirmação de Spengler, sabemos que um discipulo de Aristarco foi à planície do Escamandro fazer medições e compará-las com o texto homérico, sabemos que os eruditos alexandrinos faziam estudos arqueológicos sôbre monumentos como a Acrópole de Atenas e os Tesouros de Delfos; Tucídides, na sua história, vale-se muitas vezes dos mesmos dados que os historiadores modernos para fundamentar as suas narrativas; assim, diz que os Cários ocuparam

---

(1) *Tuc.* I, 21.
(1) Her. *Hist.* I, 1.
(2) Tito-Liv. *Praef.*
(3) Tac. *Vit. Agri.* I.

Delos, porque lá foram encontrados túmulos de Cários, reconhecíveis pelas armas e pela forma de inumação. (4)

¿É que são as colecções de Petrarca, um simples amador, comparadas com as grandiosas bibliotecas alexandrinas? — Aí se reüniam manuscritos vindos de todos os pontos a que tinha chegado o helenismo; os Ptolomeus não olhavam a meios para conseguirem haver às mãos tudo o que o génio Grego tinha produzido; os Atenienses emprestaram a Ptolomeu Evergeto o exemplar oficial dos três trágicos, com o texto estabelecido pelo orador Licurgo, sob a caução de 15 talentos: o rei fêz copiar o manuscrito, enviou a cópia aos Atenienses, guardando o original, e deu-lhes licença para ficarem com os 15 talentos; além das bibliotecas tinham os sábios de Alexandria à sua disposição esboços de museus, salas em que se guardavam objectos antigos que serviam de material de estudo; Petrarca não foi, portanto, um iniciador, nem pode ser apresentado como um tipo de cultura «fáustica», por oposição à cultura «apolínea» dos Antigos.

A questão do alfabeto é muito discutível e não póde ser resolvida da maneira precisa que Spengler pretende. O que é certo é que já no sèculo VII a. C. a escrita estava popularizada o bastante para que mercenários gregos escrevessem os seus nomes nas pernas duma estátua colossal de Abu-Simbul, na Núbia.

A afirmação de que Platão e Aristóletes não possuiam observatórios astronómicos é inexacta; não podemos dizer com segurança que os tiveram, mas tudo o leva a supôr; houve filósofos, adversários da Academia que nela ingressaram para obterem conhecimentos astronómicos; e parece que Aristóteles provava a esfericidade da terra pela sombra circular projectada nos eclipses.

Os gregos não tinham pelos estudos astronómicos a fobia que Spengler lhes atribuiu; foram os gregos os inventores do gnómone que servia para determinar a meridiana, as épocas dos solsticios, a inclinação do equador sôbre o horizonte e a da eclítica sôbre o equador; e parece averiguado que já na escola de Pitágoras se aceitava o movimento da terra em volta da linha dos polos e talvez à volta do sol, durante um ano; Métone inventa o ciclo luni-solar que a Grecia adoptou em 433 a. C e de tal maneira a invenção foi recebida que se ordenou que fôsse gravada em letras de oiro nos monumentos públicos; o calendário de Calipo, que propôs em substituição do ciclo de Métone um periodo quádruplo de 76 anos, serviu de base para se fixar a Páscoa cristã; e, já que Spengler une os Gregos e os Romanos no mesmo ciclo de cultura «apolínea», não é descabido lembrar a reforma cesariana do calendario. A comparação com o confuso e incorrectíssimo calendário do Egito só póde ser favorável aos aïstóricos greco-romanos.

---

(4) Tuc. *Hist.* I, 7.

A lei de eisangelia sôbre as investigações astrónomicas foi de facto votada pelo povo ateniense, mas deve atribuir-se a uma espécie de furor colectivo que não raras vezes tomava a assembleia e que, por motivos religiosos, vitimou os libertinos que haviam derrubado as estátuas de Hermes e, por motivos politicos, segundo creio, causou a morte de Sócrates.

Sobre os materiais de construção entre os egipcios e os helenos tem Spengler idéas erróneas que o levam a conclusões muito afastadas da verdade: aos materiais rijos do egipcio, símbolo de duração, opõe os materiais brandos do heleno, símbolo de aïstoricismo.

Os materiais de que se serviam os egipcios são muito variados; na construção dos monumentos e das estátuas entram o granito, os grés, calcáreos diversos, basaltos, tijolo cozido e cru, feito de palha e lodo do Nilo, a terra batida e a madeira, embora raramente, dada a escassês de outras espécies de árvores, além da palmeira, no vale do Nilo. Dentre todos estes materiais os mais empregados eram o grés, o calcáreo e o tijolo; o granito era raramente aproveitado e usava-se sobretudo nos revestimentos ou então na parte dos edificios a que se queria dar um aspecto mais nobre e mais belo; e notemos ainda que grande número de estátuas e, entre elas, das mais notáveis, como o *Cheique-el-Belede* e *o Escriba*, é feito de madeira.

¿E na Grécia? Do século VIII ao seculo VI a. C. os gregos empregam os mesmos materiais de que se tinham servido os artistas micénicos; a pouco e pouco vão aparecendo alguns novos e a certa altura emprega-se quási exclusivamente um tufo calcáreo que varia de dureza segundo os locais de extracção; no fim do século VI a. C. os mármores são já aproveitados, como o demonstram os restos do templo que Pisistrato levantou na Acrópole; e, se no templo de Hera em Olimpia (VIII ou VII séculos) a *cella* ainda é, segundo a tradição micénica, feita de tijolo, a breve trecho êste desaparece para ser substituído pela pedra; também em obediência aos preceitos micénicos (não constantes, de resto), as primeiras colunas dóricas são de madeira; mas o periodo da madeira pouco durou e a pedra veiu substituí-la em toda a Grécia; com a estatuária se deu a mesma evolução, desde as primitivas estátuas de madeira (ξόανα), até aos bronzes e mármores clássicos.

O mármore e o bronze ficaram sendo os materiais mais empregados, mas, a par dêles, trabalhavam-se o marfim e o oiro, o basalto, o pórfiro, a calcedónia e o topázio; os calcáreos brandos, a cera, a argila só são usados para a fabricação, *em série*, de figurinhas baratas, bustos de poetas para adôrno de bibliotecas, tudo o que se fazia sem preocupações de duração.

Encontram-se, pois, na Grécia, materiais tam duros como os que eram utilizados pelos egípcios e não é aqui que, honestamente, Spengler encontrará argumentos convincentes.

Quanto à maneira de tratar os cadáveres não se pode pôr em contraste a múmia egípcia com a cremação greco-romana; efectivamente, entre os helenos, a incineração é rara, preferindo-se de ordinário a inumação em sarcófago ou cova; foram inumados os Atenienses mortos na guerra do Peloponeso e também eram inumados os Espartanos, segundo uma das determinações da constituição de Licurgo; a cremação era sobretudo usada nas expedições a países distantes, para que as cinzas dos guerreiros Gregos fôssem de mais fácil transporte: nesta categoria entra a queima do cadáver de Patroclo descrita na *Ilíada* (1) com todos os pormenores.

Em Roma a cremação só aparece no tempo da República, domina um pouco nos princípios do Império, mas, na época dos Antoninos, dá logar ao uso quási exclusivo da inumação; a lei das XII Tábuas permitia a escolha entre um e outro modo de sepultura; a inumação estava tanto no espíririto romano que, mesmo nos cadáveres que iam a queimar se separava um ôsso *(os resectum)*, às vezes um dedo, sôbre o qual se deitava terra.

Não me parece também que a administração e os trabalhos públicos possam depor muito a favor do sentido histórico do Egito ou demonstrar o aïstoricismo greco-romano. Em primeiro logar seria preciso saber se o egípcio construia os seus canais e montava os seus serviços de administração com um fim de utilidade própria e actual ou de utilidade para os vindouros; em segundo logar, se aceitarmos isso como seguro, é lícito preguntar se não serão também obras para a posteridade os muros que ligavam Atenas ao Pireu e a Falero, as muralhas de Temístocles, o Boleuterione de Címone ou, passando a outro local, o estádio de Olímpia. Além disso, se as estradas, por exemplo, faltam na Grécia, país em que as comunicações se faziam sobretudo por mar, aparecem-nos abundantes e esplendidamente construídas com os romanos, que se não cansavam também de elevar aquedutos e pontes—obras de que se aproveitariam as gerações futuras.

Os assuntos históricos não estavam tam afastados quanto parece à primeira vista do drama antigo; na Grécia aparecem-nos a *Tomada de Mileto* e as *Fenícias* de Frínico de Mileto, os *Persas* de Esquilo, que chegou até nós, e algumas outras tragédias; na literatura latina existiu um género especial — o da *pretexta*, ou melhor, *pretextata*; as *pretextatae* eram tragédias que estavam para as peças de importação grega *(crepidatae)*, como, na comédia, estava a *togata* para a *palliata*, isto é, tratava de personagens e assuntos romanos; em vez de nelas se desenvolverem as conhecidas fábulas gregas do ciclo de Troia ou do ciclo tebano, o autor tratava um assunto de história romana; Névio (264 ?-194 ?) foi o primeiro

---

(1) XXIII, 70 e seg.

a cultivar o género com a *Alimonia Romuli et Remi* e o *Clastidium* em que celebrava a vitória de M. Cláudio Marcelo sôbre o Insubre Viridomar; outras se seguiram, sendo a mais notável, e a única que possuimos completa, a *Octávia*, erradamente atribuida a Séneca o Filósofo.

Spengler aproxima da falta de assuntos históricos no drama antigo (o que se prova ser falso), a ausência de retratos na plástica; mas Spengler esqueceu-se de que o retrato aparece na época helenistica e de que a falta de realismo fisionómico que se nota no século V e um pouco no século IV vem do desejo de crear tipos de beleza que Beleza fôssem em todos os séculos de futuro, tipos que se elevassem o mais possível acima do acidental para se fixarem no eterno, no constante; além disso, os romanos modelavam *máscaras* dos patrícios mortos e tôda a gente conhece o realismo dos bustos e, por exemplo, das figuras da família de Augusto numa das faces da *Ara Pacis*.

Como acabamos de ver, são freqüêntes as incorrecções nas páginas de Spengler àcérca da antiguidade clássica e do sentido de história que tinham os greco-romanos; reconhece-se a cada passo uma extraordinária superficialidade de leitura que nos habilita a julgar do valor da erudição do filósofo germânico; a eloqüência da sua prosa, a forma por vezes poética das suas expressões, são apenas a roupagem brilhante que envolve um manequim mal construído e mal seguro que tomba ao primeiro embate mais forte.

Janeiro de 1928.

AGOSTINHO DA SILVA.





A Antiga Doutrina

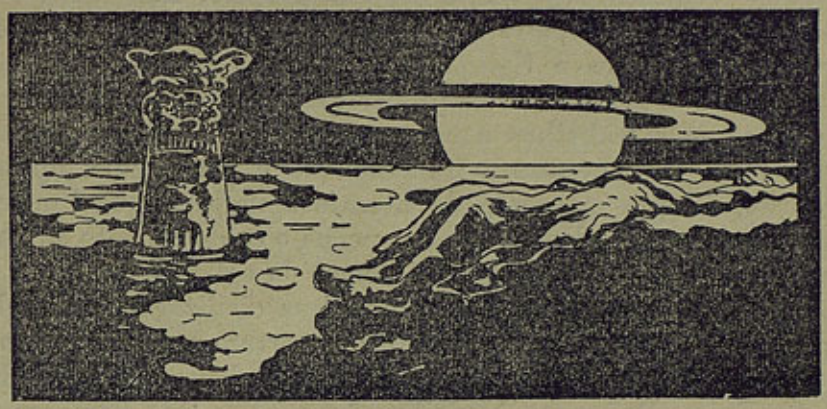
DE ROBERTO BROWNING

O' bondoso sorrir da velha terra escura
nesta manhã de outono! O' sorriso gigante!
Como ela estende ao sol os ossos descarnados,
dando os pés a beijar à onda que murmura,
ouvindo carinhosa o chilrear vibrante
da laverca marinha à beira dos valados!

Eis a simples doutrina, antiga e verdadeira,
da vida: eis o que sabe a velha natureza.
Amar o belo só nunca exigiu valôr,
não custa, é puro ganho: é glória passageira...
Abri bem largo o peito à rude singeleza,
a mãe-terra imitai — subi ao ceu do amôr!

Tradução de

Dez. 1927 — Luís Cardim



Civilizações Mesopotâmicas

Estudos vários

I

As escavações arqueológicas realizadas nos últimos anos no vale do Nilo, despertaram vivo interêsse não só no mundo sábio da Europa e da América, mas também no grande público que pelas suas ocupações permanece em geral alheio, aos grandes problemas da Sciência e às profundas concepções da Filosofia e da História.

As notícias espalhadas pela imprensa, as notas de divulgação, nas quais todas as revistas procuraram analizar e descrever os preciosos achados das escavações nilóticas, fôram acolhidas com agrado, lidas com avidez, num misto de admiração e curiosidade. O carácter

vetusto da civilização egípcia, o aspecto próprio, individual — digamos—das coisas do Nilo, atraíram sempre a atenção desde a mais remota antiguidade. Primeiro o Egito foi um mistério indecifrável, depois... uma maravilha que fascinou os próprios sábios que o tornaram conhecido com os seus trabalhos e os seus estudos. A divulgação da sua história feita pela literatura francesa que é ainda hoje, apesar da divulgação, sempre crescente da literatura inglesa, quási universal, acabou por levar a todas as classes sociais o conhecimento superficial — por vezes — dos intrincados problemas da egiptologia.

Já não sucede o mesmo com outras civilizações que pela sua antiguidade e pela sua nota peculiar, encerram problemas tam interessantes e teem pontos de vista tam surpreendentes, como os da história do Egito. Refiro-me à civilização asiática que floresceu numa éra muito anterior à nossa, nas regiões banhadas pelo Tigre e pelo Eufrates. Nessa vasta região, não houve falando com propriedade um tipo único de civilização, mas antes, várias civilizações caracterizadas, respectivamente por um certo número de particularidades que as separam.

Ha porém acima destas particularidades um elemento, digamos, coordenador, que as encarreira num rumo definido e que, com o tempo as funde sem comtudo conseguir apagar por completo os seus caracteres diferenciais. Mais tarde voltaremos a êste assunto dos mais debatidos, entre os muitos que a história das civilizações mesopotâmicas tem suscitado. Por agora, basta dizer que êste elemento é puramente mesológico.

Cabe à França a gloria de iniciar nêste capítulo da história, os primeiros trabalhos scientíficos, mas foram sobretudo os sábios alemães e ingleses que deram a êste grupo de conhecimentos históricos feição sistemática. A literatura alemã sobre a Mesopotâmia é vasta e profunda, mas como o alemão não tem a difusão do francês segue-se que a divulgação respectiva não alcançou para a Mesopotâmia o logar de destaque que o Egito tomou nas diversas literaturas mundiais.

A par dos alemães sobressaem os ingleses e sobretudo os sábios americanos das grandes universidades dos Estados Unidos da América do Norte, entre outras as da Pensylvania e Chicago. A França nêste movimento está porém representada por vultos de um relêvo inconfundível, como Lenormant, Opper, Thureau-Dangin, Sheil, Fossey, Contenau, etc., etc., cujos esforços marcam progressos no estudo scientífico da antiguidade mesopotâmica.

Aqui, como no Egito, há poucos anos, a grande dificuldade na reconstituïção histórica desta antiguidade, consistia, sobretudo, na leitura e interpretação das numerosas inscrições encontradas nas ruinas da Assíria e da Babilónia.

As primeiras tentativas para a decifração destas inscrições remontam a 1802 e foram iniciadas pelo sábio alemão Grotefend. Não é nosso intuito, por agora, historiar os trabalhos que depois se seguiram até à fixação das normas aceites hoje de uma maneira categórica pelos sábios.

Diremos apenas, que êsses trabalhos suscitaram vivas polémicas, abriram o campo a numerosas e desvairadas hipóteses e a inúmeros debates onde nem sempre foi respeitada a sinceridade que deve caracterizar todos os trabalhos scientíficos.

Isto foi também um obstáculo à vulgarização dos conhecimentos que a pouco e pouco, dêste incessante referver scientífico, a história antiga da Mesopotâmia foi adquirindo. E caso curioso digno de registo: a intuição de Grotefend, depois confirmada pelos trabalhos de Hinks, Talbot, Rawlinson e Oppert, tornou possível o conhecimento do contexto destas inscrições e a sua versão, antes de se conhecerem as regras da sua leitura e mesmo antes de ser conhecida a língua em que tais inscrições estavam redigidas. Hoje a assiriologia assenta em bases tam sólidas que as inscrições cuneiformes se lêem e traduzem com a mesma facilidade com que se lêem e traduzem as inscrições gregas ou latinas, cedendo mais de pressa à análise, do que as inscrições hieroglíficas do Egito.

Vencido que foi êste obstáculo, conhecido o conteúdo das inscrições que aparecêram aos milhares nas ruínas mesopotâmicas, que revelações não surgiram!

Todo um passado desconhecido reaparecia, preenchendo uma das mais belas páginas da história antiga.

Haviam-nos os gregos legado algumas indicações sobre a história assiro-babilónica e a própria Bíblia sagrada, nos guardara a notícia de alguns acontecimentos dessa história. Mas o que surgiu da leitura e interpretação das inscrições cuneiformes, foi de tal modo o desmentido dêsses legados que só a muito custo os novos dados adquiridos entraram na sciência oficial europeia. Mais um óbice para a sua divulgação. Por muito tempo êsses dados ficaram como que de quarentena, à espera de novos estudos que os confirmassem, de novas interpretações que os definissem e só nos ultimos tempos,

é que de uma maneira definitiva entraram no campo do «facto estabelecido».

Mas se pelo que toca aos escritôres antigos, o que êles nos deixaram sobre a Mesopotâmia, ficou relegado para o campo das lendas, não sucedeu o mesmo às referências contidas na Bíblia. Muitas destas referências ou se encontram justificadas pelas inscrições assiro-babilónicas de uma maneira explícita, ou pela natureza das suas afirmações cabem dentro dos moldes das civilizações mesopotâmicas. Embora quási todos os assiriólogos aceitem hoje êste ponto de



Assur-Nâtsir-Apl 1.º — rei da Assíria

vista, a questão agravou-se então pela extensão do problema a todas as narrativas bíblicas, quando certos escritôres procuraram servir-se dos dados da assiriologia para diminuir o valor histórico e negar a originalidade da Bíblia. Delitzsch, na Alemânha em 1892, ataca a fundo a questão no seu livro «Babel und Bibel», procurando provar a existência de um monoteísmo mais ou menos latente na antiga Babilónia, para concluir não ser de receber a pretendida originalidade religiosa de Israel. Numa série de conferências que depois realizou fornece-nos as provas de influência moral e religiosa exercida pela

Mesopotâmia sôbre Israel, fazendo a comparação dos psalmos bíblicos com os psalmos babilónicos e certas fórmulas de encantos, onde se encontram, além de expressões que traduzem, segundo êle afirma, pensamentos idênticos, um ritmo, um estilo e imagens que se aproximam. Ao mesmo tempo, Winckler na sua obra «Die Weltanschauung des Alten Orients» estudando a concepção do universo no antigo oriente, nota a identidade das tradições dos diferentes povos sôbre êste assunto e o seu carácter astrológico, o que o leva a afirmar ser Babilónia o centro de onde irradiaram estas concepções, visto ser aqui



Assur - Bani - Pal — rei da Assíria

o ponto onde a concepção astrológica do mundo mais nítida se depara. Com efeito em Babilónia tudo era pautado pela acção dos astros que regulavam e anunciavam os acontecimentos terrestres. O próprio mundo terrestre era mesmo considerado como imagem do mundo astral. Jeremias nos seus tratados «Das alte Testament im Lichte des alten Orients e «Babylonisches im Neuen Testament» procurou aplicar estas teorias à Bíblia, na qual não vê senão uma série de mitos astrais oriundos da planície mesopotâmica.

Abraham é para êle um mito lunar, seu filho um mito solar, a

história de José, uma reedição do mito da Tammuz. Êste excesso de astrologia com a sua conseqüência forçada de pambabilonismo, provocou a reacção. Pondo de parte obras que sam apenas apologéticas, muitos assiriólogos e historiadores defenderam a originalidade de Israel em matéria de religião.

Halevy na «Revue Sémitique» procurou desfazer a pretendida influência da cosmogonia babilónica na génese bíblica, e o alemão Bahr, provou na sua obra «Die babilonischen Busspsalmen und das alte Testament» a superioridade dos sentimentos religiosos dos psalmos bíblicos. Gunkel, Hausner, Lasson, Thienne, seguem na mesma ordem de ideias defendendo a originalidade do pensamento religioso de Israel, demonstrando que não só Delitzsch, como Winckler, Jeremias e seus discípulos, falsearam por vezes a verdade, violentando tradições e fazendo generalizações sôbre dados incertos ou controversos, para justificarem suas teses. O americano Clay no seu livro «Ligth on the old Testament from Babel» coloca-se dêste lado, quando após demorado estudo sobre as tradições relativas à criação, ao dilúvio, à torre de Babel, à epoca de Abraham, ao código de Hammurabi e muitas outras, termina, afirmando que as descobertas da arqueologia e em especial as da assiriologia, em logar de diminuirem a autoridade histórica dos textos sagrados, antes a confirmam e reforça.

As semelhanças entre as civilizações israelita e babilónica podem explicar-se sem recorrer à teoria do pambabilonismo exagerado de Winckler e Jeremias. Com efeito o fundo comum que existe entre todas as civilizações da Ásia Anterior, explica-se pela origem comum de todas essas civilizações. Mas com o tempo e as migrações dos diferentes povos, essas civilizações separaram-se, revestindo aspectos novos, tomando características particulares, evoluindo independentemente, revestindo-se de feições por vezes irreduzíveis que constituem a sua originalidade.

E' certo que Babilónia continuou a ter depois, sôbre estas civilizações, relações preponderantes e que a sua influência se continuou a sentir. Mas estavam já modeladas nos seus traços principais essas civilizações e a influência da mesopotâmia como o prova Gunkel no seu trabalho «Israel und Babilonia . . . » não as penetra fundo, limitando-se a originar aspectos exteriores. Na verdade, não há nos textos cuneiformes nada que prove de uma maneira segura a origem babilónica da religião de Israel, do monoteísmo. O que se pode dizer é que a ideia de um Deus omnipotente e omnisciente, foi presentida por

alguns pensadores de Babilónia e se revela na fórmula tam freqüente dos encantos babilónicos:

«Que êle seja remido nas mãos propícias do seu Deus».

Mas se Babilónia pressentiu, concordemos, esta grande verdade, foi Israel que a definiu e lhe deu forma nas páginas imortais do mais belo livro da Humanidade.

Foi a leitura das inscrições cuneiformes encontradas nas ruínas assiro-babilónicas que tornou possível todo êste debate que acabamos de esboçar. Essas inscrições contam-se aos milhares, e como as explorações arqueológicas continuam é de esperar que dia a dia o seu número cresça. A maior parte está ainda por traduzir, arrumada nas salas dos museus e universidades europeias e norte-americanas. O que contarão êsses textos gravados em pequenas placas de barro?

Que surprezas a acrescentar às numerosas revelações que outros similares nos proporcionaram já? Ultimamente os sábios norte-americanos teem feito esforços dignos de louvor no sentido de apressar a tradução e a publicação dêsses textos, que as expedições americanas desenterraram na Mesopotâmia, sobretudo em Nippur onde afirmam ter encontrado uma provida biblioteca escolar, tam rica como a que por volta de 1849, Layard encontrou em Koyoundjik. Na antiga Babolónia junto dos templos, havia verdadeiros arquivos onde todos guardavam os seus documentos e até muitas vezes os próprios documentos do Estado eram ali arrecadados. Do mesmo modo funcionava ao lado de cada templo uma escola, e sam numerosos os tijolos com exercícios de escrita, anotações gramaticais e aritmética, que aí se teem encontrado, misturados com outros, versando assuntos astronómicos, matemáticos, ou contendo hinos, preces, fórmulas mágicas, mitos e contos. Os primeiros sam naturalmente puros exercícios escolares, ao passo que os segundos devem ter sido obra dos mestres e sacerdotes do templo. A biblioteca que a expedição da Universidade da Pennsylvania encontrou em Nippur, não passa de um dêstes arquivos. E' certo que a maior parte dos textos aqui encontrados trazem a rubrica «Cópia de Nippur» o que leva Radam a teimar na existência da biblioteca do templo «Ekour» do deus «Ellil» desta cidade. Mas pode explicar-se esta rubrica pela existência de uma escola de copistas anexa ao templo, o que é mais conforme com o resultado dos trabalhos arqueológicos nos demais templos mesopotâmicos. E diga-se de passagem que os dados arqueológicos não devem ser desprezados nos trabalhos da assiriologia, como por mais de uma vez se tem feito. O sentido

do texto terá de procurar-se de harmonia com as indicações da arqueologia.

Curiosos textos desta provêniencia foram estudados por Hilprecht na sua obra «Mathematical, Metrological and Chronological tablets from the temple library of Nippur.» Por êles se pode fazer uma ideia dos conhecimentos matemáticos da antiga mesopotâmia. Hilprecht julga vêr no numero 12.960.000 ($=60^4$ ou 3600^2) que serve de base a todos os cálculos aritméticos de Nippur, o famoso número cujas propriedades Platão expôs na sua «República». Esta espécie de simbolismo matemático é a resultante de influências pitagóricas na obra de Platão. Para os discípulos de Pitágoras o número tinha real influência sôbre a vida do homem, e êste carácter mágico do pitagorismo pretende Hilprecht explicá-lo, baseando-se nos textos de Nippur, por influências da antiga Babilónia, a terra da magia e da astrologia. Esta feição mágica da civilização babilónica, revela-se sobretudo nos textos encontrados na celebre biblioteca de Koyoundjik — Ninive.— Êstes textos faziam parte de um tratado que preenchia setenta tijolos e cuja redação é contemporânea do rei Sargão o antigo. O rei Assurbanipal, o rei a quem o «deus Nabu e a deusa Tasmit, concederam ouvidos cuidadosos e olhos abertos para lêr as narrações dos escritôres do seu reino...» mandou guardar êsses textos, juntamente com outras inscrições que formam o recheio de duas salas do seu palácio de Ninive, — as salas quarenta e quarenta e uma do primeiro plano que Layard traçou dêste palácio, na sua obra «Niniveh and Babylon» — Sam mais de vinte mil os tijolos que nessas salas se encontraram.

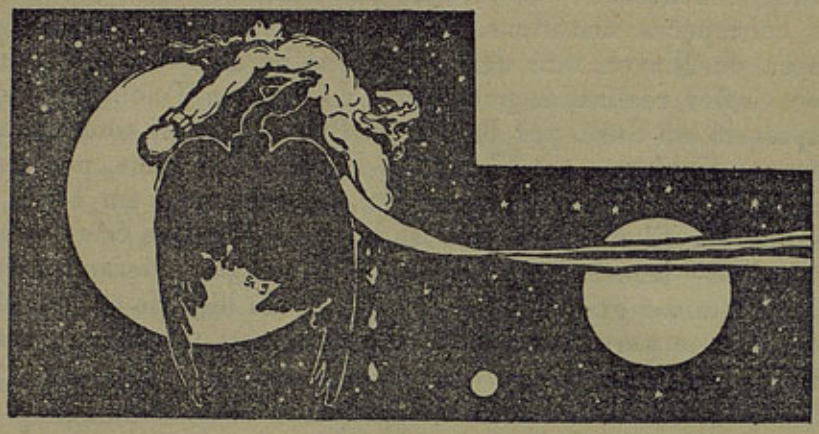
A maior parte destas relíquias, encontra-se no British Museum e teem sido transcritas e anotadas na monumental publicação inglesa, «Cuneiform Texts».

O estudo dos materiais sistemáticamente arrumados no palácio real pelos copistas e escribas de Assurbanipal equivale à análise das fontes principais da história das civilizações mesopotâmicas. Num próximo estudo tentaremos fazê-lo, procurando ao mesmo tempo completar essa análise pela referência aos materiais que a actividade arqueológica dos ultimos anos do século passado e dos primeiros do actual desenterrou das ruínas do Oriente. Na verdade a biblioteca de Assurbanipal está longe de nos fornecer um conhecimento integral da civilização assiro-babilónica. A assiriologia refaz-se a cada passo e os seus mais recentes trabalhos tornam-se insuficientes à medida que a

arqueologia fornecendo novos dados, modifica, completa ou anula as nossas concepções históricas. Por isso o estudo das inscrições da biblioteca de Ninive, terá de ser feito em harmonia com o resultado das escavações realizadas por Sarzec e Cross em Teloh, por Morgan e Macquenem em Susa, por Banks em Bismiya, pelos americanos em Nippur, por Koldewey em Fâra, Abu-Hatab e Babilónia, por Andrae em Kala'at, Sirgat, por Thureau-Dangin e Dhorme em Tirga e por Genouillac em El-Ahymer. Não se julgue porém que êstes trabalhos arqueológicos—mencionamos apenas os principais—vieram preencher as últimas lacunas existentes nêste capítulo da história antiga. Muitos pontos, ficam e permanecerão por muito tempo, talvez para sempre, misteriosos para nós.

A. da Costa e Almeida,





Religião e Metapsíquica [1]

Numa religião, além do seu ensino propriamente doutrinário, encontram-se os géneros lírico, dramático, histórico, legislativo, etc.

Basta recordarmo-nos dos livros do Velho-Testamento, dos livros sagrados dos hindus ou dos maometanos, etc., para comprovação do que fica dito.

Ao lado, porém, dêsse ensino e dêsse arquivo literário e didáctico, encontramos também uma série de práticas ou ritos, que se podem classificar em duas classes:

Ritos representativos
Ritos eficazes

Os ritos representativos ou dramáticos obedecem à tendência humana de, para se dar mais vivacidade à sensação, se tentar acompanhar

(1) Notas e aditamentos ao artigo que sob o mesmo título foi publicado no n.os 4 a 6 — Maio de 1927 — desta revista.

por gestos e pantomimas as narrativas orais. A êste género pertencem os ritos representativos que aparecem em grande quantidade entre os selvagens, nas diferentes religiões e até no próprio cristianismo. Os ritos da Semana Santa, p. ex. são ritos representativos dos diferentes passos da vida de Cristo.

Os ritos eficazes (ou que pretendem ser eficazes) nada teem de comum com os primeiros. Quando o sacerdote abençoa o mar ou expulsa os demónios, não representa uma acção pretérita: procura intervir, directa ou indirectamente, nas forças ou nos sêres do universo.

Em a nossa «Nova Teoria do Sacrifício» tentamos demonstrar que a representação da narrativa da queda do homem pelo alimento proíbido (a transição, quanto a nós, do regimen frugivoro para o carnívoro) dava o sacrifício.

Pacientemente comparando ritos e mitos, chegamos a uma construção regular, a uma teoria do sacrifício que explica, supomos, as principais fases dêsse rito. Nêsse mesmo livro prometemos continuar o assunto, porque já nessa época previamos que outras causas poderiam intervir, e que a magia, por exemplo, não se podia relacionar com a mudança de regimen invocada para a explicação do sacrifício.

De facto, tanto a representação da queda do homem, como as manipulações com o epiploon, consoante mostrei no último numero desta revista, comportavam a morte dum animal.

Para se obter o epiploon dum animal era preciso matá-lo. O episódio central do sacrifício animal, a morte da vítima, aparece-nos assim, num rito mágico, como aparecia no rito representativo. A concentração dos assistentes, as evocações dos espíritos dos mortos ou dos deuses seus derivados, completavam o quadro.

Há, pois, duas ordens de factos que podem originar o sacrifício.

Compreendem-se facilmente as derivações, deturpações e substituições que sofreram os sacrifícios provenientes dessas duas origens, como também que reagissem um sôbre o outro, interpenetrando-se, dadas as suas semelhanças.

No referido artigo da «Dionysos», bem como em vários artigos de «A Águia» e em outros que brevemente aparecerão, estudamos e estudaremos o sacrifício como rito eficaz, independentemente do sacrifício como rito representativo.

*

* *

Fizemos a afirmação de que a origem das religiões devia ser atribuída aos fenómenos metapsíquicos. Ora no mesmo ano em que a «Dionysos» publicava o meu artigo, tambem a Revue de Métapsychique dava a lume uma série de artigos do eminente metapsiquista C. de Vesme, procurando defender tese idêntica. Não obstante a muita consideração que me merece o ilustre publicista, declararei que a minha afir-

mação não foi inspirada nos seus artigos, que já em 1923, em a «Águia» (N.os 13 e 14, Julho de 1923) escrevi o que segue:

«E' bem conhecida a influência que os mortos tiveram nas primitivas sociedades. Já a prehistoria nos fornece abundantes documentos do culto pelos mortos, do cuidado com as sepulturas, etc. Filósofos, e etnógrafos como Spencer, Tylor, historiadores como Fustel de Coulanges, etc., querem ver no culto dos mortos a origem das religiões.

«Base bem frágil, na verdade, se, como Spencer e Tylor se toma como origem na crença da sobrevivência da alma, o sonho; base certamente séria se se admite que essa crença veio directamente do conspecto dos fenómenos metapsíquicos (seja qual for a origem que se lhes atribua) que hoje estão, segundo o nosso modo de vêr, suficientemente demonstrados.»

Já em 1912 o ilustre filósofo, Dr. Leonardo Coimbra, no seu «Criacionismo», se referia nestes termos a esta minha interpretação: «Um dia, em ligeira conversa, de passagem nos disse o nosso amigo Teixeira Rego que os fenómenos de magia deviam ter relação com a transmissão de pensamento, etc. A declaração é feita para que lhe aproveite a originalidade e lhe não sejam imputados os erros possiveis da nossa interpretação das suas rápidas palavras.»

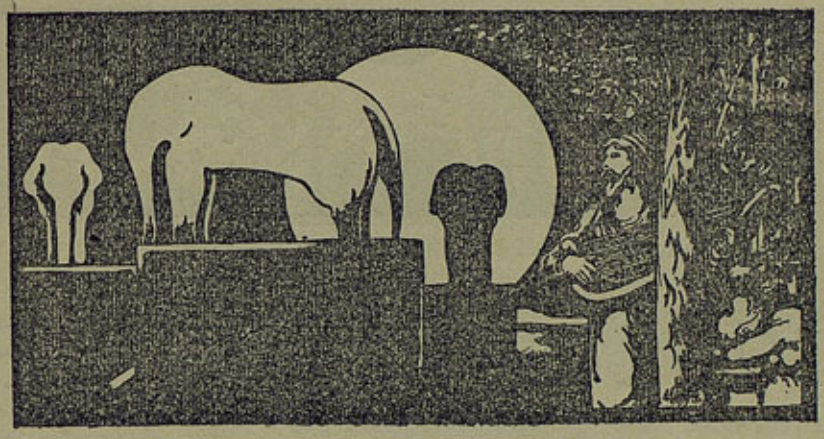
E' certo, porém, que, antes de 1912 já outros tinham formulado essa hipótese, p. ex. Andrew Lang que só mais tarde conhecemos; no entanto o meu ponto de partida é totalmente diverso, como o mostrarei em breve.

No citado artigo «Religião e Metapsíquica», mostramos em algumas linhas a nossa discordância com as idêas de Lévy-Bruhl, e de tal maneira o fizemos, que essas poucas linhas poderiam ser o resumo do admirável livro de Olivier Leroy «La Raison Primitive» (1), formidável machadada na teoria prélogica. E' também de justiça declararmos que o nosso artigo saiu no n.º de Maio de 1927 da «Dionysos» e que nessa data ainda não tinha sido publicado o livro de Leroy, que só se acabou de imprimir em 12 de julho de 1927.

Também era fácil provar que o nosso dissentimento da escola sociologica—vem de longe, citando a nossa Nova Teoria do Sacrifício (1918) pag. 5.

José Teixeira Rêgo.

Dr. Leonardo Coimbra—Criacionismo, 1912, pág. 207, nota.
(1) La Raison Primitive—Paris, 1927, Geuthner.



Soneto duma Saùdade

Esta vaga saùdade de ser triste
É o azeite que ponho na candeia;
É o fermento do pão da minha ceia
E o primeiro sorriso que me viste...

Outros me julguem fácil na alegria...
— Eu de mim sou a noite dum segrêdo!
Lembras-te, amor? Foi a tremer de mêdo
Que te pedi as mãos, um certo dia...

Amo a graça longínqua das estrêlas,
O fluido mediúnico da bruma
E o longo adeus tristíssimo das velas...

Onda que ao largo se esqueceu da praia,
Disperso a vida em lágrimas de espuma,
E talvez que chorando me distraia!...

Coimbra, 1925

Antônio de Sousa.



JUDEUS E PADRES

Mario Saa e o seu livro

Não há dúvida; somos um povo de desequilibrados, de exagerados inconstantes, sem a noção das justas proporções.

Perdemos o cânon agrícola que nos fez felizes durante a primeira dinastia e viramos radicalmente para a aventura marítima. Então, tudo terra a terra: depois, tudo mar a mar. Falimos; nem outra cousa era de esperar. Lá o diz *O Oriente:*

> Tempo, tempo virá que a Europa veja
> Quam fatal d'Asia o Luxo, e o Sceptro seja!

De protecionistas dos judeus que tinhamos sido, lançamo-nos nos exageros da Expulsão, da Inquisição, e de todo êsse cortejo de insânias heteródoxas tendentes a impor-lhe pela fôrça a religião de Cristo, imputando de passo a culpa da nossa decadência ao elemento populativo semita.

Inconstantes, lá o diz o velho clássico: *stulti dum vitia vitant in contraria currunt* — os parvos querendo evitar um vício caem no oposto — vamos, com a orientação pombalina e subseqüente constitucionalismo, para o extremo oposto tornando-nos radicaes filosemitas. E os nossos intelectuaes desatam a explicar a história, a Expulsão, a carnificina de 1506, as fogueiras inquisitoriaes, etc., etc. pelo intolerante fanatismo religioso a que imputou a culpa da falência social, mental e até física.

A vida individual vagueia na mesma barafunda. Aqui o meu visinho P., desprendido, quási esbanjador, amante de bons piteus, sacrifica agora indumentária e o mais ao aparatoso tratamento de um negócio de muares que é, no seu entender, o El Dourado da ventura.

O amigo M. T., fanático pregoeiro do *accedunt profani*, para indicar a seriedade na sua apresentação em público, volta agora aos esgares simiescos, às atitudes dos truões medievos que parecem revivência ancestral duma infima raça africana. S. B., mesquinho até há pouco, acha agora que só em vestir e comer bem, só no sibaritismo reside o supremo ideal e que quem assim não procede é um miserável de nada lhe servindo o seu dinheiro. Enfim casos dêstes número não têm. De republicanos, ateus avaros, etc. tornados respectivamente monárquicos, crentes, esbanjadores ou vice-versa, nem vale a pena falar.

Foi assim que o meu espírito ficou sismando após a leitura de *A Invasão dos Judeus* por Mario Saa.

Livro aliás bem feito, cheio de ideias de largo alcance, de concessões inéditas, de sínteses admiráveis, de raciocínios e deduções superiores, geniais mesmo, de visões surpreendentes de senso histórico, mas eivado da tal pecha — falência de proporções — e de erros em detalhes de factos que muito afetam as conclusões dêles tiradas.

Mario Saa torna a vêr no judeu a causa da nossa decadência. Isto é sem tirar nem pôr o zig-zague oposto ao hiper-filosemitismo pombalino-constitucional. Para êle a República é um govêrno de judeus e feito por judeus conscientes ou inconscientes e afins unidos pela coesão rácica ou pela voz instinctiva do sangue. E a monarquia, um agrupamento de católicos constituido pelo antigo povo português ou seja pelo elemento suevo godo em oposição ao elemento semita ou asiático-africano.

Será assim? mas eu vi o Bispo de Bragança abrir campanha contra Nemo e suas ideias monárquicas prégadas n'*A Epoca* opondo-lhe as benemerências da República avultadas por milhares de factos de perseguições monárquicas à Igreja, que consta êsse ilustre Prelado ter já coligido — e ainda a procissão vai no meio — em pacientes investigações históricas para sustentáculo da sua téese.

Mas eu vi Mariote, outro padre, acudir à chamada com todo o arsenal do seu muito saber, infelizmente laivado de azedumes irritantes senão ingratos, como alguem me disse. Terá razão Mario Saa e estas manifestações promanarão da voz do sangue, do instincto, a clamar pelos afins rácicos? Não me parece; sabem que não é impossivel, porque padres e judeus há muitos na Igreja Católica e os processos inquisitoriais memoram muitos padres e altos dignatários da Igreja que, não obstante, continuavam a judaizar.

Mario Saa enganou-se ou pelo menos não teve uma visão completa ao fixar o tipo moral de Jesus dando-o como «fenomenal cardiaco» modelado em *brandura decadente*. Quem lê os Evangelhos ou pelo menos o capítulo 23 de *S. Mateus* não póde deixar de admirar a rara energia com que Jesus lutava contra os potentados e de vêr que a

sua brandura e mansidão não passam de lenda criada pela mística piégas. Perdoava sim; mas azurragava sem dó nem piedade, nem respeitos humanos, quando era preciso.

Não parece que a guerra aos judeus derive do antagonismo rácico pois ciganos e mouros não sofreram igual perseguição. E, desta isenção se vê também que os motivos não foram religiosos, mas, sim a ânsia confiscatória das riquezas semitas e a inveja dos incompetentes às suas prosperidades.

A nomeada de *caniqueiros* não deriva em Trás-os-Montes da «característica pronúncia anazalada» semita, indica apenas os que se entregam à colheita dos escrementos de cão (canina, donde caniqueiros) para curtimento dos cabedais.

Falando do regicida Buiça na página 108 chama-lhe Manuel e na 138 Alfredo que dá como «cristão-novo, duma família tradicional (de judeus) de Trás-os-Montes... natural do logarêjo de Vilartão, freguesia de Lebução... e cuja exclusiva população é de judeus, ruivos, geralmente.» E na pág. 156 já dá Buiça como natural de Lebução. A verdade é que Buiça nasceu acidentalmente em Vilartão, naturalidade de sua mãe, mas foi fabricado em Vinhais onde seu pai, Abílio Augusto da Silva Buiça, abade dessa vila, se encontrava no exercício das funções do seu cargo, mas que também não era natural de Vinhais e sim de Cedainhos, concelho de Mirandela, como se mostra das respectivas certidões do registo paroquial que tenho presentes. Vilartão não é freguesia de Lebução e nada tem que vêr com esta povoação, mas sim de Bouçoais e nem há documentos, nem consta que seja terra de Judeus.

Parece que não há documento, pelo menos nunca o vimos, apezar de termos examinado centenas de processos e *Listas* da Inquisição por crimes de judaísmo, donde se conclua serem os Buiças judeus. Ao contrário muitos conhecemos onde se vê esta família ligada por parentesco e casamentos com as famílias mais nobres de Trás-os-Montes, quais, além de outras, os Montes Seixas e Lemos de Vila Flôr, os Antas do Vimioso, os Morais Sarmentos, Morais Madureiras, de Outeiro, Vinhais e Sobreiró.

Em 1584 já Gaspar de Buiça, tronco mais antigo que conhecemos desta família, desempenhava papel preponderante em Miranda do Douro, geniceu da mesma donde depois irradiou para Outeiro, Vinhais e outras terras por casamentos ou motivos de cargos públicos. Nas côrtes de Tomar de 1581 fez-se representar Miranda pelo seu procurador, deputado como hoje dizemos, Gaspar Buiça. António de Buiça, natural de Outeiro, freqüentava o seminário de Miranda em 1658 com destino ao estado eclesiástico. E o padre Francisco Rodrigues de Buiça foi em 1642 nomeado pároco da Especiosa. Ora, se os processos de limpeza de sangue valem algo, e não há dúvida, apezar de um ou outro facto mostrar a sua inanidade...

De mais Buiças podia falar, alguns distinctos como militares condecorados em campanha e outros como governadores de praças, v.

g. da de Outeiro, onde se vê numa campa da igreja o epitáfio de outro; mas o tempo urge.

Como Lebução é terra assinalada nos processos inquisitoriais por questões de judaismo, Mario Saa esquece-se e atira para lá com a naturalidade de vários trasmontanos que supõe judeus.

E assim o Banqueiro José Henriques Tota, oriundo de Bragança, como diz na pg. 85, contradizendo-se depois na pg. 156, o politico Lopes Cardoso, oriundo do sul do districto de Bragança, o Buiça, oriundo de Miranda, promanaram no seu entender, de Lebução!... E' o caso do poeta espanhol:

Fôrça del consoante a quanto obligas
Haces que sean blancas las hormigas.

Quanto às *Bizarrias* que diz ter observado nas sepulturas do cemitério de Bragança, é possivel que se enganasse tomando por *inedi-tismo* caprichoso artefactos da tradição artistica das serralharias e sir-gárias desta cidade (tão notáveis outróra) reviventes ainda nas grades e correlativos das campas funerárias.

P. Francisco Manuel Alves.





O Meu Amor

No meu rebanho existe uma ovelhinha
Que em vez de coração tem uma estrela,
E o seu amor é luz que me revela
O doce alvorecer da manhãzinha.

Se então demoro os meus, nos olhos dela,
Não sei que estranha e doce ladaínha,
Em nossas almas tristes se adivinha
E torna a sua luz mais pura e bela.

E' o meu amor! E tanto lhe desejo,
Áquela estrela de alva como um beijo,
Que mal a fito fico a meditar,

Se ela afinal é humana creatura
Ou se algum anjo que desceu da altura,
Um cantinho do Céu para adorar.

Luís Guedes de Oliveira.

A Vil Tristeza

(Drama do Após-Guerra)

VI

A *Plaza Mayor* parece guardar, àquela hora confusa e perturbadora que antecede já o fim da tarde e é ainda banhada pelo grande sol evocador e bemdito da nobre Hespanha Antiga, esse tom de calentura, ao mesmo tempo amorosa e guerreira, que permite descobrir — nos *barrios castizos*, desde Echegarey até à Bombilla, cortados pela mancha alterosa e soturna do Palacio del Oriente, a dois passos da fria e moderna catedral subterranea — aquele resaibo donjuanesco e varonil que transfigura os próprios frequentadores de tabernas, e os crapulosos dessa linda cidade das noites sempre em festa, de bandidos em espadachins, e de desocupados perigoso em altivos representantes dos fortes guerreiros da Flandres, gosando os intervalos das guerras e o bom oiro soante do seu grande Rei Filipe.

Mylena e Diogo de Vasconcelos atravessaram, do local do velho *Arco de Ciudad Rodrigo* em direcção à Praça do Oriente, pelo meio da creançada suja e das comadres indiscretas que os tomavam, bem razoávelmente, por Noivos. E a Artista retardou, amorosa, o braço forte do seu altivo senhor, colhendo, entre os seus grandes olhos de creoula, a impressão de novidade e colorido com que os humbraes amarelentos e o fundo avermelhado e vago dos tijolos mal rebocados, sempre repetiam o motivo constante das côres «de Sangue e Oiro» — parecendo ao mesmo tempo, cantar a soalheira cruel e a opulência dêsse bravo País, cujas preferências ela parecia escutar e sentir nas próprias veias, como filha duma colonisação que tinha sido imposta duramente nas horas triumfantes da mais ruidosa e mais efémera de todas as civilisações de Além-Mar.

E os próprios traços da perigosa amante do primo, e tresloucado Marido de Maria Eugenia, dir-se-ia que rezumiam, em si, todas as caracteristicas e os contrastes das duas raças malentendidas de onde lhe vinha o ser: Desde o loiro precioso e quente dos cabelos que herdára das Avós Hespanholas, aquele oiro irresistivel e ardido, da côr de certos vinhos andaluzes, teia maravilhosa e fatal, que enreda as almas nos seus delgados e crespos fios — como nas bordaduras de um pano rico se entreteciam as gloriosas lendas medievais! — até ao calor dos grandes olhos insubmissos, exigentes e ternos, a extranha e transviada Maria Helena era uma viva e atormentada encarnação de amores e desejos que provinham das suas ancestralidades adversas e em que vencera o temperamento de «negra», trazido vagamente no sangue de seu Pai, sôbre os delicados escrupulos da Christã e da Hespanhola altaneira, tão graciosamente herdados da sua linda Mãe.

Ao belo e desempenado rapaz a quem se dera, numa estonteadora e ardente surpreza, nessa tarde longinqua desfalecendo sôbre a relva fria do ensombrado *Jardim da Rocha* — num estouvamento criminoso e quasi sacrilego! — sabia bem prender nos rijos braços aquela ardente Mulher de sangue mestiço e de raça adversa, como se ele se tivesse apoderado e conduzisse na sela a carne, maravilhosa e quente, de uma rica e estonteada preza de guerra.

Esse corpo de atleta, a cuja simples ideia de contacto se turvavam os longos olhos langorosos de Mylena, iluminando-os com essa extranha luz prateada que Diogo já conhecia — denunciando aquela irresistivel e incomparável expressão de sensualidade, privativa de certas mulheres que já não são novas — essa arrogante e delgada estatura, avançando com um sobrio donaire de conquistador pela histórica praça madrilena, despertou no cérebro da pintora uma extraordinária e nobre ideia que a obrigou a inclinar, desvanecidamente, a fulva cabeça de Rainha — emquanto lhe apontava aos lábios grossos, reliquia interessante do sangue mestiço, o seu mais lisongeiro sorriso:

— «Sabes no que estou a pensar, vendo-te assim mais trigueiro... talvez por causa do sol da Espanha — quem sabe?»

— «Dize lá...»

— «Digo, mas has-de prometer-me que *te não fazes tôlo*, nem me chamas doida pela minha extravagante ideia!»

— «Prometo...» — Redargiu êle, cerrando a bôca de lábios finissimos, para domar a tentação furiosa de mordê-la num immenso beijo sangrento.

— «Estás a parecer-me» — Disse Mylena, tomando alento após um grande olhar quebrado e uma ligeira convulsão, mal disfarçada pela boca entreaberta — «aquele retrato que me mostraste, na casa de Valejas, daquêle teu antepassado que era não sei o que... dum Regimento de Dragões, aqui ha muito tempo!»

— «Ah bem sei... um tal Dom Francisco Lobo de Vasconcelos, que foi ferido em Almanza, capitão dum Regimento de Cavalaria qualquer — *Dragões da Beira, Dragões de Aveiro* ou coisa que o valha como

se dizia nêsse tempo, em 1707 se não me engano. Tem até uma história bem curiosa, êsse retrato!...»

— «Tu contaste-ma. Veio a terminar-se o retrato, começado em Hespanha no tempo do cativeiro e depois dessa batalha, em condições muito especiais — não é assim?... Vês como eu amo e sei as coisas da tua Terra e da tua Raça?! Foi ele, depois, dado como lembrança áquela tua Avó, com quem o tal Dom Francisco veio a casar homem terrivel que não soube nem quiz dar o seu nome (como déra o seu amôr!) a essa linda espanhola que tanto o soube adorar... Talvez, se êle assim tivesse procedido, tu sentisses nas veias mais amisade aos parentes de minha Mãe!» — Rematou ela, subitamente séria e soltando-se do braço, afim de olhar para êle, bem fita. — «E' verdade: como se explica êsse facto de na Tua Familia, tão distinta e sempre tão conhecida, não ter havido nunca uma ligação estrangeira?»

E a bela artista era curiosa assim, presa em absoluto duma preocupação de mulher inteligente, superior ao sexo. O excessivo grau de cultura e merecimento que tanto os irmanara para os vir a perder, assim como os levava aos ultimos extremos da lascivia, sem rebates de consciência, colocava-os também frente a frente—calmos como dois bons amigos, ou dois valentes camaradas—no hábito superior de perscrutar alguma curiosidade de alto sentido:

— «Não vês que eram homens que passavam a existência nas descobertas, ou nas guerras de Africa e casavam — estou convencido! — por espirito de casta, pelo simples motivo de não deixarem morrer a Familia.

Os irmãos mais novos, ou acabavam no primeiro recontro com os moiros, os espanhoes ou os indios — ou iam morrer a um mosteiro.

E os morgados uniam-se à primeira mulher miudinha e trigueira que lhes aparecesse...»

Calou-se como que a lembrar, sem querer, o terno e modesto perfil de Maria Eugénia. E um vago estremecimento do coração, ainda sensivel ao remorso, lembrou-lhe que ele seria o homem unico — o primeiro de essa nobre Raça! — que findava sem deixar filhos ao seu nome e, no querido seio da Mulher Eleita, a perfeita e mais constante recordação de um immenso amor.

. . . . . .

Francisco Pereira de Sequeira.

Excerpto da novela a publicar «*Vil Tristesa*»



A redacção portuguêsa de Tirante o Branco

A luz da publicidade pode ter-se como absolutamente certo que o livro nunca saíu em português. Mas a carta dedicatória assinada por Johanot Martorell, que, segundo se diz, teria tido num tabelião Marti Johan de Galba um colaborador póstumo e tradutor da obra para o valenciano, é expressa em nos certificar a existência do original da novela em língua portuguesa em vida do dedicatário, o belicoso D. Fernando, irmão de Afonso v (falecido em 18 de Setembro de 1470). Essa carta, além de testificar as relações de Martorell com o infante, fala duma estada em Inglaterra (per yo esser stat algun temps em la illa de Anglaterra), estada essa que no decurso do livro mais duma vez (ed. da *Biblioteca Catalana*, I,354) se confirma.

Acerca de quási todos os livros de cavalarias há interrogações a fazer. O que hoje se pregunta muito naturalmente ao frontispício duma obra e os autores são quási unânimes em nos responder, parecia mais oportuno omitir-se naquela linhagem de livros ou modestamente se partilhava essa glória com as entidades mais gratas aos leitores e proveitosas aos livreiros — ou fossem sábios ou sábias, Merlins, Urgandas, Alquifes. Hoje ninguém mais crê em semelhantes fontes e mesmo ao tempo devia haver espíritos bastante aguçados para

penetrar o lôgro, mas reparando nos vários sintomas de sugestão colectiva, nas muitas manifestações de estupidez endémica que ainda grassam, confundindo na sua marcha o palácio e a choupana, poderemos até asseverar a presença dêsses feiticeiros, jurando-a pela honestidade e talento de quantos andam por aí a proclamar-se com tão invejáveis predicados. Também se explorava com as línguas preciosas: o arménio, o caldeu e outras a que nem uma vaga ideia correspondia na mente dos prosadores indefessos das novelas, sem faltar o latim, única língua que medianamente lhes seria familiar e na qual se haviam escrito as primeiras patranhas donde as primícias do género brotaram em romance, dando lugar à citação tradicional. O autor dum *Florisando* que não se imprimiu, faz-se passar por tradutor do inglês, que diz ser língua bárbara, numa audácia inconveniente, da qual Mr. Thomas *(Spanish and Portuguese Romances of Chivalry)* pareceu admirado.

Mas o Tirante não fala de feiticeiros nem duma redacção misteriosa em línguas esquisitas. O que diz de ter sido escrito em português e acrescentado na quarta parte da extensão por Marti Johan de Galba, são coisas bem faceis de acreditar. Mesmo o nome de Cataque-farás, astuto marinheiro de cepa, ao que dizem, genoveza, é um argumento em favor do português.

O catalão era douto e gostava de citar, mas com parcimónia, os seus autores: Libre de Consolacio (IV, 114), Geber «Mira que diu un poeta nostre apellat Geber» (IV, 74); estas amostras de mais profunda cultura, como se vê por algumas flores assimiladas nêsse estilo, são de Galba se, na impossibilidade de discernir o que lhe pertence, lhe vamos atribuir a quarta parte final do tomo (com a terminação à Tristão e Isolda, como diz Pelayo).

E' preciso ser muito «pontual» para vêr em alguns lugares inflação retórica. A lamentação de Marazina no cap. CCCIV é um soliloquio que interrompe a narração sempre travada, sem, contudo, tomar fôlego demasiado. Estas lamentações são certas medianeiras da retórica omnipotente em quási todas as narrativas novelescas; o Tirante faz excepção. Falta de maestria no tratamento dum assunto abundoso de imagens é que faz enfolar o estilo, geralmente nervoso e sóbrio: «los meus cabells calats en lo col y en les spattes scampats segons es costuma de persona molt dolorosa! e les mies vestidures aumentaren en gran pes per la abundancia de las mies lagrimes, que les havia tant banyades que les gotes per baix decorrien, e axi tremolaval o

meu cors com fa la aresta de bles com la toca lo vent . . .»—eis aí uma das passagens (1) que me parecem melhores para dar ao leitor uma sugestão qualquer àcerca das condições da elaboração da obra.

Quanto a mim, que não me sinto hiper-crítico, nenhuma convicção acalento a respeito de vicissitudes possíveis do acabadíssimo texto valenciano. Uma análise do estilo, vá até onde for, não me parece trazer elementos de prova.

Não tendo mais que dizer, ponho termo, limitando-me a êste espaço, que, para o dito, nem sei se deveria ter ocupado.

Pôrto, 18 de Junho de 1926.

EDMUNDO CORREIA LOPES.

---

(1) B. C. III, 347-349. Na nova edição *Els nostros*, classico, série A, estão já publicados os 1.º e 2.º vols. de *Tirant lo Blanch*.



Rubra e Morêna...

Era sempre à tardinha que eu a via,
Rubra e morena, muito rubra e quente...
Quando o Sol se queixava no poente,
No triste adeus exangue da agonia.

Se tentava fitá-la, presentia;
Tremia tôda, olhava de repente...
Depois ficava muda, indiferente,
Para não demonstrar o que sentia.

A sua voz um pouco maguada,
Dum timbre singular duma balada,
Deixava-me scismando longamente.

E aquele seu estranho e doce olhar...
Era a luz dos meus olhos a brilhar!
Rubra e morena, muito rubra e quente...

Braga—*Janeiro—1928.*

Artur de Macedo.

Notas Históricas e Arqueologicas

1 — Guilherme Worringer e a Cultura Egípcia

2 — Novas Descobertas no Egito

I

Nunca, como nos tempos de hoje, o homem procurou mais ansiosamente o conhecimento e a revelação de extintas fisionomias de culturas longínquas, pela descoberta, pelo contacto directo com os testemunhos das suas actividades, na sua maior parte realizadas em obediência a um princípio forte e imperativo — o de combater o esquecimento. A história de velhos povos está a fazer-se, apesar de um *werden* contínuo, pela exumação diária de documentos onde vidas remotas se exteriorizam, se comunicam numa intensa transmissão de valores espirituais, scentelhas que o moderno descobre e faz avivar até ao deslumbramento de uma ressurreição maravilhosa e contagiante, impulsionadora até de novos rumos ou tendências.

O Egito é um dêstes logares previlegiados que pela riqueza imensa dos seus espólios atrai arqueólogos de todo o mundo que lá vão em busca de tesouros de Arte, arruìnados ou submersos sob toalhas de areia lançadas das dunas do deserto formando sôbre os templos e necrópoles uma camada ondulante e densa, donde emer-

gem por vezes seus blocos culminantes a querer proclamar a eternidade... aos que passam.

A história egípcia é, sem dúvida, conhecida nas suas linhas gerais; mas há atravez dela muitas páginas obscuras ainda ou imprecisas e que se hão-de esclarecer com a contribuìção principalmente da arqueologia contemporânea, tão scientificamente orientada nos seus métodos de investigação.

Não é a antropologia nem a etnologia que nos podem explicar suficientemente o caracter da civilização egípcia. Assim Worringer diz que quem pretender atingir uma perfeita inteligência da índole e condição do povo egípcio, baseando-se nos resultados das investigações daquelas duas sciências, se vê com isso defraudado. O eminente esteta alemão excluiu êste povo do número daqueles que teem um desenvolvimento *natural*, e que portanto podem ser concebidos até certo ponto por meio da história natural: por muito diferenciado que seja o seu desenvolvimento natural, escreve Worringer, podemos obter dêstes povos uma reconstrução histórica aproximada com o auxílio da antropologia, da etnologia, da lingùística, da arqueologia e de outras sciências particulares.

Ampliando, pelo menos, o conhecimento dos factos, com novas descobertas, aperfeiçoando os meios de estudo e investigação, já a história *natural* de tais povos oferece a possibilidade de ser desvendada.

O egipticismo para Worringer, como fenómeno histórico, é um producto *artificial:* está fora da órbita do desenvolvimento natural. A vida dêste povo não corresponde a condições originárias *naturais:* «o Egito é uma colónia sôbre base artificial».

Worringer não admite o egípcio condicionado em grande parte pela natureza do seu país, mas sim pelos dispositivos técnicos que se viu forçado a criar e a estabelecer para tirar o máximo rendimento da natureza — da natureza que domina pela técnica e a quem, portanto, se não entrega.

Êle participa de uma existência superbiológica e até superistórica. Worringer explica: tem-se aludido muitas vezes à surpreendente constância e perdurabilidade do caracter popular egípcio; mas não se trata de uma constância de sangue ou de raça ou de um particular tipo etnográfico; não, é a constância daquela fôrça plástica e niveladora que reside nas condições particulares da existência egípcia. Worringer emprega esta comparação «ousada» para tal facto melhor se compreender: o Egito representa para a antiguidade,em certa ordem,

o mesmo papel que representa a América dentro da época moderna, sendo o *tertium comparationis* essa força de transformação que toda a cultura não autóctone possui, a qual por lhe faltarem justamente os obstáculos naturais cria muito rapidamente um tipo uniforme, artificial.

Enquadrado o egípcio dentro de uma zona estreita, um oasis entre dois desertos, onde se verificam as mais favoráveis possibilidades de vida, nêle se desenvolveu uma alta disciplina civilizadora, culminando em alturas artificiosas, atendendo à escassa possibilidade de se dilatar no terreno onde se estabeleceu.

Porém as condições de fertilidade não são de tal ordem que tornem o egípcio um parasita da riqueza natural. Não, o egípcio sabe aproveitar e canalizar as energias, segundo uma técnica elevadíssima, mesmo aquelas que são destruìdoras como as cheias do Nilo. Worringer diz que quási se poderia falar de uma domesticação das fôrças primárias: um alto artifício triunfa da natureza imediata.

E o esteta alemão justifica porque se torna inutil toda a investigação sôbre a história natural do Egito: é que toda a existência dêste se mantem por meio de um sistema de vantagens artificialmente produzidas, em cuja atmosfera rarificada não prospera o desenvolvimento natural. Sob êste aspecto, de não passividade ante a natureza, o egípcio não é um oriental; êle domina as catástrofes naturais tornando assim fecunda a sua terra. O egípcio é de uma actividade sóbria e prática, norteando todos os seus passos só no sentido da utilidade imediata.

Worringer nota a falta de instituíções militares entre os egípcios, pois as guerras fazem-se com mercenários, para se poupar e conservar a vida. O ideal utilitário está nesta frase que se lê no poema didáctico de Duanf, dedicado a seu filho Pepi: «é uma desgraça ser soldado pois a única felicidade consiste em nos dedicarmos aos livros durante o dia e em lêr durante a noite.»

O utilitarismo traduz-se na sciência que se reduz a fórmulas práticas na literatura laica, na literatura religiosa, onde faltam composições como os contos homéricos, ou como a epopeia de Gilgamesch. A literatura que há é para entreter. A sua poesia não tem a força brutal e o *fervor religioso* da assíria e hebraica. A sua religiosidade não era sêde do além: no seu culto não interveem ideia éticas.

A existência dêste mundo prolongava-se noutra vida, vida

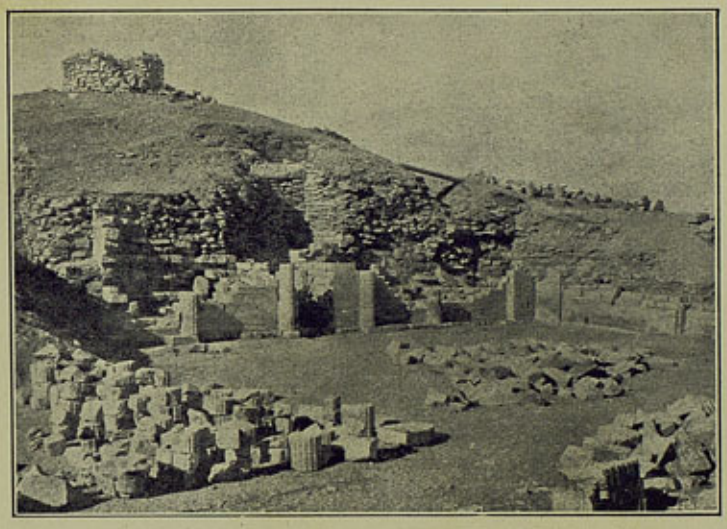


Fig. 1

Egito — Ruínas de um pequeno templo funerário

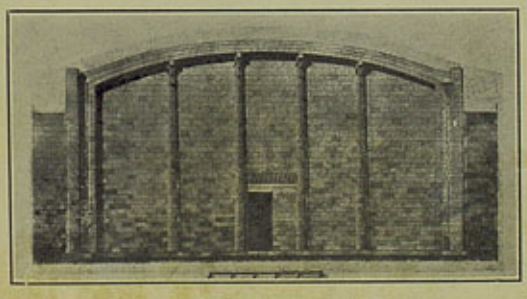


Fig. 2

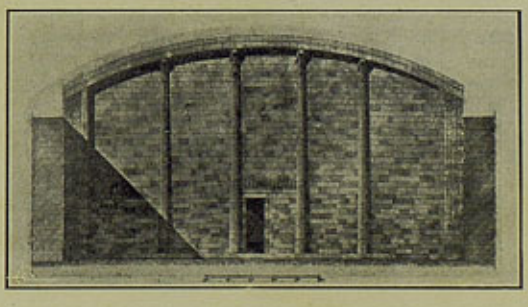
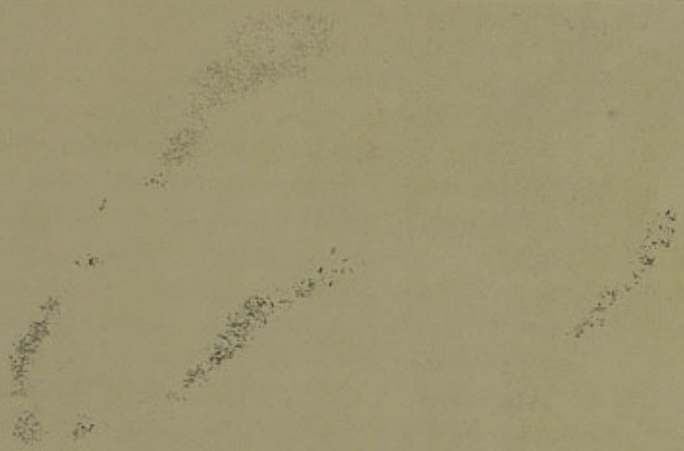


Fig. 3

Egito — Duas Capelas Funerárias — Reconstrução de Jean-Philippe Lauer



que tem um significado físico e não metafísico. A religiosidade egpícia, o mistério egípcio não existem para Worringer: o Egito, país maravilhoso da suprema e mais secreta sabedoria, não existiu, foi uma ingénua crença do mundo greco-romano que se manteve durante dezassete séculos.

O que existe é uma mescla absurda de mesquinhez e de fantasia; o que há são os resíduos da religiosidade originária que foram interpretados como um *a priori* sacrosanto pela cultura de colonos, incapaz de criação própria. O subsolo de crenças mantem-se numa cultura artificial de museu, acabando por se perverter num amontoado de superstições, enquistando-se ou imobilizando-se em fórmulas. Faz-se uma justaposição, *um nexo interno* dos elementos estranhos: o observador do panteom egípcio encontra-se como que transportado a um museu religioso, onde múltiplos tesouros se acumulam, ainda que heterogéneos, administrados por funcionários sacerdotais que não estão dispostos a reuni-los em uma correlação significativa. Daqui incoerências, absurdos nas atitudes religiosas, daqui também a admissão de um sentido singularmente secreto e profundo, invisível ao profano.

O egípcio não conhece o mito do fim do mundo, antes explica a vida como permanência, desconhecendo, portanto, essas visões que são êsses perfis trementes do sentimento vital. Worringer aproxima novamente o americano do egípcio quando faz esta pregunta: que sentimentos tem a América sôbre o fim do mundo? Como esta, o Egito tem uma história externa conhecendo não fatalidades mas apenas sucessos. Toda a vida egípcia, tal como a tradição no-la oferece, produz o efeito de uma rigidez petrificada em convenção e formulismo.

Para Guilherme Worringer desfez-se a auréola que envolvia o velho Egito.

Aqui temos outro *radical* e perigosamente generalizador ponto de vista à maneira de Spengler, embora os dois filósofos vejam o povo das pirâmides segundo prismas bem opostos: o autor do *Decadência do Ocidente* vê no egípcio o povo histórico, por excelência; Worringer, pelo contrário diz que a êste povo falta o eco vital mítico da história interna. [1]

---

[1] Vêr o erudito artigo de Agostinho da Silva «Sôbre Algumas Páginas de Spengler» inserto nêste número da *Diónysos*, e onde o seu autor faz uma crítica séria e ponderada a algumas afirmações do filósofo alemão.

II

Novas contribuíções arqueológicas veem enriquecer dia a dia a história da arte egípcia. A descoberta do túmulo de Tutankamen, a demorada e metódica exumação das suas riquezas, acrescentou muito ao que já se sabia sôbre a civilização no vale do Nilo. Mas outras investigações não menos importantes põem em foco períodos mais remotos do que o Novo Império a que pertenceu o faraó tradicionalista.

Quero aludir aos trabalhos de Firth, que superintende nas escavações de Sakkara, e aos de Jean Philippe Lauer, jovem arquitecto francês ligado ao departamento egípcio de antiguidades, a quem se devem planos de reconstrução arquitectónica muito notáveis, elaborados rigorosamente sôbre os testemunhos oferecidos pelas explorações efectuadas, não tendo, portanto, nada de imaginário ou conjectural.

Era já bem conhecida a pirâmide escalonada construída pelo rei Zoser. Pois Firth resolveu estudar o local onde ela se levantava, procedendo a sondagens que a princípio não deram resultado, mas que depois constituíram uma brilhante revelação do génio artístico do egípcio. Desde 1924 que algumas notícias teem vindo a público descrever as sucessivas escavações, o progressivo conhecimento dêstes monumentos do velho império menfítico. E o que até esta data se conseguiu averiguar é notabilíssimo. Os mais modernos manuais de arte oriental teem de ser refundidos, completados com o acrescentamento dêstes novos subsídios.

Uma publicação oficial onde se relatam estas escavações traz não só as fotografias das ruínas mas ainda os desenhos do arquitecto Lauer que reproduzimos pelo enorme interêsse que merecem.

A fig. 1 representa as ruínas de um pequeno templo funerário com a sua fachada construída em calcáreo branco muito fino, muito bem aparelhado, com as pedras dispostas em camadas. Nela se vêem quatro colunas caneladas, *sem base*, adossadas na parede. Mas na reconstituíção de Lauer compreendemos desde logo o valor e o caracter dêste edifício que não é único, pois outro análogo existe. Trata-se de duas capelas tumulares que devem ter pertencido a duas filhas do rei Zoser, ou então às duas das suas rainhas (figs. 2 e 3).

Para a história da arte egípcia, estas antiguidades constituem uma *autêntica e bem sensacional novidade*: em primeiro lugar, as colunas, esbeltas, bem proporcionadas, com o fuste canelado e sem bases, lembrando a coluna dórica, embora a origem das duas seja diferente.

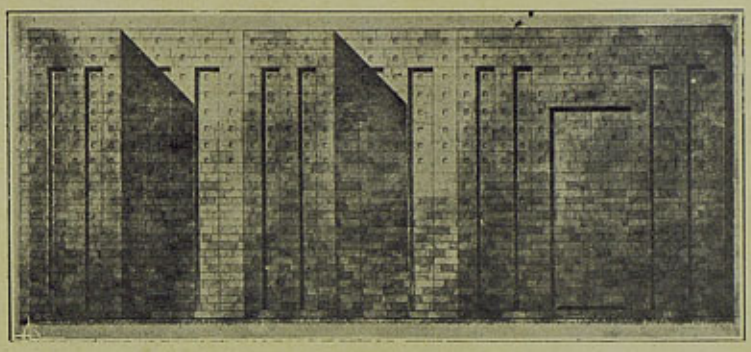


Fig. 4

Egito — Parte da parede que encerrava o perîbolo onde se levantava a pirâmide e a necrópole real — Reconstrução de J. Ph. Lauer

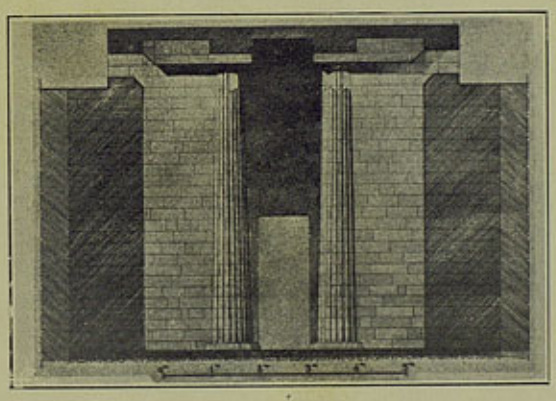


Fig. 5

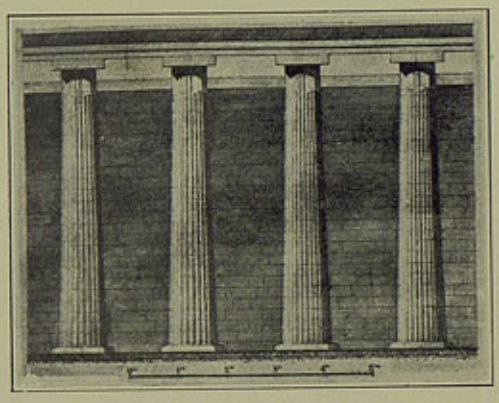


Fig. 6

Egito — Colunas de fuste fasciculado — Reconstituições de J. Ph. Lauer

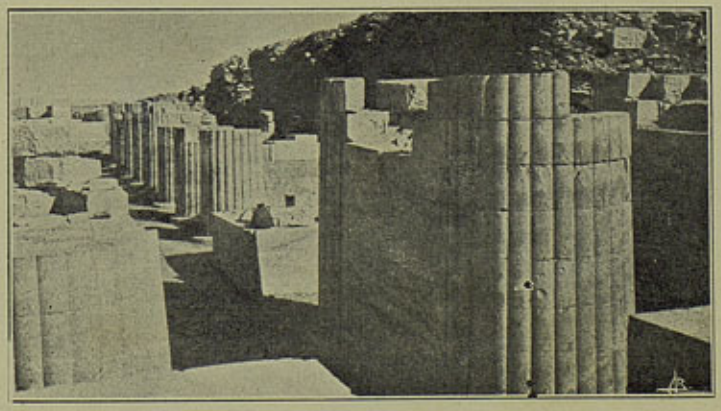


Fig. 7

Egito — Um aspecto actual da entrada do recinto funerário do Rei Zoser

Esta coluna egípcia pode derivar de uma forma convencionalizada de planta, sendo o estriado do fuste uma imitação de um feixe de juncos.

A fig. 4 representa a parte de uma grande parede limite, verdadeira muralha, bastionada de corpos salientes como torres e ainda decorada com aberturas fingidas, e portas duplas gravadas na pedra entre duas das torres. Esta parede encerrava o perímbolo onde se levantava a pirâmide e a necrópole real.

Mas além das colunas caneladas, suportando não uma arquitrave horisontal á maneira grega mas um arco de muito abatido perfil servindo de remate, como se vê nas figs. 1, 2 e 3, aparece a coluna com o fuste fasciculado assente numa espécie de coxim e com um ábaco suportando uma arquitrave. A fig. 5 representa duas dessas colunas iguais às que aludi, onde pode vêr-se o fuste elegantíssimo imitando juncos enfeixados. E' de notar: a transição entre o fuste e o capitel; as hastes, aparte três, submergindo-se numa espécie de envólucro que as reune, não havendo aqui nenhuma semelhança com a coluna dórica em que as caneluras são aneladas superiormente por filetes horizontais.

Observe-se: os fustes das colunas egípcias representadas na fig. 5 não são canelados, mas fasciculados, o que é uma coisa diferente. Na fig. 7 tem-se um aspecto actual da entrada do recinto funerário do rei Zoser, ruínas que serviram de base às reconstituições do arquitecto Lauer (figs. 5 e 6). Além do templo faraónico relacionado com a pirâmide e do edículo com a estátua do rei Zoser, mencionemos ainda no número das descobertas realizadas as dependências de túmulo de Zoser, que ainda não foi encontrado: a vinte metros de profundidade e sob a muralha acima mencionada, existem câmaras e galerias subterrâneas. Mrs. W. N. Firth fez uma aguarela reproduzindo com as côres mais vivas a parede de uma dessas salas, onde se abre uma passagem, parede revestida de telhas azuis, representando juncos dispostos verticalmente, separadas por faixas horizontais claras imitando as cordas que os prende.

O arco sôbre a porta assenta numa série de sinais *Dad*, ligados à representação de Osiris e que são semelhantes aos encontrados no túmulo de Tutankamen. São muito interessantes as falsas portas e falsas janelas da outra câmara onde nas primeiras apareceu, num baixo relêvo, o rei Zoser ladeado de hieroglifos.

E' para salientar nestas recentes descobertas o conhecimento de uma arquitectura «strangely non-egiptian and even modern or art

nouveau», Sem dúvida trata-se de um capítulo a acrescentar ao que já se conhecia sôbre a arquitectura do vale do Nilo.

Onde vai a tese de Chipiez que olhava a coluna como o termo da evolução do pilar quadrado? A transição gradual do fuste poliédrico para a coluna de fuste liso era lógica, sem dúvida. Champollion já admitia um *protodórico* com a coluna rematada por um ábaco quadrado. Porém as escavações da *Sociedade Oriental Alemã* em Abusir revelaram a existência, na 5.ª dinastia, da coluna cilíndrica sobrepujada por ábaco quadrado, e então a tese de Chipiez recebeu o primeiro embate. As descobertas contemporâneas dirigidas por Firth, e relativas a antiguidades da 3.ª dinastia, absolutamente identificadas na sua cronologia e na sua história, veem colocar os arquitectos egípcios como precursores não só dos gregos como da *moderna arquitectura*.

Aarão de Lacerda.



De AARÃO DE LACERDA

LUCERNAS

(Críticas de Arte)

O FENÓMENO RELIGIOSO E A SIMBÓLICA

Um volume de Filosofia e de História da Arte largamente documentado com a reprodução gráfica de monumentos portugueses e estrangeiros. Um vol. 30$00

O PANTEÃO DOS LEMOS NA TROFA DO VOUGA

Contribuição para a história da Arte do Renascimento em Portugal profusamente ilustrada. Um vol. 40$00

Em preparação:

Companhia Portuguesa Editora, L.da

PÔRTO

Companhia Portuguesa Editora, L

PÔRTO

Ultimas Publicações

Antão era Pastor, Sonetos por Antão de Moraes Gomes. 1 vol. brochado. 10$00

A Verdade, peça em três actos por Francisco Lage e João Correia d'Oliveira. 1 vol. 12$50

A mulher e a creança, por Scipio Sighele, obra de ensinamentos valiosos. 1 volume. 7$50

Cantigas dum Lusiada, Quadras por Eduardo Salgueiro. 1 vol. ilustrado. 6$00

D. João, Poema por Silva Cayo. 1 vol. 7$50

D. Sebastião — Rei e Martir, Notas criticas acerca do livro, D. Sebastião de Antero de Figueiredo, por Carlos Passos. 1 vol. 3$00

Do meu amor, Versos por Zuzarte de Mendonça (filho). 1 vol. 7$50

Fado (O), Ensaios sobre um problema Etnográfico-Folclórico, por José Maciel Ribeiro Portes. 1 vol. 10$00

Fontes Pereira de Melo, (A Regeneração), subsidios para a historia da sua vida, meio, obras, factos, amores e aventuras, por Eduardo Noronha. 1 vol. ilustrado. 10$00

Loas e Cirios, No Concelho de Malta. O cirio de todos os Santos e o cirio da Senhora da Nazareth por Paulo Freire (Mario). 1 vol.
Edição especial. 5$00
10$00

Manhã de S. João, Romance por Severo Portela, próprio para prenda de anos. 1 vol. 7$50

Morgadinha do Valongo, Novela por Manuel da Camara. 5$00

Mundo Novo, Romance por Ana de Castro Osorio. 1 vol. 12$500

Os Cegos, peça teatral em três actos por Joaquim Leitão. 1 vol. 10$000

O Douro em Brasas, Crónicas por Kol de Alvarenga. 1 vol. 8$000

O Namoro em Portugal, Conferencia por Carlos Lobo de Oliveira. 1 vol. 4$000

Outonada, Versos por Flora Castelo Branco. 1 vol. brochado. 5$000

Poeira de astros, Versos por Antonio Arriscado Nunes. 1 vol. 3$000

Poetas Portuenses, (Antologia e Notas), por João Paulo Freire (Mario). 1 vol. 8$000

Questões Económicas e Sociais, Politica Agraria — por Palma de Vilhena. 1 vol. 6$000

Ramo de oliveira, Romance por Adriano Anthero. 1 vol. 7$500

Situação Portuguesa, pelo capitão David Magno. Estudo histórico, politico, militar e social da crise moral e económica que se atravessa e da sua solução. Cada volume brochado. 10$000

Três Sois, *Sol Nado*, *Sol Alto*, *Sol Posto*, Poesias por Vida Gaudinot. 1 vol. 10$000

Uma rapariga Moderna, Novela por Augusto Navarro. 1 vol. 10$000